

Judite Carecho

Tempos verbais do passado e do presente  
em português e alemão

Estudo comparativo de aspectos semânticos e  
pragmáticos

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2007



Dissertação de Doutoramento em Letras, na  
área de Línguas e Literaturas Modernas,  
especialidade de Linguística Contrastiva,  
apresentada à Faculdade de Letras da  
Universidade de Coimbra, sob a orientação do  
Professor Doutor João Andrade Peres e do  
Prof. Doutor Karl Heinz Delille



## Agradecimentos

Ao Professor Doutor João Andrade Peres, em cujos seminários de Mestrado comecei a interessar-me pela área da semântica e pelas questões do tempo em particular, estou muito grata por ter aceite orientar este trabalho, e por me ter sabido apoiar da melhor forma ao longo destes anos. O seu incentivo em todos os momentos, o seu empenho e disponibilidade, e o muito que com ele aprendi sobre semântica e sobre investigação em linguística foram essenciais para a realização deste trabalho.

Queria também agradecer ao Prof. Doutor Karl Heinz Delille pelo grande interesse com que acompanhou o desenvolvimento do trabalho e incentivou sempre a sua prossecução, assim como por me ter dado a oportunidade de participar no projecto de Linguística Contrastiva e Interdisciplinar, pelo qual é responsável no Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, em conjunto com a Prof. Doutora Francisca Athayde. Para ela vai também o meu agradecimento por todo o apoio prestado ao longo do tempo. A minha condição de membro da equipa de investigação do CIEG enriqueceu o trabalho, em especial por facilitar o tão necessário acesso a bibliografia estrangeira.

Expresso igualmente o meu reconhecimento à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em particular ao seu Conselho Científico, à Comissão Científica do Grupo de Estudos Germanísticos, e ao Conselho Directivo, pelo indispensável apoio institucional ao longo do período da investigação, e ainda pelo apoio à reprodução do trabalho final.

O meu sincero agradecimento vai também para todos os colegas e amigos que me foram auxiliando durante a elaboração deste estudo de diversas maneiras, em especial fornecendo-me indicações bibliográficas sobre questões relevantes, facultando-me o acesso aos seus próprios textos e traduções, lendo e comentando algumas partes do texto, respondendo pacientemente às minhas intermináveis e estranhas perguntas sobre a gramaticalidade e a interpretação de enunciados em português e alemão, ou simplesmente encorajando-me a prosseguir os meus esforços. Entre eles, permitam-me destacar os nomes de Hans-Werner Huneke, do Prof. Doutor Telmo Mória, e da Prof. Doutora Maria António Hörster.

Em último lugar nesta enumeração, mas em primeiro lugar em tantos outros aspectos, vem a imensa gratidão à minha família por todo o apoio emocional, e também material, prestado diária e dedicadamente ao longo dos anos, por terem suportado e ajudado a suportar todas as minhas ausências e ansiedades. Sem o seu auxílio inestimável, nos bons e, em particular, nos maus momentos, não creio que tivesse conseguido levar esta tarefa a bom termo.



# Índice

CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO DOMÍNIO, DELIMITAÇÃO DO OBJECTO, CORPUS, QUESTÕES DE MÉTODO .....	1
1.1 O domínio da expressão do tempo.....	1
1.2 Objecto do presente trabalho e bases para o seu tratamento.....	4
1.3 Caracterização do corpus .....	5
1.4 Estrutura do trabalho.....	8
CAPÍTULO 2 – APRESENTAÇÃO DESCRITIVA DO CORPUS PARALELO .....	11
2.1 Distribuição dos tempos verbais em análise no texto original e no texto traduzido e correspondências de tradução – Dados quantitativos .....	11
2.2 Traduções de Präsens .....	16
2.2.1 Präsens => Presente .....	16
2.2.2 Präsens => Pretérito Perfeito.....	18
2.2.3 Präsens => Pretérito Imperfeito .....	19
2.3 Traduções de Präteritum .....	19
2.3.1 Präteritum => Pretérito Imperfeito.....	19
2.3.2 Präteritum => Pretérito Perfeito .....	22
2.3.3 Präteritum => Pretérito Mais-que-perfeito.....	23
2.3.4 Präteritum => Presente.....	24
2.4 Traduções de Perfekt.....	25
2.4.1 Perfekt => Pretérito Imperfeito .....	25
2.4.2 Perfekt => Pretérito Perfeito .....	26
2.4.3 Perfekt => Pretérito Perfeito Composto.....	27
2.4.4 Perfekt => Presente .....	27
2.4.5 Perfekt => Pretérito Mais-que-perfeito .....	28
2.5 Traduções de Plusquamperfekt .....	29
2.5.1 Plusquamperfekt => Pretérito Mais-que-perfeito .....	29
2.5.2 Plusquamperfekt => Pretérito Imperfeito .....	29
2.5.3 Plusquamperfekt => Pretérito Perfeito.....	31
2.6 Conclusão.....	32
CAPÍTULO 3 – CONCEITOS E SUBSISTEMAS LINGUÍSTICOS RELEVANTES .....	33
3.1 'Aktionsart' .....	33
3.1.1 A propriedade da telicidade ou terminatividade .....	36
3.1.2 A propriedade da pontualidade .....	37
3.1.3 Testes distribucionais .....	37
3.1.4 Excurso sobre telicidade, pontualidade e duratividade em classificações de verbos nas gramáticas alemãs .....	41
3.1.5 A propriedade da homogeneidade.....	43
3.1.6 A propriedade do dinamismo .....	44
3.1.7 Testes distribucionais .....	44
3.1.8 Distinções dentro da classe dos estados .....	48
3.1.8.1 Estados de indivíduo e estados de estádio.....	48

3.1.8.2 Estados faseáveis e não-faseáveis .....	51
3.1.9 A composicionalidade da 'aktionsart' .....	53
3.1.10 Transições entre classes de 'aktionsart' .....	56
3.1.11 Verbos de operação aspectual no português .....	58
3.1.11.1 <i>Estar a, andar a</i> .....	59
3.1.11.2 <i>Começar a, passar a, pôr-se a</i> .....	63
3.1.11.3 <i>Acabar de, parar de, deixar de</i> .....	67
3.1.11.4 <i>Costumar</i> .....	70
3.1.12 Construções equivalentes aos verbos de operação aspectual no alemão .....	71
3.2 Tempo verbal .....	73
3.2.1 Tempos verbais do português.....	73
3.2.1.1 Função de localização relativamente a um ponto de referência.....	73
3.2.1.2 Presente – Relação com a 'aktionsart'.....	76
3.2.1.3 Pretérito Imperfeito – Paralelismo com o Presente e relação com a 'aktionsart' ...	78
3.2.1.4 Pretérito Perfeito – Relação com a 'aktionsart', telicidade e delimitação.....	85
3.2.1.5 Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Presente e a delimitação das situações localizadas .....	89
3.2.1.6 Pretérito Mais-que-perfeito simples e composto – Relação com a 'aktionsart' .....	91
3.2.1.7 Pretérito Perfeito Composto – Relação com a 'aktionsart' .....	95
3.2.2 Tempos verbais do alemão.....	97
3.2.2.1 Função de localização relativamente a um ponto de referência.....	97
3.2.2.2 Präsens – Significado e relação com a 'aktionsart' .....	101
3.2.2.2.1 Breve comparação com os tempos verbais do português.....	106
3.2.2.3 Präteritum – Significado e relação com a 'aktionsart' .....	107
3.2.2.3.1 Breve comparação com os tempos verbais do português.....	111
3.2.2.4 Perfekt – Relação com a 'aktionsart' e significado(s).....	111
3.2.2.4.1 Perfekt com tempo de referência futuro .....	115
3.2.2.4.2 Perfekt em variante ou leitura perfectiva.....	116
3.2.2.4.3 Emprego de Perfekt e Präteritum: para além da semântica dos tempos verbais.....	123
3.2.2.4.4 Breve comparação com os tempos verbais do português.....	124
3.2.2.5 Plusquamperfekt.....	126
3.2.2.5.1 Breve comparação com os tempos verbais do português.....	131
3.3 A interpretação dos tempos verbais no discurso e as relações discursivas.....	133
3.3.1 A interpretação do Präteritum em sequências discursivas .....	134
3.3.1.1 Ehrich (1992) e a 'aktionsart' como ponto de partida.....	135
3.3.1.2 Schilder (1997): 'aktionsart', aspecto verbal, relações discursivas e relações temporais .....	137
3.3.1.3 Reyle e Roßdeutscher (2001): representação da ambiguidade e informação lexical como ponto de partida .....	143
3.3.1.4 Balanço.....	146
3.3.2 As relações discursivas no âmbito da SDRT .....	147



3.3.2.1	Narração .....	148
3.3.2.2	Elaboração .....	150
3.3.2.3	Enquadramento.....	151
3.3.2.4	Resultado .....	151
3.3.2.5	Explicação .....	152
3.3.3	As relações discursivas e os tempos verbais do português .....	155
3.3.3.1	Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito .....	156
3.3.3.2	Pretérito Mais-que-perfeito .....	162
3.3.4	As relações discursivas e os tempos verbais do alemão .....	166
3.3.5	Breve comparação entre as duas línguas.....	168
3.4	Expressões adverbiais de tempo .....	170
3.4.1	Um subtipo de expressões de localização temporal .....	177
3.4.1.1	Orações subordinadas introduzidas por <i>quando</i> .....	177
3.4.1.2	Orações subordinadas introduzidas por <i>als</i> .....	183
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS NO CORPUS PARALELO DE ACORDO COM OS FACTORES DESCRITOS .....		
		187
4.1	Tempo verbal do texto original.....	188
4.2	'Aktionsart' em interacção com o tempo verbal .....	191
4.2.1	Dados quantitativos .....	191
4.2.1.1	Verbos de evento .....	192
4.2.1.2	Verbos de estado .....	197
4.2.1.3	Verbos de actividade .....	200
4.2.2	Traduções de Präteritum .....	202
4.2.2.1	Verbos de evento .....	203
4.2.2.1.1	O predomínio do Pretérito Perfeito na tradução: o caso do verbo <i>gehen</i> .....	203
4.2.2.1.2	Tradução por formas de Pretérito Imperfeito .....	208
4.2.2.2	Verbos de estado: o caso dos verbos de posição .....	211
4.2.2.2.1	O predomínio do Pretérito Imperfeito na tradução.....	211
4.2.2.2.2	Tradução por formas de Pretérito Perfeito .....	216
4.2.2.3	Verbos de estado: o caso do verbo <i>sein</i> .....	219
4.2.2.3.1	O predomínio do Pretérito Imperfeito na tradução.....	219
4.2.2.3.2	Tradução por formas de Pretérito Perfeito .....	221
4.2.2.4	Verbos de actividade .....	223
4.2.3	Traduções de Perfekt.....	228
4.2.3.1	Verbos de evento e o predomínio do Pretérito Perfeito na tradução.....	229
4.2.3.2	Verbos de estado e o predomínio de Pretérito Imperfeito na tradução .....	230
4.2.3.3	Verbos de actividade .....	233
4.2.4	Traduções de Plusquamperfekt .....	234
4.2.4.1	Verbos de evento .....	236
4.2.4.2	Verbos de estado .....	240
4.2.4.3	Verbos de actividade .....	247
4.2.5	Traduções de Präsens .....	249

4.2.5.1 Verbos de evento .....	249
4.2.5.2 Verbos de estado .....	253
4.2.5.3 Verbos de actividade .....	256
4.2.6 Balanço: tempo verbal e 'aktionsart' no texto original e no texto traduzido .....	257
4.2.6.1 Verbos de evento .....	259
4.2.6.2 Verbos de estado .....	261
4.2.6.3 Verbos de actividade .....	263
4.2.7 Traduções com variação conjunta de tempo verbal e 'aktionsart' .....	266
4.2.7.1 Traduções de verbos de estado por verbos de evento .....	266
4.2.7.2 Traduções de verbos de evento por verbos de estado .....	271
4.3 Relações Discursivas .....	273
4.3.1 Verbos de actividade no Präteritum .....	274
4.3.2 Verbos de evento no Präteritum traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito .....	280
4.3.3 Verbos de estado no Präteritum traduzidos por formas de Pretérito Perfeito .....	283
4.3.4 A 'aktionsart' da tradução de verbos de estado em leitura de repetição .....	287
4.3.5 A tradução de verbos de estado no Plusquamperfekt por Pretérito Imperfeito.....	288
4.3.6 Síntese final.....	290
4.4 Tipo de texto e situação comunicativa.....	291
4.4.1 Análise do texto original .....	292
4.4.2 Análise do texto traduzido .....	297
4.5 Expressões adverbiais de tempo .....	301
4.5.1 Construções com <i>als</i> no Präteritum.....	302
4.5.2 Construções com <i>als</i> contendo formas de Plusquamperfekt.....	310
4.5.3 Breve comparação entre a interpretação e tradução das formas verbais estudadas em construções com <i>als</i> e noutros contextos .....	317
CAPÍTULO 5 – QUESTÕES E EXEMPLOS RELEVANTES PARA A TRADUÇÃO .....	321
5.1 A ambiguidade do Präteritum e das restantes formas verbais alemãs .....	322
5.1.1 Ambiguidade quanto à leitura episódica ou de repetição.....	322
5.1.2 Ambiguidade quanto à interpretação temporal do discurso.....	330
5.2 Conflitos gerados pela coexistência de elementos que sugerem soluções de tradução divergentes .....	338
5.2.1 O caso do Plusquamperfekt.....	338
5.2.2 Casos relacionados com a presença de expressões adverbiais de tempo .....	343
SÍNTESE E CONCLUSÕES .....	349
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	367

# Capítulo 1 – Apresentação do domínio, delimitação do objecto, corpus, questões de método

## 1.1 O domínio da expressão do tempo

São muito variados e numerosos os meios de que as línguas dispõem para exprimir valores associados ao tempo. No caso do português, encontramos entre esses meios advérbios de tempo (como *antigamente* e *recentemente*), preposições temporais ou com acepções temporais (como *desde* e *durante*), conjunções temporais (como *quando*<sup>1</sup> e *enquanto*), substantivos que referem intervalos ou quantidades de tempo (como *dia* ou *ano*), e ainda a classe dos verbos. No caso dos verbos, a relação com o tempo envolve duas facetas, a mais patente das quais é a expressão de valores temporais por meio dos morfemas flexionais que integram as formas finitas dos verbos e pelos auxiliares temporais (*ter*, *haver* e, para alguns autores, *ir*). Uma outra faceta dessa ligação entre os verbos e a expressão do tempo, menos perceptível no plano intuitivo, é a informação que cada verbo contém sobre a forma como a situação que ele refere se desenrola no tempo, por exemplo, sobre se se trata de uma situação pontual, como *explodir*, ou de uma situação prolongada, como *construir*. É de referir que este tipo de informação sobre o desenvolvimento temporal de uma situação não é exclusivo dos verbos, podendo também ser veiculado pelos substantivos que designam situações, como *explosão* e *construção*.

É possível distinguir diversos subdomínios da significação temporal. Um deles, acabado de referir e que é frequentemente designado com o termo alemão 'aktionsart', respeita à forma como as situações de desenvolvem no tempo.<sup>2</sup> Outro envolve a referência a intervalos e a quantidades de tempo. Além destes, há a considerar, pelo menos, os subsistemas da localização temporal, da duração, da frequência, da periodicidade e da quantificação temporal.<sup>3</sup> Estes subsistemas não são independentes, antes mantêm entre si múltiplas inter-relações, sendo por vezes difícil estabelecer as suas fronteiras de forma precisa. Tal dificuldade deve-se, em parte, ao facto de não haver uma especialização

---

<sup>1</sup> Embora *quando* seja tradicionalmente considerado uma conjunção, há autores que defendem a sua classificação como pronome relativo (cf. Mória 2001).

<sup>2</sup> Sobre o conceito de 'aktionsart' e a sua relação com outros termos usados para designar fenómenos parcialmente coincidentes, entre os quais o termo 'aspecto', veja-se a secção 3.1.

<sup>3</sup> Sobre as últimas áreas mencionadas e a expressão dos valores respectivos por meios adverbiais, vejam-se algumas observações na secção 3.4 do presente trabalho. Mória (2003a e c.p.) faz uma descrição integrada dos subdomínios da significação temporal.

absoluta dos meios linguísticos que servem a expressão dos diferentes tipos de valores em causa. Pelo contrário, meios de expressão diferentes podem conjugar-se para exprimir os valores de um mesmo subdomínio. Um exemplo dessa articulação de meios linguísticos de natureza diversa na expressão de um mesmo valor encontra-se na área da localização temporal. Numa frase como a que se segue, a situação referida é localizada cruzando a informação do tempo verbal com a da expressão adverbial de tempo.

(1) O António pintou um quadro na sexta-feira.

O tempo verbal indica que a situação se localiza num intervalo anterior à enunciação, e a expressão adverbial *na sexta-feira*, indica, por sua vez, que esse intervalo corresponde à sexta-feira mais próxima da situação de enunciação que seja compatível com o significado do tempo verbal, isto é, neste caso, à última sexta-feira antes da enunciação. Repare-se que, se a frase contivesse uma forma verbal de futuro (*pintará ou vai pintar*), o intervalo de localização mudaria, já que a situação passaria a localizar-se na primeira sexta-feira posterior à enunciação.

Se, por um lado, meios de expressão de natureza diversa podem transmitir valores pertencentes a uma mesma área da significação temporal, a inversa também é verdadeira, isto é, um mesmo meio linguístico pode exprimir valores pertencentes a diferentes subdomínios da significação temporal. É o que sucede com a expressão adverbial *durante as próximas 3 semanas*, na frase seguinte:

(2) O António vai estar em Paris durante as próximas três semanas.

A expressão em causa indica, por um lado, que a situação referida pelo verbo se localiza num intervalo posterior à enunciação, e por outro lado, especifica que a duração dessa situação é de três semanas. Outro exemplo de um subsistema linguístico que exprime valores pertencentes a diferentes subdomínios temporais é o próprio tempo verbal. Verificámos já em exemplos anteriores que os tempos verbais desempenham um papel crucial na localização temporal das situações, mas eles podem igualmente determinar que essas situações tenham um dado padrão de repetição, como acontece na frase seguinte, onde, na ausência de outro tipo de contexto, a situação referida é interpretada como fazendo parte dos hábitos que caracterizam o indivíduo em causa no intervalo da enunciação:

(3) O António almoça no restaurante da esquina.

Esta interpretação de repetição é claramente condicionada pelas características do tempo verbal usado, sendo alterada se esse tempo verbal mudar, como se verifica nas frases seguintes:

- (4) O António almoçou no restaurante da esquina.
- (5) O António tinha almoçado no restaurante da esquina.

Note-se, porém, que a influência exercida pela forma verbal sobre a natureza episódica ou habitual da situação referida não tem carácter universal, dependendo de outros factores, entre os quais se destaca o tipo de verbo em causa. A relevância deste elemento torna-se bem visível se compararmos as frases seguintes entre si e com a frase (3), acima:

- (6) O António toma a bica no restaurante da esquina.
- (7) O António está no restaurante da esquina.
- (8) O António é o dono do restaurante da esquina.

Em (3) e (6) as situações são interpretadas como repetidas, ao passo que em (7) e (8) elas são interpretadas como situações únicas, sendo essa diferença causada pelo único elemento que distingue as frases entre si, que é o verbo em causa.

Os exemplos apresentados até este ponto ilustram apenas uma pequeníssima parte das interdependências entre os diversos meios de expressão de significados associados ao tempo, bem como algumas das inter-relações entre diferentes áreas da significação temporal. Consideradas na sua globalidade, elas tornam o domínio da expressão do tempo extremamente complexo, e essa é certamente uma das razões pelas quais muitas questões estão ainda por esclarecer neste campo, apesar do elevado número de trabalhos já produzidos sobre parte delas.

A complexidade dos factores a considerar aumenta ainda mais quando se pretende chegar a conclusões válidas para mais do que uma língua, já que a correspondência entre os significados associados ao tempo e os meios linguísticos que os marcam varia de língua para língua, sendo também diversos os próprios meios linguísticos disponíveis nas várias línguas e as suas características, tal como poderão ser diferentes os valores temporais relevantes. Tomando como exemplo o par português e alemão, as frases seguintes, de significado idêntico, ilustram de forma simples uma diferença entre as duas línguas no que respeita à correspondência entre significação temporal e meios linguísticos usados para a exprimir:

- (9) Quando a Ana ia para a cama a mãe contava-lhe uma história.

Wenn Anna ins Bett ging, erzählte ihr ihre Mutter eine Geschichte.

Em qualquer uma das frases, as situações referidas não são interpretadas como ocorrências isoladas, mas antes como acontecimentos habituais. No entanto, o elemento linguístico responsável pela marcação desse valor não é o mesmo nos dois casos. Em português, a interpretação de repetição é determinada pelos tempos verbais das duas orações, duas formas de Pretérito Imperfeito, enquanto em alemão o elemento crucial para induzir essa leitura de repetição é a conjunção temporal *wenn*, sem a qual as situações em causa poderiam perfeitamente ser interpretadas como ocorrências únicas.

## 1.2 Objecto do presente trabalho e bases para o seu tratamento

Dentro do domínio esboçado na secção anterior, o objecto do presente trabalho é precisamente a comparação entre duas línguas, o português e o alemão, no que respeita aos valores relativos ao tempo que são expressos pelas formas verbais mais frequentes do passado e do presente, no modo indicativo. As formas verbais em análise são, para o português, o Pretérito Imperfeito, o Pretérito Perfeito Simples, o Pretérito Perfeito Composto, o Pretérito Mais-que-perfeito e o Presente, e, para o alemão, o Präteritum, o Perfekt, o Plusquamperfekt e o Präsens.<sup>4</sup>

Como decorre do que foi dito na secção anterior, este estudo implica, para cada uma das línguas, por um lado, a análise do contributo de cada forma verbal para a expressão de valores pertencentes aos diversos subdomínios da significação temporal relevantes, e, por outro lado, o estudo da interacção entre essas formas verbais e todos os outros meios de expressão desses mesmos valores. Pertencendo as formas em estudo a duas línguas diferentes, é ainda necessário verificar até que ponto há uma correspondência entre subdomínios da significação temporal relevantes para as duas línguas e entre os valores de um mesmo subdomínio expressos pelas formas de cada uma das línguas. É ainda importante comparar as interacções pertinentes entre as formas verbais em análise e outros meios de expressão do tempo. Trata-se de uma tarefa complexa, para a qual pretendo dar um contributo válido no presente trabalho, ainda que, muito possivelmente, não consiga completá-la dentro dos seus limites.

Para levar a cabo a tarefa mencionada, é indispensável proceder a uma revisão de bibliografia relevante sobre as formas verbais em causa, de modo a poder confrontar as

---

<sup>4</sup> Com o objectivo de facilitar a identificação das formas verbais, ao longo do trabalho elas serão sempre referidas usando a designação respectiva na sua língua de origem.

descrições das mesmas e do seu funcionamento dentro de cada uma das línguas. No entanto, dada a escassez de bibliografia que abranja as duas línguas, estas descrições fornecem apenas uma perspectiva monolíngue, não garantindo que os conceitos usados e os valores definidos sejam os mais adequados para enquadrar os factos relativos a ambos os sistemas. Assim, torna-se fundamental para este trabalho uma base empírica que permita observar as equivalências de significado entre as duas línguas, assim como todas as interacções entre diferentes tipos de meios linguísticos que podem estar associadas a essas equivalências. O recurso que se me afigurou mais adequado para esse efeito foi um corpus constituído por textos originais de cada uma das línguas, acompanhados da respectiva tradução para a outra e até, se possível, de traduções alternativas. Este tipo de corpus paralelo permite a compilação de pares de formas verbais consideradas pelos tradutores como correspondentes nas duas línguas, proporcionando igualmente o acesso a todo o enquadramento contextual dessas formas verbais, que é muitas vezes crucial se avaliar a equivalência de significado e para as opções de tradução. Para além de ser uma útil fonte de dados, a tradução parece constituir uma área relevante para um trabalho deste tipo, uma vez que representa um campo onde as suas conclusões poderão ser aplicadas, dando origem a instrumentos de utilidade prática.

### **1.3 Caracterização do corpus**

Não tendo acesso a nenhum corpus com as características mencionadas acima, uma das minhas primeiras tarefas foi a constituição de um corpus paralelo no qual o presente trabalho se pudesse basear. Recorri a textos literários que tivessem traduções publicadas, procurando abranger diversos autores e tradutores, e selecionei textos narrativos, por apresentarem uma frequência elevada de formas verbais do passado. Por razões práticas, de exequibilidade do trabalho em tempo útil, não foi possível incluir no corpus textos originais de ambas as línguas e contemplar tanto as traduções de alemão para português como as traduções de português para alemão. Optei por utilizar apenas os textos originais alemães e a respectiva tradução portuguesa, por um lado, por se tratar da tradução para a minha língua materna, e, por outro lado, por me parecer que deste modo poderia abordar os aspectos mais interessantes de ambas as línguas: a interpretação das formas verbais alemãs, que, como se verá, tendem a ser ambíguas e a exigir bastante cuidado ao leitor, e a formulação do texto português, que implica um complexo processo de selecção da forma verbal mais adequada.

Entre textos curtos e capítulos de obras mais longas, acabaram por ser seleccionados cinco textos da segunda metade do século XX, discriminados no quadro seguinte,<sup>5</sup> perfazendo os textos originais e as traduções um total de 100534 palavras.

(10)<sup>6</sup> – Quadro: Composição do corpus paralelo anotado I

Título e autor do texto original	Sigla	Número de palavras do texto original	Número de palavras do texto traduzido	Número total de palavras
<i>Der Gefesselte</i> , Ilse Aichinger	G	6429	6807	13236
<i>Haus ohne Hüter</i> (Capítulos 5-7), Heinrich Böll	HOH	16581	17524	34105
<i>Eine leichte Enttäuschung</i> , Hermann Broch	LE	4917	5184	10101
<i>Unter Mördern und Irren</i> , Ingeborg Bachmann	UMI TM	8428	9107	26691
	UMI TS		9156	
<i>Unkenrufe</i> (Capítulo 1), Günther Grass	UR	7102	9299	16401
Totais:		43457	57077	100534

Estes cinco textos foram colocados em paralelo com as respectivas traduções – um deles, *Unter Mördern und Irren*, de Ingeborg Bachmann, com duas traduções alternativas –, tendo resultado deste processo um total de 2510 frases alinhadas (cf. a terceira coluna do quadro (15), abaixo). Foram então anotadas no corpus todas as ocorrências das formas verbais em análise, portuguesas e alemãs, com algumas excepções, que passo a referir. Em primeiro lugar, não foi considerado o verbo *ser* em orações interrogativas (cf. (11) abaixo) nem em construções de clivagem (cf. (12), abaixo) nas quais este verbo surge apenas no texto traduzido, já que na língua alemã são usados outros meios para pôr em evidência determinados constituintes frásicos, nomeadamente a ordem de palavras ou a entoação.

- (11) Es war so auffällig, daß ich einen der Kellner fragte, was denn los sei heute abend. (UmiTS169)  
Como aquilo não era costume, perguntei a um dos empregados o que é que tinha acontecido de especial naquela noite.

<sup>5</sup> Vejam-se as indicações bibliográficas completas dos textos originais e das traduções no final do trabalho. A sigla apresentada na segunda coluna é aquela que identifica a origem dos exemplos que vão sendo citados ao longo do trabalho.

<sup>6</sup> Os quadros apresentados ao longo do trabalho são inseridos na sequência numérica dos exemplos, de modo a facilitar a sua localização.



- (12) Das soll mir einer sagen, und ich werde zuhören. (UmiTS294)  
Isso é que eu gostava que me dissessem, e eu escutaria com todo o gosto.

Em segundo lugar, também não foram consideradas algumas formas verbais portuguesas incluídas em expressões que não registam variação de tempo verbal, quando surgem no corpus como tradução de expressões alemãs que não incluem um verbo, como sucede nos seguintes exemplos:

- (13) vielleicht hätte er plötzlich ein Gesicht bekommen und gesprochen. (hoh213)  
quem **sabe** se não adquiriria repentinamente um rosto e se não falaria.
- (14) »Ja, bitte«, sagte er. (hoh598)  
– Sim, se **fazes** favor – respondeu ele.

Tal não significa que tenham sido excluídos todos os casos em que a uma das formas verbais analisadas não corresponde, na outra língua, um lexema verbal. Pelo contrário, a grande maioria dessas ocorrências foi considerada na anotação,<sup>7</sup> e só em 93 das 2510 frases alinhadas do corpus não foi encontrada qualquer ocorrência de uma das formas verbais analisadas (cf. o quadro (15), abaixo).

Do registo das formas verbais em análise que ocorrem no corpus, cada uma delas associada à expressão correspondente na outra língua, resultou um total de 7193 pares de tradução anotados, cuja distribuição pelos diferentes textos pode ser observada no quadro seguinte:

(15) – Quadro: Composição do corpus paralelo anotado II

Título e autor do texto original	Sigla	Número de frases alinhadas	Número de pares de tradução anotados	Número de frases sem anotação
<i>Der Gefesselte</i> , Ilse Aichinger	G	272	656	6
<i>Haus ohne Hüter</i> (Capítulos 5-7), Heinrich Böll	HOH	641	2256	19
<i>Eine leichte Enttäuschung</i> , Hermann Broch	LE	208	793	2
<i>Unter Mördern und Irren</i> , Ingeborg Bachmann	UMI TM	448	1305	15
	UMI TS			
<i>Unkenrufe</i> (Capítulo 1), Günther Grass	UR	496	878	36
Totais:		2510	7193	93

<sup>7</sup> Cf. os comentários sobre a categoria Outras Formas, na secção 2.1, adiante.

É essencialmente neste conjunto de pares de tradução anotados ou em subconjuntos seus que irá incidir a análise comparativa de dados a realizar ao longo do presente trabalho.

Para além do corpus acabado de descrever, existem ainda excertos dos textos inicialmente seleccionados que não chegaram a ser anotados, mas que se encontram alinhados com a respectiva tradução, e que serão utilizados ocasionalmente ao longo do trabalho, quando tal se revelar profícuo.<sup>8</sup> O quadro seguinte especifica os dados referentes a este corpus paralelo adicional, apenas alinhado:

(16) – Quadro: Composição do corpus adicional alinhado

Título e autor do texto original	Sigla	Número de palavras do texto original	Número de palavras do texto traduzido	Número total de palavras	Número de frases alinhadas
<i>Haus ohne Hüter</i> (Capítulos 8-10), Heinrich Böll	HOH	18482	19102	37584	816
<i>Der Steppenwolf</i> (Prefácio do editor), Hermann Hesse	SW	6477	6916	13393	249
<i>Unkenrufe</i> (Capítulo 2), Günther Grass	UR	8326	10179	18505	556
Totais:		33285	36197	69482	1621

## 1.4 Estrutura do trabalho

A estrutura do trabalho é, em larga medida, determinada pelas características do corpus que lhe serve de base. Sendo constituído por textos alemães acompanhados de uma ou mais traduções portuguesas, ele permite detectar equivalências de significado entre as formas verbais alemãs em estudo e as formas portuguesas usadas na sua tradução, assim como eventuais variações relativamente às correspondências de tradução preferenciais para determinadas formas. Para além disso, estando disponíveis para análise não só as duas formas verbais de cada par de tradução, mas também o contexto em que cada uma delas se insere, é possível tentar determinar que factores condicionam a opção de tradução em cada caso, analisando-se assim a relação entre o tempo verbal e outros elementos que com ele

<sup>8</sup> Relativamente à utilização do corpus adicional alinhado no trabalho, destaca-se a função de um dos excertos que o compõem, nomeadamente os capítulos 8-10 de *Haus ohne Hüter*, como origem dos 303 pares de tradução contendo formas de Pretérito Mais-que-perfeito e Plusquamperfekt que considereei pertinente adicionar ao corpus anotado aqui descrito (cf. a justificação e o resultado deste procedimento na secção 2.1, adiante).

interagem na expressão de diferentes valores associados ao tempo. É em torno destas questões das correspondências de significado e de tradução entre formas verbais das duas línguas, bem como dos factores que as condicionam, que se organiza o trabalho, e é com base nas respostas obtidas que pretendo contribuir para o conhecimento das formas verbais em análise.

Após a presente introdução, que constitui o capítulo 1, é feita, no capítulo 2, partindo dos dados do corpus, uma primeira apresentação descritiva, visando um levantamento dos factores pertinentes para a selecção dos tempos verbais empregues na tradução das formas alemãs. O capítulo 3 é dedicado a uma descrição de conceitos e subsistemas linguísticos relevantes para o trabalho, apoiada em bibliografia relativa a cada uma das línguas. Aí são tratados os tempos verbais em estudo, e também os outros factores apontados como pertinentes no capítulo anterior. Com base nos conceitos expostos e nas descrições apresentadas, é realizada, no capítulo 4, uma análise mais detalhada dos dados do corpus, que põe em relevo a influência de cada um dos factores em causa sobre a escolha das formas verbais usadas na tradução – e, portanto, sobre as correspondências de significado entre as formas verbais das duas línguas –, sendo igualmente consideradas interacções relevantes entre os diversos factores. Por fim, no capítulo 5, são abordadas do ponto de vista da tradução algumas questões que decorrem das diferenças entre as duas línguas no que respeita ao significado das formas verbais em análise e à sua inter-relação com outros elementos do domínio temporal.



## Capítulo 2 – Apresentação descritiva do corpus paralelo

O objectivo do presente capítulo é fazer uma primeira apresentação dos dados do corpus paralelo quanto aos tempos verbais usados no texto original e na versão portuguesa e, sobretudo, no que diz respeito às preferências de tradução constatadas para cada um dos tempos verbais alemães em estudo. Procederei em primeiro lugar à exposição dos dados estatísticos relevantes, na secção 2.1, prosseguindo, nas secções subsequentes, com a apresentação e comentário de exemplos de cada uma das possibilidades de tradução atestadas no corpus para essas formas verbais alemãs. Através desta análise, pretendo fazer o levantamento dos factores que, em cada caso, condicionam a opção do tradutor pelo uso de determinada forma verbal portuguesa.

### 2.1 Distribuição dos tempos verbais em análise no texto original e no texto traduzido e correspondências de tradução – Dados quantitativos

Início esta primeira descrição dos dados do corpus examinando aqueles que dizem respeito ao texto original, apresentados no quadro seguinte:

(17) – Quadro: Distribuição de tempos verbais no texto original

Präsens	Präteritum	Perfekt	Plusquam-perfekt	Total Formas Analisadas	Outras Formas	Total do corpus
1108	4750	145	455	6458	735	7193
15,40%	66,04%	2,02%	6,33%	89,78%	10,22%	100,00%

Conforme se pode observar, o tempo verbal dominante no texto original alemão é claramente o Präteritum, com 66,04% do total das formas abrangidas pelo corpus, seguido, a grande distância, do Präsens, com 15,40% dessas formas. Plusquamperfekt e Perfekt apresentam percentagens reduzidas de ocorrência no corpus, com 6,33% e 2,02%, respectivamente. Ainda no quadro (17), a categoria intitulada Outras Formas inclui formas verbais alemãs diferentes das que são analisadas no presente trabalho e expressões não

verbais do texto original que foram traduzidas com recurso a um dos tempos verbais portugueses em análise.<sup>9</sup>

Observemos agora os dados relativos ao texto traduzido, apresentados no quadro seguinte:

(18) – Quadro: Distribuição de tempos verbais no texto traduzido

Presente	Pretérito Im-perfeito	Pretérito Perfeito Simples	Pretérito Mais-que -perfeito	Pretérito Perfeito Composto	Total Formas Analisadas	Outras Formas	Total do corpus
1079	3023	1662	458	2	6224	969	7193
15,00%	42,03%	23,11%	6,37%	0,03%	86,53%	13,47%	100,00%

Comparando estes dados com os do texto original, sobressai o facto de não haver aqui um predomínio tão notório de um só tempo verbal. A forma mais frequente é a de Pretérito Imperfeito, com 42,03% das formas totais do corpus, seguido do Pretérito Perfeito Simples, com 23,11%. É interessante verificar que a soma dos valores percentuais correspondentes a estes dois tempos verbais (65,14%) está muito próxima da percentagem de ocorrências de Präteritum no texto original (66,04%), levantando desde já a questão de saber em que medida essa proximidade de valores é o reflexo de correspondências reais de tradução de formas de Präteritum por formas de Pretérito Perfeito Simples e Pretérito Imperfeito. O mesmo se pode dizer das formas de Presente e de Pretérito Mais-que-perfeito, que estão, em termos percentuais, muito próximas das de Präsens e de Plusquamperfekt, respectivamente, com cerca de 15% e 6%. Quanto ao Pretérito Perfeito Composto, o seu número de ocorrências é muitíssimo reduzido, apenas duas num total de 7193 formas abrangidas pelo corpus.<sup>10</sup> Paralelamente ao que sucede no quadro (17), a rubrica intitulada Outras Formas abrange traduções de formas verbais alemãs em estudo por formas verbais portuguesas não analisadas neste trabalho, assim como casos em que as

<sup>9</sup> A maior parte das formas alemãs que estão incluídas no corpus mas não serão analisadas é de conjuntivo, como a do exemplo (a), abaixo, mas surgem também formas de futuro, participios e infinitivos.

(a) Manches Mal, sagte er, **fühle** er sich, als wäre er nicht gefesselt. (G156)  
Por vezes, dizia ele, **sentia-se** como se não estivesse amarrado.

Mais frequente ainda dentro da categoria Outras Formas relativa ao texto original é a tradução de expressões não verbais do texto original por formas verbais analisadas no presente trabalho, ou adicionando essas formas a outros elementos, como sucede na frase (b):

(b) § Er hielt den Atem an und lauschte gespannt auf die Geräusche **aus** dem Zimmer der Großmutter: (hoh31)  
§ Reteve a respiração e pôs-se a escutar nervosamente os sons que **saíam** do quarto da avó:

<sup>10</sup> Em consequência disso, no decurso do presente trabalho serão feitas apenas referências pontuais ao Pretérito Perfeito Composto. Pelo contrário, o Pretérito Perfeito Simples é uma das formas centrais neste estudo, pelo que, a partir deste ponto, e por uma questão de comodidade, designarei o Pretérito Perfeito Simples, de forma abreviada, como Pretérito Perfeito, mantendo-se para o Pretérito Perfeito Composto a denominação completa.

formas alemãs, ou não são traduzidas com recurso a lexemas verbais, ou não são traduzidas de todo.<sup>11</sup>

Apesar de incluírem casos interessantes do ponto de vista da tradução (cf. a nota 11), os pares de tradução abrangidos pelas rubricas Outras Formas do quadro (17) e do quadro (18), acima, não serão tidos em conta a partir deste momento (sendo excluídos, por exemplo, dos quadros (19) e (20), abaixo), a não ser quando haja indicação explícita em contrário, uma vez que apresentam, em uma das línguas, uma forma que não se encontra em estudo no presente trabalho.<sup>12</sup> O facto de estas correspondências de tradução entre formas verbais analisadas e outras não analisadas, que muitas vezes não são sequer lexemas verbais, constituírem cerca de 10% do total de formas do corpus, no caso da versão portuguesa, e cerca de 13%, no caso do texto alemão, mostra que a correspondência entre texto original e versão traduzida não é tão estrita como poderia sugerir a proximidade entre as percentagens de ocorrência de algumas formas verbais nas duas línguas, nomeadamente, entre os 15,40% de formas de Präsens e os 15,00% de Presente, ou entre os 6,33% de formas de Plusquamperfekt e os 6,37% de Pretérito Mais-que-perfeito.

A complexidade dos padrões de tradução que caracterizam o corpus é confirmada pelo quadro (19), abaixo, onde se apresenta a distribuição de formas verbais analisadas

<sup>11</sup> As formas verbais portuguesas que ocorrem no corpus mas não são analisadas no presente trabalho são sobretudo de conjuntivo, como no exemplo (a), abaixo, mas surgem também gerúndios (cf. (b)), infinitivos e participios (cf. (c)).

(a) Mag sein, daß sie über mich **lacht**, mich **auslacht**. (ur62)

Pode ser que se **ria** de mim, que **faça** troça de mim.

(b) § Ich schwieg und **zuckte** mit den Achseln. (UmiTS174)

§ Calei-me, **encolhendo** os ombros.

(c) § Nella klappte das Buch zu, deutete auf das alte Lammfell, das vor ihrem Bett **lag**, und warf ihm eine dicke rote Strickjacke zu. »Wickle dir das um die Füße.« Er **sagte** nichts, setzte sich, wickelte die Jacke um seine Füße und nahm sich eine Zigarette aus der Packung, die auf ihrem Nachttisch **lag**. (hoh587a589)

§ Nella fechou o livro com um estalido seco, apontou para a velha pele de carneiro diante da cama e atirou-lhe uma grossa camisola de malha vermelha. § - Embrulha os pés. § Sem **dizer** palavra, ele sentou-se, embrulhou os pés na camisola e tirou um cigarro do maço **pousado** na mesa-de-cabeceira.

Este último exemplo inclui também uma forma de Präteritum – a primeira ocorrência de *lag* - que não é traduzida. Trata-se de um verbo de posição, o mesmo que ocorre na última forma destacada da sequência, sendo aí traduzido por um participio passado – *pousado*. Embora nestes casos específicos pudesse ter sido usada na versão portuguesa a forma conjugada correspondente à do original, a tradução de verbos de posição alemães pode apresentar dificuldades que levam a este tipo de soluções, algumas das quais serão abordadas na secção 4.2.2.2, adiante.

<sup>12</sup> Para além das ocorrências referidas nas notas 9 e 11, os números apresentados em Outras Formas incluem ainda uma pequena quantidade de pares de tradução que não contêm nenhum dos tempos verbais em análise, nomeadamente 78 pares com gerúndio – forma que foi integralmente incluída no corpus devido ao seu papel na resolução de alguns problemas de tradução (cf. secção 5.1.2, adiante) – e ainda 39 pares do texto que tem duas traduções paralelas, e onde apenas uma dessas traduções usa uma forma analisada, tendo a outra tradução sido igualmente incluída no corpus para possibilitar a comparação entre as duas.

presentes na versão portuguesa pelas formas verbais em estudo que ocorrem no texto original.

(19) – Quadro: Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido

Formas analisadas:	Präsens		Präteritum		Perfekt		Plusquam-perfekt		Total	
Presente	939	96,70%	9	0,22%	1	0,78%			949	16,79%
Pretérito Imperfeito	9	0,93%	2633	63,42%	22	17,05%	59	14,79%	2723	48,19%
Pretérito Perfeito Simples	23	2,37%	1450	34,92%	101	78,29%	22	5,51%	1596	28,24%
Pretérito mais-que-perfeito			60	1,45%	3	2,33%	318	79,70%	381	6,74%
Pretérito Perfeito Composto					2	1,55%			2	0,04%
		100%		100%		100%		100%		
Total	971	17,18%	4152	73,47%	129	2,28%	399	7,06%	5651	100%

Se não considerarmos o Pretérito Perfeito Composto, verificamos que todas as correspondências possíveis entre formas verbais estão atestadas, com exceção de Präsens=>Pretérito Mais-que-perfeito e de Plusquamperfekt=>Presente. Há, no entanto, correspondências de tradução claramente preferidas relativamente a outras, e o caso mais nítido é o do Präsens, traduzido por Presente em 96,7% das suas ocorrências. O Präteritum é preferencialmente traduzido por Pretérito Imperfeito (63,42%), e, em menos casos, por Pretérito Perfeito (34,92%), abrangendo estes dois tempos verbais portugueses no seu conjunto 98,34% das traduções de Präteritum. Relativamente ao Perfekt, a tendência é a inversa – há uma larga maioria de traduções para Pretérito Perfeito (78,29%) e uma percentagem muito menor de formas de Pretérito Imperfeito (17,05%) –, mas um ou outro destes tempos verbais é usado em 95,34% das traduções de Perfekt. No caso do Plusquamperfekt, e ao contrário do que fazia prever a proximidade quantitativa entre os dois tempos verbais, só 79,7% das formas são traduzidas por Pretérito Mais-que-perfeito, havendo 14,79% de ocorrências em que o tradutor optou pelo Pretérito Imperfeito.



Por os casos de Plusquamperfekt e Pretérito Mais-que-perfeito se terem relevado especialmente complexos e interessantes, sendo o seu número de ocorrências relativamente reduzido, foi incluída no estudo sistemático destas formas verbais uma parte do corpus adicional alinhado mencionado no capítulo 1, que não tinha sido considerada para as outras formas. Este recurso a pares de tradução suplementares aumentou o número de ocorrências em estudo de Plusquamperfekt (de 399 para 595) e Pretérito Mais-que-perfeito (de 381 para 609), mas não altera significativamente o peso relativo das diversas correspondências de tradução em que estes tempos verbais estão envolvidos, como se verifica observando o quadro (20), abaixo:

(20) – Quadro: Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido com formas de Plusquamperfekt e Pretérito Mais-que-perfeito do corpus adicional

Formas analisadas:	Präsens		Präteritum		Perfekt		Plusquam-perfekt		Total	
Presente	939	96,70%	9	0,21%	1	0,78%			949	16,05%
Pretérito Imperfeito	9	0,93%	2633	62,41%	22	17,05%	93	15,63%	2757	46,62%
Pretérito Perfeito Simples	23	2,37%	1450	34,37%	101	78,29%	23	3,87%	1597	27,00%
Pretérito mais- que-perfeito			127	3,01%	3	2,33%	479	80,50%	609	10,30%
Pretérito Perfeito Composto					2	1,55%			2	0,03%
		100%		100%		100%		100%		
Total	971	16,42%	4219	71,34%	129	2,18%	595	10,06%	5914	100,00%

Tanto as correspondências de tradução preferenciais como as restantes serão ilustradas com exemplos representativos nas subsecções que se seguem, ao longo das quais começarei a tentar determinar que factores norteiam a escolha de uma determinada forma verbal portuguesa na tradução a partir do texto alemão.

## 2.2 Traduções de Präsens

### 2.2.1 Präsens => Presente

Como foi referido na secção anterior, de entre os tempos verbais em análise, o Präsens é aquele cuja tradução está mais concentrada numa só forma verbal do português, o Presente. Eis alguns dos exemplos que constam do corpus:

- (21) Ich **glaube**, daß es mehr Frauen **gibt**, mit denen man verheiratet sein als Männer, die man zum Freund haben könnte. (hoh 531)  
**Estou** convencido de que **existem** mais mulheres com as quais nos podemos casar do que homens de quem possamos ser amigos.
- (22) »Das Wasser **taugt** hier in den oberen Stockwerken nicht viel«, sagte sie, »es **ist** lauwarm.« (LE140)  
 «Aqui nos andares de cima a água não **presta** para grande coisa», disse ela, «**está** morna».
- (23) »O nein, wir **haben** eine sinnreiche Einrichtung« (...)»eine Einrichtung, die schon meine verstorbene Großmutter benützt hat: wir **winden** die Wäschepäcke durch das Fenster **herauf** und **lassen** sie auch hier wieder **hinab**.« (LE81,2)  
 «Oh, não, nós **temos** um dispositivo engenhoso» (...)«um dispositivo que já a minha falecida avó utilizou: **içamos** as trouxas de roupa pela janela e **descemo**-las outra vez também por lá».

Encontramos nos exemplos apresentados dois tipos de interpretação diferentes para as formas verbais do Präsens e do Presente: em (21) e (22), e ainda na primeira forma destacada de (23), os verbos recebem uma leitura episódica e a situação que referem é interpretada como válida no momento da enunciação. Pelo contrário, nas duas últimas formas verbais de (23) a situação referida é interpretada como repetida, como um hábito que existe no momento da enunciação. Considerando os diversos verbos envolvidos nas frases em análise, verifica-se que aqueles que recebem uma leitura episódica são estativos (*glauben / estar convencido, es geben / haver, taugen / prestar, sein / estar, haben / ter*), enquanto os que recebem uma leitura de repetição são verbos de evento (*heraufwinden / içar, hinablassen / descer*).<sup>13</sup> Mas nem sempre é esta a interpretação dos verbos de evento no Präsens e no Presente, como se verifica nos casos seguintes:

- (24) (...) "geh nur, ich **bring** dir was zu essen." (hoh145,1)  
 (...) – Vai lá que eu **levo**-te qualquer coisa para comer.
- (25) Schon **rede** ich, als wäre ich dabeigewesen, von seinem Tweedjackett (ur143)  
 Cá **estou** eu, como se tivesse presenciado tudo, **a falar** do casaco de tweed dele

<sup>13</sup> Sobre verbos de diferentes classes de 'aktionsart', entre os quais os verbos de evento e de estado, veja-se a secção 3.1.

Em (24) o verbo recebe uma leitura episódica, mas a situação referida é localizada num intervalo posterior ao momento da enunciação. O verbo de (25) recebe igualmente uma leitura episódica, sendo a situação localizada no momento da enunciação.

Nos exemplos examinados até este ponto, as duas formas verbais em estudo revelam uma grande semelhança no que diz respeito aos significados que apresentam quando associadas a predicados de diferentes classes de 'aktionsart', semelhança essa que está certamente na base da hegemonia das formas de Presente na tradução de formas de Präsens registada no corpus.

É no exemplo (25), acima, que se encontra a primeira divergência entre as duas línguas observável na presente secção, uma diferença que não diz respeito ao significado das duas formas verbais, mas à necessidade se utilizar, em português, o operador aspectual *estar a* para se obter a leitura correspondente à da forma verbal alemã. Há no corpus diversos outros exemplos em que surgem em português operadores aspectuais, desta vez não de uso obrigatório, mas como opção de tradução possível. Um exemplo disso é a frase seguinte:

- (26) Die Männer sind unterwegs zu sich, wenn sie abends beieinander **sind, trinken und reden und meinen**. (Umi1)
- TM Os homens estão a caminho de si mesmos quando **estão** uns ao pé dos outros ao serão, **bebem e conversam e emitem** opiniões.
- TS Os homens vão a caminho de si próprios quando à noite se **juntam**, se **põem a beber, a falar e a opinar** sobre isto e sobre aquilo.

Enquanto na primeira tradução apresentada os verbos *trinken, reden e meinen* são traduzidos simplesmente pelos verbos correspondentes em português, na segunda tradução eles surgem associados ao operador aspectual *pôr-se a*, isto sem que qualquer uma das versões seja incorrecta, e sem uma diferença notória de significados entre as duas traduções. Outra particularidade apresentada por este exemplo diz respeito à primeira forma verbal assinalada, que, no texto original é um verbo de estado, *sein / estar*, tal como na primeira tradução apresentada, mas que na segunda versão portuguesa surge traduzido por um verbo de evento, *juntar-se*, uma vez mais, sem provocar uma divergência notória entre as interpretações das duas versões.

As observações efectuadas nesta secção sugerem que o factor que determina a selecção do Presente para traduzir formas de Präsens seja a semelhança no comportamento das duas formas verbais, uma semelhança que se verifica inclusivamente no que diz respeito a alterações na interpretação das formas verbais quando associadas com predicados de diferentes classes de 'aktionsart'. A 'aktionsart' surge, assim, como factor

relevante, não para a selecção do tempo verbal da tradução, mas para a sua interpretação, e será tratada com aplicação a cada uma das línguas em estudo na secção 3.1, adiante, sendo posteriormente retomada na análise mais detalhada dos dados do corpus a efectuar no capítulo 4 (cf. a secção 4.2.5, respeitante às traduções de Präsens).

Os exemplos observados na presente secção indicam ainda que existem diferenças entre as duas línguas no que diz respeito ao uso, obrigatório e facultativo, de verbos de operação aspectual, e também este tópico será abordado na secção 3.1, adiante, e posteriormente retomado no capítulo 4.

### 2.2.2 Präsens => Pretérito Perfeito

Embora em número reduzido, há no corpus formas de Präsens com outras traduções que não o Presente, e o Pretérito Perfeito surge como a primeira alternativa, utilizada por exemplo nas frases seguintes:

- (27) »Rai **ist** tot...« (hoh528)  
– Rai **morreu**.
- (28) Es **ist** schon so weit, auch wenn wir es nicht einsehen wollen. (Umi TS204)  
Já **chegámos** a esse ponto, mesmo que o não queiramos reconhecer.

Apesar da alteração do tempo verbal, esta é uma opção de tradução que não provoca divergências de significado relativamente ao texto original, recebendo uma interpretação bastante semelhante à de uma potencial tradução por uma forma de Presente: *Rai está morto*, para a primeira frase, e *Já estamos nesse ponto* para a segunda. Relativamente ao segundo exemplo, esta última solução parece-me um pouco mais vaga no seu significado do que a tradução apresentada em (28), o que terá possivelmente motivado a opção da respectiva tradutora, tal como a da autora da outra versão portuguesa do mesmo texto incluída no corpus, que escolheu igualmente uma forma de Pretérito Perfeito (*Já se chegou a esse ponto (...)*).

A observação mais relevante que se pode fazer a partir da comparação das duas possibilidades de tradução equacionadas para (27) e (28) não diz respeito a uma diferença de significado entre elas, mas sim ao facto de a tradução por Presente utilizar um verbo de estado semelhante aos do texto original (*estar*), e a tradução por Pretérito Perfeito um verbo de evento (*morrer* e *chegar*, respectivamente). Como se verificará adiante, não se trata de um caso isolado, e este padrão de tradução será descrito em conjunto com outros do mesmo tipo na secção 4.2.7.

### 2.2.3 Präsens => Pretérito Imperfeito

Em número ainda menor do que o das traduções por Pretérito Perfeito, existem igualmente no corpus formas de Präsens traduzidas por Pretérito Imperfeito. Observem-se as seguintes, a título de exemplo.

- (29) Und ihr Mann, der zudem fließend Englisch gesprochen haben **soll**, muß wie ein Pauker gewesen sein: (ur462)  
E o marido, que também **falava** inglês fluentemente, deve ter sido um marrão:
- (30) Dieser Doppelgrabstelle sage ich nach, daß sie, buchsbaumumrandet, weniger überwuchert **ist** als die benachbarten Grabstellen. (ur213)  
Devo dizer que esta campa dupla, orlada de uma sebe de buxo, **estava** menos coberta de vegetação que as campas vizinhas.

No primeiro caso não encontramos uma correspondência nem entre tempos verbais nem entre os verbos usados, já não existe em português um verbo com a mesma função que o modal *sollen* desempenha nesta frase, a de assinalar que a informação veiculada tem origem numa outra fonte que não o locutor. Assim, a forma usada na tradução portuguesa é a do verbo correspondente ao conteúdo dessa informação, *sprechen / falar*, num tempo verbal adequado do passado, visto tratar-se de uma situação anterior à enunciação. Já no caso de (30), a versão portuguesa poderia igualmente conter uma forma de Presente, sem outras modificações: *Devo dizer que esta campa dupla (...) está menos coberta de vegetação do que as campas vizinhas*. Parece ter sido opção da tradutora conservar a distinção entre o tempo presente da perspectiva do narrador, para o qual remete a forma *devo dizer*, e o tempo passado da perspectiva da personagem que se encontra no cemitério, local onde o narrador nunca esteve. Como se verificará no capítulo 3, a diferença entre o Presente e o Pretérito Imperfeito reside precisamente no seu 'ponto de perspectiva temporal'.

## 2.3 Traduções de Präteritum

### 2.3.1 Präteritum => Pretérito Imperfeito

Como se verificou na secção 2.1, de todas as formas verbais alemãs em análise, é o Präteritum que revela menor concentração das traduções num só tempo verbal do português. Embora o Pretérito Imperfeito predomine, a frequência da tradução por Pretérito Perfeito é bastante alta. Examinemos em primeiro lugar traduções de Präteritum por formas de Pretérito Imperfeito:

- (31) Das Kind, das in einem rollbaren Bettchen neben dem Bücherschrank **schlief**, **war** erkältet (hoh592)  
O pequeno, que **dormia** numa caminha de rodas junto da estante, **estava** constipado
- (32) Der Mond **schien** auf die Wiese, sie **hatte** in diesem Licht zugleich die Farbe des Wachstums und des Todes. (G270)  
O luar **iluminava** a campina, a essa luz ela **tinha** a cor do crescimento e da morte ao mesmo tempo.
- (33) So oft sie ins Kino **ging**, **ließ** sie sich für einen Groschen das Programm geben, **nahm** es dann später vor, **betrachtete** die Bilder eingehend und **rekonstruierte**, indem sie ihm davon erzählte, den Film genau. (hoh84)  
Sempre que **ia** ao cinema, **puxava** por um groschen, **comprava** o programa; mais tarde **tirava-o**, **mirava** as fotografias uma por uma e, à medida que lhe ia contando o filme, **reconstruía** o entrecho em todos os pormenores.
- (34) Der Gefesselte **erwartete** die Leute gewöhnlich auf dem Platz vor dem Zelt, er **lachte** oder **blieb** ernst und **streckte** ihnen die Arme **hin**. (G88)  
O amarrado **aguardava** geralmente as pessoas no terreiro defronte da tenda, **ria** ou **ficava** sério e **estendia-lhes** os braços para verem.

Tal como tínhamos verificado nas traduções de Präsens por Presente, também aqui encontramos exemplos em que os verbos recebem uma leitura episódica (cf. (31) e (32)), a par com outros em que eles recebem uma leitura de repetição (cf. (33) e (34)). No entanto, ao contrário do que acontecia com os exemplos relativos ao Präsens, em (33) e (34) a leitura de repetição é induzida por expressões adverbiais de tempo, nomeadamente por *gewöhnlich / geralmente* e pela oração subordinada introduzida por *so oft / sempre que*. Na ausência dessas expressões, os verbos receberiam uma leitura episódica, e, o que é mais relevante no contexto do presente estudo, não seriam provavelmente traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito, mas por formas de Pretérito Perfeito: por exemplo, em (33), *puxou por um groschen, comprou o programa, tirou-o, mirou-o e reconstruiu o entrecho*. Este padrão de tradução de Präteritum por Pretérito Perfeito, que será descrito na secção seguinte, contrasta claramente com o dos verbos estativos de (31) e (32), traduzidos sem problemas por formas de Pretérito Imperfeito, sugerindo que, pelo menos em leitura episódica, a 'aktionsart' do texto original determina o tempo verbal da versão portuguesa.

A suposição de que a 'aktionsart' do predicado do texto alemão influencia a selecção da forma verbal da tradução quando o verbo tem uma leitura episódica é confirmada por frases como as seguintes, onde todos os verbos recebem uma leitura episódica e só aos verbos de estado (*stehen / estar, sein / conter, e liegen / estar*) correspondem formas de Pretérito Imperfeito, sendo os verbos de eventos traduzidos por Pretérito Perfeito:

- (35) Bolda **nahm** ihm den Zettel aus der Hand, studierte ihn stirnrunzelnd und **warf** ihn in den Abfalleimer, der unter dem Spülbecken **stand**. (hoh55)  
Bolda **tirou**-lhe o bilhete da mão, examinou-o com a testa franzida e **atirou-o** para o caixote do lixo, que se **encontrava** por baixo do lava-loiça.
- (36) (...) es **war** ein ganzer Packen sehr dünnen Papiers im Karton, und er **merkte**, daß er den Deckel an der falschen Seite abgenommen hatte, denn alle Zeichnungen **lagen** verkehrt. (hoh+956)  
(...) **continha** enormes quantidades de papel muito fino, e **reparou** que a abrira pelo lado contrário, pois todos os desenhos **estavam** empilhados com o verso para cima.

No entanto, os mecanismos de selecção do tempo verbal da tradução não se limitam à regra relativamente simples que enunciei acima, já que se encontram também no corpus alguns exemplos de verbos de evento em leitura episódica traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito, como em (37), abaixo, assim como outros exemplos em que é aparentemente possível usar tanto o Pretérito Perfeito como o Pretérito Imperfeito na tradução de Präteritum (cf. as duas versões portuguesas de (38), abaixo).

- (37) (...) Und Bertoni...!« § Als Friedl den Namen **schrie**, kam Bertoni herein und wurde rot unter der Bräune. (UmiTM215)  
(...) E o Bertoni...» § Quando o Friedl **proferia** o nome em altos brados, entrou o Bertoni e ficou vermelho por debaixo do bronzeado.
- (38) §»Wem? « Friedl **versuchte** sich stotternd einzumischen. (Umi132)  
TM §«De quem?», o Friedl, gaguejando, **procurava** meter-se na conversa.  
TS §«De quem?», Friedl, hesitante, **tentou** entrar na conversa.

As observações feitas na presente secção indicam que a 'aktionsart' do predicado é um dos factores que influenciam a selecção do tempo verbal na tradução de formas de Präteritum, pelo que a 'aktionsart' será uma das áreas abordadas na secção 3.1, sendo posteriormente retomada na secção 4.2.2, para uma análise mais aprofundada das traduções de Präteritum, que contempla os diversos casos citados na presente secção. Dos exemplos examinados pode ainda concluir-se que o tipo de interpretação, episódica ou de repetição, que o predicado recebe é relevante para a sua tradução, assim como as expressões adverbiais temporais que condicionam essa interpretação. A interpretação da forma verbal decorre, em parte, da interacção entre tempo verbal e 'aktionsart' do predicado, sendo tratada nas secções do presente trabalho que acabei de mencionar. Quanto às expressões adverbiais de tempo, apesar da sua relevância, não poderão ser objecto de uma análise detalhada, mas vejam-se as observações a esse respeito na secção 3.4, abaixo.

### 2.3.2 Präteritum => Pretérito Perfeito

Diversos exemplos considerados na secção anterior, nomeadamente (31) a (36) sugerem que, em leitura episódica, os verbos de estado tendem a ser traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito, enquanto os verbos de evento são preferencialmente traduzidos por formas de Pretérito Perfeito. Relativamente aos verbos de evento, frases como a seguinte confirmam a tendência de tradução mencionada, embora se torne necessário explicar opções contra esta tendência como as ilustradas em (37) e (38), acima:

- (39) Er **ging** ins Badezimmer, **drehte** den Wasserhahn **auf** und **zündete** das Gas **an**.  
(hoh573)  
§ Ele **foi** para o quarto de banho, **abriu** a torneira da água e **acendeu** o gás.

No que diz respeito aos verbos de estado, também não é difícil encontrar no corpus excepções à tendência referida, como as seguintes frases, onde os verbos de estado destacados são traduzidos por formas de Pretérito Perfeito:

- (40) § »**War** bei Mama und Papa. (ur218)  
§ “**Estive** com meus pais.
- (41) Er ekelte sich vor ihrem Urin, hatte Angst vor der Großmutter und **war** froh, als das Licht wieder ausging. (hoh24)  
Tinha nojo da urina da avó, receava a avó e **ficou** contente quando a luz se tornou a apagar.
- (42) § Schon nach den ersten Schritten fiel er. Er **lag** quer über dem Weg und sah den Staub hochfliegen. (G46e47)  
§ Logo após os primeiros passos, caiu. **Ficou** atravessado no caminho e viu a poeira levantar-se.

Se, numa frase como (40), se torna difícil encontrar uma justificação para o uso do Pretérito Perfeito na tradução, já no caso das sequências (41) e (42), essa opção parece estar ligada a uma relação causal entre a situação correspondente à forma verbal destacada e uma outra situação referida no contexto: em (41), é o facto de a luz se apagar que faz com que a personagem fique contente, e em (42), a personagem fica atravessada no caminho como resultado da queda. Se os tradutores recorressem a formas de Pretérito Imperfeito, nomeadamente *estava contente* e *estava atravessado*, essa relação causal entre as situações que está presente na interpretação do texto alemão perder-se-ia. A comparação entre as traduções potenciais aqui apresentadas e as traduções reais de (41) e (42) põe em evidência uma outra particularidade destas últimas, a saber, o facto de o verbo usado na versão portuguesa não ser um verbo estativo correspondente ao do texto original – *sein*



(*ser, estar*) – mas antes o verbo *ficar*, que, na sua forma de Pretérito Perfeito, reproduz o significado que as formas alemãs têm no contexto em causa.<sup>14</sup>

Os exemplos observados nesta secção confirmam a relevância e a complexidade da interacção entre a 'aktionsart' do predicado do texto original e a selecção do tempo verbal usado para a tradução de formas de Präteritum, mostrando ainda a existência de variações de 'aktionsart' entre texto original e traduzido, que serão abordadas ao longo da secção 4.2, e com especial incidência na secção 4.2.6. Também relações de causalidade entre as situações parecem condicionar o tempo verbal usado na tradução, nomeadamente em exemplos como (41) e (42), acima, sendo esse tipo de relação entre situações igualmente abordado no decurso do trabalho, em primeiro lugar no que respeita aos conceitos envolvidos e à sua aplicação às duas línguas em estudo, na secção 3.3, e, posteriormente, numa análise mais aprofundada dos dados do corpus, na secção 4.3.

### 2.3.3 Präteritum => Pretérito Mais-que-perfeito

A maior parte das formas de Präteritum às quais não corresponde, na versão portuguesa, nem o Pretérito Imperfeito, nem o Pretérito Perfeito, são traduzidas recorrendo a uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito.<sup>15</sup> Um exemplo é a frase (43):

- (43) § Zum Glück war wenigstens die Kanne, in der Nella jetzt den Kaffee aufgoß, eine andere als damals, und es gab vieles, was unerbittlich daran erinnerte, daß die Zeit eine andere **war**. (hoh454)  
 § Felizmente, ao menos, a cafeteira que Nella agora utilizava era outra, e havia muita coisa que lembrava incisivamente que os tempos **tinham mudado**.

A versão portuguesa em que se integra a forma de Pretérito Mais-que-perfeito usada pelo tradutor tem uma interpretação muito semelhante à da frase original. Não se trata, assim, de uma tradução inadequada, embora pudesse igualmente ter sido utilizado um verbo correspondente ao do texto original no tempo verbal tendencialmente utilizado para traduzir verbos de estado no Präteritum, o Pretérito Imperfeito: *os tempos eram outros*. É de salientar que a opção por um tempo verbal diferente deste está associada ao emprego de um verbo de uma classe de 'aktionsart' diferente do verbo original, neste caso, *mudar*, um verbo de evento, em lugar do verbo de estado correspondente a *sein*, que neste contexto

<sup>14</sup> Note-se que o Pretérito Perfeito é a única forma verbal que cumpre estes requisitos, já que o verbo *ficar* no Pretérito Imperfeito (*ficava contente* e *ficava atravessado*, respectivamente) sugeriria uma leitura de repetição da situação, não constituindo uma tradução adequada.

<sup>15</sup> Considerando apenas as formas verbais portuguesas analisadas no presente trabalho.

seria *ser*. Trata-se de um padrão de tradução que revela semelhanças com outros presentes no corpus, e que será abordado na secção 4.2.7, adiante.

Mas há também no corpus outros casos de traduções de Präteritum por Pretérito Mais-que-perfeito, nos quais não existe uma variação da 'aktionsart' da tradução relativamente à do texto original. É o que sucede nos seguintes exemplos:

- (44) Aber er war nur einmal bei ihr gewesen, sauber war es bei ihr, so sauber wie Leo war: es roch nach Bohnerwachs, er **bekam** Kuchen und Kakao und Geld für die Straßenbahn, aber dann fing sie an, ihn auszufragen, und er sagte nichts und fuhr nie mehr zu ihr (...) <sup>hoh347</sup>  
 Mas ele só uma vez estivera em sua casa, uma casa limpa, tão limpa como Leo: cheirava a cera, **dera**-lhe bolos, cacau e dinheiro para o eléctrico, mas depois ela começou a fazer-lhe perguntas e ele não dizia nada e nunca mais lá foi, (...)
- (45) sie war jetzt alt, uralt erschien sie ihm, und doch war sie ihm noch jung erschienen, als »es« im Krankenhaus weggemacht worden war, und als Leo zum erstenmal mit ihr **tanzte**. <sup>hoh274</sup>  
 ela era agora velha, parecia-lhe velhíssima, e, no entanto, parecera-lhe ainda jovem quando «aquilo» fora eliminado no hospital e quando Leo **dançara** com ela pela primeira vez.

No primeiro caso, temos no texto original um 'flashback' narrativo iniciado por uma forma de Plusquamperfekt (*war gewesen*), no desenvolvimento do qual o autor volta de imediato a usar o Präteritum (*roch, bekam...*). A opção do tradutor parece ir no sentido de tornar mais coerente a sequência do flashback, continuando a usar o Pretérito Mais-que-perfeito por mais algumas frases. Quanto ao exemplo (45), trata-se uma coordenação de duas construções com *als / quando*, que, no texto original, apresentam duas formas verbais diferentes, uma de Plusquamperfekt e uma de Präteritum, e, mais uma vez, a opção do tradutor por usar a mesma forma verbal em ambas as orações parece constituir um esforço em prol da coerência do texto. Também este padrão de tradução não constitui um caso isolado, nomeadamente no contexto de construções com *als (quando)*, que serão analisadas na secção 4.5.

### 2.3.4 Präteritum => Presente

Encontra-se ainda no corpus uma percentagem mínima de formas de Präteritum traduzidas para português com formas de Presente, entre as quais a que está destacada na frase seguinte:

- (46) Schön war das Kino, gut war es dort, warm. Niemand sah einen, niemand konnte mit einem sprechen, und man konnte, was man sonst nicht **konnte**: vergessen. (<sup>hoh249</sup>)

§ O cinema era magnífico, e sabia bem estar lá, com a sua temperatura cálida. Ninguém nos via, ninguém nos vinha falar, e ali conseguia-se o que, de outro modo, não se **consegue**: esquecer.

Trata-se de um passo em discurso indirecto livre, é a apreciação da personagem relativamente ao cinema que está a ser relatada, e no texto original esta perspectiva mantém-se em toda a frase, incluindo a última forma verbal. Essa perspectiva poderia ser reproduzida em português conjugando o último verbo no Pretérito Imperfeito: *ali conseguia-se o que, de outro modo, não se conseguia*. Ao escolher uma forma de Presente – formas que, neste texto, no discurso do narrador, são raríssimas –, o tradutor torna esta afirmação genérica válida no momento da enunciação, em lugar de a manter no tempo passado em que se encontram as restantes orações deste período, e que corresponde à perspectiva mais estrita da personagem.

## 2.4 Traduções de Perfekt

Embora seja, de entre as formas verbais alemãs analisadas no presente trabalho, aquela que ocorre com menor frequência no corpus, o Perfekt revela uma versatilidade apreciável, pois é a forma que surge com correspondências de tradução mais variadas. Tal como sucede com o Präteritum, as duas correspondências de tradução preferenciais para o Perfekt são o Pretérito Imperfeito e o Pretérito Perfeito, sendo que, no caso do Perfekt, as formas predominantes na versão portuguesa são as de Pretérito Perfeito (cf. o quadro (19), acima).

### 2.4.1 Perfekt => Pretérito Imperfeito

Também no caso do Perfekt aparenta ser válida a tendência constatada na secção 2.3.1, acima, a propósito das traduções de Präteritum, para traduzir verbos de estado por formas de Pretérito Imperfeito (cf. (47)), sendo os verbos de eventos traduzidos do mesmo modo apenas quando recebem uma leitura de repetição ( cf. (48)):

- (47) »Sie sind ein schöner Mensch. **Haben** Sie das **gewußt**? « (Umi TM91)  
«Tem umas belas feições. **Sabia?** »
- (48) >**Hat** jeden Fehler **verbessert**, so war der!< (ur463)  
" **Corrigia** os erros todos, ele era assim!"

Caso este último verbo recebesse, no texto original, uma leitura episódica, referente a uma única situação de correcção de diversos erros, ou à correcção de um único erro, julgo que

não seria o Pretérito Imperfeito a forma escolhida para a versão portuguesa, mas antes o Pretérito Perfeito: *corrigiu o(s) erros(s todos)*.

### 2.4.2 Perfekt => Pretérito Perfeito

Essa mesma tendência para traduzir verbos de evento no Perfekt em leitura episódica por formas de Pretérito Perfeito é confirmada por frases como as seguintes:

- (49) Mit zweiundzwanzig **habe** ich **geheiratet**. (Umi TM235)  
**Casei-me** com vinte e dois anos.
- (50) § Dieser farbliche Gleichklang **hat** ihn närrisch **gemacht**: »Welch leise Übereinkunft! <sup>ur29</sup>  
 Esta sintonia cromática **pô-lo** doido: “Que entendimento mudo!

Já no que diz respeito à preferência pelo Pretérito Imperfeito para traduzir verbos de estado, encontramos no corpus diversos exemplos que a contrariam, como os que cito em seguida:

- (51) (...) in Sankt Trinitatis, wo Strauch gegen Ende des siebzehnten Jahrhunderts Pfarrer **gewesen ist**, (...) (ur153)  
 (...) na igreja da Santíssima Trindade, onde Strauch **foi** pároco nos finais do século dezassete, (...)
- (52) Juden sind gemordet worden, weil sie Juden waren, nur Opfer **sind** sie **gewesen**, (...) (Umi TM280)  
 Houve judeus que foram assassinados só por serem judeus, **foram** vítimas tão-somente, (...)

Pelo menos no primeiro destes exemplos, parece possível substituir a forma de Pretérito Perfeito da tradução por uma forma de Pretérito Imperfeito (*era pároco*) sem alteração significativa do sentido da frase, e o mesmo pode dizer-se de outros exemplos do corpus, como o seguinte, onde poderia trocar-se a forma *pensei* por *pensava*:

- (53) § Damals, nach 45, **habe** ich auch **gedacht**, die Welt sei geschieden, und für immer, in Gute und Böse, aber die Welt scheidet sich jetzt schon wieder und wieder anders. (Umi TM201)  
 § Naquela altura, depois de 45, também eu **pensei** que o mundo se tinha dividido, e para sempre, em Bons e Maus, mas o mundo está já a dividir-se de novo e sempre de maneira diferente.

Casos como estes sugerem que a influência exercida pela 'aktionsart' do predicado do texto original sobre a selecção do tempo verbal da tradução é mais complexa do que o princípio geral enunciado no início desta secção. É ao estudo dessa influência que será, por isso,

dedicada grande parte do capítulo 4 do presente trabalho (sobre as traduções de Perfekt, cf. a secção 4.2.3).

### 2.4.3 Perfekt => Pretérito Perfeito Composto

São traduções de formas de Perfekt as duas únicas ocorrências de Pretérito Perfeito Composto no corpus:

- (54) Ich weiß dies, weil mein Großvater dort das Leder für unsere Schuhe zu kaufen pflegt und mir oft **erzählt hat**, wie bequem es für ihn sei, den beschwerlichen Weg über die Gasse zu ersparen.« (LE149)  
Sei isto, porque o meu avô costuma comprar lá o couro para os nossos sapatos e muitas vezes me **tem contado** o jeito que lhe dá poupar o trabalho de ir pela rua».
- (55) Ach, wir sollten trotzdem heiraten – (...) und eines Tages vielleicht würde das, was man bisher Liebe **genannt hat**, vielleicht wie ein plötzlicher Regen, wie ein Gewitter über uns kommen. (hoh527)  
Ah, apesar de tudo deveríamos casar – (...) e talvez um dia aquilo a que até agora se **tem chamado** amor viesse como um aguaceiro súbito, como uma tempestade.

Uma quantidade de dados tão reduzida não permite, obviamente, tirar conclusões. Assim, o Pretérito Perfeito Composto será descrito no capítulo 3, mas não será objecto de análise a partir dos dados do corpus, sendo apenas focado num aspecto específico na secção 4.4.2.

### 2.4.4 Perfekt => Presente

Esta é a correspondência de tradução menos frequente em todo o corpus, com apenas uma ocorrência:

- (56) (...) zu solcher Mittagsstunde, in der die Familien, soweit sie nicht auf dem Felde draußen sind, sich um den Tisch **versammelt haben**, während die Hunde, den Bissen erwartend, daneben sitzen (...) (LE28,1)  
(...), nessa hora do meio-dia em que as famílias, se não estão lá fora nos campos, se **acham** reunidas em torno da mesa, enquanto os cães, à espera do naco que lhes pertence, ficam sentados ao lado (...)

O tradutor optou por usar uma forma de Presente, *acham-se reunidas*, possivelmente para poder descrever uma situação que se sobrepõe no tempo à da oração subordinada introduzida por *enquanto (ficam sentados)*, e com esta solução conseguiu obter uma frase com um significado muito semelhante ao do texto original. Para além de ostentar um tempo verbal diferente da forma habitualmente usada para traduzir o Perfekt, que, para um verbo de evento como *sich versammeln (reunir-se)*, seria o Pretérito Perfeito, a versão

portuguesa de (56) apresenta também uma alteração de 'aktionsart' relativamente ao texto original: é usado um verbo estativo, *achar-se*, em lugar do verbo de evento correspondente ao do texto original, que seria *reunir-se*. Este é o mesmo tipo de variação relativamente ao texto original que encontramos já em outros exemplos desta secção (cf. (27), (28) e (43), acima), e será objecto de análise na secção 4.2.7.

#### 2.4.5 Perfekt => Pretérito Mais-que-perfeito

Esta correspondência de tradução é quase tão pouco frequente no corpus como a anterior, encontrando-se duas das suas três ocorrências no passo seguinte:

- (57) War das schon der zündende Satz? Oder blieb ihr Friedhofsgespräch weiterhin von abgeräumten Grabsteinen beschwert? Mein ehemaliger Mitschüler, der seinen Doktor **gemacht** und es bis zum Professor **gebracht hat**, Reschke, dieser Zunftmeister erhabener Rede, überliefert mir zwar eine Galerie gereihter Stimmungsbilder (...) (ur261)  
 § Já seria esta a frase luminosa? Ou terá a conversa deles sobre cemitérios continuado sob o peso das lápides removidas? O meu antigo discípulo, que **fizera** um doutoramento e **tinha chegado** a professor universitário, o Reschke, este mestre do discurso erudito, é certo que me transmite uma galeria de impressões alinhavadas – (...)

Em ambos os casos, e sem qualquer mudança de aktionsart, a tradução por uma forma de Pretérito Perfeito seria igualmente correcta e provavelmente mais fiel ao original. No texto original, a frase que contém as formas em causa faz um corte no texto, uma transição da narração da conversa sobre cemitérios entre as personagens para um comentário do narrador sobre a sua própria actividade de (re)construir a narração, a partir do relato que lhe foi enviado pelo seu antigo discípulo. Essa transição é marcada por uma mudança de tempo verbal, de Präteritum para Perfekt. Na versão portuguesa, em vez desse corte, temos uma sensação de continuidade, pois a opção da tradutora pelo Pretérito Mais-que-perfeito estabelece uma relação temporal de anterioridade entre os eventos referidos e o momento da conversa, informação não contida neste passo do texto original. Seria possivelmente uma opção de tradução legítima, mas a continuação da frase com uma forma de Presente torna-a algo estranha, pois efectua de um modo que me parece demasiado brusco a transição entre a narração e o comentário do narrador, que no original ocorre no início da frase.

## 2.5 Traduções de Plusquamperfekt

Ao contrário das traduções de Präsens, as de Plusquamperfekt não se concentram massivamente na forma verbal que aparentemente lhe corresponde no sistema português, o Pretérito Mais-que-perfeito. Começaremos por observar esses casos, mas daremos em seguida atenção especial à proporção significativa de traduções com formas de Pretérito Imperfeito (14,79%), de acordo com o quadro (19), acima).

### 2.5.1 Plusquamperfekt => Pretérito Mais-que-perfeito

Examinem-se alguns exemplos desta correspondência de tradução:

- (58) Er **hatte** Steckel, bevor Steckel emigrieren mußte, gut **gekannt**, war wieder Steckels bester Freund, nicht nur weil der bald nach 1945 für ihn **gebürgt** und ihn ans >Tagblatt< **zurückgeholt hatte**, sondern (...) (Umi TM83)  
**Dera-se** muito com o Steckel antes de o Steckel ter de ir para o exílio, agora era outra vez o melhor amigo de Steckel, não só porque este se **tinha responsabilizado** por ele logo depois de 1945 e o **tinha chamado** de novo ao *Tagblatt*, mas também (...)
- (59) Zuerst **war** sie Nonne **gewesen**, aber dann **hatte** sie **geheiratet**, der Mann **war gestorben**, und sie **hatte** noch einmal **geheiratet**, (...) (hoh+1260)  
 Primeiro **fora** freira, mas depois **casara**; o marido **morrera**, e ela **tornara a casar**, (...)

Ao contrário do que tínhamos observado nas traduções de Präteritum e Perfekt, verificamos que tanto às formas de verbos de estado (*hatte gekannt / dera-se bem e war gewesen / fora*) como às de verbos de evento (*hatte geheiratet / casara e war gestorben / morrera*), todos eles em leitura episódica, corresponde na versão portuguesa um mesmo tempo verbal, o Pretérito Mais-que-perfeito. Este padrão de tradução parece, assim, ser totalmente condicionado pelo tempo verbal do texto original, não sendo visíveis restrições na selecção do tempo verbal da versão portuguesa associadas à 'aktionsart' dos predicados do texto original.

### 2.5.2 Plusquamperfekt => Pretérito Imperfeito

Entre as formas de Plusquamperfekt traduzidas por Pretérito Imperfeito, encontramos casos como os seguintes:

- (60) Rai hatte ihm nur wenige Briefe geschrieben, vielleicht zehn, aber er wußte, daß er sie mit einer Hanfschnur **umwickelt** und in dieser Kiste versteckt **hatte**. (hoh+679)

§ Rai poucas cartas lhe escrevera – talvez umas dez – mas lembrava-se de que **se encontravam** atadas com um fio de cânhamo e que as tinha guardado naquele baú.

- (61) sie **hatte** sich jetzt ganz **zusammengekrümmt** und schien eine Stellung gefunden zu haben, die weniger schmerzhaft war (hoh+1002)  
**Estava** agora toda dobrada; parecia ter encontrado uma posição em que as dores eram menores.

Trata-se de verbos de evento alemães no Plusquamperfekt que poderiam ser traduzidos pelos verbos correspondentes em português no Pretérito Mais-que-perfeito, *umwickelt hatte* por *tinha atado*, em (60), e *hatte sich zusammengekrümmt* por *tinha-se encolhido* ou *tinha-se dobrado*, em (61). No entanto, não foi esta a opção de tradutor, que conseguiu formular uma frase com um significado semelhante ao do texto original usando formas de Pretérito Imperfeito de verbos de estado, *encontravam-se* e *estava*. Este padrão de tradução, que se baseia na interacção entre tempo verbal e 'aktionsart' da versão portuguesa, é semelhante ao que encontramos acima em (27), (28), (43) e (56), e será abordado na secção 4.2.7.

Mas existem no corpus exemplos de traduções de Plusquamperfekt por Pretérito Imperfeito que não apresentam as mesmas características, como o seguinte:

- (62) Gert **war** jung **gewesen**, dunkelhaarig, und **hatte** das Mensch-ärgere-dich-nicht und das Fang-den-Hut-Spiel nicht **verachtet**. (hoh296)  
 Gert **era** novo, de cabelo escuro, e não **desdenhava** brincar ao não-te-zangues e ao agarra-o-chapéu.

Neste caso, os verbos usado na tradução são os verbos estativos correspondentes aos do texto original, *ser* para *sein* e *desdenhar* para *verachten*, mas o tempo verbal escolhido não segue a tendência dominante, que observámos na secção anterior. Na verdade, o tradutor não tinha outra opção senão utilizar uma forma de Pretérito Imperfeito, uma vez que, no caso dos predicados *jung sein* (*ser novo*) e *dunkelhaarig sein* (*ter o cabelo escuro*), o Pretérito Mais-que-perfeito não seria aceitável, e no caso de *verachten* (*desdenhar*) a forma de Pretérito Mais-que-perfeito *desdenhara* receberia uma interpretação diferente da do texto original, já que descreveria uma atitude tomada numa situação específica, e não uma característica geral da personagem. Assim, e mesmo não existindo aparentemente restrições de 'aktionsart' à tradução de Plusquamperfekt por Pretérito Mais-que-perfeito, parece haver alguns condicionamentos que se prendem com a interpretação de pelo menos alguns verbos estativos. O mesmo se verifica, por vezes, no caso dos verbos de evento em leitura de repetição, como o seguinte:



- (63) Und er begriff, warum er Angst vor ihr hatte, wenn sie zu beschreiben anfing, wie zu Hause Kaninchen **geschlachtet worden waren**. (hoh+1115)  
 E quando ela começava a contar como **se matavam** os coelhos lá em casa, compreendia a razão do medo que dela tinha.

A opção do tradutor pela forma de Pretérito Imperfeito é justificada, já que uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito não garantiria a leitura de repetição que a forma do texto original recebe: trata-se do modo como habitualmente eram mortos os coelhos, e não do modo como tinha sido morto um conjunto específico de animais em determinada ocasião. A forma de Pretérito Imperfeito usada em (63) assegura essa leitura de habitualidade, embora tenha a desvantagem de não transmitir a informação, veiculada pelo Plusquamperfekt do texto original, de que a situação em causa se situa num intervalo passado anterior a outro intervalo passado. Esta e outras questões relacionadas com a tradução de formas de Plusquamperfekt serão abordadas na secção 4.2.4, e ainda na secção 4.3.5.

### 2.5.3 Plusquamperfekt => Pretérito Perfeito

Uma parte das frases onde encontramos esta correspondência de tradução é do tipo do exemplo seguinte:

- (64) Er erschrak, als der Junge sich aus dem Bett **geschwungen** und **hingestellt hatte**: er war so groß wie alles, an dem Nella vorbeiträumen wollte. (hoh637)  
 § Sobressaltou-se quando o rapaz, com um impulso do corpo, **saiu** da cama e se **levantou**: estava tão grande como tudo aquilo que Nella desejava esquecer nos seus devaneios.

Trata-se de construções com *als* (*quando*) contendo formas de Plusquamperfekt para as quais não é aceitável uma tradução por Pretérito Mais-que-perfeito, que serão analisadas no presente trabalho, em conjunto com outras em que o Plusquamperfekt pode ser traduzido por Pretérito Mais-que-perfeito, numa secção dedicada a esse tipo de estruturas (cf. 4.5.2).

Outras ocorrências de Pretérito Perfeito como tradução de Plusquamperfekt no corpus podem ser ilustradas pelos seguintes exemplos:

- (65) Oder Haderer zum Beispiel hatte im ersten Krieg die höchsten Auszeichnungen erhalten, und man erzählt sich noch, daß er damals von Hötendorf mit einer Mission **betraut worden war**, die große Kühnheit erfordert hatte. (Umi TS156)  
 Ou Haderer, por exemplo, que tinha sido distinguido com as maiores condecorações na primeira guerra, e de quem se conta ainda que Hötendorf lhe **confiou** uma missão que exigia grande audácia.

- (66) Seine Eltern hatten eine Kneipe gehabt und waren nie vor drei, vier Uhr ins Bett gekommen, und seine ganze Kindheit lang **war** er morgens durch vollgerauchte Gastzimmer in die leere und große Küche **gegangen**. (hoh624)  
Os seus pais tinham sido donos de uma taberna e nunca iam para a cama antes das três ou quatro da madrugada; e toda a sua infância ele se **levantou** de manhã cedo, atravessando o salão cheio de fumo para se dirigir à grande cozinha vazia, (...)

Não há aqui nem construções com *als* (*quando*), como no exemplo anterior, nem alternâncias sistemáticas de 'aktionsart' e tempo verbal com equivalência de significado, como noutros exemplos observados acima, mas simplesmente a substituição do valor de anterioridade a um tempo passado, no texto original, por um valor de anterioridade ao tempo da enunciação, na tradução. Num caso como (65), talvez a forma de Präsens na oração principal tenha condicionado a escolha da tradutora, cujo resultado acaba por não ser muito diferente nem menos coerente do que o texto original, mas o mesmo não se pode dizer de (66), onde a tradução resulta bastante pior do que o original, e do que resultaria se a opção tivesse sido usar o Pretérito Mais-que-perfeito.

## 2.6 Conclusão

Ao longo das últimas secções fui apresentando e comentando exemplos das diversas opções de tradução atestadas no corpus para cada um dos tempos verbais alemães em análise, em busca de indicações quanto aos factores que determinam a decisão do tradutor quanto à forma verbal a utilizar. Para além das características dos próprios tempos verbais, portugueses e alemães, tornou-se evidente em muitos dos exemplos considerados a importância da 'aktionsart' do predicado do texto original, em interacção com essas mesmas características, sendo também relevante a 'aktionsart' do verbo escolhido para a versão portuguesa, muitas vezes em consonância com a do texto original, mas, por vezes, exibindo alterações consideráveis. Em alguns casos, nomeadamente no de (41) e (42), acima, foi também visível a importância de relações de tipo causal entre as situações referidas por predicados inseridos numa sequência discursiva. Por fim, em exemplos como (33) e (34), foi também notada a influência que a presença de determinadas expressões adverbiais temporais pode ter na interpretação do texto original e, conseqüentemente, na selecção do tempo verbal da versão portuguesa. Os conceitos e subsistemas linguísticos que serão abordados no capítulo 3, considerando as especificidades de cada uma das línguas em causa, são precisamente aqueles onde se inserem os elementos que acabei de referir: tempos verbais, 'aktionsart', relações discursivas e expressões adverbiais de tempo.

## Capítulo 3 – Conceitos e subsistemas linguísticos relevantes

O presente capítulo é dedicado à apresentação dos conceitos e à descrição dos subsistemas linguísticos que a primeira análise do corpus, levada a cabo no capítulo 2, indicou serem relevantes para a selecção do tempo verbal usado na tradução das formas verbais alemãs em estudo. Começo pela 'aktionsart', expondo na secção 3.1 os conceitos fundamentais que servirão de base à minha análise, acompanhados de exemplos relativos a ambas as línguas. A secção 3.2 será dedicada à descrição de todos os tempos verbais em análise, com a apresentação e discussão de propostas anteriores e de dados essenciais para cada um deles e também com algumas observações relativas à comparação entre as duas línguas. Na secção 3.3, começo por mostrar a importância das relações discursivas para a interpretação dos tempos verbais expondo o caso do Präteritum, e apresento em seguida um conjunto de relações discursivas que se revelam pertinentes no âmbito temporal, passando depois a explorar a sua interacção com as formas verbais em estudo. O capítulo encerra com a secção 3.4, que é dedicada às expressões adverbiais de tempo e ao modo como elas influenciam a interpretação dos tempos verbais em análise.

### 3.1 'Aktionsart'

O termo 'aktionsart' será utilizado neste trabalho de acordo com autores como Kamp e Reyle (1993) e Peres (1993, 1995), mas onde outros autores usam a designação 'aspecto': por exemplo, "predicational aspect" em Borillo *et al.* (2003) e "Situationsaspekt" em Dölling (2001), este último com base na designação "situation aspect" de Smith (1991). Embora o adjectivo aspectual surja no presente texto, referindo-se ao âmbito da 'aktionsart', evito empregar o termo 'aspecto', devido à amplitude e à disparidade que têm caracterizado o seu uso na bibliografia linguística. Este termo tem a sua origem na tradução de uma palavra russa (*vid*), que significa visão ou vista, e foi primeiramente utilizado no estudo das línguas eslavas para designar uma categoria gramatical do verbo em que se opõem os valores de 'situação completa' e 'situação incompleta' (em geral designados 'perfectivo' e 'imperfectivo'), sendo digno de nota que, mesmo nesse âmbito, não é pacífica a definição e circunscrição dos conceitos em causa (cf. Schwall 1991). Posteriormente, o termo 'aspecto' foi sendo aplicado a outras línguas e o seu significado tornou-se muito mais vasto, como testemunha, por exemplo, a definição formulada em

Dowty (1979: p. 52): "*Aspect* is distinguished from *tense* from the point of view of semantics in that tenses (...) serve to relate the time of a situation described to the time of speaking (as in past, present and future tenses), whereas aspect markers serve to distinguish such things as whether the beginning, middle or end of an event is being referred to, whether the event is a single or a repeated one, and whether the event is complete or possibly left incomplete". A isto o autor acrescenta ainda "semantic differences inherent to the meanings of the verbs themselves [that] cause them to have differing interpretations when combined with [...] aspect markers", diferenças essas que são englobadas no significado do termo 'aspecto' justamente devido a esta interação com os marcadores aspectuais. Torna-se difícil lidar com um conceito com esta extensão, do qual parece ficar excluída apenas a função de localização associada ao tempo verbal (cf. também as definições de aspecto de Comrie (1976) e de Smith (1991)). Há autores que criticam este conceito por englobar fenómenos tão diversos e que propõem concepções teóricas alternativas, como Klein (1994: p. 15ss), outros que optam simplesmente por redefinir o conceito de aspecto de acordo com a sua própria teoria, como Kamp e Reyle (1993: p. 556), e outros ainda que preferem falar de uma área da 'aspectualidade', distinguindo dentro dela subáreas específicas que podem não incluir nenhuma com a designação de aspecto, como Schwall (1991: p. 101) e Andersson (2004: p. 6).

A diversidade e confusão no uso do termo é de tal ordem que é possível encontrar na bibliografia relativa à língua alemã posições diametralmente opostas relativamente ao lugar do aspecto nessa língua: há autores que dizem que o alemão não tem aspecto (por exemplo Thieroff (1992: p. 78), Andersson (2004: p. 3), Ballweg (2004: p. 71)) – querendo com isto referir-se a valores marcados sistematicamente por formas verbais, e não negando outras possibilidades de exprimir valores de tipo aspectual num sentido lato – e, por outro lado, há teorias que caracterizam justamente as formas verbais alemãs ou pelo menos algumas delas com base em valores aspectuais, entre outros (por exemplo, Herweg (1990: p. 180ss), e Löbner (1988, 2002)). Como foi exposto no capítulo 1, a posição adoptada no presente trabalho é a de que existem vários subdomínios da significação associados ao tempo, distribuindo-se os valores muitas vezes designados como aspectuais por alguns desses domínios, designadamente a 'aktionsart', a localização temporal e a expressão de padrões de repetição das situações.

Retomando a questão da terminologia, devo dizer que também no uso do termo 'aktionsart' se registam divergências. Ele terá começado a ser usado num sentido claramente distinto do de 'aspecto' em Agrell 1908 (p. 78, apud Schwall (1991: p. 17)), um

estudo sobre a língua polaca, para designar "Bedeutungsfunktionen der Verbalkomposita (sowie einiger Simplicia und Suffixbildungen), die genauer ausdrücken wie die Handlung vollbracht wird, die Art und Weise ihrer Ausführung markieren". De acordo com esta definição, mas aplicado ao alemão, o termo 'aktionsart' surge com duas acepções. Na primeira, refere-se ao uso de morfemas de formação de palavras que originam novos verbos alterando o modo como a situação referida se desenvolve no tempo, e criando contrastes como os que existem entre *laufen* e *anlaufen*, *streichen* e *streicheln* (cf., por exemplo, Zifonun *et al.* (1997: p. 1860s). A segunda acepção em que o termo 'aktionsart' é usado é mais vasta, diz respeito à informação sobre o desenvolvimento (temporal e não só) da situação associada a um verbo, derivado ou não (cf., por exemplo, Helbig e Buscha (1991), e Steinitz (1981), que compara as duas acepções do termo e a sua aplicação ao alemão). É neste segundo sentido, e englobando não apenas a informação contida nos verbos mas também aquela que provém de outros elementos presentes nas frases, que o termo 'aktionsart' é usado no presente trabalho,<sup>16</sup> com base em conceitos que serão apresentados nesta secção e desenvolvidos nas seguintes.

Uma frase – por exemplo, *O Afonso está triste* – está sempre associada a uma determinada situação real. Independentemente das entidades envolvidas nessa situação concreta – neste caso apenas uma, designada por *o Afonso* –, há uma parte da frase, a expressão predicativa – neste caso, *está triste* –, que nos permite identificar o tipo de situação em causa. Cada tipo de situação é caracterizado por determinadas propriedades, algumas das quais dizem respeito aos intervenientes requeridos e às suas características: uma situação do tipo de *estar triste* admite apenas um (ou um conjunto de) interveniente(s), que terá de ser humano ou pelo menos animado. Outras propriedades dos tipos de situação dizem respeito ao modo como essa situação se desenvolve no tempo: a expressão predicativa *estar triste*, por exemplo, identifica situações que se prolongam por mais do que um momento no tempo. São propriedades como esta última que são abrangidas pelo conceito de 'aktionsart', sendo com base nelas que se poderão distinguir tipos de situação pertencentes a diferentes classes de 'aktionsart' e os tipos de expressão predicativa correspondentes. Não é fácil determinar que propriedades relativas ao desenvolvimento temporal das situações são mais relevantes para distinguir diferentes

---

<sup>16</sup> É de referir ainda que, no âmbito da linguística germanística, outra designação relativamente comum para o mesmo conceito é a de 'Verbalcharakter' (cf., por exemplo, Zifonun *et al.* 1997).

classes de 'aktionsart'. Há propostas diversas na bibliografia,<sup>17</sup> e, de entre as propriedades sugeridas, considerarei nas secções seguintes quatro que são mencionadas com grande frequência: telicidade (3.1.1), pontualidade (3.1.2), homogeneidade (3.1.5) e dinamismo (3.1.6).

As propriedades dos diferentes tipos de situação reflectem-se no comportamento das respectivas expressões predicativas quando combinadas com determinados elementos linguísticos ou inseridas em certos contextos. Assim, e em paralelo com as propriedades discutidas nas secções seguintes, apresentarei em 3.1.3 e 3.1.7 testes distribucionais adequados para distinguir, em cada uma das línguas em estudo, expressões predicativas que referem situações caracterizadas (ou não) pelas propriedades em causa.

Em seguida, será abordada a questão da influência que outros elementos presentes numa frase, para além do verbo principal, exercem sobre o tipo de situação referido por essa frase, com destaque para os argumentos verbais (cf. 3.1.9, 3.1.10) e para os verbos de operação aspectual, sendo dedicada a estes últimos toda a parte final da secção (cf. 3.1.11 e 3.1.12).

### 3.1.1 A propriedade da telicidade ou terminatividade

A telicidade ou terminatividade é provavelmente a propriedade mencionada com maior frequência como critério para distinguir diferentes tipos de situação. Remonta a observações feitas por Aristóteles<sup>18</sup> e tem sido (re)definida e (re)nomeada por diversos autores, como afirma Thieroff (1992: pp. 25s), que apresenta uma lista de termos que foram sendo usados e respectiva origem. Este autor opta por utilizar as designações 'telisch / atelisch', tradução para alemão dos termos 'telic / atelic' de Garey (1957). Neste trabalho usarei igualmente os termos 'télico / atélico', mas recorrerei também à designação 'terminativo', proposta por Peres (2003: p. 201), que tem a vantagem de ser mais transparente.

São exemplos de situações terminativas ou télicas aquelas que são referidas por expressões como *ler o livro / das Buch lesen* ou *encontrar (algo ou alguém) / (j-n / etwas) finden*, pois têm uma duração intrinsecamente limitada, sendo o seu limite ou ponto de culminação, respectivamente, o momento em que o livro acaba de ser lido e o momento em

<sup>17</sup> Entre as referências bibliográficas básicas sobre a distinção entre classes de 'aktionsart' contam-se Vendler (1967), Dowty (1979), Mourelatos (1981), Bach (1981), Moens (1987) e Kamp e Reyle (1993). A adaptação dos critérios de distinção ao português segue basicamente Peres (2003). Para o alemão apoio-me em parte na síntese de Thieroff (1992).

<sup>18</sup> Veja-se Klein (1994 p. 14) e Dowty (1979: p. 53).

que o objecto ou pessoa é encontrado. Por outro lado, situações como as referidas por *chorar / weinen*, ou *morar / wohnen*, não contêm nenhum limite ou ponto de culminação desse tipo, sendo por isso consideradas não-terminativas ou atélicas. Esta diferença reflecte-se no comportamento destas expressões em testes distribucionais que apresentarei depois de definir a propriedade da pontualidade, uma vez que o resultado desses testes reflecte as características das situações em termos de telicidade, mas em articulação com o seu carácter pontual ou durativo.

### 3.1.2 A propriedade da pontualidade

A propriedade da pontualidade (ou o seu oposto, a duratividade) permite distinguir entre si as situações télicas mencionadas na secção anterior: *ler o livro / das Buch lesen* e *encontrar (algo ou alguém) / (j-n / etwas) finden*. Esta última é considerada uma situação pontual por ser constituída exclusivamente pelo ponto que coincide com o seu limite, enquanto a primeira é uma situação não-pontual ou durativa, já que contém não só um ponto terminal ou culminação, mas também um processo preparatório que a ele conduz.<sup>19</sup> Na tipologia clássica de Vendler (1967), no primeiro caso temos um 'achievement' e no segundo um 'accomplishment'. Relativamente às situações atélicas mencionadas acima (*chorar / weinen* e *morar / wohnen*), ambas são durativas.<sup>20</sup>

### 3.1.3 Testes distribucionais

Um teste distribucional eficaz, tanto em português como em alemão, para distinguir entre situações pontuais e durativas, e também entre situações télicas e atélicas, consiste na combinação dos respectivos predicados com formas de indicar a duração das situações, ou de perguntar por essa duração. Observem-se as seguintes frases, contendo os exemplos de predicados télicos<sup>21</sup> acima referidos:

<sup>19</sup> A noção de que o esquema de base para a estruturação dos eventos é um núcleo composto por processo preparatório, culminação e estado consequente provém de Moens (1987).

<sup>20</sup> As combinações que resultam do cruzamento das duas propriedades consideradas até ao momento são, pois, as de situações télicas pontuais, télicas durativas e atélicas durativas. No entanto, existem autores como Moens (1987: p. 43), que, não operando com o conceito de telicidade mas com uma distinção, relacionada com essa, entre situações com e sem estado consequente, defendem a existência de quatro possibilidades de combinação entre essa propriedade e a da pontualidade: por um lado, situações durativas, com estado consequente (p. ex. *construir uma casa*, adaptando os exemplos de Moens ao português) e sem estado consequente (p. ex. *correr*), e, por outro lado, situações pontuais, com estado consequente (p. ex. *ganhar a corrida*) e sem estado consequente (p. ex. *piscar o olho*)

<sup>21</sup> A telicidade é, na verdade, uma propriedade das situações referidas por estes verbos. No entanto, por uma questão de facilidade, e dado que as características das situações estão relacionadas com as das expressões

- (67) Quanto tempo é que a Ana levou a ler o livro?  
A Ana levou duas horas a ler o livro. / A Ana leu o livro em duas horas.
- (68) Wie lange hat Anna gebraucht, um das Buch zu lesen?  
Anna hat zwei Stunden gebraucht, um das Buch zu lesen. / Anna hat das Buch in zwei Stunden gelesen.<sup>22</sup>
- (69) Quanto tempo é que a Ana levou a encontrar o anel?  
A Ana levou duas horas a encontrar o anel. / A Ana encontrou o anel em duas horas.
- (70) Wie lange hat Anna gebraucht, um den Ring zu finden?  
Anna hat zwei Stunden gebraucht, um den Ring zu finden. / ??Anna hat in zwei Stunden den Ring gefunden.

Verifica-se que estes predicados télicos são perfeitamente compatíveis com a pergunta *Quanto tempo levou x a / Wie lange hat x gebraucht zu*, bem como com a primeira resposta, *levou x tempo / hat x Zeit gebraucht*.<sup>23</sup> A segunda resposta é correcta nas duas línguas para a situação durativa *ler o livro / das Buch lesen*, mas para a situação pontual *encontrar o anel / den Ring finden* só é possível em português.

Existe ainda nas duas línguas uma outra diferença importante entre situações pontuais e durativas: no caso destas, a expressão adverbial indica a duração da situação referida pelo verbo, neste caso a leitura *do livro*, enquanto no caso de um predicado pontual como *encontrar (algo ou alguém) / (j-n / etwas) finden*, não é a situação pontual de encontrar o anel (ou den Ring finden) que dura *duas horas* – essa situação constitui apenas a fronteira final desse intervalo, que abrange igualmente o processo conducente à situação pontual, mas distinto dela, que é o processo de procurar o anel.

Os exemplos (71) a (74) mostram o resultado da combinação de predicados atélicos com as mesmas expressões adverbiais:

- (71) ?Quanto tempo é que o bebé levou a chorar?  
?O bebé levou duas horas a chorar. / ??O bebé chorou em duas horas.
- (72) ??Wie lange hat das Baby gebraucht, um zu weinen?  
??Das Baby hat zwei Stunden gebraucht, um zu weinen. / ??Das Baby hat in zwei Stunden geweint.
- (73) ?Quanto tempo é que a Ana levou a morar em Lisboa?

---

predicativas correspondentes, falarei a partir deste ponto tanto de situações como de verbos télicos e atélicos. O mesmo se aplicará às propriedades consideradas nas secções subsequentes.

<sup>22</sup> Relativamente à versão alemã, é importante referir que o que está em causa, aqui e nos exemplos seguintes, é a interpretação da situação como passada, e não a interpretação futura que algumas frases também poderão ter (cf. secção 3.2.2.4.1, abaixo). Essa interpretação futura é, para este exemplo, equivalente a *Anna wird das Buch gelesen haben / A Ana terá lido o livro*.

<sup>23</sup> O mesmo se passa com outras situações télicas, com excepção de algumas que têm uma duração fixa, como *correr as 24 horas de Le Mans* (cf. Mourelatos 1981: p. 202, que fala a este respeito de "passive accomplishments").



- ?A Ana levou um ano a morar em Lisboa. /??A Ana morou em Lisboa em um ano.
- (74) ??Wie lange hat Anna gebraucht, um in Lissabon zu wohnen?  
??Anna hat ein Jahr gebraucht, um in Lissabon zu wohnen. / ??Anna hat in einem Jahr in Lissabon gewohnt.

A maior parte das frases é bastante menos aceitável do que as dos exemplos (67) a (70), e as que poderão ser aceitáveis requerem que se imagine um contexto em que a situação em causa (*chorar / weinen, morar / wohnen*) se inicia ao fim de um determinado intervalo de tempo, sendo a duração desse intervalo (até *o bebé começar a chorar*, ou *a Ana mudar-se para Lisboa*), e não a da situação em si, que é medida.

Como acabámos de verificar, os exemplos (71) a (74) não exprimem adequadamente a duração da situação referida pelo verbo. De facto, a duração de uma situação atélica é expressa de outro modo, nomeadamente com as perguntas *Durante quanto tempo ...?* e *Quanto tempo / Wie lange...?*, e, nas frases afirmativas, com a indicação da quantidade de tempo (eventualmente sozinha ou) acompanhada da preposição *durante* e do advérbio *lang*, como se verifica nos exemplos seguintes.

- (75) (Durante) quanto tempo é que o bebé chorou?  
O bebé chorou (durante) duas horas.
- (76) Wie lange hat das Baby geweint?  
Das Baby hat zwei Stunden lang geweint.
- (77) (Durante) quanto tempo é que a Ana morou em Lisboa?  
A Ana morou em Lisboa (durante) um ano.
- (78) Wie lange hat Anna in Lissabon gewohnt?  
Anna hat ein Jahr lang in Lissabon gewohnt.

Por outro lado, a combinação das mesmas expressões adverbiais de duração com predicados télicos, ilustrada nos exemplos abaixo, ou é inaceitável – cf. (81), (82) e (79) sem a preposição – ou delimita a situação através de uma fronteira convencionada, que pode não coincidir com o seu limite intrínseco. De facto, ao usarmos as frases afirmativas de (79) e (80), é possível, se não mesmo provável, estarmos a referir-nos a um período de leitura que não equivale à leitura da totalidade do livro, mas só a uma parte, ou, em alternativa, à leitura repetida de um pequeno livro durante o período referido.<sup>24</sup>

- (79) (?Durante) ??quanto tempo é que a Ana leu o livro?  
??A Ana leu o livro (?durante) duas horas.

<sup>24</sup> Relativamente à versão alemã, refira-se que as frases de (80) ficariam perfeitamente aceitáveis se o predicado fosse *im Buch lesen* (literalmente, *ler no livro*), em vez de *das Buch lesen*, o que se explica pelo facto de esse ser um predicado atélico, que não implica a leitura total do livro. Veja-se a secção T3.1.9, sobre a influência do tipo de complemento nas propriedades do predicado.

- (80) ?Wie lange hat Anna das Buch gelesen?  
?Anna hat zwei Stunden lang das Buch gelesen.
- (81) (??Durante) ??quanto tempo é que a Ana encontrou o anel?  
??A Ana encontrou o anel (??durante) duas horas.
- (82) ??Wie lange hat Anna den Ring gefunden?  
??Anna hat zwei Stunden lang den Ring gefunden.

As expressões de duração que contêm as preposições *durante* / *lang* e as preposições *em* / *in* acompanhadas de indicações de quantidade de tempo têm, portanto, comportamentos diferentes perante predicados télicos e atélicos (cf. também a secção 3.4.1), razão pela qual são adequadas como critério para distinguir esses dois tipos de predicados.<sup>25</sup> O mesmo sucede com as perguntas usadas nos exemplos anteriores, (*durante*) *quanto tempo...?* / *wie lange...?* e *quanto tempo levou x a...?* / *wie lange hat x gebraucht zu...?*, mencionadas na bibliografia relativa à língua alemã (cf. Thieroff (1992: p. 27)), mas, tanto quanto pude verificar, ainda não utilizadas nos estudos acerca do português. No caso da língua alemã, há ainda autores que mencionam outros testes para distinguir predicados de acordo com as propriedades de telicidade e duratividade, designadamente Ehrich (1992: pp. 78ss), Thieroff (1992: pp. 25ss) e Tschirner (1991: pp. 105ss), por exemplo. No entanto, julgo que os testes paralelos para as duas línguas que apresentei nesta secção são suficientes para clarificar esta questão no contexto do presente trabalho.

O quadro abaixo resume as classes de 'aktionsart' que podem distinguir-se através das propriedades das situações e dos testes distribucionais aplicáveis aos respectivos predicados abordados até este ponto, indicando ainda a correspondência entre essas classes e a tipologia clássica estabelecida por Vendler (1967):

<sup>25</sup> Note-se ainda que as expressões de duração reproduzidas nas frases abaixo, de que Santos (1996: p. 151) se serve para argumentar contra uma distinção entre situações télicas e atélicas em português, por serem compatíveis com ambos os tipos de situação, são diferentes das consideradas nesta secção e não constituem argumentos válidos contra o que aqui é dito.

(a) Ele construiu a casa de Janeiro a Março.  
(b) Ele correu das duas às quatro.

(83) – Quadro: Distinção entre classes de 'aktionsart' com base nas propriedades da telicidade e pontualidade e na combinação com expressões de duração

Propriedades: Expressão da duração da situação:	+ télico (+ terminativo)		- télico (- terminativo)
	+ pontual (- durativo)	- pontual (+ durativo)	
<i>durante / lang</i>	-	-	+
<i>durante quanto tempo... / wie lange... ?</i>			
<i>em / in</i>	- <sup>26</sup>	+	-
<i>quanto tempo levou... ? / wie lange hat x gebraucht.. ?</i>			
Exemplos:	<i>encontrar (alg.) / (j-n/etwas) finden</i>	<i>ler o livro / das Buch lesen</i>	<i>chorar / weinen morar / wohnen</i>
Tipologia de Vendler	achievements	accomplishments	activities, states

### 3.1.4 Excurso sobre telicidade, pontualidade e duratividade em classificações de verbos nas gramáticas alemãs

Enquanto nas gramáticas da língua portuguesa geralmente não se apresenta uma classificação semântica de verbos no que diz respeito à 'aktionsart',<sup>27</sup> nas gramáticas da língua alemã é comum surgir uma ou até mais do que uma classificação desse tipo (veja-se também a secção 3.1.7). Sob rubricas como "Aktionsart" (Helbig e Buscha 1991: p. 72), "Aktionsart-Zeitliche Verlaufsweise" (1998: p. 90), "Aktionalität" (Flämig 1991: p. 377), ou "Geschehensablauf" (Engel 1988: p. 410), os verbos são divididos em dois grandes grupos, definidos com base na presença ou ausência de um limite temporal da situação, de uma forma que lembra as noções de telicidade e atelicidade acima descritas.<sup>28</sup> No entanto,

<sup>26</sup> Como já foi referido, a preposição *in* não é compatível com situações pontuais, mas tanto a expressão de duração correspondente em português, que contém a preposição *em*, como as perguntas respectivas nas duas línguas, *quanto tempo levou... ?* e *wie lange hat x gebraucht... ?*, apresentam o mesmo tipo de resultado em combinação com predicados télicos: o que se indica não é a duração da situação, mas do processo conducente a ela, daí o sinal negativo inscrito nesta quadrícula.

<sup>27</sup> Excepção feita a Mateus *et al.* 2003, onde se apresenta uma tipologia baseada em Moens (1987).

<sup>28</sup> Como se pode ver, a título ilustrativo, nas definições contidas em três gramáticas (veja-se Thieroff (1992: p. 21ss) para exemplos mais antigos):

(i) Helbig e Buscha (1991 p. 72): "*Durative Verben* (auch imperfektive Verben) bezeichnen den reinen Ablauf oder Verlauf des Geschehens, ohne daß etwas über Begrenzung und Abstufung, über Anfang

esta oposição parece ser pelo menos implicitamente identificada com a oposição entre pontualidade e duratividade, como sugerem as próprias designações dos dois grupos de verbos: por um lado, aqueles que são classificados como "imperfektiv" e/ou "durativ", e, por outro lado, aqueles que são classificados como "perfektiv" e/ou "terminativ" ou "punktuell" (cf. as definições citadas na nota anterior).

Também os exemplos dados sugerem a identificação entre telicidade e pontualidade: quase todos os exemplos de verbos da classe "perfektiv" são pontuais, até porque dentro desta classe são geralmente agrupadas subdistinções de 'aktionsart' como "ingressiv" ou "inchoativ" por oposição a "egressiv", e os verbos destas subclasses estas que são igualmente pontuais. Só duas das quatro gramáticas aqui referidas mencionam explicitamente uma subclasse de verbos pontuais ou momentâneos dentro da classe dos "perfektiv" (cf. Engel (1988: p. 410) e Duden (1998: p. 91)), dando noutras rubricas desta classe alguns exemplos de verbos não pontuais, como *besteigen* (*subir a algo*), *malen* (*Bild*) (*pintar (quadro)*), e *backen* (*fazer / cozer pão ou bolo(s)*)<sup>29</sup>, o que não impede que em Duden (1998) se designe como "durativ" a grande classe de verbos que se pretende distinguir desta.

Uma explicação para esta falta de distinção entre telicidade e pontualidade pode encontrar-se nos fenómenos gramaticais do alemão que se pretende explicar como reflexo destas classificações de verbos, nomeadamente a distribuição dos auxiliares *haben* e *sein* na formação do Perfekt, a utilização atributiva do Partizip II e a possibilidade de formação da passiva de estado. Pelo menos para os dois primeiros fenómenos, a distinção crucial é, de facto, entre verbos de mudança de estado, que são télicos e pontuais, e verbos atélicos, que não exprimem mudança. Além disso, os verbos transitivos comportam-se todos do mesmo modo, sendo portanto irrelevantes distinções entre verbos télicos e atélicos que se

---

und Ende des Geschehens ausgesagt wird [...] *Perfektive Verben* grenzen den Verlauf des Geschehens zeitlich ein oder drücken den Übergang von einem Geschehen zu einem anderen Geschehen aus "

(ii) Duden (1998 p. 91): "1. Verben, mit denen eine zeitliche Begrenzung ausgedrückt wird, nennt man perfektiv oder terminativ [...] 2. Verben, mit denen etwas als ohne zeitliche Begrenzung ablaufend, als unvollendet, als dauernd gekennzeichnet wird, nennt man imperfektiv oder durativ"

(iii) Flämig (1991 p. 37): "Man unterscheidet hauptsächlich zwei Verlaufsweisen:

– eine zeitlich nicht begrenzte Verlaufsweise (durativ, imperfektiv; [...])

– eine zeitlich begrenzte Verlaufsweise (punktuell, perfektiv; [...])"

<sup>29</sup> Este exemplo e as minhas tentativas de tradução do mesmo mostram que um verbo pode não ser, em si, télico ou atélico, dependendo dessa classificação dos respectivos complementos (cf. a secção T3.1.9, adiante). Um dos problemas das classificações semânticas de verbos apresentadas nestas gramáticas é precisamente o facto de serem apenas classificações de verbos, sem terem em conta os respectivos complementos, e de não poderem, portanto, tratar adequadamente muitos verbos durativos que podem ser télicos ou atélicos, como é o caso de *backen* e *malen* – daí que Thieroff (1992: pp. 32s) venha defender uma classificação, não de verbos, mas de situações.

manifestam muitas vezes precisamente entre os verbos transitivos, por influência dos respectivos complementos (cf. a nota 29 e a secção 3.1.9).

A confirmação de que as propriedades da telicidade e da pontualidade distinguidas no presente trabalho não se adequam, na realidade, a uma classificação de verbos que possa explicar fenómenos como a selecção do auxiliar do Perfekt em alemão encontra-se em Zifonun *et al.* (1997: pp. 1864ss). Nesta gramática procura-se determinar a influência da 'aktionsart'<sup>30</sup> na selecção do verbo auxiliar e recorre-se à noção de telicidade tal como a defini neste trabalho, sendo inclusivamente usado o teste distribucional da combinação com expressões adverbiais durativas. Mas, se a oposição entre predicados atélicos e predicados télicos pontuais – que corresponde à distinção binária que constava das outras gramáticas já mencionadas – se mostra efectivamente relevante para a explicação do fenómeno em causa, já a definição da classe dos predicados télicos durativos não tem a mesma relevância.

### 3.1.5 A propriedade da homogeneidade

É também possível distinguir entre situações télicas e atélicas com base no grau de homogeneidade da situação e no modo como ele condiciona a possibilidade de realização dessa situação em instantes ou intervalos de tempo.<sup>31</sup> Se uma situação télica como *ler o livro / das Buch lesen* tem uma determinada duração, por exemplo uma hora, não podemos dizer que essa situação se verifique em nenhum dos momentos ou subintervalos de tempo contidos nesse intervalo de uma hora: o livro não é lido nos primeiros dez minutos, nem nos últimos quinze, mas apenas na totalidade do intervalo de uma hora. O mesmo não se verifica com situações atélicas como *chorar / weinen*, ou *morar / wohnen*: se alguém chora durante dez minutos, também chora nos primeiros cinco minutos, se alguém mora numa casa durante um ano também lá mora no segundo mês e nos últimos três meses desse período de um ano.<sup>32</sup>

Levado um pouco mais longe, este critério da homogeneidade permite, para além disso, fazer uma distinção entre dois tipos de situações atélicas: aquelas que são totalmente

---

<sup>30</sup> Designada pelos autores como "Verbalcharakter".

<sup>31</sup> Este critério ficou conhecido como "subinterval property", a partir da proposta de Bennett e Partee (1978). Cf., entre outros, Dowty (1979: p. 163ss).

<sup>32</sup> Relacionadas com esta estão duas outras noções: por um lado a de que os eventos, designação usada para englobar as classes dos 'achievements' e 'accomplishments' de Vendler, não podem ser subdivididos em situações da mesma natureza da situação global ("antissubdivisibility"), e, por outro lado, a de que a soma de dois eventos semelhantes não dá origem a um evento do mesmo tipo dos originais ("nonadditivity"), ao contrário do que acontece com actividades e estados, que são, ou, pelo menos, podem ser subdivisíveis e adicionáveis (Bach 1981: p. 70).

uniformes e se verificam, por isso, em todos os instantes contidos no intervalo de tempo que abrangem – é o caso de *morar / wohnen* – e aquelas que são constituídas por uma repetição de determinadas fases ou passos, e que requerem, por isso, intervalos mínimos maiores do que um instante para se realizarem – é o caso de *chorar / weinen*, e de *correr / laufen*: para que uma situação como estas seja identificada como tal, é necessário um determinado conjunto de ocorrências características que não podem realizar-se num só instante. Mesmo uma situação de simples deslocação de um objecto, em que não se reconhecem tão facilmente como em *correr* os ciclos repetidos de movimento, implica uma mudança sucessiva de lugar desse objecto que só é identificável num intervalo de tempo maior do que um instante. Na tipologia clássica de Vendler, as situações totalmente homogéneas são designadas como estados ("states") e as que consistem numa repetição de fases sucessivas como actividades ("activities").

### 3.1.6 A propriedade do dinamismo

A ideia de uma repetição de fases está na origem da caracterização de situações do tipo de *chorar / weinen* e *correr / laufen* como dinâmicas, por oposição a situações totalmente homogéneas e portanto consideradas estáticas, como as exemplificadas por *morar / wohnen*<sup>33</sup> No que diz respeito às situações télicas, consideradas sob esta perspectiva da existência de uma sucessão de fases, uma situação durativa como *ler o livro / das Buch lesen* parece enquadrar-se melhor no perfil de uma situação dinâmica do que uma situação pontual como *encontrar o anel / den Ring finden*, que não contém em si mesma fases distintas.

### 3.1.7 Testes distribucionais

Encontrar testes distribucionais paralelos em português e alemão para distinguir situações dinâmicas de situações estáticas revela-se mais complicado do que foi fazê-lo para a distinção entre situações télicas e atélicas.

O teste considerado mais adequado para o português em Peres (2003),<sup>34</sup> que também é um dos seleccionados em Cunha (2004: p. 111), é o da interpretação temporal

---

<sup>33</sup> Há também autores que, com base em Comrie (1976: pp. 48s), distinguem as situações estáticas das dinâmicas com base no critério da necessidade de esforço ou energia para manter estas últimas, mas não as primeiras, que se prolongariam indefinidamente se nada se fizesse para as mudar. Esta posição, defendida por exemplo por Smith (1991: p. 45), é rejeitada por outros autores, como Maienborn (2003: pp. 53s), com base em exemplos de predicados que os autores consideram ser de actividade, como *warten (esperar)*.

<sup>34</sup> A partir dos critérios enumerados em Dowty (1979) para o inglês.

resultante da combinação do predicado com o Presente do Indicativo. Observem-se as frases portuguesas dos pares de exemplos (84) a (91):

- (84) A Ana lê o livro.  
(85) Anna liest das Buch.  
(86) A Ana encontra o anel.  
(87) Anna findet den Ring.  
(88) O bebé chora.  
(89) Das Baby weint.  
(90) A Ana mora em Lisboa.  
(91) Anna wohnt in Lissabon.

Verifica-se que só a frase (90) seria usada em contexto normal para referir uma situação episódica que se verifica no presente, tendo as três primeiras preferencialmente uma interpretação habitual, ou então de situação futura, planeada ou provável. Este teste permite, assim, isolar a situação estática *morar*, distinguindo-a da situação dinâmica *chorar* e das situações télicas *ler o livro* e *encontrar o anel*. No entanto, os resultados obtidos com as frases alemãs dos mesmos exemplos são diferentes. Tanto (91) como (89) são normalmente usadas para referir situações episódicas que se verificam no presente, sendo essa também uma das interpretações possíveis para (85), que pode ter igualmente, como (87), uma interpretação habitual ou futura. Ao contrário do que acontece no português, em alemão este não é um teste distribucional eficaz para identificar situações estáticas.<sup>35</sup>

Na verdade, embora a classe dos "Zustandsverben" (verbos de estado) seja mencionada em diversas gramáticas alemãs como uma das classes semânticas de verbos,<sup>36</sup> ilustrada por exemplos como *wohnen* (*morar*), *sein* (*ser / estar*), *stehen* (*estar (de pé)*), *liegen* (*estar (deitado)*), *sich befinden* (*encontrar-se*) e *leben* (*viver / estar vivo*), e seja

<sup>35</sup> Coloca-se um problema semelhante ao teste da acessibilidade mencionado em Moens (1987: p. 99), que corresponde ao que é conhecido na bibliografia sobre aspecto como "Inzidenzschema" ou esquema de incidência (cf. Schwall (1991 pp. 105ss) e Campos (1997a: p. 18, nota)): as situações dinâmicas do tipo de *weinen / chorar* e até situações télicas como *ein Buch lesen / ler um livro* comportam-se, ou, pelo menos, podem comportar-se como os estados, permitindo uma leitura de sobreposição das situações, visível por exemplo em: *Als ich hereinkam, weinte das Baby.* (*Quando eu entrei o bebé estava a chorar / chorou*).

<sup>36</sup> Trata-se de uma classificação independente da que referi na secção T3.1.4, em que, a par dos "Zustandsverben", figuram "Tätigkeitsverben" e "Vorgangsverben", sendo que estas duas classes se distinguem entre si por a primeira ter um sujeito agentivo e a segunda um sujeito não-agentivo. (cf. também Engel (1988: p. 410) e Eichler e Bünting (1996: p. 82)). Um caso algo diferente é o da classificação apresentada em Schumacher (1986: pp. 16s), na qual se distinguem três classes de 'aktionsart': os "Zustandsverben", que designam uma situação cuja duração é irrelevante, os "Vorgangsverben", que designam uma sequência de pelo menos dois estados, e os "Kausativverben" que designam uma mudança de estado causada, voluntária ou involuntariamente, por alguém ou algo. Nenhuma destas classificações é acompanhada de propostas de testes distribucionais para distinguir os grupos de verbos mencionados.

mesmo definida em Duden (1998: p. 90) pela ausência de mudança e em Helbig e Buscha (1991: pp. 68s) como estática e não-dinâmica, é muito difícil encontrar na língua alemã reflexos sistemáticos desta distinção que permitam a formulação de testes distribucionais eficazes.

O teste proposto por Schilder (1997: pp. 33s) para isolar a classe dos estados, que mostra a inadequação da combinação dos predicados relevantes com *gerade*, em frases como (92),<sup>37</sup> não abrange estados não-permanentes como o de (93), (94) e muitos outros.<sup>38</sup>

- (92) ?Das Fahrrad war gerade blau. (A bicicleta era naquele momento azul.)
- (93) Er war gerade 22 Jahre alt. (Tinha naquela altura 22 anos.)
- (94) Er war gerade in der Küche. (Naquele momento estava na cozinha.)

Tschirner (1991: p. 107) propõe que se distingam as situações durativas estáticas das dinâmicas recorrendo ao teste da incompatibilidade com *aufhören zu / parar de*, que coincide parcialmente com um dos critérios propostos por Cunha (2004: p. 111) para isolar os estados em português, e poderia assim ser um bom teste paralelo para as duas línguas. No entanto, ele não se revela tão eficaz para o alemão como para o português, dado que *aufhören zu* não é incompatível com alguns estados, sendo *parar de* incompatível com os seus correspondentes em português, como se verifica em frases como a seguinte:

- (95) Der deutsche Osten hat aufgehört zu existieren. (O leste alemão deixou de existir.)

Maienborn (2003: pp. 59s) propõe dois testes para distinguir estados de situações dinâmicas. Um deles é a combinação com advérbios de modo do tipo de *schnell / depressa* e *langsam / devagar*, compatíveis com situações dinâmicas compostas por uma repetição de fases sucessivas, mas não com estados totalmente homogêneos. Mais uma vez, encontramos na bibliografia sobre o português um teste paralelo a este, nomeadamente o proposto por Peres (2003: p. 212), com expressões do tipo *à velocidade de X / a um ritmo de X*. No entanto, tanto numa língua como na outra, estas expressões encontram alguns problemas de compatibilidade com situações dinâmicas de velocidade fixa ou dificilmente caracterizáveis em termos de velocidade, como *chover / regnen*, *chorar / weinen*, ou *escutar / zuhören* (cf. nota em Maienborn 2003: p. 54).

<sup>37</sup> Esta frase só é adequada numa situação especial, em que a bicicleta muda de cor com regularidade.

<sup>38</sup> Como consequência das deficiências deste teste, Schilder (1997: p. 77) considera que estados posicionais como por exemplo *stehen* são actividades, ao contrário do que faz a generalidade dos autores (cf. p. ex. Schumacher (1986), Steube (1988) e Maienborn (2003)).



O segundo teste proposto por Maienborn é a referência anafórica à situação numa frase subsequente através dos verbos *geschehen* ou *passieren* (*acontecer*), impossível apenas para os estados (na ausência de advérbios de frequência):

- (96) Shirin spielte Klavier. / Angela lief im Garten umher. / Die Wäsche flatterte im Wind.  
 Das geschah / passierte während...  
 (A Shirin tocava piano. / A Ângela corria pelo jardim. / A roupa estendida esvoaçava ao vento.  
 Isso acontecia / estava a acontecer enquanto...)
- (97) Helgas Tante lebte in La Paz. / Heidi stand am Fenster. / Jürgen schlief. / Jochens Schuhe glänzten.  
 ??Das geschah / passierte während...  
 (A tia da Helga vivia em La Paz. / A Heidi estava à janela. / O Jürgen dormia / estava a dormir. / Os sapatos do Jochen reluziam / brilhavam.  
 ??Isso acontecia / estava a acontecer enquanto...)

Como se verifica pela tradução dos exemplos da autora, o teste funciona de forma minimamente razoável, também para o português, no caso de situações claramente dinâmicas ou claramente estáticas (*tocar piano* e *correr* ou *viver* e *estar à janela*, respectivamente), sobretudo se substituirmos a última frase por *Enquanto isso acontecia,....* No entanto, em casos menos típicos como o de *esvoaçar* e *reluzir* ou *brilhar*, pelo menos em português, a distinção parece-me um tanto duvidosa.

Admitindo que há, naturalmente, nas duas línguas, casos de fronteira cuja classificação de acordo com os critérios discutidos é difícil, e aceitando com algumas reservas o teste da compatibilidade com *geschehen* / *passieren* para distinguir situações estáticas e dinâmicas em alemão, podemos resumir no quadro seguinte a distinção entre as quatro classes de 'aktionsart' da tipologia de Vendler de acordo com as propriedades e testes distribucionais considerados relevantes para o presente trabalho:

(98) – Quadro: Distinção entre classes de 'aktionsart' com base em propriedades das situações e em testes distribucionais

Propriedades:  Testes distribucionais:	+ télico (+ terminativo)		– télico (– terminativo)	
	+ pontual (– durativo)	– pontual (+ durativo)		
	– dinâmico	+ dinâmico	– dinâmico	
uso de <i>durante / lang</i> e <i>durante quanto tempo... / wie lange... ?</i> para exprimir a duração da situação	–	–	+	
uso de <i>em / in</i> e <i>quanto tempo levou... ? / wie lange hat x gebraucht.. ?</i> para exprimir a duração da situação	– <sup>39</sup>	+	–	
Português: interpretação episódica do Presente	–	–	–	+
Alemão: compatibilidade com <i>geschehen / passieren</i>	–	–	–	+
Exemplos:	<i>encontrar alg. / (j-n/etwas) finden</i>	<i>ler o livro / das Buch lesen</i>	<i>chorar / weinen</i>	<i>morar / wohnen</i>
Tipologia de Vendler	achievements	accomplishments	activities	states

Usarei esta tipologia ao longo do trabalho, recorrendo, no entanto, à designação de eventos para englobar 'accomplishments' e 'achievements', sempre que a distinção entre estas classes seja menos relevante do que o valor de telicidade que elas têm em comum.

### 3.1.8 Distinções dentro da classe dos estados

#### 3.1.8.1 Estados de indivíduo e estados de estádio

Uma outra proposta de classificação de diferentes tipos de predicados que influenciou muitos trabalhos posteriores foi formulada por Carlson (1980, 1979) e distingue entre predicados que se aplicam a estádios temporais de indivíduos (predicados de estádio, no original "stage-level predicates"), predicados que se aplicam a indivíduos (predicados de indivíduo, no original "individual-level predicates"), e predicados que se

<sup>39</sup> Cf. nota 26.

aplicam a espécies (predicados de espécie, no original "kind-level predicates"). A classe dos predicados de estágio abrange totalmente três das classes da tipologia de Vendler – actividades, 'accomplishments' e 'achievements' – excepto nos casos em que estes têm uma interpretação habitual. Por exemplo, na frase (99), abaixo, o evento *encontrar os amigos* ou a actividade *conversar com os amigos* correspondem a estádios temporais da Joana, mas já em (100) a interpretação habitual transforma-os em propriedades do indivíduo *a Joana* e em (101) em propriedades da espécie *os jovens*.

- (99) À noite a Joana encontrou / conversou com os amigos na praça.
- (100) À noite a Joana encontra / conversa com os amigos na praça.
- (101) À noite os jovens encontram / conversam com os amigos na praça.

A classe dos estados reparte-se entre os três tipos de predicados de Carlson: em (102) temos exemplos típicos de predicados de espécie, em (103) de predicados de indivíduo e em (104) de predicados de estágio.

- (102) Os tigres são raros / estão em vias de extinção.
- (103) O Tobias sabe andar de bicicleta / pesa oitenta quilos / é um homem / é de Lisboa / é inteligente / é gordo.
- (104) O Tobias está na sala / está sem dinheiro / está cansado / está doente / está gordo.

Como os exemplos mostram, nos casos realizados por verbo predicativo e sintagma nominal, preposicional ou adjectival, os estados de indivíduo, propriedades intrínsecas e estáveis de um indivíduo, ocorrem com o verbo *ser*, enquanto os estados de estágio, de carácter mais temporário ou circunstancial, ocorrem com *estar*. Pelo contrário, em línguas como o inglês e o alemão, que possuem apenas um verbo predicativo, esta diferença entre os dois tipos de estado não se manifesta de forma tão visível, sendo marcada apenas pelo sintagma associado a esse verbo, como indicam as observações do próprio Carlson (1979: p. 57): "All predicate nominals apply to objects, while the majority of prepositional phrases in predicate position apply to stages (especially the locatives). Adjectives appear to be a mixed group, with perhaps the majority applying meaningfully to objects". E nem sempre os adjectivos pertencem claramente apenas a uma das categorias, como é o caso de *(be) sick*, que aparece nos exemplos dados por Carlson na mesma página como predicado de estágio (com a indicação "*(physically)*") e como predicado de indivíduo (com a indicação "*(mentally)*"). O mesmo se passa com *estar gordo* e *ser gordo* nos exemplos portugueses acima, onde poderia figurar também *está doente* e *é doente*, e isto sem que a diferença

correspondesse necessariamente àquela que é sugerida pelas indicações de Carlson para os exemplos do inglês.

Cunha (2004: p. 112) adota para o português a distinção baseada em Carlson entre predicados de indivíduo e predicados de estádio, propondo como critérios linguísticos para diferenciar 'estados de indivíduo' e 'estados de estádio' a facilidade de combinação destes, mas não daqueles, com expressões de quantificação como *sempre que* (cf. (105) e (106)) e com expressões adverbiais pontuais (cf. (107) e (108)), bem como os problemas levantados pela co-ocorrência de estados de estádio com o verbo de operação aspectual *passar a*, perfeitamente compatível com estados de indivíduo (cf. (109) e (110)).<sup>40</sup>

- (105) Sempre que a Maria está cansada dorme a sesta.
- (106) ??Sempre que a Maria é portuguesa pede um bilhete de identidade de cidadão nacional.
- (107) Às cinco horas a Maria estava cansada.
- (108) ??Às cinco horas a Maria era portuguesa.
- (109) ??A Maria passou a estar cansada.
- (110) A Maria passou a ser portuguesa.

Também em alemão a distinção entre predicados de indivíduo e predicados de estádio tem consequências visíveis, embora a níveis diferentes dos relevantes para o português. Um aspecto já estudado (cf. p. ex. Chierchia 1995) prende-se com a distinção entre duas interpretações possíveis para os plurais não modificados em posição de sujeito: uma interpretação existencial, que surge na presença de predicados de estádio (cf. (111) e (112)), e uma interpretação como termo de espécie, que é desencadeada pela presença de predicados de indivíduo (cf. (113), abaixo), que se transformam, por sua vez, nessa associação com termos de espécie, em predicados de espécie.

- (111) Kinder spielen auf dem Platz. (Há crianças a brincar na praça.)
- (112) Kinder sind dabei. (Estão / Há lá crianças.)
- (113) Kinder sind neugierig. (As crianças são curiosas)

Em português este efeito não se verifica, até porque as expressões usadas para designar espécies não são, normalmente, plurais não modificados, mas sim sintagmas com artigo definido, ou eventualmente, com artigo indefinido (cf. Lopes (1993) e Oliveira e Cunha (2003)).

<sup>40</sup> Também Santos (1996: pp. 141ss) considera essencial para o português uma distinção entre estados permanentes e temporários, caracterizados de forma semelhante aos estados de estádio e de indivíduo, baseando-se em diversos tipos de dados, entre eles a distinção entre *ser* e *estar*.

### 3.1.8.2 Estados faseáveis e não-faseáveis

Para além da divisão entre estados de estádio e estados de indivíduo, Cunha (2004: pp. 357ss) propõe ainda para o português uma outra distinção dentro da classe dos estados, desta vez entre estados faseáveis, isto é, passíveis de serem convertidos em actividades em determinadas circunstâncias – por exemplo em combinação com o verbo de operação aspectual *estar a* –, e estados não-faseáveis, que não demonstram essa capacidade. Também esta distinção se baseia essencialmente em testes distribucionais de compatibilidade com verbos de operação aspectual – nomeadamente *estar a*, *andar a* (cf. (114) a (117)) e *começar a* (cf. (118) a (121)) – e ainda com expressões adverbiais que induzem uma leitura habitual (cf. (122) a (125)), que resultam positivos para os estados faseáveis (aqui, *ser simpática* e *gostar de linguística*) mas negativos para os não-faseáveis (aqui, *ser português* e *ter um BMW*).

- (114) A Maria está / anda a ser simpática (com os colegas).
- (115) A Maria está / anda a gostar de linguística.
- (116) ??O Luís está / anda a ser português.
- (117) ??A Maria está / anda a ter um BMW.
  
- (118) A Maria começou a ser simpática (com os colegas).
- (119) A Maria começou a gostar de linguística.
- (120) ??(Quando se naturalizou,) o Luís começou a ser português.
- (121) ??(Quando enriqueceu,) a Maria começou a ter um BMW
  
- (122) A Maria é habitualmente simpática (com os colegas).
- (123) A Maria gosta habitualmente de linguística.
- (124) ??O Luís é habitualmente português.
- (125) ??(?) A Maria tem habitualmente um BMW.

Embora o autor afirme que a distinção entre estados faseáveis e não-faseáveis se aplica tanto a estados de indivíduo como a estados de estádio, ela é bastante mais clara no que diz respeito aos estados de indivíduo, sendo problemático o resultado da aplicação dos critérios distribucionais mencionados a estados de estádio. Observe-se a diferença entre as frases anteriores e o resultado dos mesmos testes aplicados a estados de estádio, o primeiro (*estar cansada*) considerado faseável e o segundo (*ter febre*) não-faseável:

- (126) ?A Maria está / anda a estar cansada.
- (127) ??A Maria está / ?anda a ter febre.
  
- (128) ??A Maria começou a estar cansada.
- (129) A Maria começou a ter febre.
  
- (130) (A esta hora) a Maria está habitualmente cansada.
- (131) (A esta hora) a Maria tem habitualmente febre.

Mesmo admitindo que as anomalias verificadas nos testes distribucionais se devam, essencialmente, aos efeitos do encadeamento de verbos iguais ou do mesmo tipo na mesma frase, e ainda ao facto de tanto estados faseáveis como estados de estágio serem compatíveis com advérbios que induzem leitura habitual, a inclusão de estados de estágio no grupo dos estados faseáveis levanta ainda um outro problema. Sendo os estados faseáveis definidos como passíveis de serem convertidos em actividades, que têm um carácter dinâmico, predicados como *ser simpático* ou *ser agressivo*, no sentido de *comportar-se de forma simpática ou agressiva*, parecem-me poder adquirir esse carácter dinâmico muito mais facilmente do que predicados como *estar cansado* ou *estar doente*, que não apresentam a mesma ambiguidade entre uma propriedade de um indivíduo e comportamentos concretos que estão na origem da atribuição dessa propriedade ao indivíduo em causa. A ausência desse carácter dinâmico é visível também em outros estados considerados faseáveis que não contêm o verbo *estar*, como *viver em Coimbra*, que, em (132), abaixo, e não obstante a presença do operador *estar a*, não implica a existência de uma actividade,<sup>41</sup> ao contrário do que acontece com os estados de (133):

- (132) A Maria está a viver em Coimbra.  
(133) A Maria está a ser simpática / agressiva.

O contraste entre estados do tipo de *ser simpático* ou *ser agressivo* e outros estados considerados faseáveis manifesta-se não apenas no contexto de operadores aspectuais como *estar a*, mas também, por exemplo, em associação com o Pretérito Perfeito Composto, como se verifica nos seguintes exemplos:

- (134) A Maria tem vivido em Coimbra / estado doente.  
(135) A Maria tem sido simpática / agressiva.

Só em (135) são referidas ocorrências repetidas de actividades que podem ser caracterizadas como de agressividade ou simpatia. Os estados de (134) não implicam a existência de actividades, nem sequer requerem uma interpretação de iteração, embora a possam receber.

Assim, e embora reconhecendo a necessidade de estudar e explicar certas diferenças entre os predicados de estado portugueses, não me parece que a distinção entre estados faseáveis e não faseáveis, que inclui ela própria na mesma classe predicados com

---

<sup>41</sup> Veja-se, na secção dedicada ao operador *estar a* (3.1.11.1, abaixo), outras observações relativas a exemplos deste tipo.

comportamentos bastante diferentes, seja a solução mais adequada, pelo que não a utilizarei na análise a realizar no presente trabalho.

### 3.1.9 A composicionalidade da 'aktionsart'

Até este ponto as distinções entre classes de 'aktionsart' foram discutidas sobretudo com base em exemplos nos quais, pelo menos aparentemente, as diferenças estavam associadas ao significado dos verbos utilizados. No entanto, como Vendler (1967) já indicava, ao usar exemplos como *running a mile* e *drawing a circle*, e trabalhos posteriores vieram demonstrar em pormenor,<sup>42</sup> em muitos casos o verbo e o seu significado não determinam só por si o tipo de situação que é referida, sendo antes este fortemente condicionado pela natureza das expressões que preenchem os lugares de argumentos do verbo em cada frase.

O caso mais evidente é talvez o de verbos como *escrever / schreiben*, *ler / lesen*, *beber / trinken* ou *comer / essen*,<sup>43</sup> que assumem características de 'accomplishments' ou de actividades de acordo com a natureza do seu complemento directo. Se este denota um objecto ou quantidade específica, como em (136) e (137), abaixo, o predicado comporta-se como um predicado télico, mais especificamente como um 'accomplishment': as expressões do tipo "*em seis meses / in sechs Monaten*" referem adequadamente a sua duração, incluindo sempre o seu limite intrínseco, enquanto expressões do tipo "*durante seis meses / sechs Monate lang*" ou são menos aceitáveis ou sugerem uma interpretação do evento como não terminado (Cf. também os exemplos (67) e seguintes, acima, com o predicado *ler um livro / ein Buch lesen*).

(136) A Eva escreveu um romance em seis meses / ?durante seis meses.

(137) Eva hat in sechs Monaten / ?Sechs Monate lang einen Roman geschrieben.

Pelo contrário, nos casos em que o complemento directo de verbos deste tipo não denota objectos ou quantidades específicas, como acontece com o nome massivo em (138) e (139), abaixo, ou com o plural não modificado em (140) e (141), os predicados em causa comportam-se como atélicos, neste caso como actividades: a sua duração é adequadamente indicada por expressões do tipo *durante alguns anos / einige Jahre lang*, enquanto

<sup>42</sup> Foi Verkuyl (1972, 1993) quem primeiro se ocupou detalhadamente deste fenómeno, que designou como natureza composicional do aspecto. Krifka (1989a) é outro autor no qual se baseiam diversos tratamentos posteriores deste tópico, sobretudo para o alemão (cf. Herweg (1990), Ballweg (2004), Dölling (2001)).

<sup>43</sup> Designados como "Verben mit inkrementellem Thema" (verbos com tema incremental) (cf. por ex. Dölling 2001)

expressões do tipo *em alguns anos / in einigen Jahren* são aceitáveis não como indicadores de duração, mas apenas como localizadores indefinidos.

- (138) A Eva escreveu prosa durante alguns anos / ??<sup>44</sup> em alguns anos.  
 (139) Eva hatte einige Jahre lang / ??in einigen Jahren Prosa geschrieben.  
 (140) A Eva escreveu romances durante alguns anos / ??em alguns anos.  
 (141) Eva hat einige Jahre lang / ??in einigen Jahren Romane geschrieben.

Há alguns verbos com os quais a variação das características do sujeito pode ter o mesmo efeito. É o caso de *pingar / tropfen* nos exemplos seguintes: em (142) e (143), o verbo comporta-se como tético, já que o sujeito designa uma quantidade especificada, enquanto em (144) e (145), com um sujeito que designa uma quantidade não especificada, o mesmo verbo se comporta como atético.

- (142) Em duas horas / ??Durante duas horas pingaram três litros de água desta torneira.  
 (143) In zwei Stunden / ??Zwei Stunden lang sind drei Liter Wasser aus diesem Wasserhahn getropft.  
 (144) Durante duas horas / ?Em duas horas pingou água desta torneira.  
 (145) Zwei Stunden lang / ??In zwei Stunden hat Wasser aus diesem Wasserhahn getropft.

O que designei como objectos ou quantidades especificadas<sup>45</sup> partilha com os predicados téticos a característica de nenhuma das suas partes ter a mesma natureza do seu todo:<sup>46</sup> nenhuma parte de *um romance* é *um romance* e nenhuma parte de *um litro de água* é *um litro de água*, tal como nenhuma parte dos eventos *escrever um romance* e *ler um livro* é um evento do mesmo tipo. Pelo contrário, quantidades não especificadas possuem, tal como os predicados atéticos, essa propriedade da homogeneidade ou divisibilidade: partes de *água* são *água*, partes de *romances* constituídas por pelo menos duas unidades são *romances*, tal como partes de *chorar* ou de *morar em Lisboa* são situações desse mesmo tipo.

Outra propriedade relevante neste contexto é a da cumulatividade, isto é, o facto de duas partes de uma mesma substância ou situação formarem juntas uma substância ou

<sup>44</sup> Tanto na versão alemã como na portuguesa deste exemplo e dos seguintes, as indicações quanto à inaceitabilidade das frases têm em conta a interpretação das expressões adverbiais *in einigen Jahren* (*em alguns anos*) como indicadores de duração, mas não como localizadores indefinidos. Neste último sentido, a frase poderia ter uma continuação do tipo *A Eva escreveu prosa em alguns anos, noutros escreveu poesia*, e seria aceitável em ambas as línguas.

<sup>45</sup> Algo que corresponde, na terminologia de Verkuyl, a "+SQA" (cf. p. ex. Borillo *et al.* 2003, p. 7), e na terminologia de Krifka a "gequantelt", por oposição a "kumulativ" (cf. Krifka 1989b: pp. 228s), e que Swart (1998: pp. 350s) designa como "quantized", por oposição a "homogeneous".

<sup>46</sup> Cf. também a nota 32, acima.



situação da mesma natureza. Também relativamente a esta propriedade se verifica um paralelismo entre situações télicas e objectos ou quantidades especificadas: duas instâncias de *um romance* não formam *um romance*, duas vezes *um litro de água* não é *um litro de água*, e duas instâncias de *escrever um romance* não são *escrever um romance*. Pelo contrário, tanto as substâncias ou quantidades não especificadas como os predicados atélicos têm referência cumulativa, isto é, *água* mais *água* continua a ser *água*, *romances* mais *romances* são *romances* e a junção de períodos de situações como *chorar* ou de *morar em Lisboa* dá origem a situações do mesmo tipo.<sup>47</sup>

A língua alemã apresenta ainda uma outra possibilidade de variação do complemento directo, nomeadamente através da sua transformação em complemento preposicional introduzido pela preposição *an* ou, eventualmente, pela preposição *in*, como nos seguintes exemplos:

- (146) Eva hat einige Jahre lang / ??<sup>48</sup> in einigen Jahren an einem Roman geschrieben.  
(A Eva andou a escrever um romance durante alguns anos / ??em alguns anos.)
- (147) Anna hat zwei Stunden lang / ??in zwei Stunden in dem Buch gelesen. (A Ana leu / esteve a ler o livro durante duas horas / ??em duas horas.)

De acordo com os testes distribucionais descritos na secção 3.1.3, a comparação entre estes exemplos e frases semelhantes contendo um complemento acusativo (cf. (80) e (137), acima) sugere que estamos perante uma diferença de 'aktionsart' entre predicados atélicos, no caso destes exemplos, e predicados télicos, no caso daqueles que apresentam um complemento acusativo. Na análise que Filip (1989) faz dos complementos preposicionados com *an*, trata-se de uma construção de tipo progressivo comparável à do inglês, embora limitada a uma classe de verbos muito específica,<sup>49</sup> e, de facto, as versões portuguesas dos exemplos anteriores mostram que o melhor meio de traduzir estes predicados são operadores aspectuais que correspondem igualmente ao progressivo inglês.

<sup>47</sup> A questão complica-se um pouco com quantificadores menos precisos, como *alguns*: apesar de duas instâncias de *alguns romances* poder continuar a ser *alguns romances*, basta essa delimitação imprecisa para termos uma situação télica: *A Eva escreveu alguns romances em cinco anos / ?durante cinco anos*. (Cf. observações semelhantes para o inglês em Moens (1987: p. 109) e Depraetere (1995: pp. 9s)).

<sup>48</sup> As indicações quanto à inaceitabilidade das frases têm em conta a interpretação das expressões adverbiais *in einigen Jahren* (*em alguns anos*) como indicadores de duração, mas não como localizadores indefinidos: neste último caso a frase seria aceitável em ambas as línguas.

<sup>49</sup> Segundo a mesma autora, a comutação de complemento acusativo e complemento preposicionado com *an* só é possível com verbos télicos cuja estrutura argumental prevê um tema incremental, e, entre esses, apenas naqueles em que uma mudança irreversível afecta gradualmente toda a extensão desse tema, sendo essa mudança provocada por um agente (cf. detalhes em Filip 1989: pp. 277ss). Uma excepção digna de nota é o verbo *arbeiten* (*trabalhar*), que não apresenta complemento acusativo, mas cujo complemento preposicionado com *an* se assemelha muito, na sua interpretação, aos dos verbos mencionados.

Também as características de outros argumentos que não o sujeito e o complemento directo podem influenciar decisivamente a 'aktionsart' do predicado, nomeadamente no caso de verbos de movimento.<sup>50</sup> Complementos que especifiquem o destino do movimento tornam o predicado télico (cf. (148) e (149), abaixo, onde só as expressões adverbiais com *em / in* garantem a referência ao evento com o seu termo, isto é a chegada a terra), enquanto aqueles que não especificam nenhum desses pontos tornam o predicado atélico (cf. (150) e (151), onde só as expressões adverbiais com *durante / lang* indicam adequadamente a duração da actividade<sup>51</sup>):

- (148) O Tobias nadou para terra em / ?durante cinco minutos.  
 (149) Tobias ist in fünf Minuten / ??fünf Minuten lang an Land geschwommen.  
 (150) O Tobias nadou ao longo da costa durante / ?em cinco minutos.  
 (151) Tobias ist fünf Minuten lang / ?in fünf Minuten die Küste entlang geschwommen.

No caso de verbos de movimento transitivos, a natureza do complemento directo só adquire importância na determinação da 'aktionsart' se o movimento tiver destino ou origem especificados (cf. (152) a (155), abaixo). No caso de movimento não especificado, o predicado é sempre atélico (cf. (156) e (157)).

- (152) O Tobias carregou malas até ao quarto andar durante uma hora / ??numa hora.  
 (153) Tobias hat eine Stunde lang / ??in einer Stunde Koffer zum 4. Stock getragen.  
 (154) O Tobias carregou a mala até ao quarto andar em cinco minutos / ?durante cinco minutos.  
 (155) Tobias hat den Koffer in fünf Minuten/ ??fünf Minuten lang zum 4. Stock getragen.  
 (156) O Tobias carregou malas/a(s) mala(s) pelos corredores do aeroporto durante uma hora / ??numa hora.  
 (157) Tobias hat eine Stunde lang / ??in einer Stunde (den / die) Koffer durch die Flure des Flughafens getragen.

### 3.1.10 Transições entre classes de 'aktionsart'

O facto de um mesmo verbo poder formar predicados pertencentes a diferentes classes de 'aktionsart' levou a que Moens (1987: pp. 44ss) e outros autores que adoptaram o

<sup>50</sup> Cf. as observações sobre *fahren* em Steube (1988: pp. 195s).

<sup>51</sup> Isto partindo do princípio de que a costa é extensa e o nadador não a percorre na totalidade em cinco minutos, já que, no caso de isso ser possível, a própria extensão da costa forneceria a indicação sobre o início e o fim do movimento, e as frases seriam aceitáveis.

seu modelo<sup>52</sup> concebem essas classes não como compartimentos estanques mas, pelo contrário, como nós de uma rede, entre os quais existem linhas de ligação que permitem que os verbos transitem de categoria, mediante a influência de determinados factores que desencadeiam essas transições. Para o alemão, Dölling (2001) propõe um mecanismo de interpretação que parte, numa primeira fase, de representações bastante gerais contendo parâmetros referentes à classe de 'aktionsart', parâmetros esses que só se fixam depois de uma segunda fase de interpretação, na qual são tomados em conta os factores contextuais que podem influenciar essa classificação.

Não sendo cruciais no âmbito do presente trabalho os detalhes formais e categoriais das propostas mencionadas, vale, no entanto, a pena observar, com base nalguns exemplos, os principais factores que podem influenciar as transições ou reinterpretções contextuais da classificação dos predicados no que respeita à 'aktionsart', para além dos complementos verbais, que abordámos na secção anterior. Observem-se os exemplos seguintes:

- (158) A Eva comeu uma maçã ao pequeno-almoço durante trinta anos.  
(159) Eva hat dreißig Jahre lang einen Apfel zum Frühstück gegessen.

Apesar de o complemento directo destas frases referir um objecto especificado, o seu predicado não é télico: a frase não se refere a um evento único, mas sim a um estado habitual, um tipo de estado derivado previsto no âmbito do modelo de transições aspectuais de Moens (1987).<sup>53</sup> Essa (re)interpretação como estado é desencadeada pela conjugação de três factores. O primeiro é a presença da expressão adverbial *ao pequeno-almoço / zum Frühstück*, que tanto pode localizar um evento episódico como os eventos individuais repetidos que constituem um estado habitual. O segundo factor relevante é a presença de uma expressão adverbial de duração, *durante trinta anos / dreißig Jahre lang*, que só identifica adequadamente a duração de situações atélicas, e o terceiro é um factor pragmático, de conhecimento do mundo, que nos indica que o intervalo em questão é demasiado longo para abranger um só evento, eventualmente incompleto, daquele tipo (repare-se que o mesmo não aconteceria se se tratasse de um evento do tipo *escrever um romance / einen Roman schreiben*, por exemplo, com o qual a frase não seria interpretada como referindo um estado habitual, mas um evento incompleto). Os mesmos factores (sendo o primeiro opcional) podem levar a que frases que referem substâncias ou objectos

<sup>52</sup> Para o português, por exemplo, Cunha (1998b, 2004), Mateus *et al.* (2003) e, com diversas adaptações, Santos (1996).

<sup>53</sup> Para além dos estados primários, designados como estados lexicais, o modelo de Moens (1987) inclui ainda três tipos de estado derivados de outras classes de 'aktionsart': os estados habituais, os estados progressivos e os estados consequentes.

não especificados sejam interpretadas, não como actividades, mas igualmente como estados habituais, como é o caso dos exemplos seguintes:

- (160) A Eva comeu maçãs / doce de maçã (ao pequeno-almoço) durante trinta anos.  
(161) Eva hat dreißig Jahre lang Äpfel / Apfelmus (zum Frühstück) gegessen.

Um outro factor que pode ter influência na determinação da 'aktionsart' do predicado é o tempo verbal, como se ilustra nas frases seguintes:

- (162) A Eva come uma maçã ao pequeno-almoço.  
(163) Eva isst einen Apfel zum Frühstück.

Trata-se igualmente de estados habituais, desta vez de duração não limitada, sendo aqui o tempo verbal que, em conjunto com a expressão adverbial de localização temporal *ao pequeno-almoço / zum Frühstück*, é responsável pela transição de 'aktionsart' sofrida pelos predicados: se a frase estivesse, por exemplo, no Pretérito Perfeito, eles teriam uma leitura de eventos (cf. também os exemplos (99) e (100), na secção 3.1.8.1).

A interacção entre tempo verbal, tempo adverbial e 'aktionsart' dos predicados em cada uma das línguas abordadas neste trabalho, aqui apenas ilustrada de forma muito breve, será objecto de análise mais detalhada nas secções 3.2, 3.3 e 3.4 deste capítulo. Na última parte da presente secção, dedicada à 'aktionsart', consideramos um outro elemento importante na determinação da classe de 'aktionsart' do predicado, nomeadamente os verbos de operação aspectual.

### 3.1.11 Verbos de operação aspectual no português

Começo pelo português, onde estes verbos são mais numerosos e frequentes do que no alemão, tornando-se por isso objecto de interesse, quer de uma perspectiva linguística, quer de uma perspectiva didáctica, como se afirma no estudo de Schemann (1982),<sup>54</sup> que ilustra e aborda em detalhe diversos tipos de perífrases verbais do português, das aspectuais às modais, não deixando de afirmar que a maioria delas se situa no âmbito do aspecto de fase, isto é, na focalização de uma fase (por exemplo, inicial ou final) de uma determinada situação (Schemann 1982: p. 70).

Mais recentemente, e já no mesmo enquadramento teórico em que se situa o presente trabalho, Peres (1993) considera que estes verbos operam mudanças de 'aktionsart', quer circunscrevendo partes da situação original, quer criando uma nova

<sup>54</sup> Cf. também os trabalhos anteriores aí mencionados.

situação por iteração, ou ainda, como é o caso da maior parte dos verbos mencionados, desempenhando essas duas funções, eventualmente em simultâneo.

Cunha (1998b) e Santos (1996) adoptam o modelo de Moens (1987), referido na secção anterior, e analisam os verbos de operação aspectual como causadores de uma transição dentro da rede que liga as diversas classes de 'aktionsart'. As observações que se seguem sobre alguns verbos de operação aspectual partem sobretudo da análise de Cunha (1998b), discutindo diversos aspectos da mesma e procurando complementá-la com outros dados, em especial no que diz respeito à compatibilidade destes operadores com estados de estádio e estados de indivíduo, designadamente estados habituais.

### 3.1.11.1 *Estar a, andar a*

O modelo de Moens (1987) prevê rotas específicas para que se efectuem as transições entre classes de 'aktionsart', de modo que cada transição tem como ponto de partida uma determinada categoria e como ponto de chegada uma outra, sendo que podem ser necessárias transições adicionais para que um determinado verbo atinja a categoria de partida adequada. Por exemplo, na análise de Cunha (1998a, 1998b), o operador *estar a* pode ser aplicado a eventos, actividades<sup>55</sup> ou estados faseáveis, que esse operador transforma em estados progressivos. A categoria de partida desta transição é a de actividade, pelo que eventos e estados faseáveis têm de ser primeiro transformados em actividades para atingirem a categoria de partida adequada à realização da transição. Isso explica, de acordo com Cunha (1998a: pp. 85ss), a razão por que a aplicação deste operador a 'achievements' faz com que a situação referida seja, não o 'achievement' propriamente dito, mas antes uma actividade (o 'processo preparatório') adicionada a ele (cf. (164), abaixo),<sup>56</sup> assim como a razão por que situações pontuais de outro tipo são

---

<sup>55</sup> Por uma questão de clareza de exposição, ao referir as propostas deste autor, faço a adaptação da sua terminologia, que corresponde à tipologia de 'aktionsart' de Moens (1987), à classificação de Vendler usada no presente trabalho: aos processos de Moens correspondem em Vendler as actividades, aos processos culminados os 'accomplishments', e as culminações integram-se na classe dos 'achievements'. Note-se ainda que Moens usa o termo "events" para designar as três classes que mencionei, enquanto no presente trabalho apenas as situações télicas são designadas como eventos.

<sup>56</sup> Cf. uma análise semelhante em Oliveira e Lopes (1995: p. 110) e também a observação de Schemann (1982: p. 30) sobre os problemas levantados pela noção de decurso da situação com verbos pontuais, a propósito de exemplos como *O comboio está a chegar*. É interessante verificar que este tipo de leitura não se obtém facilmente com o exemplo usado em secções anteriores, *A Maria está a encontrar o anel*, possivelmente porque, ao contrário do que sucede no caso de *O comboio está a chegar* ou de *A Maria está a morrer*, o processo preparatório correspondente, que é o de procurar o anel, tem uma probabilidade relativamente alta de não conduzir ao 'achievement' pretendido, ficando o anel por encontrar, apesar do esforço da procura (J. Peres, c. p.). Este exemplo sugere, pois, que a possibilidade de combinação de predicados de 'achievement' com o operador *estar a* é influenciada pela noção do curso normal dos acontecimentos (cf. o conceito de "inertia worlds" em Dowty (1979: pp. 148ss)).

preferencialmente interpretadas como repetidas (cf. (165)):<sup>57</sup> a sua transformação em actividades ocorre por iteração.

(164) A Maria está a morrer.

(165) A Raquel está a bater com a bola no chão.

Esta análise de *estar a* como implicando uma conversão prévia em actividade permite igualmente explicar o facto de a sua aplicação a 'accomplishments' suscitar a interpretação de que o limite intrínseco destes (ainda) não foi atingido (cf. (166), abaixo), bem como explicar o carácter dinâmico adquirido por alguns estados neste tipo de construção (cf. (167)).

(166) A Eva está / esteve a comer uma maçã.

(167) A Maria está a ser agressiva.

Segundo Cunha (1998b, 2004), é esta possibilidade de conversão em actividade que caracteriza os estados faseáveis, para a definição dos quais o autor usa, entre outros, precisamente o critério da combinação com *estar a*. No entanto, como tinha já sido referido no final da secção 3.1.8.2, os estados designados como faseáveis não apresentam um comportamento uniforme, e nem todos os que são compatíveis com *estar a* adquirem, quando associados a esse operador, o carácter dinâmico, de actividade, que é visível em *está a ser agressiva*. Um estado como *viver (em Coimbra)*, considerado como faseável pelo mesmo autor, pode surgir no contexto de *estar a*, como em (168), abaixo, mas este tipo de ocorrência parece distinguir-se daquelas em que não existe nenhum operador aspectual (cf. (169)) não por a situação adquirir dinamismo, mas apenas por lhe ser atribuído um carácter temporário (cf. Peres (2003: p. 206), Lopes (1995: pp. 16s) e Oliveira e Lopes (1995: pp. 107s)):

(168) A Maria está a viver em Coimbra.

(169) A Maria vive em Coimbra.

Usando a terminologia de Carlson (cf. 3.1.8.1, acima), o que parece estar aqui em causa é, não uma conversão de um estado em actividade (e depois em estado progressivo), mas antes a interpretação de um estado de indivíduo como estado de estádio. E este efeito do operador *estar a* sobre predicados de indivíduo verifica-se também no caso de estados de outro tipo, nomeadamente os estados habituais como os que constituem uma das

---

<sup>57</sup> Trata-se das situações que, na tipologia de Moens (1987), são designadas por pontos, isto é, aquelas que não têm associado um estado consequente, e, por isso, são facilmente interpretadas como repetidas: outros exemplos são *espirrar, suspirar ou saltar*.

possibilidade de interpretação de (170), em contraste com o mesmo estado habitual sem qualquer operador aspectual (cf. (171)):

- (170) A Maria está a tomar este medicamento / a dar aulas de Português.  
 (171) A Maria toma este medicamento / dá aulas de Português.

A interpretação de um estado de indivíduo como situação temporária parece constituir uma explicação mais razoável para exemplos como (168) e (170) do que a transformação do estado em actividade e posteriormente em estado progressivo prevista pela teoria de Moens. No entanto, o modelo de Moens não estabelece uma distinção entre estados inerentes e estáveis e estados temporários,<sup>58</sup> pelo que não é possível conceber essa transição dentro deste modelo sem o alterar.

Outro verbo de operação aspectual analisado de forma semelhante ao anterior por Cunha (1998b: p. 33) é *andar a*, que difere de *estar a* apenas na categoria de chegada proposta, neste caso não a de estado progressivo mas a de "estado habitual ou frequentativo". Não é claro o que se entende no contexto por "estado frequentativo", mas pelo menos a classificação de estado habitual não parece ser adequada, isto se pensarmos em estados habituais como estados de indivíduo. Por exemplo, as situações referidas pelas frases seguintes só dificilmente poderão ser interpretadas como estados de indivíduo.

- (172) A Maria anda a brincar / correr com a irmã no jardim.  
 (173) A Maria anda a arrumar o sótão / a ler um romance / ?uma carta.  
 (174) A Maria anda a tomar este medicamento / ?anda a chorar (okhá uma semana /  
 okpor tudo e por nada).  
 (175) A Maria anda a ser simpática / ??portuguesa.

Daí que em Santos (1996: pp. 188ss) este operador seja analisado como provocando uma transição de 'aktionsart' para a classe dos estados temporários, à semelhança da análise proposta por esta autora para o operador *estar a*, pelo qual *andar a* pode ser substituído em parte dos exemplos. Há, no entanto, diferenças entre os dois operadores, visíveis no facto de *andar a*, ao contrário de *estar a*, ser pouco aceitável com as últimas alternativas de (173) e (174), *chorar* e *ler uma carta*. A autora justifica essas diferenças propondo que a categoria de partida para esta mudança seja uma "série", isto é, uma sequência de um número indefinido de eventos. Eventos complexos ou prolongados como *ler um romance* e *arrumar o sótão* seriam compatíveis com esta transição por se decomporem facilmente em

<sup>58</sup> Para a classe dos estados, Moens (1987: pp. 43s) dá apenas exemplos de estados de indivíduo (*understand, love, know, resemble*), e caracteriza-os como não-delimitados: "they are "unbounded" since – although they seem to extend in time – no reference is made to their start and end points."

partes que se sucedem, algo que não acontece com tanta facilidade com *ler uma carta*. Esta ideia de que é necessário que a situação referida possa ser segmentada pode explicar por que razão em (174), acima, *tomar este medicamento* é mais aceitável do que *chorar*: a primeira situação é facilmente interpretável como um hábito (assinalado como temporário), enquanto a segunda precisa de uma expressão adverbial de duração como *há uma semana* para impossibilitar a sua interpretação como actividade contínua e legitimar uma interpretação de iteração. E o mesmo tipo de explicação baseado na possibilidade de interpretação como hábito temporário, por oposição a propriedade permanente, é válido para a diferença entre *ser simpática* e *ser portuguesa*.

Restam as duas actividades de (172), acima. A respeito da segunda, Santos (1996: p. 165) argumenta que a situação em causa é concebível como uma série de corridas, e também a primeira pode ser interpretada como um conjunto de brincadeiras diferentes, mas julgo que estas interpretações não são obrigatórias: por exemplo, no segundo caso, pode tratar-se de *jogging*, e a frase é perfeitamente aceitável, mesmo que esteja em causa uma única corrida. Neste caso, parece ser relevante um outro critério para a aplicação do operador *andar a*, nomeadamente o da existência de movimento ou deslocação no espaço. Este critério parece ser aquele que condiciona a aceitabilidade ou não deste operador no exemplo seguinte:

(176) Os miúdos andam a jogar futebol / (?)pingue-pongue / ??damas.

Trata-se de um critério que não é relevante para a combinação com *estar a*, como se verifica comparando (176) com o exemplo seguinte:

(177) Os miúdos estão a jogar futebol / pingue-pongue / damas.

Esta diferença entre *estar a* e *andar a* poderá sugerir que este último critério relativo ao movimento seja um reflexo do significado de *andar* como verbo pleno. No entanto, exemplos já comentados, como *andar a ler um romance* e *andar a ser simpática* não se enquadram de forma alguma neste critério,<sup>59</sup> tal como *andar a jogar futebol* e *andar a correr* não requerem uma divisão da situação em várias partes, o critério que foi discutido

<sup>59</sup> Observe-se também o contraste entre as duas frases seguintes:

- (a) ??O Paulo anda a jogar damas.
- (b) O Paulo anda a fazer um puzzle.

Nenhuma das situações envolve deslocação, mas enquanto a primeira é muito pouco aceitável, pelo menos na interpretação em que diz respeito a um único jogo, a segunda já me parece adequada, tendo em mente um puzzle muito grande que a pessoa em causa vai fazendo aos poucos. O exemplo (b) foi-me sugerido por J. Peres, tal como a ideia, defendida abaixo, de que a utilização do operador *estar a* é condicionada pelo facto de a situação referida apresentar um ou mais de um conjunto de traços relevantes.



em primeiro lugar. Assim, a utilização de *andar a* não parece estar sujeita a um critério único, mas antes requerer que as situações possuam pelo menos uma de um conjunto de características relevantes, entre as quais estarão a possibilidade de segmentação e a existência de movimento.

### 3.1.11.2 *Começar a, passar a, pôr-se a*

Segundo Cunha (1998b), o operador aspectual *começar a* pode aplicar-se a estados faseáveis<sup>60</sup> (cf. (178), abaixo) – distinguindo-os assim dos estados não faseáveis, com os quais é incompatível (cf. (179)) – e a actividades (cf. (180)) e 'accomplishments' (cf. (181)).

- (178) A Maria começou a ser agressiva.
- (179) ??A Maria começou portuguesa / alta.
- (180) A Maria começou a chorar / a fumar.
- (181) A Maria começou a ler o romance / a arrumar o quarto.

*Começar a* é ainda compatível com 'achievements' que possam receber uma interpretação de iteração (cf. (182)), mas não com situações irrepitíveis (cf. (183)).

- (182) A Maria começou a tomar um comprimido para dormir.
- (183) A Maria começou a morrer.

Quanto ao resultado da aplicação deste operador, Cunha (1998b, p. 10) afirma, com base nos dados reunidos nos exemplos seguintes, que ele é um evento pontual.

- (184) O António começou a trabalhar às 2 horas.
- (185) ??O António começou a trabalhar em / durante 2 horas.

No entanto, não é difícil encontrar exemplos dificilmente conciliáveis com expressões adverbiais pontuais,<sup>61</sup> como os de (186), abaixo, e, por outro lado, é possível combinar predicados contendo o verbo *começar a* com expressões adverbiais que são incompatíveis com situações pontuais, como a de (187):

- (186) ?O António começou a gostar de linguística / a detestar a Maria / a aprender inglês às duas horas.
- (187) Aos poucos, o António começou a compreender a situação da Maria.

<sup>60</sup> Como já referi, a classe dos estados faseáveis é pouco homogénea, e a diversidade do comportamento dos diferentes estados nela incluídos é visível também aqui: *começar a* não me parece compatível com o verbo *estar*, pelo menos em interpretação episódica:

(a) ??O Paulo começou a estar doente / em Lisboa / cansado.

<sup>61</sup> Foi J. Peres quem me chamou a atenção para este facto e me sugeriu alguns dos exemplos.

Assim, julgo que o resultado da aplicação do operador *começar a* poderá ser um evento pontual ou durativo, dependendo da situação concreta em causa, e que a sua incompatibilidade com expressões adverbiais de duração do tipo *em duas horas* se prende não com o facto de a situação referida ser pontual, mas com o facto de ser difícil caracterizá-la indicando uma duração precisa.

É ainda de notar que esse evento pode corresponder ao início da situação original ou ao início do estado habitual derivado dessa situação. No caso dos eventos pontuais como *tomar um comprimido* (cf. (182), acima) só é possível a interpretação habitual, mas no caso de 'accomplishments' e actividades as frases podem ser ambíguas, como sucede com *começou a arrumar o quarto* (cf. (181), acima) e com *começou a fumar* (cf. (180)).<sup>62</sup> Por fim, note-se que é possível encontrar a mesma ambiguidade em *começar a ser agressiva* (cf. (178), acima), que pode referir-se tanto ao início de um comportamento de agressividade como ao início do hábito correspondente, o que está, aliás, de acordo com a caracterização deste tipo de estados como ambíguos entre uma propriedade de um indivíduo e os comportamentos concretos que estão na origem da atribuição dessa propriedade.

Considerando agora o operador *passar a*, segundo a análise de Cunha (1998b) ele mostra-se compatível apenas com estados e dá origem a situações que são igualmente estativas. Em Cunha (2004: pp. 94ss) fazem-se observações mais precisas quanto ao domínio de aplicação deste operador, restringindo esse domínio aos estados de indivíduo. Os exemplos seguintes mostram que *passar a* é, de facto, perfeitamente compatível com estados de indivíduo (cf. (188)), mas não com estados de estádio (cf. (189)):

- (188) A Maria passou a ser agressiva / portuguesa / alta.
- (189) ??A Maria passou a estar doente / cansada / em casa.

Para além disso, como se verifica nos exemplos apresentados abaixo, *passar a* pode ser igualmente associado com outros tipos de predicado, mas só se eles forem interpretados como estados habituais, que são estados de indivíduo:

- (190) ??A Maria passou a chorar / <sup>OK</sup>a fumar.
- (191) A Maria passou a ler o romance / a arrumar o quarto.
- (192) ?A Maria passou a encontrar o anel / <sup>OK</sup>a tomar um comprimido para dormir.

<sup>62</sup> *Começar a fumar* parece-me, de facto, uma expressão ambígua entre o início da situação episódica e o início do estado habitual correspondente, não tendo, ao contrário do que afirma Santos (1996: p. 147) esta última interpretação um estatuto preferencial.

Assim, e comparando este operador com o que foi analisado acima, *começar a*, verifica-se que com *passar a* não existe a ambiguidade registada nos exemplos com *começar a*, entre o início da situação em leitura episódica e o início do estado habitual correspondente: veja-se a diferença entre *começar a fumar* e *passar a fumar*, entre *começar a arrumar o quarto* e *passar a arrumar o quarto*.

Quanto ao resultado da aplicação do operador *passar a*, Cunha (1998b) defende que se trata de um estado, proposta que não me parece de todo adequada. A comprová-lo está o teste da leitura obtida em frases no Presente do Indicativo, que mencionei na secção 3.1.7, acima, como decisivo para a identificação dos predicados de estado em português, mas que não é considerado em Cunha (1998b) e é desvalorizado especificamente em relação a estes exemplos em Cunha (2004: pp. 155s). Como se verifica pelos exemplos seguintes, e ao contrário do que é típico dos predicados de estado, *passar a* é pouco aceitável no Presente se não houver um contexto que permita a interpretação da situação como habitual (cf. (193)) ou como futura (cf. (194)):

- (193) ?A Maria passa a arrumar o quarto (<sup>OK</sup>cada vez que a mãe a põe de castigo, mas passados dois meses esquece-se e volta a deixar tudo num caos).  
(194) ?A Maria passa a ser portuguesa (<sup>OK</sup>quando o requerimento for aceite).

Como se verificará na secção 3.2.1.2, abaixo, este é o comportamento típico dos predicados de evento em associação com o Presente, o que indica que o resultado da aplicação deste operador é, não um estado, mas o evento correspondente ao início desse estado.

Até este ponto, *passar a* foi caracterizado como um operador aplicável a estados de indivíduo, que podem ser estados habituais derivados de outro tipo de situação, tendo como efeito a transformação desses estados no evento correspondente ao seu início. Há, no entanto, exemplos onde encontramos o operador *passar a* associado a verbos de 'accomplishment' sem leitura habitual, como os seguintes:

- (195) Terminada a votação, o secretário da direcção passou a ler o relatório respeitante ao ponto seguinte da ordem de trabalhos.  
(196) Passo agora a expor detalhadamente cada um dos argumentos mencionados.

O resultado da aplicação deste operador parece ser igualmente a transformação da situação a que é aplicado no evento correspondente ao seu início – no caso de (196), temos uma leitura de futuro imediato correspondente a *vou agora expor...* – com a particularidade de, neste caso, essa situação ser um 'accomplishment' e não um estado. Penso que este uso de

*estar a* se restringe a âmbitos específicos em que o contexto torna claro que se está a fazer uma enumeração de eventos em sequência, e em que o uso deste operador marca a transição para o próxima evento, tal como, no caso da sua aplicação aos predicados de estado, que observámos acima, ele marca a transição para um novo estado.

Santos (1996: pp. 147 e 188ss) considera ainda na sua análise um outro operador que dá origem a um evento correspondente ao início de uma situação, nomeadamente *pôr-se a*, o qual se distingue de *começar a* e *passar a* por não poder aplicar-se a estados (cf. (197), abaixo), mas apenas a 'accomplishments' e actividades (cf. (198) e (199), e ainda a 'achievements', desde que eles possam ser interpretados como repetidos (cf. (200)):

- (197) ?A Maria pôs-se a ser agressiva / ??ser portuguesa / ??estar doente.
- (198) A Maria pôs-se a ler o romance / a arrumar o quarto.
- (199) A Maria pôs-se a chorar / a fumar.
- (200) A Maria pôs-se a abrir e a fechar a porta.

A repetição que decorre da associação de *pôr-se a* a *abrir e fechar a porta* em (200) não resulta na transformação destes eventos em estados habituais, mas antes no que poderíamos caracterizar como uma actividade derivada por iteração. Relativamente à leitura habitual, pelo contrário, julgo que *pôr-se a* não se conjuga facilmente com ela. Quando analisei o operador *começar a* verificou-se que frases como *A Maria começou a fumar* e *A Maria começou a arrumar o quarto* eram ambíguas entre o início da situação episódica e o início do estado habitual correspondente. Não creio que essa ambiguidade exista nas mesmas frases com *pôr-se a* (cf. (198) e (199), acima), que me parecem ter uma tendência muito clara para a leitura episódica, pelo que esta será uma diferença entre os dois operadores aspectuais, *começar a* e *pôr-se a*.

Registe-se ainda uma outra característica que distingue esses operadores, nomeadamente a compatibilidade com expressões adverbiais de duração em leitura episódica:<sup>63</sup>

- (201) A Maria pôs-se (??começou) a falar da vida dos outros / a arrumar o sótão a tarde inteira / durante duas horas.

A situação referida por *começar a* parece, assim, corresponder apenas ao evento, pontual ou durativo, de início da situação denotada pelo verbo, enquanto *pôr-se a* poderá incluir na situação que refere uma parcela do evento ou actividade em causa, para além do seu início.

<sup>63</sup> Cf. Soares (1995), que, no entanto, não dá exemplos da diferença.

### 3.1.11.3 *Acabar de, parar de, deixar de*

Em Cunha (1998b) o verbo de operação aspectual *acabar de* é caracterizado como aplicável a actividades e a 'accomplishments'.<sup>64</sup> Esta caracterização do domínio de aplicação deste operador parece-me demasiado indiferenciada, pois, embora exclua correctamente os 'achievements' (204) e os estados de (205), abaixo, ignora a diferença de aceitabilidade entre (202) e (203).<sup>65</sup>

- (202) A Maria acabou de ler o livro / a carta.
- (203) ??A Maria acabou de chorar / ?de trabalhar (por hoje).
- (204) ??A Maria acabou de encontrar o anel / de tomar um comprimido para dormir.
- (205) ??A Maria acabou de ser agressiva / alta / portuguesa.

Embora a frase (203) resulte um pouco melhor com *trabalhar* do que com *chorar*, isso deve-se ao facto de ser relativamente fácil conceber o trabalho (mas não o choro) como previsto para ou executável num determinado período (por exemplo o dia de hoje), como tendo um limite que será atingido em determinado momento. Isto é, *trabalhar* funciona neste contexto praticamente como um 'accomplishment', e por isso é possível aplicar-lhe este operador que o transforma no 'achievement' que constitui a sua fronteira final.

Relativamente ao resultado da aplicação deste operador, parece-me que a proposta de Cunha (1998b) é adequada, já que contempla a possibilidade de esse resultado ser um 'achievement', correspondente ao termo da situação referida pelo verbo, ou um 'accomplishment', correspondente a uma fase final dessa situação que inclui o seu termo. Fica, assim, explicada a possibilidade de ocorrerem em frases com *acabar de* expressões de duração como a do exemplo seguinte:

- (206) A Maria acabou de ler o livro / a carta em 15 minutos.

Voltando à questão das classes de 'aktionsart' a que se podem associar diferentes operadores aspectuais, a vantagem de se considerar *acabar de* aplicável apenas a 'accomplishments' e não a actividades é a distinção que assim se faz entre este operador e *parar de*, que é perfeitamente aceitável tanto com 'accomplishments' (cf. (207), abaixo) como com actividades (cf. (208)), e mesmo relativamente aceitável com (pelo menos

<sup>64</sup> Como nota Campos (1997b: pp. 93ss), o verbo em causa é ambíguo entre o significado de operador aspectual aqui considerado e um significado temporal, o único disponível quando o verbo é aplicado a 'achievements' (p. ex. *Acabou de sair*), mas que não considerarei ao fazer juízos de gramaticalidade sobre os exemplos que se seguem.

<sup>65</sup> Para além disso, o autor estipula ainda para este operador uma categoria de partida constituída por uma actividade (básica), o que entra claramente em contradição com os juízos de gramaticalidade que me parecem adequados para os exemplos seguintes.

alguns) estados de indivíduo, que Cunha (1998b) considera faseáveis (cf. (209)), e que neste contexto são interpretados como actividades.<sup>66</sup>

- (207) A Maria parou de ler o livro / a carta (durante alguns minutos).
- (208) A Maria parou de chorar / de trabalhar (durante alguns minutos).
- (209) A Maria parou de ser chata / ?simpática / ??alta / ??portuguesa.

A distinção entre operadores semelhantes em inglês (*finish / stop*) é, aliás, usada já por Dowty (1979) como critério para distinguir actividades de 'accomplishments'. Na análise de Cunha (1998b), a distinção entre *acabar de* e *parar de* faz-se com base não no domínio de aplicação mas na categoria de chegada, no primeiro caso um 'achievement' ou 'accomplishment' e no segundo um evento pontual potencialmente seguido de um 'estado cessativo', proposta justificada pela compatibilidade deste operador com expressões de duração do tipo *durante alguns minutos* (cf. (207) e (208), acima).

Um outro aspecto em que *acabar de* se distingue de *parar de* é a possibilidade de este ser interpretado como denotando a interrupção de um estado habitual constituído pela repetição de 'achievements' (que em leitura episódica são incompatíveis com este operador, cf. (210), abaixo), ou pela repetição de actividades (cf. (211)).

- (210) A Maria parou de tomar o comprimido para dormir / ??de encontrar o anel.
- (211) A Maria parou de fumar.

Neste último caso há uma ambiguidade entre leitura episódica e leitura habitual, ambiguidade essa que, no entanto, só existe com actividades facilmente encaráveis como habituais, como é o caso de *fumar*, mas não de *falar com a vizinha* (cf. (212)), que tem unicamente a interpretação episódica:

- (212) A Maria parou de falar com a vizinha.

Ao contrário de *acabar de* e *parar de*, *deixar de* é um operador compatível apenas com predicados de estado, sendo aplicável desde que o estado em causa possa ter um fim, o que, nos exemplos seguintes, só não é o caso de *ser alta* nem, muito claramente, de *ser filha de*:

---

<sup>66</sup> Como observei na secção 3.1.8.2, acima, os estados de indivíduo considerados faseáveis parecem ser mais susceptíveis de sofrer esta interpretação do que os estados de estágio considerados faseáveis: por exemplo *estar em casa* ou *estar cansada* não são possíveis neste contexto. Cunha (1998b: p. 25) refere outros exemplos, nomeadamente *Maria, pára de ser teimosa / curiosa!*, mas classifica-os como estados não faseáveis, o que não me parece ser o caso, e considera aceitáveis apenas as formas de imperativo, mas não as de Pretérito Perfeito: *A Maria parou de ser teimosa / curiosa*.

- (213) A Maria deixou de ser chata / simpática / portuguesa /??alta /??filha da Eduarda.  
 (214) A Maria deixou de estar à janela / com a mãe.

Um outro dado que julgo poder detectar-se nos exemplos anteriores é a tendência para a interpretação desta construção como referindo o final de um estado de indivíduo, mesmo no caso de (214), onde estão presentes predicados que denotam normalmente estados de estádio, mas que aqui são tendencialmente interpretados como habituais. Falo de interpretação tendencial e não sistemática como estado de indivíduo porque existem outros exemplos, como *estar doente* e *estar cansada*, que não produzem, no mesmo contexto, resultados tão claros. Julgo que esta tendência para a interpretação deste operador como indicando o final de estados de indivíduo pode influenciar também a sua combinação com actividades, sendo os exemplos seguintes considerados ambíguos entre uma leitura episódica e uma leitura habitual, se não mesmo tendencialmente habituais (cf. Santos 1996: p. 148<sup>67</sup>):

- (215) A Maria deixou de chorar / de fumar / de correr / de falar com a vizinha.

Repare-se que a possibilidade ou probabilidade da leitura habitual existe mesmo com actividades que não são facilmente consideradas habituais, como *falar com a vizinha*, ao contrário do que observámos nos exemplos com *parar de* (cf. (211 e (212), acima).

Quanto à utilização deste operador com eventos, os 'achievements' só são possíveis quando interpretados como estados habituais (cf. (216)) e julgo que os resultados são pouco aceitáveis com 'accomplishments' (cf. (217)), sobretudo quando não é possível reinterpretá-los como um hábito (cf. (218)), mas este juízo não parece ser partilhado por todos os falantes, uma vez que este exemplo surge como aceitável em Cunha (2004: p. 159).<sup>68</sup>

- (216) A Maria deixou tomar o comprimido para dormir /??de encontrar o anel.  
 (217) ?A Maria deixou de ler o romance.  
 (218) ??A Maria deixou de escrever o artigo (durante alguns minutos para atender o telefone).

<sup>67</sup> Cf. também Schemann (1982: p. 71), onde se contrasta *A máquina parou de funcionar* com *A máquina deixou de funcionar*, considerando-se o segundo operador mais apropriado para uma situação definitiva, portanto para um estado de indivíduo, observação que está, aliás, de acordo com a opinião de vários falantes consultados por mim.

<sup>68</sup> Cunha (1998b: p. 22) refere também exemplos do tipo de (a) e (b), abaixo, casos em que o significado de *deixar* me parecem diferente daquele que surge nos exemplos anteriores, e nos quais tanto os 'accomplishments' (cf. (a)) como os 'achievements' em leitura episódica (cf. (b)) me parecem perfeitamente aceitáveis:

- (a) O Gaspar deixou de ver o jogo da selecção para estudar para o exame.  
 (b) Naquele dia o Gaspar deixou de tomar o comprimido para beber o champanhe da vitória.

Relativamente à categoria de chegada deste operador, Cunha (1998b) faz uma distinção entre o seu uso com estados não-faseáveis, caso em que afirma que o operador não altera a natureza do estado em causa, e a sua aplicação a estados faseáveis, actividades e eventos, caso ao qual atribui a categoria de chegada de "evento pontual+estado cessativo", baseado na compatibilidade deste operador com expressões adverbiais do tipo *durante uma semana*:

(219) A Maria deixou tomar o comprimido para dormir durante uma semana.

Não me parece que os dados justifiquem o tratamento excepcional dos estados considerados pelo autor como não-faseáveis, já que, independentemente da 'aktionsart' do predicado em causa, o resultado da aplicação de *deixar de* é sempre eventivo, como se verifica pela interpretação das frases seguintes, nas quais este operador aspectual é associado a uma forma de Presente:

(220) ??Os adeptos deixam de incentivar a equipa (<sup>OK</sup> assim que o adversário marcar / marca o primeiro golo).

(221) ??A Maria deixa de ser simpática (<sup>OK</sup> assim que souber que fomos nós que a prejudicámos).

(222) ??A Maria deixa de ser portuguesa (<sup>OK</sup> assim que adquirir a nacionalidade brasileira).

Como se pode verificar, quer nos casos de actividades (cf. (220)) e de estados considerados faseáveis (cf. (221)), quer no caso de um estado considerado não-faseável (cf. (222)), as frases no Presente só se tornam aceitáveis se o contexto favorece uma leitura habitual (cf. (220)) ou futura (cf. (220) a (222)), algo que não sucede tipicamente quando há referência a estados – normalmente compatíveis com o Presente sem qualquer problema – mas sim quando há referência a eventos.

#### 3.1.11.4 *Costumar*

Dos verbos de operação aspectual considerados em Peres (1993), *costumar* é o único que assume apenas uma função de iteração, sem circunscrever uma parte específica da situação, e parece-me claro que o resultado da sua aplicação é um estado habitual. Como os exemplos revelam, pode aplicar-se a diversos tipos de situação: a 'accomplishments' e 'achievements', desde que interpretáveis no contexto como habituais (cf. (223) e (224), abaixo), e a actividades, aparentemente sem grandes restrições (cf. (225)):



- (223) ?A Maria costuma ler o romance / ?a carta/ <sup>OK</sup>comer uma maçã (ao pequeno almoço).  
 (224) ??A Maria costuma encontrar o anel / <sup>OK</sup>tomar um comprimido para dormir.  
 (225) A Maria costuma chorar / falar com a vizinha / fumar.

No que diz respeito aos estados, este operador pode associar-se a estados de estádio repetíveis (cf. (226), abaixo), mas não a estados de indivíduo (cf. (227)), a não ser que se trate de propriedades atribuídas em função de determinadas actividades que se repetem (cf. (228)), ou que o sujeito possa ser interpretado como termo de espécie (cf. (229)):

- (226) A Maria costuma estar à janela.  
 (227) ??A Maria costuma ser alta / portuguesa.  
 (228) A Maria costuma ser agressiva / justa.  
 (229) Os lobos costumam ser perigosos. / Os suecos costumam ser altos.

### 3.1.12 Construções equivalentes aos verbos de operação aspectual no alemão

Verbos de significado correspondente aos que acabei de referir no português são mencionados em gramáticas do alemão (por ex. Helbig e Buscha (1991: p. 74), Duden (1998: p. 91), Flämig (1991: p. 377)) como meios adicionais de exprimir a 'aktionsart' nesta língua (entre outros meios, sobretudo expressões adverbiais de frequência), sendo ilustrados com exemplos como os seguintes, mas sem qualquer referência mais detalhada a domínios ou efeitos da aplicação destes operadores.

- (230) Es begann / hörte auf zu regnen. (Começou a / parou de chover.)  
 (231) Er fuhr fort zu arbeiten. (Ele continuou a trabalhar.)  
 (232) Er pflegte abends spazierenzugehen. (Ele costumava passear à noite.)

Outras construções mencionadas no mesmo contexto são constituídas pelo verbo *sein* (*estar*), uma preposição (geralmente *bei* ou *an*) e um verbo no infinitivo, que pode estar inserido numa oração infinitiva, como em (233), ou pode ser substantivado e precedido apenas da preposição aglomerada com o artigo definido, como nos restantes exemplos.

- (233) Hans war dabei, Bücher zu schreiben. (O Hans estava a escrever livros.)  
 (234) Sie ist beim Lesen / Arbeiten. (Ela está a ler / trabalhar)  
 (235) Während die Piraten noch auf einer Insel am Feiern sind, läuft die "Neptun" (...) wieder aus mit Kurs auf Spanien. (Enquanto os piratas estão ainda a festejar numa ilha, o Neptuno zarpa novamente, rumo a Espanha.)

Em Duden (1998: p. 91), a expressão *am Kochen sein* (*estar a cozinhar*) surge classificada como regional, embora seja admitida, juntamente com expressões contendo as preposições *bei* e *in* seguidas de infinitivo substantivado, como parte do padrão na oralidade. Pelo contrário, em Zifonun *et al.* (1997: pp. 1877ss) este tipo de construção é mesmo visto como o único fenómeno verdadeiramente aspectual do alemão, totalmente independente do tempo verbal, e que poderá continuar a gramaticalizar-se e evoluir de um modelo semelhante ao de construções de substantivo e verbo-suporte<sup>69</sup> para uma verdadeira perífrase progressiva, caso passe, por exemplo, a fazer parte do padrão a possibilidade de integração de complementos verbais, que já se verifica na região do Reno, de onde esta expressão é originária (cf. também Ballweg 2004: pp. 78s).

Esta é a única forma para a qual são apresentadas na bibliografia indicações quanto à 'aktionsart' dos verbos a que se pode aplicar. Zifonun *et al.* (1997: pp. 1877ss) afirmam que é mais comum com os verbos a que chamam "kursiv", correspondentes a atélcos, mas excluem verbos que designam estados mentais como *wissen* (*saber*) ou *hassen* (*odiar*), assim como verbos de percepção involuntária como *sehen* (*ver*) e *hören* (*ouvir*). Nos exemplos surgem essencialmente actividades, como *schreiben* (*escrever*), *kochen* (*cozinhar*), *heulen* (*chorar*), ou *überlegen* (*reflectir*), mas também alguns 'accomplishments' e 'achievements', nomeadamente os que não apresentam complementos, como *heimgehen* (*ir para casa*) e *wegfahren* (*ir-se embora*). Se o domínio de aplicação desta construção parece ser mais restrito do que o de *estar a* em português, uma vez que exclui todos os verbos de estado e também verbos de evento com complementos, o efeito da sua aplicação a 'achievements' parece ser muito semelhante ao deste operador aspectual português: Zifonun *et al.* afirmam, a respeito do exemplo seguinte, que, ou *verlieren* (*perder*) é interpretado neste contexto como 'accomplishment', ou o que é referido é a fase imediatamente anterior ao 'achievement', o que equivale a dizer que lhe é acrescentada neste contexto uma actividade (processo preparatório), tal como na análise de *estar a* (cf. secção 3.1.11.1, acima) e do progressivo inglês (cf. Kamp e Reyle 1993: p. 560).

- (236) Abends sitzt (...) Bea Scholle (...) in der Kantine und spielt "Schock", ein Würfelspiel. Sie ist am Verlieren, hat schon 28 Striche auf ihrem Bierdeckel. (À noite Bea Scholle está sentada na cantina a jogar "Schock", um jogo de dados. Está a perder, já tem 28 riscos na sua base para copos.)

<sup>69</sup> Veja-se o paralelo entre as construções *zum Kochen bringen* (*fazer ferver*), *am Kochen sein* (*estar a ferver*), e *am Kochen halten* (*manter a ferver*). Sobre construções com verbo-suporte ("Funktionsvergefüge") em português e alemão, veja-se Athayde (2000).

## 3.2 Tempo verbal

O ponto de partida para a descrição dos tempos verbais nesta secção, tanto no que diz respeito ao português, como no que diz respeito ao alemão, é o contributo desses tempos verbais para a localização das situações. No caso do português, assume igualmente grande relevância, em articulação com esta função de localização, a relação específica que cada um dos tempos verbais aqui abordados estabelece com as diferentes classes de 'aktionsart' e com propriedades como a telicidade e a delimitação das situações.

A relação entre tempo verbal e 'aktionsart' em alemão é também importante no âmbito do presente trabalho, embora seja um aspecto menos focado pelos autores que trataram a questão dos tempos verbais nesta língua. Importa sublinhar que são extremamente numerosos os trabalhos existentes sobre os tempos verbais em alemão e muito diversas as posições defendidas, pelo que os dados e conceitos que aqui apresento não são, nem pretendem ser, exaustivos. Tentei focar sempre os aspectos mais consensuais e seleccionar a informação em função da sua relevância para uma comparação entre as duas línguas em estudo, em especial do ponto de vista da tradução alemão-português, que é a que aqui mais interessa.

A concluir a abordagem de cada tempo verbal alemão surge uma secção de comparação entre as duas línguas, na qual procuro cotejar de forma sumária os dados e algumas questões relativas à análise do respectivo tempo verbal alemão, com dados e possíveis análises paralelas que recupero das secções sobre o português.

### 3.2.1 Tempos verbais do português

#### 3.2.1.1 Função de localização relativamente a um ponto de referência

O tempo verbal é frequentemente definido como tendo a função de localizar a situação referida pelo verbo relativamente a um determinado ponto de referência ou de orientação. Um desses pontos de referência é a situação de enunciação,<sup>70</sup> que funciona como centro dêictico que fornece simultaneamente coordenadas de tempo, lugar e pessoa

---

<sup>70</sup> Mas há outras opções, como a situação de recepção do enunciado, quando ela não coincide com a de emissão, por exemplo no caso de um bilhete afixado na porta de um gabinete informando: *Estou na sala 12*. (Vejam-se outros exemplos em Declerck (1991: pp. 14ss)). Apesar da existência destas possibilidades, por uma questão de simplicidade, continuarei, ao longo deste trabalho, a falar da situação de enunciação como ponto de orientação ou de perspectiva básico para a localização temporal.

(umas reflectidas na flexão verbal, outras não). Quando o ponto de referência é a situação de enunciação, as situações a localizar são dadas como anteriores, simultâneas ou posteriores ao momento da enunciação, e os tempos verbais que as localizam desta forma são designados como tempos absolutos (cf. Comrie 1985: pp. 36ss).

As três áreas de localização definidas pelos tempos absolutos não são suficientes para descrever adequadamente a diversidade dos tempos verbais existentes nas línguas. Uma forma de complementar este esquema básico é atribuir aos tempos verbais, ou pelo menos a alguns deles, a capacidade de localizar situações de forma indirecta, relacionando-as com centros dêicticos secundários correspondentes aos tempos absolutos e, portanto, eles próprios localizados em relação à enunciação. O precursor da utilização sistemática desta opção foi Reichenbach, que descreveu todos os tempos verbais do inglês com base em dois critérios: por um lado, a relação entre o tempo da enunciação e um tempo que designou como ponto de referência, e, por outro lado, a relação entre esse ponto de referência e a situação referida pelo verbo. Por exemplo, o Past Perfect da frase *Peter had gone* localiza a situação respectiva num intervalo anterior a um ponto de referência, o qual, por sua vez, se situa no passado relativamente ao tempo da enunciação. Ainda segundo Reichenbach, esta frase não indica exactamente qual é o ponto de referência, já que essa determinação só é possível no contexto discursivo (Reichenbach 1966: p. 288).

Muitos autores posteriores retomaram este mecanismo de distinção entre os tempos verbais, em geral introduzindo-lhe alterações, mais ou menos radicais. Por exemplo, Comrie (1985: pp. 65ss) contesta diversos aspectos da descrição de Reichenbach, mas adopta também a ideia de que alguns tempos verbais, entre os quais o Past Perfect, localizam a situação relativamente a centros dêicticos secundários, designando estes tempos verbais como absolutos-relativos.

Este modelo foi também adaptado ao português. Em Mateus *et al.* (2003: pp. 131s), três dos tempos verbais do português analisados no presente trabalho são caracterizados através da relação entre "ponto de fala"(F), "ponto de referência"(R) e "ponto do evento"(E), representada nos seguintes esquemas:

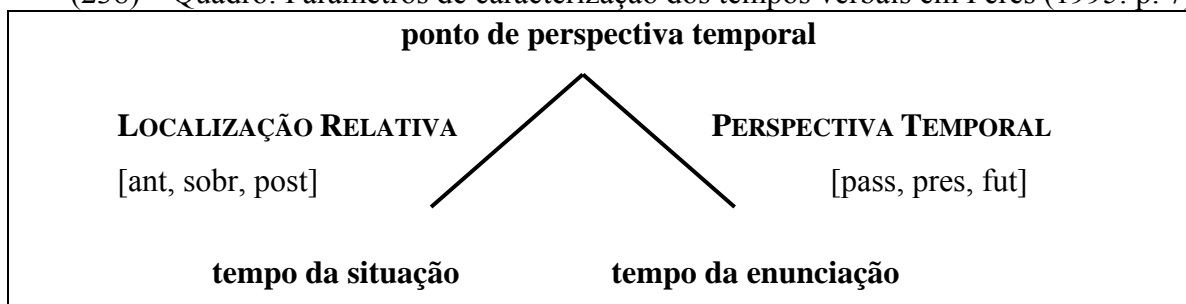
(237) – Quadro: Caracterização de formas verbais portuguesas em Mateus *et al.* (2003: pp. 131s)

Presente	Pretérito Perfeito Simples	Pret. Mais-que-perfeito Composto
_____	_____	_____
E, R, F	E, R F	E R F

O Presente caracteriza-se pela coincidência dos três pontos, o Pretérito Mais-que-perfeito Composto pela anterioridade da situação localizada relativamente ao ponto de referência e deste relativamente à enunciação, e o Pretérito Perfeito pela coincidência de situação localizada e ponto de referência, ambos anteriores à enunciação.<sup>71</sup>

Uma proposta diferente é apresentada em Peres (1993, 1995), que adapta ao português o modelo proposto em Kamp e Reyle para o inglês, por sua vez inspirado nos conceitos de Reichenbach, embora com modificações (cf. Kamp e Reyle 1993: pp. 594s). Os dois parâmetros usados para a caracterização dos tempos verbais, e apresentados no esquema abaixo, são: por um lado a perspectiva temporal, relação entre tempo da enunciação e o chamado 'ponto de perspectiva temporal', que pode apresentar os valores de passado, presente e futuro, e, por outro lado, a localização relativa da situação referida pelo verbo em função desse 'ponto de perspectiva temporal', que pode assumir valores de anterioridade, posterioridade ou sobreposição.

(238) – Quadro: Parâmetros de caracterização dos tempos verbais em Peres (1995: p. 7)



Os valores propostos para caracterizar os tempos verbais relevantes para o presente trabalho encontram-se no quadro seguinte:

(239) – Quadro: Caracterização dos tempos verbais portugueses em Peres (1995: pp. 19s)

	<b>Perspectiva Temporal</b>	<b>Localização relativa</b>
Presente	[presente]	[sobreposto]
Pretérito Perfeito Simples	[presente]	[anterior]
Pretérito Imperfeito	[passado]	[sobreposto]
Pret. Mais-que-perfeito Simples	[passado]	[anterior]
Particípio Passado	[indeterminado]	[anterior]

Os valores atribuídos ao Presente correspondem a uma sobreposição de tempo da situação, 'ponto de perspectiva temporal' e enunciação, tal como no esquema apresentado em Mateus

<sup>71</sup> É também esta a classificação atribuída em Reichenbach (1966: p. 290) ao Simple Past inglês.

*et al.* (2003), mas a caracterização dos restantes tempos verbais difere dessa proposta: o Pretérito Imperfeito localiza a situação referida pelo verbo por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, enquanto o Pretérito Perfeito a localiza num intervalo anterior a um 'ponto de perspectiva temporal' presente. Quanto ao Pretérito Mais-que-perfeito Simples, ele é caracterizado por localizar a situação num intervalo anterior ao 'ponto de perspectiva temporal', por sua vez anterior à enunciação, apresentando portanto as características que em Mateus *et al.* (2003) são atribuídas ao Pretérito Mais-que-perfeito Composto. Esta é uma forma que não surge no quadro (239) mas que é abrangida pelo modelo proposto, pois o autor considera que, tal como o Pretérito Perfeito Composto, ela deriva composicionalmente do tempo verbal do auxiliar *ter* e do Particípio Passado do verbo principal, apresentando as características de ambas as formas. Cada um dos tempos verbais mencionados será analisado com mais detalhe numa das secções que se seguem.

### 3.2.1.2 Presente – Relação com a 'aktionsart'

Há algum consenso quanto à consideração de que o Presente, no seu significado básico, localiza as situações referidas pelo verbo por sobreposição a (um 'ponto de perspectiva temporal' que coincide com) o momento da enunciação.<sup>72</sup> No entanto, este significado básico tem efeitos diversos quando aplicado a diferentes classes de 'aktionsart'.<sup>73</sup> As frases (240) e (241), abaixo, mostram que o Presente se combina com os diversos tipos de estado sem provocar alterações na sua interpretação, mas o mesmo não se passa com as restantes classes de 'aktionsart', representadas nos exemplos subsequentes:

- (240) A Susana é portuguesa / simpática.
- (241) A Susana está doente.
- (242) (?) O bebé chora.
- (243) A Susana fuma.
- (244) (?) A Susana lê o livro.
- (245) A Susana faz o almoço.
- (246) (?) A Susana encontra o anel.
- (247) (?) A Susana abre a janela.

<sup>72</sup> Cf., por exemplo, para além das duas propostas mencionadas na secção anterior, Oliveira e Lopes (1995: p. 105), Lopes (1995: p. 6), e Gärtner (1998: p. 21). Já Cunha e Cintra (1984: pp. 447s) apresentam diversos usos do Presente, sem definir um significado básico, e Bechara (2004: p. 276) fala dele como uma forma neutral, que pode empregar-se em lugar de outras.

<sup>73</sup> Veja-se também, em Peres (1993: p. 17), o quadro de leituras resultantes da combinação dos diversos tempos verbais com as classes de 'aktionsart' da tipologia de Moens (1987) e as observações respectivas, que coincidem em grande parte com as que apresento nesta secção e nas secções que dizem respeito aos restantes tempos verbais.

Em comparação com as duas primeiras, quase todas as outras frases se tornam algo estranhas, pois parecem necessitar de uma informação contextual que as legitime, seja enquanto afirmações ou previsões sobre o futuro (por exemplo, em combinação com uma expressão adverbial como *Daqui a pouco*), seja enquanto estados habituais (por exemplo, em combinação com uma expressão como *todos os dias*). Ainda assim, a frase (246) continuaria a ser estranha na interpretação de estado habitual, por pressupor que alguém encontre várias vezes o mesmo objecto. Só a frase (243) é perfeita sem nenhum contexto adicional, por a actividade que refere ser muito facilmente interpretável como um hábito que constitui uma propriedade do sujeito (cf. Lopes 1995: pp. 10s), e também (245) recebe facilmente uma interpretação habitual, por designar um evento que pode repetir-se todos os dias.

Este comportamento diferenciado que o Presente revela em presença das diversas classes de 'aktionsart', localizando os estados por sobreposição à enunciação, e obrigando eventos e actividades a uma leitura habitual para poder localizá-los da mesma forma, leva a que, em Mateus *et al.* (2003: p. 144), se afirme que esta forma verbal só se comporta como um tempo verbal presente com estados, e a que Cunha (2004: p. 228) a considere, no seu significado básico, um estativizador.<sup>74</sup> Existem, porém, alguns usos do Presente aos quais não se aplica esse tipo de caracterização. De facto, os predicados de evento e actividade podem ser localizados no momento da enunciação, em pé de igualdade com os estados, desde que estejam inseridos num contexto de relato em directo. Aqui, o falante descreve as situações à medida que se apercebe delas e, portanto, cada uma é actual no momento da respectiva enunciação, independentemente das suas propriedades. As frases que se seguem são dois exemplos típicos:

- (248) A bola está nos pés de Figo, Figo cruza, e Deco faz um golo espantoso!
- (249) Surgem agora dois carros da polícia e perseguem o assaltante pela Avenida da Boavista.

Cunha (2004: pp. 228ss), de onde retirei o segundo exemplo, sugere que, em tais contextos, se considere que os eventos e actividades são convertidos em situações pontuais, de modo a poderem coincidir com a enunciação. Fora de um contexto deste tipo, apenas os verbos performativos na primeira pessoa podem referir eventos que se verificam no

---

<sup>74</sup> Sobre esta posição, vejam-se as três secções seguintes.

momento da enunciação (por exemplo, *Prometo*).<sup>75</sup> Os restantes verbos de evento e os de actividade só podem referir as situações respectivas como estando em decurso no momento da enunciação quando associados ao verbo aspectual *estar a*.

Mas existe ainda um outro contexto em que é possível usar as frases (242) a (247), a par com (240) e (241), nomeadamente o de presente histórico ou narrativo, como é designado em Cunha e Cintra (1984: p. 448). Nesses casos há, segundo Lopes (1995: p. 7) "uma deslocação fictícia do intervalo de tempo da enunciação para o passado, por forma a conferir ao evento descrito um imediatismo presencial", mas essa deslocação da enunciação muda substancialmente os efeitos da combinação do Presente com as diversas classes de 'aktionsart', uma vez que, num contexto desse género, qualquer tipo de situação pode ser interpretado como verificando-se nesse momento de enunciação fictício que, tal como o do relato directo, parece deslocar-se ao longo do discurso.<sup>76</sup>

### 3.2.1.3 Pretérito Imperfeito – Paralelismo com o Presente e relação com a 'aktionsart'

Quanto à forma como o Pretérito Imperfeito localiza a situação referida pelo verbo em relação ao ponto de referência, as duas análises mencionadas na secção 3.2.1.1 não são concordantes, uma vez que Peres (1993, Peres 1995) fala de localização por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, caracterização que corresponde à atribuída ao Pretérito Perfeito no esquema apresentado em Mateus *et al.* (2003).

Uma característica fundamental da proposta de Peres é a de atribuir ao Pretérito Imperfeito uma caracterização muito próxima da de Presente, já que ambos os tempos verbais localizam as situações referidas pelos verbos respectivos por sobreposição ao 'ponto de perspectiva temporal', no caso do Presente a enunciação, e no caso do Pretérito Imperfeito um intervalo anterior a ela. Esta proximidade entre os dois tempos verbais surge também em outras descrições dos mesmos, nomeadamente através da observação, feita em diversas gramáticas, segundo a qual se usa o Pretérito Imperfeito "quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente" (cf. Cunha e Cintra (1984: p. 450), mas também Bechara (2004: p. 277), e Martins (1982)).

<sup>75</sup> Estes usos do Presente são também referidos em Oliveira e Lopes (1995: p. 105) e Mateus *et al.* (2003: pp. 154s), que menciona ainda o caso das instruções, em frases como *Sais do aeroporto e à tua direita encontras a paragem de autocarros. Apanhas o autocarro 34.*

<sup>76</sup> Cf. o uso do Presente com diversas classes de 'aktionsart' no seguinte passo de Aquilino Ribeiro: *Abanco a almoçar no Kempinski. Quando puxo pelo meu regalado tesoiro, noto que todos os olhos o cobiçam. Sinto-me crescer em importância. Ao meu lado há um par, ele careca, mas jovem, ela um pouco plumard, mas espiritual. Ofereço-lhes uma fatia e rejubilam. É o senhor Otto Freise (...)* (Ribeiro 1958: p. 59)



Uma outra análise em que é muito nítido o paralelismo entre estes dois tempos verbais é a de Coseriu (1976: pp. 94s), seguida em Bechara (2004: pp. 213ss). Nesta abordagem são consideradas como categorias básicas o 'nível', com os valores de actual e inactual,<sup>77</sup> e a 'perspectiva primária', com os valores de retrospectiva, paralela ou prospectiva. Como se verifica no quadro seguinte, Presente e Pretérito Imperfeito recebem o mesmo valor de perspectiva primária, designadamente o de perspectiva paralela, mas encontram-se em níveis diferentes.<sup>78</sup>

(250) – Quadro: Caracterização dos tempos verbais portugueses em Coseriu (1976: pp. 94s)

	Perspectiva primária:		
Nível:	retrospectiva	paralela	prospectiva
actual	<i>fiz</i>	<i>faço</i>	<i>farei</i>
inactual	<i>fizera</i>	<i>fazia</i>	<i>faria</i>

O outro elemento que reforça, nesta análise, o paralelismo entre Presente e Pretérito Imperfeito, distinguindo-os simultaneamente dos restantes tempos verbais, são os dois aspectos que Coseriu concebe como função suplementar da categoria da 'perspectiva': o aspecto cursivo, de acção em curso, próprio da perspectiva paralela, e o aspecto complexivo, de acção na sua globalidade, ligado aos restantes valores de perspectiva primária. Coseriu verifica até a existência de uma interdependência entre a 'aktionsart' e estas categorias com que analisa os tempos verbais, observando que verbos pontuais não são compatíveis com o aspecto cursivo, e que ocorrem no Presente apenas quando este substitui formas de passado ou futuro (por exemplo em *Ela vem amanhã.*), ou então com interpretação de repetição. Foram precisamente esses factos que constatámos na secção anterior, ao analisarmos o modo como o Presente influencia a interpretação das diversas

<sup>77</sup> Embora Coseriu designe a categoria 'nível' igualmente como 'nível temporal' ("Zeitebene"), com estes valores de 'actual' e 'inactual' ele pretende abranger não só uma diferença temporal entre o que é presente e o que é passado, mas também uma diferença (que poderia talvez ser designada como discursiva) entre um plano principal e um plano secundário ("Vordergrund" / "Hintergrund") paralelo ao primeiro, assim como uma diferença modal entre o que tem validade actual e o que é inseguro, condicionado (cf. usos do Pretérito Imperfeito em construções condicionais ou em fórmulas de delicadeza).

<sup>78</sup> Coseriu explica a partir deste esquema que se confinem a tempos do mesmo nível as possibilidades de uso de um tempo verbal em lugar de outro (por exemplo de Presente pelo Futuro e Pretérito Imperfeito pelo Futuro de Pretérito), vistas como neutralização de oposições entre duas formas. Entre Pretérito Imperfeito e Pretérito Perfeito não existe portanto essa possibilidade, por não haver oposição directa entre estes tempos verbais, já que eles pertencem a níveis diferentes (o chamado 'imperfeito narrativo' é explicado de outra forma, cf. Coseriu 1976: pp. 139ss). Veja-se também Schwall (1991: pp. 285s), que defende que a oposição entre Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito existe no que diz respeito ao aspecto, mas não no que diz respeito ao tempo.

classes de 'aktionsart'. Nos parágrafos que se seguem estenderei essa análise da combinação entre tempo verbal e 'aktionsart' ao Pretérito Imperfeito, tentando assim concretizar o paralelismo entre esta forma verbal e a de Presente, que é mencionado por Coseriu e pelos autores das gramáticas acima referidas (p. ex., Cunha e Cintra (1984: p. 450)).

Tal como o Presente, o Pretérito Imperfeito é plenamente compatível com diversos tipos de estado sem provocar alterações na sua interpretação (cf. (251) e (252)).

(251) A Susana era portuguesa / simpática.

(252) A Susana estava doente.

Note-se que ambas as frases necessitam de um 'ponto de perspectiva temporal' anterior à enunciação, que na primeira frase pode ser inferido a partir do próprio intervalo de existência do indivíduo a quem se atribui a propriedade, mas na segunda tem de ser fornecido pelo contexto, que poderia ser, por exemplo, uma expressão adverbial como *De manhã...* O mesmo vale para as frases seguintes, que apresentam exemplos das restantes classes de 'aktionsart'.

(253) O bebé chorava.

(254) A Susana fumava.

(255) A Susana lia o livro.

(256) A Susana fazia o almoço.

(257) (?) A Susana encontrava o anel.

(258) A Susana abria a janela.

No contexto da expressão adverbial mencionada, todas estas frases podem ter uma interpretação habitual, tal como as frases correspondentes no Presente em contexto semelhante, e com a mesma restrição de a frase (257) só poder ser usada num contexto em que faça sentido a mesma pessoa encontrar várias vezes o mesmo objecto. No entanto, esta não é a única interpretação possível para este tipo de expressões predicativas no Pretérito Imperfeito, como se verifica observando os exemplos seguintes, que contêm, respectivamente, duas actividades (uma delas idêntica à de (253)), um 'accomplishment' e dois 'achievements', o primeiro dos quais muito semelhante ao de (258):

(259) No patamar da entrada, um menino de 30 dias, 3550 gramas de peso, todo vestido de branco, **chorava** com fome. (Corpus: Natura/Publico v. 2.9, par 33619)

(260) Apontando um dirigente socialista de Braga que, na fila da frente, **fumava** paulatinamente o seu charuto, o porta-voz do PS para a Saúde explicou: «Aquele nosso colega ali sofre de uma dependência física. (Corpus: Natura/Publico v. 2.9, par 33619)

- (261) O governador civil do distrito de Castelo Branco sofreu ontem um acidente de viação quando **fazia** o trajecto de casa, na Covilhã, para o Governo Civil. (Corpus: Natura/Publico v. 2.9, par 68232)
- (262) Seguiu-me, e, quando eu **abria** a porta, segurou-a para perguntar: (1660)<sup>79</sup>
- (263) Quando o automóvel **entra** na ponte sobre o caminho de ferro, a Sandra, em correria e perseguida por outra criança, atravessou aquela estrada, sendo então atingida pela parte esquerda da frente desse automóvel. (244)

As expressões predicativas destacadas têm claramente uma leitura episódica, sendo as situações respectivas localizadas por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' disponível no contexto, que é, em todos os exemplos excepto o primeiro, a situação referida por uma forma de Pretérito Perfeito: *explicou* em (260), *sofreu* em (261), *segurou* em (262) e *atravessou* em (263); no caso de (259), e na ausência do contexto original, é plausível que o 'ponto de perspectiva temporal' seja a situação em que alguém encontra a criança.

Sendo localizadas por sobreposição ao 'ponto de perspectiva temporal', as situações referidas pelas formas de Pretérito Imperfeito são aqui representadas como verificando-se nesse intervalo, sem atender aos seus eventuais limites.<sup>80</sup> No que respeita às situações atéticas, este modo de representação não tem qualquer efeito excepcional, mas, no caso das situações téticas, localizá-las como estando em curso sem atender aos seus limites significa localizar apenas uma parte intermédia da situação, que não inclui o seu limite intrínseco. Daí que esse limite possa até não chegar a ser atingido, como acontece, por exemplo, em (261), que admite perfeitamente uma sequência em que se afirme que a pessoa não completa o trajecto previsto, mas é transportada para o hospital.

Este efeito do Pretérito Imperfeito assemelha-se ao do verbo aspectual *estar a*, que, aliás, poderia ser usado nos exemplos (259) a (263) sem alterar o seu significado. Como vimos na secção 3.1.11.1, este operador transforma eventos e actividades em estados progressivos, que se sobrepõem ao respectivo 'ponto de perspectiva temporal', e originam uma interpretação de evento ou actividade em curso nesse momento, a mesma interpretação que recebem os eventos e actividades no Pretérito Imperfeito, nos exemplos mencionados. É devido a esta proximidade de significado com o operador aspectual *estar a* que alguns autores consideram o Pretérito Imperfeito um modificador de 'aktionsart'. É o caso de Cunha (2004: pp. 227ss), que defende que o Pretérito Imperfeito transforma os

<sup>79</sup> Este exemplo e o seguinte foram retirados de um corpus contendo ocorrências de *quando* em texto literário, jornalístico e jurídico, que me foi facultado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa quando da elaboração da minha dissertação de mestrado.

<sup>80</sup> Algumas caracterizações do Pretérito Imperfeito referem esta abstracção relativamente aos limites das situações (cf. Gärtner (1998: p. 25) e Martins (1982: p. 169)).

predicados não-estativos a que é aplicado, ou em estados habituais, ou em situações em curso semelhantes aos estados progressivos, numa interpretação designada pelo autor como "semi-progressiva". Também em Oliveira e Lopes (1995: pp. 99s) se considera que o Pretérito Imperfeito refere em geral estados, e Peres (2003: p. 207) não afasta totalmente essa possibilidade, sugerindo que numa frase como (264), abaixo, a forma de Pretérito Imperfeito se poderia referir não a um evento mas a uma propriedade de um estágio de indivíduos.<sup>81</sup>

(264) Quando cheguei, toda a gente dançava.

A ideia de que o Pretérito Imperfeito dá origem a situações estativas vai ao encontro das propostas apresentadas em Swart (1998), que considera os tempos verbais simples do passado em francês como operadores temporais que colocam exigências aspectuais aos predicados com que se podem combinar: o *Passé Simple* aplica-se apenas a predicados que denotam situações não-homogêneas (cf. secção 3.1.5), nomeadamente a eventos, enquanto o *Imparfait* se aplica apenas a predicados que denotem situações com algum grau de homogeneidade, nomeadamente a estados ou actividades.<sup>82</sup> Se os predicados com que estes tempos verbais se combinam já possuem as características exigidas, isto é, se o *Passé Simple* é usado com predicados de evento e o *Imparfait* com predicados de estado ou actividade, então o contributo das formas verbais é unicamente de índole temporal. Por outro lado, se os predicados não correspondem às exigências dos tempos verbais com que se combinam, então estes não se limitam a uma função de localização temporal, mas desencadeiam a introdução de operadores de coerção aspectual que conferem às situações as características exigidas. Por exemplo, ao predicado de evento dos exemplos seguintes, retirados de Borillo *et al.* (2003: pp. 46s), o *Imparfait* aplica um operador que transforma a situação referida numa situação homogênea, cuja natureza

<sup>81</sup> No entanto, Peres (c.p.) defende, em trabalho ainda em elaboração, que a ideia de que o Pretérito Imperfeito actua como um estativizador não contempla os casos aceitáveis e comuns de aplicação deste valor verbal a situações pontuais (em paralelo com idênticas aplicações do Presente). Neste tipo de ocorrência, a situação localizada pelo Pretérito Imperfeito sobrepõe-se ao ponto de perspectiva, estando nele temporalmente incluída (própria ou impropriamente). Seguem-se alguns dos seus exemplos:

- (a) O velho político inclinou a cabeça. **Desaparecia** uma das grandes figuras do nosso tempo.
- (b) O atleta correu os cem metros em tempo recorde. **Alcançava** o seu maior triunfo de sempre.
- (c) Pôs um ponto final no texto. **Concluía** a obra mais difícil de toda a sua vida.
- (d) Despediram-se. **Acabava** nesse momento um capítulo importante das suas vidas.

<sup>82</sup> A autora usa uma tipologia de 'aktionsart' constituída por três classes: estados, eventos e processos, que corresponde à proposta de Mourelatos (1981). É relativamente semelhante à tipologia de Vendler, mas une os predicados télicos na classe dos eventos em lugar de os dividir em 'accomplishments' e 'achievements'. Daí que, ao descrever as suas propostas, me limite a substituir a designação de processos pela de actividades, por uma questão de simplicidade e coerência terminológica dentro do presente texto.

específica é determinada pelo contexto: em (265) é uma actividade em curso, e em (266) um estado habitual.

- (265) Le lendemain, je faisais mes courses chez l'épicier quand je rencontrai Jean.  
(266) A cette époque-là, je faisais mes courses chez l'épicier du coin.

Segundo Borillo *et al.* (2003: p. 43), onde estas propostas são aplicadas ao francês, as estatísticas sobre a distribuição de 'aktionsart' e tempos verbais mostram que as expressões predicativas de evento ocorrem predominantemente no Passé Simple, enquanto as expressões estativas tendem a combinar-se com o Imparfait. No âmbito da teoria de Swart, esta tendência explica-se pelo facto de as combinações de tempo verbal e 'aktionsart' referidas serem aquelas que satisfazem as pressuposições destes operadores temporais, sem necessidade de coerção aspectual.

Em Swart (1998) afirma-se que os tempos verbais do passado de outras línguas românicas, entre as quais o português, poderão ser analisados nos mesmos moldes, e, com efeito, verificámos já nesta secção a existência de possibilidades de interpretação habitual e episódica de frases no Pretérito Imperfeito que são muito semelhantes às dos exemplos franceses acima transcritos. Observem-se essas duas possibilidades nas versões seguintes, simplificadas e adaptadas, da frase (260), acima:

- (267) Olhou o deputado, que fumava tranquilamente o seu charuto.  
(268) Todos os dias, depois do almoço, o deputado fumava tranquilamente o seu charuto.

Ambas as interpretações poderão ser consequência de um operador destinado a transformar eventos em situações homogéneas associado ao Pretérito Imperfeito, que só actua quando este é combinado com situações télicas. Já a interpretação habitual de situações atélicas, nomeadamente de actividades, como a exemplificada na frase seguinte, não pode ser vista como fruto do mesmo mecanismo de coerção aspectual, uma vez que as expressões predicativas desse tipo são compatíveis com o Pretérito Imperfeito em leitura episódica (cf. o exemplo (259), acima, que inclui o mesmo verbo de (269), abaixo).

- (269) (Todos os dias) ao fim da tarde o bebé chorava.

Retomarei na próxima secção, a propósito do Pretérito Perfeito, as observações sobre a aplicação ao português da teoria de Swart (1998).

Prosseguindo agora a caracterização do Pretérito Imperfeito, importa mencionar dados que são diferentes dos que observámos até agora, uma vez que não se enquadram na

concepção de que o Pretérito Imperfeito localiza apenas a parte intermédia das situações télicas, não contemplando o seu limite intrínseco. Trata-se de exemplos como os que apresento em seguida:<sup>83</sup>

- (270) Em 1978, Poole da Costa, engenheiro do Gabinete Técnico da Habitação da Câmara Municipal de Lisboa, **escrevia** que em Portugal faltavam 600 mil habitações (...) (Corpus Natura/Publico v. 2.3 par 46930)
- (271) Em 1952, no Jamor, o Benfica **vencia** o Sporting por 5-4, conquistando mais uma Taça de Portugal. (Corpus: CETEMPúblico 1.7 Ext 971666 (des, 93a))
- (272) No mesmo dia em que o pavilhão de Timor no Portugal dos Pequenitos se apresentava renovado e com a designação Loro Sae, também a Fundação Bissaya Barreto **abria** mais uma conta para ajudar Timor, com uma caixa depósito localizada logo à entrada do pavilhão. (Corpus DiaCLAV v.2.1 par DC-N1000-1)
- (273) Pouco depois, Fausto **anunciava** uma música mais tropical e **fazia** votos «para que a paz em Angola regresse rapidamente, porque o povo merece». (Corpus Natura/Publico v. 2.9 par 78451)

Em todas estas frases, as formas de Pretérito Imperfeito destacadas referem situações télicas e têm claramente uma leitura episódica, mas, ao contrário do que acontecia nos exemplos (259) a (263), acima, o que está a ser localizado não é uma parte intermédia da situação: obviamente, em (270) e (271) as situações referidas pelos verbos *escrever* e *vencer* estão totalmente incluídas no intervalo correspondente às expressões adverbiais *em 1978* e *em 1952*, tal como em (272) a conta é aberta *no dia* mencionado. Não se exclui o limite intrínseco da situação, nem se cria em nenhum dos exemplos a possibilidade de uma interpretação em que esse limite não é atingido. Esta diferença entre o uso do Pretérito Imperfeito aqui ilustrado e aquele que observámos antes reflecte-se também no facto de, nestes exemplos, ser impossível adicionar ao Pretérito Imperfeito o verbo aspectual *estar* a preservando o significado das frases, ao contrário do que acontecia nos exemplos (259) a (263). Pelo contrário, nos exemplos (270) a (273) as formas de Pretérito Imperfeito poderiam ser substituídas pelo Pretérito Perfeito, que, como veremos na secção seguinte, localiza a situação na sua totalidade (cf. também a secção 3.2.1.5).

Há, no entanto, um aspecto em relação ao qual não parece haver divergência entre estes dois usos do Pretérito Imperfeito: em todos os casos, é necessário que o contexto

---

<sup>83</sup> Trata-se de um uso do Pretérito Imperfeito que é semelhante ao que, para o francês, é por vezes designado como *Imparfait narrativo* (cf. Borillo *et al.* 2003: pp. 61ss), e que é mencionado, relativamente ao português, por Matos (1996: p. 451, e 1999: pp. 258ss). Também Sten (1973: pp. 99s) e Santos (1996: pp. 360s) referem exemplos deste uso, sob a designação de "pitoresco" (*Dois dias depois o governo caía no Parlamento em Sten e momentos depois, [...] assomava à porta da biblioteca em Santos*), mas apresentam no mesmo contexto outros exemplos do que considero ser um uso do Pretérito Imperfeito em que as situações são apresentadas no seu decurso, como nas frases *Quando Mercedes voltou ao corredor, Soriano saía* (Sten 1973) e *Agora a aurora alastrava rapidamente* (Santos 1996).

indique um 'ponto de perspectiva temporal' ao qual a situação referida pela forma de Pretérito Imperfeito se possa sobrepor. Sem as expressões adverbiais de tempo que as acompanham, as formas de Pretérito Imperfeito destacadas nas frases (270) a (273) não seriam aceitáveis com o mesmo sentido – ou, para o serem, o seu contexto antecedente teria de conter uma referência a uma outra situação situação que lhes proporcionasse um 'ponto de perspectiva temporal'.<sup>84</sup>

### 3.2.1.4 Pretérito Perfeito – Relação com a 'aktionsart', telicidade e delimitação

Consideremos agora os efeitos da aplicação do Pretérito Perfeito às diversas classes de 'aktionsart'. Este tempo verbal não condiciona a interpretação dos eventos da mesma forma que o Presente e o Pretérito Imperfeito, como se verifica pela comparação dos exemplos seguintes com as mesmas frases no Pretérito Imperfeito (cf. (255) a (258), na secção anterior), podendo dizer-se que tem aqui apenas uma função de localização temporal.

- (274) A Susana leu o livro.
- (275) A Susana fez o almoço.
- (276) A Susana encontrou o anel.
- (277) A Susana abriu a janela.

Quanto à aplicação do Pretérito Perfeito a actividades e estados, ilustrada nos exemplos seguintes, sobressaem as dificuldades que surgem no caso de estados de indivíduo.

- (278) O bebé chorou.
- (279) A Susana fumou.
- (280) ?A Susana foi portuguesa (<sup>OK</sup>antes de ser canadiana).
- (281) #A Susana foi filha da Maria.
- (282) A Susana foi simpática.
- (283) A Susana esteve doente.

Estas dificuldades são facilmente ultrapassadas no caso das propriedades que são atribuídas aos indivíduos com base em determinado tipo de comportamento ou actividade recorrente, como é o caso de *ser simpática* em (282), já que essas frases podem ser interpretadas como referentes a uma ocorrência desse tipo de comportamento. Outros casos exigem um contexto que possibilite a reinterpretação de uma propriedade habitualmente considerada permanente como temporária (cf. (280)), e, se essa reinterpretação não for de

---

<sup>84</sup> Cf., por exemplo, os dados de Peres (c.p.) mencionados na nota 81, onde o 'ponto de perspectiva temporal' das formas de Pretérito Imperfeito é dado pela situação referida numa frase anterior.

todo possível, as frases podem ser inaceitáveis, como é o caso (281), onde a propriedade referida é inalienável. O efeito do Pretérito Perfeito parece, pois, ser o de impor limites aos estados de indivíduo que podem ser delimitados, mas que de outro modo não teriam esses limites. O mesmo efeito ocorre com actividades (cf. (278) e (279)) e estados de estágio (cf. (283)), situações que, embora não possuindo limites intrínsecos (já que são atéticas), são facilmente concebidas como delimitadas.

Voltemos agora à proposta de Swart (1998) para uma análise dos tempos verbais do passado como operadores temporais que exigem que os predicados com que se combinam apresentem determinadas características aspectuais. De acordo com esta proposta, as leituras de delimitação para estados e actividades no Pretérito Perfeito seriam consequência da introdução de um operador aspectual com a função de transformar situações homogêneas em situações não-homogêneas, nomeadamente estados ou actividades em eventos.

Mas o resultado da aplicação do Pretérito Perfeito a predicados de actividade e de estado não apresenta as características típicas dos eventos básicos, falhando nomeadamente os testes distribucionais de combinação com expressões de duração, já que só as expressões com a preposição *durante* indicam adequadamente a duração das situações respectivas:

(284) O bebé chorou durante duas horas / ?em duas horas.

(285) A Susana esteve doente durante dois dias / ?em dois dias.

Como foi referido na secção 3.1.3, estes testes distinguem situações téticas de situações atéticas, ou seja, distinguem situações que têm um limite intrínseco daquelas que não apresentam esse tipo de limite. O que estes exemplos nos levam a concluir é que os limites que o Pretérito Perfeito impõe à situação são extrínsecos, de uma natureza diferente da dos limites inerentes que elas possam ter, inclusivamente quando estes limites são estabelecidos pelos complementos do verbo, como se verificou pelos resultados da aplicação dos mesmos testes aos exemplos da secção 3.1.9.

Uma possibilidade de explicar esta diferença entre limite inerente e limite extrínseco é a distinção proposta em Depraetere (1995)<sup>85</sup> entre a propriedade da telicidade, baseada no limite final potencial da situação, e a propriedade da delimitação ("boundedness"), baseada em fronteiras temporais concretas, que podem ser fronteiras

---

<sup>85</sup> Cf. a mesma distinção em Declerck (1991: pp. 119ss), e em Peres (2003: pp. 201s).



iniciais, finais ou ambas. A autora aplica esta distinção ao inglês, dando exemplos como os seguintes (a que acrescentei as versões portuguesas).

- (286) I ate an apple. (telic bounded) – Eu comi uma maçã.
- (287) I was eating an apple. (telic unbounded) – Eu estava a comer uma maçã.
- (288) John eats an apple every day. (atelic unbounded) – O John come (passado: comia) uma maçã todos os dias.
- (289) John lived in London for a year. (atelic bounded) – O John viveu em Londres durante um ano.
- (290) John is living in London. (atelic unbounded) – O John está (passado: estava) a viver em Londres.
- (291) John lives in London. (atelic unbounded) – O John vive (passado: vivia) em Londres.

A parte inglesa dos exemplos e a indicação das respectivas propriedades mostra que o valor de telicidade do predicado se mantém constante, tanto nas frases (286) e (287), como nas frases (289) a (291), enquanto o valor de delimitação é alterado por factores como o progressivo aplicado a um predicado télico (cf. (287)) ou um advérbio de delimitação aplicado a um predicado atélico (cf. (289)). A única excepção é (288), onde uma situação télica é concebida como habitual, alterando com isso tanto o seu valor de telicidade como o de delimitação. As traduções portuguesas dos mesmos exemplos, às quais adicionei entre parêntesis as formas verbais que seriam adequadas se todas as frases se encontrassem no passado, mostram que a distribuição de Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito nas diversas frases está de acordo, não com os respectivos valores de telicidade, mas com os valores de delimitação. Independentemente de o respectivo predicado ser télico ou atélico, o Pretérito Perfeito é usado quando as situações são delimitadas ((286) e (289)), e o Pretérito Imperfeito nos restantes casos, onde pode também figurar o Presente, mantendo-se portanto o paralelismo entre estas duas formas verbais, constatado na secção anterior.

Estes dados constituem aparentemente argumentos contra a proposta de Swart (1998) apresentada na secção anterior, segundo a qual o Pretérito Perfeito se aplicaria apenas a predicados de evento e o Pretérito Imperfeito a predicados de estado, tendo cada uma dessas formas verbais a capacidade de adaptar a essas exigências os predicados com que se combina. Mas não há, na verdade, uma contradição entre esta posição de Swart e os dados agora apresentados, uma vez que a definição de evento desta autora não assenta estritamente sobre um critério de telicidade. Swart (1998: p. 351), que afirma que "events have non-homogeneous, quantized reference, just like count nouns", não confina esta noção de referência delimitada ao domínio dos complementos dos verbos e da sua

influência sobre a 'aktionsart'. A autora considera que o resultado da aplicação de um operador de delimitação a uma situação estativa "counts as an event because it is quantized" (Swart 1998: p. 357), e, de acordo com esta posição, considera, por exemplo, que, no francês, as expressões adverbiais de duração com *pendant* aplicadas a estados dão origem a situações eventivas (cf. Swart 1998: p. 373<sup>86</sup>).

Coloca-se aqui a questão de saber se adoptar a noção de delimitação onde ela se mostra adequada, ou seja, na caracterização dos tempos verbais e sua relação particular com a 'aktionsart' (e também na descrição das expressões adverbiais de duração), implica abdicar da noção de telicidade no domínio da 'aktionsart', como faz Swart (1998). Não me parece que seja necessariamente assim. Pelo contrário, julgo que haverá vantagens em usar as duas noções, uma relativa ao limite intrínseco e outra relativa às fronteiras extrínsecas e aleatórias das situações. Essas vantagens podem verificar-se, por exemplo, comparando as possibilidades de interpretação de uma frase no Pretérito Imperfeito sem adjuntos adverbiais (cf. (292), abaixo), com a interpretação da mesma frase acrescida de uma expressão adverbial de duração (cf. (293)).

(292) A Ana lia o livro / via televisão.

(293) A Ana lia o livro em duas horas / via televisão durante duas horas.

O exemplo (292) pode ter, em contextos adequados, tanto uma interpretação episódica, de situação em curso,<sup>87</sup> quanto uma interpretação habitual. No caso da interpretação da situação télica *ler um livro* como evento em curso, o Pretérito Imperfeito localiza apenas a parte intermédia dessa situação, excluindo o seu limite inerente. Já em (293), onde as expressões adverbiais de duração tornam ambas as situações delimitadas, marcando-lhes fronteiras extrínsecas (embora, no caso do 'accomplishment' *ler um livro*, essa fronteira possa coincidir com o respectivo limite inerente), não é possível excluir esses limites e localizar a parte intermédia das situações. Resta, pois, para estas frases, apenas uma interpretação de repetição habitual das situações delimitadas. Existe, portanto, em contextos como este, uma diferença de comportamento entre situações télicas e situações delimitadas (neste caso, delimitadas por expressões adverbiais de duração), que se torna menos clara se pura e simplesmente englobarmos ambos os tipos de situação na mesma classe, como faz Swart com a sua classe dos eventos.

<sup>86</sup> Esta posição é reafirmada em Borillo *et al.* (2003: p. 48), de que Swart é co-autora.

<sup>87</sup> Abstraindo da possibilidade de uma interpretação episódica em que se localiza a totalidade da situação, que requer um contexto ainda mais específico.

Uma outra vantagem da distinção entre delimitação e telicidade é a de nos permitir ir ao encontro da caracterização do Pretérito Perfeito feita por diversos autores, que dão ênfase à capacidade de delimitar situações demonstrada por este tempo verbal, sem, no entanto, o considerarem indutor de mudanças de 'aktionsart' nos predicados com que se combina, mesmo quando admitem que Presente e Pretérito Imperfeito tenham essa capacidade (cf. Mateus *et al.* (2003: p. 139), Oliveira e Lopes (1995: p. 100), e Cunha (2004: p. 239)).<sup>88</sup>

### **3.2.1.5 Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Presente e a delimitação das situações localizadas**

Recorde-se que, na proposta de caracterização dos tempos verbais em análise que nos serviu de ponto de partida, formulada por Peres (1993, Peres 1995) e apresentada na secção 3.2.1.1, o Pretérito Perfeito surge como tendo a função de localizar a situação referida pelo verbo num intervalo anterior ao 'ponto de perspectiva temporal' presente, correspondente à enunciação. Esta função é perfeitamente compatível com a ideia de que esse tempo verbal só localiza situações delimitadas, por limites intrínsecos ou por fronteiras aleatórias, até porque só a existência desses limites garante que as situações sejam totalmente anteriores ao respectivo 'ponto de perspectiva temporal'. Essa anterioridade total da situação relativamente ao 'ponto de perspectiva temporal' parece, pois, confirmar-se como característica básica da localização temporal pelo Pretérito Perfeito.

Ao Pretérito Imperfeito, a proposta mencionada atribui a função de localizar a situação por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, caracterização que se concilia sem dificuldade com a concepção de que este tempo verbal localiza, em grande parte dos casos (cf. os exemplos (253) a (263) da secção 3.2.1.3), situações não-delimitadas, que podem, ou não, ser totalmente anteriores à enunciação. De acordo com a distinção entre telicidade e delimitação defendida na secção anterior, estas situações não-delimitadas podem ser atélicas ou télicas, sendo que, neste último caso, a parte da situação que o Pretérito Imperfeito localiza não inclui o seu limite intrínseco. Quanto aos casos em que uma forma de Pretérito Imperfeito localiza a totalidade da situação (cf. exemplos (270)

---

<sup>88</sup> Há outros autores que distinguem Pretérito Perfeito de Pretérito Imperfeito recorrendo, respectivamente, à noção de delimitação e à de ausência de limites - é o caso, por exemplo, de Gärtner (1998: pp. 24s), e também de Cunha e Cintra (1984: pp. 454s) - embora muitas vezes usem, em conjunto com essas noções, outras que são mais redutoras, como é o caso da oposição entre acção durativa e acção momentânea mencionada em Cunha e Cintra (*ib.*). Também na análise que Campos (1997a: p. 43) faz do Pretérito Perfeito é usada a noção de fronteira.

a (273) da secção 3.2.1.3), trata-se, em geral, de situações télicas que são localizadas incluindo o seu limite intrínseco, mas poderão também ser delimitadas por expressões adverbiais de duração, como na sequência seguinte:

- (294) O tempo alcançado por Luís Pereira na eliminatória da tarde parecia confirmar o seu baixo momento de forma. Mas na final, algumas horas depois, o atleta **corria** a distância num tempo excelente, fazendo a melhor marca europeia do ano. O público brindou-o com o maior aplauso da noite.

Com expressões predicativas atélicas, que julgo poderem ocorrer também nestes contextos, embora sejam menos frequentes, só na presença de expressões adverbiais de duração se torna absolutamente clara a localização da totalidade da situação, incluindo os seus limites (cf. (295), abaixo), embora essa seja também a interpretação mais provável para a actividade não-delimitada de (296), por exemplo:

- (295) Mas na final, algumas horas depois, o atleta **corria** a distância num tempo excelente, um novo recorde europeu, e o público **aplaudia**-o durante vários minutos.
- (296) Em 2002, 8 anos depois do último triunfo, o Brasil inteiro **festejava** uma vez mais a conquista do título mundial. E muitos anseiam por nova celebração em 2006.

Devido ao facto de a situação ser localizada na sua totalidade, este uso do Pretérito Imperfeito aproxima-se do Pretérito Perfeito, que poderia ser usado nas frases anteriores, tal como nos exemplos (270) a (273) da secção 3.2.1.3, sem lhes alterar o significado. No entanto, existem diferenças entre as duas formas verbais, designadamente no que respeita ao seu contexto de ocorrência: ao contrário do que aconteceria com o Pretérito Perfeito, o Pretérito Imperfeito não pode ocorrer nas frases referidas se excluirmos das mesmas as expressões adverbiais de tempo ou outro contexto anterior que proporciona a esta forma verbal um 'ponto de perspectiva temporal' passado. Por outro lado, é esta mesma dependência de um 'ponto de perspectiva temporal' que constitui o aspecto básico comum aos dois usos do Pretérito Imperfeito que observámos.

Quanto ao Presente, a proposta apresentada na secção 3.2.1.1 atribui-lhe a função de localizar a situação referida pelo verbo por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' presente, que corresponde à enunciação. No seu uso mais comum, esta forma verbal localiza apenas situações atélicas e não delimitadas por fronteiras extrínsecas,<sup>89</sup> já

---

<sup>89</sup> Na verdade, só as fronteiras da situação que são anteriores ao momento da enunciação estão determinadas. As fronteiras posteriores são, quando muito, previsíveis com maior ou menor exactidão. E se há alguns casos em que essas fronteiras previsíveis poderão ser expressas numa frase com o Presente, como na frase (a), abaixo, parece-me que em geral essa expressão não é possível (cf. (b) e (c)).

que não possibilita, como faz o Pretérito Imperfeito, a interpretação episódica de situações téticas (ou de actividades), a não ser na presença do operador aspectual *estar a*. No entanto, também neste caso há usos excepcionais, em que não se aplica a restrição respeitante a situações téticas ou delimitadas, designadamente o contexto de relato directo e o uso de verbos performativos na primeira pessoa. Tão-pouco as restantes interpretações possíveis do Presente, nomeadamente a leitura futura e a de presente histórico, se restringem a situações atélicas e não-delimitadas, mas note-se que estas também não localizam as situações em simultaneidade com a enunciação, ou, pelo menos, com a enunciação real, já que, no caso do presente histórico, se admite a sua transposição fictícia para o passado.

Esta caracterização de Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito e Presente com base na forma como localizam as situações relativamente a um 'ponto de perspectiva temporal' e nas propriedades das situações localizadas em termos de telicidade e delimitação permite clarificar e concretizar a relação entre aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo, noções com base nas quais o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito são caracterizados por alguns autores (cf. p. ex. Klein (1973) e Weise (2000: pp. 32ss)). Tem, a meu ver, duas grandes vantagens em comparação com essas noções:<sup>90</sup> por um lado, permite relacionar esta faceta das formas verbais com outros elementos designados como aspectuais, como a informação sobre 'aktionsart' contida em cada verbo e os verbos de operação aspectual, sem confundir os fenómenos em causa, e, por outro lado, não considera a relação entre Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito como um fenómeno aspectual isolado dentro do sistema temporal, mas integra-a numa caracterização global que abrange também os restantes tempos verbais,<sup>91</sup> dois dos quais serão ainda abordados nas próximas secções.

### 3.2.1.6 Pretérito Mais-que-perfeito simples e composto – Relação com a 'aktionsart'

De acordo com a caracterização de Peres (1993), apresentada na secção 3.2.1.1, o Pretérito Mais-que-perfeito simples localiza a situação referida pelo verbo num intervalo anterior a um 'ponto de perspectiva temporal' passado. Quanto ao Pretérito Mais-que-

---

(a) Estou a trabalhar aqui à experiência durante um mês, depois vão decidir se fico.

(b) ??A equipa do Benfica está a jogar durante 90 minutos e depois regressa a Lisboa.

(c) ??O Alberto está a pagar a casa durante um ano, depois já vai ter outra vez dinheiro para as férias.

<sup>90</sup> Veja-se também a argumentação de Swart (1998: pp. 367s) contra as análises do Passé Simple e do Imparfait como sendo ou contendo operadores especificamente aspectuais, operadores que na maior parte das vezes - quando estas formas se combinam com situações que correspondam às suas restrições de selecção aspectuais - têm um efeito nulo. A abordagem destas formas como operadores temporais com restrições de selecção aspectuais, proposta pela autora, explica naturalmente esse facto.

<sup>91</sup> Por exemplo, Cunha e Cintra (1984: p. 380) assinalam a oposição de aspecto concluído e não concluído não só entre Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito, mas entre as formas imperfeitas e as perfeitas ou mais que perfeitas, mas também esta generalização deixa de fora o Presente.

perfeito composto, a sua caracterização corresponde à do Particípio Passado do verbo principal – anterioridade a um 'ponto de perspectiva temporal' indeterminado – adicionada à do Pretérito Imperfeito do auxiliar – sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' passado. Isto é, em (297), abaixo, o evento referido pelo verbo *escrever* é anterior a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, aqui disponibilizado pela primeira frase da sequência, ao qual se sobrepõe o estado resultante do mesmo evento, que, neste caso, coincide com a existência do relatório mencionado.

(297) A Susana estava muito admirada. O Pedro tinha escrito o relatório por ela.

No caso de predicções estativas, como a (298), abaixo, o evento considerado anterior ao 'ponto de perspectiva temporal' é o que marca o início do estado, o qual tem também uma fronteira final anterior ao 'ponto de perspectiva temporal'.<sup>92</sup>

(298) A Susana estava muito admirada. O Pedro tinha estado no escritório de manhã muito cedo.

Tanto para a forma simples como para a forma composta, existe, pois, um evento anterior a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, o que corresponde ao significado básico atribuído a esta forma verbal pela maior parte dos autores (cf. Cunha e Cintra (1984: p. 455), Gärtner (1998: p. 27) e Bechara (2004: p. 279)<sup>93</sup>). Esta análise confere, assim, às duas formas semelhanças suficientes para explicar a opinião generalizada de que elas são basicamente equivalentes, e que diferem apenas quanto ao registo em que são normalmente utilizadas, o qual, no caso da forma simples, se limita a um nível bastante formal (cf. Lopes (1999: pp. 657s), Mateus *et al.* (1989: p. 77), Gärtner (1998: p. 27)).

Por outro lado, o facto de a caracterização do Pretérito Mais-que-perfeito composto incluir também a sobreposição do estado resultante do evento ao 'ponto de perspectiva temporal' leva Lopes (1999: p. 660) a considerar que esta forma verbal pode ter "uma leitura 'resultativa', onde é relevante a representação do estado subsequente à culminação de um evento, e uma leitura não 'resultativa', centrada na culminação do evento".<sup>94</sup> Como

<sup>92</sup> Como se verá na secção 3.2.1.7, este tratamento diferenciado de estados e eventos permite adequar os elementos básicos desta representação também ao Pretérito Perfeito composto - que não impõe aos estados uma fronteira final, permitindo que se prolonguem até ao 'ponto de perspectiva temporal' presente - tal como às formas perfectivas do inglês (cf. Peres (1993: pp. 42ss) e Peres (1995)).

<sup>93</sup> Já Mateus *et al.* (2003) não se limitam a esta noção de anterioridade a passado, mas referem também o estabelecimento de um estado consequente para as situações téticas e de uma fronteira terminal para as situações atéticas, aproximando-se assim da análise de Peres (1993) acima referida.

<sup>94</sup> Kamp e Reyle (1993: p. 601), cuja análise do Past Perfect inglês serve de base a estas observações de Lopes (1999), propõem na verdade três caracterizações correspondentes a três leituras diferentes desta forma

exemplo da leitura resultativa, a autora indica a segunda frase da sequência (299), abaixo, e como exemplo da leitura não resultativa a segunda frase da sequência (300):

- (299) Agora era tarde, pensou. Não tinha conseguido desfazer o equívoco.  
(300) O João chegou ao escritório às 11 h. Tinha-se levantado às 7, tinha tomado o pequeno-almoço no café da esquina, tinha resolvido todos os assuntos que estavam pendentes no banco.

De acordo com a mesma autora (ib. p. 665), a ambiguidade entre as duas leituras do Pretérito Mais-que-perfeito só é evidente em frases onde ocorrem predicados télicos, já que no caso dos predicados atélicos a situação relevante é aquela que é referida pelo verbo, e não o seu estado consequente. Creio, no entanto, que é possível encontrar contextos semelhantes ao de (299), acima, onde predicados estativos têm a mesma leitura que o evento de (299) recebe. É o caso da forma destacada na frase seguinte:

- (301) A Maria pensou em denunciar o criminoso à polícia, mas agora era tarde. Ele **tinha estado** hospedado na sua casa, e esse facto era público. Se o denunciasse, ela própria ficaria sob suspeita.

A questão da atribuição a algumas formas verbais de uma ambiguidade entre uma leitura do tipo aqui designado como resultativo e uma outra leitura que não tem essas características parece-me estar muito condicionada pelos contextos onde essas formas verbais ocorrem e não é simples de esclarecer, como se verá na secção 3.2.2, a propósito do Perfekt e do Plusquamperfekt. Dado que essa questão não parece ter implicações directas para a análise do corpus que efectuarei no presente trabalho, opto por não tecer aqui outras considerações a esse respeito,<sup>95</sup> passando antes a tratar o tema da interacção entre o Pretérito Mais-que-perfeito e as diferentes classes de 'aktionsart' em termos de compatibilidade e de outros efeitos de interpretação, à semelhança do que tenho vindo a fazer com as restantes formas verbais em análise.

No que diz respeito à compatibilidade com diversas classes de 'aktionsart', o Pretérito Mais-que-perfeito revela um comportamento muito semelhante ao que foi registado acima para o Pretérito Perfeito. Assim, como é demonstrado pelos exemplos seguintes – interpretados como sequências possíveis de (302) – este tempo verbal revela-se perfeitamente compatível com eventos (cf. (303) a (306)), assim como com actividades (cf. (307) e (308)), e estados de estádio (cf. (309)).

---

verbal, mas, como a autora refere, a terceira leitura nem é clara em inglês nem parece ter correspondente em português.

<sup>95</sup> Vejam-se, no entanto, algumas observações a esse respeito na secção 3.2.2.5.1.

- (302) A Maria estava muito admirada com o sucedido. ...  
(303) ... A Susana tinha lido / lera o livro.  
(304) ... A Susana tinha comido / comera uma maçã.  
(305) ... A Susana tinha encontrado / encontrara o anel.  
(306) ... A Susana tinha aberto a janela.  
(307) ... O bebé tinha chorado / chorara.  
(308) ... A Susana tinha fumado / fumara.  
(309) ... A Susana tinha estado / estivera doente.

No que diz respeito aos estados de indivíduo, há problemas de compatibilidade com o Pretérito Mais-que-perfeito. Esses problemas são facilmente ultrapassados no caso de propriedades atribuídas em função da repetição de actividades ou eventos com determinadas características: por exemplo, a interpretação de frases como as de (310), abaixo, envolve ocorrências de actividades ou eventos qualificáveis como de simpatia ou de justiça, e não propriamente propriedades intrínsecas do sujeito.

- (310) ... A Susana tinha sido / fora simpática / justa.

Outros tipos de estados de indivíduo apresentam maiores problemas de aceitabilidade no contexto de frases no Pretérito Mais-que-perfeito (cf. (311) e (312), abaixo), problemas esses que são ultrapassáveis apenas se esses estados puderem ser concebidos como tendo limites temporais, como acontece na frase (311) associada à expressão adverbial de tempo *antes de ser canadiana*:

- (311) ... ?A Susana tinha sido / fora portuguesa (<sup>OK</sup>antes de ser canadiana).  
(312) ... ??A Susana tinha sido / fora filha da Maria.

Assim, e tal como o Pretérito Perfeito, o Pretérito Mais-que-perfeito combina-se com situações delimitadas, levando à adição de limites a situações atélicas,<sup>96</sup> mas não modificando as situações télicas, que são aceites com os seus limites intrínsecos. Este facto concilia-se com a análise do Pretérito Mais-que-perfeito referida na secção anterior: a forma simples localiza as situações, tanto as télicas como as atélicas delimitadas, antes do 'ponto de perspectiva temporal' respectivo; a forma composta localiza igualmente as situações não-estativas – eventos e actividades delimitadas – antes do 'ponto de perspectiva temporal', tal como faz ao evento de início dos estados, aos quais atribui adicionalmente uma fronteira final, também anterior a esse 'ponto de perspectiva temporal'.

<sup>96</sup> Cf. observações nesse sentido em Lopes (1999: pp. 661s) e Peres (1993: p. 42).



### 3.2.1.7 Pretérito Perfeito Composto – Relação com a 'aktionsart'

De acordo com a classificação de Peres (1993) apresentada na secção 3.2.1.1, o Pretérito Perfeito composto associa as características do participio passado, nomeadamente a anterioridade a um 'ponto de perspectiva temporal' indeterminado, e as características da forma do verbo auxiliar, designadamente a sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' presente. No que diz respeito aos predicados de estado, esta proposta concretiza-se numa análise muito semelhante à que acabei de descrever para o Pretérito Mais-que-perfeito. Distingue-se dela apenas por não prever uma fronteira final para o estado, que se pode estender até ao 'ponto de perspectiva temporal' presente ou mesmo ultrapassá-lo<sup>97</sup>, como se verifica no exemplo seguinte, que contém um estado de estádio:

- (313) A Susana tem estado doente. Não sei se agora já estará recuperada porque não falo com ela há dois dias.<sup>98</sup>

Observe-se ainda que, embora a omissão das indicações quanto à fronteira final do estado permita que, no momento da enunciação, essa situação se verifique ainda ou tenha terminado, o Pretérito Perfeito composto não é compatível com a indicação explícita dessa fronteira final, o que faz com que a frase seguinte seja agramatical:

- (314) ??A Susana tem estado doente até ontem.

Quanto aos estados de indivíduo, os exemplos seguintes mostram que eles não são compatíveis com o Pretérito Perfeito composto, a não ser que possam ser interpretados como temporários, como é o caso de *morar* em (317), ou que sejam propriedades atribuídas em função da repetição de determinado tipo de actividades ou eventos, como é o caso de *ser corajosa*, na frase (318), onde o que é referido não é uma propriedade mas uma iteração de situações que podem ser classificadas como demonstrando coragem.<sup>99</sup>

- (315) ??A Susana tem sido portuguesa.  
 (316) ??A Susana tem sido filha da Maria.  
 (317) A Susana tem morado com a prima.  
 (318) A Susana tem sido corajosa.

Embora não possuindo um limite final, a situação denotada pelo Pretérito Perfeito composto tem uma fronteira inicial localizada antes do 'ponto de perspectiva temporal'

<sup>97</sup> Também Campos (1997a: pp. 43s) assinala este ponto na caracterização que faz do Pretérito Perfeito composto, por oposição ao Pretérito Perfeito simples.

<sup>98</sup> Cf. um exemplo semelhante em Peres (1993: p. 26).

<sup>99</sup> Como adiante observaremos, a iteração faz parte da interpretação normal dos predicados não estativos quando combinados com este tempo verbal.

presente, e essa delimitação parece impedir a compatibilidade com estados de indivíduo, propriedades desse indivíduo concebidas como permanentes ou pelo menos estáveis. Uma razão adicional para essa incompatibilidade é sugerida pelo facto de o predicado *ser portuguesa* não ser combinável com o Pretérito Perfeito composto (cf. (315), acima), mas poder ocorrer com o Pretérito Perfeito simples e o Pretérito Mais-que-perfeito (cf. os exemplos (280) e (311), de secções anteriores, aqui repetidos):

(319) A Susana foi / tinha sido / fora portuguesa antes de ser canadiana.

Nestas frases o predicado pode ser interpretado como propriedade temporalmente delimitada, mas tal não sucede em (315), que parece conferir à propriedade em causa um carácter demasiado efémero, provavelmente por sugerir uma mudança coincidente com o início do estado e, para além disso, indicar incerteza quanto à continuação desse estado, algo que não será compatível com a natureza inerente ou estável dos estados de indivíduo, e sobretudo deste estado em particular.<sup>100</sup>

Quanto aos predicados de actividade e de evento no Pretérito Perfeito composto, ilustrados nos exemplos seguintes, eles são interpretados como referindo a ocorrência repetida da respectiva situação num período anterior ao 'ponto de perspectiva temporal'<sup>101</sup> presente, ocorrência essa que se pode igualmente prolongar até um intervalo posterior ao presente, como demonstram as opções possíveis para a continuação da primeira frase:

(320) A Susana tem fumado, mas ontem decidiu parar com isso (a partir de amanhã).

(321) O bebé tem chorado.

(322) (?) A Susana tem lido o livro.

(323) A Susana tem comido uma maçã.

(324) (?) A Susana tem encontrado o anel.

(325) A Susana tem aberto a janela.

A obrigatoriedade de uma leitura de repetição causa alguns problemas a certos eventos, como acontece na frase (322), cuja interpretação torna necessário imaginar a leitura repetida do mesmo livro, ou, mais provavelmente, a divisão dessa leitura em ocorrências parcelares que se repetem com regularidade, e também em (324), aceitável apenas num contexto em que se possa perder e encontrar várias vezes o mesmo objecto. No entanto, como se verifica se considerarmos os restantes exemplos, estes problemas não resultam da

<sup>100</sup> O exemplo anterior só seria aceitável no caso inverosímil de alguém que muda de nacionalidade com alguma frequência.

<sup>101</sup> Não considero aqui alguns contextos específicos, como o de orações condicionais do tipo de *Se a Maria tem chegado a tempo nada disto tinha acontecido*, em que predicados de evento no Pretérito Perfeito Composto podem receber uma leitura episódica.

classe aspectual das situações envolvidas, mas da facilidade ou dificuldade com que concebemos determinados eventos particulares como repetíveis, ou parceláveis.

As características do Pretérito Perfeito composto, nomeadamente o facto de a situação poder prolongar-se até um intervalo posterior ao 'ponto de perspectiva temporal' presente, têm ainda como consequência a impossibilidade de exprimir adverbialmente a sua delimitação, como se verifica nos seguintes exemplos:

- (326) A Maria está satisfeita com o resultado do seu telefonema para os pais do Pedro. Ele tem estado doente toda a semana (??passada), mas ficou bom com a chegada da mãe.
- (327) A Maria está satisfeita com o resultado do seu telefonema para os pais do Pedro. Ele esteve doente toda a semana (passada), mas ficou bom com a chegada da mãe.

Como afirma Campos (1997a: p. 42), a partir de cujos exemplos estes foram construídos, a presença da forma de Pretérito Perfeito composto em (326) obriga à interpretação de *toda a semana* como referente à semana que inclui o momento da enunciação, que coincide com o 'ponto de perspectiva temporal'. Pelo contrário, na frase (327) o Pretérito Perfeito simples possibilita a referência a uma outra semana anterior, limitando assim a situação a um intervalo anterior ao 'ponto de perspectiva temporal'. Como se verifica pelo exemplo (328), abaixo, também o Pretérito Mais-que-perfeito difere do Pretérito Perfeito composto neste ponto, o que era aliás previsível a partir da caracterização do Pretérito Mais-que-perfeito apresentada na secção anterior, que estipula a limitação da situação a um intervalo anterior ao respectivo 'ponto de perspectiva temporal'.

- (328) A Maria estava satisfeita com o resultado do seu telefonema para os pais do Pedro. Ele tinha estado / estivera doente toda a semana (anterior), mas ficara / tinha ficado bom com a chegada da mãe.

### **3.2.2 Tempos verbais do alemão**

#### **3.2.2.1 Função de localização relativamente a um ponto de referência**

Repetindo o procedimento adoptado para o português, o ponto de partida para esta secção serão abordagens dos tempos verbais alemães como localizadores das situações relativamente a um determinado ponto de referência ou de orientação, coincidente ou não com momento da enunciação. Mencionei na secção 3.2.1.1 o trabalho de Reichenbach

(1966) como precursor da análise sistemática dos tempos verbais com base na sua relação com o tempo de orientação básico que é o da enunciação e com um outro tempo de referência. No entanto, no que diz respeito à língua alemã, é de notar que a noção de que outros momentos para além da enunciação podem ser relevantes para o significado de alguns tempos verbais foi expressa mesmo antes de Reichenbach, nomeadamente por Hermann Paul (cf. Ehrich 1992: p. 65, nota 1). Mas são numerosos os trabalhos que adaptam de alguma forma o conceito de Reichenbach, e fazem-no de forma muito diversificada, quer no que diz respeito à sua definição – o que se deve em parte ao uso um tanto vago que o próprio Reichenbach faz do mesmo conceito (cf. Thieroff 1992: pp. 80ss e Kamp e Reyle 1993: pp. 593s) – quer no que concerne às opiniões sobre a pertinência desse conceito para a análise dos tempos verbais do alemão.<sup>102</sup>

Assim, e tendo em conta os objectivos do presente trabalho, optei por apresentar em primeiro lugar, de forma esquemática, as propostas para a caracterização dos tempos verbais alemães em análise que são formuladas por Thieroff (1992) e Ehrich (1992), já que o uso que estes autores fazem da noção de ponto de referência é relativamente semelhante ao de Kamp e Reyle (1993) e Peres (1993), facilitando por isso o estabelecimento de relações globais com as propostas já referidas para o português. Os detalhes destes trabalhos e as análises de outros autores serão referidos nas secções posteriores, à medida que forem abordadas as questões relevantes relativamente a cada tempo verbal.

---

<sup>102</sup> Como já foi referido na secção 3.2.1.1, Reichenbach (1966: p. 288) introduz este conceito a propósito do Past Perfect, afirmando que o 'ponto de referência' de uma frase como *Peter had gone* é anterior à enunciação, mas só é definido pelo contexto discursivo. Esta afirmação é ilustrada com dois exemplos, um contendo uma expressão adverbial de tempo que localiza um evento referido por uma forma de Past Perfect, e outro contendo a referência a outra situação passada, a partir da qual a situação referida pelo Past Perfect é perspectivada. Tanto a noção de ponto de perspectiva para a localização, como a ideia de que advérbios e outras situações referidas no contexto discursivo podem servir como ponto de referência foram usadas para concretizar este conceito, dando origem a versões diferentes do mesmo (cf., na nota 121, adiante, a interpretação diferenciada deste conceito em Kamp e Reyle (1993)). As observações que se seguem ilustram essa diversidade de interpretações no que diz respeito ao alemão, sem terem a pretensão de serem exaustivas (cf. também Thieroff 1992: pp. 80ss). A noção de ponto de referência como momento a partir do qual se orienta ou perspectiva a localização das situações, é aplicada por exemplo por Thieroff (1992: p. 86) a todos os tempos verbais do alemão, mas Bäuerle (1979: pp. 42ss) considera-a relevante apenas para tempos compostos, e Rathert (2003: pp. 13ss) rejeita-a mesmo na análise de um tempo composto como o Perfekt. Outra noção de ponto de referência, utilizada em parte por Ehrich (1992: p. 64), é a de situação antecedente, isto é, situação mencionada no discurso em relação à qual se localiza anaforicamente outra situação (para a distinção entre esta noção e a anterior, veja-se Kamp e Reyle 1993: p. 593). Por outro lado, Ballweg (1988: p. 50, nota 16) afirma ser derivada do conceito de Reichenbach a noção de "Betrachtzeit", considerada por ele (e também por autores como Bäuerle (1979: pp. 45ss) e Fabricius-Hansen (1986: pp. 52s)) como o terceiro parâmetro relevante no funcionamento dos tempos verbais. Esse parâmetro diz respeito ao intervalo tomado em consideração no enunciado, intervalo que em geral não coincide totalmente com a situação localizada e é definido essencialmente com base em indicações adverbiais (esta definição coincide parcialmente com a de "Topikzeit" em Klein (1994: pp. 3ss e 18ss), adoptada também por Musan (1999), mas Klein distancia-se do conceito de Reichenbach, considerando-o demasiado vago).

De acordo com as propostas de Ehrich (1992), o significado dos tempos verbais tem uma componente intrínseca e uma componente contextual. A componente intrínseca consiste na relação especificada entre o tempo da situação ("Ereigniszeit", abreviado como E)<sup>103</sup> e o 'tempo de referência' ("Referenzzeit", abreviado como R); a componente contextual consiste na relação entre o 'tempo de referência' e o momento da enunciação ("Sprechzeit", abreviado como S). São três os valores possíveis para as relações que acabei de referir: anterioridade ("Anteriorität"), posterioridade ("Posteriorität") e associação ("Assoziierung"). Os dois primeiros verificam-se nos casos em que um dos intervalos ou situações em causa é totalmente anterior ou posterior ao outro, o último nos casos em que há entre eles algum tipo de sobreposição temporal, que pode ir até à coincidência total (Ehrich 1992: pp. 67s). Aplicada aos tempos verbais do alemão que considero neste trabalho, esta caracterização resume-se no seguinte quadro, em que a relação de associação é representada graficamente por uma vírgula:

(329) – Quadro: Caracterização de tempos verbais alemães em Ehrich 1992: pp. 67s)

	intrinsische Bedeutung (significado intrínseco)	kontextuelle Bedeutung (significado contextual)
Präsens	E,R	S,R
Präteritum	E,R	R<S
Perfekt	E<R	S,R
Plusquamperfekt <sup>104</sup>	E<R	R<S

O Präsens é caracterizado pela associação dos três intervalos em causa e o Präteritum pela associação do tempo da situação com o tempo de referência, localizado num intervalo anterior à enunciação. Tanto o Perfekt como o Plusquamperfekt localizam a situação num intervalo anterior ao tempo de referência, sendo que no caso do Perfekt este está associado ao momento da enunciação, enquanto no caso do Plusquamperfekt é anterior a ele.

É notória a semelhança com a caracterização dos tempos verbais do português apresentada na secção 3.2.1.1, em que também o Presente localiza as situações por

<sup>103</sup> Prefiro continuar a adoptar a designação de 'tempo da situação' e não uma tradução mais directa de "Ereigniszeit", que seria 'tempo do evento', já que, embora o termo 'evento' permita manter a coerência com as abreviaturas de Ehrich (e também de Reichenbach), o termo 'situação' me parece mais adequado para abranger as diversas classes de 'aktionsart'

<sup>104</sup> Esta é a caracterização do Plusquamperfekt apresentada na secção 3.2. do texto de Ehrich (1992: p. 68). Posteriormente, quando analisa este tempo verbal em combinação com expressões adverbiais de tempo, a posição da autora é diferente (cf. Ehrich 1992: pp. 147ss).

sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' coincidente com a enunciação, e o Pretérito Imperfeito por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior à enunciação, enquanto Pretérito Perfeito e Pretérito Mais-que-perfeito localizam a situação em intervalos anteriores ao 'ponto de perspectiva temporal', no primeiro caso coincidente com e no segundo caso anterior à enunciação.

Passando agora à propostas de Thieroff (1992: pp. 86s, 274s), este autor caracteriza os tempos verbais do alemão com base nas relações de anterioridade ou não-anterioridade entre tempo da situação ("Ereigniszeit", abreviado como E), 'tempo de orientação' ("Orientierungszeit", abreviado como O), e 'tempo de referência' ("Referenzzeit", abreviado como R). O 'tempo de orientação' é o centro dêictico com base no qual os tempos verbais localizam a situação referida pelo verbo: para algumas formas, como o Präsens e o Perfekt, ele é simplesmente o momento da enunciação, mas outras formas, entre as quais o Präteritum e o Plusquamperfekt, relacionam-se directamente com um centro dêictico secundário (abreviado como O<sub>2</sub>), anterior ao centro dêictico principal que é a enunciação. Por outro lado, o 'tempo de referência' não é definido como centro dêictico, embora possa coincidir com um, e distingue-se do 'tempo de orientação' por caracterizar apenas os tempos de perfeito ("Perfekttempora"<sup>105</sup>) e por a situação a localizar estabelecer com ele uma relação fixa de anterioridade. As relações pertinentes para os tempos verbais considerados neste trabalho estão resumidas no seguinte quadro:

(330) – Quadro: Caracterização dos tempos verbais alemães em Thieroff (1992: pp. 274s)

Präsens	E não-anterior a O (E nicht-vor O)
Präteritum	E não-anterior a O <sub>2</sub> & O <sub>2</sub> anterior a O (E nicht-vor O <sub>2</sub> & O <sub>2</sub> vor O)
Perfekt	E anterior a R & R não-anterior a O (E vor R & R nicht-vor O)
Plusquamperfekt	E anterior a R & R não-anterior a O <sub>2</sub> & O <sub>2</sub> anterior a O (E vor R & R nicht-vor O <sub>2</sub> & O <sub>2</sub> vor O)

Apesar de haver aparentemente mais diferenças nos conceitos e tipos de relação usados, também esta análise revela semelhanças com as propostas apresentadas para o

<sup>105</sup> Esses tempos verbais são, na terminologia de Thieroff, o Perfekt, o Plusquamperfekt, o Futur II, o FuturPräteritum II, o Perfekt II e o Plusquamperfekt II.

português. Präsens e Präteritum sobrepõem-se<sup>106</sup> ao seu 'tempo de orientação', no primeiro caso coincidente com a enunciação e, no segundo caso, anterior a ela, tal como Presente e Pretérito Imperfeito em relação ao seu 'ponto de perspectiva temporal'. Por sua vez, Perfekt e Plusquamperfekt são anteriores ao seu 'tempo de referência', no primeiro caso (potencialmente) coincidente com a enunciação e no segundo caso anterior a ela, tal como acontece com o Pretérito Perfeito e o Pretérito Mais-que-perfeito e com o respectivo 'ponto de perspectiva temporal'.

Nas secções seguintes abordarei mais detalhadamente cada um dos tempos verbais mencionados.

### 3.2.2.2 Präsens – Significado e relação com a 'aktionsart'

Os dois autores referidos na secção anterior apresentam duas propostas diferentes para definir o significado do Präsens: segundo Ehrich, esta forma verbal localiza as situações num intervalo associado (isto é, que de alguma forma se sobrepõe), tanto ao tempo de referência como ao momento da enunciação, enquanto Thieroff afirma que o Präsens localiza as situações num intervalo não-anterior ao tempo de orientação, que é o da enunciação. Mas esta é só uma pequena amostra da diversidade de significados atribuídos em diferentes estudos a esta forma verbal, cuja flexibilidade de utilização em contexto levou muitos autores a distinguir diversas variantes no seu significado: Thieroff (1992: pp. 89ss), que resume as posições de vários autores, menciona enumerações que vão dos 16 itens de Wunderlich (1970: pp. 114ss)<sup>107</sup> até apenas dois significados. Uma posição intermédia é, por exemplo, a de Helbig e Buscha (1991: pp. 146s), que distinguem quatro variantes de significado, nomeadamente a de presente actual (cf. (331)), a de presente para referir eventos futuros (cf. (332)), a de presente histórico (cf. (333)), e a de presente geral ou atemporal (cf. (334)).<sup>108</sup>

(331) Seine Tochter studiert in Berlin. (A filha dele estuda em Berlim)

(332) Wir treffen uns am Bahnhof. (Encontramo-nos na estação.)

---

<sup>106</sup> A sobreposição é a relação mais comum, mas é também possível que a situação seja posterior ao 'ponto de orientação', razão por que o autor define a relação em causa como não-anterioridade.

<sup>107</sup> Wunderlich parte, efectivamente, de uma longa lista de usos possíveis para o Präsens, mas, ao sistematizar as suas observações, reduz o número de itens considerados a sete: afirmações genéricas, provérbios, referência a presente, referência a futuro, ordens e instruções, frases com *seit* e *schon* (*há*) e referência a passado.

<sup>108</sup> Cf. posição semelhante em Eichler e Bunting (1996: pp. 104s), e em Duden (1998: pp. 147s), embora aqui surja apenas, no resumo do significado deste tempo verbal, a referência a situações presentes e futuras. Assinale-se que este leque de sentidos é idêntico ao que Cunha e Cintra (1984: p. 447s) indicam para o português, sendo que estes autores incluem ainda o presente habitual ou frequentativo.

- (333) 1914 beginnt der erste Weltkrieg. (Em 1914 começa a primeira guerra mundial.)
- (334) Wasser besteht aus Wasserstoff und Sauerstoff. (A água é constituída por hidrogénio e oxigénio.)

Uma outra forma de explicar dados como estes é negar ao Präsens qualquer tipo de especificação temporal, deixando ao contexto a fixação da relação estabelecida entre a situação referida pelo verbo e a enunciação. Esta é a posição defendida, por exemplo, por Zifonun *et al.* (1997: pp. 1693ss), para quem uma situação localizada por uma forma de Präsens se sobrepõe a um "Betrachtzeit" (intervalo tomado em consideração) definido contextualmente, cuja relação com a enunciação é igualmente determinada por mecanismos pragmáticos partir do contexto.<sup>109</sup>

Tanto as posições da variedade semântica como as da indeterminação total são contestadas por Thieroff com base na assimetria revelada pelo Präsens quando combinado com frases sem expressões adverbiais de tempo, como (335):

- (335) Der Kaminfeger kommt. (O limpa-chaminés vem (aí).)

Segundo Thieroff (1992: p. 100), "wenn der Hörer davon ausgehen muß, daß die Ereigniszeit die Sprechzeit nicht überlappt, wird er solche Sätze immer so interpretieren, daß die Ereigniszeit *nach* der Sprechzeit situiert ist, niemals so, daß sie vor der Sprechzeit liegt".<sup>110</sup> É esta assimetria que justifica a opção deste autor pela não-anterioridade em relação à enunciação como significado desta forma verbal (cf. posição semelhante em Bäuerle (1979: pp. 56s)). O uso do Präsens como presente histórico entraria assim em contradição com o seu significado normal, o que explicaria o efeito estilístico específico do Präsens nesses contextos, ausente no seu uso normal para referir situações sobrepostas ou posteriores à enunciação. Mesmo em combinação com advérbios dêicticos, o uso do Präsens para referir situações passadas é o que revela maiores restrições contextuais. Por exemplo a frase (336), abaixo, contendo *gestern (ontem)*, não seria admissível, para

<sup>109</sup> Esta é também a posição de Ballweg (1988), autor do capítulo em causa da gramática de Zifonun *et al.* (1997), e uma posição semelhante de neutralidade temporal do Präsens é defendida igualmente por Fabricius-Hansen (1986: pp. 74ss), Engel (1988: pp. 414s), e, em enquadramento teórico muito diferente, por Weinrich (1993: pp. 213ss). Flämig (1991: pp. 390s) abarca diversas posições, já que, por um lado, atribui ao Präsens as características de generalidade e neutralidade temporal, mas, por outro lado, distingue os quatro empregos desta forma acima citados, e, de entre esses, atribui ao presente actual o estatuto de significado por defeito, na ausência de outras indicações.

<sup>110</sup> Em português: "Quando o ouvinte é levado a crer que o tempo da situação localizada não se sobrepõe ao da enunciação, escolherá sempre uma interpretação dessas frases em que o tempo da situação é posterior à enunciação, e nunca uma interpretação em que ele é anterior a ela".



Thieroff (1992: p. 98), num contexto de diálogo, onde as outras variantes seriam perfeitamente normais.<sup>111</sup>

- (336) Morgen / Heute / ??Gestern sitze ich den ganzen Tag am Schreibtisch und am Abend gucke ich Fernsehen. (Hoje / amanhã / ontem estou sentado à secretária o dia todo e à noite vejo televisão.)

Como vimos na secção anterior, Ehrich (1992: pp. 68ss) reduz a amplitude do significado básico do Präsens à sobreposição ao tempo de referência, por sua vez sobreposto ao momento da enunciação. O uso desta forma verbal para localizar situações antes e depois da enunciação é explicado pela autora a partir de um mecanismo de transposição do significado contextual, isto é, da relação entre situação e tempo de referência: essa relação passa, nesses contextos, de um valor que implica a sua sobreposição para um valor de anterioridade ou posterioridade, respectivamente. O argumento de Ehrich para justificar a exclusão da referência a futuro do significado básico do Präsens são as restrições de 'aktionsart' a que está sujeita esta interpretação, que só é possível sem indicações adverbiais ou contextuais expressas no caso dos predicados de evento (cf. (332) e (335), acima), mas não no caso de estados e actividades, como nos exemplos seguintes (cf. também (331), acima):

- (337) Anna wohnt in Lissabon. (A Ana mora em Lisboa.)  
(338) Das Baby weint. (O bebé está a chorar.)

Pelo contrário, Ehrich considera a leitura de presente básica por ser sempre possível, mesmo com eventos.

Com estas observações entramos no domínio da relação entre a forma verbal e a 'aktionsart', uma questão que não é aprofundada em muitos estudos sobre o alemão<sup>112</sup>, mas que se torna relevante no âmbito comparativo do presente trabalho, dada a importância que assume na análise dos tempos verbais portugueses. Para além de Ehrich (1992), outra abordagem em que é sistematicamente levada em conta a relação entre tempo verbal e 'aktionsart' é a de Reyle *et al.* (2000: p. 18). Estes autores consideram que há uma distinção

---

<sup>111</sup> Esta frase sugere ainda um outro argumento em favor de um estatuto preferencial da leitura futura do Präsens, nomeadamente o facto de a sua variante com *heute (hoje)*, situar o evento depois da enunciação, na parte do dia que ainda não passou e não na parte que possa ter passado, para o que é necessário o uso de um tempo verbal do passado: *Heute habe ich den ganzen Tag am Schreibtisch gesessen und am Abend habe ich Fernsehen geguckt. (Hoje estive sentado à secretária o dia todo e à noite vi televisão.)*

<sup>112</sup> Por exemplo, Bäuerle (1979) e Ballweg (1988) não consideram, em geral, esta questão na sua abordagem dos tempos verbais alemães; Fabricius-Hansen (1986) vai fazendo observações relevantes sobre 'aktionsart' à medida que vai abordando cada forma verbal, mas só depois de o ter feito se dedica então à definição de classes de 'aktionsart' e à sua interpretação global; Thieroff (1992: pp. 101s) sugere mas escolhe não explorar em pormenor a relação entre a 'aktionsart' e a interpretação futura do Präsens.

básica entre estados e eventos, que se reflecte na interpretação do Präsens com ambos os tipos de predicado: enquanto os estados incluem o momento da enunciação – e se podem naturalmente estender para além dele, como acontece de forma clara na frase (337), acima –, os eventos situam-se exactamente nesse momento da enunciação.<sup>113</sup> Considerando as frases seguintes, é a segunda, com um predicado de 'achievement', que mais facilmente corresponde a esta interpretação, concebível apenas no contexto específico de relato em directo:

(339) Anna liest das Buch. (A Ana lê / está a ler o livro.)

(340) Anna öffnet das Fenster. (A Ana abre a janela.)

A situação referida pela primeira frase pode ser interpretada como evento em curso no momento da enunciação, mas sem coincidir exactamente com ele, podendo, para além disso, ter uma interpretação habitual ou futura. As interpretações habitual e futura estão também disponíveis para a segunda frase, onde a leitura de evento em decurso é muito difícil de obter. Assim, e na abordagem de Reyle *et al.*, sem indicações contextuais específicas, só os predicados de estado podem ter uma interpretação regular ("default") no Präsens. A interpretação regular de predicados de evento requer um contexto específico de relato em directo, em que o momento do evento coincide exactamente com o da enunciação e este se vai movendo ao longo do discurso. Na maior parte dos casos, no entanto, o contexto de uso do Präsens não é esse, e o processo de interpretação dos predicados eventivos requer uma alteração das condições de interpretação regular. Essa alteração pode ocorrer no âmbito do significado do tempo verbal Präsens, que (no caso da interpretação futura) passa a localizar o evento num intervalo posterior à enunciação<sup>114</sup>, ou então a alteração pode dar-se no âmbito da 'aktionsart', nomeadamente através da introdução de um operador habitual, ou de um operador progressivo, para a interpretação de evento em curso. Qualquer um destes operadores transforma o evento original numa situação com características estativas, que pode assim ser localizada através de uma relação de inclusão temporal com o momento de enunciação, tal como sucede no caso dos estados (cf. Reyle *et al.* 2000: pp. 18ss).

<sup>113</sup> Esta distinção é formalizada nas seguintes condições, onde "n" corresponde ao momento da enunciação e "t<sub>i</sub>" a um intervalo de tempo:

Para os estados (representados como "s"):  $[n = t_i \subseteq s]$

Para os eventos (representados como "e"):  $[e \subseteq t_i = n]$

<sup>114</sup> Possivelmente, no caso do presente histórico, haveria uma alteração no sentido de localizar a situação num intervalo anterior à enunciação, mas os autores não o afirmam expressamente.

Embora num enquadramento teórico muito diferente, a proposta que acabei de apresentar é, em diversos aspectos, semelhante à análise do Präsens esboçada em Löbner (2002: pp. 257s)) e Löbner (1988: pp. 171ss), que passo a apresentar sucintamente. Remetendo para Comrie (1976), Löbner toma como ponto de partida a noção de aspecto, e distingue aspecto perfectivo e imperfectivo da seguinte forma: uma frase imperfectiva representa uma predicação acerca de um intervalo de tempo, localizado pelo tempo verbal e especificado pelo contexto, no qual se afirma ser verdadeira a situação referida pelo predicado; por sua vez, uma frase perfectiva representa uma predicação sobre um evento, especificado pelo predicado e localizado pelo tempo verbal.

É necessária uma observação quanto às noções de evento e estado em Löbner, que não correspondem a (conjuntos de) classes de 'aktionsart', como no presente texto, mas estão intimamente relacionadas com as de aspecto perfectivo e imperfectivo, já que, neste quadro teórico, as frases perfectivas denotam eventos e as imperfectivas estados, que são propriedades de intervalos de tempo.<sup>115</sup> A relação entre a noção de aspecto de Löbner e as classes de 'aktionsart' não é muito clara. Por um lado, Löbner (1988: p. 165)) dá como exemplos de frases imperfectivas as frases estativas, e é, na verdade, visível o paralelismo entre essas frases imperfectivas (e a afirmação de que uma situação se verifica num dado intervalo) e a forma de localizar estados incluindo neles do tempo de localização, em Reyle *et al.* (2000: p. 18- cf. nota 113, acima). Além disso, há também semelhanças entre as frases perfectivas (com a localização global do evento) e a inclusão do evento no seu tempo de localização, em Reyle *et al.*. Por outro lado, todavia, em Löbner (2002: p. 260) afirma-se explicitamente que o aspecto não é previsível a partir da 'aktionsart' do predicado. Esta questão voltará a ser abordada na secção sobre o Präteritum.

Voltando à análise do Präsens, também Löbner o define por referência ao tempo da enunciação, pelo que as frases imperfectivas dizem respeito a esse intervalo, afirmando que nele se verifica a situação referida pelo predicado (mas nada dizendo quanto à extensão da situação em si). A combinação de Präsens e frases perfectivas levanta problemas devido à necessidade de todo o evento poder ser localizado no tempo da enunciação<sup>116</sup>, o que só é possível em casos especiais como os de fórmulas performativas explícitas e relatos em directo. Noutros casos, frases perfectivas no Präsens são interpretadas como dizendo respeito não ao intervalo da enunciação mas a um outro, posterior a este. Löbner trata o

---

<sup>115</sup> A este respeito, Löbner remete para Galton (1984) como base da sua teoria.

<sup>116</sup> A referência ao evento na sua globalidade é exigida pela pressuposição da indivisibilidade, que faz parte do enquadramento teórico global defendido por Löbner, e segundo a qual uma predicação se aplica sempre a um argumento na sua totalidade, e não a uma parte dele (Löbner 2002: p. 257).

presente histórico como um caso excepcional, em que o Präsens não está ancorado na enunciação. Em Löbner (1988) afirma-se mesmo que nestes casos há uma transposição do centro dêictico para o passado.

### 3.2.2.2.1 Breve comparação com os tempos verbais do português

Passo agora a relacionar sumariamente o que foi dito a propósito do Presente na secção 3.2.1.2, acima, com os principais dados relativos ao Präsens que acabei de apresentar. Basear-me-ei sobretudo em Reyle *et al.* (2000), por ser a proposta que mais detalhadamente aborda a relação entre tempo verbal e 'aktionsart', e, por conseguinte, proporciona a base mais clara para uma comparação com os dados do português.

A primeira conclusão a que podemos chegar é a de que tanto o Presente como o Präsens influenciam marcadamente a interpretação de algumas classes de 'aktionsart'. Assim, em leitura episódica e sem necessidade de um contexto especial, ambos os tempos verbais se aplicam no seu significado básico, de sobreposição à enunciação, a predicados de estado, mas não a predicados de evento. Estes últimos podem ser interpretados como futuros, ou, em contextos adequados, como presente histórico. Relativamente às interpretações de sobreposição à enunciação, é possível em ambas as línguas interpretar eventos como estados habituais sem que o operador que legitima essa interpretação se torne visível na frase. Nas mesmas circunstâncias, o Präsens admite igualmente a interpretação de eventos em curso, graças à intervenção de um operador progressivo invisível, mas o mesmo não sucede com o Presente, que requer, para essa leitura, o emprego de um operador visível, o verbo aspectual *estar a*.

Existem ainda, em ambas as línguas, outros casos de localização de eventos por sobreposição à enunciação, nomeadamente o dos verbos performativos e o dos contextos de relato em directo. Apesar da semelhança aparente dos dados, a análise que deles é feita difere, já que Reyle *et al.* (2000) consideram esta a interpretação regular para eventos no Präsens, mas a concepção básica do Presente como localizador de situações não-delimitadas faz com que este seja considerado um uso excepcional desta forma verbal.

Finalmente, no que diz respeito aos predicados de actividade, que Reyle *et al.* (2000) não mencionam especificamente, os dados apresentados revelam que, em alemão, eles apresentam as mesmas possibilidades de leitura que os estados, ao contrário do que acontece em português, onde se aproximam do comportamento dos eventos.

### 3.2.2.3 Präteritum – Significado e relação com a 'aktionsart'

Como foi referido na secção 3.2.2.1, Thieroff (1992: pp. 102ss) afirma que as formas de Präteritum localizam as situações num intervalo não-anterior a um tempo de orientação anterior à enunciação, intervalo esse que funciona como centro dêictico secundário. Um dos argumentos em que se baseia esta posição é a compatibilidade do Präteritum com advérbios dêicticos perspectivados tanto a partir do tempo de orientação principal, que é a enunciação (cf. (341)), como a partir desse ponto de orientação secundário (cf. (342) e (343)):

- (341) Gestern kam Hans vorbei. (Ontem o Hans veio cá.)
- (342) Jetzt war Hans zufrieden. (Agora o Hans estava contente.)
- (343) Am 6. April wurde Anna früh wach. Sie hatte viel zu tun, denn morgen **kamen** ihre Eltern zu Besuch. (No dia 6 de Abril a Anna acordou cedo. Tinha muito que fazer, pois hoje os pais **vinham** visitá-la.)

Nos casos em que o advérbio se orienta pelo centro dêictico secundário, a situação referida pelo verbo pode ser localizada num intervalo sobreposto ou posterior a ele, repetindo-se assim o padrão de localização válido para o Präsens (cf. (335) e (336), acima), o que leva Thieroff a descrever ambas as formas verbais com base numa relação de não-anterioridade entre a situação a localizar e o tempo de orientação respectivo.<sup>117</sup>

De acordo com esta definição do significado do Präteritum e com os exemplos apresentados, uma situação referida por esta forma verbal verifica-se num intervalo anterior à enunciação, nada se afirmando quanto à relação temporal entre a situação na sua globalidade e a enunciação. É, aliás, este o essencial de muitas definições do Präteritum: por exemplo em Bäuerle (1979: p. 53), Ballweg (1988: p. 75) e Zifonun *et al.* (1997: pp. 1697s) defende-se que as frases no Präteritum são verdadeiras se houver um "Betrachtzeit" ou intervalo considerado, anterior à enunciação, em que a situação referida pelo predicado se verifique, e Ballweg afirma mesmo que, nos contextos de uso do Präteritum, é

<sup>117</sup> Esta fórmula permite a Thieroff abranger na sua análise exemplos excepcionais e algo problemáticos mencionados por Wunderlich (1970: pp. 139s), como *Was gab es morgen im Theater?* Ao encontro da solução de Thieroff parece vir a observação de Flämig (1991: p. 392) segundo a qual advérbios referentes ao presente e ao futuro, em frases com o Präteritum, não se orientam pelo tempo da enunciação. No entanto, Flämig não se restringe a advérbios dêicticos, surgindo nos seus exemplos advérbios como *jetzt* (agora), *nun* (agora), *bald* (em breve), *später* (mais tarde), *am nächsten Tag* (no dia seguinte). Por seu lado, Helbig e Buscha (1991: p. 149) dão um exemplo com *morgen* integrado numa observação sobre o uso do Präteritum em contextos de discurso indirecto livre. Thieroff (1992: pp. 103ss), porém, argumenta contra a opinião de que a compatibilidade com este tipo de advérbios é uma característica exclusiva destes contextos.

irrelevante o facto de a situação localizada ser totalmente anterior à enunciação ou se prolongar até ela.<sup>118</sup>

Ainda assim, a questão da possibilidade de prolongamento das situações é pertinente no contexto do presente trabalho, por estar relacionada com a da delimitação, cuja importância verificámos ao analisar os tempos verbais do português. Segundo Thieroff (1992: p. 114), o facto de a situação se poder prolongar ou não depende da classe de 'aktionsart' em causa: só as situações pontuais terminam obrigatoriamente antes da enunciação, os restantes tipos de situação podem ser total ou apenas parcialmente anteriores à enunciação, dependendo do contexto em que se encontrem inseridos. Não difere muito desta a conclusão a que chega Schilder (1997: p. 46) a partir do teste seguinte:

- (344) Hans liebte Maria und liebt sie wohl immer noch. (O Hans amou / amava a Maria e possivelmente ainda a ama.)
- (345) Hans mähte den Rasen und mäht ihn wohl immer noch. (O Hans cortou / estava a cortar a relva e possivelmente ainda está.)
- (346) ?Hans komponierte die Sonate und komponiert ihn wohl immer noch. (O Hans compôs / estava a compor a sonata e possivelmente ainda está a sair.)
- (347) ??Hans verließ die Kneipe und verläßt sie wohl immer noch. (O Hans saiu / estava a sair do bar e possivelmente ainda está.)

O que Schilder observa é que as situações atéticas passam sem problemas o teste do prolongamento até à enunciação (cf. (344) e (345)), enquanto as situações téticas encontram dificuldades: os 'achievements' não são de todo compatíveis com este contexto (cf. (347)), e os 'accomplishments' resultam em frases pouco aceitáveis (cf. (346)) mas, ainda assim, melhores que os 'achievements'.

Também Flämig (1991: pp. 390s) se pronuncia sobre o Präteritum e a delimitação das situações, dizendo que esta forma verbal não indica as fronteiras iniciais ou finais das situações, a não ser que elas sejam definidas por outros elementos do contexto, ou pelo próprio significado do verbo. No entanto, Flämig estende esta observação a tudo aquilo a que chama "Verlaufsstufe", ou seja, ao conjunto dos tempos verbais Präsens e Präteritum. Neste ponto, a sua posição entra em contradição com os dados que observámos nesta secção e na secção sobre o Präsens, uma vez que o Präteritum permite o prolongamento das situações sem fronteiras intrínsecas e eventualmente o dos 'accomplishments', mas de

<sup>118</sup> Já Helbig e Buscha (1991: pp. 144ss) definem o Präteritum como localizador da situação num "Betrachtzeit", ou intervalo considerado, passado, mas estabelecem também uma relação de anterioridade entre o tempo da situação e o da enunciação. E em Duden (1998: p. 150) defende-se mesmo a ideia, já pouco comum entre as gramáticas recentes, de que o Präteritum se usa para designar situações passadas e terminadas ("vergangen und abgeschlossen") do ponto de vista do tempo da enunciação (cf., em Thieroff (1992: pp. 113ss), a referência a essa posição em obras mais antigas e a respectiva crítica).

forma alguma impõe, como faz o Präsens, restrições contextuais apertadas à leitura episódica e não-futura de eventos, ou, em alternativa, transições de 'aktionsart' para eventos em curso ou estados habituais. Pelo contrário, o Präteritum caracteriza-se, em geral, pela neutralidade relativamente aos limites das situações estipulados pela 'aktionsart' ou por outros elementos contextuais, uma neutralidade bem patente em exemplos como (341) a (343), acima, onde todos os verbos estão conjugados no Präteritum.

É esta neutralidade que faz com que Löbner (2002: p. 258: p. 267), na sua proposta de análise dos tempos verbais do alemão com base nas noções de aspecto perfectivo e imperfectivo, caracterize o Präteritum como plenamente compatível com os dois aspectos (cf. as formas verbais realçadas a negro nos exemplos abaixo), ao contrário do Präsens, que se aplica sem restrições apenas a frases imperfectivas.<sup>119</sup>

- (348) Und dann *simmer* in die Kneipe gegangen [pf], nem, viertel nach neun **kam** [pf] der erste Anruf.<sup>120</sup> (E depois fomos para o bar, ..., às 9 e um quarto **veio** o primeiro telefonema.)
- (349) die **war** [ip] nich sauer, die hat nur so getan [ip] (Ela não **estava** zangada, estava só a fingir.)

Um outro autor cuja análise do Präteritum parte da noção de aspecto é Schilder (1997: p. 49). No entanto, trata-se aqui da noção de aspecto de perspectiva ("viewpoint aspect") baseado em Smith (1991), sendo a grande diferença relativamente a Löbner o facto de esta noção de aspecto se articular explicitamente com a 'aktionsart' dos predicados. Schilder defende para o Präteritum, não a ambiguidade entre aspecto perfectivo e imperfectivo, mas sim um "open-perfective aspect", que se caracteriza pela confirmação da fronteira inicial da situação, respeitando em geral os limites intrínsecos das situações, salvo indicações contextuais em contrário (veja-se a secção 3.3.1.2, abaixo).

O Präteritum não parece, portanto, influenciar a interpretação de predicados de diferentes classes de 'aktionsart', mas pode afirmar-se o contrário, isto é, que a 'aktionsart' desempenha um papel importante na interpretação do Präteritum. Essa influência é visível na análise que Ehrich (1992: pp. 99ss) faz deste tempo verbal. Também esta autora atribui ao Präteritum a função de localizar a situação referida pelo verbo por sobreposição a um tempo de referência anterior à enunciação Há que referir, no entanto, que o tempo de

<sup>119</sup> Cf. esclarecimentos sobre a noção de aspecto perfectivo e imperfectivo em Löbner e a sua aplicação à análise do Präsens na secção 3.2.2.2. Löbner (2002) analisa (os significados possíveis d)as formas verbais como combinação de informação aspectual com informação temporal: veja-se a tabela que resume as suas propostas na nota 127.

<sup>120</sup> A forma *simmer* é uma contracção de *sind wir* usada na linguagem coloquial. As abreviaturas [pf] e [ip] constam do texto original de Löbner e sinalizam os aspectos perfectivo e imperfectivo, respectivamente.

referência de Ehrich (1992: p. 85) não é definido como centro dêictico secundário, como acontece em Thieroff, mas sim como (localização temporal de) uma situação de referência, que tanto pode ser a enunciação como outra situação mencionada no discurso, que sirva como antecedente anafórico para a situação a localizar.<sup>121</sup> No caso do Präteritum, o tempo de referência é anterior à enunciação, sendo, por isso, sempre definido pelo contexto, nomeadamente pelas frases anteriores, ou, se se tratar de uma frase isolada, por expressões adverbiais de tempo na própria frase. Ehrich (1992: p. 102) complementa a sua definição do Präteritum com algumas regras lexicais de interpretação baseadas na 'aktionsart'. De acordo com essas regras, se a situação antecedente na sequência discursiva é atética, o tempo de referência para a situação a localizar está contido na própria situação antecedente. Se a situação antecedente na sequência discursiva é télica<sup>122</sup>, o tempo de referência não está contido na situação antecedente, mas no estado resultante desta.<sup>123</sup> É este o mecanismo responsável pela diferença de interpretação entre as frases seguintes, nas quais a mesma situação – a actividade *lesen (ler)* – é localizada relativamente a situações antecedentes diferentes:

(350) Hans saß im Sofa und las. (O Hans estava sentado no sofá a ler)

(351) Hans setzte sich ins Sofa und las. (O Hans sentou-se no sofá e leu / começou a ler)

<sup>121</sup> Na verdade, o uso que Ehrich faz do conceito de tempo de referência de Reichenbach (cf. nota 102) abrange os dois conceitos em que Kamp e Reyle (1993: pp. 593s) o desdobram, nomeadamente o conceito de 'ponto de perspectiva temporal', que corresponde ao tempo de orientação para a localização de uma situação de acordo com o respectivo tempo verbal, e o conceito de 'ponto de referência', que determina a localização de situações referidas no discurso umas em relação às outras. A diferença entre os dois torna-se clara em contextos como o da sequência seguinte, adaptada dessa obra:

(a) Fred arrived at 10. He was tired. He had got up at 5; he had taken a long shower, he had got dressed and had eaten a leisurely breakfast. He had left the house at 6:30.

A primeira frase fornece o 'ponto de perspectiva temporal' para toda a sequência: o estado referido pela forma de Simple Past na segunda frase sobrepõe-se a este 'ponto de perspectiva temporal', enquanto as situações referidas pelas formas de Past Perfect são todas anteriores a ele, de acordo com as características atribuídas a estes tempos verbais. Por outro lado, e passando agora ao segundo conceito definido por Kamp e Reyle, cada frase da sequência tem um 'ponto de referência' diferente, que permite localizar a respectiva situação mais especificamente em relação às outras situações referidas no discurso. Segundo a regra de localização das situações relativamente ao 'ponto de referência' proposta por Kamp e Reyle (1993: p. 528), os estados incluem o seu 'ponto de referência', enquanto os eventos se localizam depois do seu 'ponto de referência'. Aplicada à sequência (a), esta regra significa que cada situação referida por uma forma de Past Perfect fornece o 'ponto de referência' para a localização da situação referida na frase seguinte. Tratando-se, em todos os casos, de eventos, a relação temporal que estabelecem uns com os outros é de sucessão. Por outro lado, a forma de Simple Past da segunda frase, referindo um estado, sobrepõe-se ao seu 'ponto de referência', a situação denotada pela primeira frase (que é também o seu 'ponto de perspectiva temporal').

<sup>122</sup> Uso este termo por uma questão de simplicidade e coerência do presente texto. O termo usado pela autora é "resultativ" (cf. Ehrich 1992: p. 75).

<sup>123</sup> Este mecanismo tem semelhanças com o funcionamento da anáfora temporal em Hinrichs (1986) e Partee (1984: p. 254). Veja-se também, na nota 121, o conceito de 'ponto de referência' em Kamp e Reyle (1993).



O estado de (350) contém o tempo de referência a que se sobrepõe a actividade, enquanto o tempo de referência de (351) se situa no estado consequente do 'achievement' *sich setzen*, ou seja, na prática, as duas situações sucedem-se no tempo, embora o significado global atribuído ao Präteritum seja de sobreposição. A influência da 'aktionsart' reflecte-se, assim, na interpretação do Präteritum em sequências discursivas, assunto que será desenvolvido na secção 3.3.1 deste capítulo.

### 3.2.2.3.1 Breve comparação com os tempos verbais do português

Comparando os dados levantados nesta secção com o que foi dito em 3.2.1.3 a 3.2.1.5 sobre o Pretérito Imperfeito e o Pretérito Perfeito, o aspecto mais relevante a registar é o facto de o Präteritum não condicionar a leitura de determinadas classes de 'aktionsart' em termos de (não-)delimitação, como fazem os tempos verbais portugueses, não se observando, por isso, no alemão, as mesmas consequências no que respeita a restrições de leitura episódica dos eventos e a mudanças de 'aktionsart' associadas a essas restrições. Pelo contrário, sendo, um tempo verbal relativamente neutro nesse aspecto, o Präteritum vai ser condicionado na sua interpretação pela 'aktionsart' dos predicados com que se combina em sequências discursivas.

### 3.2.2.4 Perfekt – Relação com a 'aktionsart' e significado(s)

Como verificámos na secção 3.2.2.1, Ehrich (1992: pp. 94ss) considera que o significado intrínseco do Perfekt é a localização das situações num intervalo anterior ao tempo de referência, e o seu significado contextual a relação de sobreposição (associação, na terminologia da autora) entre esse tempo de referência e o da situação de enunciação. Este é um dos muito raros trabalhos onde se tenta estabelecer uma ligação entre o significado do Perfekt e a 'aktionsart' do predicado, nomeadamente através de regras lexicais de interpretação adicionadas ao significado básico do verbo.

Assim, de acordo com a autora, no caso dos verbos télicos<sup>124</sup>, o Perfekt estabelece uma relação entre a situação a localizar e o seu estado resultante, estando o tempo de referência – e também o tempo da enunciação, a ele associado – incluído nesse estado resultante. É o que acontece numa frase como a seguinte:

(352) Hans hat geheiratet. (O Hans casou.)

<sup>124</sup> Uso aqui os termos 'télico' e 'atélico' nos casos em que Ehrich emprega, para a classificação de 'aktionsart', as denominações 'resultativo / não-resultativo'.

Esta regra lexical representa, no entanto, uma interpretação por defeito, que pode ser cancelada por dados contextuais que a contradigam, como acontece no exemplo seguinte, do qual, obviamente, não se pode deduzir que o Hans esteja simultaneamente casado e divorciado no momento da enunciação:

- (353) Hans hat 1969 geheiratet. 1986 hat er sich scheiden lassen. (O Hans casou em 1969. Em 1986 divorciou-se.)

Já no caso dos verbos atélicos, não há um limite que demarque um estado resultante onde o tempo de referência se possa localizar, por isso só uma parte da situação é localizada antes do tempo de referência associado à enunciação, ficando em aberto um eventual prolongamento da situação até e para além desse tempo de referência, como acontece no exemplo seguinte:

- (354) Hans hat (um 5 Uhr) Klavier geübt. ((Às 5 horas) o Hans praticou / estava a praticar piano.)

As regras de Ehrich contemplam ainda o caso de verbos atélicos não-durativos, que referem situações localizadas num intervalo anterior ao tempo de referência mas próximo dele, como no seguinte exemplo dado pela autora:

- (355) Hans hat gehustet. (O Hans tossiu / estava a tossir.)

Estas propostas de Ehrich contradizem posições como as de Flämig (1991: pp. 391s), que caracteriza o Perfekt como meio de exprimir a conclusão da situação ("Vollzug"), por oposição ao Präteritum, que exprime o decurso da situação ("Verlauf") sem lhe impor limites.<sup>125</sup> Esta caracterização do Präteritum está correcta, na medida em que o Präteritum, por si, não impõe, mas apenas preserva limites existentes, mas já a

<sup>125</sup> Esta é a oposição entre Präteritum e Präsens, como membros da "Verlaufsstufe" (nível do decurso), e Perfekt e Plusquamperfekt, como membros da "Vollzugsstufe" (nível da conclusão), que surge descrita em termos claramente aspectuais, sendo caracterizada pelo autor como pertencente ao domínio da "Aktionalität". Thieroff (1992: p. 159ss) cita diversos autores anteriores que fazem distinções deste tipo, geralmente sem estabelecer abertamente uma relação com o domínio aspectual, e sugere que este tipo de análise esteja relacionado com a evolução do significado das formas perfectivas. Constatou-se, em diversas línguas indoeuropeias, a tendência das formas perfectivas para evoluir do seu significado resultativo original para um significado de anterioridade com relevância para o presente, e daí para um significado de simples anterioridade a presente. O Perfekt alemão estará a meio desta evolução, mais avançada na parte sul do território em que a língua é falada, onde o Perfekt já tomou, em grande parte, o lugar do Präteritum como tempo verbal passado. No entanto, o tipo de oposição entre Perfekt e Präteritum aqui referida ignora esta evolução, reservando ainda ao Perfekt um significado eminentemente resultativo, que não é já o único, nem será, para muitos falantes, o mais frequente, no uso actual da língua (cf. também Latzel (1977: pp. 30ss, 43ss) e Löbner (2002: p. 225)).

definição do Perfekt como localizador de uma situação terminada é claramente contradita por exemplos do tipo de (354), acima.<sup>126</sup>

Outro autor cujas propostas contradizem também esse tipo de posição é Löbner (2002), que, como observei na secção anterior, parte de uma diferenciação entre aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo, mas considera também um outro valor aspectual, que designa como "perfect", definindo-o basicamente como estado resultante de uma determinada situação. As quatro combinações de valores de tempo e aspecto previstas por Löbner para o Perfekt são ilustradas pelos seguintes exemplos (Löbner 2002: p. 259):<sup>127</sup>

- (356) *tempo passado, aspecto imperfectivo*: Als ich die CD gebrannt habe, stürzte der Computer ab. (Quando estava a gravar o CD o computador avariou.)
- (357) *tempo passado, aspecto perfectivo (na oração subordinada), tempo passado, aspecto imperfectivo (na oração principal)*: Als der Computer abgestürzt ist, habe ich gerade eine CD gebrannt. (Quando o computador avariou eu estava a gravar um CD.)
- (358) *tempo presente, aspecto "perfect"*: Du kannst den Text nicht drucken, der Computer ist abgestürzt. (Não podes imprimir o texto, o computador avariou.)
- (359) *tempo futuro, aspecto "perfect"*: Ruf mich, sobald der Computer abgestürzt ist. (Chama-me assim que o computador avariar / tiver avariado.)

Tal como o exemplo de Ehrich citado acima, em (354), os exemplos de Löbner em que se combinam tempo passado e aspecto imperfectivo contradizem claramente a noção de Perfekt como meio de exprimir a realização completa da situação.<sup>128</sup> O que é novo aqui relativamente à posição de Ehrich é o facto de termos nestas frases um predicado télico, *eine CD brennen (gravar um CD)*, e isso sem que a situação seja apresentada como tendo atingido o seu limite intrínseco. Contrariamente ao sugerido pela proposta de Ehrich, que justifica a diversidade de significados do Perfekt com base em diferenças na 'aktionsart' do

<sup>126</sup> Há outras gramáticas relativamente recentes em que se identifica o significado do Perfekt com a terminação da situação, embora não em contraste com o Präteritum. Uma delas é Duden (1998: p. 151), outra Engel (1988: p. 450). Já Eichler e Bunting (1996: pp. 105s) afirmam que pode haver entre Präteritum e Perfekt uma diferença respeitante à terminação das situações que se situa no âmbito da 'aktionsart', mas acrescentam que essa diferença não é notada por todos os falantes, remetendo para as diferenças geográficas no uso das duas formas verbais.

<sup>127</sup> Reproduzo abaixo a tabela de combinação de parâmetros aspectuais e temporais expressos por diferentes formas verbais tal como ela é apresentada por Löbner (2002: p. 258), que, no entanto, afirma expressamente não pretender fazer uma descrição completa da semântica dos tempos verbais em causa:

		time reference		
		past	present	future
aspect	imperfective	Präteritum Perfekt	Präsens	(Präsens) Futur
	perfective	Präteritum Perfekt	[Präsens]	Präsens Futur
	perfect	Plusquamperfekt	Perfekt	(Perfekt) Futurperfekt

<sup>128</sup> Outro autor que contradiz abertamente a identificação do Perfekt com a terminação da situação é Ballweg (1988: pp. 77s), embora defenda essa leitura de terminação para os usos do Perfekt em que o tempo de referência é futuro (cf. a secção seguinte).

predicado, esta possibilidade existe, de facto, mas requer contextos muito específicos, como as orações subordinadas introduzidas pela conjunção *als*, e o advérbio *gerade*, que surgem nas frases de Löbner.

Assim, e no que diz respeito ao facto de as situações localizadas serem completas ou incompletas, as constatações feitas nesta secção acerca da interpretação de predicados de diferentes classes de 'aktionsart' no Perfekt não diferem muito do que foi apurado na secção anterior relativamente ao Präteritum: situações atélicas podem ser localizadas na sua totalidade ou não, e situações télicas são, em regra, localizadas com o seu limite intrínseco. São estas semelhanças e o facto de quer o Präteritum quer o Perfekt – por exemplo, em frases do tipo de (352), (353) e (354), acima – localizarem as situações (ou pelo menos uma parte delas) em intervalos anteriores à enunciação, que levam a que, em muitos contextos, as duas formas possam comutar quase sem alterar o significado temporal das frases em causa.<sup>129</sup> Por isso aos significados de *tempo passado e aspecto perfectivo / imperfectivo* correspondem, segundo Löbner (2002), tanto formas de Perfekt como formas de Präteritum (cf. a tabela na nota 127), e muitos autores referem a (quase) identidade entre o Präteritum e o Perfekt, quando usados em determinados contextos: veja-se, por exemplo, Bäuerle (1979: p. 79), Fabricius-Hansen (1986: p. 116), Eichler e Bünting (1996: pp. 105s), Zifonun *et al.* (1997: p. 1703) Duden (1998: p. 152), e Helbig e Buscha (1991: p. 150), que ilustram esta semelhança com os exemplos:

- (360) Er hat gestern den ganzen Tag gearbeitet. / Er arbeitete gestern den ganzen Tag.  
(Ontem ele trabalhou o dia todo)

Já em contextos do tipo de (358) e (359), acima, aqui repetidos, o Perfekt não é comutável com o Präteritum:

- (361) Du kannst den Text nicht drucken, der Computer ist abgestürzt. (Não podes imprimir o texto, o computador avariou.)  
(362) Ruf mich, sobald der Computer abgestürzt ist. (Chama-me assim que o computador avariar / tiver avariado.)

É aos usos do Perfekt ilustrados por estes dois exemplos, começando pelo último, que serão dedicadas as próximas duas secções.

<sup>129</sup> Isto se não considerarmos outro tipo de condicionalismos ao uso dos dois tempos verbais, alguns dos quais são brevemente mencionados na secção 3.2.2.4.3, abaixo.

### 3.2.2.4.1 Perfekt com tempo de referência futuro

A variante de significado do Perfekt exemplificada em (362), acima, que localiza as situações num intervalo posterior à enunciação, é assinalada pela maior parte dos autores. Por alguns, é considerada como uma variante ou uso específico que localiza a situação terminada no futuro, como acontece em Helbig e Buscha (1991: pp. 152s), Eichler e Bünting (1996: p. 106) e Duden (1998: p. 151). Estes autores notam a obrigatoriedade da presença de uma expressão adverbial temporal de futuro, como as que são usadas no exemplo seguinte:

- (363) Bald / Bis zum nächsten Jahr hat er seine Dissertation abgeschlossen. (Em breve / Até ao próximo ano ele terá terminado a sua dissertação.)

Noutros trabalhos, esta variante é integrada dentro da margem de flexibilidade do significado global do Perfekt. É o caso de Ehrich (1992: pp. 67s), que divide o significado dos tempos verbais numa componente intrínseca, invariável – a da relação entre o tempo da situação e o tempo de referência –, e uma componente contextual – a da relação entre o tempo de referência e o da enunciação. Caso o valor original desta última componente seja de sobreposição, ele pode sofrer uma transposição para outro valor. É esta a explicação de Ehrich para este significado do Perfekt: aqui, a relação normal de sobreposição entre tempo de referência e tempo da enunciação sofre uma transposição para uma relação de posterioridade, mantendo-se o significado intrínseco, de tempo da situação anterior ao tempo de referência.

Também Thieroff (1992) abrange frases deste tipo no significado global que atribui ao Perfekt, sintetizado na fórmula 'E anterior a R & R não-anterior a O', referida na secção 3.2.2.1. A relação de não-anterioridade entre o tempo de referência e o tempo de orientação, que é o da enunciação, abrange tanto os casos mais comuns de sobreposição entre os dois tempos verbais, como os casos aqui em questão, em que o tempo de referência é posterior à enunciação.

Obtém-se um resultado idêntico com a relação temporal totalmente indeterminada que se estabelece, na análise de Zifonun *et al.* (1997: pp. 1702ss), entre o "Betrachtzeit" (intervalo de tempo considerado) do verbo auxiliar do Perfekt e a enunciação: também esta indeterminação permite que esse intervalo, ao qual a situação é pelo menos parcialmente anterior, esteja localizado depois da enunciação.

Nenhuma das características do Perfekt usadas pelos autores das três análises que acabei de referir para explicar o emprego desta forma verbal nestes contextos é comum ao

Präteritum, pelo que estas propostas justificam simultaneamente a impossibilidade de comutação dos dois tempos verbais nestes contextos.

Note-se ainda que, ao contrário, por exemplo, de Helbig e Buscha (1991: pp. 152s) e Eichler e Bunting (1996: p. 106), que consideram que, em frases do tipo de (363), a situação é localizada num intervalo posterior à enunciação, nem Ehrich, nem Thieroff, nem Zifonun *et al.* definem a relação entre o tempo da enunciação e o da situação, o que corresponde de facto ao significado do Perfekt nestes casos, que é idêntico ao significado temporal do Futur II. É a propósito do Futur II, ou Futurperfekt, que Ballweg (1988: pp. 82s) dá o seguinte exemplo:

(364) Ich werde das Projekt zur vorgegebenen Zeit zu Ende geführt haben. (Terei concluído o projecto no prazo previsto.)

A respeito desta frase, Ballweg observa que alguém que faça esta afirmação, tendo o trabalho já terminado, não está a dizer uma mentira, embora esteja a enganar o seu interlocutor, que vai com certeza depreender das suas palavras que o trabalho ainda não está concluído. Essa interpretação não é, no entanto, fruto da semântica do tempo verbal, mas de uma implicatura conversacional baseada num princípio pragmático de economia, já que há outras formas mais simples de localizar a situação num intervalo anterior à enunciação.<sup>130</sup> E o mesmo se aplica ao Perfekt usado com significado idêntico ao de Futur II.

#### 3.2.2.4.2 Perfekt em variante ou leitura perfectiva

Tal como Löbner com o exemplo (358), citado na secção 3.2.2.4, acima, e aqui repetido como (365), diversos autores distinguem também como parte do significado do Perfekt uma variante, por vezes designada como resultativa ou perfectiva<sup>131</sup>, que não é comutável com formas de Präteritum.

(365) Du kannst den Text nicht drucken, der Computer ist abgestürzt. (Não podes imprimir o texto, o computador avariou.)

Um critério que é apontado para a identificação desta variante do Perfekt é o da implicação de que o estado resultante da situação referida pela forma de Perfekt se

<sup>130</sup> Cf. também as observações feitas em Comrie (1985: pp. 70s), relativamente ao Future Perfect.

<sup>131</sup> O sentido em que emprego aqui termo 'perfectivo' é diferente do sentido do mesmo termo por oposição a 'imperfectivo' -conceitos associados à noção de aspecto que ocorrem muito raramente no presente trabalho (cf. observações a esse respeito no início da secção 3.1)-, e corresponde aproximadamente ao uso de "perfektisch" por Thieroff (1992) e "perfect" por Löbner (2002).

prolonga até ao momento da enunciação. Helbig e Buscha (1991: pp. 151s) designam esta variante como referência a situação passada com carácter resultativo e dão exemplos de frases onde existe essa implicação. Esses exemplos baseiam-se nos que se encontram em Wunderlich (1970: p. 143), entre os quais o seguinte:

- (366) Ich habe mir einen neuen Hut gekauft.  $\supset$  "ich besitze jetzt einen neuen Hut"  
 (Comprei um chapéu novo.  $\supset$  "posso agora um chapéu novo"<sup>132</sup>)

Wunderlich realça a impossibilidade de se obter a mesma implicação com as mesmas frases no Präteritum.

Outra característica desta variante do Perfekt indicada por vários autores é a classe aspectual dos verbos envolvidos: para Wunderlich (ib.) e Helbig e Buscha (ib.) são verbos 'transformativos', para Hauser-Suida e Hoppe-Beugel (1972: pp. 54s) 'verbos de realização perfectiva', que correspondem aproximadamente, na terminologia usada no presente trabalho, a predicados télicos.

Porém, Thieroff (1992: pp. 172s) testa estes critérios e conclui que até nos exemplos de Wunderlich ocorrem atélicos, nomeadamente *schneien* (*nevar*)<sup>133</sup>, e que este verbo pode ocorrer tanto em contextos de Perfekt perfectivo (cf. (367), abaixo), como em contextos de Perfekt não-perfectivo, comutável com o Präteritum ((cf. (368)<sup>134</sup>).

- (367) Schau hinaus! Es **hat geschneit!** (Olha lá para fora! **Nevou!**)  
 (368) Wir sind gestern spät abends am Bahnhof angekommen. Es **hat geschneit**, und da war es besonders ärgerlich, daß wir kein Taxi mehr bekommen konnten. (Chegámos muito tarde à estação ontem. **Estava a nevar**, e por isso foi muito aborrecido não termos conseguido apanhar um taxi.)

Para além disso, Thieroff considera o prolongamento do estado resultante não como uma implicação, mas como uma implicatura, cancelável por informação contextual<sup>135</sup>, como acontece no seguinte exemplo:

<sup>132</sup> Wunderlich considera pelo menos pouco habitual uma continuação que negue o estado consequente, como *Ich habe ihn inzwischen aber wieder verloren* (*mas entretanto perdi-o outra vez*), mas admite esse tipo de continuação se a frase contiver um advérbio: *Ich habe mir gestern einen neuen Hut gekauft. Ich habe ihn inzwischen aber wieder verloren.* (*Ontem comprei um chapéu novo mas entretanto perdi-o outra vez.*). Cf., na nota 135, a posição discordante de Thieroff.

<sup>133</sup> É este o exemplo de Wunderlich (1970: p. 143), com a respectiva implicação: *es hat geschneit*  $\supset$  "*es liegt jetzt Schnee* (*nevou*  $\supset$  *agora há neve* (*no chão*)).

<sup>134</sup> Ambas as frases citadas por Thieroff provêm de Mugler (1988).

<sup>135</sup> Thieroff considera perfeitamente aceitáveis contextos que anulem o prolongamento do estado consequente, não concordando com os juízos de Wunderlich referidos na nota 132. Segundo o autor, o mesmo se passa com o Perfect inglês na variante designada por Comrie (1976) como "perfect of result": também aí os estados resultantes são canceláveis (Thieroff 1992: p. 74).

- (369) Es hat geschneit, aber der Schnee ist nicht liegengeblieben. (Nevou, mas a neve derreteu.)

Recorde-se que também a análise de Ehrich (1992), mencionada na secção 3.2.2.4, previa que os verbos télicos no Perfekt fossem interpretados com base num estado resultante sobreposto à enunciação, mas admitia a possibilidade de cancelamento dessa regra lexical por informação disponível no contexto, por exemplo na frase (353), acima, aqui repetida:

- (370) Hans hat 1969 geheiratet. 1986 hat er sich scheiden lassen. (O Hans casou em 1969. Em 1986 divorciou-se.)

Thieroff (1992: pp. 172s) testa ainda outros critérios mencionados na bibliografia para distinguir a variante perfectiva do Perfekt da não-perfectiva, um dos quais é a compatibilidade daquela variante com o advérbio *jetzt* / *agora* e desta com advérbios referentes a um intervalo de tempo passado.<sup>136</sup> O critério acaba por ser rejeitado por Thieroff, uma vez que *jetzt* se revela compatível com muitas ocorrências de Perfekt perfectivo (cf. (371), abaixo), mas não com todas (a argumentação de Thieroff (1992: p. 186) neste ponto baseia-se também no facto de não ser possível considerar idênticas as versões com e sem *jetzt* da frase (372), abaixo). Além disso, os advérbios referentes a um tempo passado podem ser adicionados também a frases com Perfekt perfectivo, embora este passe, então, a ser não-perfectivo (cf. (373)).

- (371) Alles hat sich (jetzt) verändert. (Agora tudo mudou.)  
 (372) (Jetzt) hat Kolumbus Amerika entdeckt. ((Agora) Colombo descobriu a América)  
 (373) Gestern hat Hans gehustet. (Ontem o Hans tossiu.)

Face a esta dificuldade em distinguir com base em critérios uniformes o Perfekt perfectivo do não-perfectivo, Thieroff (1992: pp. 189s) acaba por concluir que eles diferem no que diz respeito ao que designa como "Aktionalität", mas não na vertente temporal, onde a anterioridade ao tempo de referência se revela o significado básico comum a ambas as variantes e constitui por isso a base da fórmula escolhida pelo autor para sintetizar o

<sup>136</sup> Note-se que, em frases com o Perfekt, os advérbios dêicticos tomam sempre a enunciação como marco de referência, não existindo, como no Präteritum, a possibilidade de criação de um centro dêictico secundário, como se verifica pela frase seguinte, que resulta bem com o Präteritum (cf. (a)) mas não com o Perfekt: (cf. (b))

- (a) Um 3 Uhr kamen sie in Stuttgart an. Das Kind **schief** jetzt und sie sprachen über ihre Pläne. (Às 3 horas chegaram a Estugarda. A criança dormia agora e eles conversaram / conversavam sobre os seus planos.)  
 (b) ??Um 3 Uhr sind sie in Stuttgart angekommen. Das Kind **hat** jetzt **geschlafen** und sie haben über ihre Pläne gesprochen.



significado do Perfekt: "E anterior a R & R não-anterior a O" (cf. as secções 3.2.2.1 e 3.2.2.4.1)

Embora as observações de Thieroff o levem a rejeitar todos os critério de identificação das variantes do Perfekt mencionados acima, essas observações mostram que a presença de determinado tipo de expressões adverbiais pode, de facto, determinar a interpretação que o Perfekt recebe nas frases em causa, uma vez que a presença de advérbios referentes a um intervalo que inclui a enunciação é sinal de Perfekt perfectivo, mas este é incompatível com advérbios referentes a um tempo anterior à enunciação.

Zifonun *et al.* (1997: pp. 1701ss) e Ballweg (1988: pp. 98ss, 124ss) não dividem o Perfekt em variante perfectiva e não-perfectiva, mas as suas propostas de análise permitem explicar o comportamento diferenciado desta forma verbal, precisamente em frases contendo expressões adverbiais de tempo. O Perfekt é aqui analisado como uma forma verbal composta por Präsens e Infinitiv Perfekt, podendo as expressões adverbiais de tempo especificar o "Betrachtzeit" (intervalo tomado em consideração) de um ou outro desses elementos.<sup>137</sup> Em frases como (374), um exemplo do que temos vindo a designar como variante perfectiva do Perfekt, a expressão adverbial *heute* determina o intervalo considerado para a forma de Präsens (que serve como tempo de orientação para o Infinitiv Perfekt), enquanto em frases como (375), um exemplo de Perfekt não-perfectivo, a expressão adverbial *gestern* determina o intervalo relevante para a forma de Infinitiv Perfekt.

- (374) Das Fliegen beispielsweise, das für Ikaros eine Vermessenheit war, ist heute eine vertraute Möglichkeit geworden (Voar, por exemplo, que era para Ícaro um atrevimento, tornou-se hoje uma conhecida possibilidade.)
- (375) Sie haben übrigens gestern auch etwas merkwürdiges gesagt. (A propósito, ontem o senhor disse uma coisa estranha.)

Zifonun *et al.* (1997) e Ballweg (1988) concluem de dados como estes que o Perfekt apresenta uma ambiguidade relacionada com o elemento especificado pela expressão

---

<sup>137</sup> Há outros autores que advogam análises semelhantes do Perfekt, combinando o tempo presente e um operador perfectivo. É o caso da posição de Bäuerle (1979: pp. 77ss) relativamente à variante perfectiva do Perfekt (a variante não-perfectiva é considerada por este autor como uma forma complexa de Präteritum). Fabricius-Hansen (1986: pp. 100ss) usa uma estrutura composicional semelhante na sua análise de todas as variantes do Perfekt – no caso, quatro variantes com mais três subtipos -, recorrendo a mecanismos de escopo para explicar diferenças entre essas variantes. Também Reyle *et al.* (2000: pp. 13ss) fazem uma análise composicional do mesmo tipo da aqui apresentada, e explicam igualmente com base em diferenças de escopo a interpretação diferenciada do Perfekt com expressões adverbiais de tempo, sendo que estes autores não dividem o Perfekt em variantes. O mesmo faz Engel (1988: pp. 449s), que defende para o Perfekt uma estrutura composicional do mesmo tipo, embora descreva o significado desta e de outras formas verbais de maneira muito diferente da dos outros autores aqui mencionados (cf. nota 141).

adverbial. Embora os autores não façam afirmações a esse respeito, os exemplos apresentados indicam que advérbios que incluem o momento da enunciação determinam o intervalo relevante ("Betrachtzeit") para a forma de Präsens do verbo auxiliar, enquanto advérbios referentes a um tempo anterior à enunciação especificam o tempo considerado para o Infinitiv Perfekt do verbo principal.<sup>138</sup>

É certo que Zifonun *et al.* (1997: p. 1703) dão um exemplo de ambiguidade com uma expressão adverbial passada, designadamente a frase seguinte:

(376) Damals hat Napoleon halb Europa erobert. (Naquela época Napoleão conquistou / domina metade da Europa.<sup>139</sup>)

Segundo os autores, nesta frase, a expressão adverbial *damals* (*naquela época*) tanto se pode referir ao período em que decorre a conquista (dizendo respeito, nesse caso, ao Infinitiv Perfekt), como ao período posterior, de domínio efectivo após a conquista (incidindo sobre a forma de Präsens do auxiliar). É essa ambiguidade que distingue esta frase de uma frase idêntica no Präteritum (cf. (377, abaixo), que só possibilita a primeira leitura:

(377) Damals eroberte Napoleon halb Europa. (Naquela época Napoleão conquistou metade da Europa.)

No entanto, como Thieroff (1992: pp. 190s) comenta, a propósito de um exemplo semelhante, a leitura perfectiva de (376) é um caso especial, já que o Perfekt só tem este tipo de interpretação em contextos de presente histórico.

Quanto às frases sem expressões adverbiais de tempo, as análises de Ballweg (1988: pp. 132ss) e Zifonun *et al.* (1997: pp. 1706s) não prevêm uma ambiguidade do mesmo tipo para o significado do Perfekt, dizendo que ele é aqui muito semelhante ao significado do Präteritum, apesar de as formas de Perfekt requererem um processo de interpretação mais complexo. O que os autores sustentam é que o Perfekt pode ter, nestes contextos, o efeito de indicar a relevância da situação em causa no momento presente. Tal efeito não surge com formas de Präteritum, devido ao facto de ser necessário integrar uma forma de Präsens na interpretação do Perfekt, mas não na do Präteritum. Esta diferença

---

<sup>138</sup> Encontram-se observações neste sentido em Ehrich (1992: pp. 133, 144s), que também explora a possibilidade de as expressões adverbiais modificarem o tempo de referência ou o tempo da situação referida por uma forma de Perfekt e critica Ballweg (1988) por não tomar em consideração o significado das expressões adverbiais.

<sup>139</sup> A tradução dupla pretende corresponder à ambiguidade mencionada abaixo.

entre os dois tempos verbais pode ser ignorada pelos falantes, levando a uma posição de permutabilidade das duas formas, ou pode ser usada, restringindo essa permutabilidade.

A segunda opção está disponível essencialmente para os falantes (ou nas regiões em) que (se) empregam ambos os tempos verbais, e tem, por sua vez, muito a ver com as características do contexto em que está inserida a forma de Perfekt. Por um lado, o Perfekt, pela sua estrutura composicional, é o tempo verbal mais adequado para exprimir anterioridade num contexto de Präsens, como o da frase seguinte, retirada de Zifonun et al. (1997: p. 1707):

- (378) Ein junger Mann, den ich zuerst für einen Zuhälter halte, besteht darauf, meinen Whisky zu zahlen, weil er Vater geworden ist: "For the first time!" (Um jovem, que primeiro tomo por um proxeneta, insiste em pagar-me o whisky, porque foi pai: "For the first time!")

Por outro lado, o efeito de relevância para o presente é especialmente sensível quando o Perfekt é usado a seguir a uma sequência de formas de Präteritum, como no seguinte exemplo:

- (379) Ich hörte, wie meine Mutter aufschrie, dann seufzte sie auf eine Weise, die mir deutlich machte, wie alt sie geworden ist. (Ouvi a minha mãe dar um grito, depois suspirou de uma forma que me mostrou claramente como ela envelheceu.)

Ainda segundo Zifonun *et al.*, é muito frequente a presença deste efeito com verbos que assinalam uma mudança de estado.<sup>140</sup>

Comparado com as análises que procuram distinguir uma variante perfectiva e uma variante imperfectiva do Perfekt, este tipo de diferenciação estabelecida dentro de um significado global atribuído a esta forma verbal tem a vantagem de evitar a difícil tarefa de encontrar critérios fiáveis de distinção entre as duas variantes. Para além disso, a concepção global definida para o Perfekt e a sua relação com o Präteritum está de acordo com a caracterização do Präteritum como sinalizador de distância relativamente à enunciação, por oposição à ligação com a enunciação que caracteriza o Perfekt, um tipo de

---

<sup>140</sup> Com esta observação aproximamo-nos, mais uma vez, da utilização da 'aktionsart' como critério de definição do Perfekt perfectivo, examinada e rejeitada por Thieroff (1992), como já foi referido nesta secção. No entanto, esta mudança de estado referida em Zifonun *et al.* talvez possa ser interpretada de forma mais lata do que em termos de telicidade, englobando também o contra-exemplo de Thieroff, *schneien* (*nevar*), se considerarmos o chão coberto de neve como um estado criado pela situação de nevar.

caracterização que é adotada em abordagens formais como a de Herweg (1990: pp. 166ss) e Löbner (1988: p. 180), e é também mencionada por Flämig (1991: pp. 393ss).<sup>141</sup>

É, no entanto, de mencionar um argumento contra uma análise composicional unificada do Perfekt, que foi formulado em Bäuerle (1979: pp. 78s), e é retomado em Löbner (2002: p. 265). A questão central é que fazer uma análise estritamente composicional do Perfekt equivale a dizer que ele é, na verdade, um tempo verbal da esfera do Präsens, o que não é compatível com o comportamento do Perfekt em diversos contextos. Bäuerle menciona a dificuldade em combinar formas de Präsens com advérbios como *gestern*.<sup>142</sup> Löbner argumenta contra uma análise composicional do Perfekt que inclua sempre uma forma de Präsens, referindo, entre outras razões, o uso do Perfekt lado a lado com formas de Präteritum para narrar acontecimentos passados em contexto de passado, como nos exemplos (348) e (349), acima, aqui repetidos:

- (380) Und dann *simmer* in die Kneipe gegangen, nem, viertel nach neun kam der erste Anruf.<sup>143</sup> (E depois fomos para o bar, ..., às 9 e um quarto veio o primeiro telefonema)
- (381) die war nich sauer, die hat nur so getan (Ela não estava zangada, estava só a fingir)

O problema que acabei de referir não se coloca a uma outra análise do Perfekt diferente das que referi anteriormente, aquela que é defendida por Stechow (1999) e Rathert (2003: pp. 130ss), e que se baseia na noção de "extended now", isto é, de um intervalo que tem como fronteira à direita o tempo de referência (neste caso a enunciação), e se estende até um tempo passado determinado lexical ou contextualmente.<sup>144</sup> De acordo com estes autores, o Perfekt é ambíguo entre uma interpretação de inclusão da situação referida pelo verbo nesse intervalo, designada como leitura existencial (cf. (382), abaixo), e uma interpretação de todo esse intervalo como tempo de localização da situação, designada

<sup>141</sup> Embora parta de uma posição teórica bastante diferente, vai ainda no mesmo sentido a caracterização destes tempos verbais apresentada em Engel (1988: pp. 415s, 450): segundo este autor, as formas de Präteritum referem-se a situações que (já) não são relevantes para os participantes na comunicação, enquanto as formas de Perfekt se referem a situações relevantes para os participantes na comunicação. (No original: "Das Präteritum bedeutet, daß ein Sachverhalt in der Vergangenheit wirklich und für die Gesprächsbeteiligten nicht weiter von Belang ist"; "Das Perfekt bezeichnet einen Sachverhalt als zu einer bestimmten Zeit wirklich, jedoch zugleich abgeschlossen und für die Gesprächsbeteiligten von Belang.")

<sup>142</sup> Com base nesse argumento, Bäuerle opta por conferir às formas de Perfekt duas análises claramente distintas, uma que inclui um tempo presente e um operador perfectivo e outra equivalente ao Präteritum.

<sup>143</sup> A forma *simmer* é uma contracção de *sind wir* usada na linguagem coloquial.

<sup>144</sup> Stechow e Rathert têm posições divergentes quanto à inclusão ou não do tempo de referência no intervalo de "extended now": Stechow (1999: p. 86) defende essa inclusão, mas Rathert contesta-a (Rathert 2003: p. 32).

como leitura universal (cf. (383), abaixo), e desencadeada pela presença na frase de expressões adverbiais do tipo de *schon immer* (*sempre*).

(382) Sie hat mit Ton gearbeitet. (Ela trabalhou / trabalhava com barro.)

(383) Sie hat schon immer mit Ton gearbeitet. (Ela tem trabalhado sempre com barro.)

Rathert (ib.) argumenta que esta análise é a única que contempla o facto de só o Perfekt, mas não o Präteritum, ser compatível com este tipo de expressões adverbiais. Tendo em vista as críticas de Löbner acima referidas, poderíamos também dizer que uma proposta deste tipo tem a vantagem de justificar uma ligação do Perfekt à enunciação, que não é partilhada com o Präteritum, sem que, por isso, o Perfekt tenha de ser considerado uma forma verbal da esfera do Präsens.

### **3.2.2.4.3 Emprego de Perfekt e Präteritum: para além da semântica dos tempos verbais**

Ao longo da secção 3.2.2.4 e seguintes, foram sendo feitas diversas referências ao emprego de Perfekt e Präteritum, primeiro relativas à semelhança e permutabilidade das duas formas verbais, e depois às diferenças entre elas, e consequente impossibilidade dessa permuta, nomeadamente no caso do Perfekt com tempo de referência futuro e do Perfekt perfectivo. No entanto, não são só os diferentes significados ou variantes do Perfekt que condicionam a sua permutabilidade com o Präteritum. A realidade do uso das duas formas é bem mais complexa, fruto da influência de uma série de factores que vão desde os de natureza lexical (com destaque para a preferência pelo Präteritum em frases com *haben*, *sein* e verbos modais), passando pelos morfológicos e fonéticos (por exemplo, formas conjugadas muito complexas ou de pronúncia difícil, que são evitadas), até aos factores históricos e geográficos brevemente referidos na nota 125.

Os complexos detalhes destas influências não são relevantes para o objectivo deste trabalho<sup>145</sup>, que, relativamente às formas verbais do alemão, se concentra sobretudo na vertente da interpretação. É, no entanto, de referir a importância que tem para a selecção do tempo verbal o tipo de texto e de situação comunicativa em causa, factor no qual Weinrich (1977, 1993) baseou a sua teoria sobre o significado dos tempos verbais do alemão.

Este autor não define os tempos verbais com base no seu significado temporal, mas sim a partir de uma oposição essencial entre duas atitudes enunciativas

---

<sup>145</sup> Sobre este assunto, remeto para a panorâmica geral em Helbig e Buscha (1991: pp. 150s), e para os trabalhos detalhados de Hauser-Suida e Hoppe-Beugel (1972) e Latzel (1977).

("Sprechhaltungen"): por um lado a narração ("Erzählen") e por outro o discurso ("Besprechen").<sup>146</sup> Só dentro de cada uma destas categorias fundamentais Weinrich distingue uma forma verbal com perspectiva neutra (para o discurso, o Präsens, e para a narração, o Präteritum), uma forma verbal com perspectiva para o passado (para o discurso, o Perfekt, e para a narração, o Plusquamperfekt), e ainda, mas só para o discurso, uma forma verbal com perspectiva para o futuro (o Futur). Segundo Weinrich (1977: p. 19), na maior parte dos textos predomina, ou um, ou outro grupo básico de formas verbais, pertencendo esses textos (ou partes de textos), de acordo com a categoria predominante, ao mundo do discurso ou ao mundo da narração.<sup>147</sup>

Relativamente à relação entre Perfekt e Präteritum, aquele considerado o tempo passado do discurso e este o tempo neutro da narração, a proposta de Weinrich acaba por exprimir, embora de um modo bastante diferente dos autores referidos anteriormente, a mesma distinção geral que já mencionei: por um lado, temos um Perfekt ligado à situação de enunciação (e à responsabilização imediata do emissor pelas suas afirmações, com que Weinrich caracteriza a atitude enunciativa do discurso), e, por outro lado, temos um Präteritum que mantém uma certa distância em relação a essa situação de enunciação (não havendo, na narração, o mesmo envolvimento imediato de emissor e receptor).

#### 3.2.2.4.4 Breve comparação com os tempos verbais do português

No que diz respeito à interacção com a 'aktionsart' e com a configuração dos diversos tipos de situação em termos de delimitação ou de ausência de delimitação, o Perfekt não difere muito do que foi observado relativamente ao Präteritum. Caracteriza-se por uma relativa neutralidade: preserva, em geral, os limites intrínsecos das situações e, por

---

<sup>146</sup> O termo "Sprechhaltung" é introduzido em Weinrich (1977: pp. 33ss), mas em Weinrich (1993: pp. 198ss) é mais utilizada a designação "Tempus-Register". Weinrich define estas duas atitudes enunciativas opostas como instruções do emissor para uma atitude de recepção tensa ("gespannt") – no caso do discurso - ou distensa ("entspannt") – no caso da narração. Isto é, no discurso, o autor faz uma afirmação e declara-se simultaneamente pronto a justificá-la, enquanto na narração é pedido ao receptor um tempo de espera pelo desenrolar da história antes de o autor estar pronto a justificar-se. Weinrich foi bastante criticado por basear uma teoria do tempo verbal neste tipo de noções e não em conceitos temporais. Por exemplo, Thieroff (1992: pp. 56s), que adopta e justifica a divisão dos tempos verbais do alemão em dois grupos semelhantes aos de Weinrich, não concorda com a ausência de uma base temporal para esta divisão. Cf. também as observações de Zifonun *et al.* (1997: p. 1721). No entanto, segundo Engel (1988: pp. 494s), o trabalho de Weinrich deu um impulso decisivo para quebrar uma tradição de descrição dos tempos verbais que não tinha em conta, nem a forma, nem o uso efectivo dos tempos verbais do alemão.

<sup>147</sup> Esta generalização da oposição binária narração / discurso aos grupos de formas verbais no seu todo e a textos inteiros é mais um ponto polémico na teoria de Weinrich. Hauser-Suida e Hoppe-Beugel (1972: pp. 80ss, entre outras) contestam, com base nos dados de um corpus, a ideia da dominância dos grupos de formas verbais definidos por Weinrich em determinados tipos de texto. Também Marschall (1995: p. 83), partilhando com Weinrich o objectivo de determinar a função textual dos tempos verbais, critica a circularidade das definições deste.

si só, não impõe ou elimina fronteiras. Nesse aspecto difere, portanto, substancialmente, tanto do Pretérito Perfeito como do Pretérito Imperfeito, compatíveis com situações delimitadas e não-limitadas, respectivamente (cf. secção 3.2.1.5).

No que respeita às variantes de significado do Perfekt, a descrição dos tempos verbais do português não inclui referências a fenómenos do mesmo género, a não ser numa breve menção da possibilidade de o Pretérito Perfeito ser interpretado relativamente a um 'ponto de perspectiva temporal' futuro, em Mateus *et al.* (2003: p. 156), ilustrada com o seguinte exemplo:

- (384) Quando a Maria voltar da viagem daqui a um mês, já o Rui concluiu o curso há uma semana.

Observe-se, porém, que a forma de Pretérito Perfeito desta frase não é aceitável na ausência do advérbio *já*, ao contrário do que acontece com o Perfekt, que necessita apenas de uma expressão adverbial com referência a um intervalo futuro (cf. (363), acima).

Em termos de morfologia, o tempo verbal do português que mais se aproxima do Perfekt é o Pretérito Perfeito composto, e ambos partilham também um modo de localizar as situações em ligação estreita com o momento da enunciação. No entanto, enquanto o Perfekt mantém a neutralidade relativamente às diversas classes de 'aktionsart' e às suas características, o Pretérito Perfeito composto impõe a todas as situações não-estativas uma leitura de repetição. E também na localização de estados há diferenças entre as duas formas, já que o Pretérito Perfeito composto não é compatível com a explicitação de uma fronteira final do estado, ao passo que numa frase com o Perfekt não só essa explicitação é perfeitamente aceitável (cf. (385), abaixo), como a interpretação de estado delimitado é a mais provável, mesmo na ausência de uma expressão adverbial de delimitação, desde que o contexto não forneça indicações em contrário (cf. (386)).

- (385) Tobias ist bis gestern krank gewesen. (O Tobias esteve / ??tem estado doente até ontem.)  
(386) Tobias ist krank gewesen. (O Tobias esteve doente.)

A forma como o Pretérito Perfeito composto localiza as situações aproxima-se muito da leitura universal do Perfekt, tal como ela é descrita em Rathert (2003: pp. 130ss). O Perfekt recebe esta interpretação apenas na presença de determinado tipo de advérbios, como por exemplo *schon immer* (*sempre*), sendo a situação localizada em toda a duração de um intervalo que se prolonga para a direita até ao tempo de referência coincidente com a enunciação, e, eventualmente, para além deste. Assim, a frase seguinte com o advérbio

*schon immer (sempre)*, que induz uma leitura universal, não é aceitável (cf.(387), abaixo), já que implica que Camões está vivo, ao passo que com o advérbio *immer (sempre)*, em leitura existencial, a frase é perfeita (cf.(388)).

- (387) # Camões hat schon immer auf Portugiesisch geschrieben. (# Camões tem escrito sempre em português.)  
 (388) Camões hat immer auf Portugiesisch geschrieben. (Camões escreveu sempre em português.)

Na tradução portuguesa não é possível distinguir os advérbios *immer* e *schon immer*, mas existem outros meios de distinguir as leituras universal e existencial do Perfekt, nomeadamente a escolha dos tempos verbais: o Pretérito Perfeito simples para a leitura existencial, e o Pretérito Perfeito composto para a leitura universal.

### 3.2.2.5 Plusquamperfekt

As referências ao Plusquamperfekt em gramáticas, e mesmo em trabalhos específicos sobre tempo verbal, são, em geral, breves, e aludem ao paralelismo desta forma com o Perfekt, mas, ao contrário do que sucede no caso do Perfekt, grande parte das descrições do Plusquamperfekt não lhe atribui claramente variantes ou usos distintos. Caracterizam-no, em geral, com base no significado de conclusão da situação, em conjunto com o de anterioridade, mencionando também, com frequência, o seu uso como tempo relativo, que se traduz no significado de anterioridade a um tempo passado. É assim em Duden (1998: p. 153), Engel (1988: p. 451), Helbig e Buscha (1991: pp. 153s), Eichler e Bünting (1996: p. 106) e Flämig (1991: p. 394)<sup>148</sup>, de onde cito um exemplo:

- (389) (Als ich zurückkam,) war Carla bereits abgereist. ((Quando cheguei) a Carla já tinha partido.)

Mas há também estudos em que se fazem, de forma mais ou menos clara, distinções dentro do significado do Plusquamperfekt. Um deles é o de Hauser-Suida e Hoppe-Beugel (1972: p. 160 (e nota 143)), que criticam a proeminência assumida pelo valor de anterioridade a passado ("Vorvergangenheit") nas descrições do Plusquamperfekt, argumentando que pode também suceder que esta forma verbal assinale a conclusão de uma situação passada que não pode ser considerada anterior a passado. As autoras atribuem a primeira menção deste facto a Gelhaus (1966: p. 220, nota 143), de onde citam

<sup>148</sup> Há autores que atribuem ao Plusquamperfekt apenas um significado aspectual perfectivo, como é o caso de Klein (1994: p. 129) e Löbner (2002: p. 258, cf. nota 127), mas tal pode dever-se simplesmente ao facto de nem um nem outro autor se debruçar especificamente sobre este tempo verbal.



o exemplo seguinte, apresentado como um caso em que a situação referida pela forma de Plusquamperfekt (*hatte gepackt*) não é anterior, mas sim posterior à outra situação referida no contexto (*schlug*):<sup>149</sup>

- (390) Der Polizist schlug den Einbrecher, und gleich darauf hatte er ihn gepackt. (O polícia bateu no assaltante, e logo em seguida tinha-o apanhado.)

Thieroff (1992: pp. 192ss) propõe igualmente distinguir para o Plusquamperfekt duas variantes, que coincidem exactamente com a diferença entre a variante perfectiva e a variante não-perfectiva com que o autor explica o comportamento do Perfekt. O autor tenta aplicar ao Plusquamperfekt o mesmo tipo de critérios de distinção que tinha usado no caso do Perfekt, e conclui que também no caso do Plusquamperfekt os advérbios do tipo de *jetzt* ou *nun* (*agora*) se mostram compatíveis apenas com a variante perfectiva, aqui com referência não à enunciação, mas ao centro dêictico secundário anterior a ela:

- (391) Einmal hatte sein Vater ihm geschrieben, daß er die Trompete bei einer Altmetallsammlung hatte hergeben müssen [...]. Doch nun hatte er eine neue bekommen. (Uma vez o pai tinha-lhe escrito a dizer que tivera de entregar o trompete numa campanha de recolha de metal usado [...]. Mas agora tinha recebido um novo.)

No que diz respeito às expressões adverbiais referentes a intervalos anteriores à enunciação, o centro dêictico principal, elas são perfeitamente compatíveis com o Plusquamperfekt tanto na variante não-perfectiva como na variante perfectiva, ao contrário do que acontecia no caso do Perfekt (cf. secção 3.2.2.4.2). Assim, ambas as frases seguintes são verdadeiras, sendo o Plusquamperfekt da primeira frase não-perfectivo e o da segunda perfectivo.

- (392) Am 1. September 1939 hatte Hitler Polen überfallen. (A 1 de Setembro de 1939 Hitler tinha atacado a Polónia.)  
 (393) Am 2. September 1939 hatte Hitler Polen überfallen. (A 2 de Setembro de 1939 Hitler tinha atacado a Polónia.)<sup>150</sup>

Como consequência da compatibilidade deste tipo de expressões adverbiais com ambas as variantes do Perfekt, há frases que, sem contexto adicional, são ambíguas entre uma e outra

<sup>149</sup> Sobre a interpretação desta frase, veja-se a nota 150, abaixo.

<sup>150</sup> Thieroff cita estes exemplos a partir de Vennemann (1987) e o anterior de Eroms (1983). A propósito do papel das expressões adverbiais na interpretação de frases no Plusquamperfekt, confronte-se também o exemplo (390), acima, onde a expressão adverbial *gleich darauf* (*logo em seguida*) localiza não o evento referido pelo verbo *packen* mas o seu estado consequente. A análise deste exemplo mostra a semelhança entre a distinção feita por Thieroff (1992) entre Plusquamperfekt perfectivo e não perfectivo e a distinção que é defendida por Hauser-Suida e Hoppe-Beugel (1972).

interpretação. É o caso do exemplo seguinte, que tem as duas interpretações apresentadas em (395) e (396):

- (394) Maria war um 3 Uhr abgefahren. (A Maria tinha partido às 3 horas.)  
 (395) Hans kam um vier Uhr zu dem vereinbarten Treffpunkt. Aber Maria war (schon) um 3 Uhr abgefahren. (Às 4 horas o Hans chegou ao local combinado para o encontro. Mas a Maria (já) tinha partido às 3 horas.)  
 (396) Hans kam um drei Uhr zu dem vereinbarten Treffpunkt. Aber Maria war um 3 Uhr (schon) abgefahren. (Às 3 horas o Hans chegou ao local combinado. Mas às 3 horas a Maria (já) tinha partido.<sup>151</sup>)

O exemplo é retirado de Ehrich (1992: pp. 148s)<sup>152</sup>, que também contempla nas suas propostas a complexidade da interpretação do Plusquamperfekt, sem, no entanto, o analisar paralelamente ao Perfekt. Enquanto no caso do Perfekt Ehrich afirma que as expressões adverbiais podem determinar, ou o tempo de referência, ou o tempo da situação, no caso do Plusquamperfekt a autora defende que, em ambas as interpretações do exemplo (394), a expressão adverbial determina o tempo de referência. Isso só é possível devido ao facto de Ehrich distinguir aqui duas variantes do Plusquamperfekt com relações diferentes entre tempo da situação e tempo de referência ("E,R" (sobreposição) para (395) e "E<R" para (396)), contrariando assim a sua caracterização inicial do Plusquamperfekt com as relações "E<R" e "R<S" (cf. Ehrich (1992: p. 68) e a secção 3.2.2.1 deste capítulo).

De entre os autores que reconhecem a complexidade da interpretação do Plusquamperfekt, Ehrich é a única a analisá-lo de forma divergente do Perfekt. Contrariamente à posição de Ehrich, Zifonun *et al.* (1997: p. 1708) e Ballweg (1988: pp. 103s) defendem para o Plusquamperfekt exactamente o mesmo tipo de análise que para o Perfekt, ou seja, analisam-no como uma forma verbal composta pela forma de Präteritum associada a um Infinitiv Perfekt, e assinalam a possibilidade de as expressões adverbiais de tempo poderem especificar o "Betrachtzeit" (intervalo tomado em consideração) de um ou outro elemento, originando a variação interpretativa já mencionada.<sup>153</sup>

<sup>151</sup> Registe-se que tanto as frases originais como as traduções conseguem evitar a ambiguidade, mas graças a mecanismos diferentes: enquanto em português o factor decisivo é a colocação da expressão adverbial *às 3 / 4 horas*, em alemão esse factor é a colocação de *schon (já)*, que pode ter escopo sobre o verbo, como nas versões portuguesas, ou então sobre a expressão adverbial, num uso que dificilmente encontra correspondente em português.

<sup>152</sup> Há, para além dos trabalhos mencionados, alguns outros que referem a possibilidade de as expressões adverbiais de tempo modificarem o tempo da situação ou o tempo de referência, embora não explicitem a ambiguidade desta forma verbal do modo como, por exemplo, Thieroff (1992) o faz. É o caso das gramáticas Duden (1998: p. 153) e Helbig e Buscha (1991: pp. 153s), apresentando esta última até um exemplo de ambiguidade praticamente idêntico ao de Ehrich (1992) aqui citado.

<sup>153</sup> Também Fabricius-Hansen (1986) toma como modelo para a caracterização do Plusquamperfekt a sua complexa análise do Perfekt, baseada na combinação de um operador de Präteritum com um operador perfectivo.

Considerando o comportamento paralelo de Plusquamperfekt e Perfekt no que diz respeito às interpretações perfectiva e não-perfectiva defendidas por autores como Thieroff (1992), põe-se a questão de saber se também no caso do Plusquamperfekt existe uma variante correspondente ao Perfekt com tempo de referência futuro, que foi descrito na secção 3.2.2.4.1. A existência dessa variante é defendida por alguns autores, nomeadamente Fabricius-Hansen (1986: p. 132ss) e Thieroff (1992: p. 199s), que apresentam os seguintes exemplos:

- (397) Hans dachte ans Examen. Übermorgen hatte er es (hoffentlich) gut überstanden. (O Hans pensava / pensou no exame. (Oxalá) depois de amanhã tivesse conseguido passar.)
- (398) Ich würde – zum Schluß erst, wenn ich mit meinem Hut schon rundgegangen war, Kalick öffentlich ohrfeigen. (Só no fim, quando já tivesse passado com o chapéu, eu iria dar a Kalick uma bofetada em público.)

Thieroff observa que, tal como o Perfekt tem, nesse uso, o significado de FuturPräteritum (cf. secção 3.2.2.4.1), o Plusquamperfekt apresenta aqui o mesmo significado do FuturPräteritum II, a forma perfectiva correspondente<sup>154</sup>, como se verifica pela gramaticalidade da seguinte variante de (397), acima:<sup>155</sup>

- (399) Hans dachte ans Examen. Übermorgen würde er es (hoffentlich) gut überstanden haben. (O Hans pensava / pensou no exame. (Oxalá) depois de amanhã tivesse conseguido passar.)

Assim, a fórmula que Thieroff propõe para o significado do Plusquamperfekt é "E anterior a R & R não-anterior a O<sub>2</sub> & O<sub>2</sub> anterior a O" (cf. secção 3.2.2.1). Para além de, tal como a

<sup>154</sup> Também Breuer (1996: p. 41ss) defende a existência de uma variante de significado deste tipo para o Plusquamperfekt. No entanto, os exemplos que o autor cita de outros estudos para este efeito, dois dos quais apresento em seguida, colocam dúvidas quanto ao que ele entende por significado futuro, ou, mais correctamente, posterior a passado, do Plusquamperfekt:

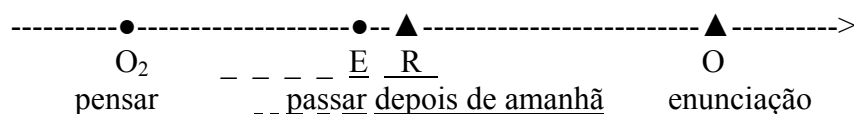
- (a) Der Polizist schlug den Einbrecher, und gleich darauf hatte er ihn gepackt. (O polícia bateu no assaltante, e logo em seguida tinha-o apanhado.)
- (b) Der Pfarrer predigte so lange, bis die Gemeinde eingeschlafen war. (O padre pregou até a congregação ter adormecido.)

A frase (a) tinha já sido comentada (cf. (390), acima e a nota 150): a forma de Plusquamperfekt (*hatte gepackt*) denota um estado resultante do evento respectivo, que é localizado pela expressão adverbial *gleich darauf* (logo em seguida), mas não parece que o evento da primeira oração assuma as funções de ponto a partir do qual se perspectiva esse estado resultante. Quanto à frase (b), o estado resultante localizado pela forma de Plusquamperfekt (*eingeschlafen war*) não é sequer anterior ao fim da actividade referida pela forma de Präteritum, *predigte* (pregou), como argumenta Engel (1988: p. 451) a propósito de uma frase semelhante, *Man diskutierte, bis der Morgen angebrochen war.* (Discutiu-se até o dia ter nascido). Para além disso, nenhum dos exemplos é compatível com a caracterização do Plusquamperfekt com tempo de referência posterior a passado feita por Thieroff (1992), nomeadamente quanto à semelhança com o significado do FuturPräteritum II.

<sup>155</sup> Em (398) não é possível efectuar a mesma substituição de Plusquamperfekt por FuturPräteritum II, devido à estrutura de subordinação em que a forma verbal se encontra inserida. Aqui há uma correspondência com o significado, mas não necessariamente com a forma do FuturPräteritum II, que não ocorre neste tipo de construção subordinada.

de Perfekt, ela abranger o cerne temporal comum às variantes perfectiva e não-perfectiva deste tempo verbal, a fórmula mostra-se igualmente apropriada para a análise do tipo de exemplos que estamos a observar. A relação de não-anterioridade entre o tempo de referência R e centro dêictico secundário O<sub>2</sub> abarca tanto os casos mais comuns de sobreposição, como este tipo de exemplos, em que R é posterior a O<sub>2</sub>, como se verifica no seguinte esquema para a frase (397), aqui repetida:

- (400) Hans dachte ans Examen. Übermorgen hatte er es (hoffentlich) gut überstanden.  
(O Hans pensava / pensou no exame. (Oxalá) depois de amanhã tivesse conseguido passar.)



Note-se que R é o dia de depois de amanhã ou uma parte dele, posterior ao exame, mas não está determinado se o exame é nesse dia ou antes: é essa indeterminação que o tracejado pretende traduzir.

Uma última nota quanto ao Plusquamperfekt e à sua interacção com as diferentes classes de 'aktionsart'. O único autor que foca esse assunto é Breuer (1996: pp. 32ss), que, no entanto, se limita a testar para o Plusquamperfekt as observações de Ehrich (1992: pp. 93ss) sobre o Perfekt e a 'aktionsart', que foram referidas no início da secção 3.2.2.4. Breuer adapta simplesmente os exemplos de Ehrich ao Plusquamperfekt, e conclui que este tem um comportamento semelhante ao do Perfekt: no caso de 'achievements' e 'accomplishments', o ponto de orientação passado está incluído no estado resultante das situações em causa (cf. (401) e (402), abaixo), no caso de actividades a situação é anterior ao ponto de orientação mas a sua localização não é especificada por fronteiras que a impeçam de se prolongar (cf. (403), abaixo), e outros eventos pontuais são localizados num intervalo imediatamente anterior ao ponto de orientação (cf. (404), abaixo).

- (401) Hans hatte 5 Mark gefunden. Davon kaufte er sich ein großes Eis. (O Hans tinha encontrado 5 marcos. Comprou com eles um grande gelado)  
 (402) Maiers hatten ein Haus gebaut. Jetzt konnten sie die Schulden nicht bezahlen. (Os Maier tinham construído uma casa. Agora não conseguiam pagar as dívidas)  
 (403) Er erinnerte sich gern an sie. Sie hatten viel getanzt. (Era com gosto que se recordava dela. Tinham dançado muito)  
 (404) Mein Freund schrak zusammen. Ich hatte gehustet. (O meu amigo assustou-se. Eu tinha tossido)

### 3.2.2.5.1 Breve comparação com os tempos verbais do português

A forma portuguesa comparável ao Plusquamperfekt, dado o seu valor de anterioridade a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, é o Pretérito Mais-que-perfeito. Começando pela questão da relação com a 'aktionsart', ressalta das observações mencionadas no final da secção anterior um ponto em que parece haver uma diferença de relevo entre os dois tempos verbais: o facto de o Plusquamperfekt não especificar as fronteiras das situações referidas quando é aplicado a predicados de actividade. Trata-se de um comportamento totalmente diferente do que foi assinalado para o Pretérito Mais-que-perfeito, que, como se verificou na secção 3.2.1.6, só localiza situações delimitadas, ou por limites inerentes, ou por fronteiras extrínsecas que lhe são impostas pela própria forma verbal.

Passando agora à questão das variantes de significado do Plusquamperfekt mencionadas por diversos autores, é óbvia a semelhança entre as leituras perfectiva e não-perfectiva do Plusquamperfekt, na análise de Thieroff (1992), e as leituras resultativa e não-resultativa do Pretérito Mais-que-perfeito, na análise de Lopes (1999). Tendo em mente a posição de Thieroff e as suas tentativas de determinar critérios de diferenciação entre as duas variantes de significado, tanto para o Perfekt como para o Plusquamperfekt, uma nova apreciação dos exemplos apresentados por Lopes (cf. (299) e (300), acima), e aqui reproduzidos como (405) e (406), revela que, tal como se tinha verificado no alemão, em português, as expressões adverbiais de tempo podem assumir um papel relevante na transmissão desses significados:

(405) Agora era tarde, pensou. Não tinha conseguido desfazer o equívoco.

(406) O João chegou ao escritório às 11 h. Tinha-se levantado às 7, tinha tomado o pequeno-almoço no café da esquina, tinha resolvido todos os assuntos que estavam pendentes no banco.

Assim, no contexto da frase (405), onde a forma verbal recebe uma leitura resultativa, encontramos o advérbio *agora*, correspondente português de *jetzt*, que, de acordo com Thieroff (1992), marca a leitura perfectiva tanto do Perfekt como do Plusquamperfekt (cf. (371) e (391), acima). No caso de (406), que Lopes (1999) apresenta como exemplo de leitura não-resultativa, o efeito do uso das expressões adverbiais é menos claro. Aí encontramos duas expressões adverbiais de tempo, *às 11h* e *às 7*, a segunda localizando o evento correspondente a *levantar-se* e a primeira localizando o evento que serve de 'ponto de perspectiva temporal' passado, *chegar ao escritório*, e ao qual se poderão sobrepor os estados resultantes das restantes situações referidas.

O que a presença das duas expressões adverbiais nessa frase revela é que, tal como tínhamos registado para o alemão, também em português as expressões adverbiais de tempo deste tipo podem localizar quer a situação correspondente ao verbo, quer o seu estado consequente: vejam-se os exemplos seguintes, adaptações das frases (392) e (393) da secção 3.2.2.5:

- (407) No dia 25 de Abril de 1974 a ditadura tinha sido / fora derrubada.  
 (408) No dia 26 de Abril de 1974 a ditadura tinha sido / (?)fora derrubada.

Ambas as frases são verdadeiras, sendo que, na primeira, a expressão adverbial localiza o evento e, na segunda, localiza o estado resultante desse evento<sup>156</sup>. Em cada caso, o elemento localizado pela expressão adverbial assume maior relevo do que o outro elemento, embora ambos estejam previstos na semântica da forma verbal composta. Relativamente à diferença entre a forma simples e a forma composta assinalada no exemplo (408), registre-se que a análise da forma verbal simples proposta por Peres (1993) (cf. secção 3.2.1.6, acima) não prevê um estado consequente, o que está de acordo com o facto de a forma simples ser aceitável no primeiro exemplo, onde o que é localizado é o evento, mas não no segundo, onde é o estado consequente a ser localizado. Este parece-me ser um dos contextos em que é visível alguma diferença no uso da forma simples e da forma composta do Pretérito Mais-que-perfeito.

À semelhança do que tínhamos observado em exemplos do alemão (cf. (394), acima), existirá mesmo uma ambiguidade em determinadas frases, nas quais a expressão adverbial pode ser interpretada como localizando a situação correspondente ao verbo ou o seu estado resultante. É o que sucede na frase seguinte, adaptada do exemplo alemão que referi: se a expressão adverbial localizar o evento, a Maria partiu às 3 horas, mas essa expressão pode também localizar o estado consequente, e, nesse caso, a Maria terá partido antes da hora indicada, não se encontrando já no local às 3 horas.

- (409) Às 3 horas a Maria tinha ido embora.

No entanto, apesar dos diferentes efeitos de interpretação causados, pelo menos em parte, pela presença de determinadas expressões adverbiais de tempo em frases deste tipo, julgo que o português se assemelhará ao alemão no que concerne às dificuldades que se

<sup>156</sup> Trata-se de uma questão de escopo, e portanto a posição da expressão adverbial é relevante. Se ela estiver em posição final na frase, só é admissível que possa localizar a situação correspondente ao verbo, e não o seu estado resultante, pelo que a primeira das frases seguintes corresponde à realidade, mas a segunda não:

- (a) A ditadura tinha sido / fora derrubada no dia 25 de Abril de 1974.  
 (b) # A ditadura tinha sido / fora derrubada no dia 26 de Abril de 1974.

levantam quando se pretende traçar linhas para distinguir aqui duas leituras ou variantes distintas do Pretérito Mais-que-perfeito. É uma tarefa que não vou tentar realizar, já que, para a análise que levarei a cabo no capítulo 4, me parecem suficientes definições do significado do Pretérito Mais-que-perfeito e do Plusquamperfekt que abranjam as suas diversas cambiantes, como as de Peres (1993) e Thieroff (1992), respectivamente.

Uma última nota relativa à outra interpretação do Plusquamperfekt mencionada na secção anterior, aquela em que esta forma verbal tem um tempo de referência posterior ao centro dêictico secundário, como Thieroff (1992) o descreve. Não creio que ela tenha correspondente em português, como se verifica pelo facto de o Pretérito Mais-que-perfeito dificilmente poder ser usado na tradução de (397), acima, aqui repetida (com uma ligeira adaptação, para que a última frase possa estar no modo indicativo).<sup>157</sup>

- (410) ??O Hans pensava / pensou no exame. Estava confiante. Depois de amanhã tinha (<sup>ok</sup>teria) conseguido passar.

### 3.3 A interpretação dos tempos verbais no discurso e as relações discursivas

Para além de localizar as situações relativamente à enunciação ou a outro tempo de referência, os tempos verbais têm também a função crucial de ordenar as situações referidas no discurso umas em relação às outras.<sup>158</sup> Há tempos verbais cujo significado define à partida, pelo menos parcialmente, as relações que a situação localizada pode estabelecer com outras: o Presente e o Präsens determinam, em princípio, a sobreposição da situação localizada a outras referidas por predicados no mesmo tempo verbal, e a posterioridade relativamente a situações localizadas por Präteritum ou Pretérito Perfeito, por exemplo. No entanto, outros tempos verbais apresentam, nesse aspecto, um grau muito elevado de indeterminação, e um exemplo muito claro disso mesmo é o Präteritum.

Daí que o ponto de partida para esta secção sejam precisamente as propostas de vários autores para analisar a interpretação discursiva do Präteritum. Estas propostas

---

<sup>157</sup> Resulta melhor a frase seguinte, paralela ao exemplo de Mateus *et al.* (2003) que foi mencionado na secção 3.2.2.4.4 como exemplo de Pretérito Perfeito com referência a futuro. No entanto, como então referi, esta frase só é aceitável na presença de *já*.

(a) Quando a Maria voltasse da viagem daí a um mês, já o Rui tinha concluído o curso há uma semana.

<sup>158</sup> Cf. a afirmação de Kamp e Rohrer (1983: p. 250): "the significance of tenses lies primarily in the temporal relations which they establish between the sentences in which they occur and the sentences which precede those".

deixam claro que essa interpretação resulta não só do conhecimento linguístico, – nomeadamente quanto à 'aktionsart' dos predicados envolvidos e ao significado do tempo verbal e de outros elementos relevantes no contexto –, mas também do importante contributo do conhecimento não-linguístico. A conjugação destes dois tipos de conhecimento permite identificar, entre as proposições que fazem parte de uma sequência textual, relações que podem designar-se como relações discursivas, e que têm sido consideradas como um dos factores condicionantes da interpretação discursiva dos tempos verbais. A segunda parte da presente secção é, por isso, dedicada a uma apresentação sumária do modo como essa ligação entre relações discursivas e interpretação temporal dos textos é explicitada no âmbito da SDRT, uma teoria formal da representação do discurso. Na terceira parte desta secção procuro, de maneira informal, relacionar o comportamento de alguns tempos verbais portugueses com as relações discursivas definidas no âmbito dessa teoria e com as implicações temporais das mesmas. Na quarta e última parte da secção descrevo ainda uma proposta de utilização das relações discursivas apresentadas na interpretação de sequências de formas de Präteritum.

### 3.3.1 A interpretação do Präteritum em sequências discursivas

Como decorre das posições referidas na secção 3.2.2.3, o Präteritum localiza as situações relacionando-as por sobreposição<sup>159</sup> com um intervalo anterior à enunciação. Quanto à localização dessas situações relativamente a outras situações referidas no contexto, esta forma verbal é bastante vaga. A única indicação que dá nesse sentido é a imposição de que, numa sequência discursiva com duas formas de Präteritum, a situação referida pela segunda forma não seja interpretada como totalmente anterior à que é referida pela primeira.<sup>160</sup> As possibilidades de relação temporal entre as situações que esta indicação deixa ainda em aberto, aliadas à neutralidade demonstrada por esta forma verbal relativamente às diversas classes de 'aktionsart', que pudemos testemunhar na secção 3.2.2.3, acima, tornam a interpretação discursiva das formas de Präteritum um campo de análise com interesse. E, apesar de a maior parte dos autores que se ocupam dos tempos verbais do alemão não considerarem essa vertente discursiva da questão<sup>161</sup>, foram já

<sup>159</sup> Ao falar de sobreposição estou a generalizar, já que autores diferentes fazem também caracterizações detalhadas distintas desta relação, vejam-se pormenores na secção 3.2.2.3.

<sup>160</sup> Cf. Schilder (1997: p. 98) e Reyle e Roßdeutscher (2001: p. 258).

<sup>161</sup> Por exemplo, em Zifonun *et al.* (1997: pp. 1697s), o Präteritum é definido por sobreposição a um "Betrachtzeit" (tempo tomado em consideração) anterior à enunciação, e reconhece-se que, em sequências discursivas, esse 'tempo considerado' pode manter-se constante, ou mudar à medida que o discurso progride,



desenvolvidas algumas propostas de análise específicas para os mecanismos de interpretação discursiva do Präteritum. Passo a apresentar as posições de Ehrich (1992), Schilder (1997) e Reyle e Roßdeutscher (2001) a este respeito.

### 3.3.1.1 Ehrich (1992) e a 'aktionsart' como ponto de partida

Uma das propostas para explicar a interpretação discursiva do Präteritum foi já mencionada na secção 3.2.2.3: trata-se das regras lexicais de interpretação adicionadas por Ehrich (1992: p. 102) à sua definição da semântica do Präteritum, segundo as quais o tempo de referência anafórico<sup>162</sup> para a localização de uma situação no discurso está contido na situação que constitui o seu antecedente no discurso, quando esta é atética (cf. a sobreposição da actividade ao seu antecedente estativo em (411), abaixo). Pelo contrário, no caso de a situação antecedente ser tética, o tempo de referência anafórico encontra-se no estado resultante dessa situação antecedente (cf. (412)).

(411) Hans saß auf dem Sofa und las. (O Hans estava sentado no sofá a ler)

(412) Hans setzte sich auf das Sofa und las. (O Hans sentou-se no sofá e leu / começou a ler)

Aqui temos, na prática, uma interpretação de sucessão das duas situações, embora se mantenha o significado básico que a autora atribui ao Präteritum, que é de sobreposição da situação localizada ao tempo de referência.

Mas a proposta de Ehrich não permite chegar à interpretação temporal de todas as sequências discursivas de forma tão simples como nos casos de (411) e (412), acima. A própria autora afirma que a relação de sobreposição (associação, na sua terminologia) entre duas situações é semanticamente subespecificada, necessitando de ser completada com base no conhecimento linguístico acerca das diversas classes de 'aktionsart' e no conhecimento não-linguístico acerca da duração relativa das situações (cf. Ehrich 1992: p. 102). Por exemplo, quando a sequência em causa contém uma situação tética e outra atética, conforme a ordem relativa das duas, a situação que constitui o antecedente

---

produzindo, neste caso, um efeito de avanço do tempo na narração. No entanto, nesta obra não é proposto nenhum mecanismo que explique esta diferença.

<sup>162</sup> Falo de tempo de referência anafórico para sinalizar a diferença entre esta utilização que Ehrich faz do conceito de tempo de referência – no âmbito da interpretação discursiva dos tempos verbais - e aquela que tem vindo a ser feita ao longo do presente texto, onde tenho designado como tempo de referência o centro de orientação (dêictico) para a localização das situações, independentemente da sua relação com outras situações referidas no discurso (cf., na nota 121, a distinção entre 'ponto de perspectiva temporal' e 'ponto de referência' em Kamp e Reyle (1993)).

discursivo pode conter a situação a localizar (cf. (413), abaixo), ou então estar contida nela (cf. (414)).

(413) Es war ein sonniger Morgen. Hans trank ein Glas Milch. (Estava uma manhã ensolarada. O Hans bebeu um copo de leite.)

(414) Hans traf Paul in der Straßenbahn. Er trug einen Lederhut. (O Hans encontrou o Paul no eléctrico. Ele trazia um chapéu de cabedal).

O mesmo pode acontecer se uma das situações for durativa e a outra não, mesmo que ambas sejam télicas, como é o caso de (415) e (416), abaixo:

(415) Hans fuhr mit dem Rad zum Bahnhof. An der Ampel traf er Paul. (O Hans ia de bicicleta para a estação. No semáforo encontrou o Paul).

(416) Hans ging ins Haus. Es wurde allmählich kalt. (O Hans foi para dentro de casa. Estava a ficar frio.).

Mas a questão levantada por estas sequências, retiradas de Ehrich (1992: p. 103), é a da razão por que, em (414), (415) e (416), temos uma relação de associação ou sobreposição entre as duas situações. Pelo contrário, as regras lexicais baseadas na 'aktionsart', mencionadas acima, deveriam levar a uma sucessão temporal, uma vez que estabelecem que uma situação télica como antecedente discursivo localiza a situação que se lhe segue no discurso por sobreposição a um ponto de referência situado no seu estado resultante, como em (412), acima. Ehrich nada diz acerca deste problema, que se resolveria em parte se as regras lexicais não estipulassem apenas a 'aktionsart' da situação antecedente, mas também a da situação a localizar. Se se restringisse a regra do antecedente télico apenas aos casos em que ambas as situações são télicas, valendo a regra do antecedente atélico igualmente para sequências de situação télica e atélica, seria possível abranger também o caso de (414). O resultado seria semelhante às propostas de Kamp e Reyle (1993) (cf. nota 121, acima).

Por explicar ficariam ainda os casos das sequências de dois eventos em (415) e (416). Quanto a isso, as observações da autora (Ehrich 1992: p. 162) indicam que uma sequência de duas situações télicas deste tipo, em que pelo menos uma seja durativa, é ambígua entre a leitura de sobreposição das duas situações e a de sucessão (que pode resultar da sobreposição ao estado resultante da situação antecedente). É o caso de (417), que só perde a ambiguidade se um elemento do contexto apontar claramente para uma das interpretações, como é o caso das expressões adverbiais de lugar em (418), ou então, se o conhecimento não-linguístico nos indicar que o segundo evento só é possível depois de completado o primeiro, como é o caso de (419).

- (417) Hans ging in den Garten. Er rauchte eine Zigarette. (O Hans foi / ia para o jardim. Fumou um cigarro.)
- (418) Hans ging in den Garten. Dort / Auf dem Wege rauchte er eine Zigarette. (O Hans foi / ia para o jardim. Aí / No caminho fumou um cigarro.)
- (419) Hans ging in den Garten. Er mähte den Rasen. (O Hans foi para o jardim. Cortou a relva.)

Neste último exemplo aplica-se aquilo que Ehrich (1992: p. 161) designa como 'princípio da sucessão', um princípio pragmático segundo o qual recebem uma leitura de sucessão temporal todas as sequências em que uma situação só seja possível mediante o estado resultante da sua situação antecedente. Este princípio pode sobrepor-se às regras lexicais baseadas na 'aktionsart' e modificar a leitura que teria uma sequência de situações em condições normais, isto é, se uma das situações não dependesse da outra. Assim se explica o contraste entre as duas sequências seguintes, onde temos, em ambos os casos, um 'achievement' seguido de um estado:

- (420) Hans schaltete den Scheinwerfer an. Es herrschte ohrenbetäubender Lärm. (O Hans ligou o holofote. O barulho era ensurdecedor.)
- (421) Hans schaltete den Scheinwerfer an. Es war taghell. (O Hans ligou o holofote. A luz era intensa / Ficou claro como de dia.)

Em (420), as situações são interpretadas como sobrepostas, tal como na sequência análoga de evento e estado em (414), acima. No entanto, na leitura mais provável ou, pelo menos, possível de (421), o conhecimento do mundo leva-nos a estabelecer uma relação de causalidade entre as duas situações e a interpretá-las como sucessivas.

A discussão dos exemplos de Ehrich revela que a especificação da interpretação do Präteritum com base na 'aktionsart' é necessária para a interpretação de sequências discursivas, mas não é fácil de concretizar eficazmente, até porque há ambiguidades, e é também necessário levar em conta a interacção com outros tipos de informação, de ordem linguística e não-linguística.

### **3.3.1.2 Schilder (1997): 'aktionsart', aspecto verbal, relações discursivas e relações temporais**

Também Schilder (1997) toma em consideração a influência da 'aktionsart' na interpretação discursiva do Präteritum, mas relaciona esse factor com diversos outros, em primeira linha com o aspecto de perspectiva ("viewpoint aspect"), num modelo que se

baseia em Smith (1991).<sup>163</sup> Essa relação explícita entre aspecto de perspectiva e as classes de 'aktionsart' torna a noção de aspecto de Schilder bastante mais fácil de integrar num modelo de interpretação do Präteritum do que a noção de aspecto em que se baseia Löbner (2002, cf. secção 3.2.2.2 e também nota 127).

Outra diferença em relação a Löbner reside no facto de Schilder não defender, para o Präteritum, uma ambiguidade entre aspecto perfectivo e imperfectivo, mas sim uma única categoria de aspecto perfectivo aberto ("open-perfective viewpoint"). Este aspecto perfectivo aberto caracteriza-se por incluir as fases iniciais da situação, confirmando as fronteiras iniciais previstas pelas diversas classes de 'aktionsart', mas também por ser indeterminado quanto às respectivas fronteiras finais, o que tem consequências diferentes, conforme as características de cada classe de 'aktionsart' (Schilder 1997: pp. 46ss).<sup>164</sup> Assim, aplicado a situações pontuais, ele confirma ambas as fronteiras, dado que estas coincidem. Daí que não seja possível conceber o prolongamento da situação referida no seguinte exemplo (retomado da secção 3.2.2.3, tal como os seguintes), o que pressuporia a ausência de uma fronteira final.

(422) ??Hans verließ die Kneipe und verläßt sie wohl immer noch. (O Hans saiu / estava a sair do bar e possivelmente ainda está a sair.)

A questão é mais complicada no caso dos 'accomplishments': aí, o aspecto perfectivo aberto confirma a fronteira inicial do evento, mas deixa aos outros factores que influenciam a interpretação temporal do Präteritum, 'aktionsart' – contexto discursivo e conhecimento do mundo – a eventual confirmação da fronteira final. De acordo com a informação fornecida pela 'aktionsart', a situação tem, de facto, um limite intrínseco, pelo que, também neste caso, é difícil conceber o seu prolongamento até ao momento da enunciação:

(423) (??) Hans komponierte die Sonate und komponiert sie wohl immer noch. (O Hans compôs / estava a compor a sonata e possivelmente ainda está.)

<sup>163</sup> Na terminologia de Smith (1991: pp. 3ss), e também na de Schilder, o aspecto divide-se numa componente lexical, correspondente ao que, no presente trabalho, designo como 'aktionsart', e na componente gramatical que é denominada "viewpoint aspect". Dentro desta categoria Smith distingue o aspecto perfectivo, o imperfectivo, e ainda o neutro. É deste aspecto neutro que Schilder (1997: pp. 44ss) parte para a investigação das características do Präteritum, acabando por definir para esta forma verbal um novo valor, o de aspecto perfectivo aberto ("open-perfective viewpoint").

<sup>164</sup> Schilder critica a posição de Bäuerle (1988) segundo a qual o Präteritum é ambíguo entre aspecto perfectivo e imperfectivo, argumentando que, a ser assim, seria de esperar que estivesse disponível para sequências como a seguinte uma interpretação em que o tempo de localização da primeira situação está contido no da segunda, algo que não se verifica, já que a única interpretação aceitável é de sucessão.

(a) Der Angeklagte hatte einen Unfall. Er fuhr nach Hause (??zu der Zeit). (O arguido teve um acidente. Foi para casa (??nesse momento).)

No entanto, segundo o autor, esta frase não é tão inaceitável como a anterior, e isso deve-se ao facto de a informação fornecida pela 'aktionsart', ao contrário da informação com origem no aspecto de perspectiva, poder ser anulada por informação adicional proveniente do contexto e do conhecimento do mundo. É o que acontece no exemplo seguinte, onde a informação contextual obriga à suspensão da fronteira final prevista para o evento (cf. Schilder 1997: p. 40<sup>165</sup>):

- (424) Hans überquerte die Straße. Ein Lastwagen schoß auf ihn zu und überrollte ihn auf der Höhe des Mittelstreifens. Er starb auf der Stelle. (O Hans atravessou / atravessava a rua. Um veículo pesado aproximou-se a grande velocidade e atropelou-o no meio da faixa de rodagem. A morte foi imediata.)

Quanto às situações atélicas, estados e actividades, nem o aspecto perfectivo aberto nem a 'aktionsart' prevêm uma fronteira final, pelo que elas podem prolongar-se sem problemas até ao momento da enunciação:

- (425) Hans liebte Maria und liebt sie wohl immer noch. (O Hans amou / amava a Maria e possivelmente ainda a ama.)  
(426) Hans mähte den Rasen und mäht ihn wohl immer noch. (O Hans cortou / estava a cortar a relva e possivelmente ainda está.)

Do que foi dito pode concluir-se que, sobretudo no caso dos 'accomplishments', a informação veiculada pela 'aktionsart' não é suficientemente específica para assegurar uma interpretação temporal eficaz de sequências discursivas no Präteritum, mesmo que adicionemos a essa informação a única restrição de interpretação discursiva imposta pelo Präteritum, nomeadamente a impossibilidade de se localizar duas situações no tempo na ordem inversa àquela em que as mesmas situações são referidas no discurso, na ausência de sobreposição temporal entre ambas.

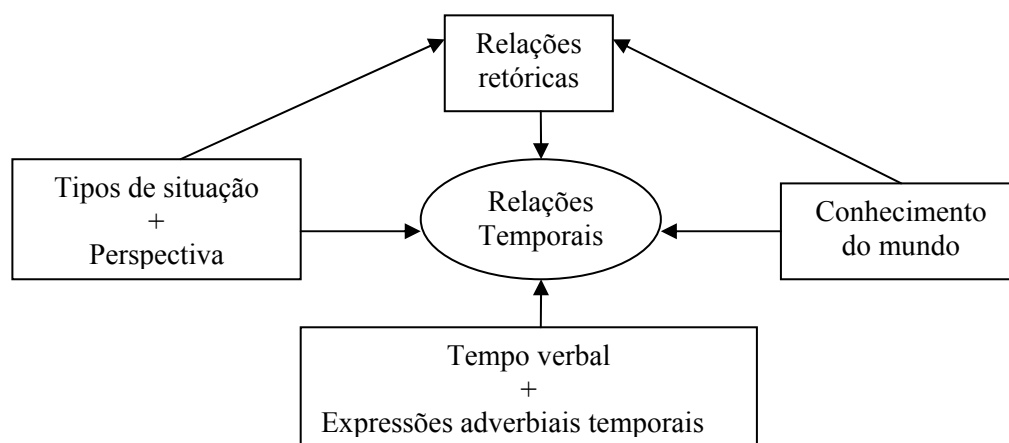
Daí que Schilder atribua grande importância ao papel desempenhado pelo conhecimento do mundo na interpretação temporal do Präteritum. Enquanto em Ehrich (1992), por exemplo, a mera telicidade da situação que antecede outra no discurso leva as regras a ditarem uma interpretação de sucessão temporal, Schilder defende que, para haver uma interpretação de sucessão, ela precisa de ser confirmada pelo conhecimento do mundo. Essa interpretação pode ser apoiada pelo estabelecimento de relações de contingência entre as situações, isto é, pelo reconhecimento de que uma situação é causada

---

<sup>165</sup> Este exemplo é extraído de Eberle (1988).

por outra ou pressupõe, para poder ocorrer, o estado consequente da outra.<sup>166</sup> Só este tipo de apoio confirma que as situações envolvidas se sucedem no tempo, até porque há outras relações (que não de contingência), identificáveis entre situações referidas num discurso coerente, que podem levar à interpretação dessas situações, não como sucessivas, mas como sobrepostas, como se verá adiante nesta secção (cf. (431), abaixo, por exemplo). Schilder (1997: p. 66) ilustra com o seguinte diagrama a forma como a informação sobre o tipo de situação, o aspecto de perspectiva e o conhecimento do mundo ajudam a determinar a interpretação temporal do discurso, em conjunto com a informação proveniente do tempo verbal e das expressões adverbiais de tempo.

(427) – Quadro: Interpretação temporal do discurso segundo Schilder (1997: p. 66)



A informação sobre a 'aktionsart' e o conhecimento do mundo – por exemplo, sobre ligações de tipo causal entre situações – ajudam a determinar relações retóricas<sup>167</sup> entre as diversas proposições que fazem parte de uma sequência discursiva no Präteritum, relações essas que, por seu turno, condicionam a ordenação temporal das situações referidas nessa sequência discursiva. Dessas relações retóricas ou discursivas, como as designo no presente trabalho, falaremos em mais pormenor adiante, na secção 3.3.2 e seguintes. O que me parece relevante descrever nesta secção é a ligação que Schilder (1997: pp. 74ss) estabelece entre as classes de 'aktionsart' presentes em diversos tipos de sequências discursivas e as relações temporais – e relações discursivas associadas – que essas sequências admitem. Segundo o autor, determinadas relações temporais estão excluídas à

<sup>166</sup> Esta noção de contingência provém de Caenepeel (1989: pp. 77s) e Moens (1987: pp. 48s). Uma noção relacionada é a da relação de consequencialidade entre duas situações, que é constituída por uma componente de sucessão temporal e por uma componente não-temporal, sendo esta última precisamente a da contingência.

<sup>167</sup> Relações retóricas é o termo que Schilder emprega, e que surge também em Asher e Lascarides (2005). No presente trabalho usarei a designação relações discursivas, que é igualmente usada em Asher e Lascarides (2005) e em Lascarides e Asher (1993a), por exemplo.

partida em função das classes de 'aktionsart' presentes numa sequência discursiva, de modo que Schilder apresenta um inventário das possibilidades existentes, de acordo com as classes de 'aktionsart' que surgem em diversas sequências discursivas.

Assim, duas situações atélicas, estados ou actividades, referidas numa sequência de orações, mantêm entre si uma relação de sobreposição temporal, como é visível no exemplo de Ehrich citado na secção anterior e aqui repetido:<sup>168</sup>

(428) Hans saß auf dem Sofa und las. (O Hans estava sentado no sofá a ler)

Para sequências discursivas que referem um evento e uma situação atélica, Schilder prevê duas possibilidades. A primeira é a de o evento causar ou possibilitar o estado ou a actividade, caso em que a relação temporal será de sucessão, como acontece nos seguintes exemplos, respectivamente, com o estado *still sein* (*estar calado*) e a actividade *trinken* (*beber*):

(429) Der Lehrer klatschte einmal in die Hände. Die Schüler waren sofort still. (O professor bateu palmas uma vez. Os alunos calaram-se imediatamente.)

(430) Ich hob mein Glas und unterbrach: Prosit! und wir tranken (...) (Ergui o meu copo e interrompi – À sua saúde! – e bebemos)

A segunda possibilidade é a de não existir uma relação de contingência, mas de a situação atélica se sobrepor temporalmente ao evento, servindo-lhe como enquadramento, como é o caso do estado *naß sein* (*estar molhado*) e da actividade *weinen* (*chorar*) nos exemplos seguintes:

(431) Peter klopfte einmal kurz an der Tür. Er war tiefend naß. (O Peter bateu à porta uma vez. Estava encharcado.)

(432) (...) und er griff sofort hinter sich ins Regal und gab mir zwei Schachteln. Er weinte. ((...) e ele tirou imediatamente dois pacotes da prateleira que tinha atrás de si e deu-mos. Estava a chorar. / Chorou.)

No entanto, Schilder (1997: p. 83) salienta que, neste último exemplo, a preferência pela interpretação de sobreposição tem que ver apenas com o conhecimento do mundo, e é, na verdade, pouco acentuada, afirmando que é muitas vezes difícil especificar exactamente

<sup>168</sup> Schilder (1997: p. 74, nota 7) afirma considerar apenas sequências de orações separadas por um ponto final ou por outro sinal de pontuação, mas surgem também, entre os seus exemplos, algumas orações ligadas pela conjunção copulativa *und* (*e*). Na frase de Ehrich que aqui cito está igualmente presente a conjunção *und*, mas a interpretação temporal da sequência não seria diferente se tivéssemos dois períodos independentes: *Hans saß auf dem Sofa. Er las die Zeitung.* (*O Hans estava sentado no sofá. Estava a ler o jornal.*)

qual a relação temporal entre eventos e actividades referidos em sequência.<sup>169</sup> Essa dificuldade não é, todavia, um obstáculo à interpretação do texto: segundo o autor, "while reading the text, the reader probably does not care whether the writer refers to an overlapping or a sequence of two situations".

Quanto às sequências de dois predicados de evento, Schilder distingue os casos em que o primeiro desses eventos é pontual daqueles em que a primeira situação referida é um 'accomplishment'. Para este último caso, o autor defende a existência de duas possibilidades distintas. Pode haver entre as situações uma relação de contingência, e, portanto de, sucessão temporal, exemplificada nas frases seguintes:

- (433) Marie stieg die Treppe hinauf bis zum 8. Stock. Sie klopfte an der Tür mit der Nummer 88. (A Marie subiu a escada até ao 8º andar. Bateu à porta com o número 88.)

A segunda possibilidade é a de o segundo evento referido fazer parte do primeiro, havendo, por isso, entre eles, uma relação temporal de sobreposição, como sucede no exemplo seguinte, onde o acidente e a fuga fazem parte de uma atribulada viagem para casa:

- (434) Der Angeklagte konsumierte einige Gläser Bier in einer Kneipe. Dann **fuhr** er nach Hause. Am Brandenburger Tor **hatte** er einen Unfall und **beging** Fahrerflucht. Die Polizei konnte ihn jedoch an seinem Haus verhaften, da ein Zeuge seine Autonummer notiert hatte. (O arguido consumiu alguns copos de cerveja num bar. Depois **foi** para casa. Na Porta de Brandeburgo **teve** um acidente e **fugiu** do local. No entanto, a polícia conseguiu prendê-lo no dia seguinte em casa, pois uma testemunha tinha anotado a matrícula do carro.)

O que é, segundo Schilder (1997: pp. 88s), característico do Präteritum e o distingue, por exemplo, do Simple Past inglês, é o facto de os eventos relatados como fazendo parte de um 'accomplishment' poderem levar à suspensão do limite intrínseco previsto para esse 'accomplishment', como seria o caso no exemplo (434), acima, se o condutor tivesse ido para o hospital (ib.: p. 40) ou directamente para a esquadra da polícia, em vez de prosseguir o seu caminho para casa.

No caso das sequências discursivas que referem dois eventos, o primeiro dos quais pontual, encontramos mais uma vez uma relação de sucessão temporal, desde que apoiada pelo conhecimento do mundo, como é o caso do seguinte exemplo:

<sup>169</sup> Um outro exemplo que ilustra essa dificuldade, mas onde Schilder se inclina para uma leitura de sucessão, é o seguinte:

(a) Nun zischte der Delphin seinem Reiter einen Strahl mitten ins Gesicht. Der Fisch lachte.  
(Então o golfinho lançou um esguicho para o rosto do homem que o montava. O peixe riu(ria).)



- (435) Lichtenberg **setzte** sich an den Gartentisch, **griff** zu seinem Federkiel und bestellte bei dem englischen Mechaniker Edward Nairne (1726-1806) eine Luftpumpe, die erste in Deutschland. (Lichtenberg **sentou-se** à mesa do jardim, **pegou** na pena e encomendou ao mecânico inglês Edward Nairne (1726-1806) uma bomba de aspiração, a primeira na Alemanha.)

Schilder menciona também a existência de outras sequências discursivas com verbos de evento, o primeiro dos quais pontual, em que o conhecimento do mundo não apoia a relação de sucessão temporal. É o caso do exemplo seguinte, onde as situações referidas se sobrepõem no tempo:

- (436) Johann betrat das Zimmer. Marie las ein Buch. (O Johann entrou na sala. A Marie estava a ler um livro.)

Por último, temos as sequências discursivas que referem uma situação atética e um evento. Também aí Schilder faz uma distinção, nomeadamente entre os casos em que a situação atética serve simplesmente de enquadramento ao evento, incluindo-o temporalmente, (cf. (437), abaixo), e os casos em que o autor considera haver contingência, uma vez que o evento vai pôr termo à situação atética (cf. (438)).

- (437) Maria war wütend. Peter gab ihr das Stück Pizza zurück. (A Maria estava furiosa. O Peter devolveu-lhe a fatia de pizza.)  
 (438) Der Raum war stockfinster. Peter knipste das Licht an. (A sala estava escura como breu. O Peter acendeu a luz.)

Schilder chama também a atenção para o facto de, no caso das actividades, ser muitas vezes difícil determinar se a primeira situação realmente inclui a segunda, ou se termina quando esta começa, ou até antes disso. A frase seguinte é um exemplo dessa indeterminação:

- (439) Maria starrte Peter an. Er gab ihr das Stück Pizza zurück. (A Maria ficou / estava a olhar para o Peter. Ele devolveu-lhe a fatia de pizza.)

### 3.3.1.3 Reyle e Roßdeutscher (2001): representação da ambiguidade e informação lexical como ponto de partida

Um outro tratamento da questão da interpretação discursiva do Präteritum é o que propõem Reyle e Roßdeutscher (2001), que abordam a questão precisamente do ponto de vista da ambiguidade do Präteritum e das suas possibilidades de resolução. Estes autores baseiam-se no enquadramento teórico de Reyle *et al.* (2000: pp. 7ss), e na concepção de que o Präteritum localiza as situações relacionando-as com um intervalo anterior à

enunciação, de uma forma que varia em função da classe de 'aktionsart': os estados contêm esse intervalo e os eventos estão contidos nele. Mas, enquanto Reyle *et al.* (2000) trabalham com frases isoladas, Reyle e Roßdeutscher (2001) pretendem analisar a interpretação do Präteritum em sequências discursivas.<sup>170</sup>

A forma escolhida para tratar a ambiguidade neste trabalho consiste em distinguir por princípio entre informação segura e informação não-segura, designada como ambígua, e ir gradualmente transformando esta naquela, num processo de eliminação de ambiguidades que decorre à medida que o discurso é analisado e mais informação vai sendo adquirida.<sup>171</sup> Assim, os predicados de evento no Präteritum são, à partida, interpretados como ambíguos: a informação segura é apenas que o evento se encontra em curso; não se sabe se o seu limite intrínseco será ou não atingido, pelo que esta é informação ambígua, que só se tornará segura quando outro elemento discursivo fornecer indícios nesse sentido.

Considerem-se os exemplos (440) e (441):

- (440) Maria ging zur Bushaltestelle. Der Bus kam. Sie stieg ein und fuhr bis Hauptbahnhof. (A Maria foi para a paragem de autocarro. O autocarro chegou. Ela entrou e foi até à estação de caminho de ferro.)
- (441) Maria ging zur Bushaltestelle. Der Bus kam. Sie rannte und erreichte ihn. (A Maria ia / foi para a paragem de autocarro. O autocarro chegou / veio / vinha aí.<sup>172</sup> Ela correu e apanhou-o.)

Com base nos dados contidos nas duas primeiras frases, só é informação segura o facto de os dois eventos estarem a decorrer, assim como a informação decorrente da única restrição imposta pelo Präteritum à sua interpretação discursiva, a saber, a impossibilidade de o estado progressivo correspondente ao segundo evento referido ser anterior àquele que corresponde ao primeiro evento referido (cf. Reyle e Roßdeutscher (2001: pp. 257s, 269ss)).

<sup>170</sup> Os dados considerados limitam-se a sequências de frases não ligadas entre si por conjunções, advérbios ou outras expressões com função análoga (Reyle e Roßdeutscher 2001: p. 264)

<sup>171</sup> Tanto Reyle *et al.* (2000) como Reyle e Roßdeutscher (2001) trabalham no quadro da UDRT, "Underspecified Discourse Representation Theory", no âmbito da qual a informação contida em cada frase de um discurso vai sendo introduzida numa 'estrutura de representação do discurso subespecificada' ((U)DRS) onde pode ser relacionada com a informação já disponível, permitindo assim não só explicitar ligações anafóricas, como na DRT clássica, mas também representar ambiguidades que se mantêm até ser possível a sua resolução, recorrendo a um contexto mais alargado do que a frase. Para isso, a informação é repartida por três tipos de DRS diferentes, conforme seja informação segura, ambígua ou pressuposicional. Como veremos, a acomodação das pressuposições é um mecanismo decisivo para criar as incompatibilidades entre estados que podem eliminar a ambiguidade relacionada com a culminação dos eventos.

<sup>172</sup> Esta última (*vinha aí*) é a tradução correspondente à ambiguidade interpretativa defendida em Reyle e Roßdeutscher (2001) para esta sequência discursiva. No entanto, falantes nativos por mim consultados defendem que só a tradução por formas de Pretérito Perfeito corresponde à sua interpretação desta frase, pondo assim em questão a ambiguidade desta forma verbal neste contexto.

Passando agora à análise da terceira frase de cada um dos exemplos, em (440), a informação nova introduzida pelo verbo *einsteigen* (*entrar*) pressupõe que a Maria e o autocarro estão na paragem, e, portanto, que o limite intrínseco das duas situações anteriores foi atingido: por conseguinte, a existência dos dois eventos passa de informação não-segura para informação segura. Outro dado que é adicionado pela terceira frase diz respeito à existência do 'achievement' *einsteigen* (*entrar*) propriamente dito, que, no entanto, só pode ser considerado informação segura a partir do processamento da forma verbal seguinte *fuhr* (*foi*), que pressupõe a presença da Maria no autocarro. Na análise que os autores fazem desta frase, onde não consta essa segunda forma verbal, só faz parte da informação segura o facto de este evento (*einsteigen* (*entrar*)) se encontrar em decurso, não podendo ser garantida a sua conclusão (Reyle e Roßdeutscher (2001: pp. 280s, nota 27)).

Em (441), a terceira forma verbal (*rannte / correu*) indica igualmente que a primeira situação cessou, uma vez que o verbo *gehen* (*ir, andar*) significa, neste caso, deslocar-se andando, e esse modo de deslocação é incompatível com o de *rennen* (*correr*). No entanto, a sequência continua a ser ambígua quanto ao facto de a deslocação na direcção da paragem ter chegado ao seu limite intrínseco ou de ter havido simplesmente uma mudança de modo de deslocação a meio do trajecto (Reyle e Roßdeutscher (2001): pp. 278ss).

Um dos objectivos deste tipo de processamento da informação contida no texto é estabelecer ligações não acidentais ("non-accidental connections") entre as situações referidas no texto, de modo a restringir as relações discursivas possíveis. Exemplos dessas ligações não-acidentais são a reacção à percepção (de uma determinada situação) ("Reaction by Perception") e a execução de um plano ("Plan Execution") (cf. Reyle e Roßdeutscher (2001): p. 267ss). A primeira dessas ligações verifica-se quando duas situações são referidas em sequência no discurso e a segunda é normalmente interpretada como uma acção que pressupõe o estado consequente da primeira, não havendo no discurso qualquer elemento que explicitamente refute essa interpretação (por exemplo, uma indicação do tipo *por lapsos*). Esta ligação só pode estabelecer-se entre situações que não partilhem o mesmo agente, ao contrário da execução de um plano, que, exceptuando esse aspecto, se aplica em sequências como as que acabei de descrever.

As características desta abordagem da interpretação temporal do discurso com base na representação da ambiguidade permitem-lhe esperar pelo momento em este tipo de ligações não-acidentais entre as proposições constituam informação segura para as introduzir na representação do discurso, podendo manter-se a subespecificação da

representação até surgir, no contexto posterior, um elemento que a elimine. Por exemplo, para a sequência (441), acima, não são definidas ligações não-acidentais entre as situações porque não há nenhuma informação disponível que permita escolher entre duas formas possíveis de as estabelecer, nomeadamente interpretando a actividade de correr como reacção à percepção da vinda do autocarro ainda durante o caminho para a paragem ou já depois de esse evento ter chegado ao seu limite, isto é, depois de a Maria estar na paragem.

### 3.3.1.4 Balanço

As propostas que acabei de apresentar lidam com a questão da ambiguidade do Präteritum relativamente à sua interpretação discursiva usando de modos diferentes informação linguística de vários tipos e informação não-linguística. Ehrich (1992) parte de interpretações por defeito baseadas na 'aktionsart', que constatámos serem problemáticas em diversos casos, e Schilder (1997) usa igualmente a informação da 'aktionsart', mas dá bastante mais importância ao conhecimento do mundo.<sup>173</sup> Por outro lado, Reyle e Roßdeutscher (2001) não fazem quaisquer distinções no processamento das várias classes de 'aktionsart', mas tiram o máximo partido da informação lexical específica de cada verbo, dando também importância às relações não-temporais estabelecidas a partir do conhecimento do mundo. As consequências das diferenças entre estas abordagens são bem visíveis no tratamento dado aos 'achievements': enquanto Ehrich e Schilder seguem o tratamento dado por defeito às situações télicas, e prevêm relações de sucessão, Reyle e Roßdeutscher seguem o mesmo procedimento com todas as classes de 'aktionsart', pelo que tomam como dado factual apenas o estado progressivo correspondente ao 'achievement', representando a sua fronteira final como informação segura apenas se outro elemento apontar nesse sentido.

A abordagem em que me vou basear para a análise dos dados do corpus paralelo a efectuar no capítulo 4 é a de Schilder (1997), já que se trata de uma proposta relativamente abrangente que permite, mesmo abstraindo da formalização apresentada pelo autor, estabelecer uma relação com as bases da interpretação de sequências discursivas em português, tanto no que respeita à 'aktionsart' como no que respeita às relações discursivas,

---

<sup>173</sup> A posição de Schilder torna-se algo ambígua, já que, por um lado, ele contesta a sucessão temporal como interpretação de sequências discursivas por defeito, sem confirmação com base no conhecimento do mundo (Schilder 1997: pp. 55s), mas, por outro lado, ao formalizar a sua teoria, ele acaba por usar essa interpretação por defeito, assinalando especificamente as excepções (ib.: pp. 120s).

possibilitando, assim, uma análise dos dados do corpus.<sup>174</sup> Tal não significa, naturalmente, que esta proposta não contenha aspectos problemáticos, alguns dos quais serão abordados na secção 3.3.4 e na secção 4.3, adiante.

Os dados apresentados, e sobretudo o inventário de combinações possíveis elaborado por Schilder (1997), mostram que a interpretação discursiva do Präteritum está ligada à 'aktionsart', e, mais especificamente, aos limites intrínsecos de cada tipo de situação. Assim, sequências de duas situações intrinsecamente não-delimitadas, estados e actividades, resultam em relações temporais de sobreposição, enquanto sequências de situações intrinsecamente delimitadas resultam, em geral, em relações de sucessão. A excepção são os 'accomplishments', que podem, em determinadas circunstâncias contextuais em que pesa o conhecimento do mundo, sobrepor-se a outras situações delimitadas. Quanto às sequências mistas, de uma situação delimitada e outra não-delimitada, há, em geral, a possibilidade de inclusão temporal da primeira na segunda, mas também de sucessão – caso em que actividades e estados recebem fronteiras –, ou, eventualmente outras possibilidades ainda, dependendo sempre das relações não-temporais que se puderem estabelecer entre as situações, com base no conhecimento do mundo.

### 3.3.2 As relações discursivas no âmbito da SDRT

Como foi visível nas secções anteriores e está explícito no diagrama (427), de Schilder (1997), a interpretação temporal de sequências discursivas implica muitas vezes o recurso ao conhecimento não-lingüístico, em paralelo com o conhecimento lingüístico, para a determinação das relações discursivas com base nas quais o texto está estruturado. É precisamente essa uma das aplicações da teoria formal da representação do discurso denominada SDRT, "Segmented Discourse Representation Theory", que passo a apresentar brevemente nos aspectos que mais directamente respeitam à interpretação temporal do discurso.<sup>175</sup>

No âmbito desta teoria, tal como na DRT clássica de que ela deriva, as frases de um texto vão sendo sucessivamente analisadas e os dados obtidos são introduzidos em

---

<sup>174</sup> Apesar disso, e abstraindo dos aspectos práticos de aplicabilidade aos objectivos e aos dados que pretendo analisar no presente trabalho, creio que a abordagem mais adequada da interpretação discursiva do Präteritum será a de Reyle e Roßdeutscher (2001).

<sup>175</sup> A SDRT, apresentada em Lascarides e Asher (1993a), Busquets *et al.* (2001) e Asher e Lascarides (2005), entre outros trabalhos, é um desenvolvimento da DRT formulada em Kamp e Reyle (1993). Para a breve descrição que se segue, baseio-me em Asher e Lascarides (2005), mas também, no que respeita à adaptação aos dados do português, no trabalho de Borillo *et al.* (2003: pp. 81ss), orientado para uma aplicação aos tempos verbais franceses, e ainda em Alves (2002: pp. 29ss).

estruturas de representação do discurso (DRSs) individuais, e relacionados com os dados já processados, na mesma frase e em frases anteriores, o que permite interpretar, por exemplo, ligações anafóricas e elipses. Específico da SDRT é o facto de cada nova frase de um discurso coerente estar necessariamente ligada ao discurso anterior por meio de relações discursivas, que são também representadas, formando-se assim a estrutura complexa (denominada SDRS), que representa o discurso na sua totalidade. As regras para o estabelecimento dessas ligações, denominadas "Glue Logic", definem: (i) a que pontos da estrutura a representação de uma nova frase pode ser ligada, (ii) que relações discursivas podem ser inferidas a partir de uma série de pistas linguísticas, e não-linguísticas (em especial de relações mereológicas e de causa-efeito entre as situações), e (iii) que efeitos semânticos essas relações têm, entre outros aspectos, na relação temporal entre as situações.

É importante referir que as regras que possibilitam a inferência de relações discursivas a partir do conhecimento do mundo são formuladas recorrendo a uma lógica não-monótona, que permite que uma regra se aplique por defeito na generalidade dos casos, mas, em determinadas circunstâncias, seja suspensa, nomeadamente quando se aplicam regras mais específicas.<sup>176</sup> Já as regras de inferência de relações discursivas a partir de marcadores específicos (por exemplo, a conjunção *porque* para a relação de Explicação) não prevêm excepções, recorrendo à implicação não-desfazível, tal como as regras que definem os efeitos semânticos das relações discursivas.

Nas próximas secções apresentarei brevemente algumas dessas regras, nomeadamente as que dizem respeito às relações discursivas que têm consequências directas para a relação temporal entre as situações: Narração, Enquadramento, Resultado, Explicação e Elaboração.

### 3.3.2.1 Narração

A relação discursiva de Narração, que leva à inferência de que duas situações que se sucedem imediatamente no discurso se encontram também nessa mesma ordenação temporal, pode ser inferida com base na relação de "Occasion" (cf. Asher e Lascarides

---

<sup>176</sup> A inferência de relações discursivas por defeito obedece ao padrão de inferência designado como "Modus Ponens desfazível" ("Defeasible Modus Ponens"), enquanto a sobreposição de regras mais específicas a regras mais gerais decorre do padrão de inferência conhecido como 'Princípio do Pinguim' ("Penguin Principle") (cf., por exemplo, Lascarides e Asher (1993a)).

(2005: p. 201<sup>177</sup>). Esta relação em que uma situação ocasiona outra verifica-se sempre que as situações em causa são habitualmente associadas em determinada ordem no âmbito do conhecimento do mundo que partilhamos, em sequências padronizadas conhecidas como *scripts*, tal como as dos exemplos seguintes:

(442) O Tobias caiu. O António ajudou-o a levantar-se.

(443) A Ana lavou as mãos. Sentou-se à mesa.

A relação discursiva de Narração é também passível de ser inferida a partir de marcadores específicos, como (*e*) *depois*, não podendo, nesse caso, ser ultrapassada por qualquer outra regra mais específica.<sup>178</sup>

(444) A Rita viu televisão. Arrumou a cozinha. Depois saiu.

Quanto aos efeitos semânticos da relação de Narração, um deles é não-temporal, e diz respeito à existência de um tópico comum às situações ligadas por esta relação discursiva, como é normal acontecer em duas frases pertencentes à mesma história. Outra consequência semântica tem a ver com a relação temporal que se verifica entre as duas situações: na ausência de outro tipo de indicações adverbiais, a ordem em que as situações são mencionadas no discurso corresponde também à ordem em que sucedem no tempo. A regra formulada em Asher e Lascarides (2005: p. 163) vai mesmo mais longe, prevendo a sobreposição do pré-estado ("prestate") da segunda situação ao pós-estado ("poststate") da primeira, de modo a garantir que durante o intervalo que possa mediar entre as duas situações, não ocorrem outras situações relevantes, por exemplo, que cancelem uma implicação da primeira situação ou sejam incompatíveis com uma pressuposição da segunda.

---

<sup>177</sup> Note-se que a relação discursiva de Narração era, nas primeiras formulações desta teoria (cf. Lascarides e Asher 1993a: p. 442), inferida por defeito, a partir da ordenação das situações no discurso. Baseava-se no princípio de que os factos são tipicamente descritos na ordem em que acontecem, ao qual fazem apelo a máxima de Grice (1975) "Sê ordenado" e o princípio de interpretação temporal do discurso de Dowty (1986). Esta posição é contestada, por exemplo, por Schilder (1997: pp. 65s), que defende a necessidade de a sucessão temporal ser confirmada pelo conhecimento do mundo (cf. secção 3.3.1.2, acima), e veio, de facto, a ser revista.

<sup>178</sup> Asher e Lascarides (2005: p. 200) prevêem ainda que a relação discursiva de Narração possa ser inferida em sequências como a seguinte, onde não há informação extra-linguística que ligue as duas primeiras situações referidas, mas a marcação explícita desta relação entre a segunda oração e a terceira leva à inferência da mesma relação entre as duas primeiras:

(a) A Rita viu televisão. Arrumou a cozinha. Depois saiu.

### 3.3.2.2 Elaboração

Duas situações que façam parte de uma sequência discursiva são ligadas por uma relação discursiva de Elaboração quando a segunda especifica detalhes da primeira, faz parte dela, como é o caso do exemplo seguinte:

- (445) O Tobias foi ao supermercado. Comprou leite, um biberão e fraldas e pagou com o cartão multibanco.

Esta relação discursiva é inferida por defeito com base na semântica dos predicados envolvidos e no conhecimento extra-linguístico sobre relações mereológicas entre situações e tem como efeito temporal a inclusão da segunda situação na primeira (Asher e Lascarides 2005: p. 159ss, 204ss).

A relação discursiva de Elaboração difere da de Narração por ter efeitos diferentes sobre a estrutura hierárquica do discurso. Duas proposições ligadas pela relação discursiva de Narração estão ao mesmo nível nessa estrutura, pelo que Narração é considerada uma relação discursiva de coordenação. Pelo contrário, no caso da relação discursiva de Elaboração uma das proposições envolvidas especifica a outra, está dependente dela, e encontra-se num nível inferior da estrutura discursiva. Por isso, Elaboração é considerada uma relação discursiva de subordinação.<sup>179</sup> Esta diferença entre relações discursivas de subordinação e coordenação é crucial para decidir sobre o ponto ou pontos da estrutura discursiva já processada a que se pode ligar a representação de uma nova frase. Segundo as regras de construção de estruturas discursivas, uma nova frase só pode ligar-se à última frase que tenha sido processada, ou a uma frase que estabeleça com essa uma relação discursiva de subordinação.<sup>180</sup> Assim se explica que a frase (c) dos exemplos abaixo fique estranha na segunda sequência, mas não na primeira:

- (446) (a) A Maria fez o almoço. (b) Fritou rissóis, fez arroz de cenoura e salada. (c) Chamou as crianças para a mesa.  
(447) (a) A Maria fez o almoço. (b) Ligou o computador e viu o correio. (c) ?Chamou as crianças para a mesa.

<sup>179</sup> Cf. Asher e Lascarides (2005: pp. 8ss, 146ss). Note-se que se trata aqui de coordenação e subordinação no plano das estruturas de representação do discurso, e não no plano sintáctico, apesar de os termos usados serem os mesmos.

<sup>180</sup> Uma outra relação de subordinação é a de Explicação, que será tratada adiante. Sobre a questão da diferença entre as relações discursivas de coordenação e subordinação, veja-se Asher e Vieu (2005), onde se defende que pelo menos algumas relações discursivas não são apenas de coordenação ou subordinação, mas podem mudar de comportamento de acordo com o contexto. Por exemplo a relação discursiva de Resultado, que é objecto da secção 3.3.2.4, é, por defeito, uma relação de coordenação, mas, em determinados contextos específicos, pode ser de subordinação.



Enquanto em (446) temos entre (a) e (b) uma relação de Elaboração, que subordina (b) a (a) e por isso deixa tanto uma como outra acessíveis à ligação de uma nova frase, em (447) a relação entre (a) e (b) é de Narração, ou seja, (a) e (b) são coordenadas, pelo que só é possível ligar uma nova frase a (b). Ora, a frase (c) não se adequa a essa ligação, mas sim a uma ligação, por Narração, a (a), pelo que (447) é uma sequência pouco feliz.

### 3.3.2.3 Enquadramento

A relação discursiva de Enquadramento ("Background") é inferida a partir de descontinuidades no que respeita às classes aspectuais dos predicados presentes numa sequência discursiva, por exemplo, um evento seguido de um estado, ou um estado seguido de um evento, como nos exemplos seguintes:

(448) O Paulo chegou tarde a casa. A Maria estava doente.

(449) A porta tinha o número 7. A Maria bateu devagarinho.

Para que uma sequência discursiva possa ser interpretada como ligada pela relação discursiva de Enquadramento, é ainda necessário que exista um tópico comum às duas proposições em causa, o que explica que a sequência (450) seja pouco aceitável, na ausência de um contexto anterior ou posterior que lhe confira esse tópico comum (cf. Asher e Lascarides (2005: pp. 165ss e 207ss)).

(450) ??O Paulo fumou um cigarro. A Maria tinha o cabelo preto.

Quanto às consequências temporais desta relação discursiva, Asher e Lascarides (2005: p. 165) formulam-nas através de uma condição de sobreposição temporal das duas situações em causa. Na sua adaptação da SDRT à descrição do sistema verbal do francês, Borillo *et al.* (2003: p. 92) são mais precisos, distinguindo consequências temporais diferentes para os dois tipos de Enquadramento. Para Enquadramento1 ("Background1"), que liga uma sequência discursiva onde a primeira frase refere um evento e a segunda um estado (cf. (448), acima), os autores prevêem a inclusão temporal da primeira situação na segunda. Para Enquadramento2 ("Background2"), aplicável a sequências discursivas em que a primeira frase refere um estado e a segunda um evento (cf. (449)), acima, está prevista a inclusão temporal da segunda situação referida na primeira.

### 3.3.2.4 Resultado

A relação discursiva de Resultado pode ser estabelecida a partir de pistas linguísticas, como a expressão *por isso* em (451), abaixo, ou inferida por defeito, a partir

da semântica lexical e do conhecimento genérico sobre relações causais entre situações, que sugerem que haja uma ligação causa-efeito entre as situações referidas em determinada sequência discursiva, como em (452) e (453) (cf. Asher e Lascarides (2005: pp. 204ss).

(451) O Max apagou a luz. Por isso estava muito escuro.

(452) A Maria empurrou o Tobias. Ele caiu.

(453) O Max apagou a luz. Estava escuro como breu.

Relativamente aos efeitos temporais desta relação discursiva, Asher e Lascarides (2005) dão poucas indicações. Borillo *et al.* (2003: p. 89), que, adaptam a SDRT a uma descrição dos tempos verbais franceses, explicitam essas consequências temporais, afirmando que se a segunda situação referida for um evento, como *caiu* em (452), acima, ele será posterior à primeira situação referida, enquanto no caso de a segunda situação ser um estado, como *estava escuro* em (453), acima, este estado se inicia imediatamente a seguir à primeira situação referida.

### 3.3.2.5 Explicação

A relação discursiva de Explicação pode igualmente ser estabelecida a partir de pistas linguísticas, como a conjunção *porque* na frase (454), abaixo, ou inferida por defeito, a partir da semântica lexical e do conhecimento sobre relações causais entre situações, que sugerem que haja uma ligação causa-efeito entre as situações referidas em determinada sequência discursiva, como sucede em (455)-(457) (cf. Asher e Lascarides (2005: pp. 204ss).

(454) O Tobias caiu porque a Maria o empurrou.

(455) O Tobias caiu. A Maria empurrou-o.

(456) O Tobias caiu. As escadas estavam molhadas e escorregadias.

(457) O Pedro chegou atrasado à primeira aula. Perdeu o autocarro.

Quanto aos efeitos temporais de relação discursiva de Explicação, Asher e Lascarides (2005: p. 160s) estipulam duas regras cuja aplicação depende da 'aktionsart' das situações envolvidas. De acordo com a regra mais geral, aplicável a todos os exemplos dados acima, a situação causada, que é explicada pela situação mencionada em segundo lugar na sequência discursiva, nunca pode ser anterior a esta. Para além disso, uma outra regra mais específica prevê que, no caso de a situação causadora ser um evento, este seja anterior à situação causada. É o que sucede em (455) e (457), mas não em (456), onde a situação causadora é um estado, *estar molhadas e escorregadias*, que pode continuar a verificar-se num intervalo posterior à situação causada.

A comparação de (455) com (452), acima, torna bem patente até que ponto o conhecimento do mundo e as relações discursivas inferidas com base nele determinam a interpretação temporal dos textos e das formas verbais neles contidas, já que os eventos relatados nas duas sequências são os mesmos e a forma das frases não contém quaisquer outros elementos que indiquem que em (452) os eventos são relatados na mesma ordem em que ocorrem, e em (455) na ordem inversa.<sup>181</sup>

A afirmação que acabei de fazer é perfeitamente válida para as frases portuguesas mencionadas, mas não para frases que poderão ser consideradas equivalentes em alemão e em francês, pois nestas línguas há determinadas formas verbais do passado que são compatíveis com a relação discursiva de Resultado, mas não com a de Explicação. É o caso do Passé Simple no francês (cf. Borillo *et al.* (2003: p. 90)) e do Präteritum no alemão (cf. Schilder (1997: p. 98)), este último usado nos exemplos seguintes:

- (458) Maria stieß Tobias. Er fiel hin. (A Maria empurrou o Tobias. Ele caiu.)  
 (459) ??Tobias fiel hin. Maria stieß ihn. (O Tobias caiu. A Maria empurrou-o.)

Como foi referido na secção 3.3.1, a única restrição imposta pelo Präteritum à sua interpretação temporal consiste em não permitir que, numa sequência de frases nesta forma verbal, uma situação referida depois de outra no discurso seja interpretada como totalmente anterior a esta no tempo. Ora, como se verificou acima, é precisamente este o efeito temporal da relação discursiva de Explicação, pelo que a sequência (459), acima, não é aceitável, ao contrário de (458). Por outro lado, existe um outro tempo verbal do passado, o Perfekt, que é conciliável com ambas as relações discursivas, como se verifica nos exemplos seguintes, ambos aceitáveis e com interpretações temporais baseadas nas relações discursivas, tal como as versões portuguesas correspondentes (cf. (452) e (455), acima).

- (460) Maria hat Peter gestoßen. Er ist hingefallen. (A Maria empurrou o Tobias. Ele caiu.)  
 (461) Peter ist hingefallen. Maria hat ihn gestoßen. (O Tobias caiu. A Maria empurrou-o.)

O que é interessante observar é que no alemão e no francês, duas línguas que têm tempos verbais considerados tipicamente narrativos, o Präteritum e o Passé Simple, nenhuma destas formas aparenta ser compatível com a relação discursiva de Explicação.

<sup>181</sup> O que foi dito aplica-se apenas à forma escrita, já que, na oralidade, a entoação desempenha um papel importante na desambiguação deste tipo de discurso. Talvez por isso, estas frases parecem mais naturais como parte de um diálogo (cf. Caenepeel e Moens (1994: pp. 12ss) e as observações no final desta secção).

Pelo contrário, quer os tempos verbais do passado não-narrativos dessas duas línguas – Perfekt e Passé Composé –, quer o Pretérito Perfeito e o Simple Past, que estão inseridos em sistemas verbais sem uma forma tipicamente narrativa, são interpretáveis com recurso a essa relação discursiva.

Este dado está de acordo com as observações de Caenepeel e Moens (1994: p. 10, 12ss), segundo as quais a interpretação de sequências discursivas do tipo das acima referidas, no Simple Past, não depende apenas do conhecimento do mundo, mas também, em grande medida do (conhecimento sobre) o tipo de discurso em causa.

Estes autores investigam as diferenças entre sequências discursivas no Simple Past em que as frases estão ligadas por uma relação de Explicação e sequências paralelas em que a anterioridade temporal da segunda frase é explicitamente marcada por uma forma de Past Perfect. Utilizarei os exemplos correspondentes aos de Caenepeel e Moens em português, onde me parece serem observáveis os mesmos fenómenos:

(462) A Joana deixou-me. Apaixonou-se por outra pessoa.

(463) (?) A Joana deixou-me. Tinha-se apaixonado por outra pessoa.

A interpretação temporal é a mesma em ambas as sequências, isto é, a situação referida pela segunda frase é anterior à que é referida pela primeira, sendo que a segunda sequência necessita de um contexto prévio sem o qual é pouco aceitável.

É precisamente no que diz respeito ao tipo de contexto onde podem ser inseridas que as duas sequências se revelam bastante diferentes.<sup>182</sup> Caenepeel e Moens distinguem, para este efeito, contextos narrativos e não-narrativos – estes mantêm uma relação dêictica directa com a situação de enunciação, enquanto naqueles não existe essa relação directa –, e estão longe de ser pura coincidência as semelhanças entre esta distinção e as diferenças entre análises do Perfekt e do Präteritum já referidas no presente trabalho (cf. secção 3.2.2.4.2 e seguinte). O exemplo seguinte mostra que, no contexto não-narrativo de um diálogo, a versão com duas formas de Pretérito Perfeito é adequada, mas a que contém um Pretérito Mais-que-perfeito não.

(464) *contexto: A encontra o velho amigo B, que já não vê há muito tempo, e pergunta-lhe como está. B responde:*  
Nada bem. A Joana deixou-me. Apaixonou-se(??tinha-se apaixonado) por outra pessoa.

<sup>182</sup> Para além de diferenças relativas à estrutura informacional que também existem entre as duas sequências.

No entanto, a forma de Pretérito Mais-que-perfeito é perfeitamente aceitável se o contexto for narrativo, como no exemplo seguinte:

- (465) Três meses depois, a Joana deixou-me. Tinha-se apaixonado / Apaixonou-se por outra pessoa. Primeiro fiquei muito em baixo, mas depois ultrapassei o choque e comecei a sair com outras pessoas. Foi nessa altura que conheci a Inês.

Neste tipo de discurso, Caenepeel e Moens (1994: p. 14) afirmam que duas formas de Simple Past têm tendência para induzir uma interpretação temporal narrativa, de sequência temporal (desde que ela faça sentido), e não uma interpretação explicativa, de anterioridade da segunda situação. Não tenho a certeza de que essa afirmação seja válida para o português, e de que em (465) a forma de Pretérito Perfeito não seja compatível com uma interpretação explicativa, mas o que me parece claro é que a forma de Pretérito Mais-que-perfeito resulta melhor do que a de Pretérito Perfeito neste contexto, nem que seja apenas por não produzir uma ambiguidade difícil de evitar entre a interpretação narrativa e a explicativa.

No que diz respeito ao alemão, este tipo de dados vem confirmar, pelo menos parcialmente, o princípio que está por detrás de uma análise como a de Weinrich (cf. secção 3.2.2.4.3) nomeadamente a natureza discursiva da diferença entre Präteritum e Perfekt. O conceito e a tipologia das relações discursivas aqui descritas, embora esta esteja incompleta, dão um contributo para esclarecer um pouco mais essa diferença, e também para podermos comparar de forma mais clara línguas em que essa diferença discursiva está ligada ao uso de determinados tempos verbais, como o alemão e o francês, com línguas em que não existe essa associação, como o português e o inglês.

### **3.3.3 As relações discursivas e os tempos verbais do português**

Tanto quanto pude verificar, à excepção do artigo de Lopes (1999) sobre o Pretérito Mais-que-perfeito, não houve ainda tentativas explícitas de determinar as compatibilidades entre relações discursivas como as que acabei de descrever e os tempos verbais portugueses, nem de explorar o potencial explicativo que elas poderão ter relativamente ao uso e interpretação destes. Nas secções que se seguem procurarei dar alguns passos nesse sentido, abordando em primeiro lugar o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito e em seguida o Pretérito Mais-que-perfeito.

### 3.3.3.1 Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito

Concentrando-nos, por agora, apenas no Pretérito Perfeito e no Pretérito Imperfeito, os dados dispersos na bibliografia (por exemplo, em Alves (2002) e Cunha (2004)) sugerem que o Pretérito Imperfeito é compatível com a relação discursiva de Enquadramento e o Pretérito Perfeito com as restantes. São factos confirmados pelos próprios exemplos que usei nas secções anteriores para apresentar as diversas relações discursivas. Possivelmente, serão também estas as combinações mais frequentes, até porque o 'ponto de perspectiva temporal' passado a que o Pretérito Imperfeito sobrepõe as situações que localiza (cf. secção 3.2.1.3) é muitas vezes fornecido por outra situação referida no contexto discursivo, o que se ajusta na perfeição à sobreposição temporal associada à relação discursiva de Enquadramento.

No entanto, exemplos como (453), acima, aqui repetido, – tradução de uma frase conhecida na bibliografia e usada em Asher e Lascarides (2005: p. 165) e Borillo *et al.* (2003: p. 89), p. ex. – mostram que o padrão de compatibilidade não se resume a isso.

(466) O Max apagou a luz. Estava escuro como breu.

Fará, portanto, sentido tentarmos verificar em que medida são válidas para o português as afirmações feitas por Borillo *et al.* (2003: pp. 93s), que aplicam a SDRT à interpretação de alguns tempos verbais franceses, nomeadamente *Passé Simple*, *Imparfait* e ainda *Passé Composé*.

Antes, porém, impõem-se algumas observações sobre conceitos fundamentais para as propostas desses autores e os seus correspondentes no âmbito do presente trabalho. Como foi possível verificar nas secções anteriores, algumas das regras formuladas por Borillo *et al.* (2003) para determinar os efeitos temporais de relações discursivas, nomeadamente Enquadramento e Resultado, variam de acordo com a natureza das situações envolvidas, nomeadamente o facto de se tratar de eventos ou estados. É importante referir que a definição de eventos e estados adoptada por estes autores não é igual à do presente trabalho (cf. secção 3.1), já que, por um lado, a propriedade que lhes serve de base é definida de forma mais semelhante à de delimitação do que à de telicidade (cf. Borillo *et al.* (2003: pp. 7ss))<sup>183</sup>, e, por outro lado, essa mesma diferença entre eventos

---

<sup>183</sup> Apesar da relação estabelecida pelos autores entre um dos termos que usam, designadamente terminatividade, e o termo telicidade (Borillo *et al.* (2003: p. 13)), na aplicação que fazem das noções de evento e estado à descrição dos tempos verbais e dos advérbios temporais (ib. pp. 41ss) torna-se claro que também os estados delimitados são considerados pertencentes ao domínio dos eventos. Veja-se, por exemplo, a seguinte afirmação, a propósito de expressões adverbiais de duração do tipo *en / pendant une heure*: "The

e estados acaba por ser crucial para a caracterização de *Passé Simple* e *Imparfait*, na medida em que estes vão ser descritos como operadores temporais com sensibilidade aspectual que denotam, respectivamente, eventos e estados<sup>184</sup> (cf. Borillo *et al.* (2003: pp. 41ss), e também Swart (1998: pp. 368ss)).

Ora, a propriedade da delimitação foi adoptada na secção 3.2.1.5 do presente trabalho para complementar a caracterização dos tempos verbais portugueses, e, de acordo com essa caracterização, o Pretérito Imperfeito refere situações não-delimitadas e o Pretérito Perfeito situações delimitadas. Daí que, a partir deste momento, ao comparar as propostas de Borillo *et al.* (2003) com os dados do português, eu faça corresponder as regras que as autoras formulam em termos de eventos e estados, não a classes de 'aktionsart', mas a tempos verbais, designadamente Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito, sendo o caso do Pretérito Mais-que-perfeito abordado mais adiante. Note-se que há outros autores que, embora não fazendo uso do conceito de relações discursivas, defendem explicitamente a correlação entre a delimitação das situações e a interpretação temporal do discurso, nomeadamente Declerck (1991: pp. 119ss) e Depraetere (1995: pp. 15ss).

Terminado este parêntesis, voltemos às combinações possíveis entre tempos verbais e relações discursivas, tal como elas são descritas para o francês em Borillo *et al.* (2003: pp. 93s). Para sequências discursivas com duas formas sucessivas de *Passé Simple*, os autores prevêm a possibilidade de interpretação com base nas relações discursivas de Narração, Resultado, Elaboração e ainda Continuação, uma relação discursiva fraca que impõe um tópico comum mas não implica uma ordenação temporal determinada das situações, e que une, por exemplo, as frases (b), (c) e (d) do exemplo seguinte, todas ligadas a (a) por uma relação de Elaboração (cf., em Borillo *et al.* (2003: p. 90), a versão francesa deste conhecido exemplo):

- (467) (a) No Verão desse ano houve diversas mudanças na vida dos nossos heróis. (b) O Francisco casou com a Adélia. (c) O Luís foi para o Brasil. (d) O Paulo comprou uma casa no campo.

Esta sequência, em conjunto com as que foram usadas nas secções anteriores para apresentar as relações discursivas mencionadas, indicam que todas elas são também

---

*en*-adverbial is thus an aspectual operator that maps events onto events, whereas the *pendant*-adverbial maps states/processes onto events." (ib: p. 48). Estas propostas estão, aliás, de acordo com as de Swart (1998: pp. 356s, 373s), mencionada na secção 3.2.1.4.

<sup>184</sup> Refira-se também que, trabalhando com base em pressupostos teóricos diferentes dos de Borillo *et al.* (2003), Asher e Bras (1993: p. 209)) derivam, por exemplo, a relação discursiva de Enquadramento, por defeito, directamente a partir da sucessão de uma forma de *Passé Simple* e uma forma de *Imparfait* no discurso.

compatíveis com sequências de duas formas de Pretérito Perfeito. É ainda possível com esta forma verbal a relação discursiva de Explicação, que Borillo *et al.* não mencionam por não ser admitida pelo Passé Simple, como foi dito na secção anterior.

Quanto ao Imparfait, só é considerado pelas mesmas autoras em sequências discursivas onde surge junto de uma forma de Passé Simple. Para além da relação discursiva de Enquadramento, que está dividida em dois tipos, conforme o lugar relativo de Imparfait e Passé Simple na sequência, esta forma verbal é ainda considerada compatível com as relações discursivas de Resultado e Explicação. O mesmo parece valer para o Pretérito Imperfeito, que já verificámos estabelecer com formas de Pretérito Perfeito relações de Enquadramento, mas que surgiu também, no exemplo (453), acima, aqui repetido como (468), associado a uma relação de Resultado, e pode ainda ligar-se a uma forma de Pretérito Perfeito por Explicação, como se verifica no exemplo (469), abaixo.

(468) O Max apagou a luz. Estava escuro como breu.

(469) O Miguel acendeu a luz. Na escuridão, não conseguia ver onde punha os pés.

Ambas as sequências discursivas apresentam também as características típicas da relação discursiva de Enquadramento. Todavia, tanto a relação discursiva de Explicação como a de Resultado são mais específicas do que a de Enquadramento, pelo que, de acordo com as regras estabelecidas (cf. secção 3.3.2, acima), caso estejam reunidas as condições necessárias para a sua aplicação, são elas que são seleccionadas, e não a relação mais geral de Enquadramento.

Em ambos os exemplos anteriores, a sequência discursiva é iniciada por uma forma de Pretérito Perfeito, e Borillo *et al.* (2003) não mencionam exemplos de sequências iniciadas por uma forma de Imparfait com estas relações discursivas. No entanto, em sequências de Pretérito Imperfeito e Pretérito Perfeito, a relação discursiva de Resultado parece também ser possível<sup>185</sup>, como se verifica pelo seguinte exemplo:

(470) Na escuridão, o Miguel não conseguia ver nada. Acendeu a luz.

As regras apresentadas em Borillo *et al.* (2003: p. 89) para determinar a relação temporal entre duas situações ligadas por Resultado (cf. secção 3.3.2.4) não contemplam o caso de a primeira delas ser um estado (o que está de acordo com a ausência de sequências de Imparfait+Passé Simple). Na verdade, nestes casos, não podemos partir simplesmente do

<sup>185</sup> Em sequências discursivas iniciadas por Pretérito Imperfeito, a relação discursiva de Explicação não é possível em associação com o Pretérito Perfeito, mas sim com o Pretérito Mais-que-perfeito, que será abordado na secção seguinte:

(a) Estava escuro como breu. O Miguel ??apagou / <sup>OK</sup> tinha apagado a luz.



princípio de que a situação causada é posterior à situação causadora, uma vez que há também exemplos em que esta se prolonga para além do evento causado:

(471) O sol do meio dia estava muito forte. O Miguel pôs o boné.

Em (470) as situações sucedem-se no tempo, mas só porque a situação causadora não é compatível com o estado consequente do evento causado, algo que não acontece em (471). Uma regra de ordenação temporal para estes casos, em que a situação causadora é referida por uma forma de Pretérito Imperfeito e a situação causada por uma forma de Pretérito Perfeito – ou, nos termos de Borillo *et al.* (2003), em que um estado causa um evento – não poderia, portanto, prever a simples anterioridade da situação referida pelo Pretérito Imperfeito. Mas seria possível abranger tanto (470) como (471) determinando que a situação referida pela forma de Pretérito Perfeito não fosse anterior à que é referida pela forma de Pretérito Imperfeito, à semelhança do que é proposto em Asher e Lascarides (2005: p. 160) como formulação mais geral para os efeitos temporais da relação discursiva de Explicação (cf. os comentários ao exemplo (456), acima).

Exemplos em que uma situação referida por uma forma de Pretérito Imperfeito é interpretada como antecedendo ou sucedendo no tempo a outra situação referida no discurso, como (468), (469) e (470), acima, colocam a questão da sua compatibilidade com a definição de Pretérito Imperfeito como localizador de situações por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' passado. De acordo com Borillo *et al.* (2003: pp. 58s), essa questão foi também colocada por diversos linguistas relativamente a uma definição do *Imparfait* baseada na noção de simultaneidade, tendo obtido diversas respostas, desde o abandono dessa noção de simultaneidade até adaptações diversas da mesma noção. Uma das adaptações mencionadas é da autoria de Landeweerd, que propõe que a situação referida por uma forma de *Imparfait* possa ser, não simultânea, mas adjacente ao seu antecedente temporal no discurso. Esta hipótese baseia-se na observação de que a situação referida pelo *Imparfait* pode localizar-se na vizinhança imediata da situação que lhe serve de antecedente (cf. (472), abaixo, onde a situação de *coxear* se segue imediatamente ao início da deslocação), mas não num intervalo distanciado dessa situação (cf. (473), assinalada como pouco aceitável na interpretação segundo a qual é a chuva a causar o estado *estar molhado*, o qual, ao contrário de *coxear* no exemplo anterior, só começa a verificar-se algum tempo depois do início da exposição à chuva).

(472) Jean se mit en marche. Il boitait fortement. (O Jean começou a andar. Coxeava muito.)

- (473) Jean sortit sous la pluie. ?Il était tout mouillé. (O Jean saiu de casa debaixo de chuva. ?Estava todo molhado.)

Borillo *et al.* (2003) acabam por adoptar um outro tipo de ajustamento à definição do Imparfait com base na simultaneidade, nomeadamente aquele que é defendido em Molendijk (1994), onde se mantém a noção de que o Imparfait localiza as situações por simultaneidade, mas se admite que elas possam sobrepor-se, não só à situação que lhes serve de antecedente, mas também à implicação ou pressuposição desta, explicando-se assim a interpretação das situações envolvidas como sucessivas.

Julgo que qualquer uma destas soluções funciona também para o caso do Pretérito Imperfeito, que se comporta de forma muito semelhante ao Imparfait, como se verifica pela tradução dos exemplos (472) e (473). A segunda proposta poderá, no entanto, ser mais vantajosa, dado que, mantendo sempre um significado de sobreposição para o Pretérito Imperfeito, engloba quer as sequências, ligadas por Resultado e Explicação, em que a sobreposição está limitada – respectivamente, à pressuposição da situação referida pela forma de Pretérito Perfeito, por incompatibilidade com o seu estado consequente (cf. (468) e (469) repetidos abaixo como (474) e (475)), ou à implicação dessa situação, por ela ser a causadora (cf.(466), repetido abaixo como (476) –, quer as sequências em que, não havendo qualquer incompatibilidade, o estado se pode prolongar para além do período de sobreposição afirmado (cf. (471), repetido abaixo como (477) e (456), aqui como (478)).

- (474) O Miguel acendeu a luz. Na escuridão, não conseguia ver onde punha os pés.  
 (475) Na escuridão, o Miguel não conseguia ver nada. Acendeu a luz.  
 (476) O Max apagou a luz. Estava escuro como breu.  
 (477) O sol do meio dia estava muito forte. O Miguel pôs o boné.  
 (478) O Tobias caiu. As escadas estavam molhadas e escorregadias.

Em todos os exemplos de Pretérito Imperfeito que surgiram até agora nesta secção, esta forma verbal localiza situações sem atender aos seus eventuais limites. Quanto ao outro uso do Pretérito Imperfeito referido na secção 3.2.1.3, que localiza as situações na sua totalidade, ele parece não seguir o mesmo padrão do primeiro no que diz respeito às relações discursivas. Recordemos os exemplos relevantes da secção 3.2.1.3:

- (479) Em 1978, Poole da Costa, engenheiro do Gabinete Técnico da Habitação da Câmara Municipal de Lisboa, **escrevia** que em Portugal faltavam 600 mil habitações (...) (Corpus Natura/Publico v. 2.3 par 46930)  
 (480) Em 1952, no Jamor, o Benfica **vencia** o Sporting por 5-4, conquistando mais uma Taça de Portugal. (Corpus: CETEMPúblico 1.7 Ext 971666 (des, 93a))  
 (481) No mesmo dia em que o pavilhão de Timor no Portugal dos Pequenitos se apresentava renovado e com a designação Loro Sae, também a Fundação

Bissaya Barreto **abria** mais uma conta para ajudar Timor, com uma caixa depósito localizada logo à entrada do pavilhão. (Corpus DiaCLAV v.2.1 par DC-N1000-1)

- (482) Pouco depois, Fausto **anunciava** uma música mais tropical e **fazia** votos «para que a paz em Angola regressasse rapidamente, porque o povo merece». (Corpus Natura/Publico v. 2.9 par 78451)

Não existe em nenhum destes exemplos a relação discursiva de Enquadramento, presente em outras sequências analisadas nesta secção, nem parece possível imaginar para um destes exemplos, ou para qualquer outro do mesmo tipo, um contexto adicional em que essa relação discursiva possa existir. Creio que o mesmo se aplica à relação discursiva de Explicação.<sup>186</sup> Já no que diz respeito à relação discursiva de Resultado, ela é possível em sequências como a seguinte:

- (483) Os protestos sucederam-se em vários pontos do país, e, uma semana depois da sua aprovação, o parlamento **revogava** a polémica lei.

Neste exemplo, como nos anteriores, as formas de Pretérito Imperfeito destacadas podem ser substituídas por Pretérito Perfeito, o que levanta a questão das semelhanças entre este uso do Pretérito Imperfeito e o Pretérito Perfeito.<sup>187</sup> No entanto, a dependência do Pretérito Imperfeito relativamente a um 'ponto de perspectiva temporal' contextual tinha-se revelado já na secção 3.2.1.5 como um aspecto que distingue claramente Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito, também no uso desta forma verbal que aqui está em causa. Apesar da semelhança aparente entre a frase (483), com o verbo destacado no Pretérito Perfeito, e a mesma frase com esse verbo no Pretérito Imperfeito, se omitirmos a expressão adverbial de tempo só a forma de Pretérito Perfeito é admissível:

- (484) Os protestos sucederam-se em vários pontos dos país, e o Parlamento revogou / ??revogava a polémica lei.

Enquanto com a forma de Pretérito Perfeito se estabelece a relação discursiva de Resultado e a partir dela é possível inferir a relação temporal entre as situações, com a forma de Pretérito Imperfeito não é possível especificar a localização temporal da situação usando a relação discursiva, mas apenas através da sobreposição a um 'ponto de perspectiva

<sup>186</sup> Veja-se a sequência seguinte, em que a segunda situação referida poderia constituir uma explicação para a primeira, mas o emprego dos tempos verbais não se adequa a essa interpretação:

(a) O governo reuniu-se de emergência. O petróleo atingia o preço máximo dos últimos 3 anos.

<sup>187</sup> Também Borillo *et al.* (2003: p. 61) colocam, para o francês, a hipótese de o 'Imparfait narrativo' seguir a regra do Passé Simple, para explicarem o facto de este uso do Imparfait fazer avançar o tempo na narrativa, ao contrário do que geralmente acontece com as formas de Imparfait.

temporal'.<sup>188</sup> Neste contexto, merece ainda um comentário a sequência de formas do Pretérito Imperfeito da frase (482), aqui repetida:

- (485) Pouco depois, Fausto **anunciava** uma música mais tropical e **fazia** votos «para que a paz em Angola regressasse rapidamente, porque o povo merece». (Corpus Natura/Publico v. 2.9 par 78451)

A segunda situação referida não é localizada directamente por sobreposição à expressão adverbial, como a primeira, mas, aparentemente, estabelece com esta uma relação discursiva de Narração que a localiza depois dessa primeira situação, tal como sucederia com duas formas do Pretérito Perfeito e sem necessidade de um 'ponto de perspectiva temporal' próprio. No entanto, isso só é possível estando os dois verbos ligados por uma conjunção. A segunda forma de Pretérito Imperfeito seria pouco aceitável se se tratasse de duas frases seguidas sem outro tipo de ligação.

### 3.3.3.2 Pretérito Mais-que-perfeito

Passando agora ao Pretérito Mais-que-perfeito, vamos começar por tratar as sequências com mudança de tempo verbal, nomeadamente de Pretérito Perfeito ou Pretérito Imperfeito para Pretérito Mais-que-perfeito. Tínhamos já verificado que uma sequência de Pretérito Imperfeito e Pretérito Mais-que-perfeito pode estar ligada pela relação discursiva de Explicação, como no exemplo da nota 185, aqui repetido.

- (486) Estava escuro como breu. O Miguel tinha apagado a luz.

Também Lopes (1999: p. 665) dá um exemplo de Explicação, desta vez numa sequência iniciada por Pretérito Perfeito (cf. (487), abaixo), mostrando, através do contraste de aceitabilidade entre (487) e (488), que o significado do Pretérito Mais-que-perfeito não se resume à anterioridade temporal, presente também em (488), mas implica, para além disso, a existência de nexos discursivos específicos, neste caso de causalidade.<sup>189</sup>

- (487) (a) A Patrícia abandonou a sala. (b) O João tinha-a insultado.

<sup>188</sup> Vai no mesmo sentido a observação de Matos (1999: p. 260), que afirma que, em *O Rui foi à Faculdade, mas 1 hora depois regressava a casa*, é a expressão adverbial de tempo a verdadeira responsável pelo avanço da narrativa.

<sup>189</sup> Essa mesma constatação é feita para o Past Perfect em Caenepeel e Sandström (1992: pp. 172ss), que explicam a inserção deste tempo verbal no discurso narrativo com base em princípios de informatividade, relevância contextual e densidade das sequências narrativas, e em Lascarides e Asher (1993a: p. 471, 1993b: p. 253), que, no âmbito da SDRT, estabelecem uma regra que restringe as relações discursivas possíveis em sequências de Simple Past e Past Perfect às de Explicação, Elaboração, Paralelismo e Contraste. Adicionalmente, visto considerarem que o Past Perfect estabelece sempre estados consequentes, estipulam a inclusão da situação referida pelo Simple Past no estado consequente da que é referida pelo Past Perfect, o que produz uma relação discursiva de Enquadramento.

- (488) (a) A Ana preparou um chá. (b) ?Tinha entrado na cozinha.

A sequência (488) pode, na verdade, tornar-se aceitável, se a frase (b) fizer parte de um bloco que estabeleça uma relação discursiva apropriada com (a), como na seguinte reformulação, de Lopes (ib.), onde todo o segmento (b) se relaciona com (a) por Enquadramento:

- (489) (a) A Ana preparou um chá. (b) Tinha entrado na cozinha muito deprimida, mas agora sentia-se um pouco melhor.

A sequência anterior é também exemplo de uma outra relação discursiva compatível com o Pretérito Mais-que-perfeito, a de Contraste<sup>190</sup>, uma das que Lascarides e Asher (1993a,b) admitem para sequências de Simple Past e Past Perfect (cf. nota 189), juntamente com Paralelismo<sup>191</sup> e Elaboração. Todas estas relações discursivas podem ocorrer em sequências de Pretérito Imperfeito ou Pretérito Perfeito e Pretérito Mais-que-perfeito, como se verifica nos exemplos seguintes, onde temos, respectivamente, Contraste, Paralelismo e Elaboração:

- (490) A Maria gostava muito de animais, mas o cão tinha-se tornado demasiado grande para o seu pequeno apartamento.  
 (491) O Pedro frequentou a escola básica do bairro. O irmão também lá tinha andado.  
 (492) A Maria fez todos os preparativos para a viagem nesse mesmo dia. Às 3 da tarde tinha tratado do bilhete, trocado dinheiro e feito a mala. Duas horas depois estava sentada no avião.

É igualmente através da relação discursiva de Elaboração que Lascarides e Asher (1993b: p. 255ss), formulando regras adicionais específicas para estes casos, explicam o uso do Past Perfect em contextos de discurso indirecto e mudança de perspectiva, contextos esses onde também é muito frequente o Pretérito Mais-que-perfeito, como se pode confirmar pela tradução do exemplo de Lascarides e Asher:

- (493) The telephone rang. It was Mme Dupont. Her husband had eaten too many oysters for lunch. /O telefone tocou. Era a senhora Dupont. O marido tinha comido demasiadas ostras ao almoço.

<sup>190</sup> A relação discursiva de Contraste não foi apresentada nas secções anteriores por não ter efeitos temporais, mas é referida, por exemplo, em Lascarides e Asher (1993b: p. 255) e Asher e Lascarides (2005: p. 168s). A presença de um marcador explícito como a conjunção *mas* gera a implicação de Contraste, mas a sequência torna-se incoerente se as frases não apresentarem as características requeridas por esta relação discursiva, nomeadamente semelhanças estruturais, mas temas contrastantes, por exemplo, o mesmo verbo com polaridade oposta ou verbos com significados opostos.

<sup>191</sup> A relação discursiva de Paralelismo, referida em Lascarides e Asher (1993b: p. 255) e Asher e Lascarides (2005: p. 168s), também não foi apresentada nas secções anteriores por não ter consequências temporais. É legitimada por semelhanças estruturais entre as frases envolvidas, nomeadamente um tema comum.

Também Lopes (1999: pp. 666s) menciona este tipo de uso do Pretérito Mais-que-perfeito. Além disso, esta autora dá um outro exemplo ao qual nenhuma das relações discursivas mencionadas até ao momento parece adaptar-se<sup>192</sup>, nomeadamente um flashback narrativo:

- (494) O João chegou ao escritório às 11 h. Tinha-se levantado às 7 h, tomara o pequeno-almoço no café da esquina, tinha resolvido todos os assuntos que estavam pendentes no banco.

É relevante fazer ainda uma última observação quanto às relações discursivas previstas por Lascarides e Asher (1993b: p. 253) para sequências de Simple Past e Past Perfect. Estes autores consideram que qualquer forma de Past Perfect introduz na representação o estado consequente do evento respectivo, pelo que estipulam que esse estado consequente inclua a situação referida por uma forma de Simple Past que antecede a de Past Perfect, o que leva ao estabelecimento de uma relação discursiva de Enquadramento entre as duas situações. Para o português, Lopes (1999: p. 666s) faz observações nesse sentido a propósito do exemplo seguinte, dizendo que os estados subsequentes à culminação dos eventos referidos pelas formas de Pretérito Mais-que-perfeito se sobrepõem ao estado referido na primeira frase, e que neste tipo de contexto se torna relevante a leitura resultativa do Pretérito Mais-que-perfeito (cf. secção 3.2.1.6).

- (495) A Patrícia estava satisfeita com a sua vida: tinha escolhido a profissão certa, tinha tido os filhos desejados, tinha feito muitos amigos.

Passo agora a examinar as relações discursivas possíveis com sequências de formas de Pretérito Mais-que-perfeito. Lascarides e Asher (1993b: p. 257) e Asher e Bras (1993: p. 211) sugerem a relação discursiva de Continuação (cf. página 157, acima) como ligação básica estabelecida por defeito em sequências de formas de Past Perfect e Plus-que-Parfait, tendo em conta exemplos semelhantes a (496), abaixo, nos quais as situações referidas por formas de Past Perfect e no Plus-que-Parfait não se apresentam ordenadas no tempo. Julgo o mesmo poderá aplicar-se ao Pretérito Mais-que-perfeito, como o exemplo demonstra:

- (496) À noite o pai deu os parabéns à Catarina. Ela tinha ajudado a mãe a fazer o jantar, tinha treinado a lição de piano e feito todos os trabalhos de casa sozinha.

---

<sup>192</sup> Em Asher e Bras (1993: p. 206, 210) surge um exemplo do mesmo tipo em francês, e, para relacionar as formas de Plus-que-parfait com a forma de Passé Simple que abre a sequência, os autores recorrem à relação discursiva de Pré-condição ("Precondition"). Trata-se de uma relação de subordinação que é estabelecida em contextos em que um evento faz parte de um percurso que culmina num outro evento, e tem como implicação temporal a sucessão das duas situações. No entanto, esta relação discursiva não é mencionada em Asher e Lascarides (2005).

No entanto, de acordo com as regras da teoria, esta relação discursiva pode ser substituída, se se verificarem as condições para o estabelecimento de uma outra mais específica. É o que acontece em exemplos do tipo de (497), abaixo, onde as formas de Pretérito Mais-que-perfeito são unidas por uma relação discursiva de Narração, como os autores referidos propõem para sequências semelhantes no Past Perfect e no Plus-que-Parfait:

- (497) O Francisco chegou ao cume ao meio-dia. Tinha-se levantado às 5 e meia, tinha preparado todas as refeições, e tinha saído do acampamento pouco depois das 6.

Mas há ainda outras relações discursivas mais específicas do que a de Continuação que podem estabelecer-se em sequências com formas de Pretérito Mais-que-perfeito. Os exemplos seguintes ilustram, respectivamente, as relações discursivas de Explicação e Resultado (498) e de Elaboração (499).

- (498) O Pedro não estava a perceber as explicações do professor. Tinha chegado atrasado à aula. Tinha adormecido outra vez depois de o despertador tocar e perdido o autocarro.
- (499) A Maria fez todos os preparativos para a viagem nesse mesmo dia. Às 3 da tarde tinha tratado do bilhete, trocado dinheiro e feito a mala. Na verdade, tinha atirado à pressa para dentro da mala meia dúzia de peças de roupa básicas e todos os documentos que lhe poderiam ser necessários. Duas horas depois estava sentada no avião.

De acordo com estes dados, as sequências de formas de Pretérito Mais-que-perfeito apresentam as mesmas compatibilidades com relações discursivas que já tínhamos constatado para sequências de formas de Pretérito Perfeito: para além da de Continuação, são possíveis relações de Narração, Explicação, Resultado e Elaboração. As semelhanças do comportamento das duas formas verbais estendem-se também aos problemas de compatibilidade com a relação discursiva de Enquadramento, que só é possível, tanto para o Pretérito Perfeito como para o Pretérito Mais-que-perfeito, na presença de uma forma de Pretérito Imperfeito, como se verifica pelos seguintes exemplos:

- (500) O Ricardo tinha saído de casa às 6 da manhã. ?Tinha estado / <sup>193</sup>OK Estava nevoeiro.

- (501) O Ricardo saiu de casa às 6 da manhã. ?Esteve / <sup>OK</sup>Estava nevoeiro.

Tendo em conta a caracterização destes tempos verbais em termos de delimitação das situações referida, apresentada na secção 3.2.1.5, poderá dizer-se que a relação discursiva

---

<sup>193</sup> São exemplos como este, em francês, que levam Kamp (1991: p. 46) a prever para o Imparfait, não só valores de anterioridade a presente e sobreposição a passado, mas também os de anterioridade a passado.

de Enquadramento se distingue das restantes por exigir a presença de um tempo verbal compatível com situações não-delimitadas.

### 3.3.4 As relações discursivas e os tempos verbais do alemão

Tanto quanto me foi possível verificar, o Präteritum é o único tempo verbal alemão que já foi analisado com recurso às relações discursivas, aproximadamente como elas são definidas no âmbito da SDRT, e essa análise é a de Schilder (1997). O Perfekt tem sido objecto de muitos estudos, mas não encontrei entre eles nenhum desse tipo, e o mesmo se verifica em relação ao Plusquamperfekt e ao Präsens, formas já por si bastante menos estudadas. Limitar-me-ei, por isso, a apresentar aqui sinteticamente as posições de Schilder (1997) sobre o Präteritum, que é, aliás, de longe, o tempo verbal mais frequente no corpus que serve de base ao presente trabalho. No capítulo 4, porém, e com base nos dados do corpus, farei ainda observações relevantes no que diz respeito à associação de relações discursivas aqui apresentadas com outras formas verbais, designadamente o Plusquamperfekt (cf. secção 4.3.5).

Como observámos na secção 3.3.1.2, acima, Schilder (1997) estuda as relações temporais potenciais para sequências discursivas constituídas por predicados de diferentes classes de 'aktionsart', e faz depender a existência de uma dada relação temporal, entre outras possíveis para o mesmo tipo de sequência, do conhecimento do mundo. Ao formalizar a sua proposta, o autor traduz esse conhecimento do mundo em diversas relações discursivas, ou relações retóricas, como Schilder as designa, que podem existir entre as orações em causa (cf. Schilder (1997: pp. 143ss)).

Assim, os casos em que duas situações referidas numa sequência discursiva são interpretadas como sucessivas por existir entre elas uma relação de contingência (cf. a nota 166, acima), isto é, por a primeira situação referida causar ou criar as condições necessárias para que a segunda se verifique, correspondem a sequências ligadas por relações discursivas de Resultado ou de Narração:<sup>194</sup> a relação discursiva relevante é de Resultado quando a primeira situação referida causa a segunda (cf. (502), abaixo), e de

---

<sup>194</sup> Schilder introduz modificações nas regras apresentadas em Lascarides e Asher (1993a) para diversas relações discursivas, sobretudo na expressão das relações temporais entre as situações, mas são essencialmente alterações formais motivadas pelas suas opções teóricas específicas, que não me parece relevante referir neste contexto. Registe-se apenas que, relativamente à relação discursiva de Narração, Schilder critica o facto de ela ser inferida por defeito (cf. nota 177, acima) e faz depender a sua introdução de uma relação designada como "Enablement", com origem em Sandström (1993), que requer que o estado resultante da primeira situação referida seja uma condição necessária para que a segunda situação referida se verifique.



Narração quando a primeira situação referida cria as condições necessárias para a segunda (cf. (503) e (504))

- (502) Der Lehrer klatschte einmal in die Hände. Die Schüler waren sofort still. (O professor bateu palmas uma vez. Os alunos calaram-se imediatamente.<sup>195</sup>)
- (503) Marie stieg die Treppe hinauf bis zum 8. Stock. Sie klopfte an der Tür mit der Nummer 88. (A Marie subiu a escada até ao 8º andar. Bateu à porta com o número 88.)
- (504) Ich hob mein Glas und unterbrach: Prosit! und wir tranken (...) (Ergui o meu copo e interrompi – À sua saúde! – e bebemos)

De acordo com o inventário de relações temporais possíveis apresentado na secção 3.3.1.2, acima, estas relações discursivas podem ocorrer em sequências de orações que referem dois eventos (cf. (503), acima) ou em sequências que referem um evento e um estado ou um evento e uma actividade (cf. (502) e (504), acima).

Na ausência de relações de contingência, uma outra relação temporal possível registada por Schilder, desta vez para sequências discursivas que referem eventos e estados ou actividades, independentemente da ordem em que estes ocorrem, é a de sobreposição temporal, que corresponde a uma relação discursiva de Enquadramento. Schilder (1997: pp. 148s) divide a relação de Enquadramento em duas variantes, de acordo com a ordem relativa das situações, que não denomina evento e estado como Lascarides e Asher (1993a), uma vez que pretende explicitamente contemplar as actividades na sua análise. A opção de Schilder é, por isso, distinguir as situações envolvidas na relação de Enquadramento designando-as como delimitada e não-delimitada ("bounded" e "unbounded"). Os exemplos seguinte ilustram as duas variantes da relação de Enquadramento:

- (505) Peter klopfte einmal kurz an der Tür. Er war tiefend naß. (O Peter bateu à porta uma vez. Estava encharcado.)
- (506) Maria war wütend. Peter gab ihr das Stück Pizza zurück. (A Maria estava furiosa. O Peter devolveu-lhe a fatia de pizza.)

Entre dois eventos referidos numa sequência discursiva, Schilder prevê ainda que possa existir sobreposição temporal, caso o segundo evento referido faça parte do primeiro, isto é, caso essa sequência discursiva seja ligada por uma relação de Elaboração, como acontece no exemplo seguinte:

---

<sup>195</sup> Note-se que o verbo da frase original é estativo, e tem uma leitura incoativa. Este exemplo, tal como os seguintes, é retomado da secção 3.3.1.2, acima.

- (507) Der Angeklagte konsumierte einige Gläser Bier in einer Kneipe. Dann **fuhr** er nach Hause. Am Brandenburger Tor **hatte** er einen Unfall und beging Fahrerflucht. (O arguido consumiu alguns copos de cerveja num bar. Depois **foi** para casa. Na Porta de Brandeburgo **teve** um acidente e pôs-se em fuga.)

A relação de Elaboração, tal como é concebida por Schilder, difere da que foi apresentada na secção 3.3.2.2, acima, na medida em que um evento que vem especificar um outro pode pôr em causa a culminação do primeiro, como acontece no exemplo acima, se o acidente levar a viagem para casa a não se concretizar, transformando-a antes numa viagem para o hospital.

Para além das relações discursivas mencionadas, que se baseiam em Lascarides e Asher (1993a) e que já foram apresentadas em secções anteriores, Schilder (1997: pp. 143ss) cria ainda duas relações discursivas adicionais, que denomina "Scene-setting" e "Termination". A primeira aplica-se a sequências de duas situações atéticas, como a do exemplo seguinte, e tem como efeito temporal a sobreposição de ambas.

- (508) Hans saß auf dem Sofa und las. (O Hans estava sentado no sofá a ler)

A relação de "Termination" é apresentada por Schilder como o inverso da de Resultado, e aplica-se nas sequências em que um evento tem como consequência o fim de uma situação atética mencionada antes no discurso, como no exemplo seguinte:

- (509) Der Raum war stockfinster. Peter knipste das Licht an. (A sala estava escura como breu. O Peter acendeu a luz.)

Resta observar que a relação discursiva de Explicação não é contemplada por Schilder, como aliás seria de esperar, dada a sua incompatibilidade com a interpretação discursiva básica do Präteritum (cf. 3.3.2.5, acima), que não permite que uma situação referida no discurso depois de outra seja interpretada como anterior a esta.

### 3.3.5 Breve comparação entre as duas línguas

Gostaria de explicitar, neste ponto, uma diferença entre as duas línguas em análise que se torna clara comparando a última secção com as anteriores. Considerando as relações discursivas de Narração, Resultado, Elaboração e Enquadramento, verifica-se que, em português, elas são compatíveis com diferentes tempos verbais do passado: as relações discursivas de Narração, Resultado e Elaboração são compatíveis com Pretérito Perfeito e Pretérito Mais-que-perfeito; a relação discursiva de Resultado é, para além disso, também conciliável com Pretérito Imperfeito, e a relação discursiva de Enquadramento é

compatível apenas com Pretérito Imperfeito (associado, na sequência discursiva, a uma das outras formas mencionadas). Por outro lado, em alemão, todas essas relações discursivas são compatíveis com o Präteritum, mas em sequências discursivas com predicados de diferentes classes de 'aktionsart': Narração, Resultado e Elaboração com sequências de dois predicados de evento, Enquadramento com sequências de um predicado de evento e um atélico (independentemente da ordem respectiva), e, por fim, Narração e Resultado com sequências de um predicado de evento e um atélico, nesta ordem.<sup>196</sup>

Creio que esta diferença entre as duas línguas no que diz respeito aos factores que condicionam a existência de determinadas relações discursivas é motivada pelo facto de os tempos verbais portugueses, ao contrário do que sucede com o Präteritum, condicionarem as situações que localizam no que diz respeito às suas fronteiras: o Pretérito Imperfeito (numa das variantes analisadas acima) localizando as situações sem os seus limites intrínsecos, e o Pretérito Perfeito e o Pretérito Mais-que-perfeito impondo fronteiras convencionadas àquelas situações que não têm limites intrínsecos. Por exemplo, como foi observado no final da secção 3.3.3.2, acima, a relação discursiva de Enquadramento, requer a presença de um tempo verbal que localize situações não-delimitadas (em associação com outro), provavelmente por a situação enquadrante ser localizada unicamente em sobreposição com a situação enquadrada, abstraindo dos seus limites. Em alemão a constelação requerida por uma relação discursiva de Enquadramento é análoga, no que diz respeito às fronteiras das situações envolvidas: uma sequência constituída por um predicado télico e um atélico, o primeiro a situação enquadrada, com limites inerentes, e este último a situação enquadrante, não-delimitada. Também a relação discursiva de Elaboração parece requerer condições semelhantes nas duas línguas relativamente às fronteiras das situações envolvidas, neste caso, duas situações delimitadas: em alemão, essa relação discursiva surge em sequências com dois predicados de evento, e, em português, em sequências de formas de Pretérito Perfeito ou de Pretérito Mais-que-perfeito. A relação discursiva de Resultado parece poder existir em qualquer uma das situações mencionadas antes para Enquadramento e Elaboração, e o mesmo sucede com a relação discursiva de Narração, pelo menos em alemão, já que em português ela só é compatível com duas formas de Pretérito Perfeito ou de Pretérito Mais-que-perfeito.

---

<sup>196</sup> Esta restrição a sequências em que o evento surge em primeiro lugar não significa que, em alemão, não possa haver uma relação de causalidade e uma relação discursiva de Resultado entre uma situação atélica e um evento referido depois dela no discurso. É possível que Schilder tenha excluído essa constelação devido ao facto de, nesse caso, não poder dizer-se que haja uma sucessão temporal das suas situações. Como se verificou na secção 3.3.3.1, acima, para o português, o que pode dizer-se é que o evento não é anterior à situação atélica.

As observações que acabei de fazer sugerem padrões de correspondência entre as duas línguas que poderão ser testados na análise dos dados do corpus. No entanto, estas analogias entre as duas línguas envolvem fontes de informação diferentes – em alemão a 'aktionsart', em português o tempo verbal –, pelo que essa informação está sujeita a condicionalismos diferentes. Por exemplo, a 'aktionsart' é influenciada pelos elementos que preenchem os lugares de argumentos do verbo e por operadores aspectuais, o mesmo não acontecendo com o tempo verbal. O próprio Schilder (1997) afirma que a fronteira final de um 'accomplishment' pode ser suspensa quando o conhecimento do mundo leva a essa inferência, e dá o exemplo de sequências discursivas ligadas por *Elaboração* (cf. outras observações a este respeito na secção 4.3.2, adiante).

### 3.4 Expressões adverbiais de tempo

No que diz respeito ao seu significado, tanto as expressões adverbiais de tempo do alemão quanto as do português são subdivididas por diversos autores em, pelo menos, três classes diferentes, que poderemos designar como localização temporal, duração e, num sentido lato, frequência.<sup>197</sup> Todas essas classes contêm expressões adverbiais que interagem com o tempo verbal, como se verificará através de uma breve análise de alguns exemplos de cada uma delas.

Começando pelas expressões adverbiais de duração, os testes distribucionais para distinguir predicados télicos e atélicos mencionados na secção 3.1.3, acima, e ilustrados com os exemplos que reproduzo em (510)-(513), abaixo, mostram a interação entre este tipo de expressões adverbiais e a 'aktionsart' dos predicados em ambas as línguas em

---

<sup>197</sup> Cf., para o alemão, as descrições dos advérbios de tempo em Duden (1998: pp. 368s), Eisenberg (1999: pp. 213ss), Flämig (1991: p. 170) e Helbig-Buscha (1991: p. 345). Zifonun *et al.* (1997: pp. 1140ss) distinguem também as expressões adverbiais de duração e frequência daquelas que, em conjunto com o tempo verbal, especificam os intervalos relevantes para a localização das situações, mas reservam apenas para estas últimas a designação de expressões adverbiais temporais ("Temporaladverbialia"), agrupando as de duração e frequência numa classe de expressões adverbiais de quantificação ("Quantifizierende Satzadverbialia"). Também Matos (1999 pp. 288ss) adopta, para o português, uma distinção do mesmo tipo entre expressões adverbiais de localização temporal e expressões de quantificação, incluindo nesta última classe as expressões de duração e de frequência. Ainda no que respeita ao português, a divisão das expressões adverbiais nas três classes de localização, duração e frequência encontra-se em Peres (1993: p. 12) e em Mateus *et al.* (2003: pp. 168ss), e é suficiente como ponto de partida para a presente secção, mas existem já propostas de descrição bastante mais detalhadas, como as de Mória (1999, 2003a e 2006), e alguns aspectos dessas propostas serão mencionados ao longo desta secção.

estudo, nomeadamente no que respeita à compatibilidade entre classes de 'aktionsart' e tipos de expressão adverbial de duração diferentes.<sup>198</sup>

- (510) O bebé chorou durante / ?em duas horas.
- (511) Das Baby hat zwei Stunden lang / ?in zwei Stunden geweint.
- (512) A Ana leu o livro em / ?durante duas horas.
- (513) Anna hat in zwei Stunden / ?zwei Stunden lang das Buch gelesen.

Para além disso, as expressões adverbiais de duração podem também condicionar a interpretação dos tempos verbais, como se verifica nos exemplos seguintes:

- (514) O bebé chorava durante 2 horas.
- (515) Das Baby weinte 2 Stunden lang. (O bebé chorava / chorou durante 2 horas.)
- (516) A Ana lia o livro em duas horas.
- (517) Anna las das Buch in zwei Stunden. (A Ana lia / leu o livro em duas horas.)

Associadas às expressões adverbiais de duração, as formas de Pretérito Imperfeito de (514) e (516) deixam de receber a leitura episódica que poderiam ter sem essas expressões, sendo as situações em causa obrigatoriamente interpretadas como repetidas. Tal comportamento está em consonância com a caracterização do Pretérito Imperfeito feita nas secções 3.2.1.3 e 3.2.1.5, acima, segundo a qual esta forma verbal localiza apenas situações não-delimitadas.<sup>199</sup> É por essa razão que as formas de Pretérito Imperfeito de (514) e (516) não podem localizar as situações *chorar* e *ler o livro*, delimitadas por expressões de duração<sup>200</sup>, podendo, no entanto, localizar as situações derivadas – e não-delimitadas – constituídas a partir da repetição das mesmas.

Já as formas de Präteritum de (515) e (517), acima, mantêm a ambiguidade entre, pelo menos, uma leitura episódica e uma leitura de repetição, apesar da presença das expressões adverbiais de duração. Tal facto está igualmente de acordo com a caracterização desta forma verbal feita no presente trabalho (cf. 3.2.2.3, acima), segundo a qual o Präteritum tem um comportamento neutro relativamente aos limites, intrínsecos ou extrínsecos, das situações que localiza, ao contrário do que sucede com as formas verbais portuguesas. O mesmo não acontece com o Präsens, que, tal como o Presente (e o Pretérito Imperfeito), localiza situações não-delimitadas, sendo, por isso, influenciado na sua

<sup>198</sup> A propósito dos contrastes em que se baseiam os testes distribucionais da secção T3.1.3, Móia (2006) fala de duração télica e atélica, distinguindo diferentes subtipos em cada uma das áreas.

<sup>199</sup> Falo do uso mais frequente do Pretérito Imperfeito, já que ele pode também, em alguns contextos, localizar situações delimitadas.

<sup>200</sup> Mesmo na ausência de qualquer expressão adverbial, a situação denotada por *ler o livro* tem, já por si, um limite inerente, o que faz com que a forma de Pretérito Imperfeito só possa localizá-la parcialmente, excluindo essa fronteira final, tal como foi referido em 3.2.1.3, acima.

interpretação por indicações acerca da duração da situação, como sucede no exemplo seguinte:

(518) Das Baby weint 2 Stunden lang. (O bebé chora durante 2 horas.)

A presença da expressão adverbial de duração obriga a uma leitura de repetição, bloqueando a leitura episódica (correspondente a *o bebé está a chorar*) que a frase poderia ter sem essa expressão.

Passando agora às expressões adverbiais de localização temporal, os exemplos seguintes mostram o tipo mais usual de relação entre tempos verbais e localizadores temporais, em que estes especificam a localização temporal da situação, de modo compatível com o significado do tempo verbal:

(519) Ontem a Ana leu o livro.

(520) Gestern hat Anna das Buch gelesen.

(521) Durante a viagem a Ana leu o livro.

(522) Während der Reise hat Anna das Buch gelesen.

Os exemplos ilustram também dois meios diferentes de localizar adverbialmente as situações: em (519) e (520) essa localização é feita em relação a um intervalo de tempo, correspondente a *ontem / gestern*, e em (521) e (522) a localização faz-se relativamente a uma situação, a viagem.

Por vezes, o significado do tempo verbal pode abranger possibilidades que só se concretizam no contexto de determinado tipo de expressões adverbiais, tendo as formas verbais nesse contexto uma interpretação diferente daquela que teriam na mesma frase mas sem o localizador adverbial em causa. É o que sucede no exemplo seguinte:

(523) Morgen hat Anna das Buch gelesen. (Amanhã a Ana tem o livro lido / já leu o livro.)

A interpretação de (523) permite que tanto o evento correspondente ao verbo *lesen* como o respectivo estado consequente sejam posteriores à enunciação, uma leitura que não estaria disponível na ausência da expressão adverbial *morgen*; nesse caso, o evento mencionado teria de ser anterior à enunciação, e o seu estado consequente sobreposto a ela. Esta leitura desencadeada por este tipo de localizador adverbial é típica do Perfekt, não estando disponível para uma hipotética versão portuguesa da mesma frase com o Pretérito Perfeito, *Amanhã ela leu o livro*, que me parece pouco aceitável (a não ser que a frase seja modificada, passando a ser *Amanhã ela já leu o livro*). A mesma leitura do Perfekt que observámos em (523) é igualmente possível com expressões adverbiais do tipo de *in 2*

*Stunden* (em duas horas), que analisámos acima como expressões de duração, mas que, em frases alemãs como (524), abaixo, têm a função de localizadores temporais:<sup>201</sup>

(524) In 2 Stunden hat Anna das Buch gelesen. (Daqui a duas horas a Ana já leu o livro / tem o livro lido)

Como a tradução apresentada para o exemplo (524) demonstra, a dupla função das expressões adverbiais do tipo de *in 2 Stunden* existe apenas em alemão, mas não no português, onde, na sua qualidade de localizadores temporais, as expressões adverbiais do tipo de *in 2 Stunden* correspondem antes a expressões de localização com a locução prepositiva *daqui a* (ou *dentro de*) acompanhadas de uma indicação de quantidade de tempo.

Mas também em português as expressões adverbiais de localização temporal restringem as possibilidades de interpretação apresentadas pelo significado dos verbos, podendo vir alterar a leitura que as frases teriam na sua ausência. É o que sucede no exemplo seguinte:

(525) De Março a Outubro a Maria foi para o trabalho de autocarro.

Sem qualquer expressão adverbial de tempo, a frase teria uma leitura episódica, mas com o localizador *de Março a Outubro*<sup>202</sup>, só é possível interpretar a frase como referente a uma repetição da situação *ir para o trabalho de autocarro*. Podemos explicar este facto recorrendo à noção de modo de localização temporal, apresentada em Mória (1999, 2006). Este autor distingue três modos básicos de localização temporal, a localização inclusiva, em que a situação localizada se inclui totalmente no intervalo de localização (como *a leitura em ontem*, no exemplo (519), acima), a localização durativa, em que a situação se verifica ao longo de todo o intervalo de localização (como em (526), abaixo), e a

<sup>201</sup> Cf. as observações de Mória (2006) a respeito de expressões adverbiais semelhantes em inglês, constituídas pela preposição *in* e por uma expressão denotadora de quantidade de tempo, que o autor considera localizadores temporais homónimos das expressões de duração correspondentes. Cf. também a nota 22, acima, onde excluí essa interpretação de localização temporal, dado que, para os testes distribucionais de identificação das diferentes classes de 'aktionsart', eram relevante apenas as expressões adverbiais de duração. A dualidade das expressões adverbiais do tipo de *in zwei Stunden* é nítida quando as associamos a predicados de 'achievement', como na frase seguinte:

(a) In 2 Stunden hat Anna den Ring gefunden. (Daqui a duas horas a Ana já encontrou o anel)  
Se considerarmos que *in zwei Stunden* indica a duração da situação, a frase não é aceitável, como se verificou pela juízo de gramaticalidade apresentado para o exemplo (70), acima. A frase é, todavia, perfeitamente possível numa interpretação de localização temporal que corresponde à tradução aqui apresentada.

<sup>202</sup> A expressão *de Maio a Outubro* pode considerar-se um localizador temporal por relacionar a situação a que se aplica com o eixo do tempo, embora contenha também indicações sobre a duração da situação. De acordo com a argumentação de Mória (1999: pp. 135ss.), essa informação de duração é aqui apenas inferida, enquanto nas expressões de duração estrita, como *durante duas horas*, essa informação é asserida, não existindo uma ligação da situação ao eixo do tempo.

localização de simples sobreposição, em que pode haver qualquer tipo de coincidência temporal entre o intervalo de localização e a situação a localizar (como em (527), abaixo).

- (526) De Março a Outubro o Paulo foi treinador do clube.  
 (527) Na década de 90 o Paulo foi treinador do clube.

Enquanto as situações télicas (como *ler um livro*, em (519)) são tipicamente objecto de localização inclusiva, a localização durativa só é aplicável a situações atélicas (como *ser treinador*, em (526)). Voltando agora ao exemplo (525), acima, o que encontramos aí é um predicado télico (*ir para o trabalho*) associado a uma expressão de localização durativa (*de Março a Outubro*). Não correspondendo a situação denotada pelo verbo à exigência de cobrir todo o intervalo de localização, a solução para a interpretação da frase passa pela criação de uma situação atélica derivada a partir do evento denotado pelo predicado: essa situação é constituída pela repetição do evento, e a isso se deve o bloqueio da leitura episódica que a frase receberia na ausência de qualquer expressão adverbial.

Observemos agora a frase alemã correspondente a (525):

- (528) Von März bis Oktober fuhr Maria mit dem Bus zur Arbeit.

Também neste caso a leitura episódica está bloqueada, mas, ao contrário do que sucede na versão portuguesa, a expressão adverbial não vem alterar a interpretação que a frase teria na sua ausência. A frase (528) sem expressões adverbiais é ambígua entre a leitura episódica e a de repetição, pelo que a expressão adverbial vem apenas eliminar a primeira dessas interpretações. Outra diferença relativamente à versão portuguesa apresentada em (525), acima, reside no facto de (528) ter não uma, mas duas interpretações de repetição possíveis, nomeadamente a mesma de (525), em que a repetição da situação é confinada ao intervalo denotado pela expressão adverbial, e uma outra, correspondente em português a *De Maio a Outubro a Maria ia de autocarro para o trabalho*, em que essa repetição confinada é, ela própria, interpretada como repetida.

Passemos agora a algumas breves observações acerca de expressões adverbiais de frequência.<sup>203</sup> Também estas condicionam a interpretação dos tempos verbais que são

<sup>203</sup> Emprego aqui o termo 'frequência' num sentido bastante lato, já que ele engloba tanto a frequência em sentido estrito, no âmbito da qual se estabelece uma relação entre o número de situações e uma unidade de tempo (por exemplo em *duas vezes por semana*), como a periodicidade, no âmbito da qual se medem intervalos entre situações repetidas (por exemplo em *de três em três dias*) (J. Peres, c.p.), para além de outros tipos de quantificação que levam a uma interpretação da situação como repetida (como os que estão associados às expressões *aos sábados*, *todas as noites*, *(em) alguns dias*, *ou na última quarta-feira de cada mês*).



objecto do presente trabalho, desde logo, eliminando a possibilidade de interpretações episódicas para frases como as seguintes:

- (529) O Tobias foi de autocarro todos os dias.  
(530) Tobias ist jeden Tag mit dem Bus gefahren.

Para além disso, são de registar, no que diz respeito ao português, algumas restrições de compatibilidade entre determinados tipos de expressões adverbiais de frequência e alguns tempos verbais, ilustradas nos seguintes exemplos:

- (531) Normalmente o Tobias ia / ??foi de autocarro para o trabalho.  
(532) Tobias foi / ??ia de autocarro para o trabalho duas vezes.

Neste último exemplo, o problema de compatibilidade com o Pretérito Imperfeito prende-se com o facto de a expressão de quantificação cardinal definir um número específico de vezes para a repetição da situação, o que configura uma situação delimitada, não localizável por formas de Pretérito Imperfeito. As razões para a incompatibilidade verificada em (531) são menos claras, e não tentarei aqui determiná-las.

Para além da distinção entre expressões adverbiais de duração, de localização temporal e de frequência, que acabei ilustrar comentando alguns exemplos oriundos das diferentes classes, e que poderia ainda ser alargada e detalhada<sup>204</sup>, existe um outro critério de diferenciação entre as expressões adverbiais de tempo que é relevante para a interacção destas com os tempos verbais. Trata-se das fontes de informação a que é necessário recorrer para se identificar a quantidade de tempo, o intervalo ou a situação que essas expressões adverbiais referem. Por exemplo, *no dia 25.8.2006* é, a esse respeito, uma expressão autónoma, que não depende de nenhum outro elemento para a identificação do intervalo de tempo que refere, mas o mesmo já não sucede com *hoje* nem com *duas horas depois*. A primeira destas expressões é dêictica, depende do momento da enunciação para encontrar o seu referente, enquanto a segunda é anafórica, não depende da enunciação mas do contexto discursivo em que está inserida.<sup>205</sup> Estas diferentes classes de expressões adverbiais podem manter uma ligação estreita com o tempo verbal das frases em que surgem, o que se torna visível nos exemplos seguintes:

---

<sup>204</sup> Por exemplo, na área que, por falta de melhor termo, designei como frequência, há diversos tipos de valores em jogo (cf. a nota 203). Além disso, em Móia (1999 e 2006) são propostas diversas subdivisões no âmbito da localização temporal e da duração, sendo ainda definida uma outra área distinta destas, a delimitação temporal da quantificação, exemplificada em frases como *A Ana foi a Paris três vezes desde Janeiro* (cf. também Móia 2003b).

<sup>205</sup> Sobre expressões adverbiais anafóricas, dêicticas e de referência autónoma em português, veja-se Alves (2002) e ainda Matos (1999). O mesmo tópico é abordado, para a língua alemã, por exemplo, em Ehrlich (1992) e em Zifonun *et al.* (1997: p. 1142).

- (533) Heute sind Annas Eltern zu Besuch gekommen.
- (534) Hoje os pais da Ana vieram visitá-la.
- (535) Heute kamen Annas Eltern zu Besuch.
- (536) Hoje os pais da Ana vinham visitá-la.

Nos dois primeiros exemplos, o intervalo de localização correspondente a *heute / hoje* é definido em função do momento da enunciação, que é o 'ponto de perspectiva temporal' das formas de Perfekt e de Pretérito Perfeito. A conjugação do tempo verbal com o localizador adverbial determina que a situação se localize no dia em que ocorre a enunciação, mais exactamente na parte deste dia que é anterior à enunciação. A frase (535) pode ter uma leitura semelhante à de (533), mas pode também ter uma outra em que o centro dêictico relevante para a referência do advérbio não é a enunciação, mas um intervalo anterior a ela, definido pela forma de Präteritum e pelo seu contexto (cf. o exemplo (343) da secção 3.2.2.3, acima, e as observações correspondentes). Nesta última leitura, a situação é localizada num intervalo posterior a esse centro dêictico secundário, mas incluída no dia correspondente. É também esta a interpretação de (536), com o 'ponto de perspectiva temporal' da forma de Pretérito Imperfeito a funcionar como centro dêictico para o advérbio, não havendo, para esta frase, nenhuma outra leitura alternativa.

As breves observações feitas ao longo da presente secção confirmam a importância da inter-relação entre tempos verbais, 'aktionsart' e expressões adverbiais de tempo de diversos tipos para a interpretação de frases portuguesas e alemãs, e mostram também que essa inter-relação pode ser idêntica nas duas línguas, mas que, em muitos casos, tal identidade não se verifica. Sobretudo os casos em que essa inter-relação apresenta características próprias em cada língua tornam evidente a importância que as expressões adverbiais de tempo podem assumir na área de estudo central do presente trabalho, a dos factores que condicionam a selecção do tempo verbal na tradução de textos alemães para português.

No entanto, os conceitos usados e as questões levantadas em torno dos poucos exemplos comentados nesta secção mostram também a complexidade do tempo adverbial e das inter-relações que ele estabelece com os outros elementos linguísticos que exprimem valores ligados ao tempo em cada uma das línguas em causa. Tal complexidade impede um tratamento abrangente desta área no âmbito do presente trabalho, já que ele implicaria a exploração tanto das expressões adverbiais de tempo propriamente ditas, como das suas inter-relações com os restantes subsistemas linguísticos relevantes, em ambas as línguas. Assim, e a título meramente ilustrativo, optei por focar aqui apenas um subtipo de

construções de localização temporal, nomeadamente as construções de subordinação temporal com a conjunção *als* e as suas correspondentes mais directas em português, as construções com *quando*. Houve vários motivos que condicionaram a escolha deste tópico em particular. Um desses motivos é frequência destas estruturas no corpus, outro o facto de ter já trabalhado sobre a estrutura portuguesa em causa. Para além disso, trata-se de uma estrutura de localização temporal baseada na relação entre situações, na qual a conjunção não dá indicações precisas acerca da relação temporal entre as situações em causa, ao contrário do que acontece com outras conjunções temporais, como por exemplo *nachdem / depois de* ou *solange / enquanto*. Face a esta ausência de uma relação temporal pré-definida entre as situações, torna-se necessário fazer a interpretação temporal das construções com *als / quando* de forma muito semelhante ao procedimento seguido no caso de sequências discursivas constituídas por frases independentes, isto é, considerando os factores abordados ao longo do presente capítulo: tempo verbal, 'aktionsart' e relações discursivas. É esta proximidade entre a interpretação das construções com *als / quando* e a das sequências de frases independentes<sup>206</sup> que torna a análise daquelas interessante no âmbito do presente trabalho.

### 3.4.1 Um subtipo de expressões de localização temporal

#### 3.4.1.1 Orações subordinadas introduzidas por *quando*

Em gramáticas do português, a conjunção *quando* é brevemente mencionada, ou sem outras indicações para além do facto de introduzir uma oração subordinada temporal (Cunha e Cintra 1984: p. 583), ou com referências à relação temporal entre orações subordinadas introduzidas por *quando* e orações principais. Bechara (2004: p. 583) inclui *quando* nas conjunções que expressam o "tempo posterior", isto é, a posterioridade da situação da oração principal relativamente à situação da oração subordinada, e ainda na categoria que designa como "tempo freqüentativo (repetido)". Gärtner (1998: pp. 449ss) afirma que a relação temporal entre as situações denotadas por orações subordinadas temporais e orações principais é marcada, em primeiro lugar, pela conjunção, e, em segundo plano, pelo tempo verbal, e enumera em seguida os meios utilizáveis para se exprimir relações de simultaneidade, posterioridade e anterioridade entre as duas situações, incluindo exemplos de orações com *quando* nas subsecções referentes a cada uma dessas relações temporais. Em Mateus *et al.* (2003: pp. 176ss) afirma-se igualmente que a relação

<sup>206</sup> Para o português, esta proximidade é notada também por Cunha (2000) e Mateus *et al.* (2003: p. 177).

temporal entre as duas situações referidas pode ser de anterioridade, sobreposição ou posterioridade, salientando-se a neutralidade da conjunção relativamente à questão da relação temporal entre as orações e o paralelismo entre a interpretação de construções com *quando* e a de seqüências de frases independentes.

As construções com *quando* foram abordadas com detalhe em Carecho (1996), onde se distingue entre (i) construções de localização temporal como a de (537), abaixo, nas quais a situação denotada pela oração subordinada localiza no tempo a situação denotada pela oração principal, (ii) construções que exprimem a associação regular de pares de situações, uma das quais determina a localização temporal da outra (cf. (538), abaixo), e ainda (iii) construções que exprimem uma associação regular entre propriedades de objectos pertencentes a determinadas espécies (cf. (539), abaixo).

(537) Quando a Maria e o Daniel se casaram convidaram todos os amigos.

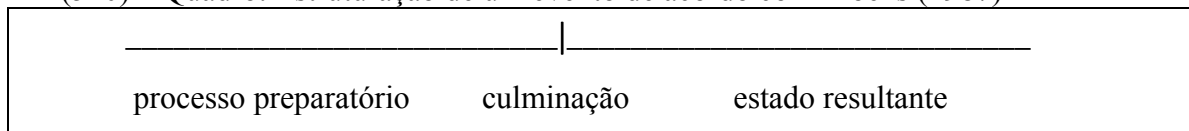
(538) Quando a Maria dava uma festa convidava todos os amigos.

(539) Quando uma mulher ia ao café não era considerada respeitável.

Só o primeiro destes tipos de construção será aqui abordado, uma vez que são essas construções de localização temporal que correspondem, no português, às construções com *als* cujas traduções serão analisadas no presente trabalho.

De acordo com a análise proposta em Carecho (1996), a forma como a situação denotada pela oração principal é localizada em relação à situação da oração subordinada depende, em larga medida, da 'aktionsart' dos predicados envolvidos. Assim, se ambas as orações denotarem eventos e a oração subordinada contiver, mais especificamente, um predicado de 'accomplishment', o evento da oração principal poderá localizar-se em qualquer parte da estrutura desse 'accomplishment', que é constituída, de acordo com o modelo do núcleo de Moens (1987), reproduzido em (540), abaixo, por um processo de preparação, uma culminação e um estado resultante.

(540) – Quadro: Estruturação de um evento de acordo com Moens (1987)



Os exemplos apresentados abaixo, e inspirados em Moens, ilustram precisamente diferentes possibilidades de localização do evento referido pela oração principal na estrutura disponibilizada pelo 'accomplishment' da oração subordinada:

(541) Quando a Maria e o Daniel se casaram fizeram uma viagem a Veneza.

- (542) Quando a Maria e o Daniel se casaram a fotografia do casamento apareceu em todos os jornais.
- (543) Quando a Maria e o Daniel se casaram convidaram todos os amigos.
- (544) Quando a Maria e o Daniel se casaram ele pôs-lhe a aliança na mão direita por engano.

Em (541), a viagem é localizada no estado resultante do casamento, o mesmo acontecendo com a publicação da fotografia em (542), enquanto em (543) os convites são interpretados como parte da preparação para o casamento, e, em (544), o engano é localizado junto da culminação desse evento. Em todos estes casos, a interpretação temporal das frases não é directamente condicionada por factores linguísticos, mas antes pelo conhecimento do mundo e pelas informações que ele fornece acerca das relações típicas entre as situações referidas. Em Carecho (1996) são mencionadas relações entre situações como consequencialidade e subevento, que se destacam no trabalho de Sandström (1993) sobre as orações subordinadas introduzidas por *when*. No entanto, no âmbito do presente trabalho, não é necessário recorrer a esses conceitos, uma vez que as relações discursivas já apresentadas na secção 3.3 oferecem uma explicação adequada para a interpretação das frases citadas: enquanto em (541) existe entre as duas situações uma relação discursiva de Narração<sup>207</sup> e em (542) uma relação discursiva de Resultado nas quais se apoia a interpretação do evento da oração principal (a viagem e a publicação da fotografia, respectivamente) como posterior em relação ao da oração subordinada (o casamento), em (543) e (544) a relação discursiva entre as situações é de Elaboração, o que permite localizar o evento da oração principal (os convites e o engano, respectivamente) em toda a fase de preparação do evento da oração subordinada (o casamento) e no próprio evento até à sua culminação. A utilização das relações discursivas como base para chegar à interpretação temporal destas construções tem também a vantagem de possibilitar a localização temporal das situações da oração principal de forma mais independente da estrutura da situação da oração subordinada, isto é, do facto de ela possuir um estado consequente ou um processo preparatório, o que facilita a explicação de frases em que a situação da oração principal é localizada depois da da oração subordinada, mesmo sendo

---

<sup>207</sup> O papel da relação discursiva de Narração na interpretação de construções com *quando* responde à questão colocada em Cunha (2000) sobre a preferência por uma interpretação em que o evento denotado pela oração subordinada é anterior ao denotado pela oração principal nos casos em que não há indicações extralinguísticas claras sobre uma interpretação temporal preferencial da construção, como em *Quando a Maria entrou o João saiu* ou *Quando o João saiu a Maria entrou*. Tal como acontece em sequências discursivas constituídas por orações independentes, não havendo outras indicações acerca da localização temporal relativa de duas situações referidas em sucessão, a ordem em que são apresentadas corresponde à da sua interpretação temporal, desde que elas sejam concebíveis como parte de uma história coerente.

esta um evento pontual, que se considera não possuir estado consequente (cf. (545), abaixo)<sup>208</sup> ou uma actividade (cf. (546), abaixo), que também não o possuirá.<sup>209</sup>

(545) Quando a pedra bateu na janela a Maria assustou-se.

(546) Quando o Luís correu, todos ficaram muito satisfeitos com o resultado obtido.

No caso de a oração principal conter um verbo estativo, como sucede no exemplo seguinte, a interpretação da construção já é diferente:

(547) Quando a Maria e o Daniel se casaram estavam cá os primos da Maria que moram no Canadá.

Aqui, o evento da oração subordinada constitui o 'ponto de perspectiva temporal' para a forma de Pretérito Imperfeito da oração principal, sendo o estado denotado por esta forma interpretado como verdadeiro pelo menos no intervalo correspondente a esse evento. Esta inclusão do evento no estado traduz em termos temporais a relação discursiva entre as duas situações, que é de Enquadramento. A mesma relação discursiva de Enquadramento e a mesma relação temporal de inclusão do evento no estado caracterizam também a frase seguinte, onde verbo de estado surge na oração subordinada e o verbo de evento na oração principal:

(548) Quando a Maria era pequena os pais levaram-na ao jardim zoológico.

Considerando agora a questão dos tempos verbais empregues, já tinha sido observado na secção 3.3.3.1 que a relação discursiva de Enquadramento implica a presença de uma forma verbal de Pretérito Imperfeito a par de uma de Pretérito Perfeito ou Pretérito Mais-que-perfeito.<sup>210</sup> A mudança para uma forma de Pretérito Perfeito na oração principal de (547), acima (*Quando a Maria e o Daniel se casaram estiveram cá os primos que moram no Canadá*) não parece causar alterações na interpretação da frase, pelo menos no que diz respeito à sobreposição temporal das duas situações, mas as frases seguintes mostram que as formas de Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito do mesmo verbo podem, na verdade, receber interpretações bastante diferentes:

<sup>208</sup> Como foi referido na nota 57, a tipologia aspectual de Moens distingue entre situações pontuais com um estado consequente, designadas como "culminations" e situações pontuais sem estado consequente, designadas como "points": é nesta última classe que se enquadram verbos como *bater*.

<sup>209</sup> Este problema da insuficiência da estrutura das situações da oração subordinada para permitir a localização de situações referidas pela oração principal tinha já sido referido em Carecho (1996: pp. 45s) e é também apontado por Cunha (2000).

<sup>210</sup> Nas observações seguintes, concentrar-me-ei nos exemplos que apresentam formas de Pretérito Imperfeito e de Pretérito Perfeito. Quanto ao comportamento do Pretérito Mais-que-perfeito, que se assemelha ao do Pretérito Perfeito, veja-se a análise dos dados do corpus, no capítulo 4.

- (549) Quando a bomba explodiu os homens estavam no local.  
(550) Quando a bomba explodiu os homens estiveram no local.

Assim, enquanto em (549) a relação discursiva entre as proposições contendo as formas de Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito é de Enquadramento, estando o evento incluído no intervalo em que se verifica o estado, já (550), com duas formas de Pretérito Perfeito, apresenta possibilidades de interpretação diferentes. Dependendo de quem são os homens em causa, eles podem ter estado no local antes da explosão a preparar a bomba, ou podem ter estado no local depois da explosão para investigar o sucedido. As duas interpretações envolvem relações temporais diferentes entre as situações em causa, e também relações discursivas diversas: Elaboração, se os homens estão envolvidos na preparação da explosão e Resultado se eles vão investigá-la. Ou seja, se a forma de Pretérito Imperfeito *estavam* determina uma relação discursiva de Enquadramento e uma interpretação de sobreposição das duas situações, já a forma de Pretérito Perfeito *estiveram* permite que o estado referido pela oração principal estabeleça com a situação da oração subordinada relações discursivas e temporais do mesmo tipo das que se estabelecem entre dois predicados de evento (cf. (542) e (543), acima).<sup>211</sup> Esta semelhança entre os eventos e os estados localizados por formas de Pretérito Perfeito leva Carecho (1996) a considerar estes últimos referentes eventivos derivados de verbos de estado. No âmbito do presente trabalho, e com base na análise dos tempos verbais do português levada a cabo na secção 3.2.1, acima, podemos atribuir tal semelhança ao facto de o Pretérito Perfeito localizar sempre situações delimitadas, independentemente de esses limites serem inerentes ou extrínsecos.

A análise do contraste entre as frases (549) e (550), acima, sugere, pois, que as relações discursivas e temporais entre as duas proposições de construções de localização temporal com *quando* é determinada sobretudo pelos tempos verbais usados, o que está de acordo com a interdependência entre relações discursivas e tempos verbais que verificámos existir na secção 3.3.3, acima, e é confirmado por exemplos como os seguintes:

- (551) Quando o telefone tocou, o Daniel descia as escadas com a mala mais pesada.  
(552) Quando o Daniel descia as escadas, o telefone tocou.

Apesar de ambas as formas de Pretérito Imperfeito serem de verbos de evento, a relação discursiva que liga as duas orações é de Enquadramento e a relação temporal

---

<sup>211</sup> Na oração subordinada, estados no Pretérito Perfeito têm mais dificuldade em comportar-se com a mesma flexibilidade que os eventos, mas há também possibilidades de estabelecerem, pelo menos, relações discursivas de Resultado com a situação da oração principal, como no caso seguinte:

(a) Quando a Ana esteve doente teve muita dificuldade em recuperar novamente o ritmo de trabalho.

correspondente de inclusão da situação referida pela forma de Pretérito Perfeito (*tocar*) na situação denotada pela forma de Pretérito Imperfeito (*descer as escadas*), tal como sucede em (547), (548) e (549), acima, onde as formas de Pretérito Imperfeito são de verbos de estado. Também esta semelhança entre verbos de estado e verbos de evento no Pretérito Imperfeito é facilmente explicada de acordo com a análise dos tempos verbais portugueses da secção 3.2.1, acima, nomeadamente pelo facto de o Pretérito Imperfeito, no uso aqui presente, localizar apenas situações não-delimitadas. Recorde-se ainda que, no caso de verbos de evento, a localização por uma forma de Pretérito Imperfeito pode envolver apenas a parte intermédia da situação, excluindo os seus limites, como em (551) e (552), acima, ou pode levar à criação de uma situação atélica derivada constituída pela repetição do evento básico, como no exemplo seguinte:

- (553) Quando a Maria ficou doente o Daniel telefonava-lhe todos os dias. Depressa se apercebeu de que ela não estava bem e avisou uma amiga que morava perto dela.

A respeito da relação entre tempos verbais e relações discursivas e temporais, é ainda de notar que, embora uma construção com *quando* que contenha uma forma de Pretérito Imperfeito e uma forma de Pretérito Perfeito seja muito frequentemente ligada por uma relação discursiva de Enquadramento, tal não é necessariamente o caso, nomeadamente quando é a oração principal que contém a forma de Pretérito Imperfeito. Observem-se os exemplos seguintes:

- (554) Quando o Afonso mudou de escola detestava os colegas e os professores novos.  
(555) Quando a Maria fez exame de Matemática ia todas as semanas a casa de uma vizinha que a ajudava com os exercícios.

No primeiro desses exemplos, a situação denotada pela forma de Pretérito Imperfeito é posterior à referida pela forma de Pretérito Perfeito da oração subordinada, o que se deve à relação discursiva de Resultado existente entre as duas proposições. Em (555), o estado habitual correspondente à oração principal faz parte da preparação para o exame, sendo, portanto, anterior a ele, e a relação discursiva em causa é de Elaboração. Refira-se que, de entre as possibilidades de associação de tempos verbais e relações discursivas surgidas na presente secção, esta última, que liga uma forma de Pretérito Imperfeito à relação discursiva de Elaboração, é a única que não foi considerada na secção dedicada à compatibilidade entre relações discursivas e tempos verbais do português (3.3.3, acima) em sequências de frases independentes.



Por último, um breve comentário às construções que envolvem duas formas de Pretérito Imperfeito, como as seguintes:

(556) Quando a Maria era pequena tinha o cabelo louro.

(557) Quando a Maria era pequena a mãe contava-lhe uma história antes de dormir.

Nestas frases, tal como em (547) e (549), acima, a relação temporal entre as duas situações é de inclusão, própria ou imprópria, e julgo que a relação discursiva poderá ser igualmente a mesma das frases mencionadas – Enquadramento –, embora pudéssemos considerar também a possibilidade de haver aqui uma relação de Paralelismo entre as duas situações. É uma questão que não vou tentar esclarecer aqui. Refira-se ainda que, do ponto de vista dos tempos verbais envolvidos – aqui, duas formas de Pretérito Imperfeito – estas construções são muito semelhantes às que envolvem correspondências de situações, bastando que a situação referida pela oração subordinada seja repetível para se poder desencadear esta última leitura.<sup>212</sup> É o que se verifica no exemplo seguinte, onde, ao contrário do que sucede nas frases anteriores, a oração subordinada pode não ter apenas a função de localizar no tempo a situação da oração principal, mas também a de estabelecer uma associação regular entre as duas situações (doenças e histórias), sendo, neste caso, *quando* sinónimo de *sempre que*:

(558) Quando a Maria estava doente a mãe contava-lhe uma história antes de dormir.

#### 3.4.1.2 Orações subordinadas introduzidas por *als*

Há na bibliografia relevante descrições bastante diversas do significado da conjunção temporal *als*, isto é, da relação temporal que esta estabelece entre a situação referida pela oração subordinada e a situação referida pela oração principal. Encontramos trabalhos como Flämig (1991: pp. 275ss), onde se apresenta *als* como marcador da simultaneidade ou da anterioridade da situação da oração principal relativamente à da oração subordinada, e também obras como Helbig e Buscha (1991: p. 454s) e Duden (1998: p. 405), que consideram que *als* pode marcar a simultaneidade (cf. (559), abaixo,

---

<sup>212</sup> O critério sugerido em Cunha (2000), onde se considera que a leitura de localização temporal se aplica apenas às orações subordinadas que contêm estados não faseáveis, não se revela adequado, dado que existem estados mencionados como pertencentes a esta categoria, como *ter fome*, *ter febre* e *estar avariado* (Cunha 2004: pp. 222, 362), que são repetíveis e, por isso, permitem uma leitura de associação regular de situações: veja-se, por exemplo, a frase *Quando a Maria tinha fome / febre a mãe dava-lhe leite*.

citado de Duden), a anterioridade (cf. (560)) ou ainda a posterioridade (cf. (561)) da situação da oração subordinada relativamente à situação da oração principal.<sup>213</sup>

- (559) L. hat nur gelacht, als sie die Geschichte (...) hörte. (L. só se riu, quando ouviu a história.)
- (560) Als er geendet hatte, brach der Beifall los. (Quando ele acabou estalaram os aplausos.)
- (561) Als ich nach Hause kam, hatte der Vertreter meine Frau bereits überzeugt. (Quando cheguei a casa o representante já tinha convencido a minha mulher.)

Todos os autores mencionados referem que a relação temporal entre as duas situações não depende apenas da conjunção, mas também dos tempos verbais utilizados, chegando mesmo a dar indicações para o uso do Perfekt em combinação com Präsens ou de Plusquamperfekt em combinação com Präteritum para exprimir a relação de anterioridade (cf. Flämig 1991: p. 277, e o uso do Plusquamperfekt nos exemplos (560) e (561), acima). No entanto, considerando os mesmos dados, mas separando o efeito dos tempos verbais e o uso da conjunção, é possível chegar a conclusões diferentes quanto ao significado desta, como fazem Engel (1988: p. 711) e Zifonun *et al.* (1997: p. 1147). Para estes autores, Perfekt e Plusquamperfekt referem estados consequentes (cf. secção 3.2.2.4.2, acima), e, portanto, tanto em (560) como em (561), a situação denotada pela forma de Präteritum sobrepõe-se ao estado consequente denotado pela forma de Plusquamperfekt, podendo, assim, a conjunção *als* conservar o significado de simultaneidade que tem no exemplo (559).

Este mesmo significado de sobreposição temporal é defendido por Herweg (1990: pp. 267ss), em bases diferentes e independentes do uso dos tempos verbais. Herweg considera o conceito de núcleo de Moens (cf. (540), acima) e comenta exemplos correspondentes aos de Moens no Präteritum, que aqui reproduzo:

- (562) Als Hans beim Skilaufen stürzte, brach er sich ein Bein. (Quando o Hans deu uma queda a esquiatar partiu uma perna)
- (563) Als Maria Hans erblickte, erschrak sie. (Quando a Maria viu o Hans assustou-se)
- (564) Als Maria ihr neues Geschäft mit einem Empfang eröffnete, lud sie auch Hans und Peter ein. (Quando a Maria inaugurou a sua loja nova com uma recepção também convidou o Hans e o Peter)

<sup>213</sup> Embora considerando as três possibilidades de relação temporal, estes autores parecem apresentar algumas reservas quanto à relação de posterioridade: Helbig e Buscha mencionam-na como um uso raro, e, num outro capítulo de Duden (1998) diferente do que citei acima, dedicado às orações subordinadas, só as relações de anterioridade e simultaneidade são referidas para a conjunção *als* (cf. *ib.*: p. 795).

No entanto, Herweg considera que os exemplos de anterioridade da situação da oração principal relativamente à da oração subordinada, como (564), são casos excepcionais, nos quais essa relação de anterioridade existe apenas no âmbito de uma situação complexa<sup>214</sup>, sendo tal interpretação impossível sem o conhecimento do mundo. Essa mesma dependência do conhecimento do mundo verifica-se também no que diz respeito aos exemplos de posterioridade, como (563), acima. Para além disso, Herweg (1990 p. 275) afirma que a relação de posterioridade se restringe aos casos em que ambas as orações contêm predicados de evento, e em que não existe uma grande distância temporal entre os eventos. A argumentos deste tipo, Herweg junta o facto de não ser, aparentemente, possível usar *als* para exprimir a sucessão de situações cuja sobreposição seja logicamente impossível, como no seguinte exemplo:

(565) ??Als Hans das Haus betrat, verließ er sie wieder. (Quando o Hans entrou em casa voltou a sair)

E a conclusão a que o autor chega, a partir de todos estes elementos, é a de que a melhor forma de representar o significado de *als* será atribuir-lhe uma relação de sobreposição temporal entre as situações denotadas pela construção em causa.

É precisamente esta conclusão de Herweg, e não os seus dados, que é contestada em Bäuerle (1995). Segundo este autor, é inegável que o conhecimento do mundo, na forma de relações discursivas, desempenha um papel fundamental na interpretação deste tipo de construções, tal como o faz em sequências de orações independentes. Assim sendo, uma semântica lexical restritiva como a proposta por Herweg para *als* virá apenas dificultar a acção desses factores na interpretação destas construções, ao entrar, pelo menos aparentemente, em conflito com eles. A solução defendida por Bäuerle é a de uma conjunção *als* que não especifica a relação temporal entre a situação referida pela oração subordinada e a referida pela oração principal<sup>215</sup>, mas que não deixa, no entanto, de exercer uma função relevante para a interpretação temporal dessas construções. À oração subordinada introduzida por *als* cabe o papel de estabelecer um tempo, ou melhor, uma situação de referência para a localização da situação denotada pela oração principal. Como Bäuerle defende, mesmo não tendo a conjunção um significado temporal específico, a presença de uma oração subordinada introduzida por *als* pode, deste modo, modificar

<sup>214</sup> A observação de Herweg justifica-se, e é precisamente a relação de pertença a uma situação complexa, e não a de anterioridade temporal propriamente dita, que é acentuada se recorrermos, para a interpretação destes casos, à relação discursiva de Elaboração, como defendi na secção anterior para exemplos paralelos com *quando*.

<sup>215</sup> Esta solução é também a preferida por Eisenberg (1999: pp. 329s).

totalmente a interpretação de uma sequência discursiva, como se verifica comparando os seguintes exemplos:

- (566) Peter überquerte den Potsdamer Platz. Die Mauer stand noch. Der ganze Platz war leer. (O Peter atravessou a Praça de Potsdam. O muro ainda estava de pé. A praça estava vazia)
- (567) Peter überquerte den Potsdamer Platz. Als die Mauer noch stand, war der ganze Platz leer. (O Peter atravessou a Praça de Potsdam. Quando o muro ainda estava de pé a praça estava vazia)

## Capítulo 4 – Análise da distribuição dos tempos verbais no corpus paralelo de acordo com os factores descritos

O presente capítulo será dedicado ao aprofundamento da análise dos dados do corpus referidos no capítulo 2, tendo por base as descrições dos tempos verbais apresentadas no capítulo 3, bem como o exposto no mesmo capítulo a respeito de outros factores relevantes para a selecção do tempo verbal da tradução, nomeadamente as classes de 'aktionsart' e também o papel das relações discursivas na interpretação temporal do discurso. Assim, na secção 4.1 será abordada a influência do tempo verbal do texto original na determinação da forma verbal usada no texto traduzido. A secção 4.2 é dedicada ao papel desempenhado pela 'aktionsart' e pela sua interacção com o tempo verbal, e podemos dizer que esta secção é a parte central do presente capítulo, já que este é um factor que assume grande relevância na análise do corpus: se, por um lado, a 'aktionsart' do texto original influencia directamente a selecção do tempo verbal da tradução em grande parte dos exemplos do corpus, por outro lado, a inter-relação entre tempo verbal e 'aktionsart' e a variação interpretativa resultante de diversas combinações dos dois factores, sobretudo no português, obriga o tradutor a gerir em conjunto tempo verbal e 'aktionsart' da tradução, e a usar, por vezes, meios bastante diversos dos que encontramos no texto original para obter interpretações semelhantes. A secção 4.3 debruça-se sobre a influência das relações discursivas na determinação do tempo verbal da tradução, vendo este factor como complemento daqueles que foram analisados nas secções precedentes, nomeadamente do tempo verbal e da 'aktionsart' do texto original. Assim, serão focados os casos em que a 'aktionsart' e o tempo verbal do texto original não parecem influenciar a escolha do tempo verbal da tradução, bem como aqueles em que a forma portuguesa escolhida não segue a tendência dominante de tradução para a classe de 'aktionsart' e o tempo verbal em causa. Na secção 4.4, será investigada a relação entre os dados do corpus e um factor que se revelou importante para algumas análises dos tempos verbais alemães, nomeadamente o tipo de texto e de situação comunicativa. A encerrar este capítulo 4 observaremos ainda, na secção 4.5, o caso das construções com *als* (*quando*) e o modo como o tempo verbal, a 'aktionsart' e as relações discursivas presentes no texto original, em conjunto com as características próprias dessas construções, determinam a selecção do tempo verbal e da 'aktionsart' da respectiva versão portuguesa.

#### 4.1 Tempo verbal do texto original

Depois de nos termos debruçado sobre a caracterização dos diversos tempos verbais portugueses e alemães em análise, e sobre outros factores que condicionam a escolha das formas usadas na tradução, chegou o momento de voltarmos a comentar o quadro das correspondências de tempos verbais entre texto original e texto traduzido no corpus, apresentado no capítulo 2 e aqui reproduzido.

(568) – Quadro: Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido <sup>216</sup>

Formas analisadas:	Präsens		Präteritum		Perfekt		Plusquam-perfekt		Total	
	Presente	939	96,70%	9	0,21%	1	0,78%			949
Pretérito Imperfeito	9	0,93%	2633	62,41%	22	17,05%	93	15,63%	2757	46,62%
Pretérito Perfeito Simples	23	2,37%	1450	34,37%	101	78,29%	23	3,87%	1597	27,00%
Pretérito mais-que-perfeito			127	3,01%	3	2,33%	479	80,50%	609	10,30%
Pretérito Perfeito Composto					2	1,55%			2	0,03%
Total	971	100%	4219	100%	129	100%	595	100%	5914	100,00%
		16,42%		71,34%		2,18%		10,06%		

Tal como já tínhamos observado, a tradução de formas de Präsens é efectuada quase exclusivamente (96,70%) com recurso ao Presente, ou seja, em ambas as línguas temos uma forma verbal que localiza as situações por sobreposição à situação de enunciação. Poderemos, portanto, dizer que, nestes casos, é o tempo verbal do texto original que determina a forma escolhida para a tradução. Claro que esta é uma afirmação muito geral, pois, como se verificou nas secções relevantes do capítulo 3, tanto o Präsens como o Presente têm diversas interpretações que são condicionadas, entre outros factores, pela 'aktionsart' dos predicados envolvidos. Daí que outras observações mais detalhadas

<sup>216</sup> Os números apresentados referem-se às formas em análise presentes no texto original às quais correspondem, no texto traduzido, formas que são igualmente analisadas no presente trabalho. Note-se ainda que estes dados incluem as formas de Pretérito Mais-que-perfeito e Plusquamperfekt suplementares referidas no capítulo 2.

sobre as traduções de *Präsens* para Presente fiquem reservadas para a secção sobre a influência da '*aktionsart*' na tradução (4.2), designadamente no que diz respeito à interacção entre o tempo verbal e a '*aktionsart*', que existe tanto no texto original quanto no texto traduzido.

Por outro lado, às ocorrências de *Präteritum* correspondem maioritariamente (62,41%) formas de Pretérito Imperfeito; nesses casos, de acordo com as análises apresentadas no capítulo 3, encontramos, em ambas as línguas, formas verbais que caracterizam as situações como sendo verdadeiras num intervalo anterior à enunciação.<sup>217</sup> As restantes traduções de *Präteritum* recorrem essencialmente ao Pretérito Perfeito (34,37%), outra forma verbal que localiza as situações no passado, mas por anterioridade relativamente à enunciação. Não se pode, assim, dizer que o tempo verbal do texto original determine propriamente a forma escolhida para a tradução, uma vez que os dados apontam para uma preferência por Pretérito Imperfeito, mas, em última análise, não indicam um critério para a decisão entre Pretérito Imperfeito e Pretérito Perfeito, decisão essa que será abordada na secção 4.2, considerando a influência da '*aktionsart*' do texto original. No entanto, será lícito afirmar que são as propriedades do *Präteritum* que restringem a tendência dominante da tradução a estas duas formas portuguesas, uma vez que as três formas em causa partilham a mesma área da anterioridade à enunciação para a localização temporal das situações.

O mesmo se pode dizer relativamente ao *Perfekt*, cujas ocorrências são, na sua grande maioria (78,29%), traduzidas por Pretérito Perfeito, sendo as restantes formas (17,05%) sobretudo de Pretérito Imperfeito. De acordo com grande parte das análises do *Perfekt* mencionadas no capítulo 3, esta forma localiza as situações por anterioridade relativamente a um intervalo que corresponde à enunciação<sup>218</sup>, isto na ausência de outras indicações, como, por exemplo, advérbios de tempo que apontem para uma leitura futura. Ou seja, em termos de localização temporal das situações, o *Perfekt* partilha, em geral, a mesma área de anterioridade à enunciação que é representada pelo *Präteritum*, e também

---

<sup>217</sup> Esta formulação resume o essencial das análises do Pretérito Imperfeito e do *Präteritum* comentadas no capítulo 3. Há algumas posições que são mais específicas, como é o caso da de Thieroff (1992), mas esses detalhes não são relevantes neste ponto do trabalho.

<sup>218</sup> Outras análises do *Perfekt* adoptam posições relativamente diferentes desta, dando, em geral, maior ênfase à ligação estreita que o *Perfekt* estabelece com a situação de enunciação. Um exemplo é o trabalho de Reyle *et al.* (2000), de acordo com o qual o *Perfekt* localiza por sobreposição ao intervalo da enunciação os estados consequentes das situações denotadas pelos verbos. Mas também neste caso estas situações acabam por ser implicitamente localizadas em intervalos anteriores aos seus estados consequentes e, deste modo, também anteriores à enunciação.

pelas duas formas portuguesas que são predominantemente usadas na sua tradução.<sup>219</sup> Daí podermos afirmar que, também neste caso, a forma verbal do texto original limita as formas admissíveis como traduções predominantes, mas não aponta um critério claro para uma decisão entre elas. A preferência acentuada pelo Pretérito Perfeito na tradução indicada pelos números será objecto de alguns comentários na secção 4.2.1.

Quanto ao Plusquamperfekt, a maior parte (80,50%) das suas ocorrências são traduzidas por formas Pretérito Mais-que-perfeito, delineando-se, assim, uma correspondência preferencial de tradução entre formas que, em ambas as línguas, localizam as situações por anterioridade a um intervalo que é, por sua vez, anterior à enunciação. Ao contrário do que acontecia com o Präteritum e o Perfekt, esta semelhança entre o Plusquamperfekt e a forma mais frequente na tradução, no que respeita à área de localização temporal, não se estende às correspondências de tradução minoritárias também atestadas (Pretérito Imperfeito e Pretérito Perfeito), o que legitima a conclusão de que, neste caso, o tempo verbal da tradução é directamente condicionado pela forma do texto original. Porém, para além desta tendência dominante, é de assinalar uma outra correspondência de tradução do Plusquamperfekt, nomeadamente a tradução por formas de Pretérito Imperfeito, que abrange 15,63% do total das ocorrências de Plusquamperfekt no corpus. Esta correspondência já não pode explicar-se tão facilmente por uma coincidência das áreas de localização temporal da forma verbal original com as da forma usada na tradução, uma vez que o Pretérito Imperfeito localiza as situações por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior à enunciação, enquanto o Plusquamperfekt as localiza por anterioridade a um intervalo que é, ele sim, definido como anterior à enunciação. Na verdade, tal como sucede nos casos de Präteritum e Perfekt, também aqui existe uma correlação entre o factor 'aktionsart' do texto original e a selecção do tempo verbal no texto traduzido, que será analisada na secção 4.2, havendo ainda a registar a relevância das relações discursivas estabelecidas no texto original, que será objecto da secção 4.3. É a coexistência desta correspondência de tradução de Plusquamperfekt para Pretérito Imperfeito com o padrão dominante de tradução por formas de Pretérito Mais-que-perfeito, determinado pelo tempo verbal original, que torna a análise das traduções de Plusquamperfekt especialmente complexa e interessante.

---

<sup>219</sup> O mesmo se aplica, aliás, ao Pretérito Perfeito Composto, que, no entanto, apresenta especificidades de significado que o habilitam apenas à tradução de uma pequena parcela das formas de Perfekt.



## 4.2 'Aktionsart' em interacção com o tempo verbal

Ao longo de grande parte do capítulo 3, foram sendo registadas e comentadas as inter-relações que o significado dos tempos verbais aqui analisados mantêm com as diversas classes de 'aktionsart'. A presente secção tem como objectivo observar o modo como essas inter-relações se reflectem no corpus que serve de base a este trabalho. Começaremos por analisar, na secção 4.2.1, dados estatísticos sobre a forma como são traduzidos alguns dos verbos de evento, estado e actividade mais frequentes no texto original, comparando esses dados entre si e com aqueles que dizem respeito à média global do corpus, com o objectivo de verificar até que ponto a 'aktionsart' do texto original influencia a selecção do tempo verbal da tradução. Nas secções subsequentes serão analisados exemplos concretos de traduções dos diversos tempos verbais em causa. Esses exemplos ilustram, não só o condicionamento da forma verbal portuguesa pela 'aktionsart' do texto original, mas também a complexidade da inter-relação entre tempo verbal e 'aktionsart' nas duas línguas e os seus efeitos interpretativos, já que essa complexidade leva o tradutor a gerir em conjunto os recursos que tem à sua disposição em ambas as áreas, de modo a obter a combinação de tempo verbal e 'aktionsart' que considera mais adequada para reproduzir a interpretação que faz do texto original. Começaremos por examinar traduções de Präteritum (4.2.2) e de Perfekt (4.2.3), onde é mais óbvia a influência directa da 'aktionsart' do texto original na selecção do tempo verbal da tradução, passando depois ao Plusquamperfekt (4.2.4). Em paralelo, registaremos ao longo dessas secções as interpretações resultantes de diversas combinações de 'aktionsart' e tempo verbal nas duas línguas, e esse será igualmente o objectivo da secção dedicada às traduções de Präsens (4.2.5). Na secção 4.2.6 far-se-á um balanço dos dados já examinados, com destaque para os casos em que a 'aktionsart' da tradução difere da do texto original. A secção final (4.2.7) focará outras correspondências de tradução ainda não estudadas, que se baseiam precisamente numa alteração conjunta de 'aktionsart' e tempo verbal relativamente ao texto original.

### 4.2.1 Dados quantitativos

A fim de avaliarmos o impacte da 'aktionsart' do texto original na selecção das formas verbais do texto traduzido, faremos, ao longo das próximas três secções, uma comparação entre as correspondências de tradução globais do corpus, resumidas no quadro (568), acima, e correspondências de tradução respeitantes a diferentes classes de

'aktionsart', designadamente as referentes aos verbos de evento, estado e actividade mais frequentes no texto original, que serão igualmente comparados entre si.

#### 4.2.1.1 Verbos de evento

Começamos por observar como são traduzidos os verbos de evento mais frequentes no texto original, que constam do quadro seguinte, acompanhados do respectivo número de ocorrências e de uma das suas traduções possíveis em português.<sup>220</sup>

(569) – Quadro: Verbos de evento mais frequentes no texto original

<i>sagen</i> (dizer)	277	<i>zeigen</i> (mostrar)	29	<i>verlieren</i> (perder)	17
<i>kommen</i> (vir)	85	<i>aufstehen</i> (levantar-se)	26	<i>fahren</i> (ir)	17
<i>werden</i> (tornar-se)	77	<i>setzen</i> (colocar)	24	<i>tun</i> (fazer)	16
<i>gehen</i> (ir, caminhar)	58	<i>bringen</i> (trazer)	22	<i>gelingen</i> (conseguir)	16
<i>fragen</i> (perguntar)	46	<i>rufen</i> (chamar)	22	<i>vergessen</i> (esquecer)	15
<i>nehmen</i> (levar, tomar)	34	<i>antworten</i> (responder)	19	<i>erzählen</i> (contar)	14
<i>machen</i> (fazer)	31	<i>fallen</i> (cair)	18	<i>schreiben</i> (escrever)	11
<i>geben</i> (dar)	31	<i>legen</i> (colocar)	18	<i>Total</i>	923

Note-se que esta lista inclui alguns verbos, como por exemplo *gehen*, *machen* e *schreiben*, cuja classificação aspectual como eventos ou actividades depende do respectivo complemento, de acordo com a composicionalidade da aktionsart a que se fez referência na secção 3.1.9. No corpus em análise, as situações referidas por estes verbos são maioritariamente eventos, embora haja também casos de referência a actividades. Sendo difícil separar rigorosamente esses dois tipos de ocorrências nos quadros que apresento, optei por seguir a tendência dominante da referência a eventos e incluir estes verbos aqui. Alguns deles serão examinados com mais detalhe na secção 4.2.2.1.1, onde serão igualmente mencionados os casos de referência a actividades.

A listagem apresentada acima revela também que mais de um quarto do total das ocorrências diz respeito ao verbo *sagen*, que tem, portanto, uma influência decisiva em qualquer estatística que diga respeito ao total dos verbos seleccionados. Assim sendo, e visto que, neste caso, é sensível a diferença entre os dados estatísticos que incluem este

<sup>220</sup> É importante frisar que a tradução apresentada neste quadro não é aquela que surge no corpus, nem aquela que considero mais adequada, pois é obviamente impossível fazer esse juízo sem contexto. Trata-se meramente de uma tradução de recurso destinada a facilitar a leitura do presente trabalho a pessoas menos familiarizadas com a língua alemã.

verbo e aqueles que não o contemplam, ele não será considerado nos quadros globais que apresento abaixo, sendo referido à parte, posteriormente.

Verifiquemos, então, quais as correspondências de tradução registadas para este conjunto de verbos no corpus:

(570) – Quadro: Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de evento mais frequentes (excepto *sagen*)

	Präsens		Präteritum		Perfekt		Plusquamperfekt		Total
Presente	62	100%							62
Pretérito Imperfeito			219	48,67%	1	4,17%	17	15,45%	237
Pretérito Perfeito			215	47,78%	20	83,33%	2	1,82%	237
Pretérito Mais-que-perfeito			16	3,56%	2	8,33%	91	82,73%	109
Pretérito Perfeito composto					1	4,17%			1
Total	62	100%	450	100%	24	100%	110	100%	646

A forma verbal alemã que mais frequentemente é traduzida por uma mesma forma verbal portuguesa é o Präsens, com 100% de traduções por Presente. Acentua-se, portanto, no caso destes verbos de evento, uma tendência que já tínhamos verificado ao analisar as correspondências de tradução independentemente da 'aktionsart', nomeadamente no capítulo 2 e no quadro (568) do presente capítulo, onde 96,7% das formas de Präsens correspondem a Presente na versão portuguesa.

Pelo contrário, o Präteritum é a forma alemã que se distribui de uma maneira mais uniforme por diferentes tempos verbais do português, essencialmente o Pretérito Imperfeito e o Pretérito Perfeito, que surgem com valores muito semelhantes, de 48,67% e 47,78%, respectivamente. Comparando estes dados com os da totalidade do corpus (cf. o quadro (568), acima), onde se regista um predomínio do Pretérito Imperfeito, com 62,41%, sobre o Pretérito Perfeito, com 34,37%, verificamos que nos dados referentes aos verbos de evento há um aumento da proporção de Pretérito Perfeito, enquanto a proporção de Pretérito Imperfeito diminui. Já a proporção de Pretérito Mais-que-perfeito varia pouco, situando-se nos 3%, quer no total do corpus, quer nos verbos de evento.

Quanto às formas de Perfekt dos verbos de evento analisados, predominam as traduções com recurso ao Pretérito Perfeito, com 83,33%, tal como sucedia no quadro geral do corpus, independentemente da 'aktionsart', onde o valor registado era de 78,29% (cf. o

quadro (568), acima). Também no caso do Plusquamperfekt as correspondências de tradução para os verbos de evento seguem a tendência verificada na estatística geral do corpus, com um predomínio do Pretérito Mais-que-perfeito (82,73% para os verbos de evento e 80,50% para todo o corpus, no quadro (568), acima), sendo pouco mais de 15% das formas traduzidas por Pretérito Imperfeito, e uma percentagem muito pequena por Pretérito Perfeito (1,82% para os verbos de evento e 3,87% para todo o corpus).

Verifica-se, pois, comparando os dados dos quadros (568) e (570), que, no caso dos verbos de evento, o que a 'aktionsart' do texto original influencia mais visivelmente é a tradução das formas de Präteritum, levando a um aumento da proporção de Pretérito Perfeito (em cerca de 13%) e a uma diminuição da proporção de Pretérito Imperfeito (em cerca de 14%) relativamente aos valores globais do corpus. Nas formas de Perfekt, e apesar da quantidade diminuta de ocorrências que reduz a representatividade dos dados, são visíveis tendências semelhantes: há igualmente um decréscimo das traduções por Pretérito Imperfeito relativamente à estatística global do corpus, e um pequeno aumento das formas de Pretérito Perfeito no texto traduzido. Por seu lado, as traduções de verbos de evento no Plusquamperfekt revelam um ligeiro aumento das formas de Pretérito Mais-que-perfeito relativamente aos dados totais, mas a percentagem de traduções por Pretérito Imperfeito mantém-se.

Considerando agora os dados relativos ao verbo *sagen*, que é, recordo, o verbo de evento mais frequente no corpus, podemos afirmar que, no que diz respeito às traduções de Präteritum, eles agudizam a tendência, já observada nos restantes verbos de evento, para um aumento da proporção de traduções por Pretérito Perfeito relativamente à globalidade do corpus – com 74,6% do total das ocorrências em contraste com os 34,37% do quadro global (568), acima –, e para uma diminuição das traduções por Pretérito Imperfeito – com apenas 23,79%, em contraste com os 62,41% do mesmo quadro. Embora estejam em consonância com a tendência observável nos restantes verbos de evento, estes dados não foram incluídos no quadro (570), uma vez que, devido à frequência muito elevada deste verbo, eles aumentariam em cerca de 10% a proporção de formas de Pretérito Perfeito usadas na tradução de Präteritum, e causariam uma diminuição igualmente significativa da proporção de Pretérito Imperfeito. Quanto às traduções de *sagen* no Perfekt e

Plusquamperfekt, o seu número reduzido<sup>221</sup> não permite acrescentar quaisquer dados ao que já foi dito.

Os dados observados até este ponto, tanto no que diz respeito ao verbo *sagen* como aos restantes, revelam uma tendência para que os verbos de evento no Präteritum sejam traduzidos por formas de Pretérito Perfeito, em detrimento das formas de Pretérito Imperfeito, e essa tendência torna-se mais evidente se excluirmos das ocorrências consideradas aquelas em que os verbos apresentam leituras de repetição, que são, na sua grande maioria, casos em que as situações referidas constituem estados habituais derivados desses predicados de evento e traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito, como no exemplo seguinte:

- (571) § War Leo gerade da, wenn der Tischlermeister **kam**, **sagte** der Tischlermeister: »Sie krieg' ich noch klein« – und Leo **sagte**: »Ich Sie auch.«  
(hoh322)  
§ Se Leo lá estava quando o carpinteiro **surgia**, **dizia** este: «Ainda o hei-de tramar», e Leo **dizia**: «E eu também a si.»

Considerando apenas os casos em que os verbos de evento mais frequentes no texto original têm uma leitura episódica, são estes os valores que se obtêm:

- (572) – Quadro: Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de evento mais frequentes (excepto *sagen*) excluindo leituras de repetição

	Präsens		Präteritum		Perfekt		Plusquamperfekt		Total
Presente	45	100%							45
Pretérito Imperfeito			81	26,05%	1	4,35%	6	6,12%	88
Pretérito Perfeito			214	68,81%	20	86,96%	2	2,04%	236
Pretérito Mais-que-perfeito			16	5,14%	2	8,70%	90	91,84%	108
Total	45	100%	311	100%	23	100%	98	100%	477

<sup>221</sup> Vejam-se em detalhe as correspondências de tradução relativas ao verbo *sagen*:

	Präsens		Präteritum		Perfekt		Plusquamperfekt		Total
Presente	9	100,00%							9
Pretérito Imperfeito			59	23,79%			1	5,56%	60
Pretérito Perfeito			185	74,60%	2	100,00%	1	5,56%	188
Pret. Mais-que-perfeito			4	1,61%			16	88,89%	20
Total	9	100,00%	248	100,00%	2	100,00%	18	100,00%	277

É clara a tendência para a tradução de verbos de evento no Präteritum com formas de Pretérito Perfeito, com 68,81%, enquanto o Pretérito Imperfeito se fica pelos 26,05%. No que diz respeito às tendências de tradução das restantes formas verbais alemãs, a eliminação das leituras de repetição traz poucas alterações significativas, apesar da diminuição do número total de formas de Presente e, sobretudo, de Pretérito Imperfeito. Esta diminuição não modifica em nada as correspondências de tradução de Präsens, mas reduz a proporção de traduções de Plusquamperfekt para Pretérito Imperfeito, dos 15,45% que se registavam considerando todos os verbos de evento (cf. o quadro (570)), e que estavam muito próximos do valor médio do corpus (15,63% no quadro (568), acima), para 6,12%.

A tendência para o uso de Pretérito Perfeito na tradução de verbos de evento no Präteritum é explicável a partir do modo como Präteritum, Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito foram caracterizados na secção 3.2. Verificámos que, na ausência de indicações contextuais em contrário, o Präteritum caracteriza as situações como válidas num intervalo anterior à enunciação sem interferir com os seus eventuais limites, enquanto o Pretérito Perfeito localiza, num intervalo totalmente anterior à enunciação, situações que têm sempre fronteiras, sejam elas inerentes ou extrínsecas. Por seu turno, o Pretérito Imperfeito localiza, por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, apenas a parte intermédia das situações télicas em leitura episódica, não incluindo os seus limites intrínsecos. Como foi referido na secção 3.2, o Pretérito Imperfeito apresenta ainda um outro uso em que localiza as situações télicas na sua totalidade. É importante referir que este segundo uso do Pretérito Imperfeito não surge no corpus que serve de base a este trabalho, embora seja relativamente comum nos corpora de texto jornalístico de onde foram retirados os exemplos (270) a (273) da secção 3.2.1.3.<sup>222</sup> Assim sendo, o Pretérito Perfeito é a forma verbal que permite reproduzir, na versão portuguesa, o efeito das formas de Präteritum no texto original, isto é, a localização de situações télicas incluindo os seus limites intrínsecos; daí que seja este o padrão de tradução mais frequente para os verbos de evento no Präteritum. Quanto aos casos que não seguem esse padrão, uma minoria que, ainda assim, corresponde a 81 formas de Pretérito Imperfeito (26,05% do total), e 16 formas de Pretérito Mais-que-perfeito (5,14% do total), só nos verbos de evento mais

---

<sup>222</sup> Estes dados levantam a questão de saber se o tipo de texto terá influência na distribuição dos dois usos do Pretérito Imperfeito que referi, questão essa que, embora me pareça pertinente, ultrapassa o âmbito do presente trabalho.

frequentes, teremos oportunidade de os analisar nas secções 4.2.2.1.2 e 4.2.7, respectivamente.

Relativamente à tendência para traduzir os verbos de evento no Perfekt por formas de Pretérito Perfeito, ela pode explicar-se por um raciocínio semelhante ao que expus no caso do Präteritum, dado que também esta forma verbal alemã localiza normalmente as situações télicas sem interferir com os seus limites intrínsecos. No caso do Perfekt, as excepções a esta tendência de tradução dominante são muito poucas, sendo alguns exemplos de traduções por Pretérito Imperfeito comentados na secção 4.2.3.2, adiante. Registe-se ainda que o facto de quase todos os verbos de evento no Perfekt em leitura episódica serem traduzidos por formas de Pretérito Perfeito, em conjunto com a escassez dos casos de leitura de repetição (cf. a semelhança entre os quadros (570) e (572)), podem explicar, pelo menos parcialmente, a hegemonia da correspondência de tradução Perfekt – Pretérito Perfeito, que é aqui muito mais acentuada do que no caso das traduções de Präteritum (cf. também a nota 223, adiante).

#### 4.2.1.2 Verbos de estado

Passamos a examinar as correspondências de tempos verbais para os verbos de estado mais frequentes, que apresento no quadro seguinte, em conjunto com uma tradução de recurso (cf. nota 220, acima) e o número de ocorrências correspondente.

(573) – Quadro: Verbos de estado mais frequentes no texto original

<i>sein</i> (ser, estar)	844	<i>aussehen</i> (parecer)	32	<i>fehlen</i> (faltar)	16
<i>haben</i> (ter)	113	<i>meinen</i> (achar)	31	<i>schweigen</i> (estar calado)	15
<i>wissen</i> (saber)	117	<i>glauben</i> (crer)	28	<i>brauchen</i> (precisar)	14
<i>liegen</i> (estar (deitado))	65	<i>kennen</i> (conhecer)	28	<i>finden</i> (achar)	13
<i>stehen</i> (estar (de pé))	57	<i>hassen</i> (odiar)	27	<i>riechen</i> (cheirar)	13
<i>scheinen</i> (parecer)	41	<i>geben, es</i> (haver)	20	<i>erscheinen</i> (parecer)	10
<i>sitzen</i> (estar (sentado))	36	<i>lieben</i> (amar)	19	<i>wohnen</i> (morar)	10
<i>verstehen</i> (entender)	35	<i>heißen</i> (chamar-se)	17	<i>gelten</i> (valer)	9
				Total	1610

Tal como acontece com os verbos de evento, também aqui o verbo mais frequente, neste caso *sein*, corresponde a uma proporção muito alta do total das ocorrências, ultrapassando mesmo os 50%, e assume, por isso, um peso determinante nos valores estatísticos relativos ao conjunto. No entanto, dado que os valores das correspondências de tradução se alteram

muito pouco se excluirmos dos cálculos as ocorrências de *sein*, optei por considerá-las nos quadros que apresento em seguida. Uma nota ainda para dois verbos, *finden* e *meinen*, que têm também significados não-estativos correspondentes, em português, a *encontrar* e *opinar*, respectivamente: há no corpus um número relativamente elevado de ocorrências correspondentes a estes significados, que foram filtradas e excluídas dos quadros apresentados nesta secção.

Observemos agora o quadro com as correspondências de tradução obtidas para este conjunto de verbos:

(574) – Quadro: Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de estado mais frequentes

	Präsens		Präteritum		Perfekt		Plusquamperfekt		Total
Presente	434	95,38%	4	0,38%					438
Pretérito Imperfeito	2	0,44%	907	85,89%	10	55,56%	24	29,63%	943
Pretérito Perfeito	19	4,18%	101	9,56%	8	44,44%	2	2,47%	130
Pretérito Mais-que-perfeito			44	4,17%			55	67,90%	99
Total	455	100%	1056	100%	18	100%	81	100%	1610

É, mais uma vez, o Präsens que apresenta maior concentração das traduções numa só forma verbal portuguesa, o Presente. No entanto, essa concentração não é total, ao contrário do que acontece com os verbos de evento que observámos na secção anterior. De facto, 19 das 23 formas de Präsens traduzidas por Pretérito Perfeito em todo o corpus (cf. o quadro (568), acima) pertencem a este conjunto de verbos de estado. Estas ocorrências seguem um padrão de tradução específico, no qual a interdependência entre tempo verbal e 'aktionsart' em português condiciona não só a selecção do tempo verbal, mas também da classe aspectual da tradução. Esse padrão de tradução será analisado em detalhe na secção 4.2.7.

A diferença entre os dados deste quadro (574) e os dados globais do quadro (568), acima, é mais visível no que diz respeito ao Präteritum, que é traduzido por Pretérito Imperfeito em 85,89% das ocorrências dos verbos de estado considerados, um valor bastante superior aos 62,41% da média do corpus. Paralelamente a esta preferência pelo Pretérito Imperfeito, regista-se um valor bastante baixo de traduções de Präteritum para Pretérito Perfeito, 9,56%, comparado com os 34,37% da média do corpus. E estes dados



não se alteram se se excluir a leitura de repetição, como acontecia no caso dos eventos, porquanto o Pretérito Imperfeito, que é tipicamente usado para obter a leitura de estado habitual, é também a forma verbal preferencial na leitura episódica de predicados de estado.

A diminuição da percentagem de traduções para Pretérito Perfeito relativamente à média do corpus é sensível também no caso do Perfekt: enquanto na globalidade do corpus o Pretérito Perfeito é claramente a opção preferencial de tradução, com 78,29% (cf. o quadro (568), acima), nestes verbos de estado o Pretérito Perfeito representa menos de metade das traduções registadas (44,44%). As restantes traduções, uma maioria de 55,56%, são de Perfekt para Pretérito Imperfeito, enquanto na globalidade do corpus o Pretérito Imperfeito corresponde apenas a 17,05% das traduções de Perfekt. Verifica-se, pois, tanto no caso do Präteritum, quanto no do Perfekt, uma tendência para traduzir os verbos de estado por formas de Pretérito Imperfeito (e não por formas de Pretérito Perfeito), uma situação inversa à que verificámos no caso dos verbos de evento.<sup>223</sup>

Já nas traduções de Plusquamperfekt, a influência da 'aktionsart' do texto original não se faz sentir da mesma forma, pois a tradução preferencial continua a ser para Pretérito Mais-que-perfeito, tal como acontece no caso dos verbos de evento. O que oscila em função da 'aktionsart' é a proporção das traduções de Plusquamperfekt para Pretérito Imperfeito, que era de 6,12% no caso dos verbos de evento em leitura episódica (cf. o quadro (572), acima) e é de 29,63% nos verbos de estado, situando-se, para a globalidade do corpus, num valor intermédio de 15,63% (cf. o quadro (568), acima). A tendência revelada pelos verbos de estado é, pois, quer no Präteritum, quer no Perfekt, quer no Plusquamperfekt, a de um aumento das traduções para Pretérito Imperfeito relativamente aos valores globais do corpus, e, sobretudo, relativamente aos verbos de evento, os quais mostram, nas traduções de Präteritum e Perfekt, a tendência inversa, de predomínio do Pretérito Perfeito.

Também a tradução preferencial dos verbos de estado é explicável a partir das caracterizações das formas verbais em causa apresentadas no capítulo 3. Como se verificou na secção 3.2.2, não só o Präteritum mas também o Perfekt e o Plusquamperfekt são

---

<sup>223</sup> Registe-se ainda que o número de verbos de estado no Perfekt é relativamente reduzido, mesmo tendo em conta que as formas de Perfekt são bastante menos numerosas do que as de Präteritum: enquanto as formas de Perfekt representam 1,1% dos verbos de estado aqui analisados, no caso dos verbos de evento mais frequentes essas formas constituem 2,8% do total, o que representa pelo menos uma duplicação da proporção. A frequência relativamente baixa de verbos de estado no Perfekt deve-se, em parte, ao emprego quase exclusivo dos verbos de estado mais frequentes, *sein* e *haben*, no Präteritum, em detrimento do Perfekt, e contribui para explicar a escassez de traduções de Perfekt para Pretérito Imperfeito, já referida no final da secção anterior.

relativamente neutros no que diz respeito, quer à compatibilidade, quer à interpretação resultante da sua combinação com as várias classes de 'aktionsart'. Apenas o Präsens difere das restantes formas verbais nesse aspecto, pois leva, na maior parte dos casos, a uma interpretação habitual das situações télicas. Em português, pelo contrário, como se verificou na secção 3.2.1, o Pretérito Imperfeito – no uso que ocorre no corpus – não localiza os limites inerentes das situações télicas, enquanto o Pretérito Perfeito e também o Pretérito Mais-que-perfeito localizam sempre as situações com os respectivos limites, impondo fronteiras extrínsecas às situações atélicas, que não são intrinsecamente delimitadas. Por isso, na tradução de verbos de estado, e na ausência de outros elementos que induzam uma interpretação dos estados como sendo delimitados, o Pretérito Imperfeito é a forma portuguesa que melhor corresponde aos tempos verbais alemães, os quais, por si só, não colocam quaisquer limites a essas situações. Teremos oportunidade de observar e comentar os exemplos concretos dos verbos de posição e do verbo *sein* nas secções 4.2.2.2 e 4.2.2.3, respectivamente.

#### 4.2.1.3 Verbos de actividade

Passamos, por fim, a examinar as correspondências de tradução dos verbos de actividade mais frequentes no texto original, que constam do quadro seguinte, acompanhados de uma tradução de recurso (cf. nota 220) e do respectivo número de ocorrências.

(575) – Quadro: Verbos de actividade mais frequentes no texto original

<i>sprechen</i> (falar)	39	<i>versuchen</i> (tentar)	19	<i>suchen</i> (procurar)	12
<i>reden</i> (falar)	28	<i>trinken</i> (beber)	17	<i>weinen</i> (chorar)	12
<i>lächeln</i> (sorrir)	23	<i>beobachten</i> (observar)	12	<i>Total</i>	197
<i>lachen</i> (rir)	23	<i>rauchen</i> (fumar)	12		

Tal como acontecia no caso dos verbos de evento, alguns dos verbos incluídos nesta lista, sobretudo *trinken* mas também *rauchen*, podem referir eventos ou actividades, conforme a natureza dos complementos a que estejam associados (cf. a noção de composicionalidade da 'aktionsart', na secção 3.1.9). O critério que ditou a sua inclusão neste grupo foi o mesmo que já referi quando mencionei casos paralelos entre os verbos de evento, isto é, a ocorrência maioritária de actividades entre as situações referidas por estes verbos no corpus.

Vejamos então o quadro com as respectivas correspondências de tradução:

(576) – Quadro: Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de actividade mais frequentes

	Präsens		Präteritum		Perfekt		Plusquamperfekt		Total
Presente	14	93,33%							14
Pretérito Imperfeito			103	65,19%	1	25,00%	2	18,18%	106
Pretérito Perfeito	1	6,67%	53	33,54%	3	75,00%			57
Pretérito Mais-que-perfeito			2	1,27%			9	81,82%	11
Total	15	100%	158	100%	4	100%	11	100%	188

Embora a quantidade total de ocorrências destes verbos de actividade, 188, seja consideravelmente menor do que o conjunto dos verbos de evento ou o dos verbos de estado mais frequentes já analisados (com 646, e 1610 ocorrências, respectivamente), este quadro de correspondências de tradução é aquele que mais se aproxima dos valores globais do corpus apresentados no quadro (568), acima. O número muito reduzido de traduções de Präsens, Perfekt e Plusquamperfekt não permite ir muito além desta constatação do paralelismo com os dados globais do corpus, pelo que passo a comentar mais detalhadamente apenas as traduções de Präteritum.

De acordo com a tendência geral registada, as percentagens de 65,19% de traduções para Pretérito Imperfeito e 33,54% para Pretérito Perfeito aproximam-se muito mais dos valores globais do quadro (568) (62,41% e 34,37%, respectivamente) do que dos valores relativos, quer aos verbos de evento (48,67% e 47,78%, respectivamente), quer aos verbos de estado (85,89% e 9,56%, respectivamente). A diferença em relação aos verbos de evento pode explicar-se pelo facto de as actividades serem, ao contrário dos eventos, situações atéticas, sem limites inerentes, às quais o Präteritum não impõe fronteiras extrínsecas, tal como não o faz aos estados, sendo, por isso, os verbos respectivos adequadamente traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito. Mas nem por isso o predomínio de formas de Pretérito Imperfeito nas traduções de verbos de actividade no Präteritum é tão claro como no caso dos verbos de estado. E, ao contrário do que acontece no caso dos verbos de estado, esse predomínio das traduções por Pretérito Imperfeito é invertido quando excluimos das ocorrências consideradas aquelas em que as actividades têm uma leitura de repetição, repetindo o procedimento seguido com os dados dos verbos de evento. São estes os resultados obtidos:

(577) – Quadro: Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de actividade mais frequentes excluindo leituras de repetição

	Präsens		Präteritum		Perfekt		Plusquamperfekt		Total
Presente	7	87,50%							7
Pretérito Imperfeito			46	45,54%	1	25,00%			47
Pretérito Perfeito	1	12,50%	53	52,48%	3	75,00%			57
Pretérito Mais-que-perfeito			2	1,98%			9	100%	11
Total	8	100%	101	100%	4	100%	9	100%	122

O número de traduções de Präteritum para Pretérito Perfeito é maior do que o das traduções para Pretérito Imperfeito, mas a diferença entre ambos é pequena, se compararmos estes dados com os dos verbos de evento em leitura episódica, apresentados no quadro (572), acima, onde a proporção de traduções de Präteritum para Pretérito Perfeito atinge os 68,81%, enquanto a tradução para Pretérito Imperfeito é escolhida apenas em 26,05% dos casos.

Não é, pois, evidente uma tendência dominante para a escolha de uma determinada forma verbal na tradução de verbos de actividade no Präteritum, ao contrário do que sucedia com os verbos de evento e de estado examinados nas secções anteriores. Na verdade, como teremos oportunidade de verificar em exemplos concretos na secção 4.2.2.4, uma actividade, à qual o Präteritum do texto original não atribui fronteiras, mas que é facilmente concebível como delimitada (mais do que um estado de indivíduo, por exemplo), é frequentemente traduzida tanto para Pretérito Perfeito quanto para Pretérito Imperfeito, registando-se, por vezes, mesmo uma coexistência das duas possibilidades de tradução para a mesma ocorrência.

#### 4.2.2 Traduções de Präteritum

Os dados apresentados nas secções anteriores tornam claro que a 'aktionsart' do texto original influencia, em grande medida, a selecção do tempo verbal na tradução de formas de Präteritum. É essa influência que será ilustrada através da observação de exemplos concretos nas secções que se seguem, a primeira (4.2.2.1) dedicada aos verbos de evento, com destaque para o caso concreto do verbo *gehen* (*ir*), as duas seguintes (4.2.2.2 e 4.2.2.3) dedicadas a verbos de estado – os verbos de posição e o verbo *sein* (*ser*), respectivamente –, e a terceira (4.2.2.4) dedicada aos verbos de actividade. Em cada uma

das secções, serão primeiramente apresentados exemplos que seguem a tendência dominante quanto ao tempo verbal escolhido para a tradução – Pretérito Perfeito ou Pretérito Imperfeito.<sup>224</sup> Posteriormente, serão, analisados casos de traduções com recurso ao tempo verbal menos representado, nas quais, no entanto, a 'aktionsart' do texto original e, muitas vezes, também a da tradução desempenham um papel de relevo.

#### 4.2.2.1 Verbos de evento

##### 4.2.2.1.1 O predomínio do Pretérito Perfeito na tradução: o caso do verbo *gehen*

Como se verificou na secção 4.2.1.1, acima, os verbos de evento que, no texto original, se encontram no Präteritum são tendencialmente traduzidos por formas de Pretérito Perfeito. Esta preferência explica-se pelo facto de esta forma verbal localizar os eventos, com os respectivos limites inerentes, num intervalo anterior à enunciação, tal como o faz o Präteritum do texto original, ao contrário do Pretérito Imperfeito que, no uso que ocorre no corpus, e em leitura episódica, localiza apenas a parte intermédia desses eventos.

A tendência para a escolha de Pretérito Perfeito constatada nas traduções de verbos de evento torna-se bem visível quando observamos mais de perto as traduções registadas no corpus para um verbo como *gehen* (*ir, andar*), que, conforme surja ou não com um complemento que indique o destino do movimento, se comporta como um verbo de evento ou como um verbo de actividade (cf. secção 3.1.9), podendo inclusivamente ter traduções diferentes em português. Assim, de um total de 38 ocorrências deste verbo com significado direccional<sup>225</sup> no Präteritum, 24 são traduzidas por formas de Pretérito Imperfeito, 13 por formas de Pretérito Perfeito e uma por uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito. No entanto, e à semelhança do que ocorre com outros verbos de evento frequentes no corpus (cf. a secção 4.2.1.1, acima) se considerarmos apenas as ocorrências em que este verbo recebe uma interpretação episódica – excluindo, portanto, as leituras de repetição –, as

---

<sup>224</sup> Nesta secção serão focadas unicamente as traduções por formas de Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito, que são as mais frequentes e também aquelas em que a 'aktionsart' do texto original pode condicionar directamente a selecção do tempo verbal da tradução. Algumas das outras traduções, nomeadamente por formas de Presente e Pretérito Mais-que-perfeito, implicam um outro tipo de interacção entre tempo verbal e 'aktionsart', e serão analisadas na secção 4.2.7.

<sup>225</sup> Ficam, assim, excluídas das observações que se seguem outras ocorrências de *gehen* no corpus, nomeadamente aquelas em que o verbo tem o significado de *acontecer* (*vor sich gehen*), e que são sempre eventivas, ou a aceção necessariamente estativa presente no seguinte exemplo:

(a) (...) dann kam er in einen zweiten Raum, der gleich der Küche auf den Gang hinaus **ging**  
(...) depois passou para um segundo quarto que, tal como a cozinha, **tinha** porta para o corredor  
(LE160)

formas de Pretérito Imperfeito passam de 24 para 5, enquanto as 13 formas de Pretérito Perfeito e a única forma de Pretérito Mais-que-perfeito se mantêm, sendo agora o Pretérito Perfeito a opção de tradução mais frequente.

O que a análise dos exemplos concretos revela é que, nas frases com formas de Pretérito Perfeito, o verbo *gehen* é acompanhado de uma indicação sobre o destino do movimento, como acontece nos exemplos seguintes:<sup>226</sup>

- (578) Albert legte das Geld auf die Theke, **ging** nach draußen und wartete auf die Wirtin (hoh429)  
Albert pousou o dinheiro sobre o balcão, **saiu** e esperou pela dona do bar
- (579) § Er **ging** in sein Zimmer (hoh631)  
§ **Foi** para o quarto
- (580) Aber er ließ es sich nicht anmerken und **ging** zur Tür (LE204)  
Mas não se deu por achado e **dirigiu-se** para a porta
- (581) Er brauste sich kalt ab, trocknete sich und **ging** leise in die Küche (hoh628)  
Terminou com um jacto de água fria, enxugou-se e **passou** de mansinho para a cozinha
- (582) § Er **ging**, ohne ein Wort zu sagen, hinaus und **ging** leise durch die Diele ins Badezimmer (hoh473)  
§ Sem pronunciar palavra, ele retirou-se e **atravessou** sem ruído o vestíbulo para o quarto de banho.

Trata-se, portanto, de ocorrências eventivas de *gehen*, o mesmo sucedendo em (583), abaixo, onde o verbo denota igualmente um evento.

- (583) Dann **ging** der Witwer (ur494)  
Então o viúvo **foi-se** embora

Aqui não é mencionado o destino do movimento, mas ele está indicado implicitamente, ainda que de forma vaga: situa-se no exterior do lugar onde a personagem se encontrava antes desse movimento. Os exemplos que acabei de citar ilustram também as diversas opções de tradução registadas no corpus para as ocorrências eventivas de *gehen*, opções essas que são igualmente verbos de evento, nomeadamente *sair*, *ir*, *dirigir-se*, *passar* ou *atravessar para determinado lugar*<sup>227</sup>, e *ir-se embora*.

<sup>226</sup> Os comentários aos exemplos do corpus apresentados ao longo do trabalho concentraram-se exclusivamente na correspondência de significado entre as formas verbais em causa ou em elementos relevantes para a interpretação das mesmas, não contemplando outros aspectos de tradução.

<sup>227</sup> Relativamente às características dos verbos usados na tradução, é de registar que, apesar de haver em todas as frases citadas expressões adverbiais que definem o destino do respectivo movimento, pelo menos nos casos de traduções por *ir para* e *dirigir-se para*, os eventos referidos pelos verbos utilizados não incluem a chegada a esse destino, parecendo antes corresponder ao ponto ou fase inicial da deslocação. Assim se explica o facto de esses verbos serem pouco aceitáveis com expressões adverbiais que exprimem a duração do evento, em contraste com a possibilidade de se associarem a expressões adverbiais pontuais, como se pode verificar nos seguintes exemplos:

(a) O Luís foi para Lisboa (?em duas horas / ao meio dia).

Pelo contrário, nas frases onde surgem formas de Pretérito Imperfeito não existem indicações sobre o destino do movimento, conforme se pode verificar nos exemplos seguintes.

- (584) § Er **ging** auf Eis über eine Wasserfläche, deren Tiefe sich erst herausstellen würde, wenn das Eis einbrach. (hoh238)  
 § **Caminhava** no gelo sobre uma superfície de água cuja profundidade só se poderia averiguar quando o gelo quebrasse.
- (585) § Wir verloren Zeit mit dem Zahlen, Mahler **ging** finster, überlegend und drängend auf und ab (Umi429)
- TM § Levámos tempo a pagar; o Mahler, sorumbático, **caminhava** de um lado para o outro, pensativo e impaciente
- TS § Perdemos tempo a fazer contas, Mahler não parava de **andar** de um lado para o outro, sorumbático e pensativo, impaciente
- (586) Er hörte die Großmutter sogar, sie **ging** murmelnd in ihrem Zimmer auf und ab (hoh12)  
 Ouvia, até, a avó falar baixinho enquanto **andava** pelo quarto

A situação referida pelo verbo *gehen* não é, nestes casos, um evento, mas antes uma actividade<sup>228</sup>, já por si sem limites inerentes, o que se reflecte claramente nos verbos utilizados na tradução, também eles verbos de actividade, nomeadamente *andar* e *caminhar*.

Já na frase que cito em seguida, o uso de *gehen* não me parece corresponder exactamente nem a um nem a outro dos casos que acabei de descrever, isto é, nem a um evento marcado pela especificação de destino do movimento nem a uma actividade sem qualquer delimitação de fronteiras.

- (587) Als der Staub sich senkte, kam er hoch und **ging**. Er sah zu Boden und beobachtete das Pendeln der Schnur (G50)  
 Quando a poeira baixou, pôs-se de pé e **seguiu** caminho. Ia de olhos no chão e observava o movimento pendular da corda

Segundo creio, *gehen* é aqui um verbo de actividade que refere, neste contexto específico, a fronteira inicial ou, eventualmente, uma porção mais alargada do princípio dessa actividade. É essa referência à fronteira inicial que aproxima esta situação do perfil de um evento e justifica a utilização do Pretérito Perfeito na tradução, como forma verbal que localiza as situações com as respectivas fronteiras. Este uso do verbo *gehen* poderia

(b) O Luís dirigiu-se para a farmácia mais próxima (?em cinco minutos / às 10 e meia).

<sup>228</sup> Embora aqui se ilustre a tendência para a tradução de verbos de evento por Pretérito Perfeito através das ocorrências eventivas de *gehen*, por oposição às ocorrências em que este verbo refere uma actividade, isso não legitima a conclusão de que as actividades correspondem sempre e apenas a formas de Pretérito Imperfeito na tradução. A realidade é mais complexa do que isso, como pode verificar-se observando o exemplo seguinte.

encontrar correspondência em português num verbo de actividade associado a um operador aspectual que seleccionasse a parte inicial dessa situação, algo como *recomeçou a andar* ou *recomeçou a caminhar*. Embora provavelmente menos conseguida do ponto de vista estilístico, esta versão é, aliás, bastante semelhante à opção da tradutora no que toca à forma como representa o decurso da situação referida. Veremos adiante outros exemplos de verbos de actividade que recebem igualmente uma interpretação incoativa.

Poderíamos alargar esta análise das ocorrências do verbo *gehen* aos verbos formados a partir deste, nos quais o elemento adicionado a *gehen* pode conter, ou não, uma indicação sobre o destino do movimento. Assim, e limitando-nos, uma vez mais, aos verbos com um significado direccionado, encontramos no corpus 13 ocorrências de verbos formados a partir de *gehen* em que existe essa indicação, nomeadamente *ausgehen*, *hinausgehen*, *hinübergehen*, *weggehen*, *zugehen* e *zurückgehen*<sup>229</sup> e 6 ocorrências de verbos em que ela não existe, nomeadamente *dahingehen*, *einhergehen*, *herumgehen*, *umhergehen* e *mitgehen*.<sup>230</sup>

Se considerarmos apenas as ocorrências dos verbos em leitura episódica, verificamos que todos os verbos que já contêm indicações de destino do movimento surgem conjugados no Pretérito Perfeito (ou no Pretérito Mais-que-perfeito, do qual falaremos mais adiante), e nenhum no Pretérito Imperfeito. Os dois exemplos que se seguem ilustram este tipo de ocorrências:

- (588) Nella sagte:» Wir können es nicht«, und er **ging** in sein Zimmer zurück (hoh612)  
– Não podemos – disse Nella. § Ele **voltou** para o quarto
- (589) Ich **ging** mit ihm hinaus. (UmiTM165)  
**Saí** com ele.

Pelo contrário, no caso dos verbos que não contêm uma indicação sobre destino do movimento, as ocorrências com leitura episódica dividem-se de forma equilibrada por Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito. Observemos, em primeiro lugar, este último caso:

- (590) § Was der Lehrer sagte, war wie das, was der Kaplan sagte: es perlte fremd und spielerisch an die Eisdecke heran, auf der er **einherging**, aber es drang nicht bis zu ihm durch. (hoh251)  
§ As palavras do professor eram tão inúteis como as do capelão: tombavam como pérolas estranhas e caprichosas sobre a camada de gelo em que ele **caminhava**, mas não penetravam nele.

<sup>229</sup> *ausgehen* (*sair*), *hinausgehen* (*sair*), *hinübergehen* (*passar para o outro lado*), *weggehen* (*ir-se embora*), *zugehen* (*auf*) (*dirigir-se para*) e *zurückgehen* (*regressar*)

<sup>230</sup> *dahingehen* (*caminhar*), *einhergehen* (*caminhar lentamente*), *herumgehen* (*vaguear*), *umhergehen* (*vaguear*), *mitgehen* (*acompanhar*).



- (591) Der Mond war aufgegangen und beleuchtete die gewölbte freie Mitte der Hochfläche, den von niedrigem Gras überwachsenen Weg, den Gefesselten, der mit schnellen, gemessenen Schritten auf ihm **dahinging** (G58)  
 A Lua erguera-se e iluminava o centro abaulado e descoberto do planalto, o caminho recoberto de ervas rasteiras, o amarrado que por ele **seguia** com passos rápidos, calculados

Trata-se, claramente, de actividades, sem fronteiras intrínsecas ou extrínsecas, que se adaptam, portanto, perfeitamente à forma como o Pretérito Imperfeito localiza as situações. Observemos agora os exemplos em que o tradutor optou pelo Pretérito Perfeito:

- (592) Er **ging** mit, ohne ein Wort zu sagen, zog sich aus, legte sich in Alberts Bett, sprach das Nachtgebet (hoh192)  
**Acompanhou-a** sem dizer palavra, despiu-se, deitou-se na cama de Albert, recitou a oração nocturna
- (593) § Nella weinte, und er stand doch aus dem Sessel auf und **ging** im Zimmer umher, ratlos und unruhig, obwohl er es schon so oft in Filmen gesehen hatte. (hoh523)  
 § Nella chorava, e ele levantou-se do cadeirão e pôs-se a **passear** de lado para lado, sem descanso, inquieto, embora já o tivesse visto fazer tanta vez nos filmes.

Na primeira frase, o verbo do texto original pode ser traduzido ou por um verbo de evento, *foi com ela*, ou pelo verbo de actividade usado na versão portuguesa aqui apresentada. Em qualquer dos casos, a situação referida é delimitada, ou por se tratar da fase inicial do movimento, ou porque esse movimento cessa no momento em que as personagens chegam ao quarto, um final que é implicado pelos eventos referidos em seguida. É essa delimitação da situação que condiciona a selecção da forma de Pretérito Perfeito no texto traduzido. Quanto à frase (593), o verbo *umhergehen* é, sem dúvida, um verbo de actividade, mas, neste contexto específico, a situação referida é o período inicial dessa actividade, o que se reflecte na utilização que o tradutor faz do operador aspectual *pôr-se a*. Sendo referida a fronteira inicial da actividade, torna-se clara a razão para o uso do Pretérito Perfeito e não do Pretérito Imperfeito na tradução (cf. também o comentário à tradução de *gehen* em (587), acima, e a secção 4.2.2.4, dedicada aos verbos de actividade).

A análise das ocorrências de *gehen* e de verbos formados a partir deste ilustrou a forma como a 'aktionsart' do predicado do texto original condiciona a escolha do tempo verbal da tradução, uma vez que as ocorrências eventivas destes verbos, desde que em leitura episódica, correspondem sempre a formas de Pretérito Perfeito, enquanto, nos casos em que temos predicados de actividade, a forma escolhida para a tradução é predominantemente o Pretérito Imperfeito (ocorrendo também, por vezes, o Pretérito

Perfeito, nomeadamente quando há referência à fronteira inicial da actividade). As frases citadas constituem exemplos concretos da preferência pelo Pretérito Perfeito na tradução de verbos de evento no Präteritum em leitura episódica, uma tendência que se verifica em 68,81% dos casos analisados no corpus, como foi assinalado no quadro (572), acima. Para além desta correspondência de tradução preferencial, há uma outra que ocorre com frequência no corpus, mas que está associada a modificações no que diz respeito às características da situação referida. Trata-se da tradução de verbos de evento no Präteritum por formas de Pretérito Imperfeito, que será analisada na secção seguinte.

#### 4.2.2.1.2 Tradução por formas de Pretérito Imperfeito

Os verbos de evento no Präteritum traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito podem ser agrupados em diversos tipos, que apresentam, no entanto, uma característica em comum: a situação referida não é um evento único com o seu limite intrínseco.<sup>231</sup>

Começamos por examinar casos como os seguintes:

- (594) und als er den Kopf hob, sah er, daß die Wirtin eingeschlafen war, im Radio **sang** leise eine Frau ein südamerikanisches Lied. (hoh421)  
e, quando ergueu a cabeça, viu que a dona do bar tinha adormecido. No aparelho de rádio uma voz feminina **cantava** baixinho uma canção sul-americana.
- (595) Er ging zu Nella, die sich in der Küche die Zähne **putzte**. (hoh574)  
(...) mas voltou a ir ter com Nella, que **lavava** os dentes na cozinha.

Em ambos os exemplos, o que é relevante em termos de localização temporal é apenas a parte intermédia do evento, e não as suas fronteiras, como se de actividades se tratasse. Daí que a forma de Pretérito Imperfeito seja aquela que melhor corresponde a esta interpretação específica de predicados de evento no Präteritum, a qual, como se verificará na secção 4.3, não é directamente condicionada pelas características da forma verbal em si, mas antes pela sua envolvência discursiva. Em alguns casos, é introduzido na versão

<sup>231</sup> Esta caracterização exclui apenas casos (raros) como o que se segue, onde há um evento único com o seu limite intrínseco, mas este não se sobrepõe ao ponto de perspectiva passado associado ao Präteritum e ao Pretérito Imperfeito, sendo antes localizado num intervalo posterior a ele:

(a) Der Herbst **kam**, lange konnte er nicht mehr mit den Kleidern in den Fluß springen. (G174)

**Vinha** aí o Outono, não seria já por muito tempo que ele poderia saltar vestido para o rio.

Quanto a este exemplo, registre-se apenas que ele testemunha a associação do Präteritum a um centro dêictico secundário, e a possibilidade de localização da situação num intervalo posterior a esse centro, tal como ela é descrita por Thieroff (1992, cf. secção 3.2.2.3), em paralelo com a capacidade que o Präsens tem de localizar situações num intervalo posterior à enunciação. A tradução mostra uma possibilidade de se obter a mesma interpretação usando o Pretérito Imperfeito, nomeadamente com a expressão *vir aí*, já que o verbo *vir* sem outro apoio adverbial não teria, normalmente, essa leitura; outra possibilidade de obter essa interpretação seria o emprego de perífrases verbais (por ex. *estava a / para chegar*).

portuguesa um operador aspectual, que permite tornar inequívoca esta interpretação de evento em curso:

- (596) Mahler **sagte** leise etwas zu dem Fremden, und der antwortete, grade vor sich hinblickend, laut. (UmiTS330)  
 Mahler **estava a dizer** qualquer coisa em voz baixa ao desconhecido, e este respondeu alto, olhando a direito, em frente.

Registe-se que esta utilização de operadores aspectuais explícitos para sinalizar eventos em curso é muito rara nos dados do corpus, embora, teoricamente, e ignorando critérios estilísticos, esses operadores possam ser sempre utilizados para marcar esta interpretação dos verbos de evento: isso poderia acontecer, por exemplo, em (594) e (595), acima.

Um outro tipo de exemplos em que verbos de evento no Präteritum são traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito é ilustrado pelas seguintes frases:

- (597) (...) dunkle Kapelle, wo rechts hinter der Kommunionbank ein großes schwarz lackiertes Gitter – über das auf der Rückseite ein ganz blauer Vorhang **fiel** – die Kirche **abspernte**, und wo hinter dieser doppelten (...) (hoh74,1)  
 (...) capela sombria onde, à direita, por detrás da mesa da comunhão, um grande gradeamento coberto de laca preta – nas costas do qual **pendia** uma cortina muito azul – **isolava** a igreja e onde, por detrás (...)
- (598) Noch grüner wurde das Licht, schwärzer wurde Bolda, und ihr Haar noch schwärzer als sie selbst: dicke tintige Finsternis ihr Haar, auf das nur ein Tupfer, ein winziger Hauch des grünen Lichts **fiel** (hoh107,1)  
 A luz tornou-se ainda mais verde, Bolda ainda mais escura, o cabelo dela ainda mais negro do que ela própria: o seu cabelo era uma mancha espessa cor de tinta sobre a qual **tombava** um só laivo, um ligeiro traço, de luz verde:
- (599) Seine Beine waren bis zu den Schenkeln hinauf gebunden, die gleiche Schnur **schlang** sich um seine Knöchel, lief mehrfach überkreuzt aufwärts, **umwand** seine Hüften, seine Brust und seine Arme. (G6)  
 Tinha as pernas atadas até às coxas, uma e a mesma corda **enroscava-se-lhe** em volta dos tornozelos, trepava sobrecruzando-se múltiplas vezes, **envolvia-lhe** os quadris, o peito e os braços.

As diferenças relativamente aos exemplos de eventos em curso que tínhamos em (594) a (596), acima, tornam-se nítidas, sobretudo se tentarmos introduzir nas versões portuguesas destas frases um operador do tipo *estar a*, o que é aqui claramente impossível. E isto porque as situações referidas nestas frases não são eventos, com ou sem fronteiras de algum tipo, mas sim estados que os verbos em causa podem também designar, e que são, nestes contextos, as únicas interpretações admissíveis. Quanto aos verbos usados na versão portuguesa, temos verbos de evento que podem igualmente ser interpretados como

estativos (como *isolar*, *tombar* e *dizer* nos exemplos anteriores), mas encontramos também verbos estativos, como *pendia* em (597), *acima*, ou *tinha escrito* em (600), abaixo.<sup>232</sup>

- (600) § Auch die Wände des Torweges waren voller Firmentafeln und nicht minder der Treppenaufgang, über dem ein altes Schild die Aufschrift »I. Stiege« auf schwarzem Grunde **zeigte**. (LE10)  
 § Também as paredes do portal estavam cheias de tabuletas, tal como a escada, por cima da qual um velho letreiro **tinha** escrito sobre fundo negro «Escada I».

Examinemos, por fim, os verbos de evento com leitura de repetição, que, constituem a maioria das ocorrências de verbos de evento no Präteritum traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito no corpus: de acordo com os dados apresentados no quadro (570) da secção 4.2.1.1, *acima*, referentes aos verbos de evento mais frequentes no texto original, há um total de 219 traduções por Pretérito Imperfeito (48,67% do total de 450 formas de Präteritum), número que desce para 81 (26,05% de um total de 311) se excluirmos as leituras de repetição (cf. o quadro (572), *acima*<sup>233</sup>). Trata-se de casos como os seguintes:

- (601) Mit diesem Vater **ging** er spazieren in den Zoo – er **fuhr** lange Strecken mit ihm über die Autobahn, **zündete** ihm die Zigaretten, die Pfeife an, half ihm das Auto waschen und nachgucken, wenn etwas kaputt war (...) (hoh195)  
 Com este pai **ia** passear ao Jardim Zoológico, **dava** longos passeios com ele na auto-estrada, **acendia**-lhe os cigarros, o cachimbo, ajudava-o a lavar o carro e a descobrir qualquer peça avariada (...)
- (602) Außerdem reinigte sie die Notkirche draußen im Park und die Kapelle der Nonnen, zu denen auch Onkel Albert oft **ging**: (...) (hoh74)  
 Também se encarregava da limpeza da Notkirche, lá fora no parque, e da capela das freiras, que o tio Albert **frequentava**: (...)
- (603) Er malte ihr mit Buntstiften, die er immer bei sich trug, das Muster auf weißes Einwickelpapier, in das sie den Matrosen kalte Koteletts und Bouletten **verpackte**. (hoh391)  
 Ele próprio pintou, com lápis de cor que trazia sempre consigo, o padrão no papel branco em que ela **costumava embrulhar** costeletas frias e almôndegas para os marujos.

Tal como nos exemplos anteriores, a situação referida não é um evento único com o seu limite intrínseco, mas temos aqui uma nova situação constituída pela recorrência do evento respectivo, situação essa que assume, em grande parte dos casos, o carácter de um estado habitual. Assim, a versão portuguesa contém, geralmente, um verbo de evento

<sup>232</sup> Veja-se também, na secção 4.2.2.2, abaixo, o uso de verbos de evento em acepção estativa para traduzir verbos de posição alemães.

<sup>233</sup> Recorde-se que os quadros referidos excluem as formas de *sagen* (*dizer*), o verbo de evento mais frequente no corpus, cujos dados são apresentados à parte, na nota 221. Mas também no caso deste verbo a maioria das traduções para Pretérito Imperfeito (40 de um total de 59) corresponde a leituras de repetição.

correspondente ao do texto original que recebe igualmente uma leitura de repetição (cf. (601), acima), mas pode também recorrer a um verbo que denote, ele próprio, um estado de indivíduo (cf. (602), acima), ou ainda a um operador aspectual que sinalize a habitualidade (cf. (603), acima). Nestes últimos exemplos, a opção do tradutor evita uma eventual ambiguidade entre a leitura habitual e a leitura de evento em curso. Mas a verdade é que a própria forma verbal alemã está longe de ser inequívoca, uma vez que, para além de permitir que os predicados de evento recebam leituras de evento em curso e de repetição, o Präteritum é também a forma usada para as interpretações episódicas em que o evento é localizado com as suas fronteiras, às quais correspondem, em português, formas de Pretérito Perfeito. Sobre a ambiguidade da forma verbal alemã e os problemas de interpretação e tradução que lhe estão associados, vejam-se outras observações no capítulo 5.

#### **4.2.2.2 Verbos de estado: o caso dos verbos de posição**

##### **4.2.2.2.1 O predomínio do Pretérito Imperfeito na tradução**

Como se verificou na secção 4.2.1.2, acima, os verbos de estado que, no texto original, se encontram no Präteritum são predominantemente traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito (em 85,89% das ocorrências dos verbos de estado mais frequentes, segundo os dados do quadro (574), acima). Essa tendência explica-se pelo facto de, na ausência de indicadores contextuais em contrário, os estados não apresentarem fronteiras, uma circunstância que não é alterada pelo Präteritum e com a qual o Pretérito Imperfeito é a forma verbal portuguesa que melhor se harmoniza, pois, no uso que ocorre no corpus (cf. secção 4.2.1.1, acima), ele localiza as situações sem quaisquer limites, intrínsecos ou extrínsecos.

O predomínio do Pretérito Imperfeito na tradução de verbos estativos é visível, por exemplo, no que diz respeito aos verbos de posição alemães mais frequentes no corpus, conforme se pode verificar no quadro seguinte:

(604) – Quadro: Tempos verbais analisados empregues na tradução da forma de Präteritum dos verbos de posição mais frequentes

	Präteritum Imperfeito		Präteritum Perfeito		Präteritum Mais-que-perfeito		Total
<i>stehen</i> <sup>234</sup>	38	82,61%	5	10,87%	3	6,52%	46
<i>liegen</i>	46	90,20%	5	9,80%	0	0,00%	51
<i>sitzen</i>	17	89,47%	2	10,53%	0	0,00%	19

Seguem-se alguns exemplos retirados do corpus que ilustram o predomínio do recurso ao Präteritum Imperfeito e ainda as diversas possibilidades de traduzir os verbos de posição alemães. Esta tradução pode apresentar alguns problemas, já que estes verbos são mais específicos do que os verbos estativos habitualmente usados em português em contextos semelhantes (como *estar* ou *encontrar-se* nos exemplos abaixo), o que faz com que, muitas vezes, se perca informação de posição na versão portuguesa, como é o caso, não do primeiro, mas do segundo exemplo que apresento em seguida.<sup>235</sup>

- (605) er **saß** unter einem großen Baum (hoh208)  
**estava** sentado debaixo de uma grande árvore
- (606) § Er **stand** im Innern des Käfigs, während er die Fessel wie die Reste einer Schlangenhaut von sich riß. (G275)  
 § **Encontrava-se** no interior da jaula e ia-se despojando da amarra como dos restos de uma pele de cobra.

No que toca à descrição de objectos, é quase impossível reproduzir na tradução a informação específica de posição contida no texto original. As versões portuguesas recorrem muitas vezes, não só aos verbos gerais de posição (*estar*, *ficar (situado)*), mas também a verbos de existência (*haver*) ou de percepção (*ver-se*), e ainda a outros meios, como se verifica nos exemplos seguintes:

- (607) § Als ich das Paket öffnete, **lag** sein Begleitbrief oben auf: (ur124)  
 § Quando abri o embrulho, a carta dele **estava** por cima de tudo:
- (608) § Die Wohnung im dritten Stock **lag** am Ende der Gasse (ur341)  
 § A casa do terceiro andar **ficava** ao fundo da rua
- (609) Gläser **standen herum**, Tassen und Teller mit Butterbrotresten, angeknabbertes Gebäck auf Glasschalen, leere Zigaretenschachteln, und nicht einmal die

<sup>234</sup> *stehen* (*estar de pé*), *liegen* (*estar deitado*), *sitzen* (*estar sentado*)

<sup>235</sup> De acordo com os dados do corpus, preserva-se muitas vezes a informação de posição nas ocorrências de *sitzen*, traduzido, em geral, por *estar sentado*, assim como nas ocorrências de *liegen*, que é, por vezes, traduzido por *jazer* (cf. o exemplo abaixo), sendo, no entanto, muito comum a perda dessa informação de posição nas ocorrências de *stehen*.

(a) Unweit vom Eingang des Kellers **lag** er. (UmiTM436)  
 Ele **jazia** no chão, não muito longe da entrada do Keller.

Aschenbecher waren geleert, Flaschen **standen** auf dem Tisch, und die Korken **lagen** herum. (hoh436)

**Havia** copos por toda a parte, chávenas e pratos com restos de pão com manteiga, bolos trincados em tigelas de vidro, maços vazios de cigarros; os cinzeiros continuavam por esvaziar, **viam-se** garrafas em cima da mesa e rolhas espalhadas por onde calhava.<sup>236</sup>

Note-se que o verbo da última oração coordenada (*lagen*) não é traduzido por um verbo próprio, mas antes elidido na versão portuguesa, sendo este um recurso relativamente frequente quando se trata de traduzir verbos de posição (cf. também o exemplo (614), abaixo).<sup>237</sup>

Outros meios empregues na tradução de verbos de posição passam por verbos como *erguer-se*, *estender-se* e *erichar-se*, tal como são usados nas frases que se seguem:

- (610) da **stand** zwischen den modernen Warenhäusern der lärmenden Geschäftsstraße ein schmales Haus, das aus der Mitte des achtzehnten Jahrhunderts stammen mochte. (LE2)  
entre os modernos armazéns da ruidosa rua comercial, **erguia-se** uma casa estreita que dataria talvez de meados do século dezoito.
- (611) still wie der neue Hof nun war, an dessen Rande er stand und der durchsonnt und warm vor ihm **lag**. (LE21)  
como em silêncio estava agora o pátio em cuja borda se encontrava e que se **estendia** perante si ensoalheirado e quente.
- (612) und das sehr dunkle Haar **stand** hart und dicht vor einem hellen Himmel (hoh180)  
e o cabelo muito escuro **erichava-se** duro e espesso num céu luminoso

Embora sejam mais comuns como verbos de evento, os verbos portugueses empregues nestes exemplos têm ou adquirem nestes contextos acepções estativas que possibilitam o seu emprego para traduzir verbos posicionais alemães<sup>238</sup>, e, graças à dimensão direccional

<sup>236</sup> Neste último exemplo encontramos um verbo de posição (*stehen*) e dois verbos compostos a partir destes com o advérbio *herum* (*à volta*), nomeadamente *herumstehen* e *herumliegen*. Ao significado destes advérbios correspondem, na versão portuguesa apresentada, *por toda a parte* e *espalhadas por onde calhava*, respectivamente.

<sup>237</sup> Os casos em que não há uma correspondência de tradução entre duas formas verbais próprias foram excluídos dos dados estatísticos que servem de base à análise do corpus paralelo neste trabalho. No entanto, uma pesquisa mais alargada da informação disponível sobre o corpus permitiu-me verificar que a tradução por outros recursos que não um lexema verbal próprio é bastante mais frequente nos verbos de posição (cerca de 20% das ocorrências de *stehen*, *liegen* e *sitzen*) do que na média do corpus paralelo (cerca de 8%). Trata-se de um tópico que me parece ter interesse para os estudos de tradução e sobre o qual haveria mais informação a extrair do corpus criado para este trabalho, mas tal tarefa ficará reservada para investigação futura.

<sup>238</sup> Vejam-se também, na secção 4.2.2.1.2, acima, exemplos de usos estativos de verbos de evento alemães, que podem ser traduzidos por verbos de evento portugueses em acepção idêntica, ou então por verbos de estado. Assim, encontramos, no corpus paralelo, tanto verbos de evento com uso estativo traduzidos por verbos de estado (cf. (a), abaixo)), como o inverso (cf. (b)):

- (a) ein ganz blauer Vorhang **fiel** (hoh74,1)  
**pendia** uma cortina muito azul
- (b) Ihre Haare **hingen** in einem losen Zopf über den Rücken und waren blond. (LE72)

do seu significado, permitem fazê-lo sem a perda de informação que muitas vezes resulta do emprego dos verbos de posição gerais, os mais usados em português.

Até este ponto foquei apenas verbos com leitura episódica. Falta ainda abordar a questão das leituras de repetição, que, ao invés do que sucede no caso dos verbos de evento, estão englobadas na tendência dominante de tradução de verbos de estado por Pretérito Imperfeito, mas, dentro desta tendência, assumem características específicas. Observemos alguns exemplos:

- (613) An den Tischen **saßen** meistens ein paar knobelnde Matrosen von den Rheinschiffen, aus dem Radio kamen leise fremde Stimmen, und die kleine dunkelhaarige Wirtin **saß** strickend neben dem Ofen. (hoh387)  
Em torno das mesas **viam-se** quase sempre alguns marujos dos barcos do Reno a jogar aos dados; do aparelho de rádio saíam vozes estranhas, discretas, e a franzina dona do bar **estava** sentada a fazer tricot junto do fogão.
- (614) auf einem Frühstücksbrett **lagen** seine Butterbrote, und auf dem Gaskocher **stand** der Kaffee in einer Aluminiumkasserolle. (hoh625)  
Sobre uma bandeja **estava** o seu pão com manteiga, e no bico de gás o café, numa caçarola de alumínio.

Em ambas as frases encontramos recursos de tradução que já tínhamos assinalado anteriormente nos exemplos de leitura episódica: o verbo de posição geral *estar* (que, numa das ocorrências, é especificado pelo participio *sentado*) bem como o verbo de percepção *ver*, e ainda, em (614), a elipse do verbo na segunda oração coordenada. No primeiro exemplo apresentado ((613), acima), a leitura de repetição é assinalada por um advérbio de frequência *meistens / quase sempre* na primeira das frases coordenadas, sendo que, sem esse advérbio, toda a frase teria uma leitura episódica. Já na segunda frase ((614), acima) não está presente qualquer marca que obrigue a uma leitura de repetição; ela é determinada pelo contexto narrativo mais alargado, em que se fala de hábitos da infância da personagem.

Nos dois exemplos que apresento em seguida, essa ambivalência das formas verbais (sem outros indicadores contextuais) entre leitura episódica e leitura de repetição existe no texto original, mas não na versão portuguesa:

- (615) Er **saß** jeden Abend mit anderen Leuten an einem anderen Tisch in der Stadt, mit den Theaterdirektoren und den Schauspielern, mit Geschäftsleuten und Ministerialräten. (UmiTM116)  
Todas as noites se **sentava** com pessoas diferentes a mesas diferentes da cidade, com os directores teatrais e os actores, com homens de negócio e conselheiros ministeriais.



(616) Dann floh er zu Nella in die Küche, nahm Vasen aus den Schiebeschränken, füllte sie mit Wasser und stellte die Blumen hinein, und später **stand** er neben Nella, (hoh447)

Depois ia ter com Nella à cozinha, tirava jarras do armário, enchia-as de água e punha as flores dentro delas. Feito isto, **postava-se** ao lado de Nella,

O que distingue estes exemplos dos anteriores é o facto de, na tradução dos verbos de posição assinalados, se empregarem, em lugar de verbos de estado, verbos que referem o evento com que se inicia o estado. Não se trata aqui de verbos de evento que recebem uma interpretação estativa, como nos exemplos (610) a (612), acima, mas as situações referidas são de facto eventos. Daí que, de acordo com o que foi observado na secção anterior, estes verbos, quando conjugados no Pretérito Imperfeito, recebam com facilidade uma leitura de repetição, mesmo na ausência dos outros indicadores desta leitura presentes no texto (em (615) a expressão adverbial *jeden Abend / todas as noites* e em (616) os verbos eventivos antecedentes), ao contrário do que acontece com os verbos estativos do texto original, cuja interpretação depende desses indicadores.

O recurso a verbos de evento para traduzir verbos de posição no Präteritum em leitura de repetição é muito frequente no corpus, como se pode verificar comparando a parte superior do quadro seguinte, onde estão agrupados os verbos estativos e de percepção registados – num total de 11 ocorrências –, com a parte inferior do mesmo quadro, onde se encontram os verbos de evento que ocorrem nestes contextos, perfazendo um total de 20 ocorrências:

(617) – Quadro: Traduções de verbos de posição no Präteritum em leitura de repetição

	<i>stehen</i> <sup>239</sup>	<i>liegen</i>	<i>sitzen</i>	Total	
<i>estar</i>	3	2	2	7	11
<i>encontrar-se</i>		1		1	
<i>apresentar-se</i>	1			1	
<i>jazer</i>		1		1	
<i>ver-se</i>			1	1	
<i>ficar</i>	1	7		8	20
<i>aparecer</i>	2			2	
<i>adormecer</i>		1		1	
<i>deitar-se</i>		1		1	
<i>pôr-se de pé</i>	1			1	
<i>postar-se</i>	1			1	
<i>sentar-se</i>			5	5	
<i>suceder</i>	1			1	
Total	10	13	8	31	

<sup>239</sup> *stehen* (estar de pé), *liegen* (estar deitado), *sitzen* (estar sentado)

O verbo *ficar* foi colocado na parte inferior do quadro, onde é, aliás, o verbo mais frequente, uma vez que não se trata aqui do mesmo significado estativo deste verbo que encontramos em (608), acima: tal exemplo constitui, aliás, uma das raras ocorrências deste verbo no corpus com esse significado de *ficar situado*, de localização de algo imóvel.<sup>240</sup>

Observemos alguns exemplos do emprego de *ficar* em leitura de repetição

- (618) Den Tag über trieb er sich unter dem dünngehämmerten Silber des herbstlichen Himmels auf den umliegenden Höhenzügen herum und **lag**, sooft er konnte, wo die Sonne am längsten hinschien. (G191)  
 Durante o dia ele vagueava, sob a prata finamente martelada do céu outonoal, pelas cumeadas das redondezas e, sempre que podia, **ficava** deitado onde o sol acertasse por mais tempo.
- (619) Das Wort **stand** manchmal einen ganzen Tag lang da an der Wand (hoh317)  
 Muitas vezes, aquela palavra **ficava** um dia inteiro ali escrita na parede,<sup>241</sup>

Tanto numa como noutra frase, encontramos expressões adverbiais de tempo que explicitam a frequência da situação (*sooft er konnte / sempre que podia, manchmal / muitas vezes*), mas a verdade é que, mesmo sem elas e eliminando o restante contexto, a forma *ficava* da versão portuguesa (que não os verbos de posição do texto alemão) não seria passível de uma leitura episódica. Para poder ter essa leitura, seria necessário que o verbo referisse um estado sem fronteiras, como os restantes verbos de estado analisados na parte inicial desta secção, mas isso não acontece, até porque o estado em causa pode ser explicitamente delimitado por uma expressão adverbial como *um dia inteiro*, presente na frase (619). A questão da natureza da situação referida pelo verbo *ficar* nesta acepção será retomada já no início da próxima secção.

#### 4.2.2.2 Tradução por formas de Pretérito Perfeito

Todos os exemplos analisados na secção anterior são de correspondência entre verbos de posição no Präteritum e formas de Pretérito Imperfeito, o tempo verbal predominante na tradução de estados. Passamos agora a examinar alguns exemplos das traduções dos mesmos verbos por formas de Pretérito Perfeito, que representam, de acordo com os dados do quadro (604), acima, 9 a 10% do total de formas de Präteritum. O

<sup>240</sup> Carvalho (1983, p. 178s) afirma que *ficar* tem uma função de localização pura na ausência da possibilidade de movimento da entidade localizada, e dá exemplos como *A minha casa fica na rua de Santa Teresa*, por oposição a exemplos em que se localiza um objecto apenas temporariamente imóvel, como *Aqui fica o jornal*.

<sup>241</sup> Trata-se de uma situação em que um morador do prédio escreve regularmente na parede do mesmo uma palavra que um outro morador apaga logo que a vê.

objectivo desta secção será verificarmos quais são as características das situações referidas e que tipo de verbo surge nas respectivas versões portuguesas.

O verbo mais frequente na tradução (usado em 5 dos 12 casos registados no quadro (604), acima) é precisamente *ficar*, o mesmo que acabámos de observar nas traduções de verbos de posição em leitura de repetição:

- (620) § Schon nach den ersten Schritten fiel er. Er **lag** quer über dem Weg und sah den Staub hochfliegen. (G46 e 47)  
 § Logo após os primeiros passos, caiu. **Ficou** atravessado no caminho e viu a poeira levantar-se.
- (621) Er beachtete das Geld aber nicht. Er **stand** da, beglückt den Block auf den linken abgewinkelten Unterarm gestützt, mit zurückgeworfenem Kopf. (Umi TM 45e46)  
 Ele, porém, não deu atenção ao dinheiro. Ali **ficou**, feliz, o bloco apoiado no antebraço esquerdo dobrado em ângulo, a cabeça atirada para trás.

Julgo que estes exemplos, melhor do que os de leitura de repetição reproduzidos no final da secção anterior, tornam visível que o tipo de situação referido pelo verbo *ficar*, nesta acepção, é a fronteira inicial de um estado. É precisamente esta interpretação incoativa que os verbos estativos do texto original recebem, e, assim sendo, a forma verbal portuguesa mais adequada para reproduzir essa situação, que é uma fronteira de estado, é precisamente o Pretérito Perfeito. A particularidade desse estado reside no facto de ele poder ser idêntico a um estado imediatamente anterior (cf. (621), acima, onde o significado de *ficar* é semelhante ao de *continuar*), ou não o ser (cf. (620), acima, onde há claramente uma mudança de estado causada pela queda).<sup>242</sup>

O exemplo (622), abaixo, mostra ainda que, pelo menos em alguns casos, há a possibilidade de se indicar explicitamente na frase a duração do estado<sup>243</sup>, o que aqui é feito através da expressão adverbial *por muito tempo*:

- (622) Dann **lag** er wieder lange Zeit still und ließ Sonne und Mücken gewähren. (G21)

<sup>242</sup> Em Santos (1996: pp. 156s), onde se considera que *ficar* introduz um estado consequente, é assinalada essa dupla possibilidade de continuação ou mudança na relação entre o estado consequente e o estado anterior. Também Carvalho (1983) refere os valores de continuidade ou ausência de mudança em paralelo com o significado ingressivo, isto para além da acepção de localização permanente mencionado na nota 240.

<sup>243</sup> Cunha (2004: p. 136) afirma que o comportamento de *ficar* oscila entre o dos eventos e o dos estados, considerando que o facto de ser possível explicitar a duração do estado pode indicar que não se trata apenas de um evento, mas antes de uma situação cuja estrutura inclui também o estado consequente da mudança. Para os efeitos do presente trabalho, julgo que as características que *ficar*, nesta acepção, tem em comum com os eventos, e nomeadamente impossibilidade de uma leitura episódica de simultaneidade ao 'ponto de perspectiva temporal' no Presente (por exemplo em *A Ana fica aqui* ou *A Ana fica sentada*, que têm apenas uma leitura futura ou de repetição), são suficientes para considerarmos que estamos perante um verbo de tipo eventivo, tanto mais que há outros 'achievements' cujo estado consequente pode ser explicitamente delimitado (por ex. *Apagou a televisão por alguns minutos*).

Depois **ficou** novamente estendido, imóvel, por muito tempo, e abandonou-se à mercê do sol e dos mosquitos.

Note-se que neste exemplo seria possível usar a forma *estive* na tradução: este verbo de estado no Pretérito Perfeito refere um estado delimitado, e são precisamente as fronteiras do estado que são indicadas pela expressão adverbial de duração. Já em (621) e (620), acima, tal opção de tradução não seria viável: por um lado, porque o verbo *estar* não parece ser capaz de estabelecer a relação causal entre as situações que faz parte da interpretação do texto original<sup>244</sup>, e, por outro lado, porque ele localiza ambas as fronteiras do estado, algo que não acontece na versão alemã, que pode perfeitamente ser prosseguida com uma indicação de que o sujeito se encontra ainda na mesma posição.

Para reproduzir a interpretação incoativa dos verbos de posição alemães encontramos, na versão portuguesa, para além do verbo *ficar*, também verbos que denotam eventos correspondentes ao início de um estado, como *sentar-se*, no exemplo seguinte:

- (623) Schließlich fanden sie eine gußeiserne Bank, der es gelungen war, mit dem Efeu zu überdauern. Von Taxusgebüsch abgeschirmt, **saßen** sie. (ur269 e 270)  
Acabaram por dar com um banco de ferro fundido que conseguira sobreviver à hera. Lá se **sentaram** protegidos pela ramagem da sebe de teixo.

Só muito raramente verbos estativos portugueses se mostram passíveis de receber a leitura incoativa que caracteriza os verbos de posição alemães neste tipo de exemplos, e um desses casos pouco frequentes é o de *encontrar-se*<sup>245</sup>, em (624):

- (624) er [...] machte einen großen Schritt, um die knarrende Stelle im Parkettboden zu meiden, und **stand** endlich auf dem dicken rostfarbenen Läufer (hoh30)  
dando uma longa pernada para evitar as pranchas que rangiam, **encontrou-se** por fim sobre a espessa passadeira cor de ferrugem;

De acordo com os dados que pudemos observar nesta secção, as traduções de verbos de posição no Präteritum por formas de Pretérito Perfeito correspondem a interpretações incoativas dos verbos do texto original. Tornou-se patente uma diferença entre as duas línguas em estudo, nomeadamente o facto de, em alemão, ser apenas necessária uma envolvência contextual adequada para levar à interpretação incoativa de verbos de posição no Präteritum, ao passo que, em português, essa interpretação requer o emprego de meios específicos, quer no que toca ao tempo verbal, com o uso do Pretérito

<sup>244</sup> Como observaremos na secção 4.3, as duas orações estão ligadas por uma relação discursiva de Resultado.

<sup>245</sup> Tanto para *encontrar-se* como para *achar-se*, poderá argumentar-se que a possibilidade de uma interpretação incoativa está relacionada com o facto de, paralelamente ao significado estativo destes verbos de posição, existir também o significado eventivo dos verbos *encontrar* e *achar*.

Perfeito, quer ainda, em grande parte dos casos, no que toca à 'aktionsart', com o recurso ao verbo *ficar* ou a um verbo de evento que corresponda ao início do estado em causa.

#### 4.2.2.3 Verbos de estado: o caso do verbo *sein*

##### 4.2.2.3.1 O predomínio do Pretérito Imperfeito na tradução

A tradução das formas de *sein* no Präteritum apresenta um padrão de distribuição pelas formas portuguesas analisadas neste trabalho que é bastante semelhante ao que foi descrito para os verbos de posição (cf. o quadro (604), acima) e ao dos verbos de estado em geral (cf. o quadro (574), acima), com um predomínio evidente da tradução por Pretérito Imperfeito:

(625) – Quadro: Tempos verbais analisados empregues na tradução *sein* no Präteritum

	Pretérito Imperfeito		Pretérito Perfeito		Pretérito Mais-que-perfeito		Total
<i>sein</i>	455	85,85%	44	8,11%	30	5,66%	530

Tal como já foi referido a propósito dos verbos de posição, essa preponderância do Pretérito Imperfeito na tradução deve-se ao facto de o Präteritum não alterar as características dos estados, que, salvo indicação contextual em contrário, não apresentam qualquer delimitação, sendo, portanto, adequadamente localizados por esta forma verbal portuguesa.

Quanto aos verbos usados na tradução de *sein*, eles variam consoante os elementos que se encontram ligados ao verbo copulativo e, sobretudo, de acordo com a natureza do estado em causa, nomeadamente, na terminologia de Carlson (1980, 1979), no que diz respeito à diferença entre predicado de indivíduo e predicado de estádio (cf. 3.1.8.1).<sup>246</sup> No corpus que serve de base a este trabalho, um pouco mais de metade das ocorrências de *sein* no Präteritum (237 de 455) é traduzida com recurso ao verbo *ser* e cerca de um quarto dessas ocorrências (118 de 455) com recurso ao verbo *estar*, tratando-se, no primeiro caso,

<sup>246</sup> No que diz respeito à relação entre o tipo de elemento predicativo associado ao verbo copulativo e a natureza do estado, Carlson (1979: p. 57) afirma que os substantivos formam predicados de indivíduo, enquanto os sintagmas proposicionais e os adjetivos tendem a formar predicados de estádio, mas podem ocorrer também em predicados de indivíduo. Os dados do corpus confirmam esta observação no que diz respeito às ocorrências de *sein* com substantivos, onde esse verbo é sempre traduzido por *ser*. Mas, na verdade, também existe em português a possibilidade de se combinar *estar* com um nome predicativo do sujeito, nomeadamente em casos como *O Pedro está um homem*, *Este quarto está um horror* / *uma confusão* / *uma maravilha*. Não poderei aprofundar mais esta questão no âmbito do presente trabalho, embora se trate de um tópico relevante, também a nível contrastivo.

de predicados de indivíduo e, no segundo caso, predicados de estádio, tal como acontece nos seguintes exemplos:

- (626) Er **war** ein sehr großer Mensch, Anfang dreißig, obwohl er älter wirkte im ersten Augenblick. Er **war** nicht schlecht gekleidet (...) (UmiTM320e321)  
**Era** um homem muito alto, de trinta e poucos anos, embora à primeira vista parecesse mais velho. Não **estava** mal vestido (...)
- (627) Nein, Herz fehlte, er **war** diese Woche in London, (UmiTM25)  
 Não, faltava o Herz, **estava** em Londres naquela semana

Entre os restantes verbos empregues na tradução do Präteritum de *sein*, os mais frequentes são *haver* (16 ocorrências) e *ter* (11 ocorrências), que surgem, por exemplo, nas frases seguintes:

- (628) Seine Beine **waren** bis zu den Schenkeln hinauf gebunden, (G6)  
**Tinha** as pernas atadas até às coxas,
- (629) Um diese Zeit **waren** wenig Leute auf der Straße (hoh433)  
 § Àquela hora **havia** pouca gente na rua

O verbo que se segue na lista dos mais frequentes é *ficar*. Este verbo distingue-se dos já mencionados por não ser estativo e por surgir no corpus apenas em contextos onde o verbo *sein* tem uma leitura de repetição, como os que apresento abaixo:

- (630) Aber dann sah ich, daß Friedl betrunken war, und ich wußte, daß er schwierig wurde, wenn er betrunken **war** (UmiTS153)  
 Mas depois vi que Friedl estava bêbado, e eu sabia que ele se tornava difícil quando **ficava** bêbado
- (631) Wenn Leo Spätschicht hatte, **war** dieser mittags für eine Stunde mit Wilma allein (hoh283)  
 § Quando Leo trabalhava no turno da tarde **ficava** ao meio-dia sozinho com Wilma durante uma hora

Este comportamento do verbo *ficar* segue o mesmo padrão que detectámos na secção 4.2.2.2.1, acima, para a tradução dos verbos de posição (cf. os exemplos (618) e (619) nessa secção), já que a situação referida é a fronteira inicial do estado e este pode ser delimitado, como acontece em (631), acima.

Quanto a outras traduções de *sein* em leitura de repetição, tal como acontece nos casos de leitura episódica que observámos acima, o verbo mais frequente é *ser*, seguido de *estar* (em frases como (632) e (633), abaixo), sendo *ficar* o terceiro verbo mais frequente.<sup>247</sup>

<sup>247</sup> Registe-se ainda que o verbo *ter* como tradução de *sein* no Präteritum não ocorre em leitura de repetição, mas apenas com leitura episódica, o que se deve, em parte, ao facto de muitos dos exemplos serem indicações de idade das personagens, e portanto situações que não se podem repetir, como na frase seguinte:

- (632) Dann **war** Mahler am grausamsten, wenn er nichts sagte oder die Krawatte nur etwas zurechtrückte (UmiTM105)  
Era quando o Mahler **era** mais implacável, quando não dizia nada ou se limitava a endireitar um pouco a gravata
- (633) Es war schön, allein durch die Nacht zu fahren, die Straßen **waren** leer, die Gärten lagen in tiefem Dunkel (hoh378)  
Era agradável conduzir de noite, sozinho; as ruas **estavam** vazias, os jardins encontravam-se mergulhados em trevas profundas

#### 4.2.2.3.2 Tradução por formas de Pretérito Perfeito

Enquanto as formas de Pretérito Imperfeito são usadas para traduzir *sein* quando este refere estados sem fronteiras, as formas de Pretérito Perfeito surgem na versão portuguesa quando as situações referidas são (interpretadas como) delimitadas<sup>248</sup> e totalmente localizadas no passado relativamente ao momento da enunciação. É essa interpretação de estado com fronteira inicial e final no passado que recebem formas de *estar* no Pretérito Perfeito como tradução de *sein*, de que é exemplo a frase seguinte, dita por uma personagem depois de voltar de uma visita à campá dos pais:

- (634) § » **War** bei Mama und Papa. (ur218)  
§ “ **Estive** com meus pais.

Registe-se, porém, que não há aqui, na frase original ou no seu contexto, nenhum elemento que imponha essa interpretação do estado como delimitado e totalmente passado em relação ao 'ponto de perspectiva temporal' presente que a forma de Pretérito Perfeito confere ao texto traduzido. Assim, não havendo imposições contextuais relativas à delimitação da situação ou ao 'ponto de perspectiva temporal' relevante, e sendo a forma verbal neutra a esse respeito, seria igualmente possível uma tradução por Pretérito Imperfeito, com a interpretação correspondente.

Como verificámos no caso dos verbos de posição, é muito comum que verbos estativos no Präteritum sejam interpretados como referentes não a situações com fronteiras inicial e final, mas a situações nas quais só o início está definido.<sup>249</sup> Havendo fronteiras de situação a localizar, a forma verbal empregue na versão portuguesa para traduzir o

- (a) §»...ich **war** keine zwanzig Jahre alt, da wußte ich es schon« (UmiTM349)  
§«... ainda não **tinha** vinte anos e já o sabia»

<sup>248</sup> Uso o termo 'delimitado' com o mesmo sentido em que outros autores empregam o termo "bounded" (cf. a secção 3.2.1.4, acima).

<sup>249</sup> Santos (1996: pp. 204ss) menciona esta mesma possibilidade de interpretação, com as respectivas consequências para a tradução portuguesa, relativamente ao verbo inglês *to be*, e também no que diz respeito a verbos de posição ingleses. O comportamento deste tipo de verbos leva, aliás, a autora a considerar que eles não são verbos de estado, mas antes membros da classe aspectual das aquisições, sistematicamente vagos relativamente à referência a um estado ou ao evento correspondente ao seu início.

Präteritum de *sein* só pode ser o Pretérito Perfeito, e, em muitos casos, os verbos usados são os que referem os eventos correspondentes ao início do estado, obtendo-se assim o equivalente à leitura incoativa da forma alemã, como sucede nos seguintes exemplos:

- (635) Er **war** froh, als er Boldas Schritte hörte. (hoh41)  
Ao ouvir os passos de Bolda, **alegrou-se**.
- (636) Er trank den Kirsch aus und weckte die Wirtin, indem er ihr leise auf die Schulter klopfte, sie **war** sofort ganz wach, lächelte und sagte: (hoh 426)  
§ Acabou de beber a ginja e foi despertar a dona do bar tocando-lhe ao de leve no ombro. Ela **acordou** logo, sorriu e disse:

Um caso pouco comum é o de verbos como *entender*, que encontramos no exemplo abaixo. Este pode referir, tanto um estado, quanto o evento que lhe dá início (*passar a entender*), o que possibilita a sua utilização para traduzir (*klar*) *sein* em interpretação incoativa:

- (637) § Mir war entgangen, was der Unbekannte (...) zu uns her gesagt hatte (...), und darum **war** mir unklar, warum er plötzlich sagte, er sei ein Mörder. (UmiTS348)  
§ Não tinha conseguido ouvir o que o desconhecido (...) havia dito dirigindo-se a nós (...), e por isso não **entendi** bem porque é que de repente se tinha posto a dizer que era um assassino.

Igualmente merecedora de atenção é a outra tradução da mesma frase disponível no corpus, na qual é usado um outro expediente para traduzir (*klar*) *sein* nessa interpretação incoativa:

- (638) § Mir war entgangen, was der Unbekannte (...) zu uns her gesagt hatte (...), und darum **war** mir unklar, warum er plötzlich sagte, er sei ein Mörder. (UmiTM348)  
§ Tinha-se-me escapado o que o desconhecido (...) havia dito ao dirigir-se a nós (...), e por isso não **fiquei** a saber bem porque é que ele de repente dizia que era um assassino.

O que aqui encontramos é o verbo *ficar* com função de operador aspectual, que se associa a um verbo de estado para referir o evento que dá início a esse estado.<sup>250</sup> Mas *ficar* também surge como tradução de *sein* no Präteritum em outros contextos, muito semelhantes aos que observámos na secção 4.2.2.2 relativamente aos verbos de posição. *Ficar* é, aliás, o segundo verbo mais frequente (depois de *ser*) nas traduções de *sein* por formas de Pretérito Perfeito, e surge em exemplos como os seguintes:

- (639) Er **war** froh, als das Licht wieder ausging (hoh22)

<sup>250</sup> Nesta função, *ficar* pode associar-se igualmente a alguns outros verbos de estado, e mais especificamente a predicados de indivíduo: *ficar a saber, conhecer, pensar, detestar*. Em termos aspectuais, funciona de forma semelhante ao operador *passar ar*.



- Ficou** satisfeito quando a luz se tornou a apagar  
 (640) Die Luft **war** mir abgeschnitten. (UmiTS255)  
**Fiquei** sem pinga de sangue.

Quanto ao verbo *ser*, ele é, como referi, o mais usado na tradução do Präteritum de *sein*, também entre as formas de Pretérito Perfeito, surgindo, no entanto, em menos de metade dos casos (em 17 dos 44 registados no quadro (625)). Não encontramos este verbo na tradução de *sein* com interpretação incoativa, mas também nos exemplos com *ser* as situações referidas me parecem ser, de alguma forma, delimitadas. Assim, há contextos em que *ser* tem um significado claramente eventivo, como os seguintes, no primeiro dos quais é até substituível por *acontecer*:

- (641) Bei seinem ersten Nachkriegsbesuch in Gdansk – »Das **war** im Frühjahr '58, als ich an meiner Doktorarbeit saß« – habe er (...) (ur243)  
 Na sua primeira visita a Gdansk depois da guerra – “Isso **foi** na Primavera de 58, quando estava a trabalhar na minha tese de doutoramento” – tinha querido (...)  
 (642) (...) nach dem Tod meiner Frau – es **war** Krebs – (...) (ur357)  
 Depois da morte da minha mulher – **foi** de cancro (...)

#### 4.2.2.4 Verbos de actividade

Como se verificou na secção 4.2.1.3, a análise das correspondências de tradução dos verbos de actividade mais frequentes no Präteritum não indica que esta classe de 'aktionsart' condicione de forma clara o tempo verbal da tradução: nos valores totais (cf. o quadro (576), nessa secção), regista-se um predomínio de traduções por Pretérito Imperfeito (65,19%), relativamente ao Pretérito Perfeito (33,54%), mas, considerando apenas as leituras episódicas (cf. o quadro (577)), os números tornam-se bastante mais próximos, passando as traduções por Pretérito Perfeito (52,48%) a ser mais numerosas do que as que usam o Pretérito Imperfeito (45,54%). As actividades não são, como os eventos, situações com um limite intrínseco, e é, portanto, perfeitamente apropriado traduzir estes verbos por formas de Pretérito Imperfeito, que localizam situações sem limites. Por outro lado, ao contrário do que sucede, sobretudo, com os estados de indivíduo, as actividades são muitas vezes concebidas e descritas como situações de duração limitada, sendo, nesses casos, adequadamente traduzidas por formas de Pretérito Perfeito. Assim, frequentemente, o tempo verbal escolhido para traduzir verbos de actividade para português é o Pretérito Perfeito, mas, como acontece no exemplo seguinte, nada na frase em causa parece impedir

a utilização, em alternativa, da forma de Pretérito Imperfeito correspondente, neste caso, *observava*:

- (643) § Im Morgenlicht **beobachtete** der Tierbändiger, der mit seinem Zirkus auf der Wiese vor dem Dorf lagerte, den Gefesselten, wie er, nachdenklich den Blick zu Boden gekehrt, den Weg daherkam. (G60,1)  
 § À luz da manhã, o domador de feras, que acampara com o seu circo no prado à entrada da aldeia, **observou** o amarrado, o jeito como ele, de olhar pensativo cravado no chão, se vinha aproximando pelo caminho fora.

É precisamente devido a esta ampla possibilidade de interpretação dos predicados de actividade que não se verifica, nos dados estatísticos do corpus, uma tendência nítida para a tradução nem por Pretérito Perfeito nem por Pretérito Imperfeito, mas antes uma distribuição equivalente pelas duas formas. Na verdade, encontramos no corpus pares de exemplos retirados de duas traduções diferentes do mesmo texto que mostram que é possível interpretar o mesmo verbo de actividade, no mesmo contexto, de formas distintas, sendo a selecção do tempo verbal da tradução influenciada por essa diferença:

- (644) §»Wem? « Friedl **versuchte** sich stotternd einzumischen. (Umi132)  
 TM §«De quem?», o Friedl, gaguejando, **procurava** meter-se na conversa.  
 TS §«De quem?», Friedl, hesitante, **tentou** entrar na conversa.  
 (645) § Friedl **stierte** vor sich hin (Umi212)  
 TM §O Friedl **olhava** fixamente em frente  
 TS § Friedl **pôs-se a olhar** fixamente em frente

Os mecanismos que influenciam a interpretação das actividades e a opção pela forma verbal da tradução não são visíveis em frases como estas, mas estão muitas vezes presentes num contexto mais alargado, que ultrapassa o nível da frase, e serão objecto de estudo mais adiante, na secção 4.3.

A 'aktionsart' do texto original não parece, pois, condicionar a escolha do tempo verbal na tradução dos predicados de actividade no Präteritum. Já a 'aktionsart' da versão portuguesa merece algumas observações, pois nem sempre encontramos aí simplesmente verbos de actividade correspondentes aos do texto original. É relativamente frequente no corpus a adição de operadores aspectuais na tradução de verbos de actividade, e essa adição não se limita aos operadores que, em português, são necessários para localizar uma actividade em leitura episódica por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, como *estar a* e *ir a* nos exemplos seguintes.

- (646) Ich glaube, wir **lachten** über etwas, über uns selber wahrscheinlich, als wir die Tür aufstießen zum Extrazimmer. (Umi314)

- TM Creio que **íamos a rir** de qualquer coisa, de nós próprios provavelmente, ao empurrarmos a porta do reservado.
- TS Acho que nos **estávamos a rir**, provavelmente sobre nós próprios, quando abrimos a porta que dava para a sala reservada.

Na verdade, mais frequentes do que operadores deste tipo, que seleccionam a parte intermédia da situação a localizar, são aqueles que seleccionam a parte inicial da actividade, sobretudo *pôr-se a* e *começar a*<sup>251</sup>, que surgem em exemplos como os seguintes (e ainda na segunda tradução do exemplo (645), acima):

- (647) Er **betrachtete** aus Verlegenheit das Buch, das sie auf dem Nachttisch liegen hatte (hoh594)  
Embaraçado, ele **pôs-se a olhar** para o livro que ela tinha pousado na mesa-de-cabeceira
- (648) § Haderer legte eine kurze Pause ein, verwarnte erst Hutter, tadelte darauf Friedl und **sprach** dann überraschend vom ersten Weltkrieg, um dem zweiten auszuweichen. (UmiTM147)  
§ O Haderer fez uma pequena pausa, admoestou primeiro o Hutter, repreendeu de seguida o Friedl e **começou**, surpreendentemente, **a falar** da Primeira Guerra Mundial para se esquivar à Segunda.
- (649) aber dann **ging** sie **an**, ihn **auszufragen**, und er sagte nichts und fuhr nie mehr zu ihr (hoh347)  
mas depois ela **começou a fazer**-lhe perguntas e ele não dizia nada e nunca mais lá foi

Neste último exemplo, o emprego de *começar a* é motivado pela presença de um operador semelhante no texto original, *anfangen zu*, o que acontece na maioria dos casos em que *começar a* surge na tradução. O mesmo não se passa com *pôr-se a*, que surge quase exclusivamente em frases que, na versão original, não contêm qualquer elemento do mesmo género, como (647) e (648), acima.<sup>252</sup> A sua presença não parece ser obrigatória na versão portuguesa, e há, no corpus, traduções paralelas da mesma frase que mostram exactamente isso:

- (650) An dem Rest der Zigarette (...) zündete er die nächste Zigarette an und **rauchte** um sein Leben. § Plötzlich hielt er inne im Rauchen (Umi336)

<sup>251</sup> Nas 158 frases onde surgem os verbos de actividade mais frequentes no Präteritum encontramos 13 ocorrências dos operadores *pôr-se a* e *(re)começar a*, mas apenas 5 de *ir a* e *estar a*. Também na globalidade do corpus (em todas as formas analisadas sem distinções de 'aktionsart') se regista um número de perífrases verbais correspondentes ao início da situação – 60, entre *(re)começar a* e *pôr-se a* – que é superior ao das perífrases que seleccionam a sua parte intermédia – 36, entre *ir a* e *estar a*.

<sup>252</sup> Nas 158 frases onde surgem os verbos de actividade mais frequentes no Präteritum, 5 das 7 ocorrências de *(re)começar a* correspondem a operadores semelhantes no texto original, enquanto as 6 ocorrências de *pôr* são introduzidas exclusivamente no texto traduzido. Esta tendência é confirmada pela análise dos dados globais do corpus (todas as formas analisadas sem distinções de 'aktionsart'): das 28 ocorrências de *pôr-se a*, só uma corresponde a um operador do mesmo tipo no texto original, enquanto, no caso de *(re)começar a*, isso acontece em 21 das suas 32 ocorrências.

- TS Na beata do seu cigarro (...) acendeu o cigarro seguinte e **pôs-se a fumar** como se disso dependesse a sua vida. § De repente parou de fumar
- TM Na pirisca do cigarro (...) acendeu o cigarro seguinte e **fumou** como se daí dependesse a sua salvação. § De repente, parou de fumar

Apesar das semelhanças, parece-me que a comparação entre as duas traduções revela uma pequena diferença no que diz respeito a uma possível fronteira final da actividade: enquanto a tradução com verbo de actividade simples pode ser interpretada como referindo uma ocorrência delimitada dessa actividade, com limite inicial e final, a tradução com o operador aspectual exclui qualquer indicação relativa a um limite final, o que poderá considerar-se mais adequado ao contexto seguinte, que contém, ele sim, uma indicação explícita sobre essa fronteira final.

Para além dos operadores aspectuais mencionados, um outro recurso muito menos frequente, mas que cria o mesmo efeito de referência à fronteira inicial da actividade, é a tradução de verbos de actividade por meio de um verbo de evento correspondente ao início ou prossecução dessa actividade, como o que encontramos no seguinte exemplo:

- (651) Als der Staub sich senkte, kam er hoch und **ging**. Er sah zu Boden und beobachtete das Pendeln der Schnur (G50)  
Quando a poeira baixou, pôs-se de pé e **seguiu** caminho. Ia de olhos no chão e observava o movimento pendular da corda

Sobre a semelhança entre este exemplo e os de verbos de estado traduzidos por verbos de evento correspondentes ao início do estado, veja-se a parte final da secção 4.2.6, abaixo, na qual se faz um balanço da relação entre 'aktionsart' do texto original e da tradução.

Até agora vimos apenas exemplos de verbos de actividade em leitura episódica, mas uma parte considerável das traduções de verbos de actividade no Präteritum por formas de Pretérito Imperfeito diz respeito a situações repetidas, muitas vezes transformadas em estados habituais, como as dos exemplos seguintes:

- (652) Oder er wurde wütend und **verteidigte** einen Abwesenden, ließ ihn nicht morden, trieb die anderen zurück (UmiTM124)  
Ou ficava furioso e **defendia** algum ausente, não deixava que o matassem, repelia os outros
- (653) § Der Zirkusbesitzer **sprach** oft davon, wie man die Fessel nach der Abendvorstellung lösen und am nächsten Tag wieder binden könne. (G101)  
§ O dono do circo **falava** muitas vezes na possibilidade de desprender a amarra depois do espectáculo da noite e de tornar a atá-la no dia seguinte.

Também nestes casos de leitura de repetição surgem com alguma frequência operadores aspectuais que seleccionam a parte inicial dessa actividade repetida, nomeadamente *pôr-se a* e *(re)começar a*:

- (654) Oder er wurde wütend und **verteidigte** einen Abwesenden, ließ ihn nicht morden, trieb die anderen zurück (UmiTS124)  
 Ou então enfurecia-se e **punha-se a defender** um ausente com todo o empenho; impedia que o liquidassem, fazia os outros recuar
- (655) Es war schön, allein durch die Nacht zu fahren, die Straßen waren leer, die Gärten lagen in tiefem Dunkel, und er **beobachtete** den Zauber, den sein Scheinwerfer beschwor (hoh378)  
 Era agradável conduzir de noite, sozinho; as ruas estavam vazias, os jardins encontravam-se mergulhados em trevas profundas, e **punha-se a apreciar** o encantamento evocado pelos seus faróis
- (656) Aber Tage später **fingen** sie wieder **an zu zeichnen**, erfanden neue Symbole für Marmeladenverbraucher (hoh403)  
 § Mas, alguns dias depois, **recomeçavam a desenhar**, inventavam novos símbolos para os consumidores de marmelada

Tal como tínhamos verificado no caso dos verbos com leitura episódica, também aqui pode haver um elemento semelhante no texto original (cf. *anfangen zu* em (656), acima), mas, se o operador em causa for *pôr-se a*, é mais frequente não existir nenhum elemento desse tipo (cf. os exemplos (654) e (655), acima, e ainda os dados estatísticos na nota 252). No caso de o operador em causa ser introduzido apenas na tradução, ele não tem necessariamente de ser usado, conforme se pode verificar em traduções diferentes da mesma frase como (652) e (654), acima, onde uma tradutora optou por usar apenas o verbo de actividade e outra optou por associá-lo ao operador *pôr-se a*. O que caracteriza a versão da frase que contém o operador aspectual é o carácter inequívoco da leitura de repetição, por oposição à ambiguidade que pode apresentar a frase sem operador: por exemplo, no caso de (652), a forma *defendia*, isolada do seu contexto, é ambígua entre uma leitura episódica e uma leitura de repetição. Nesse aspecto, esta forma aproxima-se mais do texto original e da ambiguidade da forma de Präteritum.

No corpus, este tipo de operador surge também associado a verbos de actividade com leitura de repetição, mas no Pretérito Perfeito. Nestes exemplos, o operador selecciona o início da situação global constituída pela repetição da actividade: no caso do exemplo seguinte, são as primeiras vezes em que o dono do circo fala da sua vontade de seguir para o sul.<sup>253</sup>

<sup>253</sup> A forma do texto original é *reden* (*falar*), um verbo de actividade, e a da versão portuguesa *dizer*, um verbo de evento, mas qualquer uma delas tem uma interpretação de repetição.

- (657) Um diese Zeit **begann** der Zirkusbesitzer davon **zu reden**, daß er heuer nach dem Süden ziehen wolle. (G179)  
 Por essa altura, o dono do circo **começou a dizer** que esse ano queria seguir para o Sul.

Encontra-se também no corpus um exemplo do mesmo género em que o texto original não contém nenhum elemento correspondente ao operador usado na tradução:

- (658) Er **beobachtete** Leo, wenn er zur Schicht ging oder von der Schicht heimkam: Leo schrieb nichts an die Wand. (hoh325)  
**Pôs-se a observar** Leo quando ia para o trabalho ou quando voltava: mas Leo nada escrevia na parede.

No entanto, a meu ver, a escolha do tradutor não foi a mais feliz, já que, sendo compatível com actividades, *pôr-se a* não me parece combinar-se adequadamente com o estado habitual derivado da actividade em causa (cf. a caracterização destes operadores aspectuais em 3.1.11.2). Neste caso, seria mais adequado empregar um operador como *começar a*, ou até *passar a*.

### 4.2.3 Traduções de Perfekt

Tal como sucede no caso do Präteritum, também a selecção dos tempos verbais usados para traduzir formas de Perfekt é influenciada, em grande parte dos casos, pela 'aktionsart' da expressão predicativa do texto original, conforme foi demonstrado pelos dados quantitativos apresentados na secção 4.2.1. É essa influência que será ilustrada ao longo das próximas três secções, com base em frases com verbos de evento (4.2.3.1), de estado (4.2.3.2) e de actividade (4.2.3.3), a exemplo do procedimento adoptado com o Präteritum. Nessas secções, a análise recairá sobre as duas correspondências de tradução mais frequentes, isto é, sobre as traduções por formas de Pretérito Perfeito e de Pretérito Imperfeito, tal como sucedeu no caso do Präteritum, mas sem a mesma diversidade de dados e observações, devido ao reduzido número de ocorrências de Perfekt no corpus: são, no total, 129 pares de tradução com formas analisadas<sup>254</sup>, em contraste com os 4219 correspondentes a formas de Präteritum.<sup>255</sup> Quanto à tradução de Perfekt por Präsens e a parte das traduções por Plusquamperfekt, remeto para a secção 4.2.7, adiante, onde serão abordados esses casos e outros que seguem o mesmo padrão. Refira-se ainda que, como já

<sup>254</sup> Isto é, pares de tradução em que tanto a forma verbal original como a forma traduzida fazem parte do conjunto de tempos verbais analisados no presente trabalho.

<sup>255</sup> Esta discrepância entre Präteritum e Perfekt prende-se com princípios que regem o uso destes tempos verbais, que mencionei no capítulo 3 (secção 3.2.2.4.3), e que voltarei a abordar, com aplicação aos dados do corpus paralelo, na secção 4.4, adiante.

foi dito no capítulo 2, as traduções de Perfekt por Pretérito Perfeito Composto serão comentadas apenas na secção 4.4.

#### 4.2.3.1 Verbos de evento e o predomínio do Pretérito Perfeito na tradução

As ocorrências deste tipo de verbos no Perfekt confirmam a preferência pelo Pretérito Perfeito na tradução de verbos de evento, que é, aqui, mais acentuada do que nas formas de Präteritum, analisadas na secção 4.2.2, acima. De acordo com os valores referentes aos verbos de evento mais frequentes no texto original, registados no quadro (572) da mesma secção, chega aos 86,96% a percentagem de verbos de evento no Perfekt em leitura episódica aos quais correspondem, na versão portuguesa, formas de Pretérito Perfeito. Essa mesma tendência é ilustrada pelas frases seguintes:

- (659) Mit zweiundzwanzig **habe** ich **geheiratet**. Was kann ich dafür. (UmiTS 235)  
**Casei-me** aos vinte e dois anos, o que é que hei-de fazer?
- (660) Wir **haben** eine neue Sendung **erhalten**.« (LE172)  
**Recebemos** uma nova remessa».
- (661) Auf allen Feldern kann ich Allerseelen-Betrieb beobachten: hier und da bezeugen Windlichter an Grabstellen Besuch, der wieder **gegangen ist**. (ur216)  
 Em todos os talhões posso observar o movimento do dia de Finados: aqui e além as lamparinas são o testemunho das visitas que **se foram** embora.

Uma vez que, na secção sobre verbos de evento no Präteritum, optei por analisar as ocorrências de *gehen* (*ir*) e de verbos formados a partir deste, refira-se ainda que o exemplo (661), acima, constitui a única ocorrência deste verbo no Perfekt, havendo igualmente no corpus um único exemplo de um verbo com significado direccional formado a partir deste, *mitgehen* (*acompanhar*). Ambas as formas referem eventos e, como seria de esperar, de acordo com a tendência dominante, são traduzidas por formas de Pretérito Perfeito.

Quanto à tradução por outros tempos verbais, o corpus contém, no total, apenas quatro pares de tradução analisados em que ao Perfekt do texto original correspondem, na versão portuguesa, formas de Pretérito Imperfeito:

- (662) >**Hat** jeden Fehler **verbessert**, so war der!< (ur463)  
**"Corrigia** os erros todos, ele era assim!"
- (663) »Sie können sich nicht vorstellen, wie heißhungrig ich gewesen bin. Zum Beispiel auf alle Knackfuß- Künstlermonographien. **Hab'** jeden Band **verschlungen**.« (ur172)  
 “A senhora não pode imaginar como eu era ávido: por exemplo das monografias de artistas de Knackfuß. **Devorava** todos os volumes...”

- (664) Was ich über den Ort ihrer Begegnung weiß, mengt meine teils verwischte, dann wieder überdeutliche Ortskenntnis mit des Witwers forschendem Fleiß, dessen Ausbeute er in Häppchen seinen Notizen **beigemengt hat** (ur39)  
 Aquilo que sei sobre o local do seu encontro, mistura os meus conhecimentos locais, em parte diluídos, mas por outro lado demasiado nítidos, com o zelo investigador do viúvo, cujo produto **ia juntando** aos poucos aos seus apontamentos
- (665) Und sie gab acht, daß er der Marktfrau nicht zu viele Scheine hinblätterte. »Hier alles irre teuer!« rief sie. »Aber für Herr mit Deutschmark billig immer noch.« § Ich frage mich, ob er seine Währung kopfrechnend in Vergleich zu den vielstelligen Zahlen der Zloty-Scheine **gebracht** und ob er ernsthaft, ihr Gelächter nicht fürchtend, erwogen **hat**, seinen im Tagebuch notierten Hinweis auf Tschernobyl und die Folgen als nachträgliche Warnung auszusprechen. (ur73)  
 E deu atenção para que ele não estendesse demasiadas notas à vendedeira. “Aqui tudo muito caro!” exclamou ela. “Mas para senhor com marcos alemães, ainda é barato.” § Pergunto-me se ele **calculava** mentalmente o câmbio do marco por comparação com os muitos zeros das notas de zloty e se considerou seriamente, menosprezando as risadas dela, mencionar a referência, contida no seu diário, ao desastre de Tchernobyl e às respectivas consequências como um aviso atrasado.

Tal como afirmei a propósito das traduções de Präteritum por Pretérito Imperfeito, analisadas na secção 4.2.2.1.2, também aqui podemos dizer que nenhuma das formas em causa refere um evento único com o seu limite intrínseco. Nas três primeiras frases as formas verbais assinaladas têm, claramente, uma leitura de repetição, que *hat gebracht / calculava*, em (665), também poderá receber. Neste último exemplo, e uma vez que o que está a ser relatado é uma compra e o respectivo pagamento, existe também a possibilidade de uma leitura de evento em curso, em que a forma de Pretérito Imperfeito *calculava* localiza apenas a parte intermédia do evento, sem as suas fronteiras.

Assim, dos três tipos de traduções de verbos de evento por formas de Pretérito Imperfeito que distinguimos na secção 4.2.2.1.2, referente ao Präteritum, reencontramos aqui dois, pelo menos enquanto interpretações possíveis: a leitura de repetição e a leitura de evento em curso. O terceiro tipo, que corresponde ao uso estativo de verbos de evento, não se encontra no corpus em traduções de formas de Perfekt.<sup>256</sup>

#### 4.2.3.2 Verbos de estado e o predomínio de Pretérito Imperfeito na tradução

Embora de modo menos acentuado do que no caso do Präteritum, a tendência dos verbos de estado para serem traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito manifesta-se

<sup>256</sup> Também não ocorrem no corpus nem me parecem possíveis ocorrências em que uma forma de Perfekt denote um evento posterior ao 'ponto de perspectiva temporal' passado, como sucede com o Präteritum no exemplo citado na nota 231, acima.



igualmente nas ocorrências de Perfekt no corpus: de acordo com os dados relativos aos verbos de estado mais frequentes no texto original, apresentados no quadro (574) da secção 4.2.1.2, 55,56% dos verbos de estado encontram-se traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito, e os restantes 44,44% por formas de Pretérito Perfeito.

São exemplo da tendência para tradução por formas de Pretérito Imperfeito frases como as seguintes:

- (666) »Sie sind ein schöner Mensch. **Haben** Sie das **gewußt**? « (UmiTM91)  
«Tem umas belas feições. **Sabia?** »
- (667) »Dies **ist** wohl eine der Fuchsien aus Ihrem Garten **gewesen**?« (LE122)  
«Isto **era** uma das fúcsias do seu jardim, não era?»
- (668) es **sind** dort ja aus allen Ländern Truppen **gelegen**. (UmiTM387)  
**havia** por lá tropas de todos os países.

Nos dois últimos exemplos reencontramos verbos de estado cujas formas de Präteritum foram analisadas em detalhe em secções anteriores (4.2.2.3 e 4.2.2.2), nomeadamente *sein* e o verbo de posição *liegen*, este último traduzido aqui por um verbo de existência, à semelhança do que acontece em exemplos já observados nessas secções.

No que diz respeito ao emprego de formas de Pretérito Perfeito para traduzir verbos de estado, verificámos nas secções sobre verbos de estado no Präteritum que essa opção pode estar associada ao facto de se tratar de um estado delimitado, totalmente situado no passado relativamente à enunciação. Entre os verbos de estado no Perfekt traduzidos por Pretérito Perfeito que encontramos no corpus, existem também alguns que dizem respeito a estados interpretados como delimitados, como o da frase seguinte:

- (669) in Sankt Trinitatis, wo Strauch gegen Ende des siebzehnten Jahrhunderts Pfarrer **gewesen ist** (ur153)  
na igreja da Santíssima Trindade, onde Strauch **foi** pároco nos finais do século dezassete,

Note-se, porém, que não há na frase original, nem no contexto mais alargado, elementos que obriguem a essa interpretação de delimitação, pelo que uma forma de Pretérito Imperfeito constituiria igualmente uma tradução adequada.

Já no exemplo seguinte, embora não se tratando de um estado delimitado, o Pretérito Perfeito parece-me ser igualmente a opção de tradução mais adequada:

- (670) Juden sind gemordet worden, weil sie Juden waren, nur Opfer **sind** sie **gewesen**, so viele Opfer (UmiTS280)

Os judeus foram assassinados porque eram judeus, mas **foram** apenas vítimas, tantas vítimas <sup>257</sup>

Essa preferência deve-se ao facto de a propriedade *Opfer sein / ser vítima* estar aqui associada ao evento concreto do assassinio, em contraste com propriedades mais gerais, independentes de eventos concretos, como a que é referida por *Jude sein / ser judeu*, que, na mesma frase, é traduzido por uma forma de Pretérito Imperfeito.<sup>258</sup> Este efeito do emprego do Pretérito Perfeito e do Pretérito Imperfeito para traduzir formas de *sein* será retomado adiante, a propósito da tradução de verbos de estado no Plusquamperfekt (cf. 4.2.4.2).

Ao analisar as traduções de verbos de estado no Präteritum, tínhamos verificado serem muito frequentes verbos com uma interpretação incoativa, muitas vezes traduzidos por verbos que denotavam o evento correspondente ao início desse estado. Tal não se verifica no caso das traduções de Perfekt, onde encontramos apenas um exemplo que revela características semelhantes:

(671) »Das **hat** alles, als Pilsudski von Litauen weggenommen hat, wieder Polen **gehört**. (ur273) <sup>259</sup>  
 “**Voltou** tudo a **pertencer** a Polónia quando Pilsudski roubou Lituânia.

Como nas traduções de Präteritum mencionadas, também aqui o verbo de estado da frase original recebe uma interpretação de reinício, e não seria possível traduzi-lo recorrendo a um verbo de estado simples em nenhum dos tempos verbais em análise: nem *pertenceu* nem *pertencia* seriam formas aceitáveis no contexto. Teria, antes, de se recorrer a um operador aspectual para se obter uma formulação como *passou a pertencer*, aplicando a um

<sup>257</sup> O sujeito desta frase, *Juden*, não está aqui adequadamente traduzido, e o problema em causa está relacionado com a 'aktionsart' do respectivo predicado. Como foi referido na secção 3.1.8.1, os plurais não modificados com função de sujeito em alemão podem ter duas interpretações: quando estão associados a predicados de estádio têm uma leitura existencial, e quando surgem acompanhados de predicados de indivíduo recebem uma leitura genérica, transformando-se assim esse predicado num predicado de espécie. No caso deste exemplo, temos um predicado de estádio e, portanto, um sujeito com leitura existencial que pode ser reproduzida através de uma construção com o verbo *haben* (*Houve judeus que foram assassinados só por serem judeus*, na outra tradução da mesma frase disponível no corpus paralelo), mas não por um substantivo com artigo definido, que se adequa antes aos contextos em que estes plurais recebem uma leitura genérica (p. ex. *Os judeus eram perseguidos*).

<sup>258</sup> Encontramos esta mesma diferença se compararmos frases do tipo *A adaptação foi difícil* ou *O caminho foi longo*, com *A adaptação era difícil* ou *O caminho era longo*. Com a forma de Pretérito Perfeito, a propriedade em causa é directamente relacionada com o evento concreto de alguém se adaptar ou percorrer um caminho, evento esse que é totalmente localizado no passado relativamente à enunciação. Já no caso das frases com a forma de Pretérito Imperfeito, trata-se de propriedades gerais da adaptação e do caminho em causa, independentes de um qualquer processo de adaptação específico que já tenha terminado ou do facto de se ter verificado uma situação concreta de alguém ter percorrido o caminho em questão.

<sup>259</sup> Esta frase, proferida por uma personagem que não é falante nativa de alemão, contém incorrecções que, no entanto, não invalidam as afirmações que aqui faço.

verbo de estado um recurso de tradução que já observámos no caso dos verbos de actividade no Präteritum (cf., por exemplo, (647), acima). Neste caso, porém, não se torna necessário recorrer a esse meio, uma vez que a tradutora consegue obter o mesmo efeito através da perífrase *voltar a*, com que traduz o advérbio *wieder*.<sup>260</sup>

Relativamente às formas verbais com leitura de repetição, há apenas duas a registar, uma contendo uma forma de Pretérito Perfeito Composto e outra uma forma de Pretérito Imperfeito.

- (672) und eines Tages vielleicht würde das, was man bisher Liebe **genannt hat**, vielleicht wie ein plötzlicher Regen, wie ein Gewitter über uns kommen (hoh527) e talvez um dia aquilo a que até agora se **tem chamado** amor viesse como um aguaceiro súbito, como uma tempestade.
- (673) §»Bist du nicht die, die mit ihm den Sommer über am Fluß **gelegen ist?**« (G239)  
§ «Tu não és aquela que pelo Verão adiante se **deitava** com ele à beira-rio?»

Nesta última, voltamos a encontrar um padrão de tradução que já tinha surgido nas formas de Präteritum (por exemplo, na frase (615), acima): o da utilização de um verbo de evento, que torna inequívoca a leitura de repetição.

#### 4.2.3.3 Verbos de actividade

No que diz respeito à tradução de verbos de actividade, e apesar do número muito reduzido de ocorrências tomado em conta na secção relativa aos verbos mais frequentes<sup>261</sup>, o conjunto dos exemplos presentes no corpus confirma a tendência para a tradução por Pretérito Perfeito indiciada por esses dados. Na verdade, e embora não ultrapassem as duas dezenas, todos os verbos de actividade no Perfekt aos quais, na versão portuguesa, correspondem igualmente verbos de actividade, são traduzidos por formas de Pretérito Perfeito, tanto no caso de verbos com leitura episódica (cf. (674) e (675), abaixo), como no de verbos com leitura de repetição (cf.(676):

- (674)<sup>262</sup> Wir schlagen uns hier herum und sind nicht einmal fähig, diese kleine trübe Situation für uns aufzuklären, und vorher **haben** sich andere **herumgeschlagen** (UmiTM268)

<sup>260</sup> Este não é, aliás, um exemplo único no corpus paralelo, já que o mesmo recurso é utilizado na frase seguinte:

(a) Es **schien** ihr wieder sicher, daß er mit dem Zirkus ziehen würde (G171)  
**Voltou a afigurar-se-lhe** como certo que ele seguiria com o circo

<sup>261</sup> São apenas 4 as que surgem no quadro (576), acima, 3 traduzidas por Pretérito Perfeito e uma por Pretérito Imperfeito.

<sup>262</sup> Este exemplo poderá eventualmente não receber uma leitura episódica, mas uma leitura de repetição.

Andamos à pancada uns aos outros e nem sequer somos capazes de clarificar para nós mesmos esta situaçãozinha turva, e antes disso foram outros que **andaram** à pancada

- (675) Auf dem geräumten Gelände wurde ab 1895 in neugotischem Stil eine Markthalle gebaut, die, Dominikshalle genannt, den Ersten und Zweiten Weltkrieg **ausgehalten hat** (ur41)

No recinto assim desobstruído foi iniciada em 1895 a construção, em estilo neogótico, de um mercado, chamado mercado de S. Domingos, o qual **resistiu** à primeira e à segunda guerras mundiais

- (676) Was ich über den Ort ihrer Begegnung weiß, mengt meine teils verwischte, dann wieder überdeutliche Ortskenntnis mit des Witwers forschendem Fleiß, dessen Ausbeute er in Häppchen seinen Notizen **beigemengt hat** (ur39)

Aquilo que sei sobre o local do seu encontro, mistura os meus conhecimentos locais, em parte diluídos, mas por outro lado demasiado nítidos, com o zelo investigador do viúvo, cujo produto **ia juntando** aos poucos aos seus apontamentos

Na secção relativa aos verbos de actividade no Präteritum (4.2.2.4), observámos exemplos em que parece ser possível a tradução tanto por formas de Pretérito Perfeito como por formas de Pretérito Imperfeito. Analisando os exemplos acima, verificamos que, em (674) e (677) poderá haver igualmente essa possibilidade. Em (675), já será menos adequado usar o Pretérito Imperfeito na tradução, uma vez que a menção das guerras mundiais constitui uma indicação relativa à duração da actividade que não é compatível com o Pretérito Imperfeito e a localização da situação sem os seus limites.

Quanto a traduções por outros tempos verbais que não o Pretérito Perfeito, as únicas ocorrências de verbos de actividade no Perfekt traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito no corpus são aquelas em que a versão portuguesa contém verbos de estado, e nas quais, aliás, o próprio verbo do texto original assume um significado estativo, nomeadamente as seguintes:

- (677) kleine Leute, die nicht viel gemeint und gedacht haben. Doch, zwei oder drei **haben** sich etwas dazu **gedacht**, mein Großvater **hat** an die kommende Republik **gedacht**, aber sage nur, wozu? (UmiTM275e6)

arraia miúda que não tinha grandes opiniões nem grandes ideias. Minto, dois ou três **tinham** as suas ideias, o meu avô **tinha** na ideia a República que havia de vir

- (678) »Die Mutter nicht, aber der Vater **hat** Deutsch **gesprochen**. (ur460)

“A mãe não, mas o pai **falava** alemão.

#### 4.2.4 Traduções de Plusquamperfekt

Como foi referido na secção 4.1, acima, o tempo verbal usado para traduzir formas de Plusquamperfekt é, em grande medida, determinado pelo próprio tempo verbal do texto

original. Este localiza a situação num intervalo anterior a um ponto de referência passado, e o único tempo verbal com características semelhantes em português é o Pretérito Mais-que-perfeito, pelo que é de esperar que esta seja a forma predominante na tradução Plusquamperfekt no corpus, como de facto o é, com cerca de 80% do total das correspondências de tradução (cf. os dados do quadro (568), acima).

O que as características dos tempos verbais referidos não fazem prever é a existência no corpus de uma percentagem minoritária, mas, ainda assim, significativa, de formas de Pretérito Imperfeito como tradução de Plusquamperfekt (15,63%, de acordo com estatísticas globais do corpus apresentadas no quadro (568), acima). A análise dos dados relativos aos verbos mais frequentes no texto original em cada classe de 'aktionsart', que foi levada a cabo na secção 4.2.1, e da qual recupero os dados relevantes no quadro seguinte, mostra que a diferença entre traduções por Plusquamperfekt e por Pretérito Imperfeito regista uma variação em função da 'aktionsart' do predicado.

(679) – Quadro: Correspondências de tradução para formas de Plusquamperfekt (de acordo com os quadros (570), (574) e (576) da secção 4.2.1)

	Verbos de evento mais frequentes (excepto <i>sagen</i> )		Verbos de estado mais frequentes		Verbos de actividade mais frequentes	
Pretérito Imperfeito	17	15,45%	24	29,63%	2	18,18%
Pretérito Perfeito	2	1,82%	2	2,47%	0	0%
Pret. Mais-que-perfeito	91	82,73%	55	67,90%	9	81,82%
Total	110	100%	81	100%	11	100%

Enquanto para os verbos de evento e de actividade os valores relativos às formas de Pretérito Imperfeito rondam a percentagem média global de 15,63%, mencionada acima, no caso dos verbos de estado verifica-se um aumento da percentagem de formas de Pretérito Imperfeito para 29,63% do total e a diminuição correspondente da proporção de traduções por Pretérito Mais-que-perfeito. A variação das correspondências de tradução em função da 'aktionsart' é ainda mais notória se considerarmos apenas os verbos de evento e de actividade em leitura episódica, que correspondem aos valores agrupados no quadro seguinte:

(680) – Quadro: Correspondências de tradução para formas de Plusquamperfekt (leitura episódica de eventos e actividades, de acordo com os quadros (572), (574) e (577) da secção 4.2.1)

	Verbos de evento mais frequentes (excepto leituras de repetição e <i>sagen</i> )		Verbos de estado mais frequentes		Verbos de actividade mais frequentes (excepto leituras de repetição)	
Pretérito Imperfeito	6	6,12%	24	29,63%	0	0%
Pretérito Perfeito	2	2,04%	2	2,47%	0	0%
Pret. Mais-que-perfeito	90	91,84%	55	67,90%	9	100%
Total	98	100%	81	100%	9	100%

Neste caso, e comparando os valores obtidos para as ocorrências de Pretérito Imperfeito com os 15,63% que correspondem ao valor médio do corpus, observamos que este tempo verbal é pouco frequente na tradução de verbos de evento, não ocorre de todo com verbos de actividade, mas surge com uma frequência acima da média na tradução de verbos de estado. Mesmo considerando que o valor relativo aos verbos de estado não contabiliza exclusivamente as ocorrências com leitura episódica, é visível a correlação entre a 'aktionsart' do texto original e a distribuição dos tempos verbais no texto traduzido. Os exemplos que analisaremos nas três secções seguintes, dedicadas aos verbos de evento (4.2.4.1), de estado (4.2.4.2) e de actividade (4.2.4.3), permitirão observar de que forma essa correlação se materializa em pares de tradução concretos e quais as interpretações que lhe estão associadas.

#### 4.2.4.1 Verbos de evento

De acordo com os dados que acabámos de observar, entre os verbos de evento no Plusquamperfekt em leitura episódica há uma tendência hegemónica para as traduções por Pretérito Mais-que-perfeito. Exemplos dessa tendência são frases como as seguintes:<sup>263</sup>

- (681) Sie **hatte** Kaffee **gekocht** und die Kanne unter der verschlissenen Mütze warm **gestellt** (hoh438)  
**Fizera** café e **abrigara** a cafeteira debaixo do abafador já no fio
- (682) die Zeitung **hatte** ihn **rausgeschmissen**, und er **war** – nach Leens Tod – auf Nellas Drängen hin nach Deutschland **zurückgekehrt**, und Nellas Vater **hatte**

<sup>263</sup> Como se pode verificar, a versão portuguesa destas frases contém tanto formas de Pretérito Mais-que-perfeito Composto como formas de Pretérito Mais-que-perfeito Simples. Não creio que haja um relação entre os factores que analiso nesta secção do trabalho e a distribuição destas duas formas, pelo que as trato aqui de modo igual, como ocorrências de Pretérito Mais-que-perfeito.

ihm eine Stellung in seiner Marmeladenfabrik **gegeben**, damit er untertauchen konnte. (hoh393)

a revista **tinha-o despedido** e, depois da morte de Leen, e a instâncias de Nella, **regressara** à Alemanha, onde o pai de Nella lhe **dera** um emprego na sua fábrica de marmelada para que ele pudesse passar despercebido.

- (683) Fritz hatte ihm geholfen, und er **war** in die Stadt **gegangen**, wo die Männer wohnten, die seinen Vater zum Kommissar **gemacht hatten** (hoh+1237)  
Fritz tinha-o ajudado, e ele **fora** para a cidade onde viviam os homens que **tinham nomeado** seu pai comissário

Quanto às traduções por formas de Pretérito Imperfeito registadas nos quadros da secção anterior, aquelas que dizem respeito a eventos em leitura episódica não serão abordadas nesta secção, uma vez que se inserem num padrão de variação conjunta de tempo verbal e 'aktionsart' que será abordado na secção 4.2.7. Nas restantes traduções por Pretérito Imperfeito, os eventos são interpretados como repetidos, formando uma sequência cujos limites não são identificados, e que constitui muitas vezes um estado habitual. São exemplo disso as frases seguintes:

- (684) Und er begriff, warum er Angst vor ihr hatte, wenn sie zu beschreiben anfing, wie zu Hause Kaninchen **geschlachtet worden waren**. (hoh+1115)  
E quando ela começava a contar como se **matavam** os coelhos lá em casa, compreendia a razão do medo que dela tinha.
- (685) Er erinnerte sich, daß die Glastür in der zweiten Durchfahrt, jene, über der die Tafel »II. Stiege« sich befand, leise und unaufhörlich **geschlagen hatte**, während diese Türen hier wie festgewachsen waren in ihren Mauern (LE63)  
Ele recordava-se de que a porta envidraçada da segunda passagem, aquela por cima da qual se encontrava o letreiro «Escada II», **batia** ao de leve e sem cessar, ao passo que estas portas aqui estavam como que incrustadas nas suas paredes

Nestes dois exemplos, o tempo verbal mais adequado para traduzir as formas de Plusquamperfekt é claramente o Pretérito Imperfeito, e não o Pretérito Mais-que-perfeito. Em (685), o emprego de uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito levaria a que a situação em causa não fosse interpretada como um estado habitual e sem limites definidos, uma propriedade da porta em causa, mas antes como uma ocorrência única ou uma repetição delimitada de um evento. Também em (684) uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito não corresponderia ao significado da frase do texto original, já que teríamos, então, a referência a uma sequência definida de eventos, nomeadamente as mortes de alguns coelhos específicos, e não uma afirmação genérica em que o sintagma *os coelhos* é um denotador de espécie.

Sendo a mais adequada para corresponder ao padrão de repetição da situação em causa, a tradução por Pretérito Imperfeito tem, todavia, um aspecto problemático. Embora

a sua função de localizar as situações por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior à enunciação lhe permita também corresponder ao significado de anterior a passado do Plusquamperfekt, o uso desse tempo verbal faz com que se perca, na versão portuguesa, a indicação explícita sobre a anterioridade da situação relativamente a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, que era veiculada pela forma verbal original. A julgar pelos exemplos citados, esta falha parece, no entanto, ser facilmente compensada por diversos tipos de marca presentes no contexto. Por exemplo, em (685), estão a ser comparadas as propriedades da porta vista anteriormente com as daquela que a personagem contempla no momento que funciona como 'ponto de perspectiva temporal', e identificar esses dois momentos com as duas formas de Pretérito Imperfeito não parece causar dificuldade ao leitor português. E no exemplo (684), acima, é o próprio facto de a cena se passar entre neto e avó, e de esta estar a contar àquele histórias da sua infância, que clarifica a relação temporal entre as situações referidas pelas formas de Pretérito Imperfeito, todas elas estados habituais.

Noutros casos, nomeadamente naqueles em que a frase original é compatível com uma repetição da situação confinada a um intervalo passado, o tradutor pode optar por usar o Pretérito Mais-que-perfeito, preservando assim o valor de anterior a passado na forma verbal. É o que sucede no exemplo seguinte:

- (686) Täglich **war** er daran **vorbeigegangen**, und nie hatte er es noch gesehen, trotzdem es wie ein abgebrochener Zahn zwischen den beiden Nachbarn steckte (LE3)  
**Passara** por ela todos os dias sem nunca a ter visto ainda, conquanto estivesse metida entre os dois prédios vizinhos como um dente partido, (...).
- (687) § Bolda und die Großmutter hatten sich schon als Kinder gekannt, (...) Und sie sprachen vom rauhen Wind in den Eifelbergen, von den Hütten aus Ästen, Steinen und Stroh, von Feldherden, auf denen sie Kaffee **gekocht hatten** und Suppe, und sie sangen dann Lieder, die keiner verstand § (hoh 1285 a7)  
 Bolda e a avó já se conheciam em crianças. (...) E recordavam o vento penetrante dos montes do Eifel, as cabanas feitas de ramos de árvores, pedras e palha, as fogueiras no campo onde **tinham preparado** café e sopa, e cantavam cantigas que ninguém entendia

A opção pelo Pretérito Mais-que-perfeito na tradução pode tornar-se problemática quando a frase não contém nem marcação adverbial de frequência (como existe em (686)), nem outro elemento que possa de algum modo indiciar a repetição da situação, por exemplo um substantivo no plural, como *fogueiras* em (687), pois nesse caso o verbo recebe uma leitura



episódica. É o que sucede no exemplo seguinte, em que essa leitura episódica entra em contradição com outra informação disponível no contexto:<sup>264</sup>

- (688) Was in der Schule gesagt wurde vom Lehrer und vom Kaplan, entsprach dem, was Karl **gesagt hatte**, »neues Leben«, ein schönes Wort, mit dem er sogar eine Vorstellung verband, eine Vorstellung, von der er aber wußte, daß sie nicht zu verwirklichen war (hoh272)  
 § O que o professor e o capelão diziam na escola correspondia, afinal, ao que Karl **dissera**: «Nova vida», linda frase com a qual relacionava determinada ideia que ele, porém, sabia ser impossível de concretizar.

Por outro lado, o emprego do Pretérito Mais-que-perfeito na tradução é completamente impossível quando se opta por marcar a repetição habitual por outros meios disponíveis em português, por exemplo o operador *costumar*, que, na versão portuguesa do exemplo seguinte, cumpre a mesma função desempenhada pelo advérbio *immer* no texto original.

- (689) und als er nach vier Wochen auszog und auf Nellas Bitten hin nach Deutschland zurückfuhr, fand er noch die henkellose Tasse, in der Leen immer ihre Lauge für Seifenblasen **hergestellt hatte**, (hoh+1079)  
 E quando, decorridas quatro semanas, ele regressou à Alemanha a instâncias de Nella, encontrou ainda a chávena sem asa de que Leen se **costumava servir** para fazer bolas de sabão,

Neste caso, a indicação sobre a anterioridade da situação é dada por informação anterior sobre a morte da personagem de quem se fala: a expressão adverbial *decorridas quatro semanas* refere-se às quatro semanas posteriores a essa morte.<sup>265</sup> Mas o que a comparação com uma hipotética tradução sem o verbo *costumar* – *encontrou a chávena de que Leen se*

<sup>264</sup> Confira-se o seguinte passo do mesmo capítulo, onde declarações do mesmo teor daquela a que se alude em (688) são mencionadas como repetidas:

- (a) Karl war ganz anders gewesen, aber auch nett. (...) Karl war nachdenklich, pedantisch, aber freundlich und konnte schenken, Bonbons und Spielzeug; und wenn er sagte, »wir werden ein neues Leben anfangen«, sagte er hinterher, »ich will wieder Ordnung in unser Leben bringen, Wilma, Ordnung«, und zu dieser Ordnung gehörte, daß Heinrich nicht Onkel, sondern Vater zu ihm sagen sollte. (hoh300e304)  
 § Karl era muito diferente, mas também simpático. (...) Era pensativo, pedante, mas simpático, e às vezes dava-lhe bombons e brinquedos; e quando dizia: «Vamos começar uma nova vida», acrescentava: «Quero que ponhamos novamente a nossa vida em ordem, Wilma, ordem», e aliada a essa ordem andava a condição de Heinrich não o tratar por tio mas sim por pai.

<sup>265</sup> No entanto, um outro exemplo do corpus mostra que nem sempre a informação contextual sobre o facto de uma personagem ter morrido é o suficiente para garantir a interpretação de anterioridade: por exemplo, na frase seguinte, não poderíamos substituir a forma de Pretérito Mais-que-perfeito *tinham pertencido* pela forma de Pretérito Imperfeito correspondente sem correr o risco de haver uma interpretação de simultaneidade:

- (a) Das Bild verließ ihn nicht, solange er wach lag, und alle die Gegenstände sah er, die seinem Vater **gehört hatten** (hoh196)  
 § Enquanto não adormecia, o retrato não lhe saía da mente; via todos os objectos que **tinham pertencido** ao pai

*servia sempre para fazer bolas de sabão* – revela é que também a utilização do operador aspectual contribui para facilitar a interpretação da versão portuguesa, ajudando a definir melhor os contornos da situação.

#### 4.2.4.2 Verbos de estado

De acordo com os dados estatísticos apresentados no quadro (679), acima, a maior parte dos verbos de estado no Plusquamperfekt é traduzida por formas de Pretérito Mais-que-perfeito. É o que sucede nos exemplos seguintes:

- (690) Während er den Jungen zusah, dachte er an das Jahr mit Leen in London, ein schönes Jahr, in dem er sehr glücklich **gewesen war** (hoh+887)  
 Enquanto olhava para o pequeno, pensava naquele ano com Leen em Londres, um belo ano em que **fora** muito feliz<sup>266</sup>
- (691) Zuerst **war** sie Nonne **gewesen**, aber dann hatte sie geheiratet (hoh+1260)  
 Primeiro **fora** freira, mas depois casara
- (692) Bolda, die mit der Großmutter zusammen die Schule **besucht hatte**, wußte allerdings boshaft kichernd zu erzählen, daß die Großmutter den Katechismus nie gekonnt hatte. (hoh+806)  
 Bolda, que **tinha andado** com a avó na escola, contava com um risinho malicioso que a avó nunca soubera o catecismo.
- (693) Aber er **war** nur einmal bei ihr **gewesen** (hoh347)  
 Mas ele só uma vez **estivera** em sua casa

Como se pode verificar, em todos os casos as situações referidas são estados confinados a um intervalo totalmente anterior ao 'ponto de perspectiva temporal' anterior à enunciação: em (690) trata-se a descrição de um ano específico da vida da personagem, em (691) temos uma enumeração de uma sequência de períodos e eventos relevantes da vida de outra personagem, e em (692) há também uma referência a um período da vida das personagens visto como um todo delimitado; (693) é o início da descrição da visita da personagem à avó, mas o 'ponto de perspectiva temporal' desta oração é posterior à visita tomada como um todo delimitado, só assim é possível quantificá-la através da expressão *uma vez*.

Pelo contrário, outros estados, que não se enquadram no padrão descrito em termos de delimitação e/ou da anterioridade total ao 'ponto de perspectiva temporal' passado, são referidos, na versão portuguesa, por formas de Pretérito Imperfeito. É o caso dos predicados de indivíduo, propriedades intrínsecas de indivíduos ou espécies e, portanto, normalmente, não-delimitadas, como a que é referida na frase seguinte:

- (694) Karl **war** freundlich und pedantisch **gewesen** (hoh293)

<sup>266</sup> A tradução de *den Jungen* não está correcta, deveria ser *os pequenos*, já que se trata de uma forma de plural.

§ Karl **era** simpático e pedante

Mas também os predicados de estádio podem ser traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito:

- (695) Rai **war** in den letzten Wochen vor seinem Tod fast stumpfsinnig **gewesen** (...) Müde **war** Rai **gewesen** wie die meisten Infanteristen, von denen er sich nur wenig unterschied. (hoh+740)  
 Nas últimas semanas antes de morrer, Rai **parecia** andar com os sentidos embotados (...) Rai **estava** cansado, como a maior parte dos soldados de infantaria, dos quais se distinguiu muito pouco.
- (696) Es fehlte außer dem Messer auch noch das wenige Geld, das er bei sich **gehabt hatte**, und sein Rock. (G12)  
 Além do canivete faltava também o pouco dinheiro que **trazia** consigo e o casaco.

Ao contrário do que acontece com os estados dos exemplos (690) a (693), acima, estes não são apresentados como um todo delimitado, situado num intervalo anterior ao 'ponto de perspectiva temporal' passado, mas sim localizados, sem atender aos seus limites, por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal', anterior a passado, disponível no contexto. O Pretérito Imperfeito volta, pois, a demonstrar aqui a mesma flexibilidade que já tínhamos observado na secção anterior (a propósito dos verbos de evento no Plusquamperfekt em leitura de repetição), no que diz respeito à localização do seu 'ponto de perspectiva temporal': ele revela-se compatível quer com intervalos anteriores a presente quer com intervalos caracterizados como anteriores a passado<sup>267</sup>, sendo que, nestes casos, é ao contexto que cabe fornecer a informação sobre a localização desse 'ponto de perspectiva temporal'. Prosseguindo agora a análise dos exemplos (694) a (696), vejamos a forma como o leitor português obtém, em cada uma das frases, essa informação que, no texto original, é veiculada pela própria forma de Plusquamperfekt. A propriedade referida em (694), acima, é interpretada como verdadeira à época em que, segundo o conhecimento que o leitor tem do contexto, as duas personagens conviviam, época essa que é anterior ao 'ponto de perspectiva temporal' passado. Em (695), acima, é o intervalo denotado pela expressão adverbial de tempo *nas últimas semanas antes de morrer* que constitui o 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado. Já em (696), temos duas formas de Pretérito Imperfeito, mas o próprio significado dos verbos em causa exclui a possibilidade de *faltar* e *traz* consigo terem o mesmo 'ponto de perspectiva temporal';

<sup>267</sup> Não são do meu conhecimento outros registos desta característica do Pretérito Imperfeito, a não ser uma alusão em Sten (1973: p. 174). Mas veja-se, na nota 193, acima, uma observação nesse sentido relativa ao Imparfait.

além disso, a informação contextual de que a personagem adormeceu e foi atacada durante o sono ajuda a estabelecer a relação temporal correcta entre as duas situações.

Se, nos exemplos citados até agora, não se levantam muitas questões quanto à forma verbal mais adequada para a versão portuguesa, outros há em que pode haver hesitação entre Pretérito Mais-que-perfeito e Pretérito Imperfeito. Por exemplo, a frase (697), abaixo, seria perfeitamente aceitável com uma forma de Pretérito Imperfeito para denotar a propriedade em causa, já que a expressão adverbial de tempo *em criança* assegura a interpretação de anterioridade, e o mesmo pode dizer-se de (698), abaixo.

- (697) § Sie trank Wein und bestand darauf, er müsse Apfellimonade trinken, ein Getränk, das sie als Kind so **geliebt hatte**. (hoh+1104)  
 § Ela bebia vinho e insistia em que ele tomasse sumo de maçã, uma bebida que ela muito **apreciara** em criança.
- (698) Zuvor **hatte** sie mit ihrem Sohn und ihrem Mann (...) zwei Zimmer in einer Neubausiedlung zwischen Sopot und Adlershorst (...) **bewohnt** (ur330)  
 Anteriormente **tinha morado** numa casa de duas assoalhadas num bairro moderno entre Sopot e Adlershorst (...) com o filho e o marido

No exemplo seguinte não há nenhum indicador adverbial de anterioridade, mas essa informação poderia ser veiculada pelo conteúdo da frase, já que se trata de uma personagem adulta que recorda a sua infância.

- (699) Seine Eltern **hatten** eine Kneipe **gehabt** und waren nie vor drei, vier Uhr ins Bett gekommen und seine ganze Kindheit lang war er morgens durch vollgerauchte Gastzimmer in die leere und große Küche gegangen. (hoh624)  
 Os seus pais **tinham sido** donos de uma taberna e nunca iam para a cama antes das três ou quatro da madrugada; e toda a sua infância ele se levantou de manhã cedo, atravessando o salão cheio de fumo para se dirigir à grande cozinha vazia<sup>268</sup>

Interessante é o facto de, na tradução, apesar de o verbo destacado estar no Pretérito Mais-que-perfeito (localizando o estado como um todo delimitado anterior ao 'ponto de perspectiva temporal' passado), o verbo de evento seguinte, outra forma de Plusquamperfekt no original (*waren gekommen*), ser traduzida por Pretérito Imperfeito (*iam*) para tornar mais evidente a localização da situação (ou, no caso, da sua ausência) apenas no período correspondente ao do estado referido anteriormente (*ser dono de uma taberna*), assim adoptado como seu 'ponto de perspectiva temporal'. Mas, como os próprios exemplos (697) a (699) mostram, no caso de verbos de estado aos quais pode corresponder

<sup>268</sup> Não encontro nenhum motivo para a tradução deste último verbo, uma forma de Plusquamperfekt (*war gegangen*), estar no Pretérito Perfeito (*levantou*). A meu ver, seria correcta uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito, *levantara*.

tanto o Pretérito Mais-que-perfeito quanto o Pretérito Imperfeito, os tradutores parecem preferir a forma que conserva a informação temporal presente no texto original, isto é, o Pretérito Mais-que-perfeito.

Uma outra situação em que a tradução pode oscilar entre uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito e uma forma de Pretérito Imperfeito é ilustrada pelo seguinte exemplo, com duas versões portuguesas diferentes para a mesma frase alemã:

- (700) Oder Haderer zum Beispiel hatte im ersten Krieg die höchsten Auszeichnungen erhalten, und man erzählt sich noch, daß er damals von Hötendorf mit einer Mission betraut worden war, die große Kühnheit **erfordert hatte**. (Umi 156)
- TM Ou o Haderer, por exemplo, tinha recebido as maiores condecorações na Primeira Guerra e ainda se conta que o Hötendorf lhe confiara na altura uma missão que **exigira** grande audácia.
- TS Ou Haderer, por exemplo, que tinha sido distinguido com as maiores condecorações na primeira guerra, e de quem se conta ainda que Hötendorf lhe confiou uma missão que **exigia** grande audácia.

Em primeiro lugar, note-se que o uso do Pretérito Imperfeito na frase relativa (*exigia*) é compatível com ambas as formas possíveis de traduzir o verbo da oração principal (*confiou* ou *confiara*). A forma de Pretérito Imperfeito da frase relativa localiza o estado (*exigir grande audácia*) por sobreposição ao 'ponto de perspectiva temporal' constituído pela missão em causa; esse estado é uma propriedade dessa missão, independentemente do momento em que ela foi levada a cabo e até do facto de ela ter sido levada a cabo (pode ter sido apenas planeada, e, noutro contexto, poderia estar a decorrer). Pelo contrário, a forma de Pretérito Mais-que-perfeito (*exigira*) relaciona a propriedade em causa com uma realização específica dessa missão, localizada inteiramente no passado relativamente ao 'ponto de perspectiva temporal' em causa. Daí que o Pretérito Mais-que-perfeito só possa ser empregue na primeira tradução, onde o verbo da oração principal (*confiara*) está igualmente no Pretérito Mais-que-perfeito. A forma equivalente no caso da segunda tradução seria o Pretérito Perfeito, *exigiu*, pois nesse caso a missão seria localizada por anterioridade em relação ao 'ponto de perspectiva temporal' presente da oração principal (cuja forma verbal é *confiou*). No que diz respeito ao verbo da oração relativa, creio que o texto original pode ter ambas as interpretações, tanto a que corresponde ao uso do Pretérito Imperfeito como a que corresponde ao Pretérito Mais-que-perfeito da versão portuguesa.

Esta questão da atribuição de propriedades em função de determinada situação delimitada anterior tinha já sido referida na secção 4.2.3.2, acima, a propósito das traduções de verbos de estado no Perfekt por formas de Pretérito Perfeito (cf. também a nota 258), mas estes casos são bastante mais numerosos no corpus entre as traduções de

Plusquamperfekt. Existem vários exemplos do mesmo tipo do anterior, sendo que há apenas uma tradução disponível para cada um deles. É o que sucede nas frases seguintes:

- (701) Seine Rache **war** hart **gewesen**. (hoh259)  
A sua vingança **fora** cruel.
- (702) Der hatte eine schwere Eisentür zur Seite geschoben, und nun war der Weg, der ohnehin so lang **gewesen war**, daß es unverständlich blieb, wie der Diener in verhältnismäßig kurzer Zeit auf Andreas' Klingeln hatte öffnen können, endlich zu Ende. (hoh259)  
Este tinha empurrado para o lado uma pesada porta de ferro e agora o caminho, que, aliás, **fora** tão comprido que não se percebia como é que, num tempo relativamente curto, o marçano pudera ir abrir, respondendo ao toque de Andreas, chegara finalmente ao seu termo
- (703) sagte, daß Bertoni vielleicht nie etwas Schlechtes getan habe in der Zeit und höchstens feige **gewesen war**  
disse que o Bertoni talvez nunca tivesse feito nada de mal nessa época e que, quando muito, **fora** covarde (UmiTM261)

Aqui, as formas de Plusquamperfekt são traduzidas por Pretérito Mais-que-perfeito, o que leva a que se estabeleça uma relação directa entre as propriedades em causa e determinadas situações confinadas a intervalos anteriores ao 'ponto de perspectiva temporal': em (701) a execução da vingança, em (702) o percorrer do caminho, e em (703), determinados actos classificáveis como sendo de cobardia. Uma tradução por Pretérito Imperfeito teria sido possível, mas não seria tão específica, uma vez que a propriedade seria atribuída aos indivíduos ou objectos em causa de forma geral, independentemente dessas situações concretas, perdendo-se igualmente a informação explícita sobre a anterioridade a passado. Há, porém, outros casos em que é essa tradução mais geral a opção do tradutor:

- (704) Wie er auch sicher war, daß der Anschlag der Fessel **gegolten hatte**. (G119)  
Como estava certo também de que o atentado **visava** a amarra.

Refira-se que, neste exemplo, embora a forma de Pretérito Imperfeito não implique directamente a execução do atentado, como o faz a forma de Pretérito Mais-que-perfeito, o próprio contexto já fornece essa informação.

Um último exemplo relacionado com estes é o seguinte:

- (705) man konnte es fühlen, ertasten an der Stelle, wo der Henkel in den Eimer eingelassen war, das erhabene E. H. und die stilisierte Kirsche, die eine Schöpfung von Albert **war**. (hoh409)  
no ponto onde a asa tinha sido enfiada sentiam aquele E. H. em relevo e a cereja estilizada que **fora** ideia de Albert.

Trata-se aqui de uma tradução em sentido inverso, isto é, de uma propriedade atribuída a um objecto e denotada por uma forma de Präteritum, mas à qual corresponde, na versão portuguesa, uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito. O tempo verbal escolhido faz com que o estado *ser ideia de Albert* não seja apresentado como uma propriedade do objecto em abstracto, mas evoque um evento específico anterior a um tempo de referência passado, neste caso, o surgir da ideia. Considerando as características da frase e, nomeadamente, o facto de o tradutor ter recorrido ao substantivo *ideia* para traduzir *Schöpfung* (*criação*), o emprego do Pretérito Imperfeito (*era uma ideia de Albert*) teria tornado a versão portuguesa mais vaga do que o texto original, uma vez que, aí, o substantivo *Schöpfung* (*criação*) remete já por si para um evento anterior de concepção do objecto, o mesmo resultado que o emprego do Pretérito Mais-que-perfeito acaba por ter na versão portuguesa.

Até este ponto foram comentadas apenas traduções que recorrem a verbos de estado. Não encontramos, entre as ocorrências de Plusquamperfekt com leitura episódica, casos de interpretação incoativa do estado em que surjam verbos de evento na tradução, mas existem exemplos em que surge o verbo *ficar*, denotando a fronteira inicial de um estado que pode ser delimitado, como os seguintes:

- (706) von dem Tage an, da Wilma zum ersten Male mit Leo allein **gewesen war**, schrie sie, wenn sie ihn nur sah. (hoh283)  
 desde o dia em que **ficara** sozinha com Leo pela primeira vez, Wilma chorava sempre que o via.
- (707) Er **war** allerdings zwei Jahre lang ohne Bezüge **gewesen** nach 1945 (Umi99)  
 TM **Estivera**, aliás, dois anos sem vencimentos depois de 1945  
 TS Na verdade, depois de 1945 ele **tinha ficado** dois anos sem qualquer tipo de relacionamento

Como a dupla tradução deste último exemplo demonstra, pelo menos em alguns casos, nos quais a duração do estado é explicitada, o uso do verbo *ficar* não é obrigatório, mas constitui uma alternativa ao emprego do próprio verbo estativo no Pretérito Perfeito.

Considerámos até aqui unicamente exemplos de verbos de estado com leitura episódica. Chegou o momento de observarmos algumas frases em que os estados recebem uma leitura de repetição. Embora em número reduzido, existem algumas frases com essas características no corpus, e as versões portuguesas respectivas contêm, por vezes, formas de Pretérito Imperfeito, outras vezes, formas de Pretérito Mais-que-perfeito. Começamos por observar uma destas últimas:

- (708) Alle Speisen, die auf dem Tisch **gestanden hatten**, fielen ihm wieder ein:  
(hoh+1125)  
Rememorava todos os alimentos que **tinham estado** sobre a mesa

Neste caso, só a descrição da refeição no restaurante, que precede a frase, nos permite saber que os pratos de que se fala não estiveram na mesa, todos ao mesmo tempo, uma vez apenas, mas que houve uma repetição da situação. Ou, seja, na ausência deste contexto específico, ou de uma expressão adverbial de frequência, o estado em causa receberia uma interpretação episódica, quer no texto original, quer na versão portuguesa. No corpus encontramos também o exemplo seguinte, que se torna interessante por ser o próprio tradutor a introduzir na versão portuguesa uma expressão adverbial de frequência que não encontramos no texto original, *muita vez*, numa tentativa clara de sinalizar explicitamente a leitura de repetição:

- (709) genauso war es schon vor zwanzig Jahren gewesen: hier **hatte** er neben Nella **gestanden**, ihr beim Kaffeekochen zusehen (hoh448)  
já assim era há vinte anos: já **tinha estado** assim muita vez junto de Nella, vendo-a fazer café

Passando agora aos verbos de estado em leitura de repetição traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito, observemos o exemplo seguinte:

- (710) Früher **war** ihm Nellas Schlampigkeit immer reizvoll **erschiene**n, aber seitdem er mit ihr zusammenwohnte, **hatte** er sie. (hoh439)  
Antigamente, o desleixo de Nella **parecia-lhe** sempre encantador, mas desde que vivia com ela achava-o detestável.

O valor de anterioridade a passado que a forma alemã sinaliza é também veiculado pelo advérbio *früher* / *antigamente*, que assegura a presença desse valor na frase portuguesa, apesar de ele não fazer parte do significado da forma verbal seleccionada. Quanto à questão da leitura episódica ou de repetição, tanto o Präteritum como o Pretérito Imperfeito permitem ambas as possibilidades, pelo que a decisão se apoia, neste caso, na expressão adverbial de frequência, *immer* / *sempre*.

Há, no entanto, outras frases no corpus em que a forma verbal da versão portuguesa não tem o mesmo grau de ambiguidade apresentado pelo texto original, como por exemplo a seguinte, em que o verbo de evento escolhido para a tradução exclui a possibilidade de uma interpretação episódica:

- (711) Rai **hatte** immer in Nellas Zimmer **gesessen** und gedöst, und auch damals waren die Gäste bis spät in die Nacht geblieben (hoh449)



Rai **sentava-se** sempre a dormir na sala de Nella, e já então os convidados ficavam até tarde, pela noite dentro

Responsável por essa diferença entre texto original e texto traduzido é a tradução do verbo de posição por um verbo de evento que corresponde ao início do estado posicional respectivo, uma possibilidade que já tinha sido assinalada na secção 4.2.2.2 para as traduções de formas de Präteritum, tanto em leitura de repetição (cf. por ex. (615), nessa secção), como em leitura episódica (cf. por ex. (620), na mesma secção).

#### 4.2.4.3 Verbos de actividade

Ao contrário do que acontece com os verbos de estado, os verbos de actividade no Plusquamperfekt que surgem no corpus em leitura episódica são todos traduzidos por formas de Pretérito Mais-que-perfeito:

- (712) und er selbst **hatte** Bly **bestürmt**, Karten zu besorgen (hoh1063)  
e ele próprio **instara** com Bly para comprar bilhetes
- (713) er **hatte** seinen guten Willen **gezeigt**, und wenn der andere den Bogen überspannte, so war das seine Sache. (LE194)  
**tinha mostrado** a sua boa vontade e se o outro ia longe de mais, o problema era dele.
- (714) er **hatte** Onkel Alberts Handbewegungen genau **nachgemacht**, den Pinsel im Wasser geschwenkt, ihn über die Farbtube gestrichen, mit dem Pinsel dann übers Papier – und als das Papier dann rot wurde, hellrot, da **hatte** er vor Freude **gelacht** (hoh1193,1)  
**imitara** com toda a exactidão os movimentos da mão do tio Albert, mergulhando o pincel na água, passando-o pelo tubo e depois pintando no papel – e quando este ficara vermelho, vermelho-vivo, **rira** de prazer

Quanto aos verbos de actividade em leitura de repetição, encontramos formas de Pretérito Mais-que-perfeito a par com formas de Pretérito Imperfeito, como no seguinte exemplo, onde a primeira forma, de Pretérito Mais-que-perfeito, parece marcar a anterioridade a passado, para que as formas de Pretérito Imperfeito que se seguem possam ser interpretadas de modo idêntico (embora não sobrepondo-se ao mesmo 'ponto de perspectiva temporal', já que se trata de fases sucessivas e distintas da vida da personagem em causa).

- (715) er hatte sie sanft in Erinnerung, freundlich und still, wie sie Onkel Erichs Brust in der Nacht geduldig mit Essigtüchern **behandelt**, wie sie Gert **zugelächelt** und wie sie mit Karl **gesprachen hatte**, bevor »es« weggemacht worden war. (hoh240)  
a sua recordação dela era de uma pessoa doce, afectuosa, serena como quando **tratara** pacientemente, com panos embebidos em vinagre, o peito do tio Erich

durante a noite, como quando **sorria** para Gert e como quando **conversava** com Karl antes de «aquilo» ter sido eliminado.

Por sua vez, as formas de Pretérito Imperfeito asseguram a leitura de repetição dos dois últimos verbos da frase, que, se conjugados no Pretérito Mais-que-perfeito, tenderiam a ter uma leitura episódica. Noutras situações, temos apenas formas de Pretérito Imperfeito, sendo a anterioridade a passado um dado a ser fornecido pelo contexto, como sucede nos seguintes exemplos:

- (716) und es wurde ihm genau beschrieben, wie man sich um die Eingeweide **gebalgt hatte**: (hoh+1116)  
e a avó contava-lhe em todos os pormenores como se **digladiavam** para apanhar as entranhas:
- (717) abends **hatte** Gert noch einen Handel in Gips und Zement **betrieben**, die er pfundweise verkaufte (hoh299)  
à noite **dedicava-se** ao negócio de gesso e cimento, que vendia à libra

Em (716) distingue-se claramente um 'ponto de perspectiva temporal' que é o da situação em que a avó conta histórias ao neto, e um outro que é o do conteúdo dessas histórias, situado na época da infância da avó; em (717) o 'ponto de perspectiva temporal' insere-se na época em que a personagem em causa, Gert, convivia com os protagonistas da obra, época essa que é anterior ao 'ponto de perspectiva temporal' passado dominante no texto.

Há, por outro lado, exemplos em que a forma escolhida para a tradução é o Pretérito Mais-que-perfeito:

- (718) Karl ging jetzt kommunizieren, und seit einiger Zeit betete Karl in der Kirche vor; oben von der Orgelempore herab hörte er die Stimme, die von »neuem Leben«, von »Nachschlag« und von »Ordnung« **gesprochen hatte** (hoh314,1)  
Ia agora à comunhão, e desde há algum tempo recitava as orações em voz alta, na igreja; lá de cima, da galeria do órgão, vinha a voz que **falara** na «nova vida», no «suplemento» e na «ordem»

Aqui, estando a anterioridade a passado expressa na forma verbal, é necessário que o contexto forneça a informação sobre o facto de se tratar de uma situação repetida, ou essa informação perder-se-á, o que me parece provável neste exemplo específico.<sup>269</sup> Na verdade, o que se passa na versão portuguesa deste exemplo não é muito diferente do que sucede no texto original, onde a forma de Plusquamperfekt é usada tanto para a leitura episódica como para a leitura de repetição. A diferença entre as duas línguas reside no facto de o leitor do texto alemão estar preparado atribuir uma leitura de repetição a formas

<sup>269</sup> A informação sobre a repetição da situação é dada anteriormente no texto (cf. a citação da nota 264), mas não no contexto imediato desta frase.

de Plusquamperfekt, já que não há uma forma alternativa que possa ser usada nesses casos, enquanto em português o uso de formas de Pretérito Mais-que-perfeito em leituras de repetição é mais restrito, abrangendo apenas casos em que essa repetição é delimitada, e há a alternativa do Pretérito Imperfeito, que tende a ser usada quando é necessário marcar a leitura de repetição.

#### 4.2.5 Traduções de Präsens

Como foi referido na secção 4.1, acima, as ocorrências de Präsens que encontramos no corpus são quase exclusivamente<sup>270</sup> traduzidas por formas de Presente. Não é, pois, acerca da influência da 'aktionsart' do texto original sobre a selecção do tempo verbal da tradução que se vai falar na presente secção, mas antes acerca das interpretações diferenciadas que tanto o Präsens como o Presente podem receber quando associados a diferentes classes de 'aktionsart', uma vez que há, nesse aspecto, variações marcadas e até bastante semelhantes nas duas línguas. Merecerá igualmente algumas observações a selecção da 'aktionsart' do texto traduzido e a sua articulação com a interpretação do tempo verbal, tal como tem acontecido em outros pontos deste capítulo. Seguindo o procedimento adoptado para os restantes tempos verbais, serão abordados, em primeiro lugar, os verbos de evento, depois os verbos de estado e, por fim, os verbos de actividade.

##### 4.2.5.1 Verbos de evento

Como foi dito no capítulo 3 (secção 3.2.2.2.1), tanto o Presente como o Präsens condicionam fortemente a interpretação dos predicados de evento. Estes tempos verbais só localizam eventos com os respectivos limites intrínsecos e por sobreposição à enunciação, em dois casos muito específicos, nomeadamente o dos verbos performativos na primeira pessoa e o do contexto de relato em directo. No corpus que serve de base a este trabalho, casos destes são praticamente inexistentes. Há apenas uma forma de Präsens de um verbo performativo na primeira pessoa, à qual corresponde, obviamente, uma forma de Presente na versão portuguesa:

- (719) Es war schön da, ich **schenke** dir die Armbanduhr. (hoh308)  
Gostei de estar aí, **ofereço-te** o relógio de pulso.

---

<sup>270</sup> Quase exclusivamente, isto é, em 96,70% dos casos. Algumas das excepções estão também relacionadas com o factor 'aktionsart' e serão abordadas na secção 4.2.7, abaixo.

Assim, entre as formas de Präsens (e de Presente) do corpus, encontramos quase exclusivamente casos em que o evento não é localizado, com o seu limite intrínseco, no intervalo correspondente à enunciação. Temos, por um lado, exemplos de interpretação futura, em que a situação é integralmente localizada num intervalo posterior à enunciação, e, por outro lado, outros casos em que a situação localizada não é um evento com o seu limite intrínseco: aqui se enquadram as interpretações de evento em curso, nas quais é localizada apenas a parte intermédia do evento, bem como as leituras de repetição, que analisaremos mais adiante.

Começando pelos exemplos de interpretação futura, embora tanto o Präsens como o Presente a permitam, na versão portuguesa essa leitura é frequentemente sinalizada por perífrases verbais<sup>271</sup> que não existem no texto original, como nos seguintes exemplos:

- (720) »Ist ja nicht so schlimm, liebe Großmutter, wir **lassen** den Arzt kommen.« (hoh37)  
«Não é assim tão mau, querida avó, **vamos chamar** o médico.»
- (721) »Sie **krieg'** ich noch klein« (hoh322)  
«Ainda o **hei-de tramar** »<sup>272</sup>

É claro que há também traduções com formas de Presente simples, como as dos exemplos que se seguem:

- (722) »geh nur, ich **bring** dir was zu essen.« (hoh145,1)  
– Vai lá que eu **levo-te** qualquer coisa para comer.
- (723) » **Komme** um sieben zurück, warte mit dem Essen auf mich.« (hoh20)  
« **Volto** às sete; espera por mim com o comer.»
- (724) »Jetzt **mach'** ich uns Pilze (...)« (ur314)  
“Agora **arranjo** cogumelos para nós (...)”

No entanto, julgo que uma frase como (724) não é tão bem conseguida com o Presente simples como seria com o uso de uma forma de *ir* e infinitivo. Assim, e embora exista em ambas as línguas a possibilidade de uma leitura futura da forma verbal do presente com predicados de evento, julgo que essa leitura está sujeita, em português, a restrições que não se fazem sentir em alemão, e que me parecem prender-se com a existência de formas alternativas para exprimir esse valor de futuro, nomeadamente o verbo *ir* e infinitivo. Esta

<sup>271</sup> Assim como por formas de Futuro, em alguns casos de que aqui deixo um exemplo, embora esta não seja uma das formas analisadas neste trabalho.

(a) »Insgeheim«, sagte sie, »denkst du, daß ich kirre werde und dich **heirate**, aber du täuschst dich.« (hoh570)  
– No íntimo - tornou ela - pensas que me submeterei e **casarei** contigo, mas enganas-te.

<sup>272</sup> Neste e noutros casos, estas formas têm igualmente um valor modal, mas a modalidade é uma questão que ultrapassa o âmbito do presente trabalho, pelo que não comentarei os exemplos sob esse ponto de vista.

é, todavia, uma questão que não pode ser tratada no âmbito deste trabalho, até porque os dados do corpus são demasiado restritos no que diz respeito a estas formas verbais.

Mais raros ainda são os exemplos de verbos de evento no Präsens, e no Presente, com uma leitura de evento em curso, como o seguinte:

- (725) »jetzt **wird's** endlich mal lustig, und du willst gehen. (hoh498)  
 – Agora que a boa disposição **está a voltar** é que te queres ir embora.

O que há a destacar relativamente a estes casos é o facto de, em português, ser obrigatória a presença de um operador aspectual (a forma *estar a*, introduzida na tradução) para que a situação possa ser interpretada como um evento em curso. Pelo contrário, em alemão, o tipo de interpretação que a forma verbal recebe depende inteiramente do contexto.

E passamos àquela que é, no corpus em análise, a interpretação mais frequente de verbos de evento no Präsens e no Presente, designadamente a leitura de repetição, que encontramos, por exemplo, nas frases seguintes:

- (726) »eine Einrichtung, die schon meine verstorbene Großmutter benützt hat: wir **winden** die Wäschepäcke durch das Fenster herauf und **lassen** sie auch hier wieder hinab (LE81,2)  
 «um dispositivo que já a minha falecida avó utilizou: **içamos** as trouxas de roupa pela janela e **descemo**-las outra vez também por lá».
- (727) Dann hatten sie ihn hierher gelegt, wie Mütter ihre Säuglinge sorglich unter die Büsche **legen**, wenn sie aufs Feld **gehen**. (G24)  
 Depois tinham-no deitado aqui, como mães que desveladamente **deitam** os filhinhos sob os arbustos, quando **saem** para os campos.

Como se pode verificar, ao contrário do que acontece com a interpretação de evento em curso, a leitura de repetição não exige a utilização de nenhum tipo de operador aspectual, em nenhuma das línguas em análise, embora ambas disponham deste tipo de elemento. Seria, teoricamente, possível introduzir, nas traduções dos exemplos anteriores, o verbo *costumar*. Todavia, no que diz respeito às formas de Presente, esse uso só se regista no corpus quando a versão alemã apresenta já um verbo de significado equivalente a esse, nomeadamente *pflügen*, como sucede no seguinte exemplo:

- (728) Ich weiß dies, weil mein Großvater dort das Leder für unsere Schuhe **zu kaufen pflegt** (LE149)  
 Sei isto, porque o meu avô **costuma comprar** lá o couro para os nossos sapatos

Até este momento observámos ocorrências da interpretação futura, da leitura de evento em curso e da leitura de repetição, as quais tinham já sido referidas no capítulo 3 como possibilidades de interpretação, tanto para as formas de Presente, como para as

formas de Präsens, quando associadas com verbos de evento. Refira-se que estas mesmas interpretações nos surgiram igualmente aquando da análise dos verbos de evento no Präteritum e das suas traduções por formas de Pretérito Imperfeito, na secção 4.2.2.1.2, acima. Nessa mesma secção, é também analisado um outro uso de verbos de evento no Präteritum (e no Pretérito Imperfeito) que surge igualmente com os verbos de evento no Präsens e no Presente, embora não se enquadre nas interpretações previsíveis a partir da caracterização destas duas formas verbais, levada a cabo no capítulo 3. Trata-se do uso estativo que alguns desses verbos podem ter, e que pode observar-se, por exemplo, nas frases seguintes:

- (729) § Die Wohnung im dritten Stock lag am Ende der Gasse, die wie alle nach Osten laufenden Gassen der Rechtstadt mit einem Tor, dem Kuhtor, zur Mottlau hin **ausläuft**. (ur341)  
 § A casa do terceiro andar ficava ao fundo da rua que, como todas as ruas da margem direita viradas a poente, **vem acabar** no Motlavia com um portão, o Portão das Vacas.
- (730) (...) eine Markthalle gebaut, die, Dominikshalle genannt, den Ersten und Zweiten Weltkrieg ausgehalten hat und bis heute unter ihrer breit gewölbten Dachkonstruktion in sechs Budenreihen ein mal üppiges, oft nur dürftiges Angebot **vereinigt**: (ur41)  
 (...) um mercado, chamado mercado de S. Domingos, o qual resistiu à primeira e à segunda guerras mundiais e até hoje, sob o seu amplo telhado abobadado, **reúne** em seis filas de bancas um sortido mais ou menos variado:
- (731) Wie sie liegend zu viert ihre hohen und weiten Hüte gegeneinander **kehren** und dabei vom Fotografen so gelegt sind, daß es kaum zu Überschneidungen kommt, bilden sie [die Pilze] ein Stilleben. (ur41)  
 Na posição em que foram colocados pelo fotógrafo, os quatro [cogumelos] **voltam** uns para os outros os altos chapéus de abas largas, de tal modo que mal se sobrepõem, formando uma natureza morta.

Embora possam, em geral, ser classificados como verbos de evento, os verbos em causa são aqui usados com um significado estativo, o que explica que nem o Präsens nem o Presente condicionem a sua interpretação como fazem normalmente aos verbos de evento. Na verdade, neste tipo de exemplo, estas formas verbais limitam-se a localizar, por sobreposição à situação de enunciação, um estado sem fronteiras inerentes ou extrínsecas. Esta interpretação estativa é diferente das interpretações de verbos de evento já mencionadas nesta secção, incluindo a de evento em curso. Este facto é confirmado, para o português, pela impossibilidade de se usar aqui o operador aspectual *estar a* (por exemplo, para (730), *está a reunir*) sem evocar de imediato o significado eventivo dos respectivos verbos, um significado bastante diferente do uso estativo que eles aqui têm. É interessante o facto de a interpretação estativa destes verbos de evento em alemão ser também possível

para os seus correspondentes em português, não levando a alterações de aktionsart na tradução, à semelhança, aliás, do que verificámos em exemplos semelhantes no Präteritum. Há, no entanto, também em sintonia com os exemplos de Präteritum já analisados, a possibilidade de o tradutor optar por usar um verbo estativo, como é o caso da frase seguinte:

- (732) Den Tisch **deckt** kaschubisches Leinen mit gesticktem Tulpenmuster. (ur396)  
A mesa **está** posta com uma toalha de linho da Cassúbia com tulpas bordadas.

É de referir ainda um último tipo de combinação entre verbos de evento e formas de Präsens traduzidas por Presente, que surge com alguma frequência no corpus. Trata-se da reprodução de informação, nomeadamente da citação mais ou menos livre de fontes escritas, usando verbos declarativos conjugados nestes tempos verbais, como sucede nos seguintes exemplos:

- (733) § Er **schreibt**, es habe, noch während die Witwe zahlte, ein Gespräch über Pilze, besonders über die späten, verspäteten Steinpilze begonnen (ur53)  
§ Segundo ele **escreve**, ainda enquanto a viúva pagava, teria começado uma conversa sobre cogumelos
- (734) Reschke **notiert**: »Auch diese Steine aus üblichem Material: Diabas und schwarzschwedischer Granit.« (ur 210)  
Reschke **regista**: “Diabase e granito preto da Suécia.”
- (735) § Er **teilt** mit, Alexandra habe ihn dann noch ans Grab ihrer Eltern geführt, nein, gebeten: (ur 311)  
Ele **participa** que Alexandra ainda o levou, não, pediu-lhe que fosse até à campa dos pais:

Estamos, uma vez mais, em presença de uma possibilidade comum às duas línguas, mas, desta feita, não encontramos, nos dados do corpus, um paralelismo entre pares de tradução contendo verbos de evento no Präsens / Presente e no Präteritum / Pretérito Imperfeito, ao contrário do que sucede no caso dos outros tipos de interpretação do Präsens e do Presente mencionados nesta secção.

#### 4.2.5.2 Verbos de estado

No que diz respeito aos verbos de estado no Präsens, em leitura episódica, eles são sempre traduzidos por verbos de estado no Presente:

- (736) »Quatsch«, sagte er, »du **weißt**, daß ich dich gern **mag**, und **weißt**, daß du eine schöne Frau **bist**.« (hoh563)  
– Que disparate! – disse ele. – **Sabes** que **gosto** bastante de ti, e **sabes** que **és** uma linda mulher.

Já nos casos em que os verbos de estado denotam situações repetidas, podem registar-se variações no padrão de tradução, não no que respeita ao tempo verbal, mas no que respeita à 'aktionsart' do texto traduzido, como observaremos em algumas ocorrências de verbos de posição. Assim, no exemplo seguinte, temos no texto original dois verbos de posição a que correspondem na versão portuguesa dois verbos de estado, nomeadamente *ter pendurada* e *estar*, este último um verbo de localização geral que, na ausência de outros meios mais específicos, e como já tínhamos observado na secção sobre traduções de verbos de posição no Präteritum (4.2.2.2), é um recurso muito frequente na tradução destes verbos.

- (737) – »Durchaus nicht«, antwortete sie, »denn an dem Wäschepack **hängt** ein dünnerer Strick und der Mann, welcher unten **steht**, hält ihn angespannt in der Hand. (LE83)  
 – «De modo nenhum», replicou ela, «porque a trouxa de roupa **tem** uma corda mais fina pendurada e o homem que **está** lá em baixo mantém-na esticada com a mão.

O exemplo seguinte ilustra a possibilidade de traduzir o mesmo tipo de verbo por predicados de evento que correspondem ao início do estado posicional respectivo:

- (738) § Aber Friedl sprach weiter: »Verstehst du, warum sogar Herz und Ranitzky beisammen **sitzen** (...)? (UmiTM177)  
 § Mas o Friedl prosseguiu: «Entendes por que razão até o Herz e o Ranitzky se **sentam** juntos à mesma mesa (...)?

Se a versão original deste exemplo poderia, sem a informação contextual de que uma das personagens referidas se encontra ausente, receber tanto uma interpretação episódica quanto uma interpretação de repetição, já a versão portuguesa, contendo um verbo de evento, exclui a hipótese de uma interpretação episódica. Neste contexto, torna-se igualmente interessante observar a frase seguinte, da qual estão disponíveis no corpus duas versões portuguesas distintas:

- (739) §»Verstehst du«, fragte er, »warum wir beisammen **sitzen?** « (Umi173)  
 TM §«Entendes», perguntou ele, «por que razão nos **sentamos** todos à mesma mesa?»  
 TS §«Entendes», perguntou ele, «porque **estamos** todos sentados à mesma mesa?»

Tal como acontecia no caso do exemplo (738), a tradução com um verbo de evento elimina a possibilidade de uma interpretação episódica, tornando, assim, a versão portuguesa muito mais restritiva na sua interpretação do que o texto original, já que, para a frase em causa, o texto não contém pistas contextuais claras que permitam resolver a questão de qual é a leitura mais adequada para este predicado, a episódica ou a de repetição. Quanto à segunda



tradução, com um verbo estativo, a sua interpretação é tendencialmente episódica, como sucede com qualquer verbo de estado no Presente que não seja acompanhado de uma indicação contextual clara de que se trata de uma situação repetida. Este e outros exemplos semelhantes serão comentados no capítulo 5 (secção 5.1.1) do ponto de vista da tradução e da ambiguidade no texto original e na versão portuguesa.

À semelhança do que já tinha sido observado no caso dos verbos de posição no Präteritum, na secção (4.2.2.2), uma outra alternativa de tradução em que não são usados verbos de estado é o emprego de *ficar*, frequentemente especificado pelo participio passado correspondente:

- (740) (...) zu solcher Mittagsstunde, in der die Familien, soweit sie nicht auf dem Felde draußen sind, sich um den Tisch versammelt haben, während die Hunde, den Bissen erwartend, daneben **sitzen** (28,1)  
 (...), nessa hora do meio-dia em que as famílias, se não estão lá fora nos campos, se acham reunidas em torno da mesa, enquanto os cães, à espera do naco que lhes pertence, **ficam** sentados ao lado

Também aqui a forma verbal da tradução elimina a possibilidade de uma leitura episódica, ao contrário do que sucede com o verbo do texto original, cuja interpretação é determinada pelo contexto.

O comportamento que observámos até agora apenas em verbos de posição pode ser igualmente testemunhado em outros verbos de estado, como se verifica nos seguintes exemplos:

- (741) Die Männer sind unterwegs zu sich, wenn sie abends beieinander **sind**, trinken und reden und meinen. (Umi1)  
 TM Os homens estão a caminho de si mesmos quando **estão** uns ao pé dos outros ao serão, bebem e conversam e emitem opiniões.  
 TS Os homens vão a caminho de si próprios quando à noite se **juntam**, se põem a beber, a falar e a opinar sobre isto e sobre aquilo.  
 (742) »Solche Erinnerungen **haften** stärker als alle Pilzgerichte, die in italienischen Gaststätten auf den Tisch kommen (ur370)  
 “Estas recordações **ficam** gravadas com mais intensidade do que todos os pratos de cogumelos que nos possam servir nos restaurantes italianos.

Na primeira tradução de (741) o verbo usado na tradução é estativo, na segunda tradução temos um verbo de evento que corresponde ao início do estado, e na versão portuguesa de (742) encontramos o verbo *ficar*.

### 4.2.5.3 Verbos de actividade

Também os verbos de actividade no Präsens contidos no corpus são invariavelmente traduzidos com recurso a formas de Presente, havendo, no entanto, algumas observações a fazer a respeito da 'aktionsart' da tradução. Como foi referido no capítulo 3, a propósito do Presente e da sua relação com as diversas classes de 'aktionsart', os verbos de actividade em leitura episódica necessitam da presença de um operador aspectual para poderem localizar a situação respectiva como sobreposta ao momento da enunciação, sendo este, aliás, um traço que distingue os verbos de actividade dos verbos de estado (cf. a secção 3.1.7, acima). Pelo contrário, os verbos de actividade no Präsens são normalmente interpretados como denotando situações únicas em curso, excepto quando há indicadores de leitura de repetição. Assim, o padrão esperado para os pares de tradução em leitura episódica é o de introdução de um operador aspectual na versão portuguesa, o que se verifica, de facto, em exemplos como os seguintes:

- (743) Schon **rede** ich, als wäre ich dabeigewesen, von seinem Tweedjackett, von ihrem Einkaufsnetz (ur143)  
Cá **estou** eu, como se tivesse presenciado tudo, **a falar** do casaco de tweed dele, das redes dela,
- (744) Diese Gasse (...) verlangt (...) nach einer gründlichen Restaurierung: so mürbe **bröckelt** von den Gesimsen der Stuck. (ur321)  
Esta rua (...) necessita de profundas obras de restauro: até os frisos de estuque das paredes **estão a esboroar**-se.
- (745) Ich **spreche** einfach von den Erfahrungen. (Umi137)  
TM **Falo** simplesmente das experiências.  
TS Eu **estou** simplesmente **a falar** da experiência que tivemos.

No entanto, a primeira tradução do exemplo anterior mostra que é, por vezes, possível prescindir do operador aspectual, conservando a leitura episódica. Alguns outros exemplos do corpus, como o seguinte, confirmam esta possibilidade:

- (746) Und es gibt nur wenige Möglichkeiten für dich: eine Witwe zu sein oder die Frau eines anderen Mannes; du aber **versuchst** in einem Zwischenstadium zu leben, in einer Kategorie, die es nicht gibt.« (hoh534e5)  
E para ti as possibilidades são poucas... ser viúva ou casar com outro homem: mas tu **procuras** viver num estado intermédio, numa categoria que não existe.

Registe-se ainda a existência de um exemplo paralelo aos que foram apresentados na secção respeitante aos verbos de evento, nomeadamente de referência à informação proveniente de fontes escritas usando um verbo declarativo, neste caso, de actividade, no Präsens:

- (747) § Und dann **beklagt** er zwei Seiten lang den Niedergang handgefertigter Produkte (ur156)  
 § E então **lamenta** ao longo de duas páginas a decadência dos produtos feitos à mão

Quanto à leitura de repetição, em regra, ela é apoiada por indicações adverbiais ou contextuais contidas no próprio texto original, já que, sem elas, os predicados de actividade no Präsens recebem uma leitura episódica. A versão portuguesa contém geralmente um verbo de actividade do Presente, como nos seguintes exemplos:

- (748) § »Sie **benutzt** die Küche gelegentlich als Werkstatt« (ur376)  
 § "De vez em quando **faz** da cozinha oficina",  
 (749) und das wiederum könnte ich jetzt nicht mehr vollziehen, weil ich oft an Rai **denke** (hoh509)  
 e nem isso eu seria capaz de fazer porque **penso** frequentemente em Rai  
 (750) Und sie **beten** in ihren Kirchen dafür, daß die Männer ausziehen, tapfer und frisch-fromm-fröhlich-frei, damit die Witwenfabrik weiterläuft. (hoh545)  
 E nas suas Igrejas **fazem** preces para que os homens partam animosos, frescos, piedosos, alegres, livres, para que a fábrica de viúvas continue a funcionar.

No entanto, existe igualmente a possibilidade de ser adicionado a esse verbo um operador aspectual que transforma a situação referida na fronteira inicial da actividade em causa, como sucede na segunda tradução do exemplo seguinte:

- (751) Die Männer sind unterwegs zu sich, wenn sie abends beieinander sind, **trinken** und reden und meinen. (Umi1)  
 TM Os homens estão a caminho de si mesmos quando estão uns ao pé dos outros ao serão, **bebem** e conversam e emitem opiniões.  
 TS Os homens vão a caminho de si próprios quando à noite se juntam, **se põem a beber**, a falar e a opinar sobre isto e sobre aquilo.

Trata-se de um caso muito semelhante aos que já tinham sido registados na tradução de verbos de actividade no Präteritum, em que a presença do operador aspectual é facultativa, como se verifica pela formulação escolhida na versão portuguesa da mesma frase que é apresentada em primeiro lugar.

#### 4.2.6 Balanço: tempo verbal e 'aktionsart' no texto original e no texto traduzido

Ao longo das secções 4.2.2 a 4.2.5, foram examinadas, em separado, traduções das quatro formas verbais alemãs em análise neste trabalho, organizadas de acordo com a 'aktionsart' do texto original. Chegou agora o momento de fazer um pequeno balanço do papel desempenhado pela 'aktionsart' na tradução destas formas verbais, não só no que diz

respeito à selecção do tempo verbal da tradução, mas também no que toca à própria classe de 'aktionsart' do predicado usado na versão portuguesa.

A selecção dos tempos verbais da tradução tinha já sido objecto de análise global em termos quantitativos na secção 4.2.1, acima, pelo que as secções que se seguem adicionam apenas a esses dados, aqui resumidos no quadro (752), algumas anotações relevantes no que diz respeito à interpretação das diversas possibilidades de tradução para cada forma verbal.

(752) – Quadro: Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de evento, estado e actividade mais frequentes (excepto *sagen*), excluindo leituras de repetição nos verbos de evento e de actividade (baseada nos quadros (572), (574) e (577), acima)

		Präsens		Präteritum		Perfekt		Plusquam-perfekt		Total
Verbos de EVENTO	Presente	45	100%							45
	Pretérito Imperfeito			81	26,05%	1	4,35%	6	6,12%	88
	Pretérito Perfeito			214	68,81%	20	86,96%	2	2,04%	236
	Pret. Mais-que-perfeito			16	5,14%	2	8,70%	90	91,84%	108
	<i>Total</i>	45	100%	311	100%	23	100%	98	100%	477
Verbos de ESTADO	Presente	434	95,38%	4	0,38%					438
	Pretérito Imperfeito	2	0,44%	907	85,89%	10	55,56%	24	29,63%	943
	Pretérito Perfeito	19	4,18%	101	9,56%	8	44,44%	2	2,47%	130
	Pretérito Mais-que-perfeito			44	4,17%			55	67,90%	99
	<i>Total</i>	455	100%	1056	100%	18	100%	81	100%	1610
Verbos de ACTIVIDADE	Presente	7	87,50%							7
	Pretérito Imperfeito			46	45,54%	1	25,00%			47
	Pretérito Perfeito	1	12,50%	53	52,48%	3	75,00%			57
	Pretérito Mais-que-perfeito			2	1,98%			9	100%	11
	<i>Total</i>	8	100%	101	100%	4	100%	9	100%	122

Já a questão da 'aktionsart' da versão portuguesa e da sua relação com a 'aktionsart' do texto original não tinha ainda sido abordada, pelo que será tratada mais detalhadamente e ilustrada com exemplos. Na maior parte dos pares de tradução que fazem parte do corpus, a 'aktionsart' da forma verbal escolhida para a versão portuguesa é idêntica à do texto original, mas, ao longo das secções 4.2.2 a 4.2.5, foram sendo assinaladas diversas excepções a esta regra geral, que envolvem o uso de verbos de outras classes de 'aktionsart' ou a inserção de operadores aspectuais na versão portuguesa. Estas excepções surgem com diferentes tempos verbais, mas seguem, muitas vezes, padrões de distribuição semelhantes. São essas semelhanças que pretendo realçar nas secções seguintes, nas quais retomo essas variações da 'aktionsart' da tradução que já assinalei individualmente, desta vez organizando-as de acordo com a 'aktionsart' do predicado do texto original.

#### 4.2.6.1 Verbos de evento

Como já tinha sido constatado a partir dos dados da secção 4.2.1.1, as traduções onde é mais clara a influência da 'aktionsart' na selecção do tempo verbal da versão portuguesa são as de Präteritum e Perfekt. Nessas traduções o Pretérito Perfeito é claramente a opção de tradução dominante para os verbos de evento em leitura episódica. As ocorrências de Pretérito Imperfeito estão sistematicamente associadas a determinadas interpretações específicas, nas quais, ao contrário do que sucede nas traduções por Pretérito Perfeito, não há localização de um evento com os respectivos limites. A mais frequente dessas interpretações é a leitura de repetição, mas encontramos também usos estativos de verbos de evento e ainda a localização de eventos em curso, que exclui os respectivos limites. Com raras excepções, é também uma dessas interpretações específicas que recebem verbos de evento no Präsens, traduzidos por Presente. Quanto ao Plusquamperfekt, em leitura episódica, a forma verbal portuguesa seleccionada para traduzir verbos de evento é o Pretérito Mais-que-perfeito, enquanto em leitura de repetição podemos também encontrar formas de Pretérito Imperfeito, se não houver outros elementos contextuais que assegurem essa leitura de repetição, como é o caso do exemplo (684), acima, aqui repetido como (753) (cf. também frases como (685) e (715), acima).

- (753) Und er begriff, warum er Angst vor ihr hatte, wenn sie zu beschreiben anfing, wie zu Hause Kaninchen **geschlachtet worden waren**. (hoh+1115)  
E quando ela começava a contar como se **matavam** os coelhos lá em casa, compreendia a razão do medo que dela tinha.

Passando agora à influência da 'aktionsart' do texto original sobre a 'aktionsart' seleccionada para a versão portuguesa, no caso dos verbos de evento não encontramos muitas mudanças em relação à versão original. Surgem, por vezes, operadores aspectuais adicionados aos verbos de evento na tradução, nomeadamente no Presente (cf. (754), abaixo) e no Pretérito Imperfeito (cf. (755), abaixo).

- (754) »jetzt **wird's** endlich mal lustig, und du willst gehen. (hoh498)  
 – Agora que a boa disposição **está a voltar** é que te queres ir embora.
- (755) §Haderers Begeisterung über den Zeichner **ließ** jetzt nach, er wollte in das Gespräch zurück, und als Mahler es sich verbat, daß man ihn zeichnete, war er ihm dankbar und winkte dem alten Mann ab (UmiTM126)  
 §O entusiasmo do Haderer pelo desenhador **estava a diminuir**, queria voltar à conversa, e quando o Mahler proibiu que o desenhasse ficou-lhe agradecido e despediu o velho com um aceno

No caso do Presente, esses operadores são obrigatórios para que verbo possa ter uma interpretação episódica, mas no caso do Pretérito Imperfeito a sua utilização é facultativa e, nos textos do corpus, não é frequente. A utilização destes operadores estava prevista na caracterização dos tempos verbais em causa apresentada no capítulo 3. O que essa descrição não previa era a possibilidade de verbos de evento usados com uma aceção estativa poderem ser traduzidos por verbos de estado, como se veio a verificar, durante a análise do corpus, no caso de formas de Presente e de Pretérito Imperfeito como as seguintes:

- (756) Den Tisch **deckt** kaschubisches Leinen mit gesticktem Tulpenmuster. (ur396)  
 A mesa **está** posta com uma toalha de linho da Cassúbia com tulpas bordadas.
- (757) (...) dunkle Kapelle, wo rechts hinter der Kommunionbank ein großes schwarz lackiertes Gitter – über das auf der Rückseite ein ganz blauer Vorhang **fiel** (hoh74,1)  
 (...) capela sombria onde, à direita, por detrás da mesa da comunhão, um grande gradeamento coberto de laca preta – nas costas do qual **pendia** uma cortina

A tradução de verbos de evento por verbos de estado é também possível no caso de eventos em leitura de repetição no texto original e de verbos portugueses que denotam os respectivos estados habituais, como no exemplo seguinte:

- (758) Außerdem reinigte sie die Notkirche draußen im Park und die Kapelle der Nonnen, zu denen auch Onkel Albert oft **ging**: (...) (hoh74)  
 Também se encarregava da limpeza da limpeza da Notkirche, lá fora no parque, e da capela das freiras, que o tio Albert **frequentava**: (...)

Outra forma de adaptar a 'aktionsart' da tradução a estes casos em que os verbos de evento do texto original recebem uma leitura de repetição é o uso do operador aspectual *costumar*,

que não é frequente no corpus mas que pode surgir associado ao Presente ou ao Pretérito Imperfeito, este último como tradução, tanto de formas de Präteritum quanto de formas de Plusquamperfekt, como sucede no exemplo seguinte:

- (759) und als er nach vier Wochen auszog und auf Nellas Bitten hin nach Deutschland zurückfuhr, fand er noch die henkellose Tasse, in der Leen immer ihre Lauge für Seifenblasen **hergestellt hatte**, (hoh+1079)  
 E quando, decorridas quatro semanas, ele regressou à Alemanha a instâncias de Nella, encontrou ainda a chávena sem asa de que Leen se **costumava servir** para fazer bolas de sabão,

#### 4.2.6.2 Verbos de estado

Também em relação aos verbos de estado, os casos onde é mais clara a correlação entre a 'aktionsart' do texto original e o tempo verbal da tradução são os de Präteritum e Perfekt, com um predomínio da tradução por formas de Pretérito Imperfeito. O Pretérito Perfeito surge sobretudo nas ocorrências em que o estado é interpretado como delimitado, e ainda quando o verbo do texto original recebe uma leitura incoativa, havendo exemplos em que o texto original oferece alguma margem de indeterminação e permite diferentes interpretações, nomeadamente no que toca à delimitação do estado. Os verbos de estado no Plusquamperfekt são maioritariamente traduzidos por Pretérito Mais-que-perfeito, mas, quando se trata de situações incompatíveis com a delimitação ou sobrepostas a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado, surge na tradução o Pretérito Imperfeito. Quanto ao Präsens, a forma verbal das traduções consideradas é sempre o Presente, não sendo condicionada pela 'aktionsart' mas pelo próprio tempo verbal do texto original.

Passando agora à questão da 'aktionsart' da tradução, pode afirmar-se que os verbos de estado que ocorrem no corpus são traduzidos, com alguma frequência, recorrendo a verbos portugueses pertencentes a outras classes de 'aktionsart', sendo, por vezes, essa a única possibilidade de recriar a interpretação do texto original. Essa variação relativamente à 'aktionsart' do texto original regista-se na tradução de (i) verbos de posição, (ii) verbos com interpretação incoativa, (iii) verbos que denotam estados delimitados e (iv) verbos com leitura de repetição. Recordemos alguns exemplos das diferentes situações mencionadas.

O primeiro desses casos é o dos verbos de posição, para os quais é muitas vezes difícil conseguir equivalentes igualmente informativos em português, sendo uma das possibilidades o uso de verbos de evento em aceção estativa:

- (760) und das sehr dunkle Haar **stand** hart und dicht vor einem hellen Himmel (hoh180)

- e o cabelo muito escuro **erigava-se** duro e espesso num céu luminoso  
 (761) Ihre Haare **hingen** in einem losen Zopf über den Rücken und waren blond.  
 (LE72)  
 Os cabelos **caíam-lhe** numa trança solta pelas costas e eram louros.

O segundo caso relevante é o dos verbos de estado com interpretação incoativa no texto original, os quais, muitas vezes, não podem ser traduzidos por meio de verbos de estado portugueses. Os recursos de tradução habitualmente usados nestes casos passam por verbos de evento correspondentes ao início do estado (cf. (762) e (763), abaixo), pelo verbo *ficar* (cf. (764), abaixo), e ainda por operadores aspectuais que seleccionam o início do estado (cf. (765) e (766), abaixo), que, nos dados do corpus, surgem no Pretérito Perfeito, traduzindo formas de Präteritum:

- (762) Schließlich fanden sie eine gußeiserne Bank, der es gelungen war, mit dem Efeu zu überdauern. Von Taxusgebüsch abgeschirmt, **saßen** sie. (ur269 e 270)  
 Acabaram por dar com um banco de ferro fundido que conseguira sobreviver à hera. Lá se **sentaram** protegidos pela ramagem da sebe de teixo.
- (763) Er trank den Kirsch aus und weckte die Wirtin, indem er ihr leise auf die Schulter klopfte, sie **war** sofort ganz wach, lächelte und sagte: (hoh 426)  
 § Acabou de beber a ginja e foi despertar a dona do bar tocando-lhe ao de leve no ombro. Ela **acordou** logo, sorriu e disse:
- (764) Er **war** froh, als das Licht wieder ausging (hoh22)  
**Ficou** satisfeito quando a luz se tornou a apagar
- (765) »Das **hat** alles, als Pilsudski von Litauen weggenommen hat, wieder Polen **gehört**. (ur273)<sup>273</sup>  
 «**Voltou** tudo a **pertencer** a Polónia quando Pilsudski roubou Lituânia.
- (766) §Mir war entgangen, was der Unbekannte (...) zu uns her gesagt hatte (...), und darum **war** mir unklar, warum er plötzlich sagte, er sei ein Mörder. (UmiTM348)  
 §Tinha-se-me escapado o que o desconhecido (...) havia dito ao dirigir-se a nós (...), e por isso não **fiquei a saber** bem porque é que ele de repente dizia que era um assassino.

O verbo *ficar* surge também com frequência em traduções de verbos de estado acompanhados de uma especificação de duração, quer no Pretérito Perfeito, para traduzir formas de Präteritum, quer no Pretérito Mais-que-perfeito, para traduzir formas de Plusquamperfekt, como sucede no exemplo seguinte

- (767) Er **war** allerdings zwei Jahre lang ohne Bezüge **gewesen** nach 1945 (UmiTS99)  
 Na verdade, depois de 1945 ele **tinha ficado** dois anos sem qualquer tipo de relacionamento

<sup>273</sup> Esta frase, proferida por uma personagem que não é falante nativa de alemão, contém incorrecções que, no entanto, não invalidam as afirmações que aqui faço.



Neste caso em que são identificáveis ambas as fronteiras do estado referido, pode também ser usado na tradução o verbo de estado correspondente ao do texto original, *tinha estado*, algo que não era possível nos exemplos anteriores, onde a interpretação incoativa punha em destaque apenas a fronteira inicial do estado.

O quarto caso em que o emprego de verbos de evento para traduzir verbos de estado é relativamente frequente, embora não seja obrigatório, é o dos estados em leitura de repetição. Tal como no caso da interpretação incoativa, que descrevi acima, os recursos de tradução atestados no corpus incluem um verbo de evento correspondente ao início do estado (cf. (768) a (770), abaixo) e o verbo *ficar* (cf. (771)), mas, desta vez, os tempos verbais usados são o Presente, como tradução de Präsens, e o Pretérito Imperfeito, como tradução de Perfekt, Plusquamperfekt ou Präteritum, como se pode verificar nos exemplos seguintes:

- (768) § Aber Friedl sprach weiter: »Verstehst du, warum sogar Herz und Ranitzky beisammen **sitzen** (...)? (UmiTM177)  
 § Mas o Friedl prosseguiu: «Entendes por que razão até o Herz e o Ranitzky se **sentam** juntos à mesma mesa (...)?»
- (769) § »Bist du nicht die, die mit ihm den Sommer über am Fluß **gelegen ist**?« (G239)  
 § «Tu não és aquela que pelo Verão adiante se **deitava** com ele à beira-rio?»
- (770) Rai **hatte** immer in Nellas Zimmer **gesessen** und gedöst, und auch damals waren die Gäste bis spät in die Nacht geblieben (hoh449)  
 Rai **sentava-se** sempre a dormir na sala de Nella, e já então os convidados ficavam até tarde, pela noite dentro
- (771) Das Wort **stand** manchmal einen ganzen Tag lang da an der Wand (hoh317)  
 Muitas vezes, aquela palavra **ficava** um dia inteiro ali escrita na parede,

O uso de um verbo de evento na tradução tem, nestas situações, o efeito de tornar a leitura de repetição inequívoca, eliminando assim a ambiguidade que pode existir a esse respeito no texto original. Sobre esta questão da ambiguidade do Präteritum e do seu tratamento na tradução, vejam-se mais algumas observações no capítulo 5.

#### 4.2.6.3 Verbos de actividade

Como foi referido na secção 4.2.1.3, acima, é com verbos de actividade que é menos perceptível algum tipo de influência da 'aktionsart' do texto original sobre a selecção do tempo verbal da tradução. No que diz respeito às ocorrências de Präteritum, há uma distribuição muito aproximada das traduções por Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito. O emprego de uma ou de outra forma varia conforme a leitura episódica ou de repetição recebida pelo verbo do texto original e, sobretudo, consoante a interpretação da situação como delimitada ou não-delimitada. Situações repetidas são tendencialmente

traduzidas por Pretérito Imperfeito e situações delimitadas por Pretérito Perfeito, sendo que, em muitos casos, é difícil tomar uma decisão fundamentada sobre esta questão, e parece haver possibilidade de optar por um ou outro tempo verbal na versão portuguesa. No caso do Perfekt, predominam as traduções por Pretérito Perfeito, mas o número de ocorrências é demasiado baixo para que se possam esclarecer exactamente as razões para esta tendência. Quanto ao Präsens e ao Plusquamperfekt, o domínio do Presente e do Pretérito Mais-que-perfeito na tradução são condicionados pelo tempo verbal e não pela 'aktionsart' do texto original.

No que diz respeito à 'aktionsart' da tradução, também para os verbos de actividade em leitura episódica a descrição dos tempos verbais apresentada no capítulo 3 fazia prever a necessidade de empregar operadores aspectuais na tradução, nomeadamente no Presente, onde, de outro modo, as actividades têm uma leitura de repetição. Esses operadores surgem, de facto, no corpus, não só no Presente (cf. (772), abaixo), mas também, a título opcional, no Pretérito Imperfeito (cf. (773)):

- (772) Schon **rede** ich, als wäre ich dabeigewesen, von seinem Tweedjackett, von ihrem Einkaufsnetz (ur143)  
Cá **estou** eu, como se tivesse presenciado tudo, **a falar** do casaco de tweed dele, das redes dela,
- (773) Jetzt **rauchte** sie wieder, überm Herd, was ihn störte. (ur381)  
Lá **estava** ela outra vez **a fumar**, agora por cima do fogão, o que o incomodava.

Mas, como já foi dito (cf. nota 251, acima) não são estes os operadores aspectuais que surgem com maior frequência no corpus em associação com verbos de actividade. Os mais abundantes são aqueles que seleccionam a fronteira inicial da actividade em causa, sobretudo *começar a* e *pôr-se a*, dos quais o primeiro corresponde muitas vezes a um operador idêntico no texto original, mas o segundo é, quase sempre, adicionado no decorrer do processo de tradução (cf. os dados quantitativos na nota 252, acima). Estes operadores surgem associados a verbos de actividade no Pretérito Perfeito (cf. (774), abaixo), com leitura episódica, mas também no Pretérito Imperfeito (cf. (775)) e no Presente (cf. (776)), com leitura de repetição:

- (774) Er **betrachtete** aus Verlegenheit das Buch, das sie auf dem Nachttisch liegen hatte (hoh594)  
Embaraçado, ele **pôs-se a olhar** para o livro que ela tinha pousado na mesa-de-cabeceira
- (775) Die Männer sind unterwegs zu sich, wenn sie abends beieinander sind, **trinken** und reden und meinen. (UmiTS1)

Os homens vão a caminho de si próprios quando à noite se juntam, **se põem a beber**, a falar e a opinar sobre isto e sobre aquilo.

- (776) Oder er wurde wütend und **verteidigte** einen Abwesenden, ließ ihn nicht morden, trieb die anderen zurück (UmiTS124)  
 Ou então enfurecia-se e **punha-se a defender** um ausente com todo o empenho; impedia que o liquidassem, fazia os outros recuar

Este tipo de operador pode também ocorrer associado a verbos de actividade no Pretérito Perfeito que denotam uma situação interpretada como repetida. Simplesmente, nesse caso, o operador aspectual selecciona o início dessa repetição, e não o início de cada ocorrência da actividade em si:

- (777) Um diese Zeit **begann** der Zirkusbesitzer davon **zu reden**, daß er heuer nach dem Süden ziehen wolle. (G179)  
 Por essa altura, o dono do circo **começou a dizer** que esse ano queria seguir para o Sul.

Por fim, registe-se ainda a ocorrência, rara nos dados do corpus, de um verbo de actividade traduzido por um verbo de evento correspondente ao início dessa actividade:

- (778) Als der Staub sich senkte, kam er hoch und **ging**. Er sah zu Boden und beobachtete das Pendeln der Schnur (G50)  
 Quando a poeira baixou, pôs-se de pé e **seguiu** caminho. Ia de olhos no chão e observava o movimento pendular da corda

Note-se que o efeito deste recurso de tradução é muito semelhante ao do emprego dos operadores aspectuais de que falámos acima: tanto num caso como noutra, a situação referida é a fronteira inicial da actividade em causa, e é exactamente essa a interpretação que recebe o verbo da versão original neste contexto. A diferença entre o texto original e a tradução reside no grau de ambiguidade da forma verbal – que é muito maior no texto original – e ainda no papel proporcionalmente mais importante que o contexto desempenha na interpretação desse texto, devido a essa ambiguidade. Pode dizer-se exactamente o mesmo dos verbos de estado traduzidos por verbos de evento correspondentes ao início desse estado (ou por *ficar*), que são usados em contextos muito semelhantes àqueles em que encontramos os operadores aspectuais que seleccionam o início da actividade: todos eles surgem no Presente e no Pretérito Imperfeito em leitura de repetição, e no Pretérito Perfeito em leitura episódica.<sup>274</sup> Em parte dos casos, trata-se de recursos obrigatórios para garantir a interpretação incoativa ou de repetição que a frase do texto original recebe, mas,

<sup>274</sup> Ocorrem também verbos estativos traduzidos por verbos de evento no Pretérito Mais-que-perfeito, mas não surgem no corpus paralelo verbos de actividade associados a operadores aspectuais no Pretérito Mais-que-perfeito.

noutros casos, sobretudo no que diz respeito aos verbos de actividade, são meios facultativos usados pelo tradutor, com o objectivo (ou, pelo menos, com o efeito) de reduzir a ambiguidade da forma verbal. O que a comparação entre as duas versões demonstra é que, na verdade, a ambiguidade assim evitada pelo tradutor não é maior do que a do texto original. O que pode estar em jogo aqui é o facto de existirem em português recursos de desambiguação que o leitor e o autor de textos estão habituados a usar, e que não existem, ou não são usados com tanta frequência, na língua alemã. Sobre esta questão da ambiguidade das formas verbais alemãs e da sua tradução, vejam-se mais algumas observações no capítulo 5.

#### 4.2.7 Traduções com variação conjunta de tempo verbal e 'aktionsart'

Nas secções 4.2.2 a 4.2.6, examinámos o papel desempenhado pela 'aktionsart' do texto original, mas também, do texto traduzido, nas correspondências de tradução mais frequentes para cada um dos tempos verbais alemães em análise. A presente secção será dedicada ao estudo de alguns padrões de tradução menos frequentes, que constituem alternativas às tendências dominantes na selecção do tempo verbal da versão portuguesa, e que têm a particularidade de implicar, em conjunto com o recurso a um tempo verbal português alternativo, uma variação sistemática da 'aktionsart' da tradução relativamente à do texto original.

##### 4.2.7.1 Traduções de verbos de estado por verbos de evento

Enquadram-se neste padrão as traduções de verbos de estado no Präsens e no Präteritum por verbos de evento no Pretérito Perfeito e no Plusquamperfekt, respectivamente, e ainda casos de tradução de verbos de estado no Plusquamperfekt por verbos de evento no Pretérito Mais-que-perfeito.

Comecemos por observar um exemplo de Präsens:

- (779) O ja, wenn einer weiß, daß Rai tot **ist**, dann weiß ich es. (hoh547)  
Oh, sim. Se alguém sabe que Rai **morreu**, sei-o eu.

Como se pode verificar, a frase portuguesa tem uma interpretação equivalente à da frase alemã, e isto porque o evento referido pela forma de Pretérito Perfeito (*morreu*) corresponde ao evento inicial do estado denotado pela forma de Präsens (*tot ist*), que é, portanto, idêntico ao estado resultante do evento descrito na frase portuguesa. A localização temporal dos dois estados é também idêntica, já que o primeiro se sobrepõe ao

'ponto de perspectiva temporal' presente que é a situação de enunciação, e o segundo, seguindo-se a um evento localizado num intervalo anterior a esse 'ponto de perspectiva temporal', se sobrepõe igualmente a ele. No que respeita à caracterização do tempo verbal escolhido para a versão portuguesa, comparando esta opção (*morreu*) com uma tradução mais literal da frase original, que seria *está morto*, verificamos que o 'ponto de perspectiva temporal' presente se mantém, mas que o tradutor, em lugar de um estado sobreposto a esse 'ponto de perspectiva temporal', opta por referir um evento anterior a ele, com um estado resultante que se lhe sobrepõe.

Veja-se agora um exemplo de um verbo de estado no Präteritum traduzido por um verbo de evento no Pretérito Mais-que-perfeito:<sup>275</sup>

(780) Nella **war** im Kino. (hoh+881)  
Nella **fora** ao cinema.

A diferença entre este par de tradução e o anterior resume-se ao 'ponto de perspectiva temporal', que é, desta feita, não a situação de enunciação mas um intervalo anterior a ela. Os restantes elementos são idênticos: o evento referido pela forma verbal portuguesa corresponde ao início do estado referido pela forma verbal alemã, o qual é, portanto, equivalente ao estado resultante desse evento.<sup>276</sup> Comparando esta formulação (*fora ao cinema*) com aquela que seria a de uma tradução mais literal, *estava no cinema*, verifica-se, à semelhança do que sucede no caso anterior, que o 'ponto de perspectiva temporal' passado é o mesmo, mas que o tradutor optou por referir, em lugar de um estado sobreposto a esse 'ponto de perspectiva temporal', um evento anterior a ele, com um estado resultante que se lhe sobrepõe.

<sup>275</sup> Note-se que os exemplos de traduções de verbos de estado no Präteritum por verbos de evento que já foram mencionados em secções anteriores são distintos destes, por um lado, por a forma portuguesa usada nesses exemplos ser o Pretérito Perfeito e não o Pretérito Mais-que-perfeito, e, por outro lado, por esses verbos de estado terem uma interpretação incoativa, que não é a destes, como se verifica comparando o exemplo (780), acima, com o exemplo (763) da secção anterior, aqui repetido:

(a) Er trank den Kirsch aus und weckte die Wirtin, indem er ihr leise auf die Schulter klopfte, sie **war** sofort ganz wach, lächelte und sagte: (hoh 426)

§ Acabou de beber a ginja e foi despertar a dona do bar tocando-lhe ao de leve no ombro. Ela **acordou** logo, sorriu e disse:

<sup>276</sup> Poderá colocar-se aqui a questão de saber que formas verbais portuguesas podem referir eventos que apresentem estados resultantes. De acordo com o que foi dito no capítulo 3, o Pretérito Mais-que-perfeito Composto, para além de um valor de anterioridade correspondente à forma de participio passado, é caracterizado por um valor de sobreposição a um passado correspondente ao verbo auxiliar, valor este que é exactamente o da localização do respectivo estado resultante. Este valor de sobreposição correspondente ao verbo auxiliar não está previsto na caracterização de formas verbais simples, mas exemplos como (779) e (780), acima, parecem mostrar que também os eventos denotados por formas simples podem apresentar estados resultantes.

O terceiro tipo de correspondência de tradução que segue um padrão semelhante a este é o do exemplo seguinte, onde uma personagem que recentemente encontrou na cave uma caixa cheia de papéis antigos recorda o momento em que, anos antes, recebeu essa caixa, evocando também sensações e sentimentos associados a esse momento:

- (781) Er ertappte sich dabei, daß er an den großen Sunlight-Karton dachte, an die mürrische kleine Händlerin, die ihm damals den Karton gegeben hatte: es **war** schon dunkel **gewesen**, und er hatte keine Lust gehabt, in sein Zimmer zu gehen  
(hoh+747e8)  
§ Surpreendeu-se a si próprio pensando na grande caixa Sunlight e na vendedora taciturna que lha dera; **tinha** já **escurecido**, e ele não sentia desejo de ir para o seu quarto

À primeira vista, olhando apenas para o verbo destacado na versão portuguesa, trata-se de um exemplo do mesmo tipo de (780), acima, também com um verbo de evento no Pretérito Mais-que-perfeito. E, tal como acontecia em (780), a forma portuguesa *tinha escurecido* envolve um evento anterior a um 'ponto de perspectiva temporal' passado (*escurecer*), que corresponde ao evento inicial do estado da versão alemã (*dunkel sein (estar escuro)*), e que tem, portanto, um estado resultante equivalente a esse estado. No entanto, note-se bem que a forma destacada no texto original de (781) não é uma forma de Präteritum, como em (780), mas sim de Plusquamperfekt. O estado que esta forma denota é, portanto, anterior ao 'ponto de perspectiva temporal' passado, que, neste contexto, é fornecido pela forma *ertappte sich / surpreendeu-se*: todo o episódio lembrado é anterior a este momento da recordação. Essa anterioridade é veiculada por três formas de Plusquamperfekt, *gegeben hatte (dera)*, *war (dunkel) gewesen (estivera (escuro))* e *hatte (Lust) gehabt (tivera (vontade))*. Mas, enquanto o primeiro destes verbos é eventivo e é traduzido sem quaisquer problemas por uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito de um verbo de evento equivalente, *dera*, localizando o episódio antes do 'ponto de perspectiva temporal' passado, o mesmo não se passa com as outras duas formas de Plusquamperfekt. Estas são formas de verbos estativos e localizam as situações respectivas por sobreposição ao evento anterior a passado que acabei de mencionar (*gegeben hatte / dera*): os estados verificam-se neste momento, sem que haja qualquer implicação relativa aos seus eventuais limites. Sucede que tal modo de localizar situações estativas não é compatível com as características do Pretérito Mais-que-perfeito português, que localiza situações delimitadas anteriores a um 'ponto de perspectiva temporal' passado e os respectivos estados consequentes.

Não sendo possível empregar, na tradução das formas alemãs em causa, os verbos de estado equivalentes aos do texto original no Pretérito Mais-que-perfeito, *tinha estado*

(*escuro*) e *tinha sentido (desejo)*, para denotar estados não-delimitados e sobrepostos ao evento referido por *hatte gegeben / dera*, o tradutor de (781) utiliza outros recursos. Um desses recursos é uma forma de Pretérito Imperfeito – *sentia (desejo)* –, um tempo verbal que tem, de facto, essa capacidade de localizar estados por sobreposição, assumindo o evento anterior a passado *hatte gegeben / dera* como novo 'ponto de perspectiva temporal'. Tínhamos já verificado, na secção 4.2.4.2, acima, essa capacidade que o Pretérito Imperfeito tem de localizar situações em função de 'pontos de perspectiva temporal', não só passados, mas também anteriores a passado, e este exemplo específico será abordado em detalhe na secção 4.3.5, adiante. O outro recurso usado na tradução das formas de Plusquamperfekt estativas de (781) é *tinha escurecido*, a forma que está em causa na presente secção. Neste caso, e como alternativa ao uso de um verbo estativo, que, tal como para a forma verbal anterior, implicaria o emprego de uma forma de Pretérito Imperfeito (*estava escuro*) que localizasse o estado por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado, o tradutor opta por um verbo que denota o evento correspondente ao início desse estado, *escurecer*. A forma de Pretérito Mais-que-perfeito desse verbo refere, assim, um estado consequente que é equivalente ao estado referido pelo texto original. Tal como no texto alemão, também o estado (consequente) da versão portuguesa é localizado por sobreposição ao evento anterior a passado *hatte gegeben / dera*, aqui assumido como 'ponto de perspectiva temporal' da forma de Pretérito Mais-que-perfeito, sendo o início do estado anterior a este evento.

O exemplo (781) apresenta, pois, um padrão de tradução semelhante aos observados em (779) e (780), com um verbo de evento num tempo verbal – o Pretérito Mais-que-perfeito – que situa esse evento antes de um dado 'ponto de perspectiva temporal', a servir de alternativa a uma tradução potencial usando um verbo de estado semelhante ao do texto original, num tempo verbal – o Pretérito Imperfeito – de sobreposição ao mesmo 'ponto de perspectiva temporal'. No caso de (781), o 'ponto de perspectiva temporal' em causa tem a particularidade de ser anterior a passado. Relativamente à caracterização dos tempos verbais portugueses, é digno de registo que o Pretérito Mais-que-perfeito possa adaptar-se a um contexto em que o 'ponto de perspectiva temporal' não é simplesmente passado, mas anterior a passado, à semelhança da flexibilidade que já tínhamos observado no comportamento do Pretérito Imperfeito, na secção 4.2.4.2, acima. No que diz respeito à interpretação da versão portuguesa, é também de notar que o facto de os mesmos tempos verbais se adaptarem, quer a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, quer a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior a

passado, pode originar dificuldades, uma vez que só o contexto permite escolher o 'ponto de perspectiva temporal' adequado. A frase (781) é um exemplo disso mesmo, uma vez que, descontextualizada, admite quer a escolha de *ertappte sich / surpreendeu-se* quer a de *hatte gegeben / dera* como evento que fornece o 'ponto de perspectiva temporal' para a forma destacada e para a seguinte.

Quanto aos motivos que levam o tradutor a optar por este tipo de tradução alternativa às correspondências de tradução predominantes, no caso do exemplo (781), acima, a possibilidade de marcar um valor de anterioridade a passado mais aproximado do da forma verbal original, usando o Pretérito Mais-que-perfeito, em lugar da alternativa, que seria o Pretérito Imperfeito, pode ter sido um factor relevante. Nos outros exemplos, (779) e (780), não é fácil determinar uma razão para essa opção, e há muitos outros casos semelhantes no corpus, surgindo, inclusivamente, traduções com e sem alteração de tempo verbal e 'aktionsart' para a mesma frase original, como acontece no exemplo seguinte:

- (782) Ich glaube, ich wurde geheilt und kam ein halbes Jahr später zu einer anderen Einheit, denn von der alten **war** nichts **übriggeblieben** (Umi407)
- TM Acho que me curaram e, meio ano mais tarde, fui para uma outra unidade, pois que da antiga não **restava** nada
- TS Penso que me curaram, e seis meses mais tarde mandaram-me para uma outra unidade, pois da primeira não **tinha sobrado** nada.

Há, no entanto, outros casos em que a opção do tradutor se prende com a dificuldade em encontrar, em português, uma formulação estativa adequada equivalente à forma alemã, como é o caso de *weg sein* (*não estar lá, ter desaparecido*) e *zu Ende sein* (*estar acabado, ter terminado*) nos exemplos seguintes:

- (783) während er es aussprach, begriff, was es bedeutete; daß Leen wirklich weg **war**. (hoh+1062)  
ao pronunciá-la é que compreendeu todo o seu significado: que Leen **tinha** realmente **desaparecido**
- (784) und nun **war** der Weg, der ohnehin so lang gewesen war (...), endlich zu Ende (LE169)  
e agora o caminho, que, aliás, fora tão comprido (...), **chegara** finalmente ao seu termo

Também a passiva de estado alemã pode provocar problemas de tradução em alguns casos, sendo, então, frequente o recurso aos verbos eventivos (e respectivos estados consequentes) na tradução, como sucede nos seguintes exemplos:

- (785) Wo die Brücke aufhörte, **war** in die Rampe hinein eine kleine Kneipe gebaut, die die ganze Nacht über offenhielt. (hoh383)



- § No extremo da ponte **tinham construído** na rampa um pequeno bar que se mantinha aberto toda a noite.
- (786) Auch seinen Armen, die man ihm nicht an den Leib, sondern nur aneinander gebunden hatte, **war** Spielraum gegeben. (G8)  
Também os braços, que não lhe haviam amarrado ao corpo mas somente um ao outro, **tinham ficado** com espaço de manobra.
- (787) Nun gelangten sie in einen schmalen Gang, auf dessen Mauer die Worte »Licht ausdrehen« mit ungelinker Hand geschrieben **standen** (LE162)  
Agora tinham ido dar a um corredor estreito em cuja parede mão inábil **tinha escrito** as palavras «Apague a Luz»
- (788) Wie sie liegend zu viert ihre hohen und weiten Hüte gegeneinander kehren und dabei vom Fotografen so gelegt **sind**, daß es kaum zu Überschneidungen kommt, bilden sie ein Stilleben. (ur77)  
Na posição em que **foram colocados** pelo fotógrafo, os quatro voltam uns para os outros os altos chapéus de abas largas, de tal modo que mal se sobrepõem, formando uma natureza morta.

Enquanto para o primeiro exemplo, (785), se pode encontrar uma tradução estativa, *estava construído* (ainda que a formulação seja estranha, parecendo tratar-se de uma construção provisória), no caso de (786) é impossível uma tradução literal do tipo *estava dado*. Nos dois últimos exemplos, os problemas parecem prender-se com a explicitação do agente da passiva, que, em português, não é usual neste tipo de construção passiva<sup>277</sup>, pelo que as formulações *estava escrito por mão inábil* – (787) – e *estão colocados pelo fotógrafo* – (788) – foram evitadas pelos tradutores.

#### 4.2.7.2 Traduções de verbos de evento por verbos de estado

Neste segundo padrão de tradução alternativo às tendências predominantes enquadram-se traduções de verbos de evento no Perfekt e no Plusquamperfekt por verbos de estado no Presente e no Pretérito Imperfeito, respectivamente.

No que diz respeito às traduções de Pretérito Perfeito por Presente, há no corpus um único exemplo, que pertence precisamente a este padrão de tradução, já que o verbo do texto original é eventivo e o da tradução estativo:

- (789) auch die Dorfstraße liegt so still und leer unter der heißen Sonne wie dieser Hof zu solcher Mittagsstunde, in der die Familien, soweit sie nicht auf dem Felde draußen sind, sich um den Tisch **versammelt haben** (LE28)  
também a rua de aldeia jaz tão silenciosa e vazia ao sol quente como este pátio, nessa hora do meio-dia em que as famílias, se não estão lá fora nos campos, se **acham** reunidas em torno da mesa

<sup>277</sup> Embora seja perfeitamente possível dizer *A carta está assinada por ele*, já *A porta está fechada por ele* e *O bolo está feito por ele* parecem pouco aceitáveis. Mas esta é uma questão que não vou explorar aqui.

Enquanto a forma verbal alemã localiza, num intervalo anterior ao 'ponto de perspectiva temporal' presente, um evento, cujo estado resultante se sobrepõe a esse 'ponto de perspectiva temporal', a forma escolhida para a versão portuguesa denota um estado equivalente a esse estado resultante, localizando-o por sobreposição ao mesmo 'ponto de perspectiva temporal' presente. Comparando esta tradução com uma possível formulação eventiva, *reuniram*, verifica-se que as duas opções têm o mesmo 'ponto de perspectiva temporal' presente, ao qual se sobrepõe, na versão estativa, o estado denotado pela forma verbal e, na versão eventiva, o estado resultante do evento referido.

Consideremos, por fim, um exemplo de um verbo de evento no Pretérito Mais-que-perfeito traduzido por um verbo de estado no Pretérito Imperfeito:

- (790) er wußte, daß er sie mit einer Hanfschnur **umwickelt hatte** und in dieser Kiste versteckt. (hoh+679)  
 lembrava-se de que **se encontravam** atadas com um fio de cânhamo e que as tinha guardado naquele baú.

Também aqui se verifica que a forma verbal alemã localiza, num intervalo anterior ao 'ponto de perspectiva temporal', um evento a que está associado um estado resultante que se sobrepõe a esse 'ponto de perspectiva temporal', ao passo que a forma portuguesa denota um estado equivalente a esse estado resultante e também sobreposto ao 'ponto de perspectiva temporal'. A diferença em relação ao exemplo (789), acima, reside no facto de, aqui, encontrarmos um 'ponto de perspectiva temporal' passado, e não presente. Comparando agora esta tradução com a potencial alternativa eventiva *tinha atado*, constatamos, mais uma vez, que o 'ponto de perspectiva temporal' é o mesmo nas duas formulações, sendo que, nesta última, é o estado resultante que se sobrepõe a esse 'ponto de perspectiva temporal', tal como no texto original.

Quanto aos motivos para este tipo de opção por parte do tradutor, os dados disponíveis no corpus não permitem assinalar causas específicas, para além de uma ou outra dificuldade de formulação ocasional, que no entanto, seria possível ultrapassar, como pode verificar-se nos seguintes exemplos:

- (791) Es **war** ganz hell **geworden**. (hoh567)  
 § **Era** já dia claro.  
 (792) Sie **war** anders **geworden**, merkwürdig nervös, und er ahnte, daß sie ihm etwas verheimlichte. (hoh+882)  
**Andava** diferente, visivelmente nervosa, e ele suspeitava de que ela lhe ocultava qualquer coisa.

- (793) Vielleicht lag es am Licht, daß ihr Gesicht ohne Flecken war, von gleichmäßiger Farbe, und die Verzerrung ihres Mundes **hatte** sich wieder **gelöst**. (hoh+1036)  
Talvez fosse a luz que desse a impressão de o rosto dela não ter já quaisquer manchas, apresentando uma coloração uniforme, e a boca já não **estava** contorcida.

### 4.3 Relações Discursivas

A análise dos dados do corpus levada a cabo ao longo das secções anteriores permitiu verificar que, no que diz respeito às formas em estudo, a selecção do tempo verbal da tradução é, na maior parte dos casos, condicionada, ou pelo tempo verbal do texto original, ou por este em conjunto com a 'aktionsart' a que está associado. Esta influencia igualmente a escolha da 'aktionsart' do texto traduzido, quer directamente, por analogia, quer indirectamente, pelo facto de uma determinada classe de 'aktionsart', que não corresponde necessariamente à do texto alemão, ser aquela que, associada à forma verbal escolhida, tem como resultado uma interpretação mais aproximada da que o tradutor faz do texto original. No entanto, até este ponto, considerámos apenas as formas verbais isoladas e a respectiva tradução, o que não permite estudar a sua interpretação em sequências discursivas e a forma como elas condicionam a localização das situações referidas umas em relação às outras. É a essa questão que será dedicada esta secção 4.3.

Serão focadas sobretudo formas de Präteritum, que, conforme foi exposto no capítulo 3, é um tempo verbal bastante vago no que diz respeito à sua interpretação temporal no discurso, requerendo o contributo de outros elementos para a especificar. Entre esses elementos estão a 'aktionsart' dos predicados que fazem parte da sequência discursiva, assim como as expressões adverbiais de tempo, que só a título exemplificativo poderão ser abordados no presente trabalho (cf. secção 4.5, adiante). Para além disso, e sobretudo na ausência de elementos adverbiais, é igualmente importante o apoio daquela informação sobre as relações usuais ou possíveis entre situações que os falantes extraem do seu conhecimento do mundo, informação essa que é possível captar, pelo menos em parte, através do conceito e da tipologia de relações discursivas apresentados no capítulo 3. A interpretação temporal do texto original, obtida a partir destas fontes, irá, por sua vez, condicionar o tempo verbal (e a 'aktionsart') do texto traduzido, uma vez que, como já verificámos no capítulo 3, os tempos verbais portugueses são bastante mais específicos do que o Präteritum no que diz respeito à sua interpretação temporal, estando estreitamente ligados às relações discursivas possíveis nas sequências textuais em que surgem.

O ponto de partida para esta secção será o elenco de relações temporais e discursivas compatíveis com sequências constituídas por predicados de diferentes classes de 'aktionsart', apresentado por Schilder (1997: pp. 74ss). Será especificamente focada a relevância das relações discursivas nos casos em que, de acordo com a análise feita na secção 4.2, a 'aktionsart', associada à forma verbal do texto original, não determina uma tendência para a tradução por uma determinada forma verbal, nomeadamente os de predicados de actividade (4.3.1), e ainda os casos em que não é seguida a tendência dominante de tradução para a classe de 'aktionsart' em causa, nomeadamente as traduções de verbos de evento por formas de Pretérito Imperfeito (4.3.2) e de verbos de estado por formas de Pretérito Perfeito (4.3.3). Na secção 4.3.4 serão feitas algumas observações sobre a forma como as relações discursivas podem determinar a 'aktionsart' da tradução de verbos em leitura de repetição, e, na secção 4.3.5, será ainda abordado o caso da tradução de Plusquamperfekt por formas de Pretérito Imperfeito, que pode ser influenciada pelas relações discursivas e que revela um contraste entre Pretérito Mais-que-perfeito e Plusquamperfekt no que respeita à compatibilidade com essas relações.

#### **4.3.1 Verbos de actividade no Präteritum**

Na sua listagem de relações temporais e discursivas possíveis para sequências textuais com diversas classes de 'aktionsart', Schilder (1997: pp. 74ss, cf. secção 3.3.1.2 e 3.3.4, acima) trata sempre em conjunto os dois tipos de situação atélicas, estados e actividades. Assim, para sequências textuais que referem apenas situações atélicas, o autor prevê uma relação de sobreposição temporal entre essas situações, à qual está associada a relação discursiva de "Scene-setting", uma das duas que o autor adiciona ao conjunto de relações discursivas apresentado por Lascarides e Asher (1993a). Já para sequências discursivas que referem situações télicas e atélicas, Schilder contempla diversas relações temporais e discursivas possíveis. Em sequências onde encontramos um predicado de evento seguido de um atélico, há a possibilidade de uma relação de sucessão temporal, no caso de o estado ou actividade serem causados pelo evento ou de eles serem possíveis depois de ocorrido esse evento, isto é, se essa sequência textual estiver ligada por uma relação discursiva de Resultado ou de Narração. Outra possibilidade é uma relação temporal de sobreposição, derivada de uma relação discursiva de Enquadramento,

possibilidade essa que existe também no caso de sequências que envolvam um predicado atélico seguido de um predicado de evento.<sup>278</sup>

As variantes enumeradas por Schilder coincidem, em grande medida, com os dados relativos aos verbos de actividade que encontramos no corpus. Assim, se estes verbos se encontram junto de outros predicados atélicos, em especial junto de estados, a relação temporal entre as situações referidas é de sobreposição, correspondendo, segundo Schilder, a uma relação discursiva de "Scene-setting". Esta relação discursiva não foi abordada na secção 3.3.3, no que diz respeito à sua compatibilidade com os tempos verbais portugueses, mas a forma portuguesa que permite relacionar situações referidas no discurso por simples sobreposição temporal é o Pretérito Imperfeito, e é essa a forma verbal seleccionada para a tradução deste tipo de exemplo:<sup>279</sup>

- (794) Beide schwiegen und die anderen **redeten**. (UmiTM317)  
Estavam ambos calados e os outros **conversavam**.
- (795) Nella saß im Sessel, **rauchte** und stierte vor sich hin (hoh437)<sup>280</sup>  
§ Nella estava sentada no cadeirão. **Fumava** com os olhos fixos no infinito;
- (796) Er **sah** zu Boden und **beobachtete** das Pendeln der Schnur, wie sie nachschleifte, sich leicht über die Erde spannte und wieder sank. (G51)  
**Ia** de olhos no chão e **observava** o movimento pendular da corda, o modo como ficava para trás rojando a terra, como se retesava pouco acima do chão, para voltar a descair.

Sobretudo quando se trata de dois verbos de actividade com o mesmo sujeito, como é o caso deste último exemplo, é naturalmente possível pensar em sequências em que as duas situações denotadas não possam ocorrer em simultâneo – como sucede com *nadar* e *correr*, por exemplo – o que impediria a existência de uma relação discursiva de "Scene-

<sup>278</sup> No que diz respeito às sequências de situação atélica e evento, Schilder (1997: p. 192 e 149) distingue ainda aquelas em que o evento vem pôr termo ao estado ou actividade, criando para esses casos uma nova relação discursiva a que dá o nome de "Termination". Não tratarei este tipo de exemplos separadamente, já que, por um lado, não há muitas diferenças entre eles e os de Enquadramento no que diz respeito à selecção dos tempos verbais para a tradução, e, por outro lado, não parecem existir no corpus exemplos deste tipo para a interpretação dos quais seja necessário recorrer a relações discursivas.

<sup>279</sup> Os exemplos que apresento e comento nesta secção e nas três seguintes não se limitam a sequências de orações desprovidas de conjunções e de outros conectores frásicos, mas contêm, em parte dos casos, a conjunção coordenativa *und* (*e*), que, embora possa exercer alguma influência sobre a interpretação dessas sequências, não me parece pôr em causa as observações que faço. Cito igualmente alguns exemplos de estruturas de subordinação, sobretudo relativas, levando, no entanto, em conta a sua especificidade.

<sup>280</sup> Refira-se que esta frase contém ainda um outro verbo de actividade no Präteritum, *stieren* (*olhar fixamente*), e que essa situação é também interpretada como sobreposta às referidas anteriormente. É precisamente essa sobreposição temporal que legitima a sua tradução por um sintagma preposicional adicionado à oração anterior *de olhos fixos no infinito*, e é devido a esta opção que não encontramos uma outra forma de Pretérito Imperfeito na versão portuguesa. Seria, aliás, perfeitamente possível traduzir toda a frase original recorrendo a uma única forma de Pretérito Imperfeito: *Nella estava sentada no cadeirão a fumar, de olhos fixos no infinito*. Esta é uma solução de tradução corrente para coordenações de verbos de estado posicional e de actividade pela conjunção *und*.

Setting" e uma tradução por Pretérito Imperfeito, pelo menos em leitura episódica. No entanto, entre os dados do corpus, não encontrei exemplos flagrantes dessa incompatibilidade<sup>281</sup>, ao passo que existem diversos casos de sobreposição de actividades, e inclusivamente casos onde o próprio tradutor explicita a relação de sobreposição temporal entre as situações através da introdução de elementos adverbiais na versão portuguesa, como *ao mesmo tempo*, no seguinte exemplo (cf. também (799), abaixo):

- (797) Er knipste das Licht aus und ging zu Nella hinüber: sie **rauchte und heulte**.  
(hoh483)  
§ Apagou a luz e foi ter com Nella: **estava a fumar e a chorar** alto ao mesmo tempo.

Quanto às sequências discursivas em que figuram verbos de actividade junto de verbos de evento, encontramos com muita frequência uma relação discursiva de Narração entre a frase que refere a actividade e uma frase anterior que contém um verbo de evento, ou por a culminação deste criar condições para o início da actividade (cf. (798) e (799), abaixo), ou simplesmente por ser concebível que as duas situações, em sequência, façam parte da mesma história (cf. (800) e (801), abaixo):

- (798) Martin blieb stehen, öffnete das Hemd und **suchte** nach der Schnur, an der der Hausschlüssel befestigt war: (hoh1)  
§ Martin deteve-se, abriu a camisa e **procurou** o fio de onde pendia a chave da casa.
- (799) Er goß ihr ein, und sie **tranken** beide und rauchten, während der Heizofen in seinem Rücken summt wie eine große freundliche Katze. (hoh602)  
Ele encheu-lha e **puseram-se a beber** enquanto fumavam; por detrás dele, o aquecedor zumbia como um grande gato amigável.
- (800) er vergaß die Mutter und die albernsten Gäste, Glum und Bolda vergaß er, sogar Onkel Albert, und er **betrachtete** in Ruhe das Bild des Vaters (hoh190)  
esqueceu-se da mãe e das visitas idiotas; esqueceu-se de Glum e de Bolda, do tio Albert, até, e **pôs-se a contemplar** tranquilamente a fotografia do pai
- (801) Er setzte sich und **redete** automatisch Sätze daher, die er schon tausendmal gesagt hatte um diese Zeit, bei dieser Gelegenheit. (hoh443)  
Sentou-se e **pôs-se a dizer** automaticamente coisas que já dissera mil vezes àquela hora e em circunstâncias semelhantes.

Como seria de esperar, o tempo verbal usado na versão portuguesa é, não o Pretérito Imperfeito, mas sim o Pretérito Perfeito, que verificámos, na secção 3.3.3, ser compatível com a relação discursiva de Narração, e que é também a forma adequada para localizar a actividade com a sua fronteira inicial, uma vez que ela principia depois do evento. Os

<sup>281</sup> Há, no entanto, pelo menos um caso de uma relação discursiva de Resultado a ligar uma sequência de verbo de evento e verbo de estado, mencionada na nota 287, adiante.

exemplos ilustram ainda o facto de, neste tipo de contexto, os verbos de actividade surgirem, com alguma frequência, associados a um operador aspectual que selecciona precisamente o início da actividade e que, em grande parte dos casos, não consta do texto original, sendo introduzido apenas na versão portuguesa.

Outra relação discursiva que pode surgir em sequências de orações que referem eventos e actividades é a de Resultado, que está presente nos exemplos seguintes, onde a actividade é provocada pelo evento referido anteriormente no discurso ou constitui uma reacção a esse evento:

- (802) Der heftige Lachanfall eines albernen Weibes nebenan weckte ihn, und er **weinte** seine Wut, seinen Haß und seine Enttäuschung ins Kissen hinein, weil der Traum vom Vater nun plötzlich abgeschnitten war: (hoh213)  
 § Acordou-o a gargalhada estrondosa de uma idiota qualquer ao lado, e **chorou** de ira, de ódio, de desapontamento sobre o travesseiro por o sonho do pai ter sido cortado tão de súbito:
- (803) § Ich sagte: »Im Bund sind wir nicht, es gibt keinen Bund. (...) Aber wir brauchen einander alle, wenn je etwas gut und ganz werden soll.» §Friedl **lachte** boshaft: »Brauchen. Natürlich, das ist es; vielleicht brauche ich nämlich einmal Haderer... « (UmiTM220a5)  
 § Eu disse: «Na seja não estamos, não há nenhuma seja. (...) Mas precisamos todos uns dos outros, se alguma vez há-de haver algo de bom e de completo». § O Friedl **riu**, mordaz: «Precisamos. Claro, é isso; talvez que um dia eu venha a precisar justamente do Haderer...”.

Tal como sucedia com a de Narração, a relação discursiva de Resultado está associada à escolha de uma forma de Pretérito Perfeito para traduzir o Präteritum do texto original, isto apesar de, na secção 3.3.3.1, termos observado igualmente a compatibilidade entre esta relação discursiva e a forma de Pretérito Imperfeito, em sequências como

- (804) O Max apagou a luz. Estava escuro como breu.

A verdade é que, embora seja possível, esta associação da relação discursiva de Resultado com o Pretérito Imperfeito não ocorre no corpus, pelo menos em sequências de Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito envolvendo predicados de actividade. Além disso, se tentarmos substituir por Pretérito Imperfeito as formas de Pretérito Perfeito destacadas em (802) e (803), as frases daí resultantes, formuladas em (805) e (806), abaixo, têm uma interpretação diferente, uma vez que deixa de ser clara a relação discursiva de Resultado entre as duas proposições, perfilando-se como mais provável a de Enquadramento, associada a uma relação temporal de sobreposição.

- (805) Acordou-o a gargalhada estrondosa de uma idiota qualquer ao lado, e **chorava** de ira, de ódio, de desapontamento sobre o travesseiro por o sonho do pai ter sido cortado tão de súbito:
- (806) Eu disse: «Na seita não estamos, não há nenhuma seita. (...) Mas precisamos todos uns dos outros, se alguma vez há-de haver algo de bom e de completo». § O Friedl **ria**, mordaz: «Precisamos. (...)

Tal impossibilidade poderá ficar a dever-se ao facto de, nestes exemplos, a situação referida pela forma de Pretérito Imperfeito não ser um estado implicado pelo evento, e imediatamente adjacente a ele, como sucede em (804), e como a adaptação da definição do Pretérito Imperfeito à localização de situações sucessivas, sugerida na secção 3.3.3.1, acima, com base em Borillo *et al.* (2003), indica que seja necessário em casos deste tipo. Voltaremos a esta questão mais adiante, a propósito de outros exemplos em que surge a relação discursiva de Resultado (cf. a secção 4.3.3).

Por último, e tal como estava previsto no elenco de relações temporais e discursivas apresentado em Schilder (1997) para sequências contendo predicados atélicos e de evento, surge também no corpus a sobreposição temporal associada à relação discursiva de Enquadramento, que leva à escolha do Pretérito Imperfeito para traduzir o verbo de actividade, sendo o verbo de evento traduzido por uma forma de Pretérito Perfeito:

- (807) Er knipste das Licht aus und ging zu Nella hinüber: sie **rauchte** und heulte.  
(hoh483)  
§ Apagou a luz e foi ter com Nella: **estava a fumar** e **a chorar** alto ao mesmo tempo.
- (808) Nella **weinte**, und er stand doch aus dem Sessel auf und ging im Zimmer umher, ratlos und unruhig, obwohl er es schon so oft in Filmen gesehen hatte.  
(hoh523)  
§ Nella **chorava**, e ele levantou-se do cadeirão e pôs-se a passear de lado para lado, sem descanso, inquieto, embora já o tivesse visto fazer tanta vez nos filmes.

Quer em (807), onde o predicado de evento precede o de actividade, quer em (808), onde o verbo de actividade surge em primeiro lugar, trata-se de sequências de orações independentes. No entanto, a observação dos dados do corpus indica que este tipo de relação discursiva, ao contrário das anteriores, surge com mais frequência em contextos de subordinação, como os dos exemplos seguintes<sup>282</sup>, sendo o predicado de actividade no Pretérito Imperfeito, em geral, o da oração subordinada.

<sup>282</sup> A relação discursiva de Enquadramento surge também com muita frequência em construções de subordinação com conjunções temporais que explicitam a relação de sobreposição entre as situações, como *während* (*enquanto*) e *indem* (*ao+Infinitivo*), havendo, nestes casos, um contributo da própria conjunção para a determinação da relação discursiva em causa e da forma verbal da tradução. Adiante teremos oportunidade de examinar construções com a conjunção *als* (*quando*), que não especifica a relação temporal entre as



- (809) Sie merkte, daß er nach einer Anrede **suchte** und sagte: (LE112)  
Ela reparou que ele **procurava** uma forma de se lhe dirigir e disse:
- (810) §Wir stießen im Gang mit einigen Männern zusammen, die **durcheinanderschrien**; (UmiTM431)  
§No corredor chocámos com alguns homens que **gritavam** cada um para seu lado;

Os dados do corpus revelam ainda que pode existir, numa sequência de orações que refere um evento e uma actividade, uma outra relação discursiva que não está prevista no trabalho de Schilder (1997), a saber, a relação discursiva de Elaboração. Ela ocorre, por exemplo, na seguinte sequência, onde a actividade referida na oração principal do primeiro período é parcialmente desdobrada pelos eventos referidos no segundo período:

- (811) Er **versuchte** ihr beizubringen, was er unter Ordnung verstand, pedantisch aufgeräumte Schränke und einen sauberen Kocher. Er kaufte heimlich einen Schrank bei einem Althändler, ließ ihn, während Leen in der Schule war, ins Zimmer bringen und räumte alles schön ordentlich ein  
**Procurou** ensinar-lhe o que era ordem, armários meticulosamente arrumados e um fogão limpo. Em segredo, comprou um roupeiro numa loja de objectos em segunda mão e, enquanto Leen estava na escola, mandou pô-lo no quarto, arrumando tudo lá dentro na maior ordem (hoh909)

O facto de existir esta possibilidade demonstra que, pelo menos em contextos onde figurem predicados de evento, os verbos de actividade são compatíveis com todas as relações discursivas que são possíveis para os verbos de evento. O mesmo não se pode dizer dos verbos de estado, pelo que julgo existir aqui uma diferença entre verbos de estado e verbos de actividade, que Schilder (1997) não considera.

De acordo com os dados do corpus que acabámos de observar podemos, portanto, dizer que o tempo verbal escolhido para traduzir verbos de actividade varia, por um lado, em função da 'aktionsart' dos predicados que fazem parte das sequências discursivas nas quais esses verbos se inserem, e, por outro lado, em função das relações discursivas que se podem estabelecer entre as proposições respectivas. Assim, quando inserido numa sequência que inclua um verbo de estado, o verbo de actividade é tendencialmente traduzido por uma forma de Pretérito Imperfeito<sup>283</sup>, mas, se esse verbo de actividade está

---

situações que liga, tornando assim necessário o recurso à 'aktionsart' e às relações discursivas para determinar essa relação.

<sup>283</sup> Isto se o verbo de estado não tiver uma interpretação incoativa, já que, nesse caso, a sua presença junto do verbo de actividade terá um efeito semelhante ao de um verbo de evento que denote o início do estado, como sucede no exemplo seguinte com o verbo estativo *hocken* (*estar acorçado*):

- (a) im grüngelben Licht der Gaslaternen hockte sie am Fenster und **kramte** in ihrem Gebetbuchstapel, bis sie das richtige gefunden zu haben schien. (hoh92)

associado a verbos de evento, a forma portuguesa escolhida varia de acordo com a relação discursiva que o conhecimento extra-linguístico indique como mais provável: será Pretérito Imperfeito no caso de Enquadramento e Pretérito Perfeito no caso de Narração, Resultado ou Elaboração.

### 4.3.2 Verbos de evento no Präteritum traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito

Schilder (1997: pp. 86ss) prevê, para sequências discursivas em que se sucedam dois ou mais verbos de evento, uma interpretação de sucessão temporal, isto desde que essa interpretação seja apoiada pelo conhecimento não linguístico sobre sequências de situações que se causam umas às outras, ou em que uma delas cria condições para a ocorrência da outra, isto é, desde que este conhecimento permita estabelecer, entre as proposições respectivas, relações discursivas de Resultado ou Narração. Para sequências iniciadas por um predicado de 'accomplishment', a outra possibilidade apontada pelo autor é a de o segundo evento fazer parte da fase preparatória do primeiro, havendo, assim, não sucessão mas sobreposição temporal, e sendo as duas proposições ligadas por uma relação discursiva de Elaboração.

As relações discursivas previstas por Schilder para sequências de frases com verbos de evento no Präteritum estão de acordo com o predomínio de Pretérito Perfeito na tradução de verbos de evento no corpus, já que tanto Elaboração quanto Narração e Resultado são compatíveis com o Pretérito Perfeito, como se verificou na secção 3.3.3.1. Isso mesmo pode ser observado nas sequências que cito em seguida, onde estão destacadas as formas verbais das orações relevantes, ligadas por relações discursivas de Narração, Resultado e Elaboração, respectivamente:

- (812) Er **drückte** auf den Lichtknopf, **las** den Zettel, den Onkel Albert geschrieben hatte: (...) (hoh18)  
**Carregou** no interruptor e **leu** o bilhete escrito pelo tio Albert: (...)
- (813) § »Hör auf«, **sagte** ich, »das ist kein Argument. So können wir nicht reden.« § Friedl **wurde** zornig: »Doch, es ist ein Argument (UmiTM232a4)  
 § «Para com isso», **disse** eu, «isso não é argumento. Assim não podemos conversar». § O Friedl **exaltou-se**: «É, sim senhor, é um argumento

---

Na luz amarelo-esverdeada dos lampiões a gás, acocorou-se junto à janela e **pôs-se a remexer** entre os seus livros de orações até parecer ter encontrado o que procurava.  
 Esta sequência, em que a tradução de ambos os verbos é condicionada pela oração temporal introduzida por *bis* (*até*), e outros casos semelhantes, serão brevemente comentados no capítulo 5.

- (814) Man mußte einmal den Entschluß fassen, emporzusteigen, und von der Tür sich abwendend, **sagte** er: »Ich will sie links liegen lassen.« Dieses **sagte** er ganz laut vor sich hin (LE43)  
 O que era preciso era tomar a decisão de subir e, virando as costas à porta, **disse**: «Vou passar de largo.» **Soltou** estas palavras muito alto

Quanto às exceções a essa tendência, as traduções de Präteritum por formas de Pretérito Imperfeito, tal como acontecia no caso dos predicados de actividade, elas não incluem sequências ligadas pela relação discursiva de Resultado, mas algumas delas, nomeadamente aquelas em que o que é localizado pela forma de Pretérito Imperfeito é, não a totalidade do evento, mas apenas a sua parte intermédia, parecem corresponder a relações discursivas de Enquadramento entre as duas proposições em causa. É o caso dos seguintes exemplos:

- (815) – aber die Finger der Frau bewegten sich nicht mehr, Wollknäuel und Nadeln waren auf den Boden geglitten, und als er den Kopf hob, sah er, daß die Wirtin eingeschlafen war, im Radio **sang** leise eine Frau ein südamerikanisches Lied. (hoh421)  
 § Mas os dedos da mulher já não se moviam, o novelo de lã e as agulhas tinham escorregado para o chão, e, quando ergueu a cabeça, viu que a dona do bar tinha adormecido. No aparelho de rádio uma voz feminina **cantava** baixinho uma canção sul-americana.
- (816) Er ging zu Nella, die sich in der Küche die Zähne **putzte**. (hoh574)  
 voltou a ir ter com Nella, que **lavava** os dentes na cozinha.
- (817) Im Gang bahnten wir uns einen Weg durch eine Gruppe von Männern, die in den großen Kellersaal **hineindrängten**. (UmiTS167)  
 No corredor abrimos caminho por entre um grupo de homens que **entrava** aos empurrões para a sala grande do Keller.
- (818) »Süß«, riefen jetzt auch andere alberne Weiber, die aus Mutters Zimmer **kamen**, »Süß«, und zwei Männer fanden es nicht zu blöde, auch »Süß« zu rufen. (hoh137)  
 § «Que doce!», exclamaram simultaneamente outras mulheres idiotas que **saíam** do quarto da mãe, «Que doce!», e houve dois homens que não acharam demasiado estúpido dizerem também: «Que doce!».

A relação discursiva de Enquadramento não está prevista na listagem de Schilder para sequências de frases com verbos de evento. A relação discursiva apontada como alternativa a Narração e Resultado, e associada à sobreposição de eventos, é a de Elaboração, que, segundo o autor, pode levar à suspensão da fronteira final do primeiro evento referido.<sup>284</sup> No entanto, ao fazer o inventário das relações temporais possíveis em sequências discursivas que referem dois eventos, Schilder menciona a possibilidade de os dois eventos se sobreporem sem falar de Elaboração, nomeadamente em exemplos como o seguinte:

<sup>284</sup> Schilder prevê esta possibilidade apenas para os 'accomplishments', já que no caso dos 'achievements' as fronteiras final e inicial coincidem.

- (819) Johann betrat das Zimmer. Marie las ein Buch. (O Johann entrou na sala. A Marie estava a ler um livro.)

Schilder (1997: p. 91) afirma que não é clara a forma como se obtém a leitura de sobreposição nestes casos, mas, tal como nos exemplos (815) a (818), acima, também aqui o que me parece estar em causa é uma relação discursiva de Enquadramento entre os dois eventos.

Tal como Lascarides e Asher (1993a) e Asher e Lascarides (2005: p. 207)) fazem para o inglês, Schilder (1997) reserva a relação discursiva de Enquadramento para sequências discursivas alemãs do tipo das que observámos na secção anterior, em que figuram tanto predicados télicos como predicados atélicos, excluindo a possibilidade de essa relação discursiva existir entre duas frases que referem eventos. Esta posição adequa-se à tese de Schilder segundo a qual o Präteritum é caracterizado por um aspecto "perfectivo aberto", que confirma as fronteiras iniciais das situações de acordo com a 'aktionsart' respectiva, mas que é compatível com a suspensão das respectivas fronteiras finais. Pelo contrário, se um evento funcionar como situação enquadrante de outro evento, a sua fronteira inicial perde relevância, o que não está de acordo com a proposta de Schilder. Há, porém, outras razões que podem ser invocadas para não se considerar essa relação discursiva de Enquadramento entre predicados de evento ao mesmo nível que as outras. Por um lado, trata-se de ocorrências relativamente raras fora de estruturas de subordinação sintáctica (cf. (815), acima, que é um exemplo quase único no corpus, ao contrário dos restantes), embora ocorram com alguma frequência no contexto dessas estruturas.<sup>285</sup> Por outro lado, em grande parte das sequências onde encontramos a relação discursiva de Enquadramento, a sobreposição temporal é explicitada por meios adverbiais, como a conjunção *während* (*enquanto*) ou o advérbio *jetzt* (cf. (820), abaixo), ou mesmo por outros meios, como o verbo modal *wollen* em (821), abaixo.

- (820) »Oh«, sagte die fremde Frau, die jetzt die Knochen des Huhns mit einem Messer **abschabte**, (...) (hoh149)  
 – Oh – disse a desconhecida, que agora **tirava** os ossos do frango com uma faca –, (...)
- (821) »Gute Nacht«, sagte er und **wollte aufstehen**. »Nein, bleib hier«, sagte sie ruhig, »jetzt wird's endlich mal lustig, (hoh496e7)  
 – Boa noite – disse ele, **começando a levantar-se**. § – Não, fica aqui – disse ela calmamente.

<sup>285</sup> Na secção sobre construções com *als* apresentarei outros exemplos, que são igualmente de estruturas de subordinação. Estas estruturas predominam também entre os casos de relação discursiva de Enquadramento envolvendo predicados de actividade, como foi referido acima, na secção respectiva.

Os elementos referidos, mais do que as relações discursivas só por si, constituem a base da interpretação temporal deste tipo de sequências textuais. Schilder (1997) não se ocupa de construções que ostentam estes elementos, nem de estruturas de subordinação, sendo possivelmente estas algumas das razões pelas quais o autor não menciona a relação discursiva de Enquadramento entre predicados de evento. No entanto, a verdade é que os próprios exemplos de sequências de períodos independentes que Schilder apresenta (cf. (819, acima) mostram que se trata de uma interpretação possível, não devendo ser pura e simplesmente descartada.

A este propósito, registre-se ainda que a existência desta possibilidade de uma relação discursiva de Enquadramento numa sequência de orações em que são referidos dois eventos vai contra a correspondência que desenhamos entre as duas línguas na secção 3.3.5, acima, com base nas possibilidades de articulação entre relações discursivas e 'aktionsart', para o alemão, e entre relações discursivas e tempos verbais, para o português, mostrando que esse esboço de correspondência não está completo.

Por outro lado, é também necessário mencionar que, dada a ambiguidade do Präteritum, na ausência de indicações linguísticas explícitas, é por vezes realmente difícil decidir qual a relação discursiva, e a interpretação temporal, mais adequadas para determinadas sequências. Numa situação normal de leitura, é mesmo provável que essa decisão não seja sequer importante, e que o leitor não tenha consciência dela nem faça qualquer esforço por tomá-la: é esse caminho de interpretar preservando a subespecificação que é seguido na proposta de análise de Reyle e Roßdeutscher (2001), referida na secção 3.3.1.3, acima. No entanto, para quem lê o texto com o objectivo de o traduzir para uma língua cujas formas verbais condicionam a interpretação temporal mais acentuadamente do que o Präteritum, estas podem ser decisões importantes, nomeadamente no que respeita à selecção do tempo verbal da tradução. Esta questão será retomada no capítulo 5, precisamente do ponto de vista da tradução.

### **4.3.3 Verbos de estado no Präteritum traduzidos por formas de Pretérito**

#### **Perfeito**

Para sequências de frases com verbos de estado, o elenco de potenciais relações temporais baseadas em relações discursivas apresentado em Schilder (1997) é exactamente igual ao que foi mencionado na secção sobre verbos de actividade. Em sequências que contenham apenas predicados atélicos, as situações referidas sobrepõem-se, existindo entre

as proposições respectivas, segundo o autor, uma relação discursiva de "Scene-setting". Em sequências onde encontramos predicados de evento e de estado, pode haver uma relação temporal de sobreposição, associada a uma relação discursiva de Enquadramento. Outra hipótese é a de o estado ser causado pelo evento referido na frase anterior ou simplesmente ser possível na sequência desse evento, havendo, então, respectivamente, uma relação discursiva de Resultado ou de Narração que remetem para uma interpretação de sucessão temporal das situações.

No que diz respeito ao tempo verbal usado na tradução, as possibilidades enumeradas por Schilder para as relações discursivas em que estão envolvidas frases estativas – "Scene-setting", Enquadramento, Resultado e Narração – abrangem, quer o tempo verbal mais frequente na tradução de verbos de estado, o Pretérito Imperfeito, que é compatível com as três primeiras relações discursivas mencionadas, quer o tempo verbal minoritário, o Pretérito Perfeito, compatível com as duas últimas. Entre as traduções por Pretérito Imperfeito, são muito comuns as relações discursivas de "Scene-setting" e Enquadramento, ilustradas no exemplo seguinte, onde as duas primeiras situações referidas se sobrepõem, constituindo o cenário enquadrante para os eventos descritos na frase subsequente:

- (822) Es **war** kalt draußen, und im Zimmer **roch** es nach Kartoffeln, die säckeweise in die Kleiderschränke gestapelt waren, weil im Keller schon ein paarmal geklaut worden war. Nella klappte das Buch zu, deutete auf das alte Lammfell, das vor ihrem Bett lag, und warf ihm eine dicke rote Strickjacke zu. (hoh586e7)  
 § Lá fora **estava** um tempo frio, e no quarto **pairava** o cheiro das batatas empilhadas em sacos no guarda-vestidos, porque na cave já tinha havido alguns roubos. § Nella fechou o livro com um estalido seco, apontou para a velha pele de carneiro diante da cama e atirou-lhe uma grossa camisola de malha vermelha.

Quanto à relação discursiva de Resultado, não há no corpus exemplos claros da sua presença a ligar uma oração contendo um verbo de estado traduzido por Pretérito Imperfeito com uma oração anterior.<sup>286</sup>

Pelo contrário, no caso dos verbos de estado traduzidos por Pretérito Perfeito, a correspondência de tradução minoritária para esta classe de 'aktionsart', sobre a qual me concentrarei nesta secção, a relação discursiva de Resultado surge com alguma frequência e influencia a selecção do tempo verbal e da 'aktionsart' da versão portuguesa. Os exemplos seguintes ilustram essa relação de causalidade entre um estado e uma situação referida pela

<sup>286</sup> Mas tal seria possível, como se pode verificar no comentário ao exemplo (824), abaixo.

oração anterior, da qual decorre uma interpretação de sucessão temporal das duas situações:

- (823) § Schon nach den ersten Schritten fiel er. Er **lag** quer über dem Weg und sah den Staub hochfliegen. (G46e7)  
 § Logo após os primeiros passos, caiu. **Ficou** atravessado no caminho e viu a poeira levantar-se.
- (824) Mit der linken Hand tastete er nach dem Knopf des Lichtautomaten, mit der rechten nach dem Schlüsselloch und lauschte angestrengt nach drinnen: er **glaubte** zu spüren, daß niemand da war. Der Zettel enthielt sicher die Mitteilung, daß auch Albert hatte wegfahren müssen. (hoh6e7)  
 Seguidamente, com a mão esquerda procurou o interruptor, com a direita o buraco da fechadura; espreitou atentamente e **teve** a impressão de que não estava ninguém em casa: o bilhete diria, decerto, que Albert se vira forçado a sair.<sup>287</sup>
- (825) §»Verstehst du«, fragte er, »warum wir beisammen sitzen? « § Ich **schwieg** und zuckte mit den Achseln. (Umi173e4)  
 TM §«Entendes», perguntou ele, «por que razão nos sentamos todos à mesma mesa?». § **Fiquei** calado e encolhi os ombros.  
 TS §«Entendes», perguntou ele, «porque estamos todos sentados à mesma mesa?» § **Calei-me**, encolhendo os ombros.
- (826) Er trank den Kirsch aus und weckte die Wirtin, indem er ihr leise auf die Schulter klopfte, sie **war** sofort ganz wach, lächelte und sagte: (hoh 426)  
 § Acabou de beber a ginja e foi despertar a dona do bar tocando-lhe ao de leve no ombro. Ela **acordou** logo, sorriu e disse:

Relativamente ao verbo escolhido para a tradução, tal como tínhamos verificado nas secções 4.2.2.2 e 4.2.2.3, são usados com frequência verbos de evento correspondentes ao início do estado (cf. (826) e a segunda tradução de (825)), bem como o verbo *ficar*, num sentido idêntico (cf. (823) e a primeira tradução de (825)). Esta opção é, de longe, melhor do que a alternativa estativa, que seria a forma *estive* (*deitado, calado, acordado*), a qual, para além de impor aos estados uma fronteira final inexistente na versão alemã, também não exprime adequadamente a relação de causalidade entre as situações. Quanto à escolha do tempo verbal, volta a colocar-se a questão da possibilidade de comutação entre Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito, já que esta forma é também compatível com a relação discursiva de Resultado, (cf. a secção 3.3.3.1, acima e também a secção 4.3.1, neste capítulo), e que, em alguns destes exemplos, encontramos estados implicados pelos eventos referidos, tal como acontece na sequência citada em (804), acima: *O Max apagou a luz. Estava escuro como breu*. Segundo creio, o que se pode concluir dos exemplos (823)

<sup>287</sup> Relativamente a este exemplo, registre-se uma incorrecção na tradução: o verbo anterior ao que está destacado (*horchte*) significa *escutar* e não *espreitar*. Trata-se, assim, de um verbo de actividade seguido de um verbo de estado, sendo as proposições respectivas ligadas por uma relação discursiva de Resultado, e não de "Scene-setting", como Schilder (1997) prevê no seu trabalho.

a (826) é que a possibilidade de usar formas de Pretérito Imperfeito em sequências de frases ligadas pela relação discursiva de Resultado depende muito do contexto posterior a essa sequência. Se esse contexto é constituído por eventos em sucessão, é praticamente impossível usar uma forma de Pretérito Imperfeito: é isso que sucede em (826)<sup>288</sup>, mas também em (823), onde o objecto do verbo de percepção *sehen / ver* é um evento pontual que se sucede imediatamente à queda da personagem. Em nenhuma destas frases seria possível usar a forma *estava (deitado, acordada)*. Já em (824), onde não há eventos subsequentes, julgo que seria aceitável o uso de uma forma de Pretérito Imperfeito, *tinha a impressão*, desde que se eliminasse a conjunção *e*, que, aliás, não consta do texto original.

No que diz respeito à relação discursiva de Narração, há também no corpus diversos exemplos de verbos de estado traduzidos por formas de Pretérito Perfeito que se relacionam dessa forma com frases precedentes, como é o caso dos seguintes:

- (827) Sie zog den mausgrauen Regenmantel, die Kostümjacke aus, **stand** vor ihm in hellblauer, seidig glänzender, unter den Achseln dunkel verschwitzter Bluse und war immer noch atemlos. (ur991)  
Ela despiu o impermeável cinzento, cor de rato, o casaco do tailleur e **ficou** parada diante dele, com a blusa azul clara, de brilho sedoso, escurecido pelo suor debaixo dos braços e continuava ofegante.
- (828) Obwohl die Nächte um diese Zeit noch kalt waren, legte sich der Gefesselte vor Mitternacht wieder an den Rand der Böschung und **schlief**. (G59)  
Embora as noites, por essa altura, ainda fossem frias, o amarrado deitou-se outra vez à beira do mato, antes da meia noite, e **adormeceu**.
- (829) Schließlich fanden sie eine gußeiserne Bank, der es gelungen war, mit dem Efeu zu überdauern. Von Taxusgebüsch abgeschirmt, **saßen** sie. (ur269 e 270)  
Acabaram por dar com um banco de ferro fundido que conseguira sobreviver à hera. Lá se **sentaram** protegidos pela ramagem da sebe de teixo.

Em todos os exemplos, o estado é posterior ao evento referido por uma forma verbal precedente, e, embora não seja causado por um evento anterior, em alguns casos (sobretudo em (828) e (829)), é a culminação do evento que cria as condições necessárias para que o estado se verifique. O Pretérito Perfeito é a forma verbal adequada para (re)produzir, em português, essa sucessão temporal associada à relação discursiva de Narração. Quanto ao lexema escolhido para a tradução, também os verbos que aqui

<sup>288</sup> Neste exemplo existe o problema suplementar da incompatibilidade entre o Pretérito Imperfeito e o advérbio *sofort / logo*, mas, mesmo na ausência desse advérbio, o contexto inviabilizaria a utilização de uma forma de Pretérito Imperfeito. O exemplo (825) também contém um verbo de evento posterior ao verbo destacado, *zuckte mit den Achseln / encolhi os ombros*, mas não o menciono porque julgo que a impossibilidade de usar o Pretérito Imperfeito é, neste caso, independente do contexto. Embora o estado *schweigen / estar calado* seja, no texto original, uma reacção à pergunta, ele não é um estado resultante do evento *fragen / perguntar*, pelo que, a ser traduzido por uma forma de Pretérito Imperfeito não seria interpretado como reacção, posterior à pergunta, mas como situação enquadrante, sobreposta a essa pergunta.



encontramos, verbos de evento correspondentes ao início do estado e o verbo *ficar*, são os mais adequados, sobretudo por não adicionarem aos estados uma fronteira final inexistente no texto original, como sucederia se o verbo escolhido fosse estativo.

#### 4.3.4 A 'aktionsart' da tradução de verbos de estado em leitura de repetição

Outros dados que ilustram a relevância das relações discursivas na tradução são os que dizem respeito à selecção da 'aktionsart' da versão portuguesa para verbos de estado em leitura de repetição. Por receberem este tipo de leitura, esses verbos são traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito e, nas secções 4.2.2.2.1 e 4.2.2.3.1, acima, registámos, entre esses casos, a ocorrência de traduções por verbos de evento correspondentes ao início do estado. Trata-se de exemplos como os seguintes, onde a forma *stand* é traduzida por *postava-se* (em (830)) e por *ia* (em (831)), e *ficava* surge como tradução de *sahen aus* (em (832)):

- (830) Dann floh er zu Nella in die Küche, nahm Vasen aus den Schiebeschränken, füllte sie mit Wasser und stellte die Blumen hinein, und später **stand** er neben Nella, (hoh447)  
Depois ia ter com Nella à cozinha, tirava jarras do armário, enchia-as de água e punha as flores dentro delas. Feito isto, **postava-se** ao lado de Nella,
- (831) Sorgfältig suchte sie junge grüne Pflanzen heraus, sammelte sie in Zeitungspapier, und später **stand** sie dann in der Küche, machte sich Brennesselsalat, zu dem sie sich saures, dunkles Brot von Boldas Vorrat abschnitt. (hoh1306)  
Procurava cuidadosamente plantas verdes ainda novas, juntava-as em papel de jornal e depois **ia** para a cozinha preparar salada de urtigas para a qual cortava pedaços de pão azedo, escuro, que Bolda tinha.
- (832) Leo hatte den Bleistift hinterm Ohr stecken lassen, und an diesem Bleistift war die Spitze platt, rauh, und ein winziger weißer Kranz war um die platte Spitze herum; so **sahen** Bleistifte **aus**, mit denen man an die Wand schrieb. (hoh330)  
Leo deixara o lápis fixado atrás da orelha; a ponta estava achatada, áspera, com um pequeno círculo branco em torno; era assim que um lápis **ficava** depois de se escrever com ele numa parede.

Como foi referido nas secções mencionadas, a presença dos verbos de evento tem o efeito de eliminar da versão portuguesa a ambiguidade entre leitura episódica e leitura de repetição, mas a utilização de verbos de evento nestes contextos está também relacionada com as relações discursivas existentes dentro de cada sequência de situações que se repete. Se essa relação é de Narração (como em (830) e (831), acima) ou de Resultado (como em (832), acima), o verbo de evento é, sem dúvida, o mais adequado, mas, na ausência dessas relações discursivas que indicam sucessão temporal, há igualmente a possibilidade de

substituir o verbo de evento por um verbo de estado, como no exemplo seguinte, onde poderia usar-se a forma *estava* em lugar de *ficava*:

- (833) Nachmittags **war** er meistens mit ihr allein, und dann war sie ruhig und weinte nie: (hoh330)  
 Da parte da tarde, era quase sempre ele quem **ficava** sozinho com a pequena, e então ela mostrava-se tranquila, nunca chorava

Julgo que é igualmente essa diferença que está na base da selecção de verbos de 'aktionsart' distinta, *estar* e *ficar*, para a tradução dos dois verbos de estado assinalados no exemplo seguinte:

- (834) morgens, wenn er ihn umgehängt bekam, **war** der Schlüssel kühl, **lag** unten in der Nähe des Nabels (hoh2,2)  
 De manhã, quando a pendurava ao pescoço, a chave **estava** fria; **ficava** ali pousada na proximidade do umbigo

A forma *war* é traduzida por um verbo estativo devido à sobreposição temporal inferida a partir de uma relação discursiva de Enquadramento entre a respectiva proposição e a da oração anterior, enquanto a forma *lag* recebe uma tradução eventiva por não haver essa sobreposição, mas sim sucessão temporal entre o estado respectivo e o evento da oração anterior, *pendurar*, que causa esse estado. Note-se que, embora em (834) estejamos em presença de uma construção de subordinação temporal, a conjunção em causa, *wenn* – tal como a conjunção *als*, que será analisada na secção 4.5 – não explicita totalmente a relação temporal entre as duas situações referidas, pelo que a interpretação temporal destas construções se baseia nos factores que temos vindo a analisar ao longo deste capítulo para sequências discursivas sem subordinação sintáctica: tempo verbal, 'aktionsart' e relações discursivas. Exemplos como os que acabámos de analisar mostram que, tal como sucede nestas sequências, não só o tempo verbal da tradução, que é aqui determinado pelo facto de as situações receberem uma leitura de repetição, mas também a própria 'aktionsart' da versão portuguesa é condicionada pela conjugação destes factores.

#### 4.3.5 A tradução de verbos de estado no Plusquamperfekt por Pretérito

##### Imperfeito

O último ponto a abordar, nesta secção sobre relações discursivas existentes no texto alemão e o modo como elas influenciam a selecção de tempo verbal e 'aktionsart' da versão portuguesa, diz respeito à tradução de verbos de estado no Plusquamperfekt por formas de Pretérito Imperfeito. Também esta é uma correspondência de tradução

minoritária, que não se pode justificar, como as traduções por Pretérito Mais-que-perfeito, com base no tempo verbal do texto original, mas é influenciada por outros factores, entre os quais me parecem estar as relações discursivas. Observem-se os verbos destacados no exemplo seguinte:

(835) Er ertappte sich dabei, daß er an den großen Sunlight-Karton dachte, an die mürrische kleine Händlerin, die ihm damals den Karton **gegeben hatte**: es war schon dunkel gewesen, und er **hatte** keine Lust **gehabt**, in sein Zimmer zu gehen (hoh+747e8)

§ Surpreendeu-se a si próprio pensando na grande caixa Sunlight e na vendedora taciturna que lha **dera**; tinha já escurecido, e ele não **sentia** desejo de ir para o seu quarto

Creio que a tradução de *hatte gehabt* por uma forma de Pretérito Imperfeito se deve ao facto de o estado em causa ser interpretado como estando ligado ao evento *gegeben hatte / dera* por uma relação discursiva de Enquadramento, que não é favorecida por uma sequência discursiva constituída apenas por formas de Pretérito Mais-que-perfeito. O mesmo se passa com o verbo de estado coordenado com este na frase original, *war gewesen* (cf. a análise em 4.2.7.1, acima). Ele seria igualmente traduzido por uma forma de Pretérito Imperfeito, se o tradutor não tivesse optado antes por fazer uma variação conjunta de 'aktionsart' e tempo verbal, traduzindo-o não pelo verbo de estado respectivo, *estar escuro*, mas por um verbo de evento correspondente ao início desse estado, *escurecer*. Desta forma, pode ser usada uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito na tradução, uma vez que o estado que serve de enquadramento ao evento da frase anterior é justamente o estado consequente desse evento. A este propósito, registre-se que, embora Schilder (1997) não se tenha ocupado de formas de Plusquamperfekt, a ligação de uma sequência de verbo de estado e verbo de evento pela relação discursiva de Enquadramento está de acordo com as previsões do autor para sequências de frases no Präteritum.

Outro dado que decorre deste exemplo e que é relevante, no que diz respeito à comparação entre os tempos verbais do alemão e do português, prende-se com a compatibilidade aqui demonstrada pelo Plusquamperfekt com a relação discursiva de Enquadramento. Esta compatibilidade contrasta com o comportamento que já tínhamos observado no caso do Pretérito Mais-que-perfeito, contraste esse que determina, aliás, a tradução por uma forma de Pretérito Imperfeito.<sup>289</sup> Este comportamento divergente de Pretérito Mais-que-perfeito e Plusquamperfekt está de acordo com a caracterização destas

<sup>289</sup> Este mesmo contraste associado à mesma correspondência de tradução surge de novo nas construções com *als (quando)*, que serão analisadas na secção 4.5.2, abaixo.

duas formas verbais feita no capítulo 3, nomeadamente no que diz respeito ao facto de o Pretérito Mais-que-perfeito localizar situações delimitadas, por fronteiras intrínsecas ou extrínsecas, ao passo que o Plusquamperfekt não influencia as situações por ele localizadas no que diz respeito aos seus limites. Assim, só as formas de Plusquamperfekt, mas não as de Pretérito Mais-que-perfeito, desempenham sem problemas a função de situação enquadrante, que é localizada apenas por sobreposição à situação enquadrada, sem qualquer referência à sua delimitação. Tanto quanto é do meu conhecimento, este comportamento divergente de Pretérito Mais-que-perfeito e Plusquamperfekt não foi assinalado antes na bibliografia sobre estas formas verbais.

#### **4.3.6 Síntese final**

Ao longo desta secção 4.3, observámos o modo como as relações temporais entre situações inferíveis a partir de relações discursivas podem complementar as indicações dadas pela 'aktionsart' para a selecção do tempo verbal usado na tradução. Examinámos, primeiramente, dados do corpus que dizem respeito aos verbos de actividade no Präteritum, relativamente aos quais a 'aktionsart' não define uma tradução preferencial por Pretérito Perfeito ou Pretérito Imperfeito, mas as relações discursivas têm um papel relevante. Em seguida, debruçámo-nos sobre as correspondências de tradução minoritárias para verbos de evento e de estado no Präteritum, nas quais a forma usada para a tradução é diferente da que é definida como preferencial com base no critério da 'aktionsart' do texto original, mas onde é também reconhecível a influência das relações discursivas na escolha dessa forma verbal.

Para esse efeito, foi utilizado o inventário de relações temporais e discursivas possíveis para sequências de orações contendo predicados de diferentes classes de 'aktionsart', elaborado por Schilder (1997). Esse inventário demonstrou conter indicações úteis sobre associações frequentes de 'aktionsart' e relações discursivas, mas revelou também algumas falhas no que diz respeito a associações menos frequentes, como é o caso da relação discursiva de Enquadramento em sequências de dois eventos e da relação discursiva de Elaboração em sequências de actividades e eventos. Os resultados da análise do corpus indicam, assim, que a caracterização das sequências discursivas no plano da 'aktionsart' não é tão restritiva na determinação das relações discursivas possíveis quanto os dados apresentados por Schilder faziam prever, embora seja um bom indicador sobre tendências frequentes. Revelou-se ainda que o paralelismo existente no comportamento de predicados de estado e de actividade, tal como Schilder o descreve, é algo exagerado,

havendo circunstâncias em que os predicados de actividade se assemelham mais aos de evento.

Na secção 4.3.4 foi também objecto de algumas observações a influência que as relações discursivas exercem sobre a selecção da 'aktionsart' da tradução para predicados de estado no Präteritum em leitura de repetição, onde o tempo verbal da tradução é sempre o Pretérito Imperfeito, de modo a assegurar essa mesma leitura. Por fim, na secção 4.3.5, alargou-se às formas de Plusquamperfekt o estudo da influência exercida pelas relações discursivas sobre a selecção do tempo verbal da tradução. As formas de Plusquamperfekt não são estudadas por Schilder, mas também aqui a relação discursiva de Enquadramento parece determinar a escolha do Pretérito Imperfeito na tradução, tal como acontece no caso das formas de Präteritum. Este dado revela um contraste entre Plusquamperfekt e Pretérito Mais-que-perfeito relativamente à sua compatibilidade com a relação discursiva de Enquadramento, contraste esse que estará relacionado com o facto de a forma portuguesa, mas não a forma alemã, condicionar as situações que localiza no que diz respeito às suas fronteiras.

#### **4.4 Tipo de texto e situação comunicativa**

A presente secção será dedicada a uma breve análise dos dados do corpus paralelo em função do tipo de texto e da situação comunicativa, factores que, como foi referido na secção 3.2.2.4.3, são relevantes para o emprego das formas de Präteritum e Perfekt. De acordo com o exposto na mesma secção, é Weinrich (1977, 1993) o autor que maior importância atribui a esses factores, já que baseia a sua caracterização dos tempos verbais do alemão numa oposição binária entre dois 'registos temporais'<sup>290</sup> – por um lado a 'narração' ("Erzählen") e por outro lado o 'discurso' ("Besprechen") – aos quais faz corresponder dois grupos distintos de tempos verbais. Assim, são considerados típicos da 'narração' o Präteritum e o Plusquamperfekt, enquanto o 'discurso' é marcado pela presença de Präsens, Perfekt e Futur. Hauser-Suida e Hoppe-Beugel (1972: pp. 31ss) contestam a consistência desta divisão dos tempos verbais em dois grupos, um deles preponderante nos textos da 'narração' e o outro nos textos do 'discurso', com base na análise que fazem da frequência dos tempos verbais do passado num corpus que inclui vários tipos de texto. As autoras constataam que Präteritum e Plusquamperfekt, muitas vezes, não apresentam o

<sup>290</sup> O termo usado pelo autor em Weinrich (1993: p. 198) é "Tempus-Register", em Weinrich (1977) é "Sprechhaltungen", atitudes enunciativas.

mesmo padrão de distribuição, e que o peso do Plusquamperfekt na estatística global é quase insignificante. Pelo contrário, o Präteritum revela-se como o tempo verbal mais frequente em praticamente todos os textos analisados, quer em textos literários que pertencem, em geral, ao universo da 'narração', quer em textos científicos e jornalísticos que, tipicamente, fazem parte do universo do 'discurso'.<sup>291</sup> O que distingue de facto a 'narração' do 'discurso' não são, segundo este estudo, os valores absolutos da frequência de determinada forma verbal ou grupo de formas verbais, mas sim o facto de o Präteritum apresentar, nos textos da 'narração', valores de frequência acima da média global de Präteritum no corpus (que é de 79%) e, nos textos do 'discurso', valores inferiores a essa média (vejam-se detalhes na nota 291).

O que me proponho fazer nas duas secções seguintes é comparar brevemente as características dos textos originais do corpus em que se baseia o presente trabalho com as afirmações de Weinrich e com os dados de Hauser-Suida e Hoppe-Beugel, para depois verificar até que ponto este parâmetro do tipo de texto e da situação comunicativa terá relevância na distribuição das formas verbais do texto traduzido, algo que, à partida, a caracterização dessas formas verbais, feita no capítulo anterior, não faz prever.

#### **4.4.1 Análise do texto original**

O quadro seguinte mostra que o Präteritum é o tempo verbal predominante no corpus, o que era previsível, tanto a partir das conclusões de Hauser-Suida e Hoppe-Beugel como a partir da teoria de Weinrich, uma vez que se trata de texto literário, tipicamente pertencente ao universo da 'narração'.

---

<sup>291</sup> Contabilizando apenas formas de Präteritum, Perfekt e Plusquamperfekt, a frequência do Präteritum varia entre 86% e 89% nas obras literários do corpus, se exceptuarmos um romance no Präsens, em que apenas 34% das formas verbais são de Präteritum. Nas obras científicas e de divulgação científica analisadas essa percentagem varia entre os 56% e os 80% e no texto jornalístico a percentagem de formas de Präteritum é de 57%. Este predomínio do Präteritum em texto jornalístico é confirmada pelos dados do corpus analisado em Marschall (1995: pp. 98ss), que investiga também as funções que os diversos textos verbais desempenham nos tipos de texto estudados. Para mais dados sobre frequência de tempos verbais em outros tipos de texto não-literários, veja-se ainda Hennig (2000).

(836) – Quadro: Distribuição de tempos verbais no texto original<sup>292</sup>

Präsens	Präteritum	Perfekt	Plusquamperfekt	Total
971	4151	129	399	5650
17,19%	73,47%	2,28%	7,06%	100%

O valor percentual atingido pelas formas de Präteritum é de 73,5%, mas sobe para 88,7% se contabilizarmos apenas os três tempos verbais do passado, como fazem Hauser-Suida e Hoppe-Beugel, situando-se, assim, acima da média dos valores de Präteritum na globalidade do corpus destas autoras, que é de 79%, o que confirma as conclusões das mesmas autoras relativamente às características dos textos da 'narração'. No que diz respeito aos restantes tempos verbais, e contrariando a teoria de Weinrich sobre a preponderância do grupo de tempos verbais da 'narração' – Präteritum e Plusquamperfekt – em textos deste tipo, a segunda forma verbal mais frequente não é o Plusquamperfekt, mas sim o Präsens, esta uma forma considerada típica do 'discurso'.

Mais interessante do que esta distribuição geral é a variação da frequência dos diversos tempos verbais de acordo com as diferentes situações comunicativas abrangidas pelo corpus. Se considerarmos separadamente o discurso do narrador e o discurso das personagens – englobando este último sobretudo diálogos, mas também alguns bilhetes e excertos de um diário, que, entre si, não apresentam diferenças significativas no que diz respeito à distribuição das formas verbais – obtemos o quadro seguinte:

(837) – Quadro: Distribuição de tempos verbais no texto original segundo a situação discursiva

	Discurso do Narrador		Discurso das Personagens		Total	
Präsens	264	27,19%	707	72,81%	971	100%
Präteritum	3775	90,94%	376	9,06%	4151	100%
Perfekt	39	30,23%	90	69,77%	129	100%
Plusquamperfekt	385	96,49%	14	3,51%	399	100%
Total	4463	78,99%	1187	21,01%	5650	100%

<sup>292</sup> Com o objectivo de permitir comparações entre texto original e texto traduzido, todos os números que apresento nesta secção se referem às formas em análise presentes no texto original às quais correspondem, no texto traduzido, formas que são igualmente analisadas no presente trabalho. Note-se ainda que, tratando-se aqui de verificar a distribuição das formas verbais em diversos tipos de discurso e também nos diversos textos do corpus, não estão incluídas nestes dados as formas suplementares de Plusquamperfekt e Pretérito Mais-que-perfeito que referi no capítulo 2.

Verifica-se que o tempo verbal mais frequente no discurso do narrador é o Präteritum, com 3775 das 4463 ocorrências, seguido, a grande distância, do Plusquamperfekt, com 385 ocorrências. Tanto um como outro são formas consideradas típicas da 'narração', pelo que esta distribuição era de esperar, de acordo com a teoria de Weinrich. Por outro lado, o discurso das personagens é dominado pelo Präsens, com 707 de um total de 1187 ocorrências, sendo o Präteritum a segunda forma verbal mais frequente, com 376 ocorrências. O predomínio do Präsens está de acordo com o facto de o diálogo não fazer parte do mundo da 'narração' mas do mundo do 'discurso' (cf. Weinrich, 1977: p. 36). Mas o mesmo não se pode dizer do facto de o Präteritum ser a segunda forma mais frequente, relegando para terceiro lugar o Perfekt, a outra forma verbal considerada típica do 'discurso'. Note-se ainda que, se contabilizássemos apenas as formas do passado, como fazem Hauser-Suida e Hoppe-Beugel, o Präteritum seria a forma mais frequente tanto no discurso do narrador, como no discurso das personagens, tal como acontece nos dados que estas autoras apresentam (Hauser-Suida e Hoppe-Beugel 1972: pp. 83s).

No entanto, as colunas de valores percentuais do quadro (837), acima, revelam que, embora em termos absolutos o Präteritum seja a segunda forma verbal mais frequente no discurso das personagens, a verdade é que esse valor corresponde apenas a pouco mais de 9% do total das formas de Präteritum, que se concentram essencialmente no discurso do narrador, com perto de 91%. Idêntica concentração é visível no caso do Plusquamperfekt, com cerca de 96 % das suas formas no discurso do narrador, enquanto o Präsens e o Perfekt ocorrem sobretudo no discurso das personagens, com valores que rondam os 70% do total de ocorrências de cada uma das formas. Esta observação confirma a conclusão geral de Hauser-Suida e Hoppe-Beugel (1972: p. 37), segundo a qual o universo da 'narração' se distingue do universo do 'discurso' não pelos valores absolutos dos tempos verbais contabilizados, mas pela concentração das formas de Präteritum no primeiro e das de Perfekt no segundo. Considerando os dados do corpus aqui em estudo, pode afirmar-se que também Präsens e Plusquamperfekt seguem, respectivamente, o padrão de Perfekt e Präteritum. Forma-se assim um quadro que, considerado desta perspectiva e no que respeita às tendências gerais para a concentração das formas verbais em determinada situação discursiva (mas não aos valores absolutos de distribuição), se aproxima mais da teoria de Weinrich do que os dados levantados por Hauser-Suida e Hoppe-Beugel (1972), que chegam a conclusões algo diferentes quando analisam o seu corpus dividindo-o em



texto dialógico e não-dialógico.<sup>293</sup> Sobre as ocorrências que não seguem a tendência geral constatada, isto é, sobre as formas de Präteritum e Plusquamperfekt que surgem no discurso das personagens e as formas de Präsens e Perfekt inseridas no discurso do narrador, farei já em seguida alguns comentários.

Quanto às formas de Präteritum no discurso das personagens, é de referir que parte delas (142 das 376 registadas no quadro (837), acima) é lexicalmente condicionada, pois trata-se de ocorrências dos verbos *sein*, *haben* e modais, verbos estes que seleccionam preferencialmente o Präteritum. Outra parte substancial dessas formas justifica-se por estar integrada em duas narrativas relativamente longas encaixadas no discurso de duas personagens. É também nessas duas narrativas encaixadas que se insere a quase totalidade das formas de Plusquamperfekt.

Relativamente às formas de Präsens e Perfekt inseridas no discurso do narrador, é possível caracterizar ainda um pouco melhor a sua distribuição dentro do corpus, nomeadamente observando em separado os diversos textos que ele inclui

<sup>293</sup> Como se pode verificar no quadro seguinte, adaptado de Hauser-Suida e Hoppe-Beugel (1972: p. 83), em termos de valores absolutos, o Präteritum é o tempo verbal mais frequente, seguido de Perfekt e de Plusquamperfekt, e isso acontece tanto no texto dialógico ("dialogische Rede"), constituído pelos diálogos inseridos nas obras literárias analisadas, quanto no resto do corpus, aqui designado como texto não-dialógico ("nicht-dialogische Rede").

Corpus de Hauser-Suida e Hoppe-Beugel	Texto não-dialógico		Diálogo	
Präteritum	19222	96,33%	733	3,67%
Perfekt	2418	77,77%	691	22,23%
Plusquamperfekt	2159	98,23%	39	1,77%
Total	23799	94,21%	1463	5,79

As diferenças entre diálogo e texto não-dialógico são visíveis sobretudo na distância entre os valores respeitantes às duas formas mais frequentes, Präteritum e Perfekt: no diálogo elas estão muito próximas, constituindo cada uma quase metade do total de 1463 ocorrências, enquanto no texto não-dialógico as 19222 formas de Präteritum correspondem a quase 8 vezes o número de formas de Perfekt (2418), valor este que se aproxima bastante do de Plusquamperfekt, ao contrário do que acontece no diálogo. Estes dados, e as diferenças acentuadas entre as diversas obras, levam as autoras a concluir que, se o Perfekt revela concentração das suas formas no texto dialógico, onde abrange cerca de metade das ocorrências, o Präteritum constitui uma parte significativa tanto do diálogo como do texto não-dialógico, não sendo portanto verificável uma correlação entre os dois tipos de situação comunicativa e os tempos verbais, tal como Weinrich a defendeu. No entanto, e ainda que esta conclusão das autoras vá no sentido de uma posição de neutralidade do Präteritum relativamente ao texto dialógico e não-dialógico, é possível, a partir dos dados por elas apresentados, verificar diferenças relevantes entre Perfekt, por um lado, e Präteritum e Plusquamperfekt, por outro, na sua distribuição proporcional pelos dois tipos de texto referidos. Assim, observando a coluna de valores percentuais do quadro acima, que calculei a partir dos dados das autoras, verifica-se que a proporção de Präteritum e Plusquamperfekt no texto não-dialógico (respectivamente, 96,33% e 98,23%) é um pouco superior à proporção deste tipo de discurso relativamente à totalidade do corpus (94,21%), enquanto no diálogo essa proporção (3,67% e 1,77%, respectivamente) é inferior ao peso global do diálogo no corpus (5,79). Pelo contrário, a proporção de Perfekt no diálogo (22,23%) é bastante superior a esse peso global do diálogo, sendo a percentagem de formas de Perfekt no texto não-dialógico (77,77%) inferior à dimensão dessa componente na totalidade do corpus (94,21%).

(838) – Quadro: Distribuição de tempos verbais do discurso do narrador nos diversos textos originais que fazem parte do corpus

Título do texto:	<i>Der Gefesselte</i>		<i>Haus ohne Hüter</i>		<i>Eine leichte Enttäuschung</i>	
Präsens	14	5,30%	6	2,27%	43	16,29%
Präteritum	477	12,64%	1394	36,93%	441	11,68%
Perfekt					3	7,69%
Plusquamperfekt	29	7,53%	167	43,38%	44	11,43%
Total	520	11,65%	1567	35,11%	531	11,90%

Título do texto:	<i>Unter Mördern und Irren (TM)</i>		<i>Unter Mördern und Irren (TS)</i>		<i>Unkenrufe</i>		Total	
Präsens	38	14,39%	38	14,39%	125	47,35%	264	100%
Präteritum	589	15,60%	574	15,21%	300	7,95%	3775	100%
Perfekt	2	5,13%	2	5,13%	32	82,05%	39	100%
Plusquamperfekt	59	15,32%	59	15,32%	27	7,01%	385	100%
Total	688	15,42%	673	15,08%	484	10,84%	4463	100%

Constata-se que, em grande parte dos casos, a percentagem de formas de um determinado tempo verbal presentes em cada texto não se afasta muito mais de 10% do valor correspondente ao peso total desse texto no conjunto do corpus, valor esse que é indicado na última linha da coluna de valores percentuais. Há, no entanto, quatro exceções muito claras a essa tendência, envolvendo nomeadamente as formas de Präsens e Perfekt nos textos *Haus ohne Hüter* e *Unkenrufe*. No primeiro caso temos valores de Präsens (2,27%) e Perfekt (0%) que são muito inferiores aos 35,11% que o texto representa na totalidade do corpus. No segundo caso passa-se o inverso, os valores de Präsens (47,35%) e, sobretudo, de Perfekt (82,05%) são muito elevados, enquanto o texto em si constitui apenas pouco mais de um décimo desse corpus.

Essas exceções têm a ver com o tipo de narração característico de cada um dos textos em causa. Embora se trate de uma narração em terceira pessoa, em *Haus ohne Hüter* o narrador vai-se identificando sucessivamente com diversas personagens, e a história vai sendo contada a partir da perspectiva delas, das suas vivências e recordações, muito frequentemente em discurso indirecto livre. Pelo contrário, o narrador de *Unkenrufe* tem identidade e voz próprias e distintas da história que relata e das personagens dessa história. O seu relato é feito essencialmente a partir de documentos que lhe foram legados, e aos

quais ele se refere com frequência, tematizando o próprio processo de escrita e exprimindo muitas vezes as suas próprias opiniões. Daí que, no discurso deste narrador, sejam bastante frequentes afirmações sobre factos que se verificam no momento da enunciação, nas quais ocorre o Präsens, assim como a referência a factos passados usando o Perfekt. A título ilustrativo, vejamos os seguintes exemplos:

- (839) §§ Es **muß** ein langes Gespräch bei immer neu aufgebrühtem Kaffee gewesen sein, das nach mehrmaligem Anhören des benachbarten Glockenspiels »kurz vor Schlag neun« diese Idee **entfacht**, zu ihrer Idee **erklärt** und schließlich zur völkerversöhnenden Idee **gewölbt hat**. (ur427)

§§ **Deve** ter-se tratado de uma longa conversa, repetidamente acompanhada de café acabado de fazer, a qual, após se ter feito ouvir várias vezes o carrilhão vizinho, “pouco antes do bater das nove”, **deu** vida a esta ideia, a **declarou** como sendo ideia deles e **acabou por a elevar** à categoria de ideia de reconciliação entre os povos.

- (840) Schon **rede** ich, als wäre ich dabeigewesen, von seinem Tweedjackett, von ihrem Einkaufsnetz und **verpasse** ihm eine Baskenmütze, weil es die **gibt**, wie die Cordhose und ihre Stöckelschuhe, und zwar auf Fotos, die mir schwarzweiß und farbig **vorliegen**. Wie ihre Schuhgrößen **sind** ihm ihr Parfüm und sein Rasierwasser mitteilenswert **gewesen**. (ur143,144)

Cá **estou** eu, como se tivesse presenciado tudo, **a falar** do casaco de tweed dele, das redes dela, e **ponho-o** a ele de boina basca, porque o facto é que se **pode** ver, tal como as calças de bombazina e os sapatos de salto alto dela, nas fotografias a preto e branco e a cores que se **encontram** na minha posse. Tal como o número dos sapatos, o perfume dela e o after shave dele lhe **pareceram** a ele dignos de referência.

Afirmações deste género estão completamente ausentes do texto *Haus ohne Hüter*, o que explica que aqui o discurso do narrador não contenha verbos no Perfekt, e que o Präsens seja pouco frequente.

#### 4.4.2 Análise do texto traduzido

Passando agora a analisar o texto traduzido e considerando em separado o discurso do narrador e o discurso das personagens, como se pode observar no quadro seguinte, apenas nos casos do Presente e do Pretérito Perfeito Composto se regista um desvio muito significativo relativamente à proporção correspondente a cada tipo de discurso dentro do corpus, indicada na última linha.

(841) – Quadro: Distribuição de tempos verbais no texto traduzido segundo a situação discursiva

	Discurso do Narrador		Discurso das Personagens		Total	
Presente	266	28,03%	683	71,97%	949	100%
Pretérito Imperfeito	2463	90,55%	257	9,45%	2720	100%
Pretérito Perfeito	1367	85,54%	231	14,46%	1598	100%
Pretérito Mais-que-perfeito	367	96,33%	14	3,67%	381	100%
Pretérito Perfeito composto	0	0	2	100,00%	2	100%
Total	4463	78,99%	1187	21,01%	5650	100%

Há uma concentração total das pouquíssimas formas de Pretérito Perfeito Composto no discurso das personagens, e o valor de Presente neste tipo de discurso (71,97%) é bastante superior ao seu peso global relativamente à totalidade do corpus (21,01%), passando-se o inverso no discurso do narrador, onde o valor correspondente ao Presente (28,02%) é muito inferior à proporção global de 78,99%.

Relativamente ao Pretérito Perfeito composto, e tendo em conta a escassez dos dados disponíveis, é ainda de mencionar o facto de três das quatro ocorrências desta forma verbal no corpus adicional alinhado que referi no capítulo 2 se encontrarem no discurso das personagens, sendo a quarta, segundo creio, uma tradução pouco adequada.<sup>294</sup> Embora sejam em número muito limitado, estes exemplos vêm corroborar a afirmação de Campos (1997a: p. 42) segundo a qual o Pretérito Perfeito Composto pertence sempre ao plano do discurso, na terminologia de Benveniste, cuja distinção entre "histoire" e "discours" se aproxima da diferença entre "Erzählen" e "Besprechen" em Weinrich.

<sup>294</sup> Trata-se de uma frase do narrador do texto *Unkenrufe*, que aqui transcrevo

(a) § Nach langer Reihung der dem Straßenbild »einverleibten polnischen Armut«, (...), und nachdem er das vielbeklagte Schieberunwesen, (...) und die »seit Zerfall der kommunistischen Staatsmacht« **zunehmende** Kriminalität (...) beklagt (...) hatte, geriet ihm abermals Alexandra Piatkowska in den Blick. (ur 622)

§ Após uma longa enumeração dos sinais visíveis da “pobreza crescente na Polónia”, (...) e depois de ter lamentado as tão lastimadas traficâncias, (...) e a criminalidade que **tem aumentado** com “a decadência da autoridade do estado comunista”, (...), Alexandra Piatkowska voltou a dar-lhe nas vistas.

Embora, como já referi, o narrador desta obra emita com alguma frequência as suas próprias opiniões, não o faz neste passo, onde apenas resume, por vezes recorrendo a citações, afirmações contidas no diário de uma das personagens, no qual se baseia para contar a sua história. A forma de Pretérito Perfeito Composto não é uma boa escolha, pois estabelece uma ligação com o momento da enunciação que não está contida no texto original, onde temos um adjectivo formado a partir de um Participio Presente, nem é legitimada pelo contexto, já que as afirmações contidas no diário são anteriores ao momento da enunciação, à escrita do relato pelo narrador, e muitas já não serão válidas nessa época.

Pretérito Imperfeito, Pretérito Perfeito e Pretérito Mais-que-perfeito distribuem-se pelo discurso do narrador e pelo discurso das personagens de forma proporcional ao peso que os dois tipos de discurso têm na globalidade do corpus, isto é, com maior incidência no discurso do narrador e menor incidência no discurso das personagens. É certo que o Pretérito Perfeito ocorre com mais frequência no discurso das personagens do que Pretérito Imperfeito e Plusquamperfekt<sup>295</sup>, mas esta tendência é bastante menos acentuada do que a existente no caso do Presente, e no caso do Präsens e do Perfekt no texto original, pelo que me parece que não chega para estabelecermos uma correlação entre o Pretérito Perfeito e o universo do 'discurso'.<sup>296</sup>

Seguindo o mesmo procedimento que adoptámos para a análise do texto original, observemos ainda o quadro seguinte, que mostra a frequência das formas verbais analisadas no discurso do narrador dos diversos textos traduzidos do corpus.

(842) – Quadro: Distribuição de tempos verbais do discurso do narrador nos diversos textos traduzidos que fazem parte do corpus

Título do texto:	<i>Der Gefesselte</i>		<i>Haus ohne Hüter</i>		<i>Eine leichte Enttäuschung</i>	
Presente	15	5,64%	9	3,38%	43	16,17%
Pretérito Imperfeito	294	11,94%	1048	42,55%	234	9,50%
Pretérito Perfeito	178	13,02%	373	27,29%	207	15,14%
Pret. Mais-que-perfeito	33	8,99%	137	37,33%	47	12,81%
Total	520	11,65%	1567	35,11%	531	11,90%

Título do texto:	<i>Unter Mördern und Irren (TM)</i>		<i>Unter Mördern und Irren (TS)</i>		<i>Unkenrufe</i>		Total	
Presente	40	14,93%	39	14,66%	120	45,11%	266	100%
Pretérito Imperfeito	389	15,78%	358	14,54%	140	5,68%	2463	100%
Pretérito Perfeito	202	14,84%	208	15,22%	199	14,56%	1367	100%
Pret. Mais-que-perfeito	57	15,53%	68	18,53%	25	6,81%	367	100%
Total	688	15,42%	673	15,08%	484	10,84%	4463	100%

<sup>295</sup> Refira-se que também no estudo dos tempos verbais simples do indicativo no discurso directo em *O Primo Bazílio*, apresentado em Loureiro (1997: anexo 3), o Pretérito Perfeito surge como segunda forma mais frequente, a seguir ao Presente, mas a grande distância deste. De 1421 formas verbais analisadas, 1074 (75,6%) são de Presente, 238 (16%) são de Pretérito Perfeito, 92 (6,5%) de Pretérito Imperfeito, 10 (0,7%) de Futuro, 4 (0,3%) de Pretérito Mais-que-Perfeito e 3 (0,2%) de Futuro do Pretérito.

<sup>296</sup> Fonseca (1982: p. 82) tenta aplicar a dicotomia de Benveniste ao português, e observa, no decurso do trabalho, que não é possível basear uma distinção desse tipo na diferença entre Pretérito Perfeito simples e Pretérito Perfeito composto (por analogia com o Passé Simple e o Passé Composé). Tal impossibilidade será naturalmente explicada se, de facto, como os dados analisados sugerem, só o Pretérito Perfeito composto ocorrer sistematicamente no domínio do 'discurso', não estando os restantes tempos verbais do passado vinculados a determinado tipo de situação discursiva.

A observação do quadro, e em particular das colunas de valores percentuais, vem confirmar que os tempos verbais do passado se distribuem proporcionalmente ao peso de cada texto na globalidade do corpus, indicado na última linha, com algumas oscilações que não criam uma divergência de valores superior a 10%. Já no que diz respeito ao Presente, *Haus ohne Hüter* e *Unkenrufe*, os mesmos dois textos onde assinalámos excepções no caso do texto original (cf. o quadro (838), acima), apresentam valores que se distanciam acentuadamente do peso global desses textos no conjunto do corpus. Em *Haus ohne Hüter* encontramos 3,38% das ocorrências de Presente, quando o texto constitui 35,11% da totalidade do corpus, e no caso de *Unkenrufe* passa-se o inverso: as ocorrências de Presente (45,11% do total desta forma) são aqui muito superiores aos 10,84% que este texto representa no conjunto do corpus. A explicação para estas excepções é exactamente a mesma que foi já adiantada relativamente ao texto original: são diferenças no tipo de narrador em causa que dão origem a estas discrepâncias. Em termos comparativos, o que importa realçar é que, na versão portuguesa, é o Presente o único tempo verbal cuja distribuição é afectada pelas especificidades do discurso do narrador nestes textos, já que o Pretérito Perfeito composto não ocorre neste tipo de discurso, e os restantes tempos do passado não são sensíveis às características da situação comunicativa em causa.

Ao tentar relacionar este comportamento diferenciado dos tempos verbais portugueses com a caracterização que deles foi feita no capítulo 3, verificamos que o Presente e o Pretérito Perfeito composto, as duas formas cuja distribuição é afectada pela situação comunicativa em causa, são também aquelas que localizam as situações por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' presente, em geral correspondente ao tempo da enunciação. Ora esta ligação estreita à situação de enunciação é precisamente um traço que caracteriza o discurso das personagens (e o do narrador interventivo de *Unkenrufe*) no qual estas formas verbais se concentram, diferenciando-o da narração em que o narrador não tem voz própria, e podemos dizer que a mesma ligação à enunciação distingue também, em termos gerais, o universo do 'discurso' do universo da 'narração'.

Das restantes formas verbais portuguesas em análise, só o Pretérito Perfeito estabelece uma relação, designadamente de anterioridade, entre as situações localizadas e um 'ponto de perspectiva temporal' presente, mas essa ligação à situação de enunciação não parece ser suficiente forte para influenciar o uso deste tempo verbal de acordo com a situação discursiva em causa. Ao contrário do Perfekt e do Präteritum, o Pretérito Perfeito é sempre usado indistintamente, quer quando se trata de localizar uma situação de facto e apenas como anterior à enunciação – o que é frequente suceder no diálogo, por exemplo –,

quer quando essa situação é localizada essencialmente em relação a outras situações mencionadas no contexto, e a anterioridade ao 'ponto de perspectiva temporal' se torna pouco relevante em termos de localização – o que acontece muitas vezes no discurso narrativo. Não sendo óbvia quando se estuda apenas a língua portuguesa, esta duplicidade do Pretérito Perfeito torna-se visível quando comparamos texto português com texto de uma língua como o alemão, onde essas duas funções estão tendencialmente distribuídas por formas verbais diferentes.<sup>297</sup>

#### 4.5 Expressões adverbiais de tempo

Ao contrário do que acabámos de constatar a propósito do tipo de texto e de situação comunicativa, as expressões adverbiais de tempo podem exercer grande influência sobre a selecção do tempo verbal da tradução, uma vez que interagem de forma complexa com factores que já foram analisados neste trabalho, nomeadamente tempo verbal, 'aktionsart', e relações discursivas. Essa interacção foi já brevemente abordada na secção 3.4, onde se constatou também que a área do tempo adverbial é demasiado vasta para ser tratada de forma exaustiva neste trabalho. Por esse motivo, optei por incluir aqui, a título exemplificativo, apenas um estudo sobre as construções com *als* e a forma como são traduzidas.<sup>298</sup>

As construções com *als* inserem-se no domínio da localização temporal, já que a oração subordinada tem a função de localizar no tempo a situação referida pela oração principal. No entanto, de acordo com as descrições apresentadas na secção 3.4.1, nem a conjunção *als* nem a sua correspondente portuguesa, *quando*, estabelecem uma relação temporal fixa entre as situações referidas pelas duas orações. No que ao alemão diz respeito, a proposta de Bäuerle (1995) mencionada no final da secção 3.4.1.2 vai no sentido de equiparar a relação temporal entre as situações referidas em construções com *als* à relação estabelecida entre as situações referidas em sequências de frases independentes. Assim, é de prever que sejam relevantes para essa interpretação todos os factores

---

<sup>297</sup> Embora o caso do Passé Simple seja diferente do do Pretérito Perfeito, uma vez que o Passé Simple pertence, nos termos de Weinrich, ao universo da 'narração', também Borillo *et al.* (2003: pp. 56s) distinguem usos 'autónomos' ou 'dêicticos' desta forma verbal, em que há apenas localização por anterioridade relativamente à enunciação, de usos 'anafóricos' em que estão envolvidas na localização outras situações mencionadas no contexto e, portanto, se torna necessária uma interpretação discursiva da forma verbal.

<sup>298</sup> No capítulo 5 farei ainda breves referências a algumas outras expressões adverbiais de tempo frequentes no corpus paralelo, a propósito de problemas de tradução levantados pela interacção dessas expressões adverbiais com outros factores já discutidos.

analisados até agora no presente trabalho: tempo verbal, 'aktionsart' e relações discursivas. Já no que concerne ao português, verificou-se na secção 3.4.1.1 que a interpretação das construções com *quando* está intimamente relacionada com os tempos verbais utilizados, pelo que é muito provável que a selecção do tempo verbal na tradução de construções com *als* seja fortemente condicionada pelos factores identificados como determinantes para a interpretação dessas construções. É ao estudo dos dados do corpus relativos a essa influência que é dedicada a presente secção. Esse estudo poderá revelar se o tempo verbal da tradução é condicionado aqui de forma idêntica à que foi observada em sequências discursivas sem subordinação, e em que medida as construções com *als* possuem características específicas que originam padrões próprios de correspondência entre o tempo verbal original e o da tradução. Começaremos pelas construções com formas de Präteritum, e passaremos depois àquelas onde ocorrem formas de Plusquamperfekt.

#### 4.5.1 Construções com *als* no Präteritum

Nesta secção debruçar-nos-emos sobre construções com *als* no Präteritum. No contexto destas estruturas (oração subordinada e oração principal), encontramos no corpus 159 formas de Präteritum, a que correspondem, no texto traduzido, formas de Pretérito Imperfeito, Pretérito Perfeito e Pretérito Mais-que-perfeito<sup>299</sup>, assim distribuídas:

(843) – Quadro: Formas portuguesas empregues na tradução de Präteritum em construções com *als*

Pretérito Imperfeito		Pretérito Perfeito		Pretérito Mais-que-perfeito		Total
43	24,71%	121	69,54%	10	5,75%	174

Comparando estes valores com os da tradução de Präteritum na globalidade do corpus, regista-se uma grande diferença, nomeadamente no que diz respeito à forma mais frequente na tradução, que é aqui o Pretérito Perfeito, com 69,81% das ocorrências, enquanto na estatística global é o Pretérito Imperfeito a forma mais frequente, ocorrendo em 62,41% do total dos casos (cf. o quadro (568), acima). A segunda forma mais frequente, que, no caso das construções com *als*, é o Pretérito Imperfeito (24,53%), é, na estatística global, o Pretérito Perfeito, com 34,37% das ocorrências. Verifica-se, portanto, uma diferença substancial entre o padrão de tradução do Präteritum em construções com *als* e o que é válido para a globalidade do corpus. Essa diferença poderá, em parte, ser explicada pelo facto de os predicados integrados numa construção com *als* terem

<sup>299</sup> As formas de Pretérito Mais-que-perfeito não serão consideradas nesta secção. Cf. a nota 311, adiante.



obrigatoriamente uma leitura episódica, o que contribui para baixar o número de formas de Pretérito Imperfeito na tradução.<sup>300</sup>

Observemos agora a distribuição dos tempos verbais na tradução em função da 'aktionsart' do texto original:<sup>301</sup>

(844) – Quadro: Correspondência de tempo verbal entre texto original e traduzido para formas de Präteritum em construções com *als*

	Verbos de evento		Verbos de estado		Verbos de actividade		Total	
Pretérito Imperfeito	10	10,10%	18	50,00%	8	47,06%	36	23,68%
Pretérito Perfeito	80	80,81%	18	50,00%	8	47,06%	106	69,74%
Pretérito Mais-que-perfeito	9	9,09%			1	5,88%	10	6,58%
Total	99	100,00%	36	100,00%	17	100,00%	152	100,00%

Tal como as observações feitas ao longo da secção 4.2 sobre a tradução das diversas classes de 'aktionsart' na globalidade do corpus faziam prever<sup>302</sup>, os verbos de evento são preferencialmente traduzidos por formas de Pretérito Perfeito, e, no que diz respeito aos verbos de actividade, há um equilíbrio entre Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito na tradução. Já o facto de se verificar um equilíbrio semelhante no caso dos verbos de estado não está de acordo com os dados observados na secção 4.2, pois os números globais aí

<sup>300</sup> Esta afirmação é corroborada por uma comparação das correspondências de tradução aqui apresentadas para as construções com *als* com as que se registam no corpus paralelo em construções com *wenn*, uma conjunção temporal que é, como *als*, geralmente traduzida para português por meio da conjunção *quando*, mas que é usada exclusivamente em construções que recebem uma leitura de repetição. Das 185 formas de Präteritum que surgem no corpus em construções com *wenn*, 184 são traduzidas por Pretérito Imperfeito.

<sup>301</sup> Neste quadro são considerados apenas verbos que podem ser classificados de forma relativamente clara como pertencentes a uma das categorias de 'aktionsart' em utilização neste trabalho, isto é, como verbos de estado, evento ou actividade. Verbos que levantam problemas de classificação, como os verbos de percepção, foram excluídos, razão pela qual o total de formas consideradas neste quadro é inferior ao do quadro anterior. No entanto, a exclusão desses verbos praticamente não altera a proporção relativa das diversas formas verbais portuguesas, como pode verificar-se comparando as percentagens da última coluna deste quadro com as do quadro anterior.

<sup>302</sup> Para facilitar a comparação, recupero no quadro seguinte os dados da secção 4.2.1 relativos aos verbos de evento, estado e actividade mais frequentes no texto original:

Traduções de Präteritum	verbos de evento (leitura episódica, sem <i>sagen</i> )		verbos de estado		verbos de actividade (leitura episódica)	
Presente	0		4	0,38%	0	
Pretérito Imperfeito	81	26,05%	907	85,89%	46	45,54%
Pretérito Perfeito	214	68,81%	101	9,56%	53	52,48%
Pret. Mais-que-perfeito	16	5,14%	44	4,17%	2	1,98%
Total	311	100%	1056	100%	101	100%

*Tempos verbais portugueses correspondentes a formas de Präteritum dos verbos de estado, actividade e evento mais frequentes no texto original*

mencionados apontam para uma tendência de tradução dos verbos de estado por formas de Pretérito Imperfeito (cf. a secção 4.2.1.2). Tal como a diferença na forma verbal dominante na tradução de Präteritum, que mencionei a propósito do quadro (843), também esta diferença entre os dados das construções com *als* e os dados globais do corpus no que respeita à proporção de Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito na tradução de verbos de estado poderá estar relacionada com o facto de *als* impor sempre uma leitura episódica, mas vejam-se outras observações sobre este ponto no final da presente secção.

Analisemos agora estas construções como sequências discursivas cujos constituintes, de acordo com as classes de 'aktionsart' envolvidas, poderão estar ligados por diferentes tipos de relações discursivas que correspondam a relações temporais distintas entre as situações em causa. Relacionarei os dados destas construções com as relações discursivas e temporais previstas em Schilder (1997: pp. 73ss) para frases no Präteritum e referidas na secção 3.3.1.2, embora a listagem deste autor tenha sido elaborada para sequências de frases independentes, e não para estruturas de subordinação, sendo, por isso, de esperar algumas diferenças entre essa lista e os dados das construções em análise.

Como referi na secção 4.3.2, acima, as relações discursivas previstas por Schilder (1997) para sequências de dois predicados de evento são Narração, Resultado e Elaboração, sendo que o autor apresenta ainda exemplos que configuram uma relação discursiva de Enquadramento, sem, no entanto, mencionar claramente essa possibilidade, atestada no corpus em análise, sobretudo em estruturas de subordinação (cf. (815) a (818), acima). Entre as construções com *als* no Präteritum contendo dois predicados de evento que fazem parte do corpus, encontramos todas essas relações discursivas, excepto a de Elaboração.

Tal como já tínhamos observado noutros tipos de sequências discursivas, o Pretérito Perfeito é a forma verbal escolhida para traduzir construções com *als* cujas orações estão ligadas pelas relações discursivas de Narração (cf. (845) e (846), abaixo) e Resultado (cf. (847) e (849), abaixo):

- (845) §Als er an den Fluß **kam, beruhigte** sich sein Zorn. (G271)  
§ Quando **chegou** à beira do rio, a sua ira **acalmou**.
- (846) Erst als ein Trambahnwagen **vorbeikam, merkte** er an der Aufschrift, daß er sich in der W.-Straße befand (LE207)  
Só quando **passou** um eléctrico, **reparou** pela placa que se encontrava na rua W.
- (847) als sie in die Küche kam, auch dort Licht **anknipste** und ihn **entdeckte, legte** er rasch den Finger auf den Mund, um sie zu warnen. (hoh44)

- quando, ao entrar na cozinha, **acendeu** também a luz e o **viu**, ele apressou-se a **levar** o dedo aos lábios para a avisar.
- (848) als Albert ihn **fragte**, ob er müde sei, **sagte** er ja, weil er gern allein sein wollte.  
(hoh192)  
quando Albert lhe **perguntou** se estava cansado, **disse** que sim porque queria estar sozinho.
- (849) neben dem Eingang zur Waschküche stand ein halber Sack verschimmelten Mehls, von dem ein paar Ratten **weghuschten**, als Albert Licht **anknipste**.  
(hoh676)  
junto à entrada do telheiro da roupa, havia meia saca de farinha estragada do qual se **escapuliram** algumas ratazanas quando Albert **acendeu** a luz.

Este último exemplo ilustra uma das diferenças entre as construções com *als* e as sequências discursivas que observámos nas secções anteriores: a sucessão temporal inferida a partir de relações de tipo causal entre as situações não depende, aqui, da ordem em que as duas orações surgem na frase, mas sim do tipo de oração em causa, já que é sempre a situação referida pela oração subordinada que causa ou viabiliza a situação referida pela oração principal. E o mesmo é válido para as construções com *quando*, como se verifica pelas versões traduzidas.<sup>303</sup>

As formas de Pretérito Imperfeito surgem acompanhadas de formas de Pretérito Perfeito em sequências que podem ser interpretadas como apresentando a relação de Enquadramento, por exemplo as seguintes:<sup>304</sup>

- (850) §Als er aus dem Wald trat, **begann** ein leichter Regen vor der Sonne **niederzuströmen**. (G209)  
§ Quando saiu do bosque **começava a cair** uma chuva ligeira contra um fundo de sol.
- (851) §Als Friedl den Namen **schrie**, kam Bertoni herein und wurde rot unter der Bräune. (UmiTM215)  
§ Quando o Friedl **proferia** o nome em altos brados, entrou o Bertoni e ficou vermelho por debaixo do bronzeado.

Nestes casos, a interpretação do tradutor foi no sentido de uma relação discursiva de Enquadramento e da sobreposição temporal das situações que lhe está associada. Todavia, tal como já foi referido a propósito da tradução de verbos de evento por formas de Pretérito Imperfeito (cf. 4.3.2), esta decisão sobre a interpretação do texto original com base unicamente no conhecimento do mundo e das relações discursivas que este sugere existirem entre as proposições em causa pode ser problemática, e é forçada pela necessidade de encontrar a forma verbal portuguesa mais adequada para a tradução, uma

<sup>303</sup> Também Cunha (2000) faz esta observação a propósito das construções com *quando*.

<sup>304</sup> Tanto no texto original como no texto traduzido, o evento da oração principal do primeiro exemplo é o resultado da aplicação do operador temporal *beginnen zu / começar a* a um predicado de actividade.

vez que as formas portuguesas são mais específicas do que o Präteritum. No capítulo 5 voltaremos a esta questão e teremos oportunidade de observar casos em que tradutores diferentes tomaram decisões diferentes quanto à interpretação e tradução de exemplos deste tipo.

Passamos agora à análise de construções com *als* contendo um predicado de evento e um de estado ou actividade. Como foi referido na secção 4.3.1, para sequências discursivas com estes componentes, Schilder (1997) prevê a possibilidade de uma relação discursiva de Enquadramento, que tem como consequência a sobreposição temporal. Em sequências onde encontramos um predicado eventivo seguido de um atélico, há igualmente a possibilidade de uma relação de sucessão temporal, caso o estado ou actividade sejam causados ou viabilizados pelo evento, isto é, caso seja possível estabelecer entre as proposições em causa relações discursivas de Resultado ou de Narração.

Tal como está previsto no levantamento feito por Schilder, encontramos, entre as construções com *als* existentes no corpus, exemplos da relação discursiva de Enquadramento, tanto em sequências de um predicado de evento e um de actividade (cf. (852) e (853), abaixo), como em sequências de um predicado de evento e um de estado (cf. (854) a (856)).

- (852) Die Schnur fiel auf der einen Seite an ihm herab und **verwirrte** sich, als er **versuchte**, sie auf der anderen von sich zu reißen. (G252)  
A corda caiu-lhe rente ao corpo de um dos lados e **envencilhou**-se no momento em que ele **tentava** desembaraçar-se dela do outro.<sup>305</sup>
- (853) Ich glaube, wir **lachten** über etwas, über uns selber wahrscheinlich, als wir die Tür **aufstießen** zum Extrazimmer. (UmiTS314)  
Acho que nos **estávamos a rir**, provavelmente sobre nós próprios, quando **abrimos** a porta que dava para a sala reservada.
- (854) Er klatschte in die Hände, um das Tier anzulocken, und als es nahe genug **war**, **wandte** er sich zurück, um die Gittertür zu schließen. (G248)  
Bateu as palmas para atrair o animal e, quando ele **estava** suficientemente próximo, **voltou**-se para trás para fechar a portinhola de grades.
- (855) § Als ich das Paket **öffnete**, **lag** sein Begleitbrief obenauf: (ur124)  
§ Quando **abri** o embrulho, a carta dele **estava** por cima de tudo:
- (856) § Er **saß** noch da, als die Mutter ihn **holte** (hoh191)  
§ **Estava** ainda ali sentado quando a mãe o foi **buscar**

<sup>305</sup> Ocasionalmente, *als* é traduzido por uma expressão portuguesa diferente de *quando*, e este é um desses casos. A tradução alternativa mais frequente no corpus é *ao+infinitivo*, que, por não conter uma forma conjugada, não foi considerada na presente análise. No capítulo 5 serão mencionados alguns exemplos de versões portuguesas alternativas a *quando* usadas para resolver dificuldades de tradução (cf. também o exemplo (b) da nota 306 e o exemplo (a) da nota 321, adiante).

Em todos os casos, o evento é referido por uma forma de Pretérito Perfeito, enquanto ao estado ou actividade corresponde uma forma de Pretérito Imperfeito, sendo usado na versão portuguesa um verbo de estado ou actividade correspondente ao do texto original. Há, porém, uma outra possibilidade de tradução para exemplos deste tipo, que é ilustrada pela frase seguinte:

- (857) Ich **legte** zum erstenmal an, als wir eine Gruppe von Polen vor uns **hatten**;  
(UmiTM387)  
**Apontei** pela primeira vez quando **apanhámos** pela frente com um grupo de polacos;

Aqui, o verbo de estado do texto original recebe uma interpretação incoativa e o tempo verbal usado na tradução é o Pretérito Perfeito, sendo o verbo escolhido não o correspondente ao verbo de estado da frase original, mas um verbo de evento. Na versão portuguesa encontramos, pois, duas orações que referem eventos em sucessão, e que estão ligadas por uma relação discursiva de Narração. Quanto ao verbo de evento e ao verbo de estado da versão original, creio que, embora possamos dizer que há uma sobreposição de estado e evento, as relações temporais e discursivas entre o evento e o início do estado que são visíveis na versão portuguesa estão também presentes na sua interpretação: é o início do estado que cria condições para a ocorrência do evento referido pela oração principal.<sup>306</sup> Trata-se de uma constelação de 'aktionsart' e relações discursivas e temporais que não está prevista no trabalho de Schilder (1997), possivelmente por se tratar de uma particularidade das construções com *als*.

Quanto às restantes relações discursivas que estão previstas para sequências de um predicado télico e um predicado atélico no Präteritum, a de Narração não surge neste tipo de construções no corpus, mas há diversas ocorrências de estruturas contendo um

<sup>306</sup> Este não é, aliás, o único exemplo do género presente no corpus, como se pode verificar observando a sequência seguinte:

- (a) Es **sei** ihm, meldet Reschke, die Witwe um den Hals **gefallen**, als ihr, vom Rondell aus gesehen, der zukünftige Friedhof vor Augen **stand**. (ur902)  
Segundo Reschke, a viúva **caiu**-lhe ao pescoço, quando, ainda na rotunda, **viu** o futuro cemitério à sua frente.

Aqui encontramos novamente um verbo de estado, *stand*, traduzido por uma forma de Pretérito Perfeito não do verbo estativo correspondente, mas de um verbo de percepção (*viu*) que, neste contexto, denota um evento. Na versão portuguesa, as duas proposições em causa estão ligadas por uma relação discursiva de Resultado que origina uma interpretação de sucessão temporal. Julgo que essa relação discursiva estará também presente na interpretação da versão alemã, já que é claramente o início do estado referido pela oração subordinada que causa o evento denotado pela oração principal. A relevância da relação de sucessão temporal entre o início do estado e o evento em construções deste tipo revela-se também numa outra possibilidade de tradução que surge no corpus, não através de uma conjunção mas recorrendo à locução prepositiva *depuis de*:

- (b) Erst als die Jakobskirche hinter ihnen **lag**, ließ er von seinen Frühprägungen ab: (ur169)  
Só depois de **terem ultrapassado** a igreja de S. Tiago, é que ele se deixou de reminiscências:

predicado télico e um atélico ligadas por uma relação discursiva de Resultado. Quando o predicado atélico refere uma actividade, como nos exemplos seguintes, a forma verbal da tradução é um verbo de actividade correspondente no Pretérito Perfeito, que denota uma porção delimitada dessa actividade:

- (858) Als es bei Haderer **anlangte**, **beobachtete** ich ihn genau und mußte mir eingestehen, daß ich überrascht war. (UmiTM66)  
Quando **chegou** ao Haderer, **observei-o** com atenção e tive de confessar a mim mesmo que fiquei surpreendido.
- (859) Sie **lächelte**, als er **hereinkam**, sah dann seine nackten Füße und rief: (hoh584)  
Ela **sorriu-se** quando ele se **acercou**, e depois, vendo os seus pés nus, exclamou:

Quando o predicado atélico refere um estado, como nas frases que se seguem, este recebe uma interpretação incoativa e é, em regra, traduzido por um verbo que denota o evento correspondente ao início do estado:

- (860) Er **war** froh, als das Licht wieder **ausging**, (...) (hoh22)  
**Ficou** satisfeito quando a luz se **tornou a apagar**, (...)
- (861) Und als sich Witold, der spät geborene einzige Sohn, gleich zu Beginn der achtziger Jahre – kaum hatte der General das Kriegerrecht ausgerufen – nach Westen **absetzte**, um in Bremen zu studieren, **war** die Witwe in der vormals engen, nun geräumigen Dreizimmerwohnung (ur335)  
E quando Witold, o filho único, nascido já tarde, logo no princípio dos anos oitenta – mal o general proclamara a lei marcial – se **passou** para o ocidente para frequentar a universidade em Bremen, a viúva **ficou** sozinha, mas não infeliz, na casa de três divisões
- (862) Als ich das Gewehr in die Hand **bekam**, **wußte** ich, daß ich verloren war. (UmiTM361)  
Quando me **deram** a espingarda para as mãos, **soube** que estava perdido.

Nos dois primeiros exemplos esse verbo é *ficar*, no último é o verbo de estado correspondente ao do texto original, *saber*. Mas este verbo estativo português tem características especiais, uma vez que, ao contrário do que é habitual, ele pode referir tanto o estado (*ter conhecimento ou consciência*) quanto o evento que lhe dá início (*adquirir esse conhecimento ou consciência*).

Por fim, chegou o momento de observarmos construções com *als* no Präteritum com dois predicados atélicos. No entanto, o que se constata ao examinar o corpus é que estas construções são quase inexistentes:<sup>307</sup> há apenas dois exemplos, que cito em seguida,

<sup>307</sup> Esta constatação estende-se às 42 ocorrências de construções com *als* que constam do corpus adicional alinhado referido no capítulo 1.

um com dois predicados de estado e um outro contendo um predicado de estado e outro de actividade:

- (863) Als der Gefesselte wieder auf den Füßen **stand**, **war** die Unruhe so groß, daß er einzelne Worte kaum mehr unterschied. (G231)  
Quando o amarrado **voltou a pôr-se** de pé, a agitação **era** tão grande que ele já mal distinguia uma palavra de outra.
- (864) Nella **lachte**, als das Licht wieder **brannte**, und sie zog ihn noch einmal mit ihrem Arm wie in einer Schlinge zu sich herunter und küßte ihn auf die andere Wange (hoh611)  
Nella **riu-se** quando a luz se **reacendeu** e puxou-o uma vez mais com os braços entrelaçados, beijando-o na outra face

A interpretação do texto original indica uma relação de sobreposição temporal entre as duas situações, mas não creio que se trate da mesma relação de "Scene-setting" que vimos acima, e que existiria, por exemplo, se as orações de (863) e (864) estivessem ligadas pela conjunção coordenativa *und*, tendo, nesse caso, provavelmente, formas de Pretérito Imperfeito como correspondentes na versão portuguesa, como sucede com outras sequências discursivas com esses componentes que observámos na secção 4.3.1. Essa relação discursiva existe onde duas ou mais situações atélicas funcionam como um cenário no qual se pode, por exemplo, localizar um evento referido por uma frase subsequente. Pelo contrário, nos exemplos (863) e (864) temos construções com *als* em que é a própria situação referida pela oração principal que é localizada no tempo em função da situação referida pela oração subordinada, neste caso, um estado. Uma possibilidade de um estado referido por uma oração subordinada deste tipo localizar a situação da oração principal é a interpretação incoativa desse estado<sup>308</sup>, que assinala como relevante para essa localização apenas o ponto ou fase inicial do estado. Essa leitura é apoiada, tanto em (863) como em (864), pela presença do advérbio *wieder* / *outra vez* na frase, indicando um reinício do estado em causa, e coaduna-se com uma relação discursiva de Enquadramento entre esse (re)início de estado e a situação referida pela oração principal em (863), e com uma relação discursiva de Narração entre as situações correspondentes em (864). É precisamente esta a interpretação que encontramos nas traduções apresentadas, onde são usados na oração subordinada verbos de evento correspondentes ao início do estado do texto original, a parte desse estado que é relevante para a localização temporal da situação da oração principal. Trata-se do mesmo padrão de interpretação e tradução de verbos de estado em orações com

<sup>308</sup> Sandström (1993, pp. 184ss) faz uma observação paralela a esta a respeito das orações subordinadas introduzidas por *when* contendo predicados de estado, afirmando que elas podem ter como referente tanto a totalidade do intervalo em que se verifica o estado correspondente ao verbo, como o momento em que esse estado começa a verificar-se.

*als* que encontramos acima, em (857), mas aqui com um predicado atélico na oração principal, o que possibilita, para além da interpretação de sucessão temporal associada às relações discursivas de Narração e Resultado, também a leitura de sobreposição temporal característica da relação discursiva de Enquadramento, em (863).

Para além de apresentarem as particularidades interpretativas que acabei de mencionar, as construções com *als* associando dois predicados atélicos são, como já referi extremamente raras no corpus. Esta escassez contribui para explicar o número reduzido de formas de Pretérito Imperfeito em traduções de construções com *als* que verificámos existir no corpus ao observarmos os quadros apresentados no início desta secção. Ela permite concluir que a diferença entre os números referentes às construções com *als* e os que dizem respeito à totalidade do corpus não é apenas de uma diminuição da proporção de formas de Pretérito Imperfeito provocada pela exclusão das formas verbais em leitura de repetição, já que também os verbos de estado em leitura episódica, que são tendencialmente traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito, surgem quase exclusivamente em construções com *als* contendo um predicado de estado e um de evento, sendo praticamente inexistentes construções em que eles estejam associados a outros verbos de estado ou a verbos de actividade.

#### 4.5.2 Construções com *als* contendo formas de Plusquamperfekt

No contexto de construções com *als*, encontramos no corpus apenas 25 ocorrências de Plusquamperfekt, que são traduzidas por formas de Pretérito Imperfeito, Pretérito Perfeito e Pretérito Mais-que-perfeito, assim distribuídas:

(865) – Quadro: Formas portuguesas empregues na tradução de Plusquamperfekt em construções com *als*

Pretérito Imperfeito		Pretérito Perfeito		Pretérito Mais-que-perfeito		Total
2	8%	4	16%	19	76%	25

Apesar de se tratar de um número reduzido de formas, pode observar-se que estes valores estão de acordo com os dados globais do corpus, registados no quadro (568), no início deste capítulo, no que diz respeito ao predomínio do Pretérito Mais-que-perfeito, que abrange, nesses valores globais, 80,5% das traduções de Plusquamperfekt. Já quanto à segunda forma mais frequente, os dois quadros não são coincidentes: no quadro global ela é o Pretérito Imperfeito, com 15,63%, e não o Pretérito Perfeito, como sucede no quadro (865). Mais adiante nesta secção faremos algumas observações sobre as formas de



Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito incluídas neste quadro e sobre algumas outras que aqui não foram contabilizadas (cf. notas 319 e 312, respectivamente).

Quanto à relação entre 'aktionsart' do texto original e forma verbal da tradução, como observámos na secção 4.2.4, verbos de evento e actividade no Plusquamperfekt em leitura episódica são quase exclusivamente traduzidos por Pretérito Mais-que-perfeito, e é isso que se verifica também em construções com *als*, nas quais 7 de 10 verbos de evento<sup>309</sup> e 3 de 4 verbos de actividade são traduzidos por formas de Pretérito Mais-que-perfeito, como no seguinte exemplo:

- (866) der Kaplan zum Beispiel **war** fast aus dem Beichtstuhl **gefallen**, als Martin in der Beichte von dem Wort **gesprochen hatte**, das seine Mutter zum Bäcker gesagt hatte, (hoh235)  
 O capelão, por exemplo, quase **caíra** do banco quando Martin, ao confessar-se, lhe **revelara** qual a palavra que sua mãe dissera ao pasteleiro;

Uma particularidade destas construções que é evidenciada pelos dados do corpus reside no facto de, com alguma frequência, surgir na oração subordinada uma forma de Präteritum onde se esperaria encontrar o Plusquamperfekt. Tal sucede mesmo em contextos onde a situação denotada pela forma de Präteritum não pode ser interpretada como posterior à que é referida pelo Plusquamperfekt da oração principal, mas tem de ser anterior ou sobreposta a ela, como nos exemplos seguintes, onde encontramos, inclusivamente, uma coordenação de duas orações introduzidas por *als*, uma no Plusquamperfekt e outra no Präteritum (cf. (868)).<sup>310</sup>

- (867) [...] er hatte Onkel Alberts Handbewegungen genau nachgemacht, den Pinsel im Wasser geschwenkt, ihn über die Farbtube gestrichen, mit dem Pinsel dann übers Papier – und als das Papier dann rot **wurde**, hellrot, da **hatte** er vor Freude **gelacht** (hoh+1193)  
 [...] imitara com toda a exactidão os movimentos da mão do tio Albert, mergulhando o pincel na água, passando-o pelo tubo e depois pintando no papel – e quando este **ficara** vermelho, vermelho-vivo, **rira** de prazer
- (868) sie war jetzt alt, uralt erschien sie ihm, und doch **war** sie ihm noch jung **erschienen**, als »es« im Krankenhaus **weggemacht worden war**, und als Leo zum erstenmal mit ihr **tanzte**. (hoh274)  
 ela era agora velha, parecia-lhe velhíssima, e, no entanto, **parecera-lhe** ainda jovem quando «aquilo» **fora eliminado** no hospital e quando Leo **danças** com ela pela primeira vez.

<sup>309</sup> Os restantes verbos de evento são traduzidos por Pretérito Perfeito, cf. os exemplos a que diz respeito a nota 319.

<sup>310</sup> É difícil destrinçar a causa desta substituição e não conheço outras referências a este fenómeno. Latzel (1977: p. 90) menciona o predomínio de Präteritum nas orações subordinadas introduzidas por *als*, mas o estudo deste autor diz respeito apenas a ocorrências de Präteritum e Perfekt, não a Plusquamperfekt.

- (869) Onkel Albert **war** dabei **gewesen**, als der Vater **fiel**, und er erzählte es manchmal, von Gäseler und dem Dorf und dem Krieg, (hoh201)  
 O tio Albert **estivera** presente quando o pai **tombara**, e falava muitas vezes em Gaseler, e na vila, e na guerra

Como pode verificar-se, verbos de evento e de actividade são traduzidos por Pretérito Mais-que-perfeito, mesmo nos casos em que a forma do texto original é o Präteritum, tradução essa que é determinada por uma interpretação temporal das sequências baseada, não tanto no tempo verbal, mas no contexto respectivo, já que se trata, em todos os casos, de situações que se verificam em intervalos anteriores a um 'ponto de perspectiva temporal' passado.<sup>311</sup>

Pela mesma razão, também os verbos de estado dos exemplos (868) e (869), acima, são traduzidos por formas de Pretérito Mais-que-perfeito. Há, no entanto, outros casos em que os verbos de estado incluídos neste tipo de construções são traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito, quer correspondam, no texto original, a formas de Plusquamperfekt (cf. (870) e (871), abaixo) quer a formas de Präteritum referentes a situações anteriores a um 'ponto de perspectiva temporal' passado (cf. (872) e (873), abaixo<sup>312</sup>):

- (870) sprach dann ganz ruhig und langsam auf ihn ein, und er verstand, daß es schon zu spät **gewesen war**, als er mit Leen im Taxi gesessen hatte. (hoh+1014)  
 § Falou-lhe depois serena e lentamente, e ele compreendeu que **era** já demasiado tarde quando levara Leen de táxi.
- (871) § Schon oft war der Professor hier eingekehrt: während früherer Besuche in der ärmlichen, doch an Türmen so reichen Stadt, als ihm seine Wissenschaft noch kurzweilig **gewesen war** (ur525)<sup>313</sup>  
 § O Professor já aqui tinha entrado várias vezes: por ocasião das suas anteriores visitas àquela cidade pobre mas tão rica em torres, quando a sua ciência ainda lhe **dava** prazer
- (872) Als er fünf Jahre alt **war**, hatte sie eines Tages zu ihm gesagt: »So, jetzt will ich dir einmal zeigen (...) (hoh+1158)  
 Quando ele **tinha** cinco anos, a avó dissera-lhe certo dia: «Bem, agora quero mostrar-te (...)
- (873) als Leo noch nicht sein Onkel **war**, hatte er ihn mit der Schaffnerin gesehen; (hoh223)  
 ainda Leo não **era** seu tio, tinha-o apanhado com a cobradora,<sup>314</sup>

<sup>311</sup> São estes casos que surgem no quadro estatístico apresentado no início da secção anterior como formas de Präteritum em construções com *als* traduzidas para Pretérito Mais-que-perfeito.

<sup>312</sup> Por a forma do texto original ser um Präteritum, estas formas de Pretérito Imperfeito não surgem no quadro inicial da presente secção, mas no da secção anterior, apesar de as situações referidas serem interpretadas como anteriores a passado.

<sup>313</sup> É certo que, nesta frase, a relação entre a oração subordinada com *als* e a oração principal é mais complexa do que nos outros casos, mas não creio que esse facto influencie o uso ou a interpretação dos tempos verbais em causa.

<sup>314</sup> Cf. nota 305.

A distribuição das traduções de verbos de estado no Plusquamperfekt por Pretérito Mais-que-perfeito e Pretérito Imperfeito, que encontramos nos exemplos (868) a (870), está de acordo com as observações feitas na secção 4.2.4.2 sobre a relação entre a 'aktionsart' do texto original e a forma verbal escolhida para traduzir o Plusquamperfekt. O que verificámos nessa secção foi que estados apresentados como um todo delimitado anterior a um 'ponto de perspectiva temporal' passado correspondiam na tradução a Pretérito Mais-que-perfeito, enquanto estados não apresentados como delimitados, mas localizados por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado disponível no contexto, correspondiam a formas de Pretérito Imperfeito, tempo verbal que demonstrava, assim, a sua capacidade de adaptação a 'pontos de perspectiva temporal' passados com características diversas. Os estados dos exemplos (870) a (873) encaixam-se perfeitamente neste último modelo da sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado estabelecido no contexto.<sup>315</sup> Quanto aos estados de (868) e (869), acima, embora estejam traduzidos por formas de Pretérito Mais-que-perfeito, não parecem ser estados delimitados anteriores ao 'ponto de perspectiva temporal' passado.

Registe-se ainda que, embora o elenco de relações temporais e discursivas elaborado por Schilder (1997) para sequências de frases com diversas classes de 'aktionsart' não diga respeito ao Plusquamperfekt, se relacionarmos as sequências de 'aktionsart' e as relações discursivas e temporais nestes exemplos, verificamos que eles se encaixam em padrões que já encontrámos nas construções com Präteritum, à semelhança do que se verificou na secção 4.3.5 com a tradução de verbos de estado no Plusquamperfekt por formas de Pretérito Imperfeito. Assim, em (867) e (866), construções que associam verbos de evento e de actividade, encontramos a relação discursiva de Resultado e a correspondente tradução por Pretérito Mais-que-perfeito, de acordo com as compatibilidades entre relações discursivas e tempos verbais do português observadas na secção 3.3.3. Nos exemplos (871) a (873), que associam verbos de estado e verbos de evento<sup>316</sup>, encontramos outra relação discursiva possível para sequências desse tipo, nomeadamente a de Enquadramento, que, de acordo com o que foi dito na mesma secção 3.3.3, requer a presença de uma forma de Pretérito Imperfeito na tradução.<sup>317</sup> A análise de

<sup>315</sup> Relativamente ao exemplo (872), acresce que se trata de uma propriedade inerente, que só poderia ser traduzida por Pretérito Imperfeito (cf. a secção 4.2.4.2).

<sup>316</sup> Simplificando um pouco, já que, no texto original, o verbo da oração principal do último exemplo é um verbo de percepção, que, aqui, é, no entanto, empregue como verbo de evento.

<sup>317</sup> Como já tinha sido referido na secção 4.3.5, acima, o Pretérito Mais-que-perfeito revela neste ponto um comportamento diferente do do Plusquamperfekt, que ocorre sem problemas nas duas formas verbais de uma sequência discursiva ligada por uma relação de Enquadramento.

(870) é um pouco mais complexa, já que temos, no texto original, dois estados, um dos quais (*gesessen hatte / estivera sentado*) recebe uma interpretação incoativa e é traduzido por um verbo de evento, *levava*, o que, pelo menos na versão portuguesa, cria igualmente uma relação discursiva de Enquadramento. Trata-se de um caso semelhante ao que já observámos noutra construção com *als* contendo dois verbos de estado, nomeadamente (863), acima. Por comentar estão ainda os exemplos (868) e (869), acima, que, no texto original, parecem apresentar a relação discursiva de Enquadramento, mas onde, na versão portuguesa, não encontramos os tempos verbais mais adequados a essa relação discursiva – que incluiriam uma forma de Pretérito Imperfeito –, mas antes aquele que mais se aproxima do texto alemão no que respeita à marcação da anterioridade a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, o Pretérito Mais-que-perfeito.

Tínhamos observado, na secção 4.2.4.2, que, nos casos de tradução de Plusquamperfekt por Pretérito Imperfeito, é ao contexto que cabe fornecer a informação de que a situação é anterior a um intervalo passado, valor que não está explícito na forma verbal portuguesa. No caso da tradução de construções com *als*, essa informação não se perde totalmente, pois está contida na forma de Pretérito Mais-que-perfeito da outra oração. Ainda assim, há frases em que se torna difícil a escolha do tradutor, e julgo que (868), acima, é uma delas, devido à necessidade de distinguir as duas formas coordenadas do verbo *parecer*, uma referindo uma situação sobreposta ao 'ponto de perspectiva temporal' passado, e outra uma situação anterior a esse 'ponto de perspectiva temporal'.<sup>318</sup>

Encontramos ainda no corpus ocorrências de construções com *als* contendo uma forma de Plusquamperfekt e uma de Präteritum em que esta última não assume um valor de anterioridade a passado, ao contrário do que sucede em (867)-(869), (872) e (873), acima, mas desempenha a sua função normal de localizar uma situação no passado. Uma dessas ocorrências é a do exemplo seguinte:

(874) Leen **hatte** sich **erbrochen**, als er nach oben **kam**, (hoh+995)  
Quando **chegou** lá acima, Leen **tinha vomitado**,

Neste caso, o evento denotado pela oração subordinada marca o 'ponto de perspectiva temporal' por sobreposição ao qual é localizado o estado resultante do evento correspondente ao verbo da oração principal. É este o elemento comum a todas as construções deste tipo que fazem parte do corpus: a relação de sobreposição entre um

<sup>318</sup> Um outro elemento que desempenha um papel relevante na interpretação e tradução dos exemplos em causa, mas que não poderei tratar no âmbito deste trabalho, são os advérbios *schon / já* e *noch / ainda*.

estado resultante denotado pela forma de Plusquamperfekt e um evento denotado pela forma de Präteritum, que, aliás, leva alguns autores a distinguirem estas das restantes construções com *als*, com base na ideia de que elas exprimem a anterioridade de uma situação relativamente à outra, enquanto as restantes exprimem simultaneidade (cf. 3.4.1.2, acima). Para além desse traço comum, há um factor de variação observável nas construções deste tipo que se torna relevante no presente contexto. Trata-se da oração em que surge cada uma das formas verbais. Em (874), acima, é a oração principal que contém a forma de Plusquamperfekt, enquanto nos exemplos seguintes encontramos essa forma na oração subordinada, sendo, portanto, o estado resultante que fornece um 'ponto de perspectiva temporal' passado para a localização do evento denotado pela oração principal:

- (875) Er **erschrak**, als der Junge sich aus dem Bett **geschwungen** und **hingestellt hatte**: er war so groß (hoh637)  
 § **Sobressaltou-se** quando o rapaz, com um impulso do corpo, **saiu** da cama e se **levantou**: estava tão grande
- (876) für einen Augenblick war es still gewesen in der ganzen Welt, als das Zahnrad in den bereitstehenden Mechanismus griff; als es **eingeklickt war**, lief der Mechanismus, und sein Wirken stärkte den Stumpfsinn und bestärkte die Resignation. (hoh+752)  
 durante um instante, reinou o silêncio em todo o mundo enquanto o dente prendia no mecanismo aprontado; quando **prendeu**, o mecanismo **pôs-se** em marcha e o seu funcionamento reforçou o embotamento e fez aumentar a resignação.

Comparando estes dois exemplos com o anterior, (874), verifica-se que à diferença na distribuição das formas verbais pelas orações corresponde uma diferença nos tempos verbais utilizados para a tradução. Em (874), a versão portuguesa reproduz os meios de localização temporal da frase alemã: a forma de Pretérito Mais-que-perfeito denota um estado resultante ao qual se sobrepõe o evento referido pela forma de Pretérito Perfeito. Já a estratégia de tradução adoptada para (875) e (876) é bastante diferente, uma vez que essas frases não contêm nenhuma forma de Pretérito Mais-que-perfeito, mas apenas formas de Pretérito Perfeito<sup>319</sup>, que referem eventos mas não referem, explicitamente, os respectivos estados resultantes. A interpretação temporal das versões portuguesas destas frases baseia-se, assim, nas relações discursivas estabelecidas entre os eventos em causa, neste caso, uma relação de Resultado que indica a posterioridade do evento referido pela oração principal, que acaba por corresponder à interpretação da frase original, onde esse evento é também posterior àquele que origina o estado resultante a que se sobrepõe.

<sup>319</sup> São estas formas de Pretérito Perfeito que surgem no quadro estatístico apresentado no início desta secção.

Não é casual esta utilização de formas verbais distintas nas traduções de (874), por um lado, e de (875) e (876), por outro, uma vez que só no primeiro caso, isto é, na oração principal, o Pretérito Mais-que-perfeito pode ser usado sem problemas em construções deste tipo. Quando se trata de frases com Plusquamperfekt na oração subordinada, o Pretérito Mais-que-perfeito parece pouco aceitável, como se pode observar nas seguintes potenciais traduções de (875) e (876):<sup>320</sup>

(877) ?Sobressaltou-se quando o rapaz tinha saído da cama.

(878) ?Quando o dente tinha prendido o mecanismo pôs-se em marcha.

Na versão original dos exemplos em causa, o estado consequente denotado pela oração subordinada pode servir de base à localização do evento referido pela oração principal: este é interpretado como situado na parte inicial desse estado, um padrão de localização que já tínhamos observado em exemplos anteriores, nomeadamente em (857), (863) e (864), o primeiro dos quais é reproduzido em (879):

(879) Ich **legte** zum erstenmal an, als wir eine Gruppe von Polen vor uns **hatten**;  
(UmiTM387)  
**Aponte**i pela primeira vez quando **apanhá**mos pela frente com um grupo de polacos;

Aqui, nas frases originais, o estado referido pela oração subordinada recebia uma interpretação incoativa, sendo a situação referida pela oração principal localizada precisamente no início ou fase inicial desse estado. Quanto à versão portuguesa, a opção de tradução para a oração subordinada era, em todos os casos mencionados, um verbo de evento correspondente ao início estado no Pretérito Perfeito, sendo esse evento interpretado como anterior ao evento referido pela oração principal. Esta solução permitia evitar o uso do verbo de estado correspondente ao do texto original, o qual não obtinha facilmente, em português, a mesma interpretação incoativa que recebia o verbo estativo alemão.<sup>321</sup> Comparando este caso de interpretação e tradução de um verbo estativo com o

<sup>320</sup> Essa mesma incompatibilidade entre estados resultantes denotados por formas de Pretérito Mais-que-perfeito e orações subordinadas introduzidas por *quando* é notada em Carecho (1996: p. 80) a propósito da frase ?*Quando tinha arrumado tudo fui dar um passeio*, sendo confirmada pelo facto de, no corpus de 1670 ocorrências de *quando* que serviu de base a esse trabalho, não existir qualquer exemplo desse tipo. Cunha (2000: p. 16) observa também esta incompatibilidade, sugerindo que este tempo verbal não pode ocorrer numa oração subordinada introduzida por *quando*. No entanto, encontramos no corpus em que se baseia o presente trabalho, e também fora dele, construções com *quando* que apresentam duas formas de Pretérito Mais-que-perfeito, pelo me parece que o problema não estará na forma de Pretérito Mais-que-perfeito da subordinada, mas antes na associação dos tempos verbais das duas orações.

<sup>321</sup> Trata-se de uma tendência que se verifica nos dados analisados, e que é confirmada, por exemplo, pelo facto de a outra tradução de (879) presente no corpus evitar também essa interpretação incoativa do verbo, recorrendo até a uma alternativa à conjunção *quando*:

dos exemplos (875) e (876), parecem estar envolvidas em todos eles dificuldades semelhantes no que toca à interpretação de estados em orações introduzidas por *quando*, embora a primeira frase envolva um estado lexical e as duas últimas estados consequentes.<sup>322</sup> Em (875) e (876), não sendo possível em português a localização do evento referido pela oração principal no início do estado resultante referido pela oração subordinada, a opção do tradutor é também evitar o estado consequente e usar uma forma de Pretérito Perfeito, baseando a interpretação da frase na relação temporal de sucessão entre os dois eventos envolvidos, que pode ser inferida a partir de uma relação discursiva que envolve causalidade.<sup>323</sup>

### 4.5.3 Breve comparação entre a interpretação e tradução das formas verbais estudadas em construções com *als* e noutros contextos

Tanto quanto é possível verificar a partir dos dados do corpus, as formas verbais de Präteritum e Plusquamperfekt inseridas em construções com *als* apresentam algumas características próprias destas construções, como a possibilidade de as formas de Präteritum em orações subordinadas introduzidas por *als* poderem assumir valores de anterioridade a passado (cf. p. ex. (869), que aqui repito):

(a) Ich legte zum erstenmal an, als wir eine Gruppe von Polen vor uns **hatten**; (Umi387)

TS A primeira vez que aponte, **tínhamos** pela frente um grupo de Polacos;

Existem, no entanto, excepções a esta tendência, como a seguinte frase do corpus, onde, tanto no texto original como na versão portuguesa, o evento da oração principal é localizado na fase inicial do estado referido pela oração subordinada:

(b) Er klatschte in die Hände, um das Tier anzulocken, und als es nahe genug **war**, wandte er sich zurück, um die Gittertür zu schließen. (G248)

Bateu as palmas para atrair o animal e, quando ele **estava** suficientemente próximo, voltou-se para trás para fechar a portinhola de grades.

<sup>322</sup> Cf., em Sandström (1993: pp. 190s), observações acerca de orações subordinadas introduzidas por *when* que denotam estados lexicais e estados resultantes, e que recebem uma interpretação idêntica à das construções alemãs em análise.

<sup>323</sup> Refira-se ainda que é possível encontrar, no corpus paralelo, uma outra solução para traduzir estas formas de Plusquamperfekt em orações com *als* evitando o recurso ao Pretérito Mais-que-perfeito na oração subordinada, nomeadamente formas infinitivas dependentes de uma locução prepositiva que marca explicitamente a sucessão temporal, como *depois de*:

(a) § Als Witwe und Witwer (...) die querlaufende Lindenallee bis zur stadtwärts angrenzenden Poliklinik abgescritten und sich der Ausmaße des Akademischen Parks **versichert hatten**, (...), sagte er, mit Blick auf die zu Beginn der zwanziger Jahre gebaute Klinik: »Dort hat man mir als Kind die Mandeln rausgenommen. (ur841e2)

§ Depois de o viúvo e a viúva (...) terem calcorreado a transversal Alameda das Tílias até à Policlínica que ficava do lado da cidade, e se **terem assegurado** das dimensões do Parque da Universidade, (...), disse ele olhando para a clínica construída no princípio dos anos vinte: “Ali tiraram-me as amígdalas, quando era miúdo.

Este tipo de solução parece-me adequado sobretudo para traduzir frases como esta, onde não há umnexo causal entre as situações referidas, ao contrário do que sucedia nos exemplos observados acima, e mostra, uma vez mais, a influência que as relações discursivas entre as proposições podem ter na selecção da forma verbal da tradução. Veja-se também, na nota 306, acima, um exemplo do uso desta mesma estrutura na tradução de verbos de estado no Präteritum com interpretação incoativa.

- (880) Onkel Albert **war** dabei **gewesen**, als der Vater **fiel**, und er erzählte es manchmal, von Gäseler und dem Dorf und dem Krieg, (hoh201)  
 O tio Albert **estivera** presente quando o pai **tombara**, e falava muitas vezes em Gaseler, e na vila, e na guerra

No entanto, a interpretação e a tradução de formas de Präteritum e Plusquamperfekt são, também no contexto de construções com *als*, influenciadas pelos mesmos factores que já tinham sido focados nas secções 4.1-4.3, nomeadamente o tempo verbal e a 'aktionsart' do predicado, e também as relações discursivas que ligam as proposições em causa.

Assim, no que concerne à influência da 'aktionsart' na tradução de Präteritum, verifica-se que, tanto nas construções com *als* como nos restantes contextos, os verbos de evento são tendencialmente traduzidos por formas de Pretérito Perfeito e que os verbos de actividade se distribuem de modo uniforme por Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito. A única diferença que há a registar entre as construções com *als* e os restantes contextos diz respeito aos verbos de estado, na tradução dos quais encontramos, em construções com *als*, menos formas de Pretérito Imperfeito do que nos valores globais do corpus. Também a tradução de Plusquamperfekt em construções com *als* segue, em geral, a mesma tendência registada nos restantes contextos, com um predomínio do Pretérito Mais-que-perfeito, a par com algumas traduções por Pretérito Imperfeito, sobretudo no caso dos verbos de estado. São específicas das construções com *als* as traduções de verbos de evento no Plusquamperfekt com recurso ao Pretérito Perfeito dos verbos correspondentes em português, que encontramos, por exemplo, em (875), acima, aqui repetido.

- (881) Er **erschrak**, als der Junge sich aus dem Bett **geschwungen** und **hingestellt hatte**: er war so groß (hoh637)  
 § **Sobressaltou-se** quando o rapaz, com um impulso do corpo, **saiu** da cama e se **levantou**: estava tão grande

Este padrão de tradução é originado pelo facto de, em português, não poderem ocorrer formas de Pretérito Mais-que-perfeito em orações subordinadas introduzidas por *quando*. No entanto, podemos aproximar estes casos do recurso aos verbos de evento para traduzir verbos de estado em leitura incoativa nas orações subordinadas introduzidas por *als* (cf. (885), abaixo), já que também nas frases com formas de Plusquamperfekt a situação referida pela oração subordinada é um estado – não um estado lexical, mas um estado consequente –, no início do qual se localiza a situação denotada pela oração principal.

Quanto ao condicionamento da selecção do tempo verbal da tradução pelas relações discursivas entre as proposições, também não há muitas diferenças entre as construções



com *als* e o que se verificou na análise de contextos sem subordinação. Em construções com verbos no Präteritum ligados por relações discursivas de Resultado ou Narração, a forma escolhida para a tradução é o Pretérito Perfeito, sendo apenas de registar o facto de a sequência temporal das situações depender do tipo de oração em causa – subordinada ou principal – e não da ordenação das orações no texto, que é determinante nas sequências de frases independentes ou coordenadas. Essa independência é visível em (849), acima, que aqui reproduzo:

- (882) neben dem Eingang zur Waschküche stand ein halber Sack verschimmelten Mehls, von dem ein paar Ratten **weghuschten**, als Albert Licht **anknipste**.  
(hoh676)  
junto à entrada do telheiro da roupa, havia meia saca de farinha estragada qual se **escapuliram** algumas ratazanas quando Albert **acendeu** a luz.

Tal como nas sequências de orações sem subordinação, em construções onde predicados de evento ou actividade no Präteritum estejam ligados por Enquadramento, a forma correspondente à situação enquadrante é traduzida por Pretérito Imperfeito, havendo casos bastante vagos em que é difícil interpretar o texto original de modo a escolher uma relação discursiva e temporal específica, que permita tomar a decisão quanto ao tempo verbal da tradução, como, por exemplo, em (850), acima, aqui repetido:

- (883) §Als er aus dem Wald trat, **begann** ein leichter Regen vor der Sonne **niederzuströmen**. (G209)  
§ Quando saiu do bosque **começava a cair** uma chuva ligeira contra um fundo de sol.

No que diz respeito à 'aktionsart' da versão portuguesa, encontramos traduções de verbos de estado por verbos de evento correspondentes ao início desse estado quando este é interpretado como sendo causado por uma situação que o antecede, recebendo, por isso, uma interpretação incoativa (cf., por ex., (860), acima, que aqui reproduzo):

- (884) Er **war** froh, als das Licht wieder **ausging**, (...) (hoh22)  
**Ficou** satisfeito quando a luz se **tornou a apagar**, (...)

Tínhamos já observado casos semelhantes em sequências discursivas sem subordinação, mas nas construções com *als* este tipo de tradução de verbos estativos por verbos de evento estende-se a novos contextos que não encontramos em outras sequências discursivas, nomeadamente aqueles em que a oração subordinada refere um estado que não é causado mas origina ele próprio a outra situação (cf. (864), acima, aqui repetido como (885)) ou

apenas se sobrepõe a ela, localizando-a na sua fase inicial (cf. (863), acima, aqui repetido como (886)).

- (885) Nella **lachte**, als das Licht wieder **brannte**, und sie zog ihn noch einmal mit ihrem Arm wie in einer Schlinge zu sich herunter und küßte ihn auf die andere Wange (hoh611)  
 Nella **riu**-se quando a luz se **reacendeu** e puxou-o uma vez mais com os braços entrelaçados, beijando-o na outra face
- (886) Als der Gefesselte wieder auf den Füßen **stand, war** die Unruhe so groß, daß er einzelne Worte kaum mehr unterschied. (G231)  
 Quando o amarrado **voltou a pôr**-se de pé, a agitação **era** tão grande que ele já mal distinguia uma palavra de outra.

Uma última diferença entre construções com *als* e outras sequências discursivas que decorre da análise do corpus é a ausência de construções com *als* em que as duas proposições estejam ligadas pelas relações discursivas de Elaboração e de "Scene-Setting". Sobretudo esta última é bastante frequente em sequências discursivas sem subordinação, ligando proposições com predicados atélicos que são interpretados como denotando situações sobrepostas, mas não é esta a interpretação das pouquíssimas construções com *als* do corpus onde surgem dois predicados atélicos: aí, a situação atélica da oração subordinada recebe uma interpretação incoativa e é traduzida para português por um verbo de evento (cf. (886), acima, e também (870), aqui repetido como (887)).

- (887) sprach dann ganz ruhig und langsam auf ihn ein, und er verstand, daß es schon zu spät **gewesen war**, als er mit Leen im Taxi gesessen hatte. (hoh+1014)  
 § Falou-lhe depois serena e lentamente, e ele compreendeu que **era** já demasiado tarde quando levava Leen de táxi.

## Capítulo 5 – Questões e exemplos relevantes para a tradução

Neste capítulo abordarei diversas questões que foram surgindo ao longo do trabalho, bem como alguns aspectos novos, desta feita adoptando a perspectiva da tradução, ou seja, considerando essas questões como problemas que se colocam ao tradutor, perante os quais ele tem de optar por uma das soluções possíveis. Embora o presente trabalho não seja, nem pretenda ser, centrado sobre questões de tradução, o facto de ele se basear em dados oriundos de um corpus paralelo levou-me a detectar, nos próprios exemplos que ia analisando, alguns problemas do âmbito da tradução que me parece oportuno mencionar aqui, uma vez que estão directamente relacionados com as diferenças entre o alemão e o português no que diz respeito à semântica e pragmática das formas verbais que analisei, bem como à sua interacção com outros elementos que foram igualmente abordados, nomeadamente 'aktionsart' e relações discursivas.

A primeira parte deste capítulo será dedicada à questão da ambiguidade das formas verbais alemãs analisadas, e em especial do Präteritum, quer no que respeita à leitura episódica ou de repetição (cf. 5.1.1), quer no que respeita à interpretação temporal do discurso (cf. 5.1.2), ou seja, da sucessão ou sobreposição temporal de situações referidas no mesmo contexto discursivo. Serão analisados exemplos dos problemas, e também ilustradas, sempre que possível, diferentes soluções de tradução que constam do corpus.

A segunda parte do capítulo será dedicada aos casos em que diferentes factores que foram referidos ao longo do trabalho como auxiliares na selecção do tempo verbal (e 'aktionsart') da tradução sugerem, para a mesma forma verbal do texto original, formas divergentes em português, criando assim um conflito que o tradutor tem de resolver, ou tentar contornar, ao fazer a sua opção. Na secção 5.2.1 serão exploradas, nesta perspectiva, questões que já surgiram no capítulo anterior, nomeadamente aquelas que envolvem formas de Plusquamperfekt. Mas os dados do corpus mostram que as decisões acerca da forma verbal da tradução se tornam mais complexas e que estes casos de conflito entre soluções divergentes se multiplicam, sobretudo, quando se consideram frases contendo diversos tipos de expressões adverbiais de tempo, pelo que, na secção 5.2.2, apresentarei ainda, de forma breve e apenas a título de exemplo, algumas frases desse tipo.

## 5.1 A ambiguidade do Präteritum e das restantes formas verbais alemãs

A questão da ambiguidade já foi aqui referida por diversas vezes, sobretudo no que diz respeito a formas de Präteritum, embora essa característica seja comum a outras formas verbais estudadas no presente trabalho, nomeadamente o Perfekt e o Plusquamperfekt, já que, no caso do Präsens, ela existe apenas em casos muito restritos (cf. 4.2.5.2, acima). Nesta secção 5.1 serão comentados sobretudo exemplos de Präteritum, que, sendo a forma mais frequente no corpus, apresenta a maior variedade de ocorrências. Ao Plusquamperfekt será dada uma ênfase especial na secção 5.2, já que, nesse caso, devido às diferenças registadas entre Plusquamperfekt e Pretérito Mais-que-perfeito, a ambiguidade da forma alemã cria, na situação de tradução, um conflito entre soluções divergentes. Sobre o Perfekt não terei muito a dizer neste capítulo, não por esta forma ser menos ambígua do que as restantes, mas antes por haver no corpus um reduzido número de ocorrências da mesma.

### 5.1.1 Ambiguidade quanto à leitura episódica ou de repetição

Uma mesma forma de Präteritum, por exemplo *fragte*, pode referir quer uma situação única (cf. (888), abaixo), quer uma situação repetida (cf. (889)):

- (888) § Friedl **fragte**: »Weil er vergessen hat? (UmiTM184)  
 § O Friedl **perguntou**: «Porque se esqueceu?
- (889) Wenn die Frau ihm das Essen an den Fluß brachte und ihn **fragte**, wie lange er noch mit ihnen ziehen wolle, gab er keine Antwort. (G149)  
 Quando a mulher vinha trazer-lhe o comer à beira do rio e lhe **perguntava** por quanto tempo ainda é que ele estava em seguir com eles, não dava qualquer resposta.

Quem pretende traduzir para português uma forma verbal deste tipo num contexto como o do segundo exemplo, em que essa forma recebe uma leitura de repetição, tem de considerar que, na ausência de um marcador adverbial explícito dessa repetição<sup>324</sup>, uma tradução por Pretérito Perfeito terá uma leitura episódica. Pelo contrário, o Pretérito Imperfeito, pelo menos com verbos de evento, é, em grande parte das vezes, interpretado como marcando a repetição da situação, pelo que esta é, geralmente, a forma escolhida para a tradução em contextos deste tipo. O mesmo já não se aplica aos verbos de estado no Präteritum, que,

<sup>324</sup> Note-se que, enquanto no texto original a conjunção *wenn* marca inequivocamente a interpretação de repetição – como sucede sempre que esta conjunção está associada a tempos verbais do passado –, a conjunção portuguesa *quando* pode ocorrer, quer com formas verbais em leitura episódica, quer com formas verbais em leitura de repetição.

como já observámos, são tendencialmente traduzidos por Pretérito Imperfeito, mesmo em leitura episódica, pelo que, tal como as formas alemãs, eles continuam a depender do contexto para clarificar a sua interpretação, como sucede na frase seguinte, que, fora de contexto e sem o advérbio *immer / sempre*, teria uma leitura episódica:

- (890) Auf Alberts Tisch **lagen** immer Stapel von Zeichenpapier herum, und der Malkasten **stand** in der Ecke neben Alberts Tabakdose. (hoh156)  
Sobre a mesa de Albert **havia** sempre montes de papel de desenhar, e a caixa das cores **estava** ao canto, junto à caixa de tabaco de Albert.

O facto de encontrarmos com alguma frequência casos em que essa leitura de repetição é explicitada não pelo tempo verbal, mas pela 'aktionsart' da tradução, como sucede no exemplo seguinte, estará provavelmente relacionado com essa dependência de uma marcação externa da repetição, apresentada pelos verbos de estado conjugados no Pretérito Imperfeito.

- (891) Bolda machte kein Licht, wenn er bei ihr war. Sie **saß** am Fenster über ihrem winzigen Bücherbord, das nur zwei Arten von Lesestoff enthielt: Gebetbücher und Kinoprogramme. (hoh82a84)  
Bolda nunca acendia a luz quando ele estava ao pé dela. **Sentava-se** à janela em cima da sua pequena estante, que só continha dois géneros de leitura: livros de oração e programas cinematográficos.

Ao optar por um verbo de evento, elimina-se da versão traduzida uma indeterminação que existe no texto original, e que tem de ser resolvida pelo leitor desse texto. Vimos na secção 4.3.4 que a utilização de um verbo de evento para traduzir um verbo de estado em leitura de repetição pode ser determinada pelas relações discursivas existentes entre as orações, acabando por ser também uma forma de ajudar a marcar a sucessão temporal das situações onde não é possível fazê-lo através do tempo verbal, como sucede no exemplo (830), acima, aqui repetido:

- (892) Dann floh er zu Nella in die Küche, nahm Vasen aus den Schiebeschränken, füllte sie mit Wasser und stellte die Blumen hinein, und später **stand** er neben Nella, (hoh447)  
Depois ia ter com Nella à cozinha, tirava jarras do armário, enchia-as de água e punha as flores dentro delas. Feito isto, **postava-se** ao lado de Nella,

No entanto, de acordo com os dados do corpus, esta justificação para a opção de traduzir um verbo de estado em leitura de repetição por um verbo de evento aplica-se apenas a uma parcela dos muitos casos em que os tradutores fazem essa opção: essa justificação não é válida, por exemplo, para (891), acima. Aí, a utilização do verbo de evento parece estar

ligada apenas à preferência por uma forma mais clara e usual de exprimir a repetição das situações em português. Esta opção evita a ambiguidade própria da forma do texto original, com a qual os leitores do texto alemão estão habituados a lidar, tanto neste como noutros domínios, mas que não parece enquadrar-se nos hábitos de interpretação e formulação linguística próprios de autores e leitores de textos em português, uma língua cujas formas verbais apresentam, como se verificou no presente trabalho, um grau de indeterminação menor do que as do alemão.

Relativamente a esta propensão para eliminar a ambiguidade ao traduzir, uma tendência que está aparentemente de acordo com as características de ambas as línguas, o problema que pode surgir é o de nem sempre se encontrarem, no texto original, pistas contextuais que permitam determinar claramente se um dado verbo estativo deve receber uma leitura episódica ou uma leitura de repetição.<sup>325</sup> Nesses casos, apesar da preferência por formas inequívocas em português, a opção de tradução mais adequada será, não uma que elimine a ambiguidade do Präteritum, mas uma que mantenha essa ambiguidade, caso estejam disponíveis meios linguísticos para tal.

Observemos agora um exemplo do tipo de (891) no Präsens, um tempo verbal em que a indeterminação relativamente a uma leitura episódica ou de repetição ocorre apenas com verbos de estado e de actividade. Trata-se da frase seguinte, que retomo da secção 4.2.5.2, e que tem a particularidade de apresentar no corpus duas traduções diferentes, uma com um verbo de estado e outra com um verbo de evento:

- (893) §»Verstehst du«, fragte er, »warum wir beisammen **sitzen?** « (Umi173)  
 TM §«Entendes», perguntou ele, «por que razão nos **sentamos** todos à mesma mesa?»  
 TS §«Entendes», perguntou ele, «porque **estamos** todos sentados à mesma mesa?»

Tal como se verificava no caso do exemplo (891), a opção pelo verbo de evento feita na primeira tradução apresentada elimina totalmente a ambiguidade que caracteriza a forma verbal alemã. Dado que, neste caso, a forma verbal não é acompanhada de indicações contextuais inequívocas que permitam interpretá-la resolvendo a ambiguidade, esta não será a solução mais adequada. Quanto à segunda tradução, que mantém o verbo de estado do texto original, também não creio que consiga manter a ambiguidade da forma do texto original, uma vez que, como qualquer verbo de estado no Presente, na ausência de indicações contextuais claras sobre a repetição da situação, a forma *estamos* receberá

<sup>325</sup> Como se verificará na parte final desta secção, estas afirmações aplicam-se também ao exemplo (891), acima.

tendencialmente uma leitura episódica. Num caso como este, não parece, pois, ser possível preservar totalmente a indeterminação do texto original. Não se trata, seguramente, de uma questão que se imponha aos leitores, nem do texto original, nem de qualquer uma das versões portuguesas, mas este é um exemplo de uma situação em que, ao verter um texto para uma outra língua, é inevitável tomar decisões que eliminam algumas das possibilidades de interpretação do texto original.<sup>326</sup>

Depois de termos observado exemplos de Präteritum e Präsens que são indeterminados no que diz respeito a uma leitura episódica ou de repetição, torna-se necessário acrescentar que, de acordo com os dados do corpus, o Perfekt manifesta igualmente essa ambiguidade, sendo, no entanto, escassos os exemplos em que formas de Perfekt apresentam uma leitura de repetição, ao contrário do que sucede com o Präteritum. O que surge de novo nas traduções de Perfekt em leitura de repetição é o emprego de formas de Pretérito Perfeito Composto, como no caso seguinte:

- (894) Ich weiß dies, weil mein Großvater dort das Leder für unsere Schuhe zu kaufen pflegt und mir oft **erzählt hat**, wie bequem es für ihn sei, den beschwerlichen Weg über die Gasse zu ersparen.« (LE149)  
Sei isto, porque o meu avô costuma comprar lá o couro para os nossos sapatos e muitas vezes me **tem contado** o jeito que lhe dá poupar o trabalho de ir pela rua».

De acordo com o exposto no capítulo 3, quando associado a verbos de evento, o Pretérito Perfeito Composto dá lugar a uma interpretação da situação como repetida, conseguindo-se, assim, exprimir por meios verbais na versão portuguesa algo que, na versão original, está dependente de outros elementos contextuais. Note-se, no entanto, que esta possibilidade de exprimir a leitura de repetição não faz do Pretérito Perfeito Composto o meio ideal para traduzir qualquer forma de Perfekt em contexto de repetição, uma vez que existem diferenças importantes na maneira como uma e outra forma verbal localizam as situações. Enquanto o Pretérito Perfeito Composto localiza a situação repetida num intervalo que se estende de um determinado momento do passado até ao momento da enunciação ou a um ponto próximo deste, o Perfekt pode localizar situações em qualquer

---

<sup>326</sup> Haßler (2001, p. 53ss) fala de sobreespecificação (*Überspezifizierung*) em termos aspectuais na tradução de uma língua pouco diferenciada nesse âmbito, como o Alemão, para línguas com maior grau de diferenciação, como as românicas, dando exemplos de como esse fenómeno pode ser observado através do estudo paralelo de textos originais e traduções. Relativamente ao par de línguas português-inglês, também Santos (1997) desenvolve a questão daquilo que designa como "vagueza contrastiva" e das suas consequências para a tradução dos tempos verbais, consequências essas que incluem a selecção de uma parte do sentido da forma original para ser transmitido pela forma traduzida, no caso de não ser possível preservar a indeterminação do texto original.

intervalo passado, quer esse intervalo se estenda até à enunciação, quer se restrinja a um período anterior a ela<sup>327</sup>, não sendo possível, neste último caso, traduzi-lo por uma forma de Pretérito Perfeito Composto.

É ainda de referir que, apesar de os verbos no Präteritum que denotam uma situação repetida serem, em regra, traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito, existem também no corpus diversas ocorrências de tradução por formas de Pretérito Perfeito. Em alguns dos casos, como no seguinte, há uma quantificação sobre situações que dá origem à referência a um número delimitado dessas situações, o que é compatível apenas com o Pretérito Perfeito, e não com o Pretérito Imperfeito.<sup>328</sup>

- (895) Wir **suchten** zweimal in der falschen Richtung den Waschraum (UmiTM166)  
Por duas vezes **andámos** à procura dos lavabos na direcção errada.

Um outro quantificador que tem o mesmo comportamento dos cardinais é *mehrmals* / *várias vezes*.<sup>329</sup>

- (896) er klatschte in die Hände, vielleicht dreimal zu oft – aber er klatschte, lobte immer zu oft – und **rief** mehrmals »Bravo«. (UmiTM67)  
bateu as palmas (talvez por mais três vezes do que o normal – mas ele batia as palmas e louvava sempre mais do que o normal) e **gritou** várias vezes «bravo».

Noutros casos, mesmo na ausência de indicadores linguísticos explícitos nesse sentido, a repetição da situação é interpretada como delimitada e localizada inteiramente no passado, justificando-se assim a selecção do Pretérito Perfeito na tradução. É o que sucede nos exemplos seguintes, onde se considera a repetição da situação como circunscrita, respectivamente, ao período em que a personagem frequentou a escola e ao período da guerra:

- (897) Aber nur knappe zwei Jahre lang bin ich da rein und raus. **Mußte** zu oft die Schule wechseln. Mal so, mal so gemischter Pennälerschweiß. Mal so, mal so bepflanzte Pausenhöfe. (ur120)  
Mas eu mal lá estive dois anos. Foi entrada por saída. **Fui obrigado** a mudar de escola com demasiada frequência. A malta, ora assim ora assado. Os pátios, uns tinham árvores, outros não.

<sup>327</sup> O Perfekt mantém igualmente uma relação privilegiada com o momento da enunciação, mas essa relação pode passar tanto pela localização de um estado consequente sobreposto a essa enunciação, quanto pelo uso desta forma verbal num tipo de texto ou de situação comunicativa específicos, como observámos na secção 4.4, acima.

<sup>328</sup> Cf. a referência a incompatibilidades entre tempos verbais e expressões adverbiais de frequência, na secção 3.4. Note-se ainda que esta incompatibilidade não se verifica no caso de uma repetição não delimitada desse número limitado de situações, como em *Ele batia sempre duas vezes*.

<sup>329</sup> Mas o mesmo não se aplica a *manchmal* / *algumas vezes*, que é compatível quer com Pretérito Perfeito quer com Pretérito Imperfeito na tradução.



- (898) es kam ein neuer Kunde, der ohne Werbung Marmelade kaufte: der Krieg. § Im Krieg **sahen** sie dann überall an den Straßenrändern, wo deutsche Trosse geparkt hatten, die Marmeladeneimer aus der Fabrik, für die sie gearbeitet hatten: (hoh406)  
surgiu um novo cliente que comprava marmelada, mesmo sem publicidade – a guerra. § Na guerra **viram** por toda a parte, nas bermas das estradas onde os transportes alemães tinham parado, latas de marmelada da fábrica para a qual haviam trabalhado:

Note-se que, não havendo no texto original dos exemplos citados uma delimitação explícita das situações, e não sendo essa delimitação imposta pelo contexto, teria sido possível ao tradutor ignorar os limites da situação, localizando-a por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' passado através de uma forma de Pretérito Imperfeito. Esta questão da ambiguidade das formas verbais alemãs relativamente à delimitação das situações está estreitamente ligada à indeterminação que as caracteriza no que diz respeito à interpretação temporal do discurso, que será abordada na próxima secção.

Até este ponto, considerámos exemplos de verbos com leitura episódica ou de repetição, e as circunstâncias em que eles são traduzidos por diferentes tempos verbais. A última parte desta secção será dedicada a uma questão que já mencionei, mas que merece ainda alguns comentários a propósito de exemplos concretos, nomeadamente a dos casos em que o texto original não contém elementos suficientemente claros para resolver a ambiguidade das formas verbais alemãs. É o que sucede com as formas assinaladas no seguinte exemplo:

- (899) §» Sie sehen den Gefesselten!« Schon seine ersten Bewegungen lösten einen Jubel aus, der dem Tierbändiger am Rand der Arena vor Erregung das Blut in die Wangen trieb. Der Gefesselte richtete sich auf. Seine eigene Überraschung war immer wieder die eines Vierfüßigen, der sich erhebt. Er **kniete, stand, sprang** und **schlug** Räder. Das Staunen der Zuschauer galt einem Vogel, der freiwillig auf der Erde bleibt und sich im Ansatz beschränkt. Wer kam, kam wegen des Gefesselten - seine Schuljungenübungen, seine lächerlichen Schritte und Sprünge machten die Seiltänzer unnötig. (G66a72)  
§ «Senhoras e senhores, o amarrado!» Logo os seus primeiros movimentos desencadearam um júbilo tamanho que, com a excitação, o sangue subiu às faces do domador de feras, que se achava na borda da pista. O amarrado ergueu-se. A sua própria surpresa era sempre a de um bicho de quatro patas que se endireita. **Ajoelhava, punha-se de pé, saltava, fazia** piruetas. O assombro dos espectadores ia para um pássaro que voluntariamente fica no chão e se coíbe no momento da largada. Quem vinha, vinha pelo amarrado – os seus números de menino de escola, os passos e saltos que faziam rir tornavam escusados os funâmbulos.

Neste caso, a tradutora optou por formas de Pretérito Imperfeito que sinalizam uma leitura de repetição,<sup>330</sup> provavelmente por a frase anterior conter uma expressão adverbial de repetição (*immer wieder / sempre*), que é interpretada como marcando uma transição da referência a situações únicas nas primeiras frases para a referência a situações repetidas nas últimas, sendo esta interpretação também apoiada no conhecimento extra-linguístico sobre o decurso de um número de circo, que passa muitas vezes pela repetição de determinados movimentos. No entanto, a informação linguística que o texto contém seria igualmente compatível com uma interpretação episódica das formas verbais destacadas, até porque a expressão adverbial de repetição da frase anterior não influencia necessariamente a leitura dessas formas verbais. O que se verifica é que não há nenhuma forma verbal portuguesa que mantenha a ambiguidade das formas do texto original – a outra hipótese de tradução seria uma forma de Pretérito Perfeito, que teria claramente uma leitura episódica –, pelo que a tradutora se viu forçada a tentar especificar a interpretação dessas formas verbais alemãs com base nos poucos indícios disponíveis, e a escolher a forma portuguesa de acordo com essa interpretação.

Outro exemplo em que não é clara a interpretação a dar a uma forma de Präteritum é (891), acima, que aqui repito, contextualizando-o um pouco melhor:

- (900) §Er legte sich auf Boldas Sofa, als er mit Essen fertig war, steckte einen Malzbonbon in den Mund, schloß die Augen halb und beobachtete das grün-gelbliche Gaslicht. Bolda machte kein Licht, wenn er bei ihr war. Sie **saß** am Fenster über ihrem winzigen Bücherbord, das nur zwei Arten von Lesestoff enthielt: Gebetbücher und Kinoprogramme. So oft sie ins Kino ging, ließ sie sich für einen Groschen das Programm geben, (...) (hoh80a84)  
 §Depois de ter comido, deitava-se no sofá de Bolda, metia na boca um bombom de malte, semicerrava os olhos e punha-se a contemplar a luz amarelo-esverdeada do gás. Bolda nunca acendia a luz quando ele estava ao pé dela. **Sentava-se** à janela em cima da sua pequena estante, que só continha dois géneros de leitura: livros de oração e programas cinematográficos. Sempre que ia ao cinema, puxava por um groschen, comprava o programa; (...)

A forma empregue para traduzir o verbo de estado *saß* é *sentava-se*, um verbo de evento no Pretérito Imperfeito, eliminando-se assim qualquer possibilidade de uma leitura episódica para o texto traduzido. Essa opção terá provavelmente sido motivada pela leitura de repetição que recebem, tanto a frase precedente, como a frase subsequente, por conterem expressões adverbiais que o determinam (*wenn / quando* e *sooft / sempre que*). No entanto, a frase que contém a forma *saß* é, em si, compatível quer com uma leitura de

<sup>330</sup> E por traduzir o verbo de estado *stand* por um verbo de evento, *punha-se de pé*.

repetição quer com uma leitura episódica. E esta última leitura poderia também apoiar-se em dados contextuais, nomeadamente se a concebêssemos como sequência da primeira frase citada, onde ocorre a conjunção *als* (*quando*). Esta conjunção dá uma indicação clara quanto à leitura episódica dessa primeira frase (indicação essa que, no entanto, não foi respeitada pelo tradutor), e poderia apoiar contextualmente uma interpretação episódica para a terceira frase, a que contém a forma *safß*. Neste último caso, encontramos, mais uma vez, duas interpretações possíveis para uma forma verbal alemã e poucas possibilidades de conservar ambas na tradução portuguesa, já que, segundo creio, caso o tradutor recorresse ao verbo estativo (*estava sentada à janela*) a situação tenderia a ser interpretada como episódica, devido ao facto de as indicações no sentido da repetição da situação serem pouco claras.

Dada esta dificuldade em deixar por resolver na tradução a ambiguidade entre uma leitura episódica e uma leitura de repetição que muitas vezes caracteriza o texto original, não é de admirar que surjam no corpus exemplos em que dois tradutores optaram por interpretações e soluções de tradução diferentes para formas ambíguas, como sucede no caso seguinte:

- (901) Ich war entweder irrsinnig oder ein Mörder, das wußte ich genau, und mit einem letzten Rest von Widerstand gegen dieses Schicksal **redete** ich darüber zu den anderen, damit sie mich schützten, damit sie geschützt waren vor mir und wußten, mit wem sie es zu tun hatten. (Umi368)
- TM    Ou era louco ou assassino, isso sabia eu bem, e, num último resto de resistência a esse destino, **falei** nisso aos outros para que me protegessem, para que ficassem protegidos contra mim e soubessem com quem estavam a lidar.
- TS    Ou era louco ou assassino, isso sabia eu perfeitamente e, com um resquício de resistência a tal destino, **falava** sobre isso com os outros para que me protegessem, para que estivessem protegidos de mim e soubessem com quem lidavam.

De acordo com a forma verbal do texto original, e com a informação linguística disponível na frase, qualquer uma das opções parece legítima, embora cada uma delas represente apenas uma das leituras possíveis do texto original. Poderá, todavia, argumentar-se que a expressão *mit einem letzten Rest von Widerstand / num último resto de resistência* seja mais adequada a uma situação única, o que apoia a opção pela leitura episódica feita na primeira tradução apresentada.

### 5.1.2 Ambiguidade quanto à interpretação temporal do discurso

No capítulo 3, ao analisarmos o significado do Präteritum e a sua interpretação discursiva, verificámos que a influência que esta forma verbal exerce sobre a interpretação temporal dos textos onde ocorre é muito reduzida. Essa interpretação depende antes, em grande medida, da 'aktionsart' e das relações discursivas, face às quais o Präteritum se comporta de forma praticamente neutra, excluindo apenas a relação discursiva de Explicação.

Pelo contrário, os tempos verbais portugueses em análise neste trabalho estão estreitamente ligados às relações discursivas e à interpretação temporal do discurso, ligação essa que, como foi referido na secção 3.3.5, acima, advém do facto de esses tempos verbais condicionarem os limites das situações que localizam, ao contrário do que sucede com os tempos verbais alemães do passado aqui analisados.

A indeterminação do Präteritum leva a que, sobretudo com predicados atélicos e na ausência de outros indicadores linguísticos ou de conteúdo, seja difícil optar entre Pretérito Perfeito ou Pretérito Imperfeito na tradução, como foi referido a propósito de exemplos como (634), aqui repetido:

(902) § » **War** bei Mama und Papa. (ur218)  
§ “ **Estive** com meus pais.

Neste caso, trata-se de uma frase isolada proferida por uma personagem, seguida apenas de uma outra frase no Präsens, pelo que a possibilidade de traduzir *war* por uma forma de Pretérito Perfeito, que foi a escolhida na versão portuguesa que apresento, ou por uma forma de Pretérito Imperfeito, que seria igualmente possível, não tem outras implicações para além da interpretação da situação como delimitada ou não, e da sua localização relativa a um 'ponto de perspectiva temporal' presente ou passado.

A resolução deste tipo de ambiguidade é mais complexa no caso de sequências discursivas em que são referidas várias situações passadas, uma vez que estão em jogo as relações discursivas e temporais possíveis entre essas situações. É certo que esses elementos são muitas vezes determinados na própria interpretação do texto original, como se verificou no capítulo 4, mas há, ainda assim, diversos casos em que as indicações contidas no texto original não são suficientes para fundamentar uma escolha entre Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito na tradução de Präteritum. É o que sucede com a forma assinalada na frase seguinte:

- (903) aber es scheint mir, daß man eine Frau allein um eines Kindes willen eben nicht heiraten sollte – es wird mir heute erst klar.” Nella **weinte**, und er stand doch aus dem Sessel auf und ging im Zimmer umher, ratlos und unruhig, obwohl er es schon so oft in Filmen gesehen hatte. (hoh522e3)  
 mas quer-me parecer que não se deve casar com uma mulher só por causa de uma criança – é isso que eu hoje vejo claramente pela primeira vez.” § Nella **chorava**, e ele levantou-se do cadeirão e pôs-se a passear de lado para lado, sem descanso, inquieto, embora já o tivesse visto fazer tanta vez nos filmes.

O tradutor interpreta a situação denotada por *weinte* como sobreposta pelo menos à parte final da intervenção da outra personagem, com uma relação de Enquadramento entre as proposições respectivas, relação que ligará também a proposição correspondente a *weinte* com as proposições subsequentes. É esta interpretação que determina a selecção da forma de Pretérito Imperfeito para a versão portuguesa. No entanto, seria igualmente concebível que o choro da personagem mencionada tivesse sido provocado pela intervenção da outra personagem, iniciando-se apenas no fim da referida intervenção, circunstância em que teríamos uma relação discursiva de Resultado entre as proposições respectivas, e uma relação discursiva de Narração entre a proposição correspondente a *weinte* e as seguintes. Nesse caso, a forma verbal adequada para a versão portuguesa seria um Pretérito Perfeito, eventualmente acompanhado de um operador aspectual, por exemplo *começou a chorar*.

A sequência seguinte apresenta igualmente duas interpretações possíveis:

- (904) § Als die ersten Leuchtkäfer aufflogen, gelang es ihm, den Blick vom Boden loszureißen. Er **fühlte** sich wieder in seiner Macht, und seine Ungeduld, den nächsten Ort zu erreichen, ließ nach. (G52e3)  
 § Quando os primeiros pirilampos largaram voo, foi-lhe possível despregar o olhar do chão. **Sentiu-se** novamente de posse de si mesmo e a sua impaciência de alcançar o lugarejo mais próxima abrandou.

Para traduzir a forma destacada, a tradutora selecciona o Pretérito Perfeito, possivelmente por ter interpretado a situação respectiva, *sentir-se de posse de si mesmo*, como resultando da que é mencionada na frase anterior. É uma interpretação plausível, a de se atribuírem efeitos psicológicos positivos ao facto de a personagem conseguir andar sem olhar para o chão, já que se trata de alguém que tem grandes dificuldades em se locomover. No entanto, é também possível conceber entre as duas proposições em causa uma relação de Enquadramento e de sobreposição temporal, sendo a forma verbal adequada para a tradução da forma *fühlte*, nesse caso, o Pretérito Imperfeito: *sentia-se*.

Há ainda casos de construções com *als* em que é difícil determinar qual a relação discursiva e temporal mais adequada, como o seguinte:

- (905) §Als er aus dem Wald **trat, begann** ein leichter Regen vor der Sonne **niederzuströmen**. (G209)  
 § Quando **saiu** do bosque **começava a cair** uma chuva ligeira contra um fundo de sol.

A utilização da forma de Pretérito Imperfeito *começava* resulta de uma interpretação de sobreposição temporal das duas situações baseada numa relação discursiva de Enquadramento, mas poderiam igualmente ter sido usadas duas formas de Pretérito Perfeito, associadas a uma relação discursiva de Narração.

Tal como seria de esperar, possibilidades de interpretação duplas deste tipo dão, por vezes, lugar a traduções divergentes da mesma sequência, como sucede nos seguintes casos:

- (906) (...) wir werden es hoffentlich auch nie sein.« §Friedl **stierte** vor sich hin:  
 »Also Mahler und du und ich, wir sind aber doch auch sehr verschieden voneinander (...) (Umi211e2)  
 TM (...) tenho esperança de que nós também nunca viremos a ser». § O Friedl **olhava** fixamente em frente: «Portanto, o Mahler e tu e eu; mas é que também nós somos muito distintos uns dos outros (...).  
 TS (...) nós também nunca o seremos, se deus quiser.» § Friedl **pôs-se a olhar** fixamente em frente: «Portanto Mahler e tu e eu, mas nós também somos muito diferentes (...).  
 (907) Aber ich war nicht in der Stimmung, auf eines der von Haderer bevorzugten Themen einzugehen oder gar ihn herauszufordern, sondern beugte mich zu Mahler hinüber, als hätte ich nichts gehört. Mahler **sagte** leise etwas zu dem Fremden, und der antwortete, grade vor sich hinblickend, laut. (Umi 329e330)  
 TM Mas eu não estava com disposição para me meter num dos temas preferidos do Haderer nem sequer para o desafiar, antes me curvei na direcção do Mahler como se não tivesse ouvido nada. O Mahler **disse** qualquer coisa em voz baixa ao estranho e ele respondeu em voz alta, olhando a direito à sua frente.  
 TS Mas eu não estava com disposição para me embrenhar num dos temas favoritos de Haderer, nem para o desafiar; em vez disso inclinei-me na direcção de Mahler, como se nada tivesse ouvido. Mahler **estava a dizer** qualquer coisa em voz baixa ao desconhecido, e este respondeu alto, olhando a direito, em frente.

Relativamente a este último exemplo, poderá discutir-se se o texto original legitima de facto a interpretação que está na base da segunda tradução apresentada, a relação discursiva de Enquadramento e a sobreposição temporal das situações referidas por *sagte* e por *beugte*. Alguns dos falantes nativos por mim consultados consideraram a interpretação de sucessão um pouco mais natural, afirmando que uma interpretação de sobreposição temporal seria, normalmente, assinalada de forma explícita, por exemplo, pela presença do advérbio *gerade*.

Também para construções com *als* encontramos no corpus exemplos de traduções divergentes da mesma frase alemã:

- (908) Als Friedl und ich uns wieder **setzten** und Bertoni uns einen verschwommenen Blick **gab, stand** der Unbekannte auf und gab uns die Hand; (Umi318)  
 TM Enquanto o Friedl e eu nos **sentávamos** outra vez e o Bertoni nos **lançava** um olhar vago, o desconhecido **levantou-se** e estendeu-nos a mão;  
 TS Quando Friedl e eu nos **voltámos a sentar**, sob o **olhar** nebuloso de Bertoni, o desconhecido **levantou-se** e estendeu-nos a mão;

Na primeira tradução apresentada, as duas primeiras proposições são interpretadas como ligadas à terceira por uma relação discursiva de Enquadramento, e as situações denotadas pelos verbos respectivos, *sich setzen / sentar*, *geben / lançar* e *aufstehen / levantar-se*, como sobrepostas, daí a escolha de formas de Pretérito Imperfeito para traduzir os dois primeiros verbos, que denotam situações enquadrantes. Esta opção terá também condicionado a escolha da conjunção *enquanto* em lugar de *quando* nesta versão portuguesa. Pelo contrário, na segunda tradução parece haver uma relação discursiva de Narração a ligar a primeira proposição e a terceira, o que leva à opção pela forma de Pretérito Perfeito para esta última. No entanto, a segunda oração, *und Bertoni uns einen verschwommenen Blick gab*, não se enquadra bem nesta sequência de Narração, já que é o facto de as duas personagens voltarem à mesa, que proporciona a oportunidade para o recém-chegado as cumprimentar, e não o olhar da terceira personagem às duas que regressam. Esta incompatibilidade leva o tradutor a não optar por uma forma verbal portuguesa correspondente à dessa segunda oração, mas antes por um sintagma proposicional, *sob o olhar nebuloso de Bertoni*, que não interfere na sequência discursiva ligada por Narração.<sup>331</sup>

Um outro exemplo de uma construção com *als* para a qual encontramos no corpus duas traduções diferentes é o seguinte:

- (909) Und Bertoni...! « § Als Friedl den Namen **schrie**, kam Bertoni herein und wurde rot unter der Bräune. (Umi215)  
 TM E o Bertoni...». § Quando o Friedl **proferia** o nome em altos brados, entrou o Bertoni e ficou vermelho por debaixo do bronzado.  
 TS E Bertoni...!» § Friedl **tinha acabado de dizer** aquele nome em altos brados, quando Bertoni entrou, corando por debaixo do bronzado.

A primeira tradução corresponde a uma interpretação das duas situações como sobrepostas, associada a uma relação discursiva de Enquadramento. A segunda tradução inverte o

<sup>331</sup> Vejam-se, no final desta secção, outros exemplos de tradução recorrendo a elementos não verbais ou a formas verbais não conjugadas, para ultrapassar problemas de tradução.

estatuto das duas orações e emprega, de forma algo surpreendente, uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito para traduzir uma de Präteritum, acabando por se localizar a segunda situação referida na fase inicial do estado consequente da primeira. Esta opção invulgar pode ser o resultado da intenção do tradutor de localizar as duas situações em sucessão temporal, sem, no entanto, recorrer a uma sequência de duas formas de Pretérito Perfeito do tipo de *Quando Friedl disse o nome Bertoni entrou*. Esta formulação terá sido evitada por sugerir uma relação causal entre as duas situações que não corresponde ao que o contexto da frase alemã indica: é, antes, uma coincidência, o facto de a personagem Bertoni entrar no momento em que outra personagem grita o seu nome – ou logo a seguir a isso acontecer, o texto original deixa em aberto as duas possibilidades de relação temporal entre as situações.

As diferentes opções de tradução permitidas pela indeterminação do Präteritum podem mesmo dar origem a opções de tradução divergentes para o mesmo texto original ao longo de frases inteiras, como se pode verificar observando as formas destacadas no exemplo seguinte:

- (910) »Den Bolivianern? « Haderer **stutzte**, er **wußte** nicht, was Friedl meinte, und ich **versuchte**, mich zu erinnern, ob die damals auch mit Bolivien im Kriegszustand gewesen waren. Mahler **lachte** ein lautloses Gelächter, es sah aus, als wollte er den fortgeblasenen Rauchring wieder in den Mund zurückholen dabei. (Umi133e4)
- TM § «Dos Bolivianos?», **espantava-se** o Haderer, ele não **sabia** a que se estava a referir o Friedl e eu **procurava** recordar-me se os do «antigamente» também tinham estado em guerra com a Bolívia. O Mahler **riu-se** com um riso silencioso, parecia querer assim puxar de novo para a boca o anel de fumo que soprara.
- TS «Dos Bolivianos?» Haderer, **perplexo**, não **percebeu** o que Friedl queria dizer, e eu pus-me a **tentar** recordar se eles também tinham estado em guerra com a Bolívia, naquela altura. Mahler **ria-se** silenciosamente, parecia que queria engolir de novo a argola de fumo soprada para longe.

No entanto, ao contrário do que sucedia com a ambiguidade relativa à leitura episódica ou de repetição, há soluções que permitem ao tradutor conservar, na versão portuguesa, a indeterminação que caracteriza o texto alemão no que diz respeito à sua interpretação temporal, evitando assim resolver ambiguidades sem ter bases seguras para tal. Uma possibilidade de o fazer é o emprego de formas de gerúndio,<sup>332</sup> que, tal como as

<sup>332</sup> Cf. Santos (1997: p. 6), que, a propósito de traduções de textos ingleses para português, menciona igualmente o gerúndio como meio de preservar a indeterminação do texto original no que diz respeito à interpretação de sucessão temporal ou simultaneidade para situações referidas em sequências discursivas.



formas verbais alemãs, são compatíveis com diferentes classes de 'aktionsart' e diferentes relações discursivas.<sup>333</sup> O seu uso é ilustrado nos seguintes exemplos:

- (911) »Geh nur«, sagte Nella müde, als sie den grünen Deckel auf die Kaffeekanne **legte**. (hoh467)  
 – Vai-te embora – disse Nella, cansada, **pousando** a tampa verde sobre a cafeteira
- (912) Nella goß ihm ein. Sie **sagte** nichts, sie **ermunterte** ihn weder, noch **dämpfte** sie ihn, sie **wartete** ab, ein wenig lauernd. (hoh600)  
 Nella encheu o copo, sem **dizer** nada, não o **animando** nem **desencorajando**, **limitando-se** a aguardar um pouco desconfiada.

No primeiro caso, temos uma construção com *als* para a qual nem a 'aktionsart' nem o conhecimento do mundo e as relações discursivas por ele sugeridas permitem determinar qual a relação temporal em causa e qual a forma verbal portuguesa conjugada mais apropriada, sendo a versão portuguesa com uma forma de gerúndio igualmente caracterizada por essa indeterminação. No exemplo (912), temos uma sequência de predicados para os quais é igualmente difícil determinar a forma verbal portuguesa mais adequada,<sup>334</sup> e, mais uma vez, as duas formas de gerúndio da versão portuguesa permitem gerar uma formulação tão vaga no que diz respeito à sua interpretação temporal quanto o texto original. No entanto, o gerúndio não é um recurso passível de ser usado em todos os

<sup>333</sup> Esse largo espectro de compatibilidades do gerúndio é demonstrado pelos dados do corpus. Encontramos aí numerosas ocorrências de gerúndio a traduzir formas conjugadas do texto alemão, sobretudo de Präteritum, reflectindo-se nessas ocorrências a variedade das interpretações possíveis para ambas as formas verbais. Assim, encontramos casos como (a), em que o gerúndio refere um evento inserido numa sequência discursiva ligada por Narração, a par de casos como (b), onde a mesma forma refere uma actividade que serve de enquadramento ao evento referido em seguida, a ainda de casos como (c), onde a actividade referida coincide no tempo com um estado, estabelecendo-se entre as proposições respectivas a relação discursiva que Schilder (1997) designa como "Scene-Setting".

- (a) So kam nur ein rasches Glucksen aus Boldas Mund, sie **kam** auf ihn zu, kralte ihn im Nacken und murmelte (hoh45)  
 Da boca de Bolda saiu um breve soluço e, **aproximando-se** dele, acariciou-lhe a nuca e murmurou
- (b) Und während Andreas noch die schwarzen Regenstreifen auf der Mauer **betrachtete**, sagte er: (LE122)  
 E Andreas, **observando** ainda as tiras negras que a chuva deixara na parede, disse:
- (c) (...) im dunstigen Zimmer, zurückgelehnt in den grünen Sessel, saß sie da, **rauchte** und starrte vor sich hin. (hoh437)  
 (...) no quarto cheio de fumo, recostada no cadeirão verde, ali estava sentada **fumando** e olhando em frente.

Tanto o uso do gerúndio em português como o seu emprego no âmbito específico da tradução de textos alemães merecem um tratamento pormenorizado que não lhes pode ser dado neste contexto. Refira-se apenas muito brevemente a posição de Móia/Viotti (2005): estes autores defendem a ideia de que o gerúndio adverbial é um conector interproposicional de amplo espectro, que requer que se estabeleça entre as situações associadas uma de várias relações discursivas possíveis. Segundo os autores, essas relações são condicionadas, entre outros factores, pela 'aktionsart' dos predicados envolvidos e pelo tempo verbal da frase matriz, factores que se verificou ao longo do presente trabalho serem relevantes para a interpretação do Präteritum.

<sup>334</sup> Esta dificuldade está também relacionada com o facto de se tratar de verbos negados, mas a negação é um assunto que não abordo neste trabalho.

casos de indeterminação do texto original, apresentando limitações, por exemplo, quanto à possibilidade da sua utilização na tradução de sequências de orações com sujeitos diferentes.

Há ainda outras possibilidades de traduzir ocorrências de Präteritum sem utilizar formas conjugadas, contornando assim a necessidade de especificar a interpretação temporal dos textos. Podem, por vezes, empregar-se formas de infinitivo, como a que é usada para traduzir a segunda oração de (912), acima: *sem dizer nada*. E há, para além disso, casos em que os tradutores recorrem a lexemas não verbais para obterem o mesmo efeito, como *desencadeamento*, no exemplo seguinte (e ainda *olhar*, na segunda tradução de (908), acima):

- (913) Er dachte an die atemlose Stille, die geherrscht hatte, als der Krieg **ausbrach**:  
(hoh751)  
§ Lembrou-se do silêncio abafado que se fizera quando do **desencadeamento** da guerra:

A ambiguidade que caracteriza o Präteritum tem ainda uma outra consequência que pode tornar-se problemática para a tradução, nomeadamente o facto de permitir, em alemão, a coordenação de orações com formas verbais que recebem interpretações diversas, formas essas que correspondem a tempos verbais portugueses diferentes, e cuja coordenação dá, na versão portuguesa, um resultado pouco aceitável, por razões que não tentarei aqui determinar. É o caso da sequência seguinte:

- (914) Er bog die Knie ab, **hielt** den Arm ausgestreckt, um sich im Gleichgewicht zu erhalten, hob mit dem anderen eine leere Weinflasche vom Boden, richtete sich auf und schwang sie hoch. (G62)  
Dobrou os joelhos, **mantendo** o braço estendido para conservar o equilíbrio, com o outro ergueu do chão uma garrafa vazia, pôs-se de pé e, de um impulso, levantou-a.

A relação discursiva que liga as diversas orações é a de Narração, e os verbos são de evento, com excepção da forma *hielt*, já que *halten* não é aqui empregue numa acepção eventiva mas com o significado de *segurar* ou *manter*. Trata-se de um verbo bastante difícil de classificar como sendo de estado, evento ou actividade, como Baumgärtner (2002) testemunha, mas creio que a situação denotada por ele neste contexto apresenta uma fronteira inicial e prolonga-se depois no tempo, sobrepondo-se às outras situações referidas pelas orações seguintes. Se essa fronteira inicial, interpretada como um evento, poderia inserir-se na sequência de eventos narrados e ser traduzida por uma forma de Pretérito Perfeito (*dobrou os joelhos, estendeu o braço, com o outro ergueu..., pôs-se de pé e*

...*levantou*), já a sobreposição temporal entre a situação de manter o braço estendido e os restantes eventos é difícil de exprimir na versão portuguesa. Por um lado, a forma de Pretérito Perfeito *manteve* sugere uma fronteira final para a situação e torna-se estranha no contexto, mas, por outro lado, não é possível inserir simplesmente uma forma de Pretérito Imperfeito dentro da sequência de formas de Pretérito Perfeito, nem usar um outro tempo verbal nessas formas. Como se pode verificar na versão portuguesa apresentada, o gerúndio revela-se, uma vez mais, como uma solução adequada para exprimir precisamente essa sobreposição, por não estar sujeito às mesmas restrições que afectam as formas conjugadas.

Uma outra solução por vezes adoptada para resolver a questão da coordenação de formas de Präteritum que correspondem, em português, a tempos verbais diferentes, pouco compatíveis com a coordenação das respectivas orações, é a quebra dessa sequência de orações coordenadas através de um ponto final ou de um ponto o vírgula, como se verifica no exemplo seguinte:

- (915) »Ja«, **sagte** er, und er **bewunderte** Boldas langes pechschwarzes, ganz glattes Haar, **betrachtete** ihr papierweißes, völlig zerknittertes Gesicht, **hörte** das Puffen der Gasflamme und **blieb** neben Bolda stehen, die drei, vier Bouillonwürfel aus der Dose nahm. (hoh49)  
– Sim – **tornou** ele, **pondo-se a admirar** o cabelo comprido, cor de pez, muito liso, de Bolda, e a **contemplar** o seu rosto branco, enrugado; o bico de gás **bufava**, e ele **continuava** ali de pé junto de Bolda, que tirou da caixa três, quatro cubos de sopa.

Trata-se de uma sequência de formas de Präteritum que é iniciada por um verbo de evento (*sagte*) seguido de dois verbos de actividade (*bewunderte*, *betrachtete*). As situações referidas por estes dois verbos sobrepõem-se muito provavelmente no tempo, e são denotadas, na versão portuguesa, por uma coordenação de gerúndios (*pondo-se a admirar e a contemplar*) que veicula essa informação de sobreposição e que pode ser usada sem problemas no seguimento da forma de Pretérito Perfeito que abre a sequência (o que não seria possível com formas de Pretérito Imperfeito em lugar das de gerúndio, como foi já mencionado). Neste caso, tradutor adiciona à versão portuguesa um operador aspectual que selecciona o início da actividade, mas o que acabei de dizer aplicar-se-ia igualmente aos verbos de actividade sem esse operador (*admirando e contemplando*). Também a quarta forma verbal desta sequência, *hörte* (*ouviu / ouvia*), poderia integrar-se nesta sequência de formas de gerúndio, pois refere uma situação que pode igualmente ser interpretada como sobreposta às anteriores. Porém, o mesmo não acontece com o verbo *bleiben* (*ficar*), na

quarta oração, nem com o verbo de evento da oração relativa que fecha a sequência, *nahm*. Julgo que é a dificuldade em integrar estes dois últimos verbos na sequência já iniciada que leva o tradutor a optar por dividir o período em duas partes, incluindo na segunda as três últimas orações da sequência original.

## 5.2 Conflitos gerados pela coexistência de elementos que sugerem soluções de tradução divergentes

### 5.2.1 O caso do Plusquamperfekt

O Plusquamperfekt apresenta a mesma ambiguidade que já observámos no caso do Präteritum, quer em relação à leitura episódica e de repetição, quer em relação à interpretação temporal dos textos em que surge. No entanto, os problemas colocados pela tradução de formas de Plusquamperfekt não se prendem apenas com a indeterminação do texto original, como se verifica no caso do Präteritum. A questão é mais complexa, pois o Pretérito Mais-que-perfeito, a forma portuguesa correspondente ao Plusquamperfekt no que diz respeito à localização das situações em relação a um 'ponto de perspectiva temporal', recebe, por defeito, uma leitura episódica, e localiza apenas situações delimitadas e anteriores a esse 'ponto de perspectiva temporal' passado, mostrando problemas de compatibilidade, por exemplo, com a localização temporal por sobreposição associada à relação discursiva de Enquadramento, como foi referido na secção 4.3.5. O Pretérito Mais-que-perfeito é, portanto, adequado para traduzir sem restrições apenas uma parte das ocorrências de Plusquamperfekt, nomeadamente aquelas que referem situações concebíveis como delimitadas e totalmente anteriores a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, como as dos exemplos seguintes:

- (916) Zuerst **war** sie Nonne **gewesen**, aber dann hatte sie geheiratet (hoh+1260)  
Primeiro **fora** freira, mas depois casara
- (917) Täglich **war** er daran **vorbeigegangen**, und nie hatte er es noch gesehen, trotzdem es wie ein abgebrochener Zahn zwischen den beiden Nachbarn steckte (LE3)  
**Passara** por ela todos os dias sem nunca a ter visto ainda, conquanto estivesse metida entre os dois prédios vizinhos como um dente partido, (...).

Todas as situações referidas por uma forma de Plusquamperfekt que não sejam concebíveis como delimitadas (como a propriedade intrínseca do exemplo (918), abaixo), que precisem de ser localizadas por sobreposição, ou nas quais seja necessário marcar a repetição na

própria forma verbal (como a do exemplo (919), abaixo), têm de ser traduzidas por um outro tempo verbal, o Pretérito Imperfeito:

- (918) § Karl **war** freundlich und pedantisch **gewesen** (hoh293)  
 § Karl **era** simpático e pedante
- (919) Und er begriff, warum er Angst vor ihr hatte, wenn sie zu beschreiben anfing, wie zu Hause Kaninchen **geschlachtet worden waren**. (hoh+1115)  
 E quando ela começava a contar como se **matavam** os coelhos lá em casa, compreendia a razão do medo que dela tinha.

O inconveniente desta alternativa é a necessidade de a interpretação de anterioridade a passado, não sendo indicada pela forma verbal, ser assegurada pelo contexto.

No capítulo 4 (secção 4.2.4<sup>335</sup>), foram já comentados exemplos de traduções de Plusquamperfekt por Pretérito Mais-que-perfeito e por Pretérito Imperfeito, entre os quais os que acabei de citar, assim como outros casos, nos quais há a possibilidade de fazer uma ou outra opção, ou quase sem alterações de sentido – como em (920), abaixo –, ou com alguma variação de significado.<sup>336</sup>

- (920) § Sie trank Wein und bestand darauf, er müsse Apfellimonade trinken, ein Getränk, das sie als Kind so **geliebt hatte**. (hoh+1104)  
 § Ela bebia vinho e insistia em que ele tomasse sumo de maçã, uma bebida que ela muito **apreciara** em criança.

Na presente secção serão comentados outros exemplos, que apresentam maior complexidade no que diz respeito às decisões de tradução, como o seguinte:

- (921) Wenn er überlegte, welcher Onkel ihm der liebste **gewesen war**, schwankte er immer zwischen Karl und Gert. (hoh292)  
 § Quando se punha a magicar qual o tio de que mais **gostara**, hesitava sempre entre Karl e Gert.

A opção pelo Pretérito Mais-que-perfeito na tradução deste exemplo remete para um laço de parentesco entre a personagem em causa e dois ou mais tios que é apresentado como delimitado no tempo, o que, lendo o exemplo fora de contexto, pode causar estranheza, pois não é usual conceberem-se relações familiares entre tio e sobrinho como temporalmente delimitadas. Pareceria mais adequado usar uma forma de Pretérito

<sup>335</sup> Veja-se também a análise da tradução de Plusquamperfekt em construções com *als*, na secção 4.5.2.

<sup>336</sup> De acordo com o que foi observado na secção 4.2.4, pode tratar-se de uma variação entre situação delimitada (Pretérito Mais-que-perfeito) ou não delimitada (Pretérito Imperfeito), ou de uma variação entre propriedade intrínseca de uma entidade (Pretérito Imperfeito, como no exemplo seguinte) ou propriedade atribuída em função de eventos concretos (como seria o caso se fosse usado o Pretérito Mais-que-perfeito no exemplo seguinte):

- (a) Wie er auch sicher war, daß der Anschlag der Fessel **gegolten hatte**. (G119)  
 Como estava certo também de que o atentado **visava** a amarra.

Imperfeito, *qual o tio de que mais gostava*, tal como em (918), acima.<sup>337</sup> No entanto, no contexto em causa, o Pretérito Mais-que-perfeito é, de facto, a opção mais adequada, visto que não se trata propriamente de tios, mas de homens com os quais a mãe da personagem viveu ao longo da infância desta. Esses homens foram, portanto, seus tios sucessivamente, cada um por um período delimitado, e é precisamente essa interpretação que é assegurada pela forma de Pretérito Mais-que-perfeito, ao contrário do que aconteceria com uma forma de Pretérito Imperfeito, que seria interpretada como localizando as relações com os diversos tios por sobreposição a um único 'ponto de perspectiva temporal' passado. A forma de Pretérito Mais-que-perfeito tem ainda a vantagem de fornecer a informação de anterioridade a passado, contida no texto original.

O exemplo seguinte, retirado da mesma obra, contém igualmente uma forma de Pretérito Mais-que-perfeito, *fora*, que provoca o mesmo efeito de delimitação e de sucessão dos períodos correspondentes a cada tio:

- (922) Karl **war** der einzige Onkel, der in die Kirche **gegangen war**. Karl hatte ihn mitgenommen, ihm die Liturgie erklärt, die Gebete, und Karl rückte abends nach dem Essen seine Brille zurecht und fing von seinem »neuen Leben« an.  
(hoh301e2)

**Fora** o único tio que **ia** à igreja. Levara-o certa vez consigo, explicando-lhe a liturgia, as orações, e à noite, depois do jantar, endireitava os óculos e começava a falar na sua «nova vida».

A particularidade deste exemplo reside no facto de a forma correspondente a *fora* no texto original, *war*, não ser de Plusquamperfekt, mas sim de Präteritum, embora a situação referida seja passada em relação ao 'ponto de perspectiva temporal' passado que corresponde à perspectiva da personagem, o que é confirmado pelo uso de Plusquamperfekt na oração seguinte, para referir uma situação sobreposta à primeira. A tradução desta forma de Plusquamperfekt, *war gegangen*, merece também um comentário, já que o tradutor foi forçado a optar por uma forma de Pretérito Imperfeito para assegurar a leitura de repetição. Esta opção condicionou, por sua vez, a escolha do Pretérito Mais-que-perfeito para traduzir a primeira forma verbal, dado que, de outro modo, a situação seria interpretada como sobreposta ao 'ponto de perspectiva temporal' passado e não como anterior a ele. São todos estes condicionalismos que levam à formulação final da frase, com uma combinação de tempos verbais algo estranha para uma construção deste tipo em português, mas que representa uma tentativa de exprimir os mesmos valores de localização

<sup>337</sup> Julgo que esta opção seria a mais usual, ainda que os tios mencionados já não existissem, dado que, como já foi observado, o Pretérito Imperfeito pode igualmente localizar situações por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado.

temporal e de repetição da situação que a frase original continha, e ilustra bem as dificuldades que esta tarefa pode apresentar.

Por vezes, estas dificuldades resultam em opções de tradução menos felizes, o que me parece verificar-se na segunda frase do mesmo exemplo (922), acima, em que o tradutor interpreta as duas primeiras orações – mas não a última – como descrevendo situações únicas, e introduz até, na versão portuguesa, uma expressão adverbial de tempo correspondente, *certa vez*, que não figura no texto original. É certo que a forma verbal em si é ambígua, permitindo ambas as interpretações, mas o contexto em que estas duas formas de Plusquamperfekt estão inseridas sugere, antes, que elas deveriam ter recebido exactamente a mesma interpretação de repetição que receberam a forma de Plusquamperfekt da frase anterior e a da oração seguinte,<sup>338</sup> sendo o Pretérito Imperfeito a forma mais adequada para traduzir todas elas. A sinalização da anterioridade a passado ficaria, em todos os casos, a cargo da forma de Pretérito Mais-que-perfeito que abre esta sequência, a qual funcionaria como 'ponto de perspectiva temporal' para todas as formas seguintes.

Esta tendência para optar por veicular o valor de anterioridade a passado, traduzindo formas de Plusquamperfekt por Pretérito Mais-que-perfeito, mesmo onde esta opção não seria a mais aconselhável, está presente em outros exemplos do corpus, como nas duas formas assinaladas da sequência seguinte:

- (923) Rai war in den letzten Wochen vor seinem Tod fast stumpfsinnig gewesen; er **war** müde **dahergetrottet**, und ihre Freundschaft **hatte** sich darin **erschöpft**, die Zigaretten zu teilen und einander beim Herrichten des Quartiers und beim Reinigen der Waffen zu helfen. Müde war Rai gewesen wie die meisten Infanteristen, von denen er sich nur wenig unterschied. (hoh739e40)  
 Nas últimas semanas antes de morrer, Rai parecia andar com os sentidos embotados; **regressara** fatigado, e a sua amizade **tinha-se esgotado** em repartir cigarros e em se ajudarem um ao outro a preparar dormida e a limpar as armas. Rai estava cansado, como a maior parte dos soldados de infantaria, dos quais se distinguiu muito pouco.

<sup>338</sup> Essa informação torna-se clara mais adiante, no seguinte passo:

- (a) Karl war nachdenklich, pedantisch, aber freundlich und konnte schenken, Bonbons und Spielzeug; und wenn er sagte, »wir werden ein neues Leben anfangen«, sagte er hinterher, »ich will wieder Ordnung in unser Leben bringen, Wilma, Ordnung«, und zu dieser Ordnung gehörte, daß Heinrich nicht Onkel, sondern Vater zu ihm sagen sollte. (hoh301e304)

§ Era pensativo, pedante, mas simpático, e às vezes dava-lhe bombons e brinquedos; e quando dizia: «Vamos começar uma nova vida», acrescentava: «Quero que ponhamos novamente a nossa vida em ordem, Wilma, ordem», e aliada a essa ordem andava a condição de Heinrich não o tratar por tio mas sim por pai.

Também estas duas formas verbais estão inseridas no contexto de outras que foram adequadamente traduzidas por Pretérito Imperfeito, nomeadamente as da primeira e última orações desta sequência, que tinham sido já comentadas na secção 4.2.4.2, acima. E é esse contexto que indica como mais adequada a interpretação das situações referidas por *hatte sich erschöpft* e *war dahergetrottet*<sup>339</sup> como não-delimitadas e sobrepostas ao mesmo 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado válido para a primeira frase da sequência, que é o indicado pela expressão adverbial de tempo *in den letzten Wochen vor seinem Tod / nas últimas semanas antes de morrer*, e que é retomado na última frase da sequência.

Como se verificou nos exemplos observados, as soluções atestadas no corpus para as dificuldades apresentadas pela tarefa de traduzir uma parte das formas de Plusquamperfekt, consistem, em regra, na selecção de Pretérito Mais-que-perfeito ou de Pretérito Imperfeito para traduzir a forma verbal e na utilização do contexto para exprimir a informação que não pode ser veiculada pelo tempo verbal seleccionado. No entanto, existem alguns casos de omissão das formas verbais correspondentes ao Plusquamperfekt na versão portuguesa que me parecem estar igualmente relacionados com as dificuldades de tradução que acabei de descrever. Dois desses casos estão assinalados nos exemplos seguintes, onde os parêntesis rectos indicam o local onde estaria na frase portuguesa a forma verbal omitida:

- (924) immer stand auf einmal wieder das Wort da, und der Tischlermeister, der nach Kampfer roch, wie Erich **gerochen hatte**, kam mit seinem vierzölligen Nagel aus der Werkstatt und kratzte das Wort aus. (hoh319)  
mas sempre aquela palavra tornava a aparecer, e o carpinteiro, que cheirava a cânfora como Erich [], saía com o seu prego de quatro polegadas da oficina e apagava-a.
- (925) Vaters Mutter – die Oma – hatte Streit mit der Mutter, sie kam nur am zweiten Weihnachtstag; brachte ihm Geschenke und Wilma ostentativ nichts, und sie sprach fast so, wie Karl **gesprochen hatte**: Ordnung – neues Leben – es nimmt kein gutes Ende. (hoh343)  
A avó paterna estava zangada com a mãe, só vinha no primeiro dia depois do Natal, trazia-lhe presentes e ostensivamente não dava nada a Wilma. Dizia o mesmo que Karl []: «Ordem – nova vida – isto não acaba bem.»

Em (924), o Pretérito Mais-que-perfeito (*como Ehrich cheirara*) não teria sido uma opção adequada, pois não se mostra compatível com a acepção estativa do verbo em causa (*ter cheiro de*), e também em (925) não teria sido adequado empregar uma forma de Pretérito

<sup>339</sup> Esta frase apresenta ainda o problema de tradução de *war dahergetrottet*, que não refere o evento de regressar, mas sim a actividade de *andar sem rumo*.



Mais-que-perfeito, já que esta levaria a uma leitura episódica do verbo em causa (*o mesmo que Karl dissera*). O uso de Pretérito Imperfeito (*como Ehrich cheirava, e o mesmo que Karl dizia*, respectivamente) evitaria ambos os problemas referidos, mas tornaria extremamente difícil a distinção entre o 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado necessário à localização correcta desta situação e o 'ponto de perspectiva temporal' passado em relação ao qual são localizadas as restantes formas de Pretérito Imperfeito presentes nas frases. Perante esta situação, o tradutor terá preferido omitir a forma verbal, deixando que o leitor complete correctamente a comparação implícita apenas com base no seu conhecimento do contexto.

### 5.2.2 Casos relacionados com a presença de expressões adverbiais de tempo

As expressões adverbiais de tempo são mais um factor que ajuda a determinar a interpretação temporal do texto original e a forma verbal adequada para a tradução, dando indicações que podem ser preciosas nos casos de ambiguidade, mas que, por vezes, entram em conflito com as tendências de tradução sugeridas por outros factores já analisados, como a 'aktionsart' e as relações discursivas, e mesmo por outras expressões adverbiais de tempo presentes na mesma sequência textual. Apenas a título ilustrativo, visto que não é possível tratar sistematicamente as questões do tempo adverbial no âmbito deste trabalho, passo a comentar alguns exemplos que mostram o modo como as expressões adverbiais de tempo interagem com os factores já analisados e as dificuldades que podem surgir para a tradução quando os diversos factores fornecem indicações divergentes quanto à forma verbal portuguesa mais adequada. Começarei por apresentar exemplos que contêm expressões adverbiais que indicam os limites das situações, e, na segunda parte desta secção, analisarei algumas frases contendo os advérbios *jetzt* e *nun*.

De acordo com a caracterização das formas verbais portuguesas feita no capítulo 3, o Pretérito Perfeito localiza situações delimitadas, enquanto o Pretérito Imperfeito, na variante que surge no corpus, localiza as situações excluindo os seus limites intrínsecos. A partir destes dados, é previsível que o Pretérito Perfeito se adegue mais do que o Pretérito Imperfeito à tradução de formas de Präteritum associadas a expressões adverbiais de tempo que assinalam limites das situações. Assim, no caso de se tratar de verbos estativos, a indicação dada pela presença deste tipo de expressão adverbial diverge da tendência global para traduzir verbos de estado por formas de Pretérito Imperfeito, que foi observada nos dados do corpus analisados no capítulo 4. O que sucede nessas situações é que a tendência para traduções por Pretérito Imperfeito, válida apenas por defeito, é anulada pela restrição

que a expressão adverbial impõe, como se verifica nos exemplos seguintes, que contêm expressões adverbiais desse tipo, designadamente *bis er entdeckte / até descobrir*, em (926) e *von da an / a partir daí* em (927):

- (926) Wo ihre Enden verknotet waren, sah er nicht, und er **glaubte** so lange, daß die Fesselung fehlerlos war, ohne das geringste Zeichen von Angst oder Hast, bis er entdeckte, daß sie zwischen seinen Beinen Raum frei ließ und fast lose um seinen Körper lief. (G7)  
 Onde as pontas davam o nó, não o distinguia ele e, sem o mais leve sinal de pânico ou precipitação, **acreditou** que a amarra era perfeita, até descobrir que lhe deixava algum espaço livre entre as pernas e que lhe corria quase lassa em redor do corpo.
- (927) Von da an **gab** es auch den Spaßmacher. (G80)  
 A partir daí **passou a haver** também o brincalhão.

Em ambos os exemplos citados, a opção de tradução é uma forma de Pretérito Perfeito, que pode referir o próprio estado delimitado em causa, como em (926), ou uma das suas fronteiras, como em (927), onde a tradutora emprega um operador aspectual que selecciona a fronteira inicial do estado. Tínhamos já observado, na secção 4.2.2.3.2, acima, outros exemplos que apresentavam opções de tradução deste género, mas (926) e (927) distinguem-se das frases analisadas anteriormente pelo facto de a escolha do tempo verbal e da 'aktionsart' da tradução ser, aqui, motivada pela presença de expressões adverbiais de tempo. A presença de uma expressão adverbial de tempo deste tipo num membro de uma sequência de orações coordenadas pode mesmo influenciar decisivamente a tradução de toda essa sequência, como é possível observar no exemplo seguinte:

- (928) Heute aber schien Bolda keine Lust zu haben, einen Film zu erzählen: im grüngelben Licht der Gaslaternen **hockte** sie am Fenster und **kramte** in ihrem Gebetbuchstapel, bis sie das richtige gefunden zu haben schien. (hoh91e2)  
 § Hoje, porém, Bolda parecia não ter disposição para contar filmes. Na luz amarelo-esverdeada dos lampiões a gás, **acocorou-se** junto à janela e **pôs-se a remexer** entre os seus livros de orações até parecer ter encontrado o que procurava.

Na ausência da oração subordinada adverbial introduzida pela conjunção *bis*, esta sequência discursiva, contendo apenas verbos de estado e de actividade que denotam situações em sobreposição temporal, seria naturalmente traduzida empregando formas de Pretérito Imperfeito (... *parecia...*, *estava acocorada ... e remexia ...*). No entanto, essa oração adverbial vem impor uma fronteira final à actividade denotada por *kramte*, condicionando a opção pelo Pretérito Perfeito para a tradução deste verbo (*pôs-se a remexer*). Embora fosse possível conciliar este Pretérito Perfeito com formas de Pretérito

Imperfeito para as restantes orações (*parecia ... estava acocorada ... e pôs-se a remexer ... até...*), a opção do tradutor acaba por ser a de usar o mesmo tempo verbal para as duas orações coordenadas (*acocorou-se ... e pôs-se a remexer*). Esta decisão tem também consequências no que diz respeito à 'aktionsart' dos predicados da versão portuguesa, de acordo com os padrões de variação já observados na capítulo 3: o verbo de posição *hockte* é traduzido por um verbo de evento que denota o início desse estado, e ao verbo de actividade *kramte* é associado um operador aspectual que selecciona a porção inicial dessa actividade.

Observemos agora alguns outros exemplos contendo expressões adverbiais de tempo que delimitam situações e que requerem o uso de Pretérito Perfeito na versão portuguesa, entrando, todavia, em conflito com outros factores que influenciam a tradução. Na versão original de (929) encontramos duas orações coordenadas com elisão do verbo na segunda oração:

- (929) Einen Monat später **war** ich wieder verhaftet und bis zum Kriegsende in einem Lager. (UmiTM414)  
Um mês depois **estava** preso de novo e **fiquei** num campo até ao fim da guerra.

No entanto, na versão traduzida é necessário usar dois verbos, e isto porque a segunda oração requer uma forma de Pretérito Perfeito, uma vez que contém uma expressão adverbial que assinala a fronteira final da situação, *bis zum Kriegsende / até ao fim da guerra*. Por sua vez, a primeira oração, na qual *estava* é uma forma perfeitamente adequada à tradução do original, não poderia conter a forma de Pretérito Perfeito *estive*, que apresentaria já a situação como tendo não só uma fronteira inicial, mas também uma fronteira final, tornando redundante a indicação dada pela oração seguinte.

Já em (930), abaixo, encontramos igualmente uma expressão adverbial que delimita a situação referida, *ab wann / a partir de quando*, a qual, todavia, não está associada ao Pretérito Perfeito na tradução (aqui, de uma forma de Perfekt), mas sim a uma forma de Pretérito Imperfeito, que não se revela a mais apropriada neste contexto:

- (930) Ich kann mich nicht erinnern, ihn neben mir gehabt zu haben. Petri-Oberrealschule. Schon möglich(...) Mußte zu oft die Schule wechseln. (...) Weiß wirklich nicht, wer wo und ab wann neben mir Strichmännchen **gekritzelt hat**. (ur118,120e123)  
Eu não me lembro de o ter tido sentado a meu lado. No liceu de S. Pedro. É possível. (...) Fui obrigado a mudar de escola com demasiada frequência. (...) Já não sei realmente quem, onde e a partir de quando **fazia** rabiscos a meu lado.

Não é difícil encontrar os motivos para esta opção de tradução: a forma de Pretérito Imperfeito é sentida como necessária para assinalar a leitura de repetição do predicado *Strichmännchen kritzeln* / *fazer rabiscos*. Este é aqui usado para referir um hábito típico das crianças em idade escolar, e não uma ocorrência delimitada da actividade correspondente, como a utilização de uma forma de Pretérito Perfeito sugeriria. Neste caso, não existe uma forma alternativa que permita contornar o conflito entre a necessidade de usar Pretérito Perfeito e a de usar Pretérito Imperfeito na tradução. No entanto, talvez o contexto fosse suficientemente claro para assegurar a leitura de repetição de uma forma de Pretérito Perfeito, se se mudasse um pouco a sua formulação, por exemplo para *já não sei quem, onde e a partir de quando esteve sentado ao meu lado a fazer rabiscos*.

Passo agora a analisar alguns dados do corpus relativos à interacção entre os advérbios *jetzt* e *nun* (*agora*) e os restantes factores que determinam a selecção do tempo verbal na tradução. Trata-se de advérbios que localizam a situação em causa por sobreposição ao 'ponto de perspectiva temporal', que, no caso do Präteritum, é anterior a Presente. Assim, é de esperar que as ocorrências de Präteritum às quais se associam estes advérbios sejam traduzidas por Pretérito Imperfeito, o que se verifica, de facto, na grande maioria dos casos, tanto com verbos de estado (cf. (931), abaixo) como com verbos de evento, quer em leitura de repetição (cf. (932)) quer em leitura de evento em curso (cf. (933)), quer em leitura de evento posterior a passado em preparação (cf. (934)).

- (931) aber jetzt **war** er wieder Professor an der Universität. (UmiTM99)  
mas agora **era** outra vez professor da universidade.
- (932) Karl **ging** jetzt kommunizieren, und seit einiger Zeit betete Karl in der Kirche vor; (hoh314)  
**Ia** agora à comunhão, e desde há algum tempo recitava as orações em voz alta, na igreja;
- (933) »Oh«, sagte die fremde Frau, die jetzt die Knochen des Huhns mit einem Messer **abschabte**, (...) (hoh149)  
– Oh – disse a desconhecida, que agora **tirava** os ossos do frango com uma faca –, (...)
- (934) (...); er legte den Pinsel aus der Hand, wartete, bis es klingelte, und lief in die Diele, denn nun **kam**, was immer kam (hoh162)  
(...); largando o pincel, aguardou até ouvir tocar a campainha e depois correu ao vestíbulo, pois agora **ia acontecer** o que sempre acontecia

No texto original, os advérbios *jetzt* e *nun* desempenham um papel de relevo na sinalização das interpretações específicas destas formas de Präteritum, nomeadamente no que diz respeito à localização das situações ou parcelas das situações referidas por sobreposição ao 'ponto de perspectiva temporal' passado. Nas versões portuguesas correspondentes, essa

função é desempenhada pelo Pretérito Imperfeito, o que pode tornar redundante a informação veiculada pelo advérbio, levando, ocasionalmente, à sua omissão na tradução, como sucede na primeira versão traduzida do seguinte exemplo:

- (935) § Haderers Begeisterung über den Zeichner **ließ** jetzt nach, er wollte in das Gespräch zurück, (umi126)  
 TM § O entusiasmo do Haderer pelo desenhador **estava a diminuir**, queria voltar à conversa,  
 TS § O entusiasmo de Haderer pelo artista vagabundo **estava agora a diminuir**, queria voltar à conversa,

Entre os dados do corpus, encontramos, no entanto, diversos outros casos de omissão destes advérbios que não se devem a esse fenómeno de redundância na presença do Pretérito Imperfeito, até porque, nessas ocorrências, o tempo verbal seleccionado para a tradução da forma de Präteritum é, em regra, o Pretérito Perfeito. Trata-se de exemplos como os seguintes:

- (936) »Gestatten Sie, daß ich mich Ihnen, natürlich viel zu spät, bekannt mache: Alexander Reschke mein Name.« § Ihr Lachen brauchte Zeit und muß auf ihn, zumal zwischen Grabreihen, deplaziert gewirkt haben, erklärte sich aber, als nun sie, immer noch lachend, **gleichzog**: »Alexandra Piatkowska.« (ur192e3)  
 “Dê-me licença que me apresente, é claro que com grande atraso: Alexander Reschke é o meu nome.” § O riso dela foi demorado e, a ele, deve ter parecido deslocado, até porque se encontravam no meio de fileiras de campas, mas teve a sua explicação quando **foi** a vez de ela, ainda a rir, fazer o mesmo: “Alexandra Piatkowska.”
- (937) Nach jeweiligem Bekenntnis entspannt, bemerkten sie plötzlich, daß nah und fern weitere Friedhofsbesucher mit Blumen und Windlichtern ihrer Toten gedachten. Und jetzt erst **sagte** die Witwe, was wörtlich die Klade des Witwers festgehalten hat: (ur256e7)  
 Já calmos, após terem feito as respectivas confissões, aperceberam-se bruscamente de que por todo o lado havia outros visitantes que, com flores e lamparinas, celebravam os seus mortos. E só então é que a viúva **disse** o que o caderno de apontamentos do viúvo registou textualmente:

A presença dos advérbios *jetzt* e *nun* junto dos verbos assinalados no texto alemão indicia que o Pretérito Imperfeito seja a forma adequada para a tradução, mas essa indicação entra em conflito com os restantes elementos contextuais. Relativamente às relações discursivas, em nenhum dos casos citados a situação localizada pelo advérbio *jetzt* ou *nun* se sobrepõe a outra, numa relação discursiva de Enquadramento, ou de "Scene-Setting", tal como Schilder (1997) a define. Também não parece haver no contexto qualquer outro 'ponto de perspectiva temporal' adequado, ao qual a situação em causa se possa sobrepor, o que inviabiliza a tradução da forma de Präteritum respectiva por Pretérito Imperfeito, o tempo

verbal compatível com o advérbio *agora*. Por esse motivo, este advérbio não é usado, sendo substituído por *então* (em (937)), ou simplesmente omitido (em (936)).

É essa mesma solução de supressão do advérbio que encontramos em (938), abaixo, apesar de a forma verbal escolhida para a tradução não ser o Pretérito Perfeito, mas o gerúndio.

- (938) Die Großmutter liebte es, den Katechismus kreuz und quer abzufragen, aber noch nie hatte sie eine Lücke bei ihm entdeckt. Nun **klappte** sie das Buch zu, zündete eine neue Zigarette an, atmete den Rauch tief ein. (hoh856e857)  
 A avó gostava imenso de perguntar o catecismo salteado, mas nunca lhe sucedera descobrir uma falha no neto. **Fechando** o livro com um ruído seco, acendeu novo cigarro e aspirou profundamente.

Também aqui, a primeira situação referida não pode ser interpretada como sobreposta às outras, mas o que é referido é uma sucessão de eventos, e, na ausência da forma de gerúndio, a forma adequada seria a de Pretérito Perfeito, dando origem a uma sequência de formas verbais (*fechou...*, *acendeu...* e *aspirou...*) que apresentaria problemas de compatibilidade com o advérbio *agora*.

Registe-se ainda que existem igualmente casos em que os advérbios *jetzt* e *nun* podem ou não surgir na versão portuguesa, conforme a interpretação que o tradutor faz do texto original permita ou não a selecção de uma forma de Pretérito Imperfeito. É o que sucede no exemplo seguinte, para o qual encontramos no corpus duas traduções diferentes, a primeira por uma forma de Pretérito Imperfeito acompanhada do advérbio *agora*, e a segunda por uma forma de Pretérito Perfeito, sem qualquer advérbio temporal:

- (939) §»Durch den Krieg, durch diese Erfahrung, ist man dem Feind näher gerückt«, **hörte** ich jetzt Haderer sagen. (Umi131)  
 TM §«Através da guerra, através desta experiência, aproximámo-nos mais do inimigo», **ouvia** eu o Haderer a dizer agora.  
 TS §«Através da guerra, através desta experiência, aproximámo-nos mais do inimigo», **ouvi** eu Haderer dizer.

## Síntese e conclusões

### Domínio e objecto do presente trabalho, corpus (Capítulos 1 e 2)

O presente trabalho insere-se no estudo da expressão linguística de significados associados ao tempo. Teve como objectivo analisar comparativamente as formas verbais mais frequentes do passado e do presente do modo indicativo nas línguas portuguesa e alemã, de um lado o Presente, o Pretérito Imperfeito, o Pretérito Perfeito Simples, o Pretérito Perfeito Composto, e o Pretérito Mais-que-perfeito e do outro o Präsens, o Perfekt, o Präteritum e o Plusquamperfekt.

Embora existam numerosos e variados estudos realizados na área da expressão do tempo, inclusivamente no que diz respeito a cada uma das línguas em análise, no campo específico da comparação entre o português e o alemão há ainda muito pouco trabalho feito. De facto, as propostas existentes para descrever cada um dos sistemas verbais são elaboradas numa perspectiva monolíngue, não garantindo que os conceitos e valores utilizados sejam apropriados para enquadrar os dados de ambas as línguas.

Neste quadro, pareceu-me necessário realizar o presente trabalho recorrendo a uma base empírica adequada para estudar as equivalências de significado entre as duas línguas, concretamente um corpus de tradução. Optei por trabalhar com textos originais alemães e as respectivas traduções portuguesas, tendo recolhido e tratado diversos textos narrativos curtos e também excertos de obras mais longas, com diferentes autores e tradutores. O corpus assim constituído totaliza, entre texto original e traduzido, 100534 palavras (incluindo formas flexionadas). Nele foram anotadas as formas verbais em estudo, tendo sido identificados 7193 pares de texto original e tradução que contêm pelo menos uma dessas formas. Em 5651 desses casos, tanto a forma alemã como a portuguesa pertencem ao grupo de tempos verbais em análise, e foi nesse conjunto de dados que se baseou a análise das correspondências entre as formas verbais do texto original e as da versão portuguesa (cf. o quadro (19)).

Numa análise preliminar das correspondências de tradução em causa, realizada no capítulo 2, verifiquei que eram relevantes para a selecção da forma verbal da tradução, não só, como seria de prever, o próprio tempo verbal do texto original, mas também factores como a 'aktionsart' dessa versão original, as expressões adverbiais de tempo e as relações que associam as diversas situações referidas numa sequência discursiva (e que são de

vários tipos, entre eles o causal). Foi, pois, sobre estes subsistemas semânticos que incidiu a descrição dos conceitos e elementos relevantes para o trabalho levada a cabo ao longo do capítulo 3, com base em bibliografia específica para cada uma das línguas.

### **Conceitos e subsistemas relevantes (Capítulo 3)**

O primeiro subsistema semântico abordado, na secção 3.1, foi o da 'aktionsart', tendo sido apresentadas algumas propriedades que permitem distinguir diferentes tipos de situações no que diz respeito à sua estrutura considerada no plano da relação com o tempo, nomeadamente as propriedades da telicidade, da pontualidade, da homogeneidade e do dinamismo. Foram igualmente indicados, para cada uma das línguas, testes distribucionais de compatibilidade com determinados contextos ou operadores, com base nos quais é possível discriminar diferentes classes de predicados, de acordo com propriedades das situações por eles denotadas (cf. o quadro (98)). A tipologia de classes de 'aktionsart' adoptada coincide basicamente com a proposta de Vendler (1967), que distingue estados, actividades, 'accomplishments', e 'achievements', sendo que, no presente trabalho, as duas últimas classes são frequentemente agrupadas sob a designação de eventos. Mas para além dessas quatro classes de situações, considere igualmente relevante para o presente trabalho uma outra distinção dentro da classe dos estados, entre estados de estádio e estados de indivíduo, proposta por Carlson (1980, 1979).

Em seguida, e ainda no âmbito da 'aktionsart', foram considerados outros elementos que podem influenciar a classificação aspectual dos predicados, para além do significado do verbo propriamente dito. Neste domínio, é de salientar, relativamente a ambas as línguas, o papel desempenhado pelos argumentos do verbo, em particular o complemento directo, mas também o sujeito e o complemento direccionado de alguns verbos. Outros elementos que determinam directamente a classe aspectual do predicado e que são descritos com algum pormenor na secção 3.1 do presente trabalho são os verbos chamados "aspectuais", com destaque para os do português, já que no alemão esses verbos existem em menor número e parecem ser menos diversificados e menos específicos na sua interacção com as diferentes classes de 'aktionsart'. Pelo contrário, no português o uso dos verbos de operação aspectual está intimamente relacionado com a 'aktionsart' do predicado em causa. De uma forma sumária, refira-se, por exemplo, que os verbos *acabar de*, *parar de* e *deixar de*, transformam as situações a que se aplicam nos eventos correspondentes ao término dessas situações, eventualmente com um estado associado, mas especializam-se no que respeita às classes de 'aktionsart' com que se combinam: *acabar de* é compatível com



'accomplishments', *parar de* com actividades, e *deixar de* associa-se tendencialmente a estados de indivíduo.

O segundo tópico abordado no capítulo 3 foi o tempo verbal. Parti de descrições dos tempos verbais das duas línguas que mostram o modo como estes localizam as situações em relação a determinados pontos de referência ou de orientação: Peres (1993, 1995) para o português e Ehrich (1992) e Thieroff (1992) para o alemão. Sobretudo para o português, revelou-se igualmente importante examinar a interpretação dos diversos tempos verbais quando associados a predicados de diferentes classes de 'aktionsart'.

Descreverei agora sucintamente o significado de cada uma das formas verbais em análise, começando pelo português. Relativamente ao Presente, é consensual que ele localiza as situações por sobreposição (a um 'ponto de perspectiva temporal' correspondente) ao intervalo da enunciação. No entanto, a associação desta forma verbal a predicados de diferentes classes de 'aktionsart' produz efeitos de interpretação diversos. Enquanto os estados são simplesmente localizados por sobreposição ao intervalo da enunciação, eventos e actividades ou são interpretados como situações habituais, e localizados da mesma forma que os estados, ou recebem uma localização temporal de posterioridade em relação à enunciação. Só alguns contextos específicos, como o do presente histórico e o do relato em directo, constituem excepções a este padrão de interacção entre o Presente e as diversas classes de 'aktionsart'.

O Pretérito Imperfeito apresenta grandes semelhanças com o Presente, quer no que respeita ao modo como localiza as situações – por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal', no Imperfeito anterior à enunciação –, quer no tocante aos seus efeitos sobre diferentes classes de 'aktionsart'. Também neste caso são os estados as situações que sofrem menos alterações, sendo simplesmente interpretados como sobrepostos a um 'ponto de perspectiva temporal' passado disponível no contexto. Eventos e actividades podem receber uma leitura habitual ou ser interpretados como situações em curso, sendo que, neste caso, apenas a parte intermédia dos eventos é localizada, excluindo-se o limite intrínseco que caracteriza tais tipos de situação. O Pretérito Imperfeito pode, assim, ser definido como localizador de situações não-delimitadas, tal como sucede, aliás, com o Presente, mas, ao contrário deste, possui ainda uma outra variante que pode localizar as situações por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' passado conservando os seus limites.<sup>340</sup>

---

<sup>340</sup> Cf. os exemplos (270) a (273), acima.

O Pretérito Perfeito caracteriza-se por localizar as situações num intervalo anterior a um 'ponto de perspectiva temporal' coincidente com a enunciação, e, ao contrário do Pretérito Imperfeito, localiza apenas situações delimitadas, ou por limites intrínsecos, no caso de serem eventos, ou por fronteiras extrínsecas, no caso de situações atélicas. É esta delimitação das situações que assegura a sua localização num intervalo totalmente anterior ao 'ponto de perspectiva temporal'.

Quanto ao Pretérito Mais-que-perfeito, a forma simples pode ser caracterizada de modo idêntico ao que foi proposto para o Pretérito Perfeito, sendo a única diferença o facto de o 'ponto de perspectiva temporal' ser anterior à enunciação, em lugar de coincidir com ela. A forma composta tem uma caracterização mais complexa: quando associada a um predicado télico, localiza, por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' passado, o estado resultante do evento respectivo, enquanto no caso de um predicado atélico a forma verbal localiza desse mesmo modo um estado que se inicia com o final da situação referida pelo verbo.

O Pretérito Perfeito Composto localiza, por sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' correspondente à enunciação, estados que resultam de uma situação anterior à enunciação. Quando esta forma verbal é associada a um predicado estativo, a situação localizada por sobreposição é esse mesmo estado, e a situação anterior à enunciação é o início desse estado. No caso de o predicado não ser estativo, o tipo de situação referido é alterado pela forma verbal, que localiza por sobreposição ao 'ponto de perspectiva temporal' o estado habitual derivado da situação em causa.<sup>341</sup>

Refira-se que esta caracterização das formas verbais portuguesas com base no modo como localizam as situações relativamente a um 'ponto de perspectiva temporal' tem origem em Peres (1993, 1995), tal como a distinção entre diferentes leituras que resultam da combinação dessas formas com diversas classes de 'aktionsart'. No entanto, a articulação dessa descrição com a ideia de que o Pretérito Perfeito e o Pretérito Mais-que-perfeito localizam situações delimitadas enquanto o Presente e o Pretérito Imperfeito<sup>342</sup> localizam tipicamente situações não-delimitadas, tanto quanto é do meu conhecimento, não tinha ainda sido feita na bibliografia sobre estas questões. Note-se ainda que a noção de delimitação que aqui emprego provém do conceito de "boundedness" utilizado, entre outros, por Declerck (1991) e Depraetere (1995), permitindo fazer uma articulação entre o

---

<sup>341</sup> Salvo em casos excepcionais, remanescentes de um estado anterior da língua.

<sup>342</sup> Como referi acima, o Pretérito Imperfeito tem um uso em que localiza situações não delimitadas, e um outro, aparentemente menos frequente, em que localiza as situações com os seus limites.

significado das formas verbais e a 'aktionsart' dos predicados a que se aplicam, em especial a sua natureza télica ou atélica, sem fundir os dois fenómenos,<sup>343</sup> ao contrário do que sucede nas propostas de de Swart (1998) e de Borillo *et al.* (2003) para o francês.

De acordo com propostas como as de Ehrich (1992) e Thieroff (1992), que descrevem o modo como as formas verbais alemãs localizam as situações relativamente a determinados pontos de referência, há grandes semelhanças entre elas e as formas portuguesas em análise no presente trabalho, nomeadamente entre Presente e Präsens, entre Pretérito Imperfeito e Präteritum, entre Pretérito Perfeito e Perfekt e entre Pretérito Mais-que-perfeito e Plusquamperfekt. No entanto, uma análise mais aprofundada de cada uma das formas verbais alemãs em causa revela que, em grande parte dos casos, a semelhança é apenas aparente. Tal semelhança deve-se em grande parte ao facto de, em análises respeitantes a diferentes línguas, se empregarem os mesmos conceitos para descrever realidades diversas, o que evidencia a necessidade de se efectuarem estudos comparativos, e motivou, em parte, a realização do presente trabalho.

Passo agora a referir sumariamente a descrição das formas verbais alemãs em análise feita na secção 3.2.2, e a comparar os dados mais relevantes com o que acima foi dito acerca das formas verbais portuguesas.

Tal como o Presente, o Präsens localiza situações por sobreposição a um ponto de referência coincidente com a enunciação, mas tem diferentes efeitos sobre predicados de diferentes classes de 'aktionsart'. Enquanto os estados são simplesmente localizados do modo que referi, os eventos só em contextos muito específicos, como os do presente histórico ou do relato em directo, são localizados por sobreposição à enunciação. Noutros contextos, os eventos, ou são localizados no futuro relativamente à enunciação, ou são interpretados como situações habituais e localizados no presente, como os estados. Só no caso da localização de actividades há uma diferença clara entre o Presente e o Präsens: em português, os predicados de actividade comportam-se como os de evento, enquanto em alemão seguem o mesmo padrão dos estados.

O Präteritum é, em geral, caracterizado como localizando as situações relativamente a um intervalo anterior ao da enunciação, o que o aproxima do perfil traçado para o Pretérito Imperfeito. No entanto, para os objectivos do presente trabalho, assume especial relevância a questão dos efeitos que o Präteritum tem sobre as situações referidas por predicados de diferentes classes de 'aktionsart'. Das observações relativamente escassas

---

<sup>343</sup> Cf., na secção 3.2.1.4, algumas observações acerca das vantagens desta distinção.

que encontrei na bibliografia acerca desse ponto, conclui-se que esta forma verbal não altera as características das situações referidas pelos verbos, ao contrário do que sucede com o Pretérito Imperfeito. O que varia de acordo com a 'aktionsart' do predicado no caso do Präteritum é antes a localização das situações referidas em sequências discursivas umas em relação às outras.

O Perfekt localiza as situações num intervalo anterior à enunciação, ou num intervalo que se inicia antes da enunciação e se pode prolongar até ela, tendo ainda a possibilidade de localizar determinado tipo de situações – normalmente estados resultantes de eventos – por sobreposição a um ponto de referência posterior à enunciação. Esta ligação do Perfekt à enunciação é geralmente apontada como a sua característica distintiva relativamente ao Präteritum, já que as duas formas são equivalentes em certos contextos, e há variadíssimas posições teóricas quanto à natureza dessa ligação, desde a ideia de que ela marca uma variante distinta do significado do Perfekt, até à tese de que se trata de uma questão textual. Mas estes aspectos não parecem ser muito pertinentes para uma comparação com as formas verbais portuguesas, ao contrário do que acontece com a interacção do Perfekt com a 'aktionsart', que quase não é abordada na abundante bibliografia sobre esta forma verbal. A este respeito, os dados indicam que o Perfekt se comporta de forma bastante neutra, não fazendo variar as propriedades das situações referidas pelos diversos tipos de predicado, à semelhança do Präteritum e ao contrário das formas verbais portuguesas.

O Plusquamperfekt apresenta características bastante semelhantes às do Perfekt, distinguindo-se deste essencialmente por o ponto de referência relativamente ao qual localiza as situações não ser a situação de enunciação, mas sim um intervalo anterior a ela. Também no caso do Plusquamperfekt há autores que defendem a existência de variantes de significado distintas, o que vai, em parte, ao encontro de posições defendidas na bibliografia acerca da forma portuguesa mais próxima, o Pretérito Mais-que-perfeito. Relativamente à interacção com a 'aktionsart', o Plusquamperfekt não difere das restantes formas verbais alemãs em análise, comportando-se de forma neutra em relação às propriedades das situações denotadas.

As descrições do significado das formas verbais em análise, que acabei de sintetizar, dizem respeito a ocorrências dessas formas em sequências mínimas que justifiquem a sua selecção, bastando que esteja acessível um tempo de referência relativamente ao qual a situação relevante é localizada. Quando as mesmas formas verbais estão integradas em contextos discursivos mais amplos, torna-se igualmente necessário

localizar as diversas situações envolvidas umas em relação às outras, e essa localização convoca, para além do significado dos tempos verbais tal como aqui foi descrito, outros factores. Neste âmbito, têm sido consideradas relevantes as relações discursivas ou retóricas que se estabelecem entre as proposições que compõem as sequências discursivas, com base quer em informação linguística, quer no conhecimento extra-linguístico partilhado pelos falantes. São essas relações discursivas que estão no centro da secção 3.3, onde comecei por descrever diversas abordagens à interpretação discursiva do Präteritum, uma forma verbal que, sendo a mais frequente no corpus paralelo, apresenta um grau de indeterminação muito elevado neste aspecto da interpretação discursiva.

Foram em seguida apresentadas de forma sintética as relações discursivas que considerei temporalmente mais relevantes no quadro da teoria da representação do discurso denominada "Segmented Discourse Representation Theory" (SDRT). Tais relações discursivas – Narração, Elaboração, Enquadramento, Resultado e Explicação – foram então examinadas no que diz respeito à sua compatibilidade com formas verbais portuguesas e alemãs em análise, nomeadamente o Pretérito Perfeito, o Pretérito Imperfeito, o Pretérito Mais-que-perfeito e o Präteritum. A restrição ao Präteritum no que respeita ao alemão deve-se ao facto de só para esta forma verbal existirem na bibliografia disponível propostas de tratamento neste âmbito, sendo esta a forma verbal mais frequente no corpus. O Präteritum mostrou-se compatível com todas as relações discursivas em causa, exceptuando a de Explicação, tendo-se revelado que a relação discursiva concreta válida em cada caso depende, pelo menos em parte, da 'aktionsart' dos predicados envolvidos em cada sequência. Quanto aos tempos verbais portugueses, apresentam diferentes padrões de compatibilidade com as relações discursivas referidas. Em sequências constituídas por formas de Pretérito Perfeito ou de Pretérito Mais-que-perfeito podem surgir as relações discursivas de Narração, Elaboração, Resultado e Explicação, enquanto em sequências constituídas por uma forma de Pretérito Imperfeito e uma de Pretérito Perfeito ou de Pretérito Mais-que-perfeito podem estar presentes as relações discursivas de Enquadramento, Explicação e Resultado.

Comparando os dados respeitantes às duas línguas, é de notar que, se em português os tempos verbais contribuem para determinar quais as relações discursivas que podem ligar as proposições de uma determinada sequência textual, em alemão, no que diz respeito ao Präteritum, esse contributo é mínimo, resumindo-se à exclusão da relação discursiva de Explicação. Por outro lado, precisamente em sequências com formas de Präteritum, verificou-se que a 'aktionsart' dos predicados envolvidos tem um papel relevante na

determinação das relações discursivas possíveis. Estes factos levaram-me a colocar a hipótese de esta diferença entre as duas línguas se dever ao facto de as formas verbais portuguesas em análise influenciarem as situações que localizam no que diz respeito às suas fronteiras, enquanto o Präteritum não interfere nos limites intrínsecos das situações, que são predominantemente determinados pela 'aktionsart' respectiva. As relações discursivas seriam, assim, parcialmente condicionadas pelo facto de as situações localizadas terem ou não limites, propriedade que, em alemão, depende da 'aktionsart', e, em português, depende do tempo verbal, a não ser que estejam envolvidos factores adicionais, como as expressões adverbiais de tempo.

É precisamente à área do tempo adverbial e à sua inter-relação com o tempo verbal que é dedicada a secção final do capítulo 3. Trata-se de um domínio bastante vasto, já que engloba diversas subclasses de expressões adverbiais (de duração, de localização temporal e de frequência, em sentido lato), que interagem entre si e com todos os restantes elementos implicados na expressão de valores associados ao tempo, tendo esses elementos e essa interacção características específicas em cada uma das línguas em causa. Era, pois, impossível explorar exhaustivamente este domínio no âmbito do presente trabalho, pelo que optei por analisar, apenas a título ilustrativo, um subtipo de construções de localização temporal: as construções de subordinação com a conjunção *als* e as suas correspondentes mais aproximadas em português, as construções com *quando*.

#### **Análise do corpus (Capítulo 4)**

O capítulo 4 tem por objectivo aprofundar a análise dos dados do corpus com base na informação apresentada no capítulo anterior, explorando, para isso, a influência que cada um dos factores abordados no capítulo 3 – tempo verbal, 'aktionsart', relações discursivas e, de forma muito limitada, expressões adverbiais de tempo – exerce sobre a selecção dos tempos verbais da tradução.

Começando pelo papel que o tempo verbal desempenha, e examinando as correspondências entre as formas verbais do texto original e as formas verbais da versão portuguesa (cf. o quadro (568), acima), verifica-se que as formas alemãs em análise influenciam de diferentes maneiras a selecção do tempo verbal da tradução. A que o faz mais directamente parece ser o Präsens, que é traduzido quase exclusivamente por formas de Presente, o tempo verbal português cujas características se assemelham às desta forma alemã. Por sua vez, as ocorrências de Präteritum são maioritariamente traduzidas por formas de Pretérito Imperfeito e as de Perfekt por Pretérito Perfeito. No entanto, nestes

casos, o predomínio destas formas portuguesas não parece ser condicionado pela forma verbal do texto original, já que não se verificou, na descrição dos tempos verbais em análise, que houvesse uma correspondência semântica entre Präteritum e Pretérito Imperfeito, por um lado, e Perfekt e Pretérito Perfeito, por outro. Além disso, a segunda forma portuguesa mais frequente na tradução de Präteritum é o Pretérito Perfeito, e na tradução de Perfekt o Pretérito Imperfeito. Präteritum e Perfekt são, pois, preferencialmente traduzidos pelas formas verbais portuguesas que localizam as situações num tempo anterior à enunciação, mas não parecem determinar qual dessas formas é seleccionada em cada caso. No que diz respeito às ocorrências de Plusquamperfekt, a forma dominante na versão portuguesa é a de Pretérito Mais-que-perfeito, como seria de esperar, visto serem estas as duas formas verbais em análise que localizam situações em intervalos anteriores a um tempo de referência anterior à enunciação. Contudo, é de notar que há uma percentagem significativa (15,63%, cf. o quadro (568)) de traduções de Plusquamperfekt por Pretérito Imperfeito, que não era previsível a partir das características dos tempos verbais em causa.

Para além do tempo verbal do texto original, e em articulação com ele, foram analisados outros factores condicionantes da selecção do tempo verbal da tradução, o primeiro dos quais é a 'aktionsart'. Nesse sentido, foram identificados os verbos de evento, estado e actividade mais frequentes no corpus, e comparou-se a distribuição das formas verbais portuguesas nos três grupos de verbos. Os resultados dessa comparação indicam que a 'aktionsart' do texto original influencia a tradução das formas de Präteritum e de Perfekt. Verbos de evento nestes dois tempos verbais e em leitura episódica são tendencialmente traduzidos por Pretérito Perfeito, enquanto aos verbos de estado correspondem predominantemente formas de Pretérito Imperfeito. Estas tendências estão de acordo com as características atribuídas às formas verbais em causa no capítulo 3, visto que o Pretérito Imperfeito localiza situações não-delimitadas,<sup>344</sup> sendo portanto adequado à localização de situações atélicas como os estados, e, por outro lado, não localiza os eventuais limites de situações télicas. Isso levanta problemas à tradução de verbos de evento no Präteritum e no Perfekt, pois estas formas, como já foi referido, não interferem nos limites das situações. O Pretérito Perfeito, localizador de situações delimitadas, surge, assim, como forma mais adequada para traduzir verbos de evento no Präteritum e no

---

<sup>344</sup> Como foi referido acima, considero que o Pretérito Imperfeito tem duas variantes de significado, uma das quais localiza situações não-delimitadas, enquanto a outra preserva os eventuais limites das situações, mas apenas a primeira está presente no corpus em que se baseia o presente trabalho.

Perfekt. Quanto aos verbos de actividade, embora denotem situações atélicas, não se comportam como os de estado, não podendo concluir-se dos dados observados que haja uma tendência clara para a tradução por uma determinada forma verbal portuguesa.

Os padrões de tradução de Präteritum e Perfekt que acabei de referir são ilustrados em pormenor com exemplos do corpus paralelo. No caso do Präteritum, a forma mais frequente no corpus, os exemplos seleccionados dizem respeito a alguns verbos cuja tradução para português não é trivial, nomeadamente *gehen*, *sein*, e os verbos de posição *stehen*, *sitzen* e *liegen*. De acordo com os dados analisados, o verbo *gehen* pode denotar um evento ou uma actividade, conforme o seu complemento direccional indique ou não o destino do movimento em causa. Essa diferença manifesta-se claramente na tradução deste verbo, não só no que toca ao lexema utilizado – *ir*, entre outros, na acepção eventiva, e *andar* ou *caminhar* no sentido de actividade –, mas também no que diz respeito à forma verbal escolhida: de acordo com a tendência referida para a tradução de verbos de evento, o Pretérito Perfeito é preferido para a acepção eventiva, desde que em leitura episódica, enquanto as ocorrências em que o verbo denota uma actividade são, regra geral, traduzidas por formas de Pretérito Imperfeito. Quanto ao verbo estativo *sein* e aos verbos de posição *stehen*, *sitzen* e *liegen*, a tendência de tradução inverte-se: estes verbos são, na maior parte dos casos, traduzidos por formas de Pretérito Imperfeito. As excepções a esta preferência pelo Pretérito Imperfeito são as ocorrências em que as situações referidas são interpretadas como delimitadas, e ainda aquelas em que estes verbos estativos alemães recebem uma interpretação incoativa, denotando então não o estado em si, mas o evento correspondente ao início desse estado. Nesses casos, a forma verbal empregue na versão portuguesa é o Pretérito Perfeito, e a natureza excepcional dos contextos em que há interpretação incoativa reflecte-se igualmente no verbo usado, que não é o verbo de estado correspondente ao do texto alemão, mas antes um verbo de evento que denota o início do estado em causa (cf. o exemplo (941), abaixo).

No que diz respeito ao Plusquamperfekt, foi já referido que o predomínio de formas de Pretérito Mais-que-perfeito na sua tradução pode explicar-se com base nas semelhanças entre os dois tempos verbais, visto que ambos localizam as situações num intervalo anterior a um tempo de referência anterior à enunciação. O que o factor tempo verbal só por si não consegue explicar é uma tendência minoritária, mas significativa (15,63%, cf. o quadro (568)), de tradução de Plusquamperfekt por formas de Pretérito Imperfeito, que foi também mencionada acima. Examinando dados respeitantes à 'aktionsart', nomeadamente os padrões de tradução dos verbos de estado, de evento e de actividade mais frequentes no



corpus, verifica-se que é nos verbos de estado que esta correspondência de tradução tem maior peso, atingindo os 29,63% (cf. o quadro (574) da secção 4.2.1.2), quase o dobro dos 15,63% correspondentes à média global do corpus. A observação de exemplos das ocorrências de Plusquamperfekt em causa (cf. (940), abaixo) revela que muitas vezes esta opção de tradução é condicionada pela necessidade de localizar a situação num intervalo anterior a passado sem lhe impor limites, algo que a forma de Plusquamperfekt do texto original realiza sem problemas, mas que é impossível ao Pretérito Mais-que-perfeito que lhe equivaleria teoricamente no sistema português.

- (940) Rai **war** in den letzten Wochen vor seinem Tod fast stumpfsinnig **gewesen** (...) Müde **war** Rai **gewesen** wie die meisten Infanteristen, von denen er sich nur wenig unterschied. (hoh+740)  
 Nas últimas semanas antes de morrer, Rai **parecia** andar com os sentidos embotados (...) Rai **estava** cansado, como a maior parte dos soldados de infantaria, dos quais se distinguiu muito pouco.

O Pretérito Imperfeito é, nestes casos, uma solução de recurso que permite localizar a situação sem a delimitar, mas não transmite só por si o valor de anterioridade a passado, que tem de ser assegurado pelo contexto. Note-se ainda que, nestes casos, com o apoio de informação contextual, a forma de Pretérito Imperfeito adquire um valor de sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado – em lugar do seu 'ponto de perspectiva temporal' usual, anterior a presente – valor esse que não me parece ter sido ainda referido na bibliografia sobre estas questões.

Para além da influência da 'aktionsart' do texto original sobre a selecção do tempo verbal da tradução, que acabámos de recordar nos seus aspectos essenciais, a análise do corpus paralelo revelou igualmente que a tradução portuguesa pode apresentar variações de 'aktionsart' relativamente ao texto original, com o objectivo de se obter a combinação de tempo verbal e 'aktionsart' que o tradutor considera corresponder mais de perto à interpretação desse texto. Essa variação é, em muitos casos, obrigatória, como sucede no exemplo (764), onde o verbo de estado recebe uma interpretação incoativa, mas pode também ser facultativa, o que acontece frequentemente com verbos de actividade como o de (774), abaixo.

- (941) Er trank den Kirsch aus und weckte die Wirtin, indem er ihr leise auf die Schulter klopfte, sie **war** sofort ganz wach, lächelte und sagte: (hoh 426)  
 § Acabou de beber a ginja e foi despertar a dona do bar tocando-lhe ao de leve no ombro. Ela **acordou** logo, sorriu e disse:  
 (942) Er **betrachtete** aus Verlegenheit das Buch, das sie auf dem Nachttisch liegen hatte (hoh594)

Embaraçado, ele **pôs-se a olhar** para o livro que ela tinha pousado na mesa-de-cabeceira

Estes dois exemplos ilustram também diferentes meios de efectuar essa alteração de 'aktionsart' relativamente ao texto original: em (764) o tradutor emprega um verbo de evento correspondente ao início do estado denotado pelo verbo alemão, e em (774) é usado um verbo de operação aspectual que transforma o predicado de actividade no evento correspondente ao início dessa actividade.

Em outros casos, como o do exemplo seguinte, há uma alteração concertada de tempo verbal e 'aktionsart' relativamente ao texto original que produz um texto com uma interpretação análoga, uma vez que substituí um verbo de estado por um verbo de evento correspondente ao início desse estado, mas a forma portuguesa escolhida denota, tal como a do texto alemão, um estado: o estado resultante do evento que o verbo refere.

- (943) während er es aussprach, begriff, was es bedeutete; daß Leen wirklich weg **war**. (hoh+1062)  
ao pronuncia-la é que compreendeu todo o seu significado: que Leen **tinha** realmente **desaparecido**

Exemplos deste tipo constituem uma parcela significativa das correspondências de tradução minoritárias registadas no corpus, nomeadamente de Präteritum por Pretérito Mais-que-perfeito, Präsens por Pretérito Perfeito, Plusquamperfekt por Pretérito Imperfeito e Perfekt por Presente, e ainda de um caso específico de Plusquamperfekt por Pretérito Mais-que-perfeito (cf. a secção 4.2.7).

Para além do tempo verbal e da 'aktionsart' do texto original, um terceiro factor condicionante da selecção do tempo verbal da tradução analisado no capítulo 4 foram as relações discursivas. A observação dos dados do corpus demonstrou que, em casos nos quais nem o tempo verbal nem a 'aktionsart' do texto original só por si permitiam compreender as opções de tradução, as relações discursivas justificam essas decisões. É o que sucede com os verbos de actividade no Präteritum, cujas traduções se distribuem de um modo relativamente uniforme por Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito, mas que, observados no seu contexto, revelam a influência das relações discursivas na escolha da forma verbal portuguesa: quando envolvidos em relações discursivas de Narração, Resultado ou Elaboração, os verbos de actividade no Präteritum são traduzidos por Pretérito Perfeito, enquanto em contextos de Enquadramento a forma portuguesa escolhida é o Pretérito Imperfeito. As relações discursivas permitem ainda explicar casos em que verbos de evento e de estado no Präteritum não são traduzidos pelo tempo verbal português

predominante para a respectiva classe de 'aktionsart', isto é, traduções de verbos de evento por Pretérito Imperfeito e de verbos de estado por Pretérito Perfeito: neste último caso, os estados em causa estão muitas vezes envolvidos em relações discursivas de Narração ou Resultado, e no primeiro os eventos estabelecem frequentemente uma relação discursiva de Enquadramento com outros eventos referidos no contexto. Refira-se ainda que a relação discursiva de Enquadramento pode igualmente determinar a tradução de Plusquamperfekt por Pretérito Imperfeito, uma vez que o Pretérito Mais-que-perfeito, ao contrário do Plusquamperfekt, localiza situações delimitadas, pelo que não é facilmente conciliável com a relação discursiva de Enquadramento. As diferenças que já tínhamos observado existem entre Pretérito Mais-que-perfeito e Plusquamperfekt estendem-se, pois, também ao domínio das relações discursivas.

Na bibliografia sobre as formas verbais alemãs em análise, em especial o Perfekt e o Präteritum, são mencionados como critérios de distribuição das duas formas verbais o tipo de texto e de situação discursiva em causa, pelo que considerei pertinente analisar também desse ponto de vista os dados do corpus paralelo, verificando se esse factor teria alguma influência nas correspondências de tradução encontradas. No que diz respeito ao texto original, os dados revelam, de facto, uma correlação da distribuição das diferentes formas verbais com o discurso das personagens, por um lado, e o discurso do narrador, por outro – havendo uma concentração das formas de Präsens e o Perfekt no primeiro e de Präteritum e Plusquamperfekt no segundo –, e até com os diferentes tipos de narração que caracterizam alguns dos textos do corpus. Contudo, no que respeita à versão portuguesa, só a distribuição do Presente e das pouquíssimas formas de Pretérito Perfeito Composto parece ser sensível ao factor situação comunicativa, surgindo os restantes tempos verbais de forma relativamente indiferenciada nos vários contextos em causa.

Um factor que condiciona seguramente a selecção dos tempos verbais usados na tradução de textos alemães são as expressões adverbiais de tempo. Como já foi referido, seria impossível tratar no âmbito deste trabalho toda a vasta área do tempo adverbial e da sua interacção com o tempo verbal, pelo que foi analisado, a título ilustrativo, apenas um subtipo de construções de localização temporal, o das orações subordinadas introduzidas por *als*, em paralelo com as construções mais aproximadas destas em português, as construções com *quando*. Uma das razões para esta opção foi o facto de as conjunções em causa não determinarem à partida a relação temporal entre as situações referidas, o que as distancia de outras estruturas de subordinação temporal e as aproxima de sequências discursivas constituídas por orações independentes, tal como as que foram analisadas a

propósito da questão das relações discursivas. À semelhança do que acontece com estas sequências discursivas, era, pois, de prever que fosse a interpretação temporal das construções com *als*, feita com base nos factores tempo verbal, 'aktionsart' e relações discursivas, a determinar a selecção do tempo verbal da tradução, isto é, das construções com *quando* correspondentes. A análise dos dados do corpus confirmou esta semelhança entre as construções com *als* e as outras sequências discursivas estudadas anteriormente, mostrando a relevância da articulação entre tempo verbal, 'aktionsart' e relações discursivas, para a determinação da forma verbal portuguesa correspondente. Contudo, revelaram-se, também algumas características próprias destas construções de subordinação, entre as quais uma menor frequência de formas de Pretérito Imperfeito do que a que é registada na média do corpus, que estará relacionada com o facto de a conjunção *als*, em contextos de passado, excluir a leitura de repetição para as situações denotadas, mas também com uma frequência relativamente elevada da interpretação incoativa de predicados estativos, que determina a tradução por formas de Pretérito Perfeito. Uma outra diferença identificada entre as construções com *als* e as restantes sequências discursivas analisadas foi a impossibilidade de traduzir por Pretérito Mais-que-perfeito formas de Plusquamperfekt em orações subordinadas com *als*, o que leva à procura de outros recursos de tradução.

### **Questões de tradução (Capítulo 5)**

O último capítulo do presente trabalho foca precisamente algumas questões surgidas ao longo desta investigação e que me parecem pertinentes para a área da tradução de alemão para português. Como se verificou em vários pontos do trabalho, os tempos verbais alemães em análise, ao contrário dos portugueses, são muito flexíveis quanto à combinação com predicados de diversas classes de 'aktionsart', não interferem com as fronteiras das situações que localizam e condicionam muito pouco a interpretação temporal das sequências discursivas em que surgem. Foi já observado que esta indeterminação leva a que o tradutor tenha de considerar vários factores para além do tempo verbal para interpretação das sequências discursivas e posterior selecção da forma verbal portuguesa mais adequada. Contudo, devido a essas características das formas alemãs, há contextos em que se torna extremamente difícil chegar a uma interpretação suficientemente específica do texto original para permitir uma escolha fundamentada da forma verbal portuguesa. Nesses casos, o tradutor tem de optar por uma de duas soluções: ou escolhe uma determinada forma portuguesa, apesar de saber que essa forma corresponde só a uma

parte do significado potencial da forma original, ou tenta preservar a indeterminação do texto original, procurando em português uma formulação tão ambígua como a alemã. Neste capítulo, são analisados casos de indeterminação quanto à leitura episódica ou de repetição das situações e também ambiguidades relativas à interpretação temporal do discurso, sendo ainda apresentadas possibilidades de preservação da ambiguidade na tradução, nomeadamente através do uso de formas não conjugadas: gerúndios, infinitivos e até substantivos deverbais.

Um outro tipo de problema que se coloca à tradução está relacionado com os diversos factores que, como verificámos, condicionam a interpretação das formas verbais alemãs. Em regra, eles constituem preciosos auxiliares para o tradutor, mas há situações em que diferentes factores sugerem o emprego de diferentes formas verbais portuguesas, criando conflitos difíceis de gerir e dificultando as opções de tradução. Muitos destes conflitos são desencadeados pela presença no texto original de expressões adverbiais de tempo que não puderam ser analisadas no âmbito do presente trabalho, sendo apenas brevemente exemplificados neste capítulo, mas vale a pena referir um outro conflito de tradução gerado apenas pelas diferenças entre formas verbais portuguesas e alemãs, nomeadamente o caso das formas de Plusquamperfekt que denotam situações não-delimitadas, como em (940), acima. O problema reside no facto de a localização por anterioridade a um 'ponto de perspectiva temporal' passado só poder ser expressa por uma forma portuguesa, o Pretérito Mais-que-perfeito, mas, por outro lado, a localização de situações não-delimitadas no passado estar reservada a uma outra forma verbal, o Pretérito Imperfeito. A solução passa muitas vezes pelo emprego da forma de Pretérito Imperfeito, sendo o significado de anterioridade veiculado pelo contexto, mas, em certos casos, mencionados neste capítulo, pode passar até pela elisão da forma verbal.

### **Em jeito de conclusão global**

Como foi referido no capítulo 1, o estudo comparativo que me propus realizar implica que se determinem as áreas da significação temporal em que estão envolvidos os valores expressos pelas diferentes formas verbais em análise. Precisamente nesse campo, uma das conclusões que se pode tirar do trabalho realizado é a de que há diferenças consideráveis, não só entre as duas línguas, mas também entre as formas verbais da mesma língua, designadamente do alemão. No que respeita ao português, verificou-se que as formas verbais em análise, para além de desempenharem o seu papel na localização das situações relativamente a determinados 'pontos de perspectiva temporal', interagem

também de forma intensa com o subsistema da 'aktionsart', sendo que duas delas – o Pretérito Perfeito e o Pretérito Mais-que-perfeito – localizam situações delimitadas, e outras duas – o Presente e o Pretérito Imperfeito<sup>345</sup> – localizam situações não-delimitadas. As duas últimas formas verbais, quando associadas a predicados não-estativos, expressam ainda valores que dizem respeito à repetição das situações. Quanto aos tempos verbais alemães, é em especial de salientar apenas o Präsens apresenta características semelhantes às que acabei de descrever para as formas portuguesas. Na verdade, Präteritum, Perfekt e Plusquamperfekt localizam as situações relativamente a determinados tempos de referência, mas não intervêm nas áreas da 'aktionsart', ou da repetição das situações. Por outro lado, verificou-se também que as formas verbais alemãs são sensíveis à relação com a situação de enunciação condicionada pelo tipo de situação comunicativa em causa, uma área que se mostrou pouco relevante para a distribuição das formas verbais do português.

Apesar das diferenças apontadas, na grande maioria dos casos é possível transmitir o significado temporal de uma língua para a outra, com um grau de precisão satisfatório, tirando partido de toda a rede de elementos envolvidos na expressão de valores temporais. A análise realizada mostra que, para além das formas verbais, a interpretação temporal do texto alemão toma ainda em conta os indispensáveis contributos da 'aktionsart' do predicado em causa e das relações discursivas, que permitem obter valores mais específicos e passíveis de encontrar correspondência nos significados das formas verbais portuguesas, elas próprias em estreita interdependência com a 'aktionsart' e com as relações discursivas possíveis em cada sequência textual. Praticamente por tratar ficou ainda outro factor que a observação dos dados do corpus revela ser importante para complementar a análise efectuada: o contributo das expressões adverbiais de tempo para a interpretação temporal do texto alemão e a interacção dessas expressões com as formas verbais portuguesas.

Não obstante as lacunas deste trabalho – as já referidas e outras que será possível apontar-lhe – penso ter dado um contributo válido para o conhecimento acerca das formas verbais em análise. No tocante às formas alemãs, houve diversos aspectos a que foi dada menor atenção, uma vez que me concentrei nas questões mais relevantes para a comparação com o português e para a análise dos dados do corpus. Esta perspectiva comparativa teve, por outro lado, o efeito de destacar aspectos que são frequentemente negligenciados em abordagens monolíngues destas formas verbais. Já no que diz respeito

---

<sup>345</sup> Considero aqui apenas a variante do Pretérito Imperfeito que ocorre no corpus.

às formas portuguesas, foram discutidas questões centrais para o seu significado e para a sua inter-relação com a 'aktionsart', nomeadamente a da delimitação das situações e da sua relação com a telicidade e com a localização relativamente a um 'ponto de perspectiva temporal'. Estas questões são essenciais para o uso das formas verbais em causa, mesmo para além da perspectiva comparativa do presente trabalho. Procurei também esboçar as ligações entre tempos verbais e relações discursivas, um aspecto pouco focado em trabalhos anteriores e que pode contribuir para a compreensão do comportamento dos tempos verbais no discurso. A análise dos dados do corpus revelou ainda valores que não tinham sido referidos anteriormente para algumas formas verbais, nomeadamente o de sobreposição a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado para o Pretérito Imperfeito,<sup>346</sup> e o de anterioridade a um 'ponto de perspectiva temporal' anterior a passado para o Pretérito Mais-que-perfeito.<sup>347</sup>

Para além das formas verbais em análise, julgo que o presente trabalho deu também algum contributo para o conhecimento dos verbos de operação aspectual do português. Por um lado, através da discussão da sua articulação com a 'aktionsart', no capítulo 3, e, por outro lado, através da análise dos dados do corpus, que fornece indicações sobre os contextos de utilização destes verbos no discurso.

Por último, e retomando a perspectiva comparativa, creio que da investigação realizada resultou informação que pode ser útil para a tradução alemão-português na área específica do tempo verbal, quer no que diz respeito às diversas possibilidades de tradução das formas verbais alemãs em análise, quer no que se refere às questões levantadas pela tradução de determinados verbos que foram abordados individualmente (a saber, *gehen*, *sein*, e verbos de posição), quer ainda no tocante aos problemas relacionados com a ambiguidade das formas verbais alemãs e com conflitos entre diferentes opções de tradução possíveis.

---

<sup>346</sup> Cf. os exemplos (694)-(696), acima.

<sup>347</sup> Cf. o exemplo (781), acima.





## Referências bibliográficas

- AGRELL (1908), *Aspektänderung und Aktionsartbildung beim polnischen Zeitworte*, Lund.
- ALVES, Ana (2002), *Sobre a localização temporal adverbial anafórica em português*, Diss. Dout., Universidade dos Açores.
- ANDERSSON, Sven-Gunnar (2004), "Gibt es Aspekt im Deutschen?", in: L. Gautier / D. Haberkorn (ed.): *Aspekt und Aktionsart im heutigen Deutsch*, Tübingen, Stauffenburg, 1-11.
- ASHER, Nicholas / Alex Lascarides (2005), *Logics of Conversation*, Cambridge University Press. [Paperback Re-issue, '2003]
- ASHER, Nicholas / Laure Vieu (2005), "Subordinating and coordinating discourse relations, *Lingua*, 115, 591-610.
- ASHER, Nicholas / Myriam Bras (1993), "The Temporal Structure of French Texts Within Segmented Discourse Representation Theory", in: M. Aurnague *et al.* (ed.): *Semantics of Time, Space, Movement and Spatio-Temporal Reasoning*, Univ. Toulouse Le Mirail, 203-217.
- ATHAYDE, M. Francisca (2000), *A Estrutura Semântica das Construções com Verbo-Suporte Preposicionadas do Português e do Alemão*, Diss. Dout., Universidade de Coimbra.
- BACH, Emmon (1981), "On Time, Tense, and Aspect: An Essay in English Metaphysics", in: Peter Cole (ed.): *Radical Pragmatics*, Academic Press, New York, 63-81.
- BALLWEG, Joachim (1988), *Die Semantik der deutschen Tempusformen*, Düsseldorf, Schwann.
- BALLWEG, Joachim (2004), "Telizität und Atelizität im Deutschen", in: L. Gautier / D. Haberkorn (ed.): *Aspekt und Aktionsart im heutigen Deutsch*, Tübingen, Stauffenburg, 71-86.
- BÄUERLE, Rainer (1979), *Temporale Deixis temporale Frage*, Tübingen, Narr.
- BÄUERLE, Rainer (1988), *Ereignisse und Repräsentationen. LILOG-REPORT 43*, IBM Deutschland, Stuttgart.
- BÄUERLE, Rainer (1995), "Fixing the Reference Situation: German Temporal Conjunctions", in: H. Kamp / B. Partee (ed.): *Context-Dependence in the Analysis of Linguistic Meaning, Vol. I*, 53-71.
- BAUMGÄRTNER, Klaus (2002), "'halten' und die Einheit des verbalen Aspekts", in: H. Kamp / U. Reyle (ed.): *How to say WHEN it happens. Contributions to the theory of temporal reference in natural language*, Tübingen, Niemeyer, 71-96.
- BECHARA, Evanildo (2004), *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Editora Lucerna. [37ª ed.]
- BENNETT, David / Barbara Partee (1978), *Toward a Logic of Tense and Aspect in English*, Bloomington: Indiana University Linguistics Club.
- BORILLO, A. / M. Bras / A. Le Draoulec / A. Molendijk / H. de Swart / H. Verkuyll / C. Vet / C. Vettters / L. Vieu. (2003), "Tense and Aspect", in: H. de Swart / F. Corblin (ed.): *Handbook of French Semantics*, Ms., Center for the Study of Language and Information.

- 
- BREUER, Christoph (1996), "Das deutsche Plusquamperfekt - absolut-relatives oder absolutes Tempus?", in: C. Breuer / R. Dorow: *Deutsche Tempora der Vorvergangenheit*, Trier, Wissenschaftlicher Verlag Trier, 1-62.
- BUSQUETS, J. / L. Vieu / N. Asher (2001), "La SDRT: Une approche de la coherence du discours dans la tradition de la sémantique dynamique", *Verbum*, 231, 73-101.
- CAENEPEEL, Mimo (1989), *Aspect, Temporal Ordering and Perspective in Narrative Fiction*, Ph.D. Diss., University of Edinburgh.
- CAENEPEEL, Mimo / Görel Sandström (1992), "A Discourse-Level Approach to the Past Perfect in Narrative", in: M. Aurnague *et al.* (ed.): *Semantics of Time, Space, Movement and Spatio-Temporal Reasoning*, Univ. Toulouse Le Mirail, 167-81.
- CAENEPEEL, Mimo / Mark Moens (1994), "Temporal Structure and Discourse Structure", in: C. Vet / C. Vettters (ed.): *Tense and Aspect in Discourse*, Berlin, de Gruyter, 5-20.
- CAMPOS, Maria Henriqueta (1997a), "Pretérito Perfeito Simples / Pretérito Perfeito Composto: uma Oposição Aspectual e Temporal", in: M. H. C. Campos: *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto Editora, 9-52.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa (1997b), "Ambiguidade lexical e representação metalinguística", in: M. H. C. Campos: *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto Editora, 93-113.
- CARECHO, Judite (1996), *Sobre a semântica das construções com 'quando'*, Diss. de Mestr., Universidade de Lisboa.
- CARLSON, Greg (1979), "Generics and Atemporal 'when'", *Linguistics and Philosophy*, 3, 49-98.
- CARLSON, Greg (1980), *Reference to Kinds in English*, New York, Garland.
- CARVALHO, J. G. Herculano de (1983), "'Ficar em casa/Ficar pálido' Grammatikalisierung und aspektuelle Werte", in: Carvalho, J. G. H., *Estudos linguísticos*, Coimbra, Coimbra Editora, 167-197.
- CHIERCHIA, Gennaro (1995), "A Note on the contrast between individual level vs. stage level predicates in German", in: P. Bertinetto *et al.* (ed.): *Temporal Reference, Aspect and Actionality. Vol. 1: Semantic and Syntactic Perspectives*, Torino, Rosenberg & Sellier, 111-123.
- COMRIE, Bernard (1976), *Aspect, An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems*, Cambridge University Press.
- COMRIE, Bernard (1985), *Tense*, Cambridge University Press.
- COSERIU, Eugenio (1976), *Das romanische Verbalsystem*, Tübingen, Narr.
- CUNHA, Celso / Lindley Cintra (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- CUNHA, Luís Filipe (1998a), *As construções com progressivo no português: uma abordagem semântica*, Diss. Mestr., Universidade do Porto.
- CUNHA, Luís Filipe (1998b), "Os operadores aspectuais do português: contribuição para uma nova abordagem", *Cadernos de Linguística*, 1, Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- CUNHA, Luís Filipe (2000), "Valores temporais das orações com 'quando'", *Cadernos de Linguística*, 8, Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- CUNHA, Luís Filipe (2004), *Semântica das predicções estativas. Para uma caracterização aspectual dos estados*, Diss. Dout., Universidade do Porto.

- DECLERCK, Renaat (1991), *Tense in English, its Structure and Use in Discourse*, London, Routledge.
- DEPRAETERE, Ilse (1995), "On the Necessity of Distinguishing between (Un)Boundness and (A)Telicity", *Linguistics and Philosophy*, 18.1, 1-19.
- DÖLLING, Johannes (2001), "Aspektuelle Anpassungen", in: J. Dölling / T. Zybatow (ed.): *Ereignisstrukturen*, Universität Leipzig (Linguistische Arbeitsberichte 76), 321-353.
- DOWTY, David (1979), *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht, Reidel.
- DOWTY, David R. (1986), "The Effects of Aspectual Class on the Temporal Structure of Discourse: Semantics or Pragmatics?", *Linguistics and Philosophy*, 9.1, 37-61.
- DUDEN (1998), *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*, Mannheim, Dudenverlag. [6., neu bearb. Aufl.]
- EBERLE, Kurt (1988), "Partial ordering and Aktionsarten in discourse representation theory", *Proceedings of the 12th International Conference on Computational Linguistics, 22-27 August 1988 Budapest, Hungary*, vol. I, Budapest, John von Neumann Society for Computing Sciences, 160-165.
- EHRICH, Veronika (1992), *Hier und jetzt. Studien zur lokalen und temporalen Deixis im Deutschen*, Tübingen, Niemeyer.
- EICHLER, Wolfgang / Karl-Dieter Bunting (1996), *Deutsche Grammatik*, Weinheim, Beltz Athenäum. [6. Aufl.]
- EISENBERG, Peter, (1999), *Grundriss der deutschen Grammatik, Band 2: Der Satz*, Stuttgart, Metzler.
- ENGEL, Ulrich (1988), *Deutsche Grammatik*, Heidelberg, Groos.
- EROMS, Hans-Werner (1983), "Relativer und absoluter Gebrauch des Plusquamperfekts", in: J. O. Askedal et al.: *Festschrift für Laurits Saltveit zum 70. Geburtstag*, Oslo, 58-71.
- FABRICIUS-HANSEN, Cathrine (1986), *Tempus fugit. Über die Interpretation temporaler Strukturen im Deutschen*, Düsseldorf, Schwann.
- FILIP, Hana (1989), "Aspectual properties of the an-construction in German", in: W. Abraham / T. Janssen (ed.): *Tempus - Aspekt - Modus*, Tübingen, Niemeyer, 259-292.
- FLÄMIG, Walter (1991), *Grammatik des Deutschen*, Berlin, Akademie Verlag.
- FONSECA, Fernanda Irene (1982), "O perfeito e o pretérito e a teoria dos níveis de enunciação", *Biblos*, vol. LVIII, 75-98.
- GALTON, Antony (1984), *The Logic of Aspect. An Axiomatic Approach*, Oxford, Clarendon Press.
- GAREY, H. (1957), "Verbal Aspect in French", *Language*, 33, 91-110.
- GÄRTNER, Eberhard (1998), *Grammatik der portugiesischen Sprache*, Frankfurt am Main, TFM.
- GELHAUS, Hermann (1966), "Zum Tempussystem der deutschen Hochsprache", *Wirkendes Wort*, 16, 217-320.
- GRICE, H. Paul (1975), "Logic and Conversation", in: Peter Cole / Jerry L. Morgan (ed.): *Syntax and Semantics. Volume 3: Speech Acts*, Academic Press, New York, 41-58.
- HÄBLER, Gerda (2001), "Übersetzungsvergleich als Zugang zur Untersuchung funktionaler Kategorien des Verbs in den romanischen Sprachen", in: Albrecht, J. / J.

- 
- Gauger (ed.): *Sprachvergleich und Übersetzungsvergleich*, Frankfurt am Main, Lang, 51-75.
- HAUSER-SUIDA, Ulrike / Gabriele Hoppe-Beugel (1972), *Die Vergangenheitstempora in der deutschen geschriebenen Sprache der Gegenwart*, München, Hueber / Düsseldorf, Schwann.
- HELBIG, Gerhard / Joachim Buscha (1991), *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*, Leipzig, Verlag Enzyklopädie / Berlin, München, Langenscheidt.
- HENNIG, Mathilde (2000), *Tempus und Temporalität in geschriebenen und gesprochenen Texten*, Tübingen, Niemeyer.
- HERWEG, Michael (1990), *Zeitaspekte: die Bedeutung von Tempus, Aspekt und temporalen Konjunktionen*, Wiesbaden, Deutscher Universitäts-Verlag.
- HINRICHS, Erhard (1986), "Temporal Anaphora in Discourses of English", *Linguistics and Philosophy*, 9.1, 63-82.
- KAMP, Hans (1991), "The Perfect and other Tenses in French and English", in: Hans Kamp (ed.): *Tense and Aspect in English and French*, DYANA Deliverable R2.3.B, 41-64.
- KAMP, Hans / Christian Rohrer (1983), "Tense in Texts", in: R. Bäuerle / C. Schwarze / A. v. Stechow (ed.): *Meaning, Use and Interpretation of Language*, Berlin, de Gruyter, 250-269.
- KAMP, Hans / Uwe Reyle (1993), *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht, Kluwer.
- KLEIN, Horst G. (1973), "Algumas observações sobre a categorização do sistema verbal português", *Boletim de Filologia*, Tomo XXII, fasc. 3 e 4, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 295-301.
- KLEIN, Wolfgang (1994), *Time in Language*, Routledge, London.
- KRIFKA, M. (1989a), *Nominalreferenz und Zeitkonstitution: Zur Semantik von Massentermen, Pluraltermen und Aspektklassen*, München, Fink.
- KRIFKA, M. (1989b), "Nominalreferenz, Zeitkonstitution, Aspekt, Aktionsart: eine semantische Erklärung ihrer Interaktion", in: W. Abraham / T. Janssen (ed.): *Tempus - Aspekt - Modus*, Tübingen, Niemeyer, 227-258.
- LASCARIDES, Alex / Nicholas Asher (1993a), "Temporal Interpretation, Discourse Relations and Commonsense Entailment", *Linguistics and Philosophy*, 16.5, 437-93.
- LASCARIDES, Alex / Nicholas Asher (1993b), "A Semantics and Pragmatics for the Pluperfect", *Discourse Relations, DRT and Defeasible Reasoning: A Formal Theory of Discourse Structure*, Fifth European Summer School in Logic, Language and Information, 250-259.
- LATZEL, Sigbert (1977), *Die deutschen tempora Perfekt und Präteritum*, Ismaning, Hueber.
- LÖBNER, Sebastian (1988), "Ansätze zu einer integralen semantischen Theorie von Tempus, Aspekt und Aktionsarten", in: V. Ehrlich / H. Vater (ed.): *Temporalsemantik. Beiträge zur Linguistik der Zeitreferenz*, Tübingen, Niemeyer, 163-191.
- LÖBNER, Sebastian (2002), "Is the German Perfekt a Perfect Perfect?", in: G. Katz / S. Reinhard / P. Reuter (ed.): *Sinn & Bedeutung IV. Proceedings of the Sixth Annual Meeting of the Gesellschaft für Semantik*, Univ. Osnabrück, 255-273.

- LOPES, Ana Cristina Macário (1993), "Sobre a Referência Nominal Genérica", *DISCURSOS. Estudos de Língua e Cultura Portuguesa*, 4, 115-34.
- LOPES, Ana Cristina Macário (1995), "Para uma Análise Semântica dos Tempos do Presente em Português", *Cadernos de Semântica*, 21, Universidade de Lisboa.
- LOPES, Ana Cristina Macário (1999), "Para uma análise semântica e pragmática do Pretérito Mais-que-Perfeito em português contemporâneo", in: Brito, Ana Maria (ed.): *Sentidos que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*, Porto, Campo das Letras, 657-670.
- LOUREIRO, Ana Paula (1997), *Os «tempos simples do indicativo» nos discursos directo e indirecto livre n'O Primo Bazílio' de Eça de Queirós*, Diss. Mestr., Universidade de Coimbra.
- MAIENBORN, Claudia (2003), *Die logische Form von Kopula-Sätzen*, Berlin, Akademie Verlag.
- MARSCHALL, Mathias (1995), *Textfunktionen der deutschen Tempora*, Genève, Editions Slatkine.
- MARTINS, Maria Teresa Hundertmark-Santos (1982): *Portugiesische Grammatik*, Tübingen, Niemeyer.
- MATEUS, M. H. / A. M. Brito / I. Duarte / I. Faria (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho. [3ª ed.]
- MATEUS, M. H. / A. M. Brito / I. Duarte / I. Faria / S. Frota / G. Matos / F. Oliveira / M. Vigário / A. Villalva (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho. [6ª ed.]
- MATOS, Sérgio (1996), "Aspectos da semântica e pragmática do imperfeito do indicativo", *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas*, 13, Porto, Faculdade de Letras, 435-473.
- MATOS, Sérgio (1999), *Adverbiais de tempo em português contemporâneo: forma e significação*, Diss. Dout., Universidade do Porto.
- MOENS, Mark (1987), *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Ph.D. Diss., Centre for Cognitive Science, University of Edinburgh.
- MÓIA, Telmo (1999), *Identifying and Computing temporal locating adverbials with a particular emphasis on Portuguese and English*, Diss. Dout., Universidade de Lisboa.
- MÓIA, Telmo (2001), "Aspectos sintáctico-semânticos das orações relativas com *como* e *quando*", *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 349-361.
- MÓIA, Telmo (2003a), "Subdomínios da significação associados ao tempo - uma panorâmica geral", in: Ivo Castro / Inês Duarte (ed.): *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 95-127.
- MÓIA, Telmo (2003b), "Sobre a delimitação temporal da quantificação", *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 581-593.
- MÓIA, Telmo (2006), "Portuguese Expressions of Duration and its English Counterparts", *Journal of Portuguese Linguistics*, 5.1, 37-73.
- MÓIA, Telmo / Evani Viotti (2005), "Sobre a semântica das orações gerundivas adverbiais", *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, (Lisboa, 13-15 de Outubro de 2004), Lisboa, APL, 715-729.

- 
- MOLENDIJK, Arie (1994), "Tense use and temporal orientation: The 'passé simple' and the 'imparfait' of French", in: C. Vet / C. Vetters (ed.): *Tense and Aspect in Discourse*, Berlin, de Gruyter, 21-47.
- MOURELATOS, Alexander P. D. (1981), "Events, Processes, and States", in: P. Tedeschi / A. Zaenen (ed.): *Syntax and Semantics*, 14, 191-212,
- MUGLER, Alfred (1988), *Tempus und Aspekt als Zeitbeziehung*, München, Fink.
- MUSAN, Renate (1999), "Die Lesarten des Perfekts", *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, 113, 7-51.
- OLIVEIRA, Fátima / Ana Lopes (1995), "Tense and Aspect in Portuguese", in: Rolf Thieroff (ed.): *Tense Systems in European Languages II*, Tübingen, Niemeyer, 95-115.
- OLIVEIRA, Fátima / L. F. Cunha (2003), "Termos de Espécie e Tipos de Predicados", in: *Língua Portuguesa: Estrutura, usos e contrastes. Volume Comemorativo dos 25 anos do CLUP*, Porto, CLUP, 57-78.
- PARTEE, Barbara H. (1984), "Nominal and Temporal Anaphora", *Linguistics and Philosophy*, 7.3, 243-86.
- PERES, João A. (1993), "Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese", *Cadernos de Semântica*, 14, Universidade de Lisboa.
- PERES, João A. (1995), "Reconsidering Perfectives in DRT or Being Fair to the Past Participle", *Cadernos de Semântica*, 19.
- PERES, João A. (2003), "Estrutura das situações e semântica temporal", in: I. Castro / I. Duarte (ed.): *Razões e Emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 199-216.
- RATHERT, Monika (2003), *Textures of Time. The Interplay of the Perfect, Durative Adverbs and Extended-Now-Adverbs in German and English*, Diss., Universität Tübingen.
- REICHENBACH, Hans (1966), *Elements of Symbolic Logic*, New York, Free Press. [1947]
- REYLE, U. / A. Roßdeutscher (2001), "Temporal Underspecification in Discourse", in: C. Rohrer / A. Roßdeutscher / H. Kamp (ed.): *Linguistic Form and its Computation*, CSLI Publications, 255-283.
- REYLE, U. / A. Roßdeutscher / H. Kamp (2000), "Ups and Downs in the Theory of Temporal Reference", in: Uwe Reyle (ed.): *Presuppositions and Underspecification in the Computation of Temporal and other Relations in Discourse*, Universität Stuttgart, Universität Tübingen, Arbeitspapiere des Sonderforschungsbereichs 340, Bericht Nr. 164, 1-28.
- SANDSTRÖM, Görel (1993), «When»-Clauses and the Temporal Interpretation of Narrative Discourse, University of Umeå, Report 34.
- SANTOS, Diana (1996), *Tense and Aspect in English and Portuguese: A contrastive semantical study*, Diss. Dout., Universidade Técnica de Lisboa.
- SANTOS, Diana (1998), "A relevância da vagueza para a tradução, ilustrada por exemplos de inglês para português", *TradTerm, Revista do centro interdepartamental de tradução e terminologia, FFLCH*, vol. 5.1, Universidade de São Paulo, 41-70.
- SCHEMANN, Hans (1982), *Die Definitionskriterien der Verbalperiphrasen. Die portugiesischen Verbalperiphrasen. Corpus und Analyse*, Tübingen, Niemeyer.

- SCHILDER, Frank (1997), *Temporal Relations in English and German Narrative Discourse*, Diss., University of Edinburgh.
- SCHUMACHER, Helmut (ed.) (1986), *Verben in Feldern. Valenzwörterbuch zur Syntax und Semantik des Deutschen*, Berlin, de Gruyter.
- SCHWALL, Ulrike (1991), *Aspektualität: eine semantisch-funktionelle Kategorie*, Tübingen, Narr.
- SMITH, Carlota S. (1991), *The Parameter of Aspect*, Kluwer.
- SOARES, Nuno Verdial (1995), "'Começar a Vinf' e 'Pôr-se a Vinf': Marcadores de que Fronteiras?", *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Colibri, 557-67.
- STECHOW, Arnim von (1999), "Eine erweiterte extended now-Theorie für Perfekt und Futur", *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, 113, 87-117.
- STEINITZ, Renate (1981), *Der Status der Kategorie 'Aktionsart' in der Grammatik (oder: Gibt es Aktionsarten im Deutschen?)*, Berlin, Akademie der Wissenschaften der DDR, Zentralinstitut für Sprachwissenschaft.
- STEN, Holger (1973), *L'emploi des temps en Portugais moderne*, Kobenhavn, Munksgaard.
- STEUBE, Anita (1988), "Zeitverlaufsstrukturen von Sätzen", in: V. Ehrlich / H. Vater (ed.): *Temporalsemantik. Beiträge zur Linguistik der Zeitreferenz*, Tübingen, Niemeyer, 192-219.
- SWART, Henriëtte de (1998), "Aspect Shift and Coercion", *Natural Language & Linguistic Theory*, 16, 347-385.
- THIEROFF, Rolf (1992), *Das finite Verb im Deutschen. Tempus-Modus-Distanz*, Tübingen, Narr.
- TSCHIRNER, Erwin (1991), *Aktionalitätsklassen im Neuhochdeutschen*, New York, Lang.
- VENDLER, Zeno (1967), *Linguistics and Philosophy*, Ithaca, New York, Cornell University Press.
- VENNEMANN, Theo (1987), "Tempora und Zeitrelationen im Standarddeutschen", *Sprachwissenschaft*, 12, 234-349.
- VERKUYL, Henk (1972), *On the Compositional Nature of Aspects*, Dordrecht, Reidel.
- VERKUYL, Henk. (1993), *A Theory of Aspectuality: The Interaction between Temporal and Atemporal Structure*, Cambridge University Press.
- WEINRICH, Harald (1977), *Tempus. Besprochene und erzählte Welt*, Stuttgart, Kohlhammer.
- WEINRICH, Harald (1993), *Textgrammatik der deutschen Sprache*, Mannheim, Dudenverlag.
- WEISE, Karin (2000), *Kontrastive Textanalyse zu einigen ausgewählten Vergangenheitstempora des Portugiesischen und des Deutschen*, Frankfurt am Main, Lang.
- WUNDERLICH, Dieter (1970), *Tempus und Zeitreferenz im Deutschen*, München, Hueber.
- ZIFONUN, Gisela / Ludger Hoffmann / Bruno Strecker (1997), *Grammatik der deutschen Sprache*, Berlin / New York, de Gruyter.

---

## Textos do corpus paralelo:

AICHINGER, Ilse (1978): "Der Gefesselte", in *Meine Sprache und ich*, Frankfurt am Main, Fischer, 7-19.

AICHINGER, Ilse (1994): "O amarrado" in: Scheidl, Ludwig (ed.) (1984): *Novas histórias com tempo e lugar*, Porto, Afrontamento, 93-104. (Trad. de Maria António Hörster)

BACHMANN, Ingeborg (1962): "Unter Mördern und Irren", in *Das dreissigste Jahr*, München, Piper, 105-141.

BACHMANN, Ingeborg (1984): "No meio de assassinos e de loucos", in: Scheidl, Ludwig (ed.): *Novas histórias com tempo e lugar*, Porto, Afrontamento, 131-158. (Trad. de Idalina Aguiar de Melo)

BACHMANN, Ingeborg (1988): "Entre loucos e assassinos", in *Trinta anos*, Lisboa, Relógio d'Água, 87-116. (Trad. de Leonor Sá)

BÖLL, Heinrich (1961): *Haus ohne Hüter*, Frankfurt/M.-Berlin, Ullstein.

BÖLL, Heinrich (s.d.): *Casa indefesa*, Lisboa, Livros do Brasil. (Trad. de Jorge Rosa)  
[capítulos 5 a 7 no corpus anotado; capítulos 8 a 10 no corpus adicional alinhado]

BROCH, Hermann (1980): "Eine leichte Enttäuschung", *Kommentierte Werkausgabe*, Band 6, Frankfurt/M., Suhrkamp, 127-144.

BROCH, Hermann (1984): "Uma ligeira decepção", in: Scheidl, Ludwig (ed.): *Novas histórias com tempo e lugar*, Porto, Afrontamento, 19-32. (Trad. de António Sousa Ribeiro)

GRASS, Günther (1992): *Unkenrufe*, Göttingen, Steidl.

GRASS, Günther (1994): *Mau Agoiro*, Venda Nova, Bertrand. (Trad. de Maria Antonieta C. Mendonça)  
[capítulo 1 no corpus anotado; capítulo 2 no corpus adicional alinhado]

HESSE, Hermann (1987): "Der Steppenwolf", *Gesammelte Werke* (in zwölf Bänden), Band 7, Frankfurt am Main, Suhrkamp.

HESSE, Hermann (1994): *O lobo das estepes*, Porto, Afrontamento. (Trad. de Sara Seruya)  
["Vorwort des Herausgebers" no corpus adicional alinhado]

## Outras fontes de exemplos:

Ribeiro, Aquilino (1958): *Alemanha ensanguentada*, Lisboa, Bertrand.

Corpus Natura/Público, [www.linguateca.pt](http://www.linguateca.pt)



---

## Índice de Quadros

(10)	Composição do corpus paralelo anotado I.....	6
(15)	Composição do corpus paralelo anotado II.....	7
(16)	Composição do corpus adicional alinhado .....	8
(17)	Distribuição de tempos verbais no texto original .....	11
(18)	Distribuição de tempos verbais no texto traduzido.....	12
(19)	Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido .....	14
(20)	Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido com formas de Plusquamperfekt e Pretérito Mais-que-perfeito do corpus adicional.....	15
(83)	Distinção entre classes de 'aktionsart' com base nas propriedades da telicidade e pontualidade e na combinação com expressões de duração .....	41
(98)	Distinção entre classes de 'aktionsart' com base em propriedades das situações e em testes distribucionais .....	48
(237)	Caracterização de formas verbais portuguesas em Mateus <i>et al.</i> (2003: pp. 131s) ....	74
(238)	Parâmetros de caracterização dos tempos verbais em Peres (1995: p. 7).....	75
(239)	Caracterização dos tempos verbais portugueses em Peres (1995: pp. 19s).....	75
(250)	Caracterização dos tempos verbais portugueses em Coseriu (1976: pp. 94s) .....	79
(329)	Caracterização de tempos verbais alemães em Ehrich 1992: pp. 67s).....	99
(330)	Caracterização dos tempos verbais alemães em Thieroff (1992: pp. 274s).....	100
(427)	Interpretação temporal do discurso segundo Schilder (1997: p. 66) .....	140
(540)	Estruturação de um evento de acordo com Moens (1987).....	178
(568)	Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido .....	188
(569)	Verbos de evento mais frequentes no texto original.....	192
(570)	Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de evento mais frequentes (excepto <i>sagen</i> ) .....	193
(572)	Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de evento mais frequentes (excepto <i>sagen</i> ) excluindo leituras de repetição .....	195
(573)	Verbos de estado mais frequentes no texto original .....	197
(574)	Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de estado mais frequentes .....	198
(575)	Verbos de actividade mais frequentes no texto original .....	200
(576)	Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de actividade mais frequentes.....	201
(577)	Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de actividade mais frequentes excluindo leituras de repetição.....	202

---

(604)	Tempos verbais analisados empregues na tradução da forma de Präteritum dos verbos de posição mais frequentes.....	212
(617)	Traduções de verbos de posição no Präteritum em leitura de repetição .....	215
(625)	Tempos verbais analisados empregues na tradução <i>sein</i> no Präteritum .....	219
(679)	Correspondências de tradução para formas de Plusquamperfekt (de acordo com os quadros (570), (574) e (576) da secção 4.2.1).....	235
(680)	Correspondências de tradução para formas de Plusquamperfekt (leitura episódica de eventos e actividades, de acordo com os quadros (572), (574) e (577) da secção 4.2.1) .....	236
(752)	Correspondência de tempos verbais entre texto original e traduzido nos verbos de evento, estado e actividade mais frequentes (excepto <i>sagen</i> ), excluindo leituras de repetição nos verbos de evento e de actividade (baseada nos quadros (572), (574) e (577), acima).....	258
(836)	Distribuição de tempos verbais no texto original .....	293
(837)	Distribuição de tempos verbais no texto original segundo a situação discursiva .....	293
(838)	Distribuição de tempos verbais do discurso do narrador nos diversos textos originais que fazem parte do corpus .....	296
(841)	Distribuição de tempos verbais no texto traduzido segundo a situação discursiva ..	298
(842)	Distribuição de tempos verbais do discurso do narrador nos diversos textos traduzidos que fazem parte do corpus.....	299
(843)	Formas portuguesas empregues na tradução de Präteritum em construções com <i>als</i> .....	302
(844)	Correspondência de tempo verbal entre texto original e traduzido para formas de Präteritum em construções com <i>als</i> .....	303
(865)	Formas portuguesas empregues na tradução de Plusquamperfekt em construções com <i>als</i> .....	310